OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

PRECEDIDAS DE UM ENSAIO BIOGRAPHICO

NO QUAL SE RELATAM

ALGUNS FACTOS NÃO CONHECIDOS DA SUA VIDA

PELO

VISCONDE DE JUROMENHA

VOLUME II

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1861

OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

N.º 1.

dona Cª dataide

N.º 2.

Carta de Luis de Cam.

Amor que vio min dador
Ser maior que a paciencia
prometeu-me por favor

N.º 3.

Mote
Lume desta vida
vejame esse lume:
ja que se presume
sem o ser perdida.

Manoel de Faria e Sousa.

N.º 4.

Elegia de Luis de Camoes

O sulmones Ouidio desterrado
na aspereza de pontos imaginado
verse de seus parentes apartado
sua chara molher desamparando
seus doces filhos seu contentamento
De sua patria os olhos apartando

N.º 5.

Triunfo do Amor

No tempo que meus Sospiros acende
A doce memoria daquelle dia
De que meu longuo mal todo depende,

N.º 1 Facsimile da assignatura de D. Catharina de Athaide.
N.º 2 Ms. (pertencente ao editor).
N.º 3 Ms. (autographo) de Manoel de Faria e Souza.
N.º 4 Ms. de L. Franco.
N.º 5 Ms. Triumphos de Petrarca.

OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

PRECEDIDAS DE UM ENSAIO BIOGRAPHICO

NO QUAL SE RELATAM

ALGUNS FACTOS NÃO CONHECIDOS DA SUA VIDA

AUGMENTADAS

COM ALGUMAS COMPOSIÇÕES INEDITAS DO POETA

PELO

VISCONDE DE JUROMENHA

VOLUME II

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1864

ADVERTENCIA PRELIMINAR

Se as ondas do mar da Conchinchina tivessem tragado os cantos divinos do primeiro Epico portuguez, se a tuba do immortal Cantor se houvesse despedaçado a tanta distancia da patria contra aquelles rochedos, ainda assim lhe ficava a lyra para dedilhar as suas variadas cordas, tirando d'ella os mais maviosos, ternos, graciosos e elevados sons, inspirados pelo enthusiasmo e pela mais fina e delicada poesia. Embora o silencio de alguns contemporaneos forcejasse por sepulta-lo no esquecimento, este mesmo silencio da inveja, mais significativo do que o elogio de thuribularios que mutuamente se incensavam, rompia por entre o fumo dos seus estereis louvores, collocando-o acima de todos aquelles que no seu tempo cultivaram as musas patrias. Se os *Lusiadas* tivessem tido a mesma sorte que o seu *Parnaso*, teriamos ainda n'esse respigo que nos ficou de mais sazonada colheita, n'essas poesias, aindaque posthumas e incorrectas, sufficiente cabedal para apresentar e reivindicar para a nossa patria um eminente poeta, tão grande como aquelles que o foram melhores, e a litteratura portugueza, digo a litteratura em geral, poder collocar sobre a fronte do Poeta aquella mesma corôa com que a Italia ou antes o consenso dos homens doutos de todos os paizes ornaram a do amante de Laura, o terno Petrarcha. Por

cérto nem a formosura da dama italiana inspirou cantos mais patheticos e apaixonados ao seu amante enthusiasta e platonico, nem a sua lyra gemeu accentos mais maviosos e tristes descrevendo-lhe o fallecimento no seu *Triumpho da morte,* do que a de D. Catharina de Athaide ao Cantor dos *Lusiadas*. Era sem duvida excessiva a modestia no Poeta portuguez quando desejava uma penna angelica para celebrar a sua Natercia, e reputava *menos alta a sua voz* do que a do cisne, que elle tanto prezava e procurava imitar, que havia cantado a Laura. Mas para que se não julgue que é opinião de um enthusiasta que sabe comtudo reprimir o seu enthusiasmo á vista da verdade, quando é necessario, porei aqui o juizo insuspeito de um estrangeiro, o sabio traductor das obras do mesmo Camões, D. Lamberto Gil. Eis-aqui como se expressa fazendo o parallelo dos dois grandes poetas:

«Petrarca habia sido entre los italianos el que mas habia contribuido, por sus trabajos literarios y por sus composiciones liricas, a dar al idioma italiano las gracias de la poesia antigua, e añadir-le otras propias de su tiempo. Podemos comparar pues las poesias de Camoens con las composiciones liricas del Petrarca que son las que constituen la fama de este autor; e haciendolo asi, estoy persuadido que las personas imparciales no creeran que las composiciones del Poeta portuguez sean inferiores a las del italiano.

«Parece-me incontestable, que las de nuestro poeta tienen un estro igual al de su predecessor, e ofrecen la misma armonía en la versificacion e elegancia en el lenguage; la misma vivesa de imagines y delicadesa de sentimientos; y ademas tienen sobre las del Petrarca la ventage de sér menos cargadas de conceptos e sutilezas, y de presentar mucho mayor valentia en los pensamientos. Ambos ofreceron el ejemplo de la pasion mas pura amando con extremada constancia e fineza damas a quien no podian unir-se: ambos experimentáron la infelicidad de sobreviverles. Ellos se hallaron por conseguiente en las mismas situaciones para cantar e llorar despues el objeto de sus amores. Entretanto el genero e circunstancias particulares de la vida de cada uno debieron influir de un modo bien diferente en sus composiciones; influjo el mas desvantajoso para las poesias de Camoens, e el mas favorable para las del Petrarca.

«Este vivió feliz, rico e buscado de los grandes, residiendo en las cortes ou en una buena casa de campo, en el pais mas bello e civilizado del mundo: y cultivó las letras sosegadamente en los intervalos de los negocios. Camoens por el contrario viveó pobre, perseguido, desterrado, y passó la mejor parte de la vida lejos de su patria, por climas feroces, pudiendo apenas dar al estudio algunos momentos substraidos a la tumultuosa ocupacion de las armas, y acibarados con el disgusto de ver-se mal recompensado e aun maltratado por sus ingratos compatriotas. Advierta-se ademas, que el Petrarca tuvo tiempo para corregir, perficcionar y publicar el mismo sus poesias, lo que no sucedió a Camoens. Quanto debemos ensalzar el ingenio de este poeta, cuando apezar de tantas desvantajas, observamos que el no es inferior, antes bien es superior al primer poeta que ha tenido la Italia en este genero.»

Apesar porém de uma tão grande superioridade eram já passados sete annos depois da morte de Camões e ainda o publico não conhecia divulgadas pela imprensa nenhuma das suas poesias varias, se exceptuarmos a ode VIII e a elegia IV, quando pela primeira vez saíram impressos na officina de André Lobato, moço da capella real, os dois autos dos *Amphitriões* e de *Filodemo*. Pelo emprego do editor podemos talvez acreditar que elles fariam parte do reportorio das peças que então se representavam no paço; as outras suas poesias lyricas se conservavam talvez com estupida avareza em cancioneiros manuscriptos, por mãos de particulares nas estantes pulverulentas d'onde mais de uma vez virgens têem feito funebre saímento para se sepultarem no vasto cemiterio da tenda do mercieiro tantas joias preciosas do genio portuguez!

Corria o anno de 1594 quando D. Gonçalo Coutinho, grande amigo do Poeta, e o qual, conforme a asserção de um dos traductores dos *Lusiadas* (Paggi), se achava ausente pelo tempo da sua morte, lhe melhorou a sepultura. Mecheu-se nas cinzas de Camões, e ellas encerravam ainda em si bastante fogo de amor da patria para inflammar os seus compatriotas; a mesma oppressão com que se achavam suffocados pelo jugo estrangeiro deu mais força para reagirem os sentimentos patrioticos que se manifestaram n'este culto ás cinzas do cantor da gloria e independencia nacional, como um protesto reservado contra a tyrannia

que os avexava. Lavrou o enthusiasmo de peito em peito, e começaram logo a queimar-lhe incensos sobre a sepultura, que se reflectiam sobre aquelle que lh'a honrava:

> Per muse illustri, e arme, e avi illustri
> Ch'al Camoens nella morte fu Mecena.

Era esta a occasião propicia de qualquer emprehendedor tentar a publicação das suas poesias; aproveitou tão bom ensejo o livreiro Estevão Lopes, e no anno de 1595 deu pela primeira vez á luz uma collecção das suas *Rimas*, as quaes colligiu e ordenou o licenciado Fernando Rodrigues Lobo Surrupita, assim como as achou viciadas por copistas, não se atrevendo a emendar cousa alguma; conhecendo comtudo que muito differentes houveram de saír se Camões as tivesse publicado em sua vida. Foi esta edição *princeps* das suas *Rimas* dedicada a D. Gonçalo Coutinho, e n'ella allude o editor, ou antes dá por motivo principal de lh'a dirigir, as honras que acabava de tributar á memoria do Poeta. Escassa é ainda, como era de esperar, esta primeira publicação; admira-me como o editor não recorreu a quem recolhesse o pobre e miseravel espolio de sua mãe fallecida de pouco, do qual deviam fazer parte os autographos do filho por elle corrigidos, pois não padece duvida que tencionava publicar as suas obras poeticas, como claramente se deprehende de alguns sonetos que são como prologos das differentes materias que deviam conter. Existiam mesmo estes autographos? ou o excessivo escrupulo do Poeta, que nos ultimos dias da vida só olhava para o céu e julgava baixas todas as cousas terrenas, com aquelle sentimento religioso e contricto, com que na foz do rio Mecon havia pendurado nos salgueiros a sua lyra profana molhada do naufragio para ficar como trophéu de quem o tinha vencido, julgaria dever de todo despedaça-la, despedindo-se do mundo para se arrebatar nas celestes harmonias, onde, como nos fazem acreditar os seus ultimos contrictos e atormentados momentos, ía entrar no coro de mais suaves cantores? A consciencia timorata da mãe decrepita, para cumprir com o regulamento do tribunal da inquisição que assim o prescrevia, entregaria estas poesias incorrectas n'aquelle tribunal, para obter o *placet* para a conservação ou publicidade, a qual depois em parte soffreu objecção, e

ali jazeriam? Os religiosos amigos do Poeta, com a frialdade ascetica ou antes com o fogo ascetico que arde mais violento, julgando que as poesias eroticas, maviosas e acaloradas do vate seu amigo poderiam servir de incentivo para peccaminosas intenções, resolver-se-íam, pensando que o grande epico tinha assás conquistado a gloria com o seu poema immortal, a inutilisa-las, fazendo-o passar pelo mesmo sacrificio por que tinham passado outros escriptores do mesmo genero de litteratura não menos apaixonados e adoradores do sexo feminino que depois vestiram o burel do monge?[1] Encantado pela locução delicada, novidade da phrase, deteria algum monge illustrado, porventura o proprio Fr. Luiz de Sousa, o braço do executor, qual outr'ora o de Abraham o anjo, e se viesse a uma concordata de ficarem estas poesias confinadas na livraria, em parte reservada, para o estudo da lingua, e onde mais tarde deveriam ser a final devoradas pelo incendio que reduziu a cinzas a sua livraria e mosteiro de Bemfica? São duvidas difficeis de solver e desatar, porque nada nos deixaram dito aquelles que o podiam dizer; comtudo sabemos pelo testemunho dos editores que algumas d'estas composições, com que porventura tinha brindado a amigos, sobreviveram e serviram para as differentes publicações das suas obras; porém, como os mesmos editores não advertiram em nota quaes estas fossem, este ponto fica ainda completamente obscuro, nem póde descriminar-se nas collecções quaes sejam as genuinas e expressamente copiadas dos autographos do auctor.

Fernando Rodrigues Lobo Surrupita, collector e revisor da primeira edição das *Rimas* (1595), não foi dos mais felizes em encontrar esses originaes ou copias correctas: era este homem douto, conhecedor da lingua de Homero e Virgilio, como demonstra o prologo scientifico que acompanha a edição, e não hospede em poesia, como tive occasião de ver em composições suas manuscriptas. N'aquelle prologo nos declara os motivos que teve para que seguindo o exemplo de Vario e Tuca na *Eneida* não emen-

[1] A litteratura portugueza perdeu muito com o sacrificio que alguns religiosos fizeram das suas poesias ao entrar no claustro. As poesias profanas de Fr. Agostinho da Cruz seriam, a meu ver, superiores ás de seu irmão Diogo Bernardes; sobra a este o que falta áquelle, isto é, sentimento. De Fr. Bernardo de Brito apenas sobreviveu a *Sylvia de Lizardo* e com nome supposto. Que versos não seriam os do poetico archi-prosador portuguez, Fr. Luiz de Sousa? Não faço mais longa enumeração porque é desnecessaria.

dasse cousa alguma, dando satisfação ao leitor que o não fazia por ignorancia. «E com isto não resta mais, que, lembrar que os erros que houver n'esta impressão, não passaram por alto a quem ajudou a copiar este livro; mas achou-se, que era menos inconveniente irem assim como se acharam, por conferencia de alguns livros de mão, onde estas obras andavam espedaçadas, que não violar as composições alheias, sem certeza evidente de ser a emenda verdadeira; porque sempre aos bons entendimentos fica reservado julgarem, que não são erros do auctor, senão vicio do tempo e inadvertencia de quem trasladou». E mais adiante: «Porque em effeito é confundir a substancia dos versos, e conceitos do auctor, com as palavras e invenção de quem emenda, sem ficar ao diante certeza se o que se lê é proprio, se emendado. E por isso se não buliu em mais, que só n'aquillo que claramente constou ser vicio de penna; e o mais vae assim como se achou escripto, e muito differente do que houvera de ir se Luiz de Camões em sua vida o dera á impressão».

Com esta fidelidade pois, conservando-se os erros das copias, se imprimiu esta primeira edição, levando-se o escrupulo ao ponto de conservar errado o titulo de uma poesia, dizendo-se dirigida a El-Rei D. João II, quando pelo conteúdo da mesma se sabe ser dirigida a D. João III.

Esta edição, que deveria saír pelo meado ou fim do anno de 1595, porque só em dezembro de 1594 estava passada a licença para a impressão, foi avidamente aceita do publico e se extinguiu promptamente em menos de dois annos, porque já em 8 de maio de 1597 estava passada a licença para nova impressão que teve logar no anno de 1598. No prologo se diz ter-se retocado a antecedente, fazendo desapparecer os erros que n'ella se tinham introduzido por culpa dos originaes, e que para este fim communicára com pessoas que o entendiam conferindo varios originaes. Reuniram-se n'esta nova collecção algumas poesias ineditas e entre estas appareceram pela primeira vez as cartas em prosa e a satyra do Torneio.

Dezoito annos decorreram até apparecer a segunda parte, promettida alguns annos antes no prologo da edição de 1607, e publicada por industria do livreiro Domingos Fernandes, com o auxilio pecuniario fornecido pelo arcebispo D. Rodrigo da Cunha, e da qual se tiraram mil e quinhentos exemplares; levou

o editor sete annos em ajuntar as poesias que acrescentou, por andarem espalhadas por mãos de diversas pessoas, mandando vir umas da India, como já anteriormente havia feito, e subministrando-lhe outras alguns fidalgos e varias pessoas curiosas. Por este tempo (1615) imprimiu os *Cantos da Creação do Homem,* e estando impressos lhe affirmou o arcebispo não serem de Luiz de Camões; porém como estavam já impressos, era obra boa e andava em seu nome, os deixou ir. Hoje podemos afoutamente asseverar não lhe pertencer, mas sim a André Falcão de Resende, sobrinho do celebre antiquario André de Resende; mais adiante o mostraremos com toda a evidencia.

Antes do anno de 1621, porque o seu segundo borrador é escripto n'este anno, tratava Manuel de Faria e Sousa de colleccionar tudo o que podesse encontrar de obras de Camões, melhorando-as dos erros introduzidos á vista de manuscriptos que percorreu, e dos quaes havia feito uma abundante colheita; porém a morte ou embaraços atalharam este seu proposito, e ficaram estas com os seus commentarios posthumas, e saíram o primeiro volume no anno de 1685 e o segundo no de 1688.

N'este intervallo, isto é, no anno de 1668 saíu á luz a terceira parte publicada por D. Antonio Alvares da Cunha, fidalgo illustre que em sua casa reunia uma academia, pertencente a uma familia em que o valor e a sciencia se deram as mãos; foi esta nova collecção de poesias ineditas, muitas copiadas sobre os proprios autographos de Camões, dedicada ao principe D. Pedro, então regente, e que depois foi rei de Portugal segundo do nome. N'esta collecção uma grande parte das poesias que foram de novo acrescentadas estavam na collecção manuscripta de Faria e Sousa, como tive occasião de examinar, por onde vemos que ao editor foram presentes em parte as mesmas collecções que ao commentador de Camões.

No anno de 1685 saíu por fim o commentario de Faria e Sousa enriquecido ainda de novas poesias, acrescentando principalmente nos sonetos, e emendando as edições anteriores; porém com a sua publicação ficaram ainda manuscriptas outras poesias ineditas, das quaes mais tarde se deveria imprimir uma parte.

No anno de 1779 publicou a antiga casa dos srs. Bertrands, estabelecida em Lisboa, uma nova edição das obras de Camões,

debaixo da inspecção do padre Thomás José de Aquino; pôde este examinar os manuscriptos de Faria e Sousa, e sobre as poesias já publicadas por aquelle infatigavel commentador, e as que se conservavam ineditas organisou a sua edição, addicionando-a com as cinco eglogas de Bernardes que Faria e Sousa pretende que pertencem a Camões, mais duas, e entre estas uma feita á morte da sua Natercia, e outras poesias, tornando-se com este acrescentamento a edição mais completa até hoje.

Mal pensava eu que depois de tantos annos decorridos poderia extrahir alguma cousa de novo de um terreno trabalhado por tantos cultores e mãos mais habeis, e quando mesmo ninguem pensava na possibilidade de se levar a effeito qualquer tentativa, por se reputarem todos os recursos esgotados. Comtudo algumas flores desparzidas e derramadas, e não poucas que escaparam áquelles que me precederam n'esta laboriosa tarefa, me cabe hoje a ventura de levantar do chão, e com ellas tecer uma nova corôa para lançar sobre a sepultura do grande Poeta portuguez.

O encontro casual de um pequeno manuscripto do seculo XVII que pertenceu a D. Cecilia de Portugal, por ella escripto, e em bellos caracteres, encontrado no decurso das investigações que eu fazia para a biographia de Camões, me despertou a attenção e me fez pensar na possibilidade de se poderem ainda encontrar manuscriptas algumas obras poeticas do Vate portuguez. As oitavas ao desconcerto do mundo que ali vem com variantes, depois de já andarem impressas, e outras poesias, a traducção em castelhano do soneto:

> Não vas Nise ao monte com teu gado.
>
> No lleves Joana al rio tu ganado.

Com os mesmos consoantes do de Camões me deu a conhecer que ainda depois de impressas as suas obras se colleccionaram as suas poesias, e assim comecei desde logo a olhar com mais attenção para estas miscellaneas poeticas do seculo XVI e subsequente, e desde então vim no conhecimento que esta não era indifferente, começando a apparecer um resultado satisfactorio, pela descoberta de algumas ineditas. Quando andava n'estas diligencias na bibliotheca nacional, procurando se existiriam

alguns cancioneiros com que podesse acrescentar o já encontrado, me facilitou para este effeito o Sr. Visconde de Balsemão, n'aquelle tempo bibliothecario mór d'aquella casa, um cancioneiro de que havia feito acquisição para o estabelecimento. Tem por titulo o manuscripto: «*Cancioneiro em que vão as obras dos melhores poetas do meu tempo ainda não impressas, e trasladadas de papeis dos mesmos que as composeram, começado na India a 15 de janeiro de 1557 e acabado em Lisboa em 1589 por Luiz Franco Correia, companheiro em o estado da India e muito amigo de Luiz de Camões*». É o seu formato um in folio de 296 paginas numeradas de um só lado, e começa com a elegia III que ali é a primeira; a letra é do seculo XVI, porém não o reputo autographo, mas sim uma copia contemporanea, não só porque dizendo-se começado na India e acabado em Lisboa, não encontro differença no papel que muitas vezes era asiatico, mas ainda na tinta, sendo o livro compilado em epochas distinctas e em sitios entre si tão remotos. Acresce a isto que está cheio de notaveis omissões e erros grammaticaes que por vezes transtornam todo o sentido e intelligencia das composições, o que só póde pôr-se a cargo de copista ignorante, e não de Luiz Franco, o qual, alem de poeta, tinha o conhecimento da sua lingua e mesmo das estranhas as quaes manejava. Curiosa é comtudo esta collecção por differentes motivos, porquanto, alem de poesias ineditas e de variantes das impressas, nos offerece uma ordem mais chronologica em algumas das poesias, principalmente nas elegias e nas canções. Comprehende tambem o canto I dos *Lusiadas* com este titulo: «*Elusiadas de Luis de Camoens a El-Rei D. Sebastião*». Tem algumas variantes, entre as quaes faremos notar esta, porque decifra bastantemente o caracter pouco lisonjeiro de Camões. Na dedicatoria, oitava VIII, tinha escripto:

Vós, sagrado Rei, cujo alto imperio.

Julgou o epitheto com que incensava o Rei lisonjeiro de mais, e mudou para

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio.

No fim do canto I dos *Lusiadas* vem esta declaração: «*Não continuo porque se imprimiu*». E é pena sem duvida, que não

possuamos toda a copia do poema para conhecermos as emendas e alterações que se fizeram por parte de Camões quando deu á estampa os seus *Lusiadas*. Algumas vezes, aindaque poucas, foi necessario desviar da orthographia do manuscripto que não é fixa, porquanto repete os mesmos vocabulos por differente fórma, e outros são escriptos por maneira que se afastam do uso, e pareceriam ao leitor erros typographicos como *çoraçois, dipois*, etc.; esta liberdade poucas vezes tomada a não tomariamos, se o manuscripto fosse autographo, ou de epocha mais remota em que fosse necessario conservar as genuinas feições do original. Cumpre tambem fazer uma advertencia, que o manuscripto, trazendo sem indicação as obras mesmo conhecidas de Camões, esta lhe é posta por letra mais moderna, mas por pessoa versada, e que parece ter examinado outros manuscriptos, porquanto fez o mesmo serviço indigitando de quem sejam as obras dos outros auctores que ali se transcrevem.

O padre Thomás José de Aquino nas suas duas edições das obras de Camões de 1779 e 1782, não consultou o autographo dos commentarios de Manuel de Faria e Sousa aos *Lusiadas;* como estes se achavam impressos não curou do manuscripto, e assim não foi por elle examinado. Não digo isto como uma censura ao editor, o qual sem duvida fez valiosos serviços á litteratura patria, tornando vulgares pela imprensa algumas composições do nosso Poeta de que o publico não tinha conhecimento, dando uma edição mais completa das suas obras; digo-o porém para advertir que no volume por elle desprezado fui ainda descobrir differentes poesias, *redondilhas, esparças, voltas*, etc. e com esta acquisição enriquecemos o nosso peculio.

Se o Ariosto e Tasso encontraram interpretes que o deram a conhecer na lingua portugueza, de Petrarcha não me consta de traducção conhecida, se exceptuarmos alguns sonetos traduzidos por Camões, pois comquanto tres portuguezes se quizessem dar ao trabalho de o verterem, o primeiro, João Pinto Delgado, que escrevia no começo do seculo XVII, deixou a sua traducção manuscripta, a qual pelo metro em que era elaborada (oitavas) differente do do original, não indica dever ter subido merecimento. Os outros dois se serviram da lingua castelhana; o primeiro Salusque Lusitano que traduziu a primeira parte que se imprimiu em Veneza no anno de 1567, e Henrique Garcez,

traductor tambem dos *Lusiadas*, que passou para aquella lingua os sonetos e canções do poeta italiano em Madrid no anno de 1591. Possuindo uma traducção portugueza verso a verso dos *Triumphos* de Petrarcha, julgámos que seria offerta agradavel aos nossos compatriotas se lhes dessemos pela primeira vez na nossa lingua o poeta italiano traduzido, e que esta dobraria em valor sendo elaborada pelo seu emulo e admirador, o nosso Camões.

A necessidade de irmos colhendo o pano a este prologo nos tolhe de apresentarmos aqui as multiplicadas rasões pelas quaes se comprova pertencer irrevocavelmente ao nosso Poeta este trabalho litterario; reservâmos demonstra-lo com evidencia nas notas quando tratarmos d'elle. Parece que a traducção fôra feita para uso da amante, por uma referencia que se encontra notada; porém julgo que a não chegou a ver. E quantas vezes os livros de auctor alheio não têem sido interpretes de uma paixão, terceiros para com damas, e indicadores de sentimentos occultos que a bôca não ousava revelar? A margem de um manuscripto de Virgilio do uso de Petrarcha, servia de registo dos seus affectos e de obituario da sua Laura; na margem do livro do Poeta latino, meias apagadas pelas lagrimas do amante inconsolavel, se liam estas dolorosas palavras: «Laura que resplandecia com tantas virtudes, que eu tantas vezes celebrei em os meus versos, appareceu a estes meus olhos pela primeira vez aos 6 de abril em Avinhão, na igreja de Santa Clara. Era então mancebo; em a mesma cidade, em o mesmo dia e á mesma hora do anno de 1348 á estrella de Laura deixou de raiar sobre a terra. Esta mulher tão bella, tão casta foi enterrada no mesmo dia após de vesperas na igreja dos Franciscanos de Avinhão. Subiu ao céu que a havia emprestado á terra. Para me recordar a lembrança melancolica de uma perda tão pungente, consignei n'este livro esta ementa, com uma alegria misturada de amargura. A morte de Laura me dá a certeza que pouco tempo me resta para viver; depois que se rompeu aquelle elo da minha existencia, espero com a ajuda de Deus poder renunciar sem fadiga a um mundo onde encontrei tantas decepções, e onde a esperança é tão vã como caduca».

Os amores de Camões foram agitados como a sua vida; como os de Petrarcha foram revelados nos mais bellos sons que a

lingua presta á musica da poesia, nos mais ternos e acalorados affectos com que o coração sabe sentir. Entre as contrariedades com que foram assaltados, mais de uma vez perturbou-lhes o remanso o ciume; esta dor *tartarea*, como lhe chama o mesmo Camões, este sentimento cem vezes injusto e violento por uma que tem rasão, mas que por uma antithese incomprehensivel se traduz em amor. Assi na traducção manuscripta um signal indicativo aponta com o dedo para um logar do commentario (de Gesualdo) a este verso:

Del re sempre di lagrimi digiuno.

que Camões traduz assim

Do cruel rei de choro sempre gegum. (Ita.)

O logar que o Poeta portuguez escolheu para deixar consignada em epilogo as phases infelizes e tormentos de um amor desgraçado a que a morte decepou a ultima esperança, é este: «Que nunca é farto de chorar, porque o apetito é tal e tão forçoso que emquanto se não alcança o desejado objecto de contino nos afflige, e depois de alcançado o temor de o perder e o ciume da dama nos consume; assim que sempre o amor é occasião de lagrimas e de dor». Parece que quiz que ficasse no livro palpitante a antiga ferida, e que ao enxergar essa cohorte de mortos que o poeta italiano faz desfilar, a morte, tambem porventura fresca da sua Natercia, o acordou para a representação do sonho da vida passada, que em poucas palavras, como um epitaphio na mansão dos mortos, quiz deixar apontada em uma pagina do seu poeta valido, como este o havia feito na do de Mantua.

Outro manuscripto que possuimos do seculo XVII nos forneceu algumas poesias ineditas, e o poder completar algumas já impressas que não estão inteiras, e variantes, tornando-se entre estas notavel uma á elegia II. Este manuscripto, ou antes manuscriptos, porque são dois encadernados na mesma capa, e que infelizmente não estão completos por lhe faltar o principio e o fim, e deverem por isso ter-se perdido algumas poesias de Camões, comprehende, a primeira parte, poesias de differentes auctores contemporaneos, Bernardes, Caminha, D. Manuel de Portugal, Jorge Fernandes, vulgo o frade da rainha (D. Catharina); e a segunda parte, que é em letra differente, pertence exclusiva-

mente a Francisco de Sá de Miranda, de quem traz algumas poesias ineditas.

De alguns outros manuscriptos quasi todos do seculo XVII extrahimos *como agulha em palheiro* uma ou outra poesia, sem que de algumas possamos denunciar-lhe de uma maneira positiva a origem. Quem está habituado a manusear estas collecções com o simples titulo de *Miscellaneas* ou *Papeis varios,* verdadeira *feira da ladra* da litteratura, onde muitas vezes ao lado de um autographo de subido valor, está a mais trivial sandice, é que póde avaliar a difficuldade de baptisar com um titulo estas, pela maior parte, informes collecções.

Na edição de 1595 vem uma poesia que começa:

Vae o bem fugindo, etc.

Estas endechas traz Faria e Sousa manuscriptas e se acham impressas nas obras de Bernardes; deve-se porém advertir, que parte das que vem impressas em nome de Camões, isto é, o principio não vem nas obras do poeta do Lima. Aindaque me queria abster de tócar na questão do plagiato de algumas obras de Camões feito por este poeta, comtudo, á vista d'esta pequena poesia e de outras que a acompanham no MS. de Faria e Sousa, não poderei deixar de dizer, postoque de passagem, alguma cousa sobre esta materia. As poesias de Bernardes publicaram-se em 1596, um anno posteriormente á publicação das *Rimas* de Camões; na verdade não sei que motivo teria Bernardes para não dar por inteiro uma composição sua, o que de alguma maneira póde dar logar a suspeitar de a ter encontrado mutilada em alguma copia de que se serviu; o facto é que esta poesia appareceu primeiro e em vida de Bernardes na edição primeira (1595) das *Rimas* de Camões, publicada por Surrupita, postoque depois foi eliminada nas outras edições. Um argumento porém que reputo de maior força e de mais grave peso contra Bernardes é o soneto

Horas breves de meu contentamento, etc.

um dos que se suppõem usurpados. Este soneto, differentissimo nos tercetos em ambos os poetas, se acha glosado por dois contemporaneos de Camões, Fernão Alvares do Oriente e Balthazar Estaço; o primeiro, alem de enthusiasta de Camões, seu amigo

e camarada na India, e tanto uma como outra glosa é feita sobre a versão como vem nas obras de Camões. Inclino-me pois a suspeitar que algumas poesias de Camões foram usurpadas e introduzidas nas obras de Diogo Bernardes; porém estou persuadido que n'este numero não entram as eglogas, pelo menos parte, salvo se Bernardes as apropriou a differentes circumstancias e logares, o que podia comtudo acontecer, como a quem se aproveitou da canção XII de Camões, a qual vimos alterada ou antes estropiada em duas versões manuscriptas e uma d'ellas applicada á villa da Lousã. Que o poeta do Lima era justa ou injustamente reputado cumplice de plagiato das obras do nosso Epico é evidente, não só pelas já referidas endechas, mas pelas oitavas a Santa Ursula, do que o mesmo Bernardes se doe no soneto dedicatorio dirigido á infanta D. Maria.

> Eu fiz (como já disse o Mantuano)
> Os versos dessa virgem esposada,
> Que foi com onze mil martyrisada:
> A honra me roubou hum vil engano
> ....
> Se foi ainda roubada tão aceita.

Porém as peças roubadas, isto é, se o foram, pois onde não ha plena prova, mas só vehemente indicio, assenta mal sentença decisoria, não diminuem a gloria de Camões, nem augmentam a de Bernardes, poeta suavissimo no estylo, mas muito áquem da sublimidade poetica do seu emulo. Que as poesias do nosso Poeta corriam algumas anonymas e que d'ellas se aproveitavam os outros, nós o temos não só do testemunho de Faria e Sousa, mas por propria confissão do mesmo Camões, o qual na carta II remettendo algumas poesias, assim escreve á pessoa a quem é dirigida: «Esta vae com a candea na mão morrer nas de V. M.[ce] e se dahi passar seja em cinza, porque não quero que do meu pouco comam muitos. E se todavia quizer metter mãos na escudella, mande-lhe lavar o nome e valha sem cunhos». D'esta declaração se colhe que as suas poesias davam, ou interesse pecuniario ou de reputação, e assim pede á pessoa a quem escreve conserve o anonymo, com a idéa talvez de publicar depois pela imprensa o cancioneiro das suas poesias. A demasiada franqueza de Camões em confiar a amigos as suas composições, deixando d'ellas tirar copia, dava logar a estas usurpações; quem era tão pouco

avaro do seu thesouro, antes nosso, os seus *Lusiadas*, que o confiava para d'elle se tirar traslado antes da sua impressão, como sabemos com certeza, que caso faria das suas poesias lyricas que por certo deveria ter em menos preço?

Tres comedias ou autos, como é sabido, nos deixou Camões: os *Amphitriões*, a de *Filodemo* e a de *El-Rei Seleuco*, que se imprimiu depois. Examinando com reflexão a novella dramatica de *Filodemo* se conhecerá pelo estylo apaixonado que apparece de quando em quando que o Poeta pretende de alguma maneira desafogar o seu mau humor, isto por certas referencias que são faceis de colher, queixando-se de contradicções experimentadas, e contra aquelles que lhe roubaram a vista da sua amante. Está esta peça não pouco incorrecta no metro e na prosa e em partes cheia de inepcias que nunca Camões proferiu, como trocar *valle Luso* por *val Chiusa*, e outras. Á vista d'isto, pela confrontação de um manuscripto, me resolvi a po-la em melhor ordem, addicionando-a com logares omittidos, e á vista tambem da rarissima primeira edição.

Se formos accusados de divulgarmos incorrectas as poesias do Poeta, como já o fizeram os nossos antecessores, se a sua sombra surgisse e nos increpasse d'este abuso de fé de as irmos buscar á *manada dos engeitados*, como elle chama a esses filhos mal gerados da sua Musa; se como o poeta latino nos clamasse *defuit scriptis ultima lima meis*, lhe responderiamos áfoutamente: Fizemo-lo, porque os vossos defeitos se approximam ainda ás perfeições alheias; porque tambem do lodo se extrahe o oiro, da concha se tira a perola. Aonde apparecer o erro attribua-se ao copista, quer antigo, quer a quem agora de novo o traslada, e a reputação do Poeta fica incolume.

Na reproducção das poesias já publicadas fomos assaltados de uma perplexidade inevitavel no systema que tinhamos a adoptar. Deveriamos dar textualmente as edições *princeps* das *Rimas?* Comquanto este alvitre nos livrasse de graves embaraços, e o seguiriamos incontestavelmente se tivessemos a certeza que as suas poesias fossem copiadas dos autographos, incorreriamos comtudo no inconveniente de apresentar ao publico, nem sempre facil de contentar, uma edição com que não está acostumado, e assim preferimos dar-lhe a edição de Manuel de Faria e Sousa, reproduzida por Thomás de Aquino e retocada aqui ou acolá pelos

eruditos editores da edição de 1834, os srs. José Victorino Barreto Feio e José Gomes Monteiro. Porém, para contentar tyrios e troyanos, nos lembrou dar em notas as variantes d'estas edições *princeps,* acrescentadas de algumas outras de manuscriptos que tivemos occasião de percorrer. A ordem que seguimos n'estas annotações é esta: damos uma explicação da poesia a que se allude na nota, as observações de alguns expositores, principalmente de Manuel de Faria e Sousa, ás quaes ajuntámos as nossas, as imitações de alguns escriptores e as variantes; o texto da edição vae em italico e as variantes e o mais em redondo. D'esta arte o leitor se tornará possuidor, com a acquisição d'esta nova edição, das outras rarissimas e mui difficeis de obter, conciliando-se por esta fórma os differentes paladares dos leitores; e para que estes podessem adquirir o conhecimento como se foram colleccionando estas poesias nas successivas edições até á ultima que precedeu a que ora sáe, julguei conveniente juntar uma tabella chronologica, accusando a edição em que appareceram pela primeira vez, reunindo tambem as ineditas que novamente dou a publico. Estas não vão na ordem em que as encontrei nos manuscriptos, desfiei-as para as enfiar em rosarios de sonetos, canções, elegias como aquelles que me precederam, para facilitar o conhecimento das citações, o que certamente eu não faria se fosse o primeiro editor das obras d'este ou de outro qualquer auctor, pois antes preferiria seguir uma ordem chronologica, procurando quanto fosse possivel ligar-me á epocha das composições para mostrar o incremento progressivo do desenvolvimento do genio do auctor, e marcar as differentes phases da sua vida.

Não nos cabe aqui logar, nem nos julgâmos habilitados para condignamente avaliar as bellezas das poesias de Camões, o que tentaremos comtudo fazer em notas até onde chegarem as nossas forças. Pedimos comtudo venia ao sabio philologo e eloquente prosista, o respeitavel bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, já finado, e cuja memoria muito acatâmos, para divergir da sua opinião ácerca da resumida selecta que fez das melhores poesias do nosso auctor. Elevado á mais alta posição hierarchica no estado ecclesiastico, e por isso *não iniciado,* como elle proprio confessa, n'estas materias, obrigado, para me servir da expressão do nosso mesmo Camões, a quebrar pensamentos profanos na *pedra do furor santo,* não admira que não se atrevesse

a prescrutar e revelar os mysterios amorosos que encerram as ternas e maviosas poesias do poeta, cuja vida escrevia, e que o calor d'estas não aquecesse a quem abrazava amor mais puro, desligado pela idade e elevado ministerio de todo o terreno.

É por poetas, como bem adverte um poeta portuguez, que os poetas devem ser lidos e avaliados; é na idade viril, quando arde o coração, quando a vida resvala por entre as flores das illusões, apartando de si os abrolhos aridos do positivismo, que mata todos os gosos da alma, afasta todo o pensamento nobre, que a poesia deve ser lida e apreciada. Hospede *ex professo* d'esta arte encantadora, porém nem por isso amando menos os seus primores quando os maneja o genio, limitar-nos-hemos pois a deixar consignadas aqui ou ali as impressões que recebemos das bellezas poeticas do nosso auctor. E como, aindaque a diversidade de estado nos não tolhe, como ao illustre prelado a que alludimos, passeiar mais desafogadamente por entre este ameno jardim de flores, respirando-lhe as ultimas fragrancias, a idade que vae decaíndo póde esfriar o enthusiasmo, procuraremos avivar as cinzas amortecidas que cobrem ainda um resto de fogo, que tem em breve de reduzir-se a ultimas cinzas, faremos ascender ao coração a ultima seiva, para que este verdeje como a planta que por isso que brota já no outono, tem que seccar na proxima primavera, quando a vida se anima para tudo e para todos. Não espere pois o leitor ver-nos friamente com os quatro codigos poetico-architectonicos[1] em uma mão, e o compasso na outra, traçar taboleiros quadrados, redondos, de varias fórmas onde encerre estas flores n'esses jazigos que abafam, acanham a planta. Sei bem que nem sempre as poesias do nosso grande Poeta satisfazem os nimiamente rigoristas; muitas vezes o soneto se transforma no idylio, outras no madrigal, que o Poeta geme na canção, se serve da elegia para exaltar um heroe, como Virgilio na egloga eleva o tom talvez mais alto do que seria conveniente á rudeza de pegureiros; mas que me importa, se quasi sempre é bello; que me importa o titulo, se eu avalio o poema por o que elle é; que me importam as nuvens quando o sol dardeja os seus raios, as fulmina e dissipa?

Parece-me n'este logar opportuno prevenir tambem o leitor

[1] Poeticas de Aristoteles, Horacio, Vida e Boileau.

contra a nimia severidade de alguns grammaticos, para quem o mais pequeno erro, uma virgula mal disposta é crime horrendo, apaga o merecimento real de um auctor que tenha obtido todos os fóros e titulos para se alistar na cohorte dos mais conspicuos escriptores; o parricida é innocente ao lado do grammaticida; Cicero não concebeu maior prazer quando encontrou a sepultura de Archimedes; eu, permitta-se-me a comparação porque é só no goso, quando descobri alguns documentos comprovativos para a biographia do nosso Epico, de que quando estes encontram a mais pequena falta ou omissão contra as leis inexoraveis da grammatica; e se o delinquente é um Virgilio, um Dante, um Petrarcha, um Ariosto, um Camões, um Tasso ou um Milton, o coração é vaso estreito para o jubilo; e se estes novos esquadrinhadores não podem como o Gama ir devassar o berço do sol, ou como Colombo rasgar o véu que nos occultava um mundo novo, podem ao menos denunciar-nos que este ou aquelle grande genio trocou um adverbio por uma conjuncção, caso, na opinião de Erasmo, digno de abalar todo o genero humano a uma guerra sanguinolenta. Na verdade quando os vejo tão empenhados, e ás vezes tão irritados e encarniçados n'estes ataques, não posso deixar de me recordar com saudade do prazer do discipulo nas escolas, *quorum magna pars fui*, que anhela nos duellos da tabuada em dar o quinau ao condiscipulo; e como nem sempre reina a maior placidez e imparcialidade n'estas disputas nugatorias, acontece que mais de uma vez faltam ao oitavo preceito do decalogo, attribuindo ao auctor os erros do copista, e os inevitaveis e muito desculpaveis do typographo[1], erros que dizia o meu sabio mestre o monge de Alcobaça e arcebispo de Evora Fr. Fortunato de S. Boaventura, que deram vocabulos á lingua materna, sendo indiscretamente introduzidos nos Lexicons nacionaes. Com isto não quero dizer que se não tenha todo o cuidado e circumspecção em escrever correctamente, que não seja uma belleza, direi mesmo uma obrigação; porém quem se der a estas correcções, faça-as como o passageiro polido que se vê caír na rua o lenço áquelle que o

[1] Sómente quem não vê trabalhar uma typographia é que não sabe avaliar o trabalho que uma obra dá para se imprimir; se nos lembrarmos que para uma folha de impressão no typo 12 em que esta obra é impressa, é necessario manusear e ajuntar de vinte a trinta mil letras, é que póde julgar a difficuldade de não incorrer uma ou outra vez em uma incorrecção.

precede, levanta-o, adverte-o que lhe caíu, entrega-lh'o e passa adiante. Nem tão pouco pretendemos menoscabar uma classe que muito respeitâmos, que se dá a estudos nimiamente aridos para outros, não elles, colherem o fructo das suas lucubrações; só alludimos a excessos parciaes, só nos levantâmos contra os amoucos da arte.

Grande foi a difficuldade com que lutámos para pôr em pratica o plano que haviamos adoptado para esta edição, pela penuria das edições das *Rimas*, pois, comquanto fossemos possuidores de bastantes, infelizmente nos faltavam as *princeps*, nem estas se encontravam todas na bibliotheca nacional antes da acquisição das que possuiam D. Francisco Manuel de Mello e Thomás Norton; e mesmo comquanto sejamos excessivamente bem recebidos e com a maior amabilidade por todos os empregados d'aquelle estabelecimento publico, sempre uma pessoa tem acanhamento em dar trabalho, procurando simultaneamente muitos livros ao mesmo tempo, nem é facil conferir fóra de casa em sitios diversos (pois como já advertimos faltavam no estabelecimento as edições), e principalmente quando algumas vezes tem que se conferir e trabalhar com precipitação para acudir ao expediente da impressão.

D'estes embaraços nos tirou o obsequioso offerecimento do sr. João Felix Minhava (sem o qual nos seria difficil progredir), pondo á nossa disposição as edições que possuia da sua collecção, e o mesmo favor devemos aos srs. Jacinto da Silva Mengo e João José Barbosa Marreca.

Reservámos para o fim a *Epopéa*, não só por ser a ordem mais chronologica, e imitarmos n'isto alguns editores das obras de Virgilio, mas para nos acharmos mais desembaraçados, e podermos convergir todos os nossos esforços para a mais seria attenção na publicação do poema nacional. É nossa tenção, por ora, a qual variaremos comtudo se formos melhor aconselhados, darmos textualmente a chamada segunda edição de 1572, a qual será acompanhada de tabellas de variantes, não só da que saíu no mesmo anno, mas das outras. Quando ahi chegarmos invocaremos a assistencia de pessoas doutas, as quaes esperâmos nos queiram auxiliar com os seus esclarecidos conselhos, para que possamos conseguir o fim de podermos expor ao publico este thesouro nacional o mais limpo de impurezas e imperfeições.

Iamos fechar este prologo quando nos chegaram á mão as observações criticas feitas ao nosso trabalho pelo sr. Innocencio Francisco da Silva, no seu artigo sobre Luiz de Camões do seu *Diccionario Bibliographico*, observações que agradecemos, e aproveitando o seu conselho daremos uma tabella dos erros mais principaes que necessariamente têem de occorrer em uma obra d'esta natureza, não devendo em rigor uma primeira edição reputar-se mais que uma prova mais ou menos limpa (o que a experiencia mostra que acontece a quasi todas), reformando e retocando nas subsequentes as omissões que escorregaram na primeira publicação. É então que a advertencia de amigos ou de homens que se entregam á sciencia avisam o escriptor para a mais seria reflexão do seu trabalho, para o polir, limar e darlhe o ultimo retoque; agradecendo pois ao nosso illustrado bibliographo as suas judiciosas correcções, que pedimos comtudo licença para uma ou outra vez attenuar, não podemos porém deixar de lhe significar o nosso pezar de que tendo o gosto de o encontrar tão repetidas vezes nas nossas mutuas excursões á imprensa nacional, nos não advertisse quando, pela segunda vez, o nosso fraco baixel estava na quilha, isto é, quando entrava no prélo o nosso segundo volume.

Aos nossos amigos e escriptores pedimos o obsequio de iguaes advertencias, porquanto o nosso desejo é acertar, e embora tenhamos de incorrer em erros, não desejavamos regista-los de vontade; e ao publico que recebeu com tanta benevolencia o principio do nosso trabalho, pedimos tambem queira pela sua parte emendar, onde se persuadir que ha logar para isso, e desculpar com a sua costumada indulgencia as imperfeições inevitaveis de um trabalho tão espinhoso, principalmente a quem, como já adverti no primeiro volume, se acha enfraquecido por doença e distrahido com a attenção para outros assumptos.

Terminarei repetindo a mesma declaração que fiz já em outro logar d'este trabalho, que quaesquer que sejam os erros notados me são pessoaes, aproveitando esta occasião de tributar novamente os meus agradecimentos aos senhores empregados da imprensa nacional que, com tanto zêlo pelas letras patrias, credito do poeta e favor pessoal, me têem feito o obsequio de serem Cyrineos d'esta minha empreza litteraria.

RIMAS

SONETOS

I

Em quanto quiz fortuna que tivesse
  Esperança de algum contentamento,
  O gosto de hum suave pensamento
  Me fez que seus effeitos escrevesse.

Porém temendo Amor que aviso désse
  Minha escriptura a algum juizo isento,
  Escureceo-me o engenho co'o tormento,
  Para que seus enganos não dissesse.

Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos
  A diversas vontades! quando lerdes
  N'hum breve livro casos tão diversos;

(Verdades puras são, e não defeitos)
  Entendei que segundo o amor tiverdes,
  Tereis o entendimento de meus versos.

II

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por huns termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia, e pena, ausente.

Tambem, Senhora, do desprêzo honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-me-hei dizendo a menor parte.

Porém para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho, e arte.

III

Com grandes esperanças ja cantei,
Com que os deoses no Olympo conquistára;
Depois vim a chorar porque cantára,
E agora chóro ja porque chorei.

Se cuido nas passadas que ja dei,
Custá-me esta lembrança só tão cara,
Que a dôr de ver as mágoas que passára,
Tenho por a mór mágoa que passei.

Pois logo, se está claro que hum tormento
Dá causa que outro na alma se accrescente,
Ja nunca posso ter contentamento.

Mas esta phantasia se me mente?
Oh ocioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino em ser contente?

IV

Despois que quiz Amor que eu só passasse
Quanto mal ja por muitos repartio,
Entregou-me á Fortuna, porque vio
Que não tinha mais mal que em mi mostrasse.

Ella, porque do Amor se avantajasse
Na pena a que elle só me reduzio,
O que para ninguem se consentio,
Para mim consentio que se inventasse.

Eis-me aqui vou com vário som gritando,
Copioso exemplario para a gente
Que destes dous tyrannos he sujeita;

Desvarios em versos concertando.
Triste quem seu descanso tanto estreita,
Que deste tão pequeno está contente!

V

Em prisões baixas fui hum tempo atado;
Vergonhoso castigo de meus erros:
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que a morte, a meu pezar, tẽe ja quebrado.

Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
Que Amor não quer cordeiros nem bezerros;
Vi mágoas, vi miserias, vi desterros:
Parece-me que estava assi ordenado.

Contentei-me com pouco, conhecendo
Que era o contentamento vergonhoso,
Só por vêr que cousa era viver ledo.

Mas minha Estrella, que eu ja agora entendo,
A Morte cega, e o Caso duvidoso
Me fizerão de gostos haver medo.

VI

Illustre e digno ramo dos Menezes,
Aos quaes o providente e largo Ceo
(Que errar não sabe) em dote concedeo,
Rompessem os Maometicos arnezes;

Desprezando a Fortuna e seus revezes,
Ide para onde o Fado vos moveo;
Erguei flammas no mar alto Erythreo,
E sereis nova luz aos Portuguezes.

Opprimi com tão firme e forte peito
O Pirata insolente, que se espante
E trema Taprobana e Gedrosia.

Dai nova causa á côr do Arabo Estreito;
Assi que o Roxo mar, daqui em diante
O seja só com sangue de Turquia.

VII

No tempo que de amor viver sohia,
Nem sempre andava ao remo ferrolhado;
Antes agora livre, agora atado,
Em várias flammas variamente ardia.

Que ardesse n'hum só fogo não queria
O Ceo porque tivesse exprimentado,
Que nem mudar as causas ao cuidado
Mudança na ventura me faria.

E se algum pouco tempo andava isento,
Foi como quem co'o pêzo descansou
Por tornar a cansar com mais alento.

Louvado seja Amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu tão cansado soffrimento!

VIII

Amor, que o gesto humano na alma escreve,
Vivas faiscas me mostrou hum dia,
Donde hum puro crystal se derretia
Por entre vivas rosas e alva neve.

A vista, que em si mesma não se atreve,
Por se certificar do que alli via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dôr ao soffrimento doce e leve.

Jura Amor, que brandura de vontade
Causa o primeiro effeito; o pensamento
Endoudece, se cuida que he verdade.

Olhai como Amor gera, em hum momento,
De lagrimas de honesta piedade
Lagrimas de immortal contentamento.

IX

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estóu de frio;
Sem causa juntamente chóro e rio;
O mundo todo abarco, e nada apérto.

He tudo quanto sinto hum desconcêrto:
Da alma hum fogo me sahe, da vista hum rio;
Agora espero, agora desconfio;
Agora desvarío, agora acérto.

Estando em terra, chego ao Ceo voando;
N'hum' hora acho mil annos, e he de geito
Que em mil annos não posso achar hum'hora.

Se me pergunta alguem, porque assi ando,
Respondo, que não sei: porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.

X

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar:
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nella está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente póde descansar,
Pois com elle tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semidea,
Que como o accidente em seu sojeito,
Assi com a alma minha se confórma;

Está no pensamento como idea;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a materia simples busca a fórma.

XI

Passo por meus trabalhos tão isento
De sentimento grande nem pequeno,
Que só por a vontade com que peno
Me fica Amor devendo mais tormento.

Mas vai-me Amor matando tanto a tento,
Temperando a triaga co'o veneno,
Que do penar a ordem desordeno,
Porque não mo consente o soffrimento.

Porém se esta fineza o Amor sente
E pagar-me meu mal com mal pretende,
Torna-me com prazer como ao sol neve.

Mas se me vê co' os males tão contente,
Faz-se avaro da pena, porque entende
Que quanto mais me paga, mais me deve.

XII

Em flôr vos arrancou, de então crescida,
(Ah Senhor Dom Antonio!) a dura sorte
Donde fazendo andava o braço forte
A fama dos antiguos esquecida.

Huma só razão tenho conhecida
Com que tamanha mágoa se conforte:
Que se no Mundo havia honrada morte,
Não podieis vós ter mais larga vida.

Se meus humildes versos podem tanto
Que co'o desejo meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis.

E celebrado em triste e longo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.

XIII

N'hum jardim adornado de verdura,
Que esmaltavão por cima várias flôres,
Entrou hum dia a deosa dos amores,
Com a deosa da caça e da espessura.

Diana tomou logo hũa rosa pura,
Venus hum roxo lyrio, dos melhores;
Mas excedião muito ás outras flôres
As violas na graça e formosura.

Perguntão a Cupido, que alli estava,
Qual de aquellas tres flôres tomaria
Por mais suave e pura, e mais formosa.

Sorrindo-se o menino lhes tornava:
Todas formosas são; mas eu queria
Viola antes que lyrio, nem que rosa.

XIV

Todo animal da calma repousava,
Só Liso o ardor della não sentia;
Que o repouso do fogo, em que elle ardia,
Consistia na Nympha que buscava.

Os montes parecia que abalava
O triste som das mágoas que dizia:
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade de outro posto estava.

Cansado ja de andar por a espessura,
No tronco de huma faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:

Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Sómente em ser mudavel tẽe firmeza.

XV

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não póde tirar-me as esperanças,
Pois mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vêde que perigosas seguranças!
Pois não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas com quanto não póde haver desgôsto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor hum mal, que mata e não se vê.

Que dias ha que na alma me tẽe posto
Hum não sei que, que nasce não sei onde;
Vem não sei como; e doe não sei porque.

XVI

Quem vê, Senhora, claro e manifesto
O lindo ser de vossos olhos bellos,
Se não perder a vista só com vellos,
Ja não paga o que deve a vosso gesto.

Este me parecia preço honesto;
Mas eu, por de vantàgem merecellos,
Dei mais a vida e alma por querellos;
Donde ja me não fica mais de resto.

Assi que alma, que vida, que esperança,
E que quanto fôr meu, he tudo vosso:
Mas de tudo o interêsse eu só o levo.

Porque he tamanha bem-aventurança
O dar-vos quanto tenho, e quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

XVII

Quando da bella vista e doce riso
Tomando estão meus olhos mantimento,
Tão elevado sinto o pensamento,
Que me faz vêr na terra o Paraiso.

Tanto do bem humano estou diviso,
Que qualquer outro bem julgo por vento:
Assi que em termo tal, segundo sento,
Pouco vem a fazer quem perde o siso.

Em louvar-vos, Senhora, não me fundo;
Porque quem vossas graças claro sente,
Sentirá que não póde conhecellas.

Pois de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não he de estranhar, Dama excellente,
Que quem vos fez, fizesse Ceo e Estrellas.

XVIII

Doces lembranças da passada gloria,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixai-me descansar em paz hum'hora,
Que comigo ganhais pouca victoria.

Impressa tenho na alma larga historia
Deste passado bem, que nunca fôra;
Ou fôra, e não passára: mas ja agora
Em mi não póde haver mais que a memoria.

Vivo em lembranças, morro de esquecido
De quem sempre devêra ser lembrado,
Se lhe lembrára estado tão contente.

Oh quem tornar pudéra a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

XIX

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente,
Que ja nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Algũa cousa a dôr que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te;

Róga a Deos que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

XX

N'hum bosque, que das Nymphas se habitava,
Sibella, Nympha linda, andava hum dia;
E subida em huma árvore sombria,
As amarellas flôres apanhava.

Cupido, que alli sempre costumava
A vir passar a sésta á sombra fria,
Em hum ramo arco e settas, que trazia,
Antes que adormecesse, pendurava.

A Nympha, como idoneo tempo vira
Para tamanha empresa, não dilata;
Mas com as armas foge ao moço esquivo.

As settas traz nos olhos, com que tira.
Ó Pastores! fugi, que a todos mata,
Senão a mim, que de matar-me vivo.

XXI

Os Reinos e os Imperios poderosos,
Que em grandeza no mundo mais crescêrão;
Ou por valor de esfôrço florecêrão,
Ou por Barões nas letras espantosos.

Teve Grecia Themistocles famosos;
Os Scipiões a Roma engrandecêrão;
Doze Pares a França gloria derão;
Cides a Hespanha, e Laras bellicosos.

Ao nosso Portugal, que agora vêmos
Tão differente de seu ser primeiro,
Os vossos derão honra e liberdade.

E em vós, grão successor e novo herdeiro
Do Bragançâo Estado, ha mil extremos
Iguaes ao sangue, e móres que a idade.

XXII

De vós me parto, ó vida, e em tal mudança
Sinto vivo da morte o sentimento.
Não sei para que he ter contentamento,
Se mais ha de perder quem mais alcança.

Mas dou-vos esta firme segurança:
Que postoque me mate o meu tormento,
Por as aguas do eterno esquecimento
Segura passará minha lembrança.

Antes sem vós meus olhos se entristeção,
Que com cousa outra alguma se contentem:
Antes os esqueçais, que vos esqueção.

Antes nesta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereção
A gloria que em soffrer tal pena sentem.

XXIII

Chara minha inimiga, em cuja mão
Poz meus contentamentos a ventura,
Faltou-te a ti na terra sepultura,
Porque me falte a mi consolação.

Eternamente as águas lograrão
A tua peregrina formosura:
Mas em quanto me a mim a vida dura,
Sempre viva em minha alma te acharão.

E se meus rudos versos podem tanto,
Que possão prometter-te longa historia
De aquelle amor tão puro e verdadeiro;

Celebrada serás sempre em meu canto:
Porque em quanto no mundo houver memoria,
Será a minha escriptura o teu letreiro.

XXIV

Aquella triste e leda madrugada,
Cheia toda de mágoa e de piedade,
Em quanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.

Ella só, quando amena e marchetada
Sahia, dando á terra claridade,
Vio apartar-se de huma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada;

Ella só vio as lagrimas em fio,
Que de huns e de outros olhos derivadas,
Juntando-se, formárão largo rio;

Ella ouvio as palavras magoadas,
Que poderão tornar o fogo frio,
E dar descanso ás almas condemnadas.

XXV

Se quando vos perdi, minha esperança,
A memoria perdêra juntamente
Do doce bem passado e mal presente,
Pouco sentíra a dôr de tal mudança.

Mas Amor, em quem tinha confiança,
Me representa mui miudamente
Quantas vezes me vi ledo e contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.

De cousas de que apenas hum signal
Havia, porque as dei ao esquecimento,
Me vejo com memorias perseguido.

Ah dura estrella minha! Ah grão tormento!
Que mal póde ser mór, que no meu mal
Ter lembranças do bem que he ja passado?

XXVI

Em formosa Lethea se confia,
Por onde vaidade tanta alcança,
Que, tornada em soberba a confiança,
Com os deoses celestes competia.

Porque não fosse ávante esta ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança)
Em effeito puzerão a vingança
Que tamanha doudice merecia.

Mas Oleno, perdido por Lethea,
Não lhe soffrendo Amor que supportasse
Duro castigo em tanta formosura,

Quiz a pena tomar da culpa alhea:
Mas, porque a Morte Amor não apartasse,
Ambos tornados são em pedra dura.

XXVII

Males, que contra mim vos conjurastes,
Quanto ha de durar tão duro intento?
Se dura, porque dure meu tormento,
Baste-vos quanto ja me atormentastes.

Mas se assi porfiais, porque cuidastes
Derribar o meu alto pensamento,
Mais póde a causa delle, em que o sustento,
Que vós, que della mesma o ser tomastes.

E pois vossa tenção com minha morte
He de acabar o mal destes amores,
Dai ja fim a tormento tão comprido.

Assi de ambos contente será a sorte;
Em vós por acabar-me, vencedores,
Em mim porque acabei de vós vencido.

XXVIII

Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta;
Nas bellas faces, e na boca e testa,
Cecens, rosas, e cravos debuxando.

De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto póde manifesta,
Que o monte, o campo, o rio, e a floresta,
Se estão de vós, Senhora, namorando.

Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colhêr o fructo destas flores,
Perderão toda a graça os vossos olhos.

Porque pouco aproveita, linda Dama,
Que semeasse o Amor em vós amores,
Se vossa condição produze abrolhos.

XXIX

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Raquel, serrana bella:
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança de hum só dia
Passava, contentando-se com vella:
Porém o pae, usando de cautella,
Em logar de Raquel lhe deo a Lia.

Vendo o triste Pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua Pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servíra, senão fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

XXX

Está o lascivo e doce passarinho
  Com o biquinho as pennas ordenando;
  O verso sem medida, alegre e brando,
  Despedindo no rustico raminho.

O cruel caçador, que do caminho
  Se vem callado e manso desviando,
  Com prompta vista a setta endireitando,
  Lhe dá no Estygio Lago eterno ninho.

Desta arte o coração, que livre andava,
  (Postoque ja de longe destinado)
  Onde menos temia, foi ferido.

Porque o frecheiro cego-me esperava,
  Para que me tomasse descuidado,
  Em vossos claros olhos escondido.

XXXI

Pede o desejo, Dama, que vos veja:
  Não entende o que pede; está enganado.
  He este amor tão fino e tão delgado,
  Que quem o tẽe, não sabe o que deseja.

Não ha cousa, a qüal natural seja,
  Que não queira perpétuo o seu estado.
  Não quer logo o desejo o desejado,
  Só porque nunca falte onde sobeja.

Mas este puro affecto em mim se dana:
  Que, como a grave pedra tẽe por arte
  O centro desejar da natureza;

Assi meu pensamento por a parte,
  Que vai tomar de mi, terreste e humana,
  Foi, Senhora, pedir esta baixeza.

XXXII

Porque quereis, Senhora, que offereça
A vida a tanto mal como padeço?
Se vos nasce do pouco que eu mereço,
Bem por nascer está quem vos mereça.

Entendei que por muito que vos peça,
Poderei merecer quanto vos peço;
Pois não consente Amor que em baixo preço
Tão alto pensamento se conheça.

Assi que a paga igual de minhas dôres
Com nada se restaura; mas devêsma
Por ser capaz de tantos desfavores.

E se o valor de vossos amadores
Houver de ser igual comvosco mesma,
Vós só comvosco mesma andai de amores.

XXXIII

Se tanta pena tenho merecida
Em pago de soffrer tantas durezas:
Provai, Senhora, em mi vossas cruezas,
Que aqui tendes huma alma offerecida.

Nella experimentai, se sois servida,
Desprezos, desfavores e asperezas;
Que móres soffrimentos e firmezas
Sustentarei na guerra desta vida.

Mas contra vossos olhos quaes serão?
He preciso que tudo se lhes renda;
Mas porei por escudo o coração.

Porque em tão dura e áspera contenda
He bem que, pois não acho defensão,
Com mĕter-me nas lanças me defenda.

XXXIV

Quando o sol encoberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta e duvidosa,
Ao longo de huma praia deleitosa
Vou na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi os cabellos concertando;
Alli co'a mão na face, tão formosa;
Aqui fallando alegre, alli cuidosa;
Agora estando quêda, agora andando.

Aqui esteve sentada, alli me vio,
Erguendo aquelles olhos, tão isentos;
Commovida aqui hum pouco, alli segura.

Aqui se entristeceo, alli se rio:
E, em fim, nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vãa, que sempre dura.

XXXV

Hum mover de olhos, brando e piedoso,
Sem vêr de que; hum riso brando e honesto,
Quasi forçado; hum doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso:

Hum despejo quieto e vergonhoso;
Hum repouso gravissimo e modesto;
Huma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso:

Hum encolhido ousar; huma brandura;
Hum medo sem ter culpa; hum ar sereno;
Hum longo e obediente soffrimento;

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

XXXVI

Tomou-me vossa vista soberana
 Adonde tinha as armas mais á mão,
 Por mostrar a quem busca defensão
 Contra esses bellos olhos, que se engana.

Por ficar da victoria mais ufana,
 Deixou-me armar primeiro da razão.
 Bem salvar-me cuidei, mas foi em vão,
 Que contra o Ceo não val defensa humana.

Com tudo, se vos tinha promettido
 O vosso alto destino esta victoria,
 Ser-vos ella bem pouca está entendido.

Pois, aindaque eu me achasse apercebido,
 Não levais de vencer-me grande gloria,
 Eu a levo maior de ser vencido.

XXXVII

Não passes, caminhante. Quem me chama?
 Hũa memoria nova e nunca ouvida,
 De hum que trocou finita e humana vida
 Por divina, infinita, e clara fama.

Quem he, que tão gentil louvor derrama?
 Quem derramar seu sangue não duvída,
 Por seguir a bandeira esclarecida
 De hum capitão de Christo que mais ama.

Ditoso fim, ditoso sacrificio,
 Que a Deos se fez e ao mundo juntamente!
 Pregoando direi tão alta sorte.

Mais poderás contar a toda a gente
 Que sempre deo na vidà claro indicio
 De vir a merecer tão santa morte.

XXXVIII

Formosos olhos, que na idade nossa
Mostrais do Ceo certissimos signais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhai-me a mim, que sou feitura vossa.

Vereis que do viver me desapossa
Aquelle riso com que a vida dais:
Vereis como de Amor não quero mais,
Por mais que o tempo corra, o damno possa.

E se vêr-vos nesta alma, emfim, quizerdes,
Como em hum claro espelho, alli vereis
Tambem a vossa angelica e serena.

Mas eu cuido que, só por me não vêrdes,
Vêr-vos em mim, Senhora, não quereis:
Tanto gôsto levais de minha pena!

XXXIX

O fogo que na branda cera ardia,
Vendo o rosto gentil, que eu na alma vejo,
Se accendeo de outro fogo do desejo
Por alcançar a luz que vence o dia.

Como de dous ardores se encendia,
Da grande impaciencia fez despejo,
E remettendo com furor sobejo,
Vos foi beijar na parte onde se via.

Ditosa aquella flamma que se atreve
A apagar seus ardores e tormentos
Na vista a quem o sol temores deve!

Namorão-se, Senhora, os Elementos
De vós, e queima o fogo aquella neve
Que queima corações e pensamentos.

XL

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras e frescas águas de crystal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos:

Sylvestres montes, ásperos penedos
Compostos de concêrto desigual;
Sabei que sem licença de meu mal
Ja não podeis fazer meus olhos ledos.

E pois ja me não vêdes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem águas que correndo alegres vem.

Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

XLI

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seio,
Outras tantas de hum áspero receio
Salteado Laurenio a côr perdia.

Ella, que a Sylvio mais que a si queria,
Para podê-lo vêr não tinha meio.
Ora como curára o mal alheio
Quem o seu mal tão mal curar podia?

Elle, que vio tão clara esta verdade,
Com soluços dizia (que a espessura
Inclinavão, de mágoa, a piedade):

Como póde a desordem da natura
Fazer tão differentes na vontade
Aos que fez tão conformes na ventura?

XLII

Lindo e subtil trançado, que ficaste
Em penhor do remedio que mereço,
Se só comtigo, vendo-te, endoudeço,
Que fôra co'os cabellos que apertaste?

Aquellas tranças de ouro que ligaste,
Que os raios do sol tẽe em pouco preço,
Não sei se ou para engano do que peço,
Ou para me matar as desataste.

Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfação de minhas dôres,
Como quem não tẽe outra, hei de tomar-te.

E se não fôr contente o meu desejo,
Dir-lhe-hei que nesta regra dos amores
Por o todo tambem se toma a parte.

XLIII

O cysne quando sente ser chegada
A hora que põe termo á sua vida,
Harmonia maior, com voz sentida,
Levanta por a praia inhabitada.

Deseja lograr vida prolongada,
E della está chorando a despedida:
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.

Assi, Senhora minha, quando eu via
O triste fim que davão meus amores,
Estando posto ja no extremo fio;

Com mais suave accento de harmonia
Descantei por os vossos desfavores
La vuestra falsa fe, y el amor mio.

XLIV

Por os raros extremos que mostrou
Em sábia Pallas, Venus em formosa,
Diana em casta, Juno em animosa,
Africa, Europa e Asia as adorou.

Aquelle saber grande que juntou
Esprito e corpo em liga generosa,
Esta mundana máchina lustrosa,
De sós quatro elementos fabricou.

Mas fez maior milagre a natureza
Em vós, Senhoras, pondo em cada hũa
O que por todas quatro repartio.

A vós seu resplandor deo sol e lũa:
A vós com viva luz, graça e pureza,
Ar, Fogo, Terra e Água vos servio.

XLV

Tomava Daliana por vingança
Da culpa do pastor que tanto amava,
Casar com Gil vaqueiro; e em si vingava
O êrro alheio, e perfida esquivança.

A discrição segura, a confiança
Das rosas que o seu rosto debuxava,
O descontentamento lhas mudava;
Que tudo muda huma áspera mudança.

Gentil planta disposta em sêcca terra;
Lindo fructo de dura mão colhido;
Lembranças de outro amor, e fé perjura,

Tornárão verde prado em serra dura;
Interêsse enganoso, amor fingido,
Fizerão desditosa a formosura.

XLVI

Grão tempo ha ja que soube da Ventura
A vida que me tinha destinada;
Que a longa experiencia da passada
Me dava claro indicio da futura.

Amor fero e cruel, Fortuna escura,
Bem tendes vossa fôrça exprimentada:
Assolai, destrui, não fique nada;
Vingai-vos desta vida, que inda dura.

Soube Amor da Ventura, que a não tinha,
E porque mais sentisse a falta della,
De imagens impossiveis me mantinha.

Mas vós, Senhora, pois que minha estrella
Não foi melhor, vivei nesta alma minha:
Que não tẽe a Fortuna podêr nella.

XLVII

Se sómente hora alguma em vós piedade
De tão longo tormento se sentíra,
Amor sofrêra mal que eu me partíra
De vossos olhos, minha Saudade.

Apartei-me de vós, mas a vontade,
Que por o natural na alma vos tira,
Me faz crêr que esta ausencia he de mentira;
Porém venho a provar que he de verdade.

Ir-me-hei, Senhora; e neste apartamento
Lagrimas tristes tomarão vingança
Nos olhos de quem fostes mantimento.

Desta arte darei vida a meu tormento;
Que, em fim, cá me achará minha lembrança
Sepultado no vosso esquecimento.

XLVIII

Oh como se me alonga de anno em anno
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
Este meu breve e vão discurso humano!

Mingoando a idade vai, crescendo o dano;
Perdeo-se-me hum remedio, que inda tinha:
Se por experiencia se adivinha,
Qualquer grande esperança he grande engano.

Corro apoz este bem que não se alcança;
No meio do caminho me fallece;
Mil vezes caio, e perco a confiança.

Quando elle foge, eu tardo; e na tardança,
Se os olhos ergo a vêr se inda apparece,
Da vista se me perde, e da esperança.

XLIX

Ja he tempo, ja, que minha confiança
Se desça de huma falsa opinião:
Mas Amor não se rege por razão;
Não posso perder, logo, a esperança.

A vida si; que huma áspera mudança
Não deixa viver tanto hum coração,
E eu só na morte tenho a salvação:
Si: mas quem a deseja não a alcança.

Forçado he logo que eu espere e viva.
Ah dura lei de Amor, que não consente
Quietação n'hum'alma que he captiva!

Se hei de viver, em fim, forçadamente,
Para que quero a gloria fugitiva
De huma esperança vãa que me atormente?

L

Amor, com a esperança ja perdida
Teu soberano templo visitei:
Por signal do naufragio que passei,
Em logar dos vestidos, puz a vida.

Que mais queres de mi, pois destruida
Me tẽes a gloria toda que alcancei?
Não cuides de render-me; que não sei
Tornar a entrar-me onde não ha sahida.

Vês aqui a vida, e a alma, e a esperança,
Doces despojos de meu bem passado,
Em quanto o quiz aquella que eu adoro.

Nellas podes tomar de mi vingança:
E se te queres inda mais vingado,
Contenta-te co'as lagrimas que chóro.

LI

Apollo e as nove Musas, descantando
Com a dourada lyra, me influião
Na suave harmonia que fazião,
Quando tomei a penna, começando:

Ditoso seja o dia e hora, quando
Tão delicados olhos me ferião!
Ditosos os sentidos que sentião
Estar-se em seu desejo traspassando!

Assi cantava, quando Amor virou
A roda á esperança, que corria
Tão ligeira, que quasi era invisibil.

Converteo-se-me em noite o claro dia;
E se alguma esperança me ficou,
Será de maior mal, se fôr possibil.

LII

Lembranças saudosas, se cuidais
De me acabar a vida neste estado,
Não vivo com meu mal tão enganado,
Que não espere delle muito mais.

De longo tempo ja me costumais
A viver de algum bem desesperado:
Ja tenho co'a Fortuna concertado
De soffrer os tormentos que me dais.

Atada ao remo tenho a paciencia
Para quantos desgostos der a vida;
Cuide quanto quizer o pensamento.

Que pois não posso ter mais resistencia
Para tão dura quéda, de subida,
Aparar-lhe-hei debaixo o soffrimento.

LIII

Apartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava;
Que o pastor na memoria a debuxava,
Por podêr sustentar-se deste engano.

Por huma praia do Indico Oceano
Sôbre o curvo cajado se encostava,
E os olhos por as águas alongava,
Que pouco se doião de seu dano.

Pois com tamanha mágoa e saudade,
(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro,
Por testimunhas tómo Ceo e Estrellas.

Mas se em vós, ondas, mora piedade,
Levai tambem as lagrimas que chóro,
Pois assi me levais a causa dellas.

LIV

Quando vejo que meu destino ordena
Que, por me exprimentar, de vós me aparte,
Deixando de meu bem tão grande parte,
Que a mesma culpa fica grave pena;

O duro desfavor, que me condena,
Quando por a memoria se reparte,
Endurece os sentidos de tal arte
Que a dôr da ausencia fica mais pequena.

Mas como póde ser que na mudança
D'aquillo que mais quero, estê tão fóra
De me não apartar tambem da vida?

Eu refrearei tão áspera esquivança:
Porque mais sentirei partir, Senhora,
Sem sentir muito a pena da partida.

LV

Depois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos suspiros vãos vãamente dados,

Como não sois vós ja desenganados,
Desejos, que de cousas esquecidas
Quereis remediar mortaes feridas,
Que Amor fez sem remedio, o Tempo, os Fados?

Se não tivereis ja longa exp'riencia
Das semrazões de Amor a quem servistes,
Fraqueza fôra em vós a resistencia.

Mas pois por vosso mal seus males vistes,
Que o tempo não curou, nem larga ausencia,
Qual bem delle esperais, desejos tristes?

LVI

Naiades, vós que os rios habitais,
Que os saudosos campos vão regando,
De meus olhos vereis estar manando
Outros que quasi aos vossos são iguais.

Dryades, que com setta sempre andais
Os fugitivos cervos derribando,
Outros olhos vereis, que triumphando
Derribão corações, que valem mais.

Deixai logo as aljavas e águas frias,
E vinde, Nymphas bellas, se quereis,
A vêr como de huns olhos nascem mágoas.

Notareis como em vão passão os dias;
Mas em vão não vireis, porque achareis
Nos seus as settas, e nos meus as ágoas.

LVII

Mudão-se os tempos, mudão-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança:
Todo o mundo he composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vêmos novidades,
Differentes em tudo da esperança:
Do mal ficão as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que ja coberto foi de neve fria,
E em mi converte em chôro o doce canto.

E afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mór espanto,
Que não se muda ja como sohia.

LVIII

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Permittirem que eu tanto viva dellas,
Que veja escuro o lume das estrellas,
Em cuja vista o meu se accende e mata;

E se o tempo, que tudo desbarata,
Seccar as frescas rosas, sem colhellas,
Deixando a linda côr das tranças bellas
Mudada de ouro fino em fina prata;

Tambem, Senhora, então vereis mudado
O pensamento e a aspereza vossa,
Quando não sirva ja sua mudança.

Vêr-vos-heis suspirar por o passado,
Em tempo quando executar-se possa
No vosso arrepender minha vingança.

LIX

Quem jaz no grão sepulchro, que descreve
Tão illustres signaes no forte escudo?
Ninguem; que nisso, em fim se torna tudo:
Mas foi quem tudo póde e tudo teve.

Foi Rei? Fez tudo quanto a Rei se deve:
Poz na guerra e na paz devido estudo.
Mas quão pezado foi ao Mouro rudo,
Tanto lhe seja agora a terra leve.

Alexandro será? Ninguem se engane:
Mais que o adquirir, o sustentar estima.
Será Hadriano grão Senhor do mundo?

Mais observante foi da Lei de cima.
He Numa? Numa não, mas he Joane
De Portugal Terceiro sem segundo.

LX

Quem póde livre ser, gentil Senhora,
Vendo-vos com juizo socegado,
Se o menino, que de olhos he privado,
Nas meninas de vossos olhos mora?

Alli manda, alli reina, alli namora,
Alli vive das gentes venerado;
Que o vivo lume, e o rosto delicado,
Imagens são adonde Amor se adora.

Quem vê que em branca neve nascem rosas
Que crespos fios de ouro vão cercando,
Se por entre esta luz a vista passa,

Raios de ouro verá, que as duvidosas
Almas estão no peito traspassando,
Assi como hum crystal o sol traspassa.

LXI

Como fizeste, ó Porcia, tal ferida?
Foi voluntaria, ou foi por innocencia?
He que Amor fazer só quiz exp'riencia
Se podia eu soffrer tirar-me a vida.

E com teu proprio sangue te convida
A que faças á morte resistencia?
He que costume faço da paciencia,
Porque o temor morrer me não impida.

Pois porque estás comendo fogo ardente,
Se a ferro te costumas? He que ordena
Amor que morra, e pene juntamente.

E tẽes a dôr do ferro por pequena?
Si; que a dôr costumada não se sente;
E não quero eu a morte sem a pena.

LXII

De tão divino accento em voz humana,
  De elegancias que são tão peregrinas,
  Sei bem que minhas obras não são dinas;
  Que o rudo engenho meu me desengana.

Porém da vossa penna illustre mana
  Licôr que vence as águas Caballinas;
  E comvosco do Tejo as flôres finas
  Farão inveja á cópia Mantuana.

E pois, a vós de si não sendo avaras,
  As filhas de Mnemosine formosa
  Partes dadas vos tẽe ao mundo claras;

A minha Musa, e a vossa tão famosa,
  Ambas se podem nelle chamar raras,
  A vossa de alta, a minha de invejosa.

LXIII

Debaixo desta pedra está metido,
  Das sanguinosas armas descansado,
  O Capitão illustre e assinalado
  Dom Fernando de Castro esclarecido.

Este por todo o Oriente tão temido,
  Este da propria inveja tão cantado,
  Este, em fim, raio de Mavorte irado,
  Aqui está agora em terra convertido.

Alegra-te, ó guerreira Lusitania,
  Por est'outro Viriato que criaste,
  E chora a perda sua eternamente.

Exemplo toma nisto de Dardania;
  Que se a Roma com elle anniquilaste,
  Nem por isso Carthago está contente.

LXIV

Que vençais no Oriente tantos Reis,
Que de novo nos deis da India o Estado,
Que escureçais a fama que hão ganhado
Aquelles, que a ganhárão de infieis;

Que vencidas tenhais da morte as leis,
E que vencesseis tudo, em fim, armado,
Mais he vencer na patria, desarmado,
Os monstros e as Chimeras que venceis.

Sôbre vencerdes, pois, tanto inimigo,
E por armas fazer que sem segundo
No mundo o vosso nome ouvido seja;

O que vos dá mais fama inda no mundo,
He vencerdes, Senhor, no Reino amigo,
Tantas ingratidões, tão grande inveja.

LXV

Vossos olhos, Senhora, que competem
Com o sol em belleza e claridade,
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lagrimas de vê-los se derretem.

Meus sentidos prostrados se submetem
Assi cegos a tanta magestade;
E da triste prisão, da escuridade,
Cheios de medo, por fugir, remetem.

Porém se então me vêdes por acêrto,
Esse áspero desprêzo com que olhais
Me torna a animar a alma enfraquecida.

Oh gentil cura! Oh estranho desconcêrto!
Que dareis co'hum favor que vós não dais,
Quando com hum desprêzo me dais vida?

LXVI

Formosura do Ceo a nós descida,
Que nenhum coração deixas isento,
Satisfazendo a todo pensamento,
Sem que sejas de algum bem entendida;

Qual lingoa póde haver tão atrevida,
Que tenha de louvar-te atrevimento,
Pois a parte melhor do entendimento,
No menos que em ti ha se vê perdida?

Se em teu valor contemplo a menor parte,
Vendo que abre na terra hum paraiso,
Logo o engenho me falta, o esprito míngoa.

Mas o que mais me impede inda louvar-te,
He que quando te vejo perco a lingoa,
E quando não te vejo perco o siso.

LXVII

Pois meus olhos não cansão de chorar
Tristezas não cansadas de cansar-me;
Pois não se abranda o fogo em que abrazar-me
Pôde quem eu jamais pude abrandar;

Não canse o cego Amor de me guiar
Onde nunca de lá possa tornar-me;
Nem deixe o mundo todo de escutar-me,
Em quanto a fraca voz me não deixar.

E se em montes, se em prados, e se em valles
Piedade mora alguma, algum amor
Em feras, plantas, aves, pedras, agoas;

Oução a longa historia de meus males,
E curem sua dôr com minha dôr;
Que grandes mágoas podem curar mágoas.

LXVIII

Dai-me hũa lei, Senhora, de querer-vos,
Porque a guarde sobpena de enojar-vos;
Pois a fé que me obriga a tanto amar-vos
Fará que fique em lei de obedecer-vos.

Tudo me defendei, senão só vêr-vos
E dentro na minha alma contemplar-vos;
Que se assi não chegar a contentar-vos,
Ao menos nunca chegue a aborrecer-vos.

E se essa condição cruel e esquiva
Que me deis lei de vida não consente,
Dai-ma, Senhora, ja, seja de morte.

Se nem essa me dais, he bem que viva,
Sem saber como vivo, tristemente;
Mas contente estarei com a minha sorte.

LXIX

Ferido sem ter cura perecia
O forte e duro Télepho temido
Por aquelle que na água foi metido,
E a quem ferro nenhum cortar podia.

Quando a Apollineo Oraculo pedia
Conselho para ser restituido,
Respondeo-lhe, tornasse a ser ferido
Por quem o ja feríra, e sararia.

Assi, Senhora, quer minha ventura;
Que ferido de vêr-vos claramente,
Com tornar-vos a vêr Amor me cura.

Mas he tão doce vossa formosura,
Que fico como o hydropico doente,
Que bebendo lhe cresce mór seccura.

LXX

Na metade do Ceo subido ardia
 O claro, almo Pastor, quando deixavão
 O verde pasto as cabras, e buscavão
 A frescura suave da água fria.

Com a folha das árvores, sombria,
 Do raio ardente as aves se amparavão:
 O módulo cantar, de que cessavão,
 Só nas roucas cigarras se sentia.

Quando Liso pastor n'hum campo verde
 Natercia, crua Nympha, só buscava
 Com mil suspiros tristes que derrama.

Porque te vás de quem por ti se perde,
 Para quem pouco te ama? (suspirava)
 E o echo lhe responde: Pouco te ama.

LXXI

Ja a rôxa e branca Aurora destoucava
 Os seus cabellos de ouro delicados,
 E das flôres os campos esmaltados
 Com crystallino orvalho borrifava;

Quando o formoso gado se espalhava
 De Sylvio e de Laurente por os prados;
 Pastores ambos, e ambos apartados,
 De quem o mesmo amor não se apartava.

Com verdadeiras lagrimas Laurente,
 Não sei, (dizia) ó Nympha delicada,
 Porque não morre ja quem vive ausente:

Pois a vida sem ti não presta nada.
 Responde Sylvio: Amor não o consente;
 Que offende as esperanças da tornada.

LXXII

Quando de minhas mágoas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquella alma me apparece,
Que para mi foi sonho nesta vida.

Lá n'huma soidade, onde estendida
A vista por o campo desfallece,
Corro apoz ella; e ella então parece
Que mais de mi se alonga, compellida.

Brado: Não me fujais, sombra benina.
Ella (os olhos em mi co'hum brando pejo,
Como quem diz, que ja não póde ser)

Torna a fugir-me: torno a bradar: *Dina*...
E antes que diga *mene,* acórdo, e vejo
Que nem hum breve engano posso ter.

LXXIII

Suspiros inflammados que cantais
A tristeza com que eu vivi tão ledo,
Eu morro e não vos levo, porque hei medo
Que ao passar do Letheio vos percais.

Escriptos para sempre ja ficais
Onde vos mostrarão todos co'o dedo,
Como exemplo de males; e eu concedo
Que para aviso de outros estejais.

Em quem, pois, virdes largas esperanças
De Amor e da Fortuna, (cujos danos
Alguns terão por bem-aventuranças)

Dizei-lhe, que os servistes muitos annos,
E que em Fortuna tudo são mudanças,
E que em Amor não ha senão enganos.

LXXIV

Aquella fera humana que enriquece
A sua presunçosa tyrannia
Destas minhas entranhas, onde cria
Amor hum mal, que falta quando crece;

Se nella o Ceo mostrou (como parece)
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Porque de minha vida se injuría?
Porque de minha morte se ennobrece?

Ora, em fim, sublimai vossa victoria,
Senhora, com vencer-me e captivar-me:
Fazei della no mundo larga historia,

Pois, por mais que vos veja atormentar-me,
Ja me fico logrando desta gloria
De vêr que tendes tanta de matar-me.

LXXV

Ditoso seja aquelle que sómente
Se queixa de amorosas esquivanças;
Pois por ellas não perde as esperanças
De poder n'algum tempo ser contente.

Ditoso seja quem estando ausente
Não sente mais que a pena das lembranças;
Porqu'inda que se tema de mudanças,
Menos se teme a dôr quando se sente.

Ditoso seja, em fim, qualquer estado,
Onde enganos, desprêzos e isenção
Trazem hum coração atormentado.

Mas triste quem se sente magoado
De erros em que não póde haver perdão
Sem ficar na alma a mágoa do peccado.

LXXVI

Quem fosse acompanhando juntamente
Por esses verdes campos a avezinha,
Que despois de perder hum bem que tinha,
Não sabe mais que cousa he ser contente!

E quem fosse apartando-se da gente,
Ella por companheira e por vizinha,
Me ajudasse a chorar a pena minha,
E eu a ella tambem a que ella sente!

Ditosa ave! que ao menos, se a natura
A seu primeiro bem não dá segundo,
Dá-lhe o ser triste a seu contentamento.

Mas triste quem de longe quiz ventura
Que para respirar lhe falte o vento,
E para tudo, em fim, lhe falte o mundo!

LXXVII

O culto divinal se celebrava
No templo donde toda criatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.

Amor alli, que o tempo me aguardava
Onde a vontade tinha mais segura,
Com huma rara e angelica figura
A vista da razão me salteava.

Eu crendo que o lugar me defendia
De seu livre costume, não sabendo
Que nenhum confiado lhe fugia,

Deixei-me captivar: mas hoje vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.

LXXVIII

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra hum paraiso;
Entre rubís e perlas doce riso,
Debaixo de ouro e neve côr de rosa;

Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se póde por arte e por aviso,
Como por natureza, ser formosa;

Falla de que ou ja vida, ou morte pende,
Rara e suave, em fim, Senhora, vossa,
Repouso na alegria comedido;

Estas as armas são com que me rende
E me captiva Amor; mas não que possa
Despojar-me da gloria de rendido.

LXXIX

Bem sei, Amor, que he certo o que receio;
Mas tu, porque com isso mais te apuras,
De manhoso mo negas, e mo juras
Nesse teu arco de ouro; e eu te creio.

A mão tenho metida no meu seio,
E não vejo os meus damnos ás escuras:
Porém porfias tanto e me asseguras,
Que me digo que minto, e que me enleio.

Nem sómente consinto neste engano,
Mas inda to agradeço, e a mi me nego
Tudo o que vejo e sinto de meu dano.

Oh poderoso mal a que me entrego!
Que no meiŏ do justo desengano
Me possa inda cegar hum moço cego?

LXXX

Como quando do mar tempestuoso
O marinheiro todo trabalhado,
De hum naufragio cruel sahindo a nado,
Só de ouvir fallar nelle está medroso:

Firme jura que o vê-lo bonançoso
Do seu lar o não tire socegado;
Mas esquecido ja do horror passado,
Delle a fiar se torna cobiçoso:

Assi, Senhora, eu que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvar-me,
Jurando de não mais em outra vêr-me;

Com a alma que de vós nunca se ausenta,
Me tórno, por cobiça de ganhar-me,
Onde estive tão perto de perder-me.

LXXXI

Amor he hum fogo que arde sem se ver;
He ferida que doe e não se sente;
He hum contentamento descontente;
He dôr que desatina sem doer;

He hum não querer mais que bem querer;
He solitario andar por entre a gente;
He hum não contentar-se de contente;
He cuidar que se ganha em se perder;

He hum estar-se prêso por vontade;
He servir a quem vence o vencedor;
He hum ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrário o mesmo Amor?

LXXXII

Se pena por amar-vos se merece,
Quem della estará livre? quem isento?
E que alma, que razão, que entendimento
No instante em que vos vê não obedece?

Qual mór gloria na vida ja se offrece,
Que a de occupar-se em vós o pensamento?
Não só todo rigor, todo tormento
Como vêr-vos não magôa, mas se esquece.

Porém se heis de matar a quem amando,
Ser vosso de amor tanto só pretende,
O mundo matareis, que todo he vosso.

Em mi podeis, Senhora, ir começando,
Pois bem claro se mostra e bem se entende
Amar-vos quanto devo e quanto posso.

LXXXIII

Que levas, cruel Morte? Hum claro dia.
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Não o entendo.
Pois quem to faz levar? Quem o entendia.

Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou sua luz? Anoitecendo.
Lusitania que diz? Fica dizendo...
Que diz? Não mereci a grã Maria.

Mataste a quem a vio? Ja morto estava.
Que discorre o Amor? Fallar não ousa.
E quem o faz callar? Minha vontade.

Na Côrte que ficou? Saudade brava.
Que fica lá que vêr? Nenhuma cousa.
Que gloria lhe faltou? Esta beldade.

LXXXIV

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora sôbre as rosas esparzidos
Fazeis que a sua graça se accrescente;

Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos raios incendidos,
Se de cá me levais a alma e sentidos,
Que fôra, se eu de vós não fôra ausente?

Honesto riso, que entre a mór fineza
De perlas e coraes nasce e apparece;
Oh quem seus doces ecos ja lhe ouvisse!

Se imaginando só tanta belleza,
De si com nova gloria a alma se esquece,
Que será quando a vir? Ah quem a visse!

LXXXV

Foi ja n'hum tempo doce cousa amar,
Em quanto me enganou huma esperança:
O coração com esta confiança
Todo se desfazia em desejar.

Oh vão, caduco e debil esperar!
Como, em fim, desengana huma mudança!
Que quanto he mór a bem-aventurança,
Tanto menos se crê que ha de durar.

Quem ja se vio com gostos prosperado,
Vendo-se brevemente em pena tanta,
Razão tẽe de viver bem magoado.

Mas quem ja tẽe o mundo exprimentado,
Não o magôa a pena, nem o espanta;
Que mal se estranhára o costumado.

LXXXVI

Dos antigos Illustres, que deixárão
Hum nome digno de immortal memoria,
Ficou por luz do tempo a larga historia
Dos feitos em que mais se avantajárão.

Se com suas acções se cotejárão
Mil vossas, cada huma tão notoria,
Vencêra a menor dellas a mór gloria
Que elles em tantos annos alcançárão.

A gloria sua foi: ninguem lha tome:
Seguindo cada qual varios caminhos
Estatuas mereceo no heroico Templo.

Vós honra Portugueza e dos Coutinhos,
Clarissimo Dom João, com melhor nome
A vós encheis de gloria, a nós de exemplo.

LXXXVII

Conversação doméstica affeiçoa,
Ora em fórma de limpa e sãa vontade,
Ora de huma amorosa piedade,
Sem olhar qualidade de pessoa.

Se despois, por ventura, vos magôa
Com desamor e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando Amor, que tudo, em fim, perdoa,

Não são isto que fallo conjecturas
Que o pensamento julga na apparencia,
Por fazer delicadas escripturas.

Metida tenho a mão na consciencia,
E não fallo senão verdades puras
Que me ensinou a viva experiencia.

LXXXVIII

Esfôrço grande, igual ao pensamento,
Pensamentos em obras divulgados,
E não em peito timido encerrados,
E desfeitos despois em chuva e vento;

Animo da cobiça baixa isento,
Digno por isto só de altos estados,
Fero açoute dos nunca bem domados
Povos do Malabar sanguinolento;

Gentileza de membros corporaes
Ornados de pudíca continencia,
Obra por certo da celeste altura:

Estas virtudes raras e outras mais,
Dignas todas da Homerica eloquencia,
Jazem debaixo desta sepultura.

LXXXIX

No mundo quiz o Tempo que se achasse
O bem que por acêrto, ou sorte vinha;
E por exprimentar que dita tinha,
Quiz que a fortuna em mi se exprimentasse.

Mas porque o meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca nesta tão longa vida minha
Cousa me deixou vêr que desejasse.

Mudando andei costume, terra, estado,
Por vêr se se mudava a sorte dura;
A vida puz nas mãos de hum leve lenho.

Mas, segundo o que o Ceo me tẽe mostrado,
Ja sei que deste meu buscar ventura
Achado tenho ja que não a tenho.

XC

A perfeição, a graça, o doce geito,
A Primavera cheia de frescura,
Que sempre em vós florece; a que a ventura,
E a razão entregárão este peito;

Aquelle crystallino e puro aspeito,
Que em si comprehende toda a formosura;
O resplandor dos olhos e a brandura,
Donde Amor a ninguem quiz ter respeito;

S'isto que em vós se vê, vêr desejais,
Como digno de vêr-se claramente,
Por muito que de Amor vos isentais;

Traduzido o vereis tão fielmente
No meio deste espirito onde estais,
Que vendo-vos sintais o que elle sente.

XCI

Vós, que de olhos suaves e serenos,
Com justa causa a vida captivais,
E que os outros cuidados condemnais
Por indevidos, baixos e pequenos;

Se de Amor os domesticos venenos
Nunca provastes, quero que sintais
Que he tanto mais o amor despois que amais,
Quanto são mais as causas de ser menos.

E não presuma alguem que algum defeito,
Quando na cousa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito:

Antes o dobra mais; e se atormenta,
Pouco a pouco desculpa o brando peito;
Que Amor com seus contrarios se accrescenta.

XCII

Que poderei do mundo ja querer,
Pois no mesmo em que puz tamanho amor,
Não vi senão desgôsto e desfavor,
E morte, em fim; que mais não póde sèr?

Pois me não farta a vida de viver,
Pois ja sei que não mata grande dor,
Se houver cousa que mágoa dê maior,
Eu a verei; que tudo posso ver.

A morte, a meu pezar, me assegurou
De quanto mal me vinha: ja perdi
O que a perder o medo me ensinou.

Na vida desamor sómente vi,
Na morte a grande dôr que me ficou:
Parece que para isso só nasci.

XCIII

Pensamentos, que agora novamente
Cuidados vãos em mi resuscitais,
Dizei-me: E ainda não vos contentais
De ter a quem vos tẽe tão descontente?

Que phantasia he esta, que presente
Cad'hora ante os meus olhos me mostrais?
Com huns sonhos tão vãos inda tentais
Quem nem por sonhos póde ser contente?

Vejo-vos, pensamentos, alterados,
E não quereis, de esquivos, declarar-me
Que he isto que vos traz tão enleados?

Não me negueis, se andais para negar-me;
Porque se contra mi 'stais levantados,
Eu vos ajudarei mesmo a matar-me.

XCIV

Se tomo a minha pena em penitencia
Do error em que cahio o pensamento,
Não abrando, mas dóbro meu tormento,
Que a tanto, e mais, obriga a paciencia.

E se huma côr de morto na apparencia,
Hum espalhar suspiros vãos ao vento
Não faz em vós, Senhora, movimento,
Fique o meu mal em vossa consciencia.

Mas se de qualquer áspera mudança
Toda vontade isenta Amor castiga,
(Como eu vejo no mal que me condena)

E se em vós não se entende haver vingança,
Será forçado (pois Amor me obriga)
Que eu só da culpa vossa pague a pena.

XCV

Aquella que, de pura castidade,
De si mesma tomou cruel vingança
Por huma breve e subita mudança
Contrária á sua honra e qualidade;

Venceo á formosura a honestidade,
Venceo no fim da vida a esperança,
Porque ficasse viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.

De si, da gente e do mundo esquecida,
Ferio com duro ferro o brando peito,
Banhando em sangue a fôrça do tyrano.

Oh ousadia estranha! estranho feito!
Que dando breve morte ao corpo humano,
Tenha sua memoria larga vida!

XCVI

Os vestidos Elisa revolvia,
Que Eneas lhe deixára por memoria;
Doces despojos da passada gloria;
Doces quando seu fado o consentia.

Entre elles a formosa espada via,
Que instrumento, em fim, foi da triste historia;
E como quem de si tinha a victoria,
Fallando só com ella, assi dizia:

Formosa e nova espada, se ficaste
Só porque executasses os enganos
De quem te quiz deixar, em minha vida;

Sabe que tu comigo te enganaste;
Que para me tirar de tantos danos
Sobeja-me a tristeza da partida.

XCVII

Oh quão caro me custa o entender-te,
Molesto Amor que, só por alcançar-te,
De dôr em dôr me tens trazido a parte
Donde em ti odio e ira se converte!

Cuidei que para em tudo conhecer-te
Me não faltava experiencia e arte;
Mas na alma vejo agora accrescentar-te
Aquillo que era causa de perder-te.

Estavas tão secreto no meu peito,
Que eu mesmo, que te tinha, não sabía
Que me senhoreavas deste geito.

Descubriste-te agora; e foi por via
Que teu descobrimento e meu defeito,
Hum me envergonha e outro me injuría.

XCVIII

Se despois de esperança tão perdida,
Amor por causa alguma consentisse
Que inda algum'hora breve alegre visse
De quantas tristes vio tão longa vida;

Hum'alma ja tão fraca e tão cahida
(Quando a sorte mais alto me subisse)
Não tenho para mi que consentisse
Alegria tão tarde consentida.

Nem tamsómente o Amor me não mostrou
Hum'hora em que vivesse alegremente.
De quantas nesta vida me negou;

Mas inda tanta pena me consente,
Que co'o contentamento me tirou
O gôsto de algum'hora ser contente.

XCIX

O raio crystallino se estendia
Por o mundo, da Aurora marchetada,
Quando Nise, pastora delicada,
Donde a vida deixava se partia.

Dos olhos, com que o sol escurecia,
Levando a luz em lagrimas banhada,
De si, do fado, e tempo magoada,
Pondo os olhos no Ceo, assi dizia:

Nasce, sereno sol, puro e luzente;
Resplandece, purpûrea e branca aurora,
Qualquer alma alegrando descontente;

Que a minha, sabe tu que desde agora
Jamais na vida a podes ver contente,
Nem tão triste nenhuma outra pastora.

C

No mundo poucos annos e cansados
Vivi, cheios de vil miseria e dura:
Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinco lustros acabados.

Corri terras e mares apartados,
Buscando á vida algum remedio ou cura:
Mas aquillo que, em fim, não dá ventura
Não o dão os trabalhos arriscados.

Criou-me Portugal na verde e chara
Patria minha Alemquer; mas ar corruto,
Que neste meu terreno vaso tinha,

Me fez manjar de peixes em ti, bruto
Mar, que bates a Abássia fera e avara,
Tão longe da ditosa patria minha.

CI

Vós, que escutais em Rimas derramado
Dos suspiros o som que me alentava
Na juvenil idade, quando andava
Em outro em parte do que sou mudado;

Sabei que busca só do ja cantado
No tempo em que ou temia ou esperava,
De quem o mal provou, que eu tanto amava,
Piedade, e não perdão, o meu cuidado.

Pois vejo que tamanho sentimento
Só me rendeo ser fábula da gente,
(Do que comigo mesmo me envergonho)

Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheção claramente
Que quanto ao mundo apraz he breve sonho.

CII

De amor escrevo, de amor trato e vivo;
De amor me nasce amar sem ser amado:
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de amor captivo:

De amor que a lugar alto voe altivo,
E funde a gloria sua em ser ousado;
Que se veja melhor purificado
No immenso resplandor de hum raio esquivo.

Mas ai que tanto amor só pena alcança!
Mais constante ella, e elle mais constante,
De seu triumpho cada qual só trata.

Nada, emfim, me aproveita; que a esperança,
Se anima alguma vez a hum triste amante,
Ao perto vivifica, ao longe mata.

CIII

Se da célebre Laura a formosura
Hum numeroso cysne ufano escreve,
Huma angelica penna se te deve,
Pois o Ceo em formar-te mais se apura.

E se voz menos alta te procura
Celebrar, (oh Natercia!) em vão se atreve:
De vêr-te ja a ventura Liso teve,
Mas de cantar-te falta-lhe a ventura.

No Ceo nasceste, certo, e não na terra:
Para gloria do mundo cá desceste:
Quem mais isto negar, muito mais erra.

E eu imagino que de lá vieste
Para emendar os vicios que elle encerra,
Co'os divinos poderes que trouxeste.

CIV

Esses cabellos louros e escolhidos,
  Que o ser ao aureo sol estão tirando;
  Esse ar immenso, adonde naufragando
  Estão continuamente os meus sentidos;

Esses furtados olhos tão fingidos
  Que minha vida e morte estão causando;
  Essa divina graça, que em fallando
  Finge os meus pensamentos não ser cridos;

Esse compasso certo, essa medida
  Que faz dobrar no corpo a gentileza;
  A divindade em terra, tão subida;

Mostrem ja piedade, e não crueza,
  Que são laços que Amor tece na vida,
  Sendo em mi soffrimento, em vós dureza.

CV

Quem pudéra julgar de vós, Senhora,
  Que huma tal fé pudesse assi perder-vos?
  Se por amar-vos chego a aborrecer-vos,
  Deixar não posso o amar-vos algum'hora.

Deixais a quem vos ama, ou vos adora,
  Por vêr a quem quiçá não sabe vêr-vos?
  Mas eu sou quem não soube merecer-vos,
  E esta minha ignorancia entendo agora.

Nunca soube entender vossa vontade,
  Nem a minha mostrar-vos verdadeira,
  Indaque clara estava esta verdade.

Esta, em quanto eu viver, vereis inteira;
  E se em vão meu querer vos persuade,
  Mais vosso não querer faz que vos queira.

CVI

Quem, Senhora, presume de louvar-vos
Com discurso que baixe de divino,
De tanto maior pena será dino,
Quanto vós sois maior ao contemplar-vos.

Não aspire algum canto a celebrar-vos,
Por mais que seja raro, ou peregrino;
Pois de vossa belleza eu imagino
Que só comvosco o Ceo quiz comparar-vos.

Ditosa esta alma vossa, a que quizestes
Pôr em posse de prenda tão subida,
Qual esta que benigna, em fim, me déstes.

Sempre será anteposta á mesma vida:
Esta estimar em menos me fizestes,
Se antes que ess'outra a quero vêr perdida.

CVII

Moradoras gentís e delicadas
Do claro e aureo Tejo, que metidas
Estais em suas grutas escondidas,
E com doce repouso socegadas;

Agora esteis de amores inflammadas,
Nos crystallinos paços entretidas;
Agora no exercicio embevecidas
Das télas de ouro puro matizadas;

Movei dos lindos rostos a luz pura
De vossos olhos bellos, consentindo
Que lagrimas derramem de tristura.

E assi com dôr mais propria ireis ouvindo
As queixas que derramo da Ventura,
Que com penas de Amor me vai seguindo.

CVIII

Brandas águas do Tejo que, passando
Por estes verdes campos que regais,
Plantas, hervas, e flôres, e animais,
Pastores, Nymphas, ides alegrando;

Não sei, (ah doces águas!) não sei quando
Vos tornarei a vêr; que mágoas tais,
Vendo como vos deixo, me causais,
Que de tornar ja vou desconfiando.

Ordenou o destino, desejoso
De converter meus gostos em pezares,
Partida que me vai custando tanto.

Saudoso de vós, delle queixoso,
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras águas com meu pranto.

CIX

Novos casos de Amor, novos enganos,
Envoltos em lisonjas conhecidas;
Do bem promessas falsas e escondidas,
Onde do mal se cumprem grandes danos;

Como não tomais ja por desenganos
Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,
Pois que a vida não basta, nem mil vidas,
A tantos dias tristes, tantos annos?

Hum novo coração mister havia,
Com outros olhos menos aggravados,
Para tornar a crêr o que eu vos cria.

Andais comigo, enganos, enganados;
E se o quizerdes vêr, cuidai hum dia
O que se diz dos bem acutilados.

CX

Onde porei meus olhos que não veja
A causa de que nasce o meu tormento?
A qual parte me irei co'o pensamento,
Que para descansar parte me seja?

Ja sei como se engana quem deseja
Em vão ámor, fiel contentamento;
E que nos gostos seus, que são de vento,
Sempre falta seu bem, seu mal sobeja.

Mas inda, sobre o claro desengano,
Assi me traz esta alma sobjugada,
Que delle está pendendo o meu desejo.

E vou de dia em dia, de anno em anno,
Apoz hum não sei que, apoz hum nada,
Que quanto mais me chego, menos vejo.

CXI

Ja do Mondego as águas apparecem
A meus olhos, não meus, antes alheios,
Que de outras differentes vindo cheios,
Na sua branda vista inda mais crecem.

Parece que tambem forçadas decem,
Segundo se detem em seus rodeios.
Triste! por quantos modos, quantos meios,
As minhas saudades me entristecem!

Vida de tantos males salteada,
Amor a põe em termos, que duvida
De conseguir o fim desta jornada.

Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que não vai da alma acompanhada,
Que se deixou ficar onde tẽe vida.

CXII

Que doudo pensamento he o que sigo?
Apoz que vão cuidado vou correndo?
Sem ventura de mi! que não me entendo;
Nem o que callo sei, nem o que digo.

Pelejo com quem trata paz comigo;
De quem guerra me faz não me defendo.
De falsas esperanças que pertendo?
Quem do meu proprio mal me faz amigo?

Porque, se nasci livre, me captivo?
E pois o quero ser, porque o não quero?
Como me engano mais com desenganos?

Se ja desesperei, que mais espero?
E se inda espero mais, porque não vivo?
E se vivo, que accuso mortaes danos?

CXIII

Hum firme coração posto em ventura;
Hum desejar honesto, que se engeite
De vossa condição, sem que respeite
A meu tão puro amor, a fé tão pura;

Hum vêr-vos de piedade e de brandura
Sempre inimiga, faz-me que suspeite
Se alguma Hyrcana fera vos deo leite,
Ou se nascestes de huma pedra dura.

Ando buscando causa, que desculpe
Crueza tão estranha; porém quanto
Nisso trabalho mais, mais mal me trata.

Donde vem, que não ha quem nos não culpe;
A vós, porque matais quem vos quer tanto,
A mim, por querer tanto a quem me mata.

CXIV

Ar, que de meus suspiros vejo cheio;
Terra, cansada ja com meu tormento;
Água, que com mil lagrimas sustento;
Fogo, que mais accendo no meu seio;

Em paz estais em mim; e assi o creio,
Sem esse ser o vosso proprio intento;
Pois em dôr onde falta o soffrimento,
A vida se sostem por vosso meio.

Ai imiga Fortuna! ai vingativo
Amor! a que discursos por vós venho,
Sem nunca vos mover com minha mágoa!

Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrarios tenho
Fogo, Fortuna, Amor, Ar, Terra e Ágoa?

CXV

Ja claro vejo bem, ja bem conheço
Quanto augmentando vou o meu tormento;
Pois sei que fundo em água, escrevo em vento,
E que o cordeiro manso ao lobo peço;

Que Arachne sou, pois ja com Pallas teço;
Que a tigres em meus males me lamento;
Que reduzir o mar a hum vaso intento,
Aspirando a esse Ceo que não mereço.

Quero achar paz em hum confuso inferno;
Na noite do sol puro a claridade;
E o suave verão no duro inverno.

Busco em luzente Olympo escuridade,
E o desejado bem no mal eterno,
Buscando amor em vossa crueldade.

CXVI

De cá, donde sómente o imaginar-vos
A rigorosa ausencia me consente,
Sôbre as azas de Amor, ousadamente
O mal soffrido esprito vai buscar-vos.

E se não receára de abrazar-vos
Nas chammas que por vossa causa sente,
Lá ficára comvosco, e vós presente,
Aprendêra de vós a contentar-vos.

Mas, pois que estar ausente lhe he forçado,
Por Senhora, de cá, vos reconhece,
Aos pés de imagens vossas inclinado.

E pois vêdes a fé que vos offrece,
Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,
E dar-lhe-heis inda mais do que merece.

CXVII

Não ha louvor que arribe á menor parte
De quanto em vós se vê, bella Senhora:
Vós sois vosso louvor: quem vos adora
Reduz sómente a este o engenho e arte.

Quanto por muitas damas se reparte
De bello e de formoso, em vós agora
Se junta em modo tal, que pouco fôra
Dizer que sois o todo, ellas a parte.

Culpa, logo, não he, se vou louvar-vos,
Vêr incapazes todos os louvores,
Pois tanto quiz o Ceo avantajar-vos.

Seja a culpa de vossos resplandores;
E a que elles têe vos dou, só para dar-vos
O mór louvor de todos os maiores.

CXVIII

Não vás ao monte, Nise, com teu gado;
Que lá vi que Cupido te buscava:
Por ti sómente a todos perguntava,
No gesto menos placido que irado.

Elle publíca, em fim, que lhe has roubado
Os melhores farpões da sua aljava;
E com hum dardo ardente assegurava
Traspassar esse peito delicado.

Fuge de vêr-te lá nesta aventura,
Porque se contra ti o tens iroso,
Póde ser que te alcance com mão dura.

Mas ai! que em vão te advirto temeroso,
Se á tua incomparavel formosura
Se rende o dardo seu mais poderoso!

CXIX

A violeta mais bella que amanhece
No valle por esmalte da verdura,
Com seu pallido lustre e formosura,
Por mais bella, Violante, te obedece.

Perguntas-me porque? Porque apparece
Em ti seu nome, e sua côr mais pura;
E estudar em teu rosto só procura
Tudo quanto em beldade mais florece.

Oh luminosa flôr! Oh sol mais claro!
Unico roubador de meu sentido,
Não permittas que Amor me seja avaro.

Oh penetrante setta de Cupido!
Que queres? Que te peça por reparo
Ser neste valle Eneas desta Dido?

CXX

Tornai essa brancura á alva assucena,
E essa purpurea côr ás puras rosas;
Tornai ao sol as chammas luminosas
De essa vista que a roubos vos condena.

Tornai á suavissima sirena
D'essa voz as cadencias deleitosas:
Tornai a graça ás Graças, que queixosas
Estão de a ter por vós menos serena:

Tornai á bella Venus a belleza;
A Minerva o saber, o engenho, e a arte;
E a pureza á castissima Diana.

Despojai-vos de toda essa grandeza
De dões; e ficareis em toda parte
Comvosco só, que he só ser inhumana.

CXXI

De mil suspeitas vãas se me levantão
Trabalhos e desgostos verdadeiros.
Ai que estes bens de Amor são feiticeiros,
Que com hum não sei que toda alma encantão!

Como serêas docemente cantão
Para enganar os tristes marinheiros:
Os meus assi me attrahem lisongeiros,
E despois com horrores mil me espantão.

Quando cuido que tomo porto ou terra,
Tal vento se levanta em hum instante,
Que subito da vida desconfio.

Mas eu sou quem me faz a maior guerra,
Pois conhecendo os riscos de hum amante
Fiado a ondas de Amor, dellas me fio.

CXXII

Mil vezes determino não vos ver,
Por vêr se abranda mais o meu penar:
E se cuido de assi me magoar,
Cuidai o que será, se houver de ser.

Pouco me importa ja muito soffrer,
Depois que Amor me pôz em tal lugar;
E o que inda me doe mais he só cuidar,
Que mal sem esta dôr posso viver.

Assi não busco eu cura contra a dor,
Porque, buscando alguma, entendo bem
Que nesse mesmo ponto me perdi.

Quereis que viva, em fim, neste rigor?
Sómente o querer vosso me convem.
Assi quereis que seja? Seja assi.

CXXIII

A chaga que, Senhora, me fizestes,
Não foi para curar-se em hum só dia;
Porque crescendo vai com tal porfia,
Que bem descobre o intento que tivestes.

De causar tanta dôr vos não doestes?
Mas a doer-vos, dôr me não sería,
Pois ja com esperança me veria
Do que vós que em mi visse não quizestes.

Os olhos com que todo me roubastes
Forão causa do mal que vou passando;
E vós estais fingindo o não causastes.

Mas eu me vingarei. E sabeis quando?
Quando vos vir queixar porque deixastes
Ir-se a minha alma nelles abrazando.

CXXIV

Se com desprêzos, Nympha, te parece
Que podes desviar do seu cuidado
Hum coração constante, que se offrece
A ter por gloria o ser atormentado.

Deixa a tua porfia, e reconhece
Que mal sabes de amor desenganado;
Pois não sentes, nem vês que em teu mal crece,
Crescendo em mi de ti mais desamado.

O esquivo desamor, com que me tratas,
Converte em piedade, se não queres
Que cresça o meu querer, e o teu desgosto.

Vencer-me com cruezas nunca esperes:
Bem me pódes matar, e bem me matas;
Mas sempre ha de viver meu presupposto.

CXXV

Senhora minha, se eu de vós ausente
Me defendêra de hum penar severo,
Suspeito que offendêra o que vos quero,
Esquecido do bem de estar presente.

Traz este, logo sinto outro accidente,
E he vêr que se da vida desespero,
Perco a gloria que vendo-vos espero;
E assi estou em meus males differente.

E nesta differença meus sentidos
Combatem com tão áspera porfia,
Que julgo este meu mal por deshumano.

Entre si sempre os vejo divididos;
E se acaso concordão algum dia,
He só conjuração para meu dano.

CXXVI

No regaço da mãe Amor estava
Dormindo tão formoso, que movia
O coração que mais isento o via;
E a sua propria mãe de amor matava.

Ella, co'os olhos nelle, contemplava
A quanto estrago o mundo reduzia:
Elle porém, sonhando, lhe dizia
Que todo aquelle mal ella o causava.

Soliso que, graduado em seus amores,
De saber de ambos mais teve a ventura,
Assi soltou a dúvida aos pastores:

Se bem me ferem sempre sem ter cura
Do menino os ardentes passadores,
Mais me fere da mãe a formosura.

CXXVII

Este terreste caos com seus vapores
Não póde condensar as nuvens tanto,
Que o claro sol não rompa o negro manto
Com suas bellas e luzentes côres.

A ingratidão esquiva de rigores
Opposta nuvem he, que dura em quanto
Nos não converte o Ceo em triste pranto
Suas vãas esperanças, seus favores.

Póde-se contrapôr ao Ceo a terra,
E estar o sol por horas eclipsado;
Mas não póde ficar escurecido.

Póde prevalecer a vossa guerra;
Mas, a pezar das nuvens, declarado
Ha de ser vosso sol, e obedecido.

CXXVIII

Huma admiravel herva se conhece,
Que vai ao sol seguindo de hora em hora,
Logo que elle do Euphrates se vê fóra,
E quando está mais alto, então florece.

Mas quando ao Oceano o carro dece,
Toda a sua belleza perde Flora,
Porque ella se emmurchece e se descora:
Tanto co'a luz ausente se entristece!

Meu sol, quando alegrais esta alma vossa,
Mostrando-lhe esse rosto que dá vida,
Cria flôres em seu contentamento.

Mas logo, em não vos vendo, entristecida
Se murcha e se consume em grão tormento:
Nem ha quem vossa ausencia soffrer possa.

CXXIX

Crescei, desejo meu, pois que a Ventura
Ja vos tẽe nos seus braços levantado;
Que a bella causa de que sois gerado
O mais ditoso fim vos assegura.

Se aspirais por ousado a tanta altura,
Não vos espante haver ao sol chegado;
Porque he de aguia Reàl vosso cuidado,
Que quanto mais o soffre, mais se apura.

Animo, coração; que o pensamento
Te póde inda fazer mais glorioso,
Sem que respeite a teu merecimento.

Que cresças inda mais he ja forçoso;
Porque se foi de ousado o teu intento,
Agora de atrevido he venturoso.

CXXX

He o gozado bem em água escrito;
Vive no desejar, morre no effeito:
O desejado sempre he mais perfeito,
Porque têe parte alguma de infinito.

Dar a huma alma immortal gôzo prescrito,
Em verdadeiro amor, fôra defeito:
Por modo sup'rior, não imperfeito,
Sois excepção de quanto aqui limito.

De huma esperança nunca conhecida,
Da fé do desejar não alcançada,
Sereis mais desejada, possuida.

Não podeis da esperança ser amada;
Vista podereis ser, e então mais crida;
Porém não, sem aggravo, comparada.

CXXXI

De quantas graças tinha a natureza
Fez hum bello e riquissimo thesouro;
E com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angelica belleza.

Poz na boca os rubis, e na pureza
Do bello rosto as rosas, por quem mouro;
No cabello o valor do metal louro;
No peito a neve, em que a alma tenho accesa.

Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez delles hum sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.

Em fim, Senhora, em vossa compostura,
Ella a apurar chegou quanto sabía
De ouro, rosas, rubis, neve e luz pura.

CXXXII

Nunca em amor damnou o atrevimento;
Favorece a Fortuna a ousadia;
Porque sempre a encolhida covardia
De pedra serve ao livre pensamento.

Quem se eleva ao sublime Firmamento,
A estrella nelle encontra, que lhe he guia;
Que o bem que encerra em si a phantasia
São humas illusões que leva o vento.

Abrir-se devem passos á ventura:
Sem si proprio ninguem será ditoso:
Os principios sómente a sorte os move.

Atrever-se he valor, e não loucura.
Perderá por covarde o venturoso
Que vos vê, se os temores não remove.

CXXXIII

Doces e claras águas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida e perfida esperança
Longo tempo apoz si me trouxe cego,

De vós me aparto, si; porém não nego
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo, mais me achego.

Bem poderá a Fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova e estranha,
Offerecido ao mar remoto, ao vento.

Mas a alma, que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento
Para vós, águas, vôa, e em vós se banha.

CXXXIV

Senhor João Lopes, o meu baixo estado
Hontem vi posto em gráo tão excellente,
Que sendo vós inveja a toda a gente,
Só por mi vos quizereis vêr trocado.

O gesto vi suave e delicado,
Que ja vos fez contente e descontente,
Lançar ao vento a voz tão docemente,
Que fez o ar sereno e socegado.

Vi-lhe em poucas palavras dizer quanto
Ninguem diria em muitas: mas eu chego
A espirar só de ouvir a doce fala.

Oh mal o haja a Fortuna, e o moço cego!
Elle, que os corações obriga a tanto;
Ella, porque os estados desiguala.

CXXXV

A Morte, que da vida o nó desata,
Os nós, que dá o Amor, cortar quizera
Co'a ausencia, que he sôbre elle espada fera,
E co'o tempo, que tudo desbarata.

Duas contrárias, que huma a outra mata,
A Morte contra Amor junta e altera;
Huma, Razão contra a Fortuna austera;
Outra, contra a Razão Fortuna ingrata.

Mas mostre a sua imperial potencia
A Morte em apartar de hum corpo a alma,
O Amor n'hum corpo duas almas una;

Para que assi triumphante leve a palma
Da Morte Amor a grão pesar da ausencia,
Do tempo, da Razão, e da Fortuna.

CXXXVI

Árvore, cujo pomo bello e brando
  Natureza de leite e sangue pinta,
  Onde a pureza, de vergonha tinta,
  Está virgineas faces imitando;

Nunca do vento a ira, que arrancando
  Os troncos vai, o teu injúria sinta;
  Nem por malicia de ar te seja extinta
  A côr que está teu fructo debuxando.

E pois emprestas doce e idoneo abrigo
  A meu contentamento, e favoreces
  Com teu suave cheiro a minha gloria;

Se eu não te celebrar como mereces,
  Cantando-te, se quer farei comtigo
  Doce nos casos tristes a memoria.

CXXXVII

O filho de Latona esclarecido,
  Que com seu raio alegra a humana gente,
  Matar pôde a Phytonica serpente
  Que mortes mil havia produzido.

Ferio com arco, e de arco foi ferido,
  Com ponta aguda de ouro reluzente:
  Nas Thessalicas praias docemente
  Por a Nympha Penea andou perdido.

Não lhe pôde valer contra seu dano
  Saber, nem diligencias, nem respeito
  De quanto era celeste e soberano.

Pois se hum deos nunca vio nem hum engano
  De quem era tão pouco em seu respeito,
  Eu qu'espero de um ser, qu'he mais que humano?

CXXXVIII

Presença bella, angelica figura,
Em quem quanto o Ceo tinha nos tẽe dado,
Gesto alegre de rosas semeado,
Entre as quaes se está rindo a Formosura:

Olhos, onde tẽe feito tal mistura
Em crystal puro o negro marchetado,
Que vemos ja no verde delicado
Não esperança, mas inveja escura:

Brandura, aviso, e graça, que augmentando
A natural belleza co'hum desprêzo,
Com que mais desprezada mais se augmenta:

São as prizões de hum coração, que prêzo,
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a serêa na tormenta.

CXXXIX

Por cima destas águas forte e firme
Irei aonde os Fados o ordenárão,
Pois por cima de quantas derramárão
Aquelles claros olhos pude vir-me.

Ja chegado era o fim de despedir-me;
Ja mil impedimentos se acabárão,
Quando rios de amor se atravessárão
A me impedir o passo de partir-me.

Passei-os eu com ânimo obstinado,
Com que a morte forçada gloriosa
Faz o vencido ja desesperado.

Em qual figura, ou gesto desusado,
Póde ja fazer medo a morte irosa
A quem tẽe a seus pés rendido e atado?

CXL

Tal mostra de si dá vossa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
Que as fôrças e o poder da natureza
Com sua claridade mais apura.

Quem confiança ha visto tão segura,
Tão singular esmalte da belleza,
Que não padeça mal de mais graveza,
Se resistir a seu amor procura?

Eu, pois, por escusar tal esquivança,
A razão sujeitei ao pensamento,
A quem logo os sentidos se entregárão.

Se vos offende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas reliquias da vida que ficárão.

CXLI

Na desesperação ja repousava
O peito longamente magoado,
E, com seu damno eterno concertado,
Ja não temia, ja não desejava;

Quando huma sombra vãa me assegurava
Que algum bem me podia estar guardado
Em tão formosa imagem, que o traslado
N'alma ficou, que nella se enlevava.

Que credito que dá tão facilmente
O coração áquillo que deseja,
Quando lhe esquece o fero seu destino!

Ah! deixem-me enganar; que eu sou contente;
Pois, postoque maior meu damno seja,
Fica-me a gloria ja do que imagino.

CXLII

Diversos dões reparte o Ceo benino,
E quer que cada huma alma hum só possua;
Por isso ornou de casto peito a Lua,
Que o primeiro orbe illustra crystallino;

De graça a Mãe formosa do Menino,
Que nessa vista tẽe perdido a sua;
Pallas de sciencia não maior que a tua:
Tẽe Juno da nobreza o imperio dino.

Mas junto agora o largo Ceo derrama
Em ti o mais que tinha, e foi o menos
Em respeito do Autor da natureza.

Que a seu pezar te dão, formosa dama,
Seu peito a Lua, sua graça Venus,
Sua sciencia Pallas, Juno sua nobreza.

CXLIII

Gentil Senhora, se a Fortuna imiga,
Que contra mi com todo o Ceo conspira,
Os olhos meus de vêr os vossos tira,
Porque em mais graves casos me persiga;

Comigo levo esta alma, que se obriga
Na mór pressa de mar, de fogo, e d'íra,
A dar-vos a memoria, que suspira
Só por fazer comvosco eterna liga.

Nesta alma, onde a fortuna póde pouco,
Tão viva vos terei, que frio e fome,
Vos não possão tirar, nem mais perigos.

Antes, com som de voz trémulo e rouco
Por vós chamando, só com vosso nome
Farei fugir os ventos, e os imigos.

CXLIV

Que modo tão subtil da natureza
Para fugir ao mundo e seus enganos!
Permitte que se esconda em tenros annos
Debaixo de hum burel tanta belleza!

Mas não póde esconder-se aquella alteza
E gravidade de olhos soberanos,
A cujo resplandor entre os humanos
Resistencia não sinto, ou fortaleza.

Quem quer livre ficar de dôr e pena,
Vendo-a ja, ja trazendo-a na memoria,
Na mesma razão sua se condena.

Porque quem mereceo vêr tanta gloria
Captivo ha de ficar; que Amor ordena
Que de juro tenha ella esta victoria.

CXLV

Quando se vir com água o fogo arder,
Juntar-se ao claro dia a noite escura,
E a terra collocada lá na altura
Em que se vem os ceos prevalecer;

Quando Amor á Razão obedecer,
E em todos fôr igual huma ventura,
Deixarei eu de vêr tal formosura,
E de a amar deixarei depois de a ver.

Porém não sendo vista esta mudança
No mundo, porque, em fim, não póde ver-se,
Ninguem mudar-me queira de querer-vos.

Que basta estar em vós minha esperança,
E o ganhar-se a minha alma, ou o perder-se,
Para dos olhos meus nunca perder-vos.

CXLVI

Quando a suprema dôr muito me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
He fôrça que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta.

Assi de êrro tão grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Que mostra ser engano, ou fingimento,
Dizer que em tal descanso mais se acerta.

Porque essa propria imagem, que na mente
Me representa o bem de que careço,
Faz-mo de hum certo modo ser presente.

Ditosa he, logo, a pena que padeço,
Pois que da causa della em mi se sente
Hum bem que, inda sem vêr-vos, reconheço.

CXLVII

Na margem de hum ribeiro, que fendia
Com liquido crystal hum verde prado,
O triste pastor Liso debruçado
Sôbre o tronco de hum freixo assi dizia:

Ah Natercia cruel! quem te desvia
Esse cuidado teu do meu cuidado?
Se tanto hei de penar desenganado,
Enganado de ti viver queria.

Que foi de aquella fé que tu me déste?
D'aquelle puro amor que me mostraste?
Quem tudo trocar póde tão asinha?

Quando esses olhos teus n'outro puzeste,
Como te não lembrou que me juraste
Por toda a sua luz que eras só minha?

CXLVIII

Se me vem tanta gloria só de olhar-te,
He pena desigual deixar de ver-te;
Se presumo com obras merecer-te,
Grão paga de um engano he desejar-te.

Se aspiro por quem és a celebrar-te,
Sei certo por quem sou que hei de offender-te;
Se mal me quero a mi por bem querer-te,
Que premio querer posso mais que amar-te?

Porque hum tão raro amor não me soccorre?
Oh humano thesouro! oh doce gloria!
Ditoso quem á morte por ti corre!

Sempre escrita estarás nesta memoria;
E esta alma viverá, pois por ti morre,
Porque ao fim da batalha he a victoria.

CXLIX

Sempre a Razão vencida foi de Amor;
Mas, porque assi o pedia o coração,
Quiz Amor ser vencido da Razão.
Ora que caso póde haver maior!

Novo modo de morte, e nova dor!
Estranheza de grande admiração!
Pois, em fim, seu vigor perde a affeição,
Porque não perca a pena o seu vigor.

Fraqueza, nunca a houve no querer;
Mas antes muito mais se esforça assim
Hum contrário com outro por vencer.

Mas a razão que a luta vence, em fim,
Não creio que he razão; mas deve ser
Inclinação que eu tenho contra mim.

CL

Coitado! que em hum tempo chóro e rio;
Espero e temo, quero e aborreço;
Juntamente me allegro e me entristeço;
Confio de huma cousa e desconfio.

Vôo sem azas; estou cego e guio;
Alcanço menos no que mais mereço;
Então fallo melhor, quando emmudeço;
Sem ter contradição sempre porfio.

Possivel se me faz todo o impossivel;
Intento com mudar-me estar-me quedo;
Usar de liberdade, e ser captivo;

Queria visto ser, ser invisivel;
Vêr-me desenredado, amando o enredo:
Taes os extremos são com que hoje vivo!

CLI

Julga-me a gente toda por perdido,
Vendo-me, tão entregue a meu cuidado,
Andar sempre dos homens apartado,
E de humanos commercios esquecido.

Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
E quasi que sôbre elle ando dobrado,
Tenho por baixo, rustico, e enganado
Quem não he com meu mal engrandecido.

Vá revolvendo a terra, o mar, e o vento,
Honras busque e riquezas a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio e calma.

Que eu por amor sómente me contento
De trazer esculpido eternamente
Vosso formoso gesto dentro da alma.

CLII

Olhos, aonde o Ceo com luz mais pura
Quiz dar de seu poder claros signais,
Se quizerdes vêr bem quanto possais,
Vêde-me a mi que sou vossa feitura.

Em mi viva vereis vossa figura
Mais propria que em purissimos crystais,
Porque nesta alma he certo que vejais
Melhor que em hum crystal tal formosura.

De meu não quero mais que o meu desejo,
Se acaso por querer-vos mais mereço,
Porque o vosso poder em mi se asselle.

Do mundo outra memoria em mi não vejo:
Com lembrar-me de vós, delle me esqueço,
Com triumphardes de mi, triumpharei delle.

CLIII

Criou a natureza Damas bellas,
Que forão de altos plectros celebradas;
Dellas tomou as partes mais prezadas,
E a vós, Senhora, fez do melhor dellas.

Ellas diante vós são as estrellas,
Que ficão com vos vêr logo eclipsadas.
Mas se ellas tẽe por sol essas rosadas
Luzes de sol maior, felices ellas!

Em perfeição, em graça e gentileza,
Por hum modo entre humanos peregrino,
A todo bello excede essa belleza.

Oh quem tivera partes de divino
Para vos merecer! Mas se pureza
De amor val ante vós, de vós sou dino.

CLIV

Que esperais, esperança? Desespéro.
Quem disso a causa foi? Hũa mudança.
Vós, vida, como estais? Sem esperança.
Que dizeis, coração? Que muito quero.

Que sentis, alma, vós? Que amor he fero.
E, em fim, como viveis? Sem confiança.
Quem vos sustenta, logo? Huma lembrança.
E só nella esperais? Só nella espero.

Em que podeis parar? Nisto em que estou.
E em que estais vós? Em acabar a vida.
E ténde-lo por bem? Amor o quer.

Quem vos obriga assi? Saber quem sou.
E quem sois? Quem de todo está rendida.
A quem rendida estais? Á hum só querer.

CLV

Se como em tudo o mais fostes perfeita,
Foreis de condição menos esquiva,
Fôra a minha fortuna mais altiva,
Fôra a sua altiveza mais sujeita.

Mas quando a vida a vossos pés se deita,
Porque não a acceitais, não quer que eu viva:
Ella propria de si ja a mi me priva;
Que, porque me engeitais, tambem me engeita.

Se nisso contradiz vossa vontade,
Mandai-lhe vós, Senhora, que dê fim
Á minha profundissima tristeza.

Pois ella não mo dá, porque piedade
Tenha deste meu mal, mas porque em mim
Possais assi fartar vossa crueza.

CLVI

Se algum'hora essa vista mais suave
Acaso a mi volveis, em hum momento
Me sinto com hum tal contentamento,
Que não temo que damno algum me aggrave.

Mas quando com desdem esquivo e grave
O bello rosto me mostrais isento,
Huma dôr provo tal, hum tal tormento,
Que muito vem a ser que não me acabe.

Assi está minha vida, ou minha morte
No volver de esses olhos; pois podeis
Dar co'huma volta delles morte, ou vida.

Ditoso eu, se o Ceo quer, ou minha sorte,
Que ou vida, para dar-vo-la, me deis,
Ou morte, para haver morte querida!

CLVII

Tanto se forão, Nympha, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vão passando ja por natureza
O que por accidente hião passando.

No que ao somno se deve estou velando
E venho a velar só minha tristeza:
O chôro não abranda esta aspereza,
E meus olhos estão sempre chorando.

Assi de dôr em dôr, de mágoa em mágoa,
Consumindo-se vão inutilmente,
E esta vida tambem vão consumindo.

Sôbre o fogo de amor inutil água!
Pois eu em chôro estou continuamente,
E do que vou chorando te vás rindo.

Assi nova corrente
Levas de chôro em fôro:
Porque de vêrte rir, de novo chôro.

CLVIII

Eu me aparto de vós, Nymphas do Tèjo,
Quando menos temia esta partida;
E se a minha alma vai entristecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que razão leva vencida,
Presto verão o fim á triste vida,
Se vos não tórno a vêr como desejo.

Nunca a noite entretanto, nunca o dia,
Verão partir de mi vossa lembrança:
Amor, que vai comigo, o certifica.

Por mais que no tornar haja tardança,
Me farão sempre triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

CLIX

Vencido está de amor   Meu pensamento
O mais que póde ser,   Vencida a vida,
Sujeita a vos servir e   Instituida,
Offerecendo tudo   A vosso intento.
Contente deste bem   Louva o momento,
Ou hora em que se vio   Tão bem perdida;
Mil vezes desejando,   Assi ferida,
Outras mil renovar   Seu perdimento.
Com esta pretenção   Está segura
A causa que me guia   Nesta empreza
Tão sobrenatural,   Honrosa e alta.
Jurando não querer   Outra ventura,
Votando só por vós   Rara firmeza,
Ou ser no vosso amor   Achado em falta.

CLX

Divina companhia, que nos prados
Do claro Eurotas, ou no Olympo monte,
Ou sôbre as margens da Castalia fonte
Vossos estudos tendes mais sagrados;

Pois por destino dos immoveis fados
Quereis qu'em vosso número me conte,
No eterno templo de Belorofonte
Ponde em bronze estes versos entalhados:

Soliso (porque em seculos futuros
Se veja da belleza o que merece
Quem de sábia doudice a mente inflama)

Seus escritos, da sorte ja seguros,
A estas aras em hũa mão offrece,
E a alma em outra á sua bella dama.

CLXI

Á la margen del Tajo, en claro dia,
Con rayado marfil peinando estaba
Natercia sus cabellos, y quitaba
Con sus ojos la luz al sol que ardia.

Soliso que, cual Clicie, la seguìa,
Lejos de sí, mas cerca della estaba:
Al son de su zampoña celebraba
La causa de su ardor, y así decia:

Si tantas, como tú tienes cabellos,
Tuviera vidas yo, me las llevaras
Colgada cada cual del uno dellos.

De no tenerlas tú me consolaras,
Si tantas veces mil, como son ellos,
En ellos la que tengo me enredaras.

CLXII

Por gloria tuve un tiempo el ser perdido;
Perdíame de puro bien ganado;
Gané cuando perdí ser libertado;
Libre agora me veo, mas vencido.

Vencí cuando de Nise fuí rendido;
Rendíme por no ser della dejado:
Dejóme en la memoria el bien pasado;
Paso agora á llorar lo que he servido.

Servia al premio de la luz que amaba;
Amándola esperábale por cierto;
Incierto me salió cuanto esperaba.

La esperanza se queda en desconcierto;
El concierto en el mal que no pensaba;
El pensamiento con un fin incierto.

CLXIII

Revuelvo en la incesable fantasía
Cuando me he visto en mas dichoso estado,
Si agora que de Amor vivo inflamado,
Si cuando de su ardor libre vivia.

Entonces desta llama solo huia,
Despreciando en mi vida su cuidado;
Agora, con dolor de lo pasado,
Tengo por gloria aquello que temia.

Bien veo que era vida deleitosa
Aquella que lograba sin temores,
Cuando gustos de Amor tuve por viento;

Mas viendo hoy á Natercia tan hermosa,
Hallo en esta prision glorias mayores,
Y en perderlas por libre hallo tormento.

CLXIV

Las peñas retumbaban al gemido
Del misero zagal, que lamentaba
El dolor que á sua alma lastimaba,
De un obstinado desamor nacido.

El mar, que las batia, su bramido
Con los retumbos dellas ayuntaba;
Confuso son el viento derramaba,
En cavernosos valles repetido.

Responden a mi llanto duras peñas,
Ai de mí! (dijo) la mar brama y gime;
Los ecos suenan de tristeza llenos;

Y tú, por quien la muerte en mí se imprime,
De oir las ansias mias te desdeñas;
Y cuando lloro mas, te abrando menos.

CLXV

En una selvá al dispuntar del dia
Estaba Endimion triste y lloroso,
Vuelto al rayo del sol, que presuroso
Por la falda de un monte descendia.

Mirando al turbador de su alegría,
Contrario de su bien y su reposo,
Tras un suspiro y otro, congojoso,
Razones semejantes le decia:

Luz clara, para mí la mas escura,
Que con esse paseo apresurado,
Mi sol con tu teniebla escureciste;

Si allà pueden moverte en esa altura
Las quejas de un pastor enamorado,
No tardes en volver á dó saliste.

CLXVI

Orfeo enamorado que tañia
  Por la perdida Ninfa que buscaba,
  En el Orco implacable donde estaba,
  Con la arpa, y con la voz la enternecia.

La rueda de Ixion no se movia,
  Ningun atormentado se quejaba;
  Las penas de los otros ablandaba,
  Y todas las de todos él sentia.

El son pudo obligar de tal manera,
  Que en dulce galardon de lo cantado,
  Los infernales Reyes condolidos,

Le mandáron volver su compañera,
  Y volvióla á perder el desdichado;
  Con que fueron entrambos los perdidos.

CLXVII

Eu cantei ja, e agora vou chorando
  O tempo que cantei tão confiado:
  Parece que no canto ja passado
  Se estavão minhas lagrimas criando.

Cantei; mas se me alguem pergunta, quando?
  Não sei; que tambem fui nisso enganado.
  He tão triste este meu presente estado,
  Que o passado por ledo estou julgando.

Fizerão-me cantar manhosamente
  Contentamentos não, mas confianças:
  Cantava, mas ja era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, se tudo mente?
  Porém que culpas ponho ás esperanças,
  Onde a fortuna injusta he mais qu'os erros?

CLXVIII

Ai amiga cruel! que apartamento
He este que fazeis da patria terra?
Ai! quem do amado ninho vos desterra,
Gloria dos olhos, bem do pensamento?

His tentar da fortuna o movimento,
E dos ventos crueis a dura guerra?
Vêr brenhas de ondas? feito o mar em serra
Levantado de hum vento e de outro vento?

Mas ja que vós partis, sem vos partirdes,
Parta comvosco o Ceo tanta ventura,
Que se avantaje áquella qu'esperardes.

E só desta verdade ide segura,
Que fazeis mais saudades com vos irdes,
Do que levais desejos por chegardes.

CLXIX

Campo! nas syrtes deste mar da vida,
Apoz naufragios seus taboa segura;
Claras bonanças em tormenta escura,
Habitação da paz, de amor guarida;

A ti fujo: e se vence tal fugida,
E quem mudou lugar, mudou ventura,
Cantemos a victoria; e na espessura
Triumphe a honra da ambição vencida.

Em flôr e fructo de verão e outono;
Utilmente murmurão claras ágoas;
Alegre me acha aqui, me deixa o dia.

Amantes rouxinoes rompem-me o sono
Que ata o descanso: aqui sepulto mágoas
Que ja forão sepulcros de alegria.

CLXX

Ah minha Dinamene! assi deixaste
Quem nunca deixar pôde de querer-te!
Que ja, Nympha gentil, não possa ver-te!
Que tão veloz a vida desprezaste!

Como por tempo eterno te apartaste
De quem tão longe andava de perder-te?
Puderão essas águoas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste?

Nem sómente fallar-te a dura morte
Me deixou, qu'apressada o negro manto
Lançar sôbre os teus olhos consentiste.

Oh mar! oh ceo! oh minha escura sorte!
Qual vida perderei que valha tanto,
Se inda tenho por pouco o viver triste?

CLXXI

Guardando em mi a Sorte o seu direito,
Em verde me cortou minha alegria.
Oh quanto feneceo naquelle dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peito!

Quando mais o imagino, bem suspeito
Que a tal bem tal desconto se devia,
Por não dizer o mundo que podia
Achar-se em seus enganos bem perfeito.

Pois se a Fortuna o fez por descontar-me
Aquelle gôsto, em cujo sentimento
A memoria não faz senão matar-me;

Que culpas póde dar-me o pensamento.
Se a causa qu'elle têe de atormentar-me,
Tenho eu de soffrer mal o seu tormento?

CLXXII

Cantando estava hum dia bem seguro,
Quando passava Sylvio, e me dizia:
(Sylvio, pastor antiguo que sabía
Por o canto das aves o futuro)

Liso, quando quizer o fado escuro,
A opprimir-te virão em hum só dia
Dous lobos; logo a voz e a melodia
Te fugirão, e o som suave e puro.

Bem foi assi; porque hum me degolou
Quanto gado vacum pastava e tinha,
De que grandes soldadas esperava.

E por mais damno o outro me matou
A cordeira gentil, qu'eu tanto amava,
Perpétua saudade da alma minha.

CLXXIII

O ceo, a terra, o vento socegado,
As ondas que se estendem por a areia,
Os peixes que no mar o somno enfreia,
O nocturno silencio repousado;

O Pescador Aonio que, deitado
Onde co'o vento a ágoa se meneia,
Chorando, o nome amado em vão nomeia,
Que não póde ser mais que nomeado,

Ondas, (dizia) antes que Amor me mate,
Tornae-me a minha Nympha, que tão cedo
Me fizestes á morte estar sujeita.

Ninguem responde; o mar de longe bate;
Move-se brandamente o arvoredo;
Leva-lhe o vento a voz, qu'ao vento deita.

CLXXIV

Ah Fortuna cruel! ah duros Fados!
Quão asinha em meu damno vos mudastes!
Com os vossos cuidados me cansastes,
E agora descansais co'os meus cuidados.

Fizeste-me provar gostos passados,
E vossa condição nelles provastes:
Singelos em hum'hora mos levastes,
Deixando em seu lugar males dobrados.

Quanto melhor me fôra que não víra
Os doces bens de Amor? Ah bens suaves!
Quem me deixa sem vós, porque me deixa?

De queixar-te, alma minha, te retira:
Alma, de alto cahida em penas graves,
Pois tanto amaste em vão, em vão te queixa.

CLXXV

Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento
Vos hei de vêr tão tristes e aggravados?
Não bástão meus suspiros inflammados,
Que sempre em mi renovão seu tormento?

Não basta consentir meu pensamento
Em mágoas, em tristezas e em cuidados,
Senão que haveis de andar tão maltratados,
Que lagrimas tenhais por mantimento?

Não sei porque tomais esta vingança,
Mostrando-vos na ausencia tão saudosos,
Se sabeis quanto póde huma esperança.

Olhos, não aggraveis outros formosos,
Tornando hum puro amor em esquivança,
Pois ficais por esquivos desdenhosos.

CLXXVI

Lembranças, que lembrais o bem passado
Para que sinta mais o mal presente,
Deixae-me, se quereis, viver contente,
Morrer não me deixeis em tal estado.

Se de todo, comtudo, está do Fado,
Que eu morra de viver tão descontente,
Venha-me todo o bem por accidente,
E todo o mal me venha por cuidado.

Que muito melhor he perder-se a vida,
Perdendo-se as lembranças da memoria,
Pois fazem tanto damno ao pensamento.

Porque, em fim, nadà perde quem perdida
A esperança tẽe ja daquella gloria
Que fazia suave o seu tormento.

CLXXVII

Quando os olhos emprégo no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido,
Que todo emprêgo foi mal empregado.

Sempre no mais damnoso mais cuidado;
Tudo o que mais cumpria, mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças mais frustrado.

Os castellos que erguia o pensamento,
No ponto que mais altos os erguia,
Por esse chão os via em hum momento.

Que erradas contas faz a phantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento,
Triste o que espera! triste o que confia!

CLXXVIII

Ja cantei, ja chorei a dura guerra
Por Amor sustentada longos annos;
Vezes mil me vedou dizer seus danos,
Por não vêr quem o segue o muito que erra.

Nymphas, por quem Castalia se abre e cerra;
Vós que fazeis á morte mil enganos,
Concedei-me ja alentos soberanos
Para que diga o mal que Amor encerra:

Para que aquelle, que o seguir ardente,
Veja em meus puros versos hum exemplo
De quanto em glorias promettidas mente.

Qu'inda qu'em triste estado me contemplo,
Se neste assumpto me inspirais, contente
Darei a minha lyra ao vosso templo.

CLXXIX

Os meus alegres, venturosos dias
Passárão, como raio, brevemente;
Movem-se os tristes mais pezadamente
Apoz das fugitivas alegrias.

Ah falsas pretenções! vãas phantasias!
Que me podeis ja dar que me contente?
Ja de meu triste peito a chamma ardente
O tempo reduzio a cinzas frias.

Nellas revolvo agora erros passados;
Que outro fructo não deo a mocidade,
A quem vergonha e dôr minha alma deve.

Revolvo mais de toda a mais idade,
Desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados,
Para que leve tudo o tempo leve.

CLXXX

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceo, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos annos de tormento.

As altas tôrres, que fundei no vento,
Levou, em fim, o vento que as sostinha:
Do mal, que me ficou, a culpa he minha,
Pois sôbre cousas vãas fiz fundamento.

Amor com brandas mostras apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desapparece.

Estranho mal! estranha desventura!
Por hum pequeno bem que desfallece,
Hum bem aventurar, que sempre dura!

CLXXXI

Onde acharei lugar tão apartado,
E tão isento em tudo da ventura,
Que, não digo eu de humana criatura,
Mas nem de feras seja frequentado?

Algum bosque medonho e carregado,
Ou selva solitaria, triste e escura,
Sem fonte clara, ou placida verdura;
Em fim, lugar conforme a meu cuidado?

Porque alli nas entranhas dos penedos,
Em vida morto, sepultado em vida,
Me queixe copiosa e livremente.

Que, pois a minha pena he sem medida,
Alli não serei triste em dias ledos,
E dias tristes me farão contente.

CLXXXII

Aqui de longos damnos breve historia
Verão os que se jactão de amadores:
Reparo póde ser das suas dores
Não apartar as minhas da memoria.

Escrevi, não por fama, nem por gloria,
De que outros versos são merecedores,
Mas por mostrar seus triumphos, seus rigores
A quem de mi logrou tanta victoria.

Crescendo foi a dôr co'o tempo, tanto
Que em número me fez, alheio de arte,
Dizer do cego Amor, que me venceo.

Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto;
E dando a penna á mão, esta só parte
De minhas tristes penas escreveo.

CLXXXIII

Por sua Nympha Céphalo deixava
A Aurora, que por elle se perdia,
Postoque dá princípio ao claro dia,
Postoque as rôxas flôres imitava.

Elle, que a bella Procris tanto amava,
Que só por ella tudo engeitaria,
Deseja de tentar se lhe acharia
Tão firme fé, como ella nelle achava.

Mudado o trage, tece hum duro engano;
Outro se finge, preço põe diante;
Quebra-se a fé mudavel, e consente.

Oh subtil invenção para seu dano!
Vêde que manhas busca hum cego amante
Para que sempre seja descontente!

CLXXXIV

Sentindo-se alcançada a bella esposa
De Céphalo no crime consentido,
Para os montes fugia do marido;
E não sei se de astuta, ou vergonhosa.

Porque elle, em fim, soffrendo a dôr ciosa,
Da cegueira obrigado de Cupido,
Apoz ella se vai como perdido,
Ja perdoando a culpa criminosa.

Deita-se aos pés da Nympha endurecida,
Que do cioso engano está aggravada;
Ja lhe pede perdão, ja pede a vida.

Oh fôrça d'affeição desatinada!
Que da culpa contr'elle commettida,
Perdão pedia á parte que he culpada!

CLXXXV

Seguia aquelle fogo, que o guiava,
Leandro, contra o mar e contra o vento;
Quebravão-lhe ondas o animoso alento,
Por mais e mais que Amor lho renovava.

Com sentir ja que quasi lhe faltava,
Sem nada esmorecer, no pensamento
(Não podendo fallar) de seu intento
O fim ao surdo mar encommendava.

Ó mar, (dizia o moço só comsigo)
Ja te não peço a vida; só queria
Que a d'Hero me salvasses: não me veja:

Este defunto corpo lá o desvia
D'aquella tôrre: sê-me nisto amigo,
Pois no meu maior bem me houveste inveja.

CLXXXVI

Os olhos onde o casto Amor ardia,
Ledo de se vêr nelles abrazado;
O rosto onde com lustre desusado
Purpurea rosa sôbre neve ardia;

O cabello, que inveja ao sol fazia,
Porque fazia o seu menos dourado;
A branca mão, o corpo bem talhado,
Tudo aqui se reduz a terra fria.

Perfeita formosura em tenra idade,
Qual flôr, que antecipada foi colhida,
Murchada está da mão da morte dura.

Como não morre Amor de piedade?
Não della, que se foi á clara vida;
Mas de si, que ficou em noute escura.

CLXXXVII

Ditosa penna, como a mão que a guia
Com tantas perfeições da subtil arte,
Que quando com razão venho a louvar-te,
Em teus louvores perco a phantasia.

Porém Amor, que effeitos varios cria,
De ti cantar me manda em toda a parte,
Não em plectro belligero de Marte,
Mas em suave e branda melodia.

Teu nome, Emmanuel, de hum n'outro pólo,
Voando se levanta e te pregoa,
Agora que ninguem te levantava.

E porque immortal sejas, eis Apolo
Te offerece de flôres a coroa,
Que ja de longo tempo te guardava.

CLXXXVIII

Espanta crescer tanto o crocodilo
  Só por seu limitado nascimento;
  Que, se maior nascêra, mais isento
  Estivera de espanto o patrio Nilo.

Em vão levantará meu baixo estilo
  Vosso Pontifical, novo ornamento;
  Pois no ventre o immortal merecimento
  Vo-lo talhou, para despois vesti-lo.

Tardou, mas veio; que a quem mais merece
  Vir o premio mais tarde he sempre certo,
  Inda que vez alguma venha cedo.

Os Ceos, que do primeiro estão mais perto,
  Mais devagar se movem. Quem conhece,
  Sôbre aquelle segredo, este segredo!

CLXXXIX

Ornou sublime esfôrço ao grande Atlante,
  Com qu'a celeste máchina sustenta;
  Honrou a Homero o engenho, com que intenta
  Grecia do quarto Ceo passá-lo avante;

Coroou claro Amor de amor constante
  A Orpheo, na paz firme e na tormenta;
  Inspirou a Fortuna, em tudo isenta,
  A Cesar, de quem foi hum tempo amante;

Exaltaste tu, Fama, a gloria alta
  De Alcides lá no monte em que resides;
  Mas Castro, em quem o Ceo seus dões derrama,

Mais orna, honra, coroa, inspira, exalta,
  Que Atlante, Homero, Orpheo, Cesar e Alcides,
  Esfôrço, engenho, Amor, Fortuna e Fama.

CXC

Despois que vio Cibele o corpo humano
Do formoso Atys seu verde pinheiro,
Em piedade o vão furor primeiro
Convertido, chorava o grave dano.

E, á sua dôr fazendo illustre engano,
A Jupiter pedio, que o verdadeiro
Preço da nobre palma e do loureiro
Ao seu pinheiro désse, soberano.

Mais lhe concede o filho poderoso
Que, crescendo, as estrellas tocar possa,
Vendo os segredos lá do Ceo superno.

Oh ditoso pinheiro! oh mais ditoso
Quem se vir coroar da rama vossa,
Cantando á vossa sombra verso eterno!

CXCI

Pois torna por seu Rei e juntamente
Por Christo a governar aquella parte
Onde se tẽe mostrado hum Numa, hum Marte
O famoso Luis, justo e valente;

O Tejo espere vêr de todo o Oriente,
Onde tão raros dões o Ceo reparte,
Render a tanto esfôrço, aviso e arte,
Mil palmas, mil tributos novamente.

Os que bebem no Gange, os que no Indo,
A quem pouco valêrão lança e escudo,
O render-se terão por bom partido.

O Euphrates temerá, seu nome ouvindo;
Que para delle vêr vencido tudo,
Ja vio do braço seu tudo vencido.

CXCII

Agora toma a espada, agora a pena,
  Estacio nosso, em ambas celebrado,
  Sendo, ou no salso mar de Marte amado,
  Ou n'água doce amante da Camena.

Cysne sonoro por ribeira amena
  De mi para cantar-te he cobiçado;
  Porque não podes tu ser bem cantado
  De ruda frauta, nem de agreste avena.

Se eu, que a penna tomei, tomei a espada,
  Para poder jogar licença tenho
  Desta alta influïção de dous Planetas;

Com huma e outra luz delles lograda,
  Tu com pujante braço, ardente engenho,
  Serás pharo a Soldados e a Poetas.

CXCIII

Erros meus, má Fortuna, Amor ardente
  Em minha perdição se conjurárão:
  Os erros e a Fortuna sobejárão;
  Que para mi bastava Amor sómente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
  A grande dôr das cousas, que passárão,
  Que ja as frequencias suas me ensinárão
  A desejos deixar de ser contente.

Errei todo o discurso de meus ánnos;
  Dei causa a que a Fortuna castigasse
  As minhas mal fundadas esperanças.

De Amor não vi senão breves enganos.
  Oh quem tanto pudesse, que fartasse
  Este meu duro Genio de vinganças!

CXCIV

Cá nesta Babylonia donde mana
Materia a quanto mal o mundo cria;
Cá donde o puro Amor não tẽe valia;
Que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

Cá donde o mal se affina, o bem se dana,
E póde mais que a honra a tyrannia;
Cá donde a errada e cega Monarchia
Cuida que hum nome vão a Deos engana;

Cá neste labyrintho onde a Nobreza,
O Valor e o Saber pedindo vão
Ás portas da Cobiça e da Vileza;

Cá neste escuro caos de confusão
Cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!

CXCV

Correm turbas as águas deste rio,
Que as rapidas enchentes enturbárão;
Os florecidos campos se seccárão;
Intratavel se fez o valle e frio.

Passou, como o verão, o ardente estio;
Humas cousas por outras se trocárão:
Os fementidos fados ja deixárão
Do mundo o regimento, ou desvario.

Ja o tempo a ordem sua tẽe sabida;
O mundo não; mas anda tão confuso,
Que parece que delle Deos se esquece.

Casos, opiniões, natura, e uso,
Fazem que nos pareça desta vida
Que não ha nella mais do que parece.

CXCVI

Vós outros, que buscais repouso certo
Na vida, com diversos exercicios;
A quem, vendo do mundo os beneficios,
O regimento seu fica encoberto;

Dedicae, se quereis, ao Desconcêrto
Novas honras e cegos sacrificios;
Que, por castigo igual de antiguos vicios,
Quer Deos que andem as cousas por acêrto.

Não cahio neste modo de castigo
Quem pôz culpa á Fortuna, quem sómente
Crê que acontecimentos ha no mundo.

A grande experiencia he grão perigo:
Mas o que à Deos he justo e evidente
Parece injusto aos homens e profundo.

CXCVII

Para se namorar do que criou,
Te fez Deos, sacra Phenix, Virgem pura.
Vêde que tal sería esta feitura
Que para si o seu Feitor guardou!

No seu alto conceito te formou
Primeiro que a primeira criatura,
Para que unica fosse a compostura
Que de tão longo tempo se estudou.

Não sei se digo em tudo quanto baste
Para exprimir as raras qualidades
Que quiz criar em ti quem tu criaste.

És Filha, Mãe, e Esposa: e se alcançaste
Huma só, tres tão altas dignidades,
Foi porqu'a Tres de Hum só tanto agradaste.

CXCVIII

Desce do Ceo immenso Deos benino
Para encarnar na Virgem soberana.
Porque desce o divino a cousa humana?
Para subir o humano a ser divino.

Pois como vem tão pobre e tão menino,
Rendendo-se ao poder da mão tyrana?
Porque vem receber morte inhumana
Para pagar de Adão o desatino.

He possivel que os dous o fructo comem
Que de quem lhes deo tanto foi vedado?
Si; porque o proprio ser de deoses tomem.

E por esta razão foi humanado?
Si; porque foi com causa decretado,
Se quiz o homem ser Deos, que Deos fosse homem.

CXCIX

Dos ceos á terra desce a mór Belleza,
Une-se á nossa carne, e a faz nobre;
E, sendo a humanidade d'antes pobre,
Hoje subida fica á mór riqueza.

Busca o Senhor mais rico a mór pobreza;
Que, como ao mundo o seu amor descobre,
De palhas vis o corpo tenro cobre,
E por ellas o mesmo Ceo despreza.

Como? Deos em pobreza á terra dece?
O qu'he mais pobre tanto lhe contenta,
Qu'este sómente rico lhe parece.

Pobreza este Presepio representa;
Mas tanto por ser pobre ja merece,
Que quanto mais o he, mais lhe contenta.

CC

Porque a tamanhas penas se offerece
  Por o peccado alheio, e êrro insano,
  O Trino Deos? Porque o sogeito humano
  Não póde co'o castigo que merece.

Quem padecerá as penas que padece?
  Quem soffrerá deshonra, morte e dano?
  Quem será, se não fôr o Soberano
  Que reina, e servos manda, e obedece?

Foi a fôrça do homem tão pequena,
  Que não pôde suster tanta aspereza,
  Pois não sosteve a Lei que Deos ordena.

Mas soffre-a aquella immensa Fortaleza
  Por amor puro; que a mortal fraqueza
  Foi para o êrro, e não ja para a pena.

CCI

Despois de haver chorado os meus tormentos,
  Quer Amor que lhe cante as suas glorias.
  Canto de huma belleza os vencimentos,
  De hum longo padecer chóro as memorias.

Porém, se as minhas penas são victorias,
  Por a causa, a meus altos pensamentos;
  Dilatem-se em larguissimas historias
  Estes meus gloriosos rendimentos.

Mova-se em todo o mundo unico espanto,
  De qu'he, por a belleza qu'eu adoro,
  Do que cantado tenho premio o pranto.

Contente offreço a Amor tão triste fôro:
  Que se chôro não ha como o meu canto,
  Não sei canto melhor qu'este meu chôro.

CCII

Onde mereci eu tal pensamento
  Nunca de ser humano merecido?
  Onde mereci eu ficar vencido
  De quem tanto me honrou co'o vencimento?

Em gloria se converte o meu tormento,
  Quando vendo-me estou tão bem perdido;
  Pois não foi tanto mal ser atrevido,
  Como foi gloria o mesmo atrevimento.

Vivo, Senhora, só de contemplar-vos;
  E pois esta alma tenho tão rendida,
  Em lagrimas desfeito acabarei.

Porque não me farão deixar de amar-vos
  Receios de perder por vós a vida;
  Que por vós vezes mil a perderei.

CCIII

De frescas belvederes rodeadas
  Estão as puras águas desta fonte;
  Formosas Nymphas lhes estão defronte,
  A vencer e a matar acostumadas.

Andão contra Cupido levantadas
  As suas graças, que não ha quem conte:
  D'outro valle esquecidas, d'outro monte,
  A vida passão neste socegadas.

O seu poder juntou, sua valia
  Amor, ja não soffrendo este desprêzo,
  Sómente por se vêr dellas vingado;

Mas, vendo-as, entendeo que não podia
  De ser morto livrar-se, ou de ser prêzo,
  E ficou-se com ellas desarmado.

CCIV

Nos braços de hum Sylvano adormecendo
Se estava aquella Nympha qu'eu adoro,
Pagando com a boca o doce foro,
Com que os meus olhos foi escurecendo.

Oh. bella Venus! porqu'estás soffrendo
Que a maior formosura do teu côro
Em hum poder tão vil perca o decoro
Que o merito maior lhe está devendo?

Eu levarei daqui por presupposto
Desta nova estranheza que fizeste,
Que em ti não póde haver cousa segura.

Que, pois o claro lume, o bello rosto
Áquelle monstro tão disforme déste,
Não creio qu'haja Amor, senão Ventura.

CCV

Quem diz que Amor he falso, ou enganoso,
Ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel, ou rigoroso.

Amor he brando, he doce, e he piedoso:
Quem o contrário diz não seja crido;
Seja por cego e apaixonado tido,
E aos homens, e inda aos deoses odioso.

Se males faz Amor, em mi se vem;
Em mi mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quiz mostrar quanto podia.

Mas todas suas íras são d'Amor;
Todos estes seus males são hum bem,
Qu'eu por todo outro bem não trocaria.

CCVI

Formosa Beatriz, tendes taes geitos
N'hum brando revolver dos olhos bellos,
Que só no contemplá-los, se não vê-los,
Se inflammão corações e humanos peitos.

Em toda perfeição são tão perfeitos,
Que o desengano dão de merecê-los:
Não póde haver quem possa conhecê-los,
Sem nelle Amor fazer grandes effeitos.

Sentírão, por meu mal, tão graves danos
Os meus, que com os vêr cegos e tristes
Ficárão sem prazer, co'a luz perdida.

Mas ja que vós com elles me feristes,
Tornai-me a vêr com elles mais humanos,
E deixareis curada esta ferida.

CCVII

Alegres campos, verdes, deleitosos,
Suaves me serão vossas boninas,
Em quanto forem vistas das meninas
Dos olhos de Ignez bella tão formosos.

Dos meus, que vos serão sempre invejosos
Por não verem estrellas tão divinas,
Sereis regados d'águas peregrinas,
Soprados de suspiros amorosos.

E vós, douradas flôres, por ventura
Se Ignez quizer fazer de meus amores
Exp'riencias na folha derradeira,

Mostrai-lhe, para vêr minha fé pura,
O bem que sempre quiz, formosas flores;
Qu'então não sentirei que mal me queira.

CCVIII

Ondados fios de ouro, onde enlaçado
Continuamente tenho o pensamento;
Que quanto mais vos sólta o fresco vento,
Mais prêso fico então de meu cuidado;

Amor, d'huns bellos olhos sempre armado,
Me combate co'as fôrças do tormento,
Provando da minha alma o soffrimento
Que á justa lei da paz trago obrigado.

Assi que em vosso gesto mais que humano
Amo a paz juntamente e o perigo;
E em amar hum e outro não me engano.

Muitas vezes dizendo estou comigo
Que, pois he tal a causa de meu dano,
He justa a guerra, he justa a paz que sigo.

CCIX

Amor, que em sonhos vãos do pensamento
Paga o zêlo maior de seu cuidado,
Em toda condição, em todo estado,
Tributario me fez de seu tormento.

Eu sirvo, eu canso; e o grão merecimento
De quanto tenho a Amor sacrificado,
Nas mãos da ingratidão despedaçado
Por prêza vai do eterno esquecimento.

Mas quando muito, em fim, cresça o perigo,
A que perpetuamente me condena
Amor, que amor não he, mas inimigo;

Tenho hum grande descanso em minha pena,
Que a gloria do querer, que tanto sigo,
Não póde ser co'os males mais pequena.

CCX

Nem o tremendo estrépito da guerra
Com armas, com incendios espantosos
Que despachão pelouros perigosos,
Bastantes a abalar huma alta serra,

Podem pôr medo a quem nenhum encerra,
Despois que vio os olhos tão formosos,
Por quem o horror nos casos pavorosos
De mi todo se aparta e se desterra.

A vida posso ao fogo e ferro dar,
E perdê-la em qualquer duro perigo,
E nelle, como phenix, renovar.

Não póde mal haver para comigo,
De qu'eu ja me não possa bem livrar,
Senão do que me ordena Amor imigo.

CCXI

Fiou-se o coração, de muito isento,
De si, cuidando mal que tomaria
Tão illicito amor, tal ousadia,
Tal modo nunca visto de tormento.

Mas os olhos pintárão tão a tento
Outros que vistos têe na phantasia,
Que a razão, temerosa do que via,
Fugio, deixando o campo ao pensamento.

Ó Hippolyto casto, que de geito
De Phedra tua madrasta foste amado,
Que não sabía ter nenhum respeito;

Em mi vingou Amor teu casto peito;
Mas está deste aggravo tão vingado,
Que se arrepende ja do que têe feito.

CCXII

Quem quizer vêr d'amor huma excellencia
Onde sua fineza mais se apura,
Attente onde me põe minha ventura,
Porque de minha fé faça exp'riencia.

Onde lembranças mata a larga ausencia,
Em temeroso mar, em guerra dura,
A saudade alli 'stá mais segura,
Quando risco maior corre a paciencia.

Mas ponha-me a Fortuna e o duro Fado,
Em morte, ou nojo, ou damno, ou perdição,
Ou em sublime e próspera ventura;

Ponha-me, em fim, em baixo ou alto estado;
Que até na dura morte me acharão
Na lingua o nome, e n'alma a vista pura.

CCXIII

Los ojos que con blando movimiento
Al pasar enternecen la alma mia,
Si detener pudiera solo un dia,
Pudiera bien librarla de tormento.

Deste tan amoroso sentimiento
El importuno mal se acabaria;
Ó tambien su accidente creceria
Para acabar la vida en un momento.

Oh! si ya tu esquivez me permitiese
Que al ver, o Ninfa, tu semblante hermoso,
A manos de tus ojos yo muriese!

Oh si los detuvieras! cuan dichoso
Seria aquel momento en que me viese
Vida en ellos cobrar, cobrar reposo!

CCXIV

No bastaba que amor puro y ardiente
Por términos la vida me quitase;
Mas que la muerte así se apresurase
Con un deshumanísimo accidente?

No pretendió mi alma, aunque lo siente,
Que el riguroso curso se atajase,
Porque nunca morir se exprimentase
Desamado el que amó tan dulcemente.

Mas vuestra voluntad tan poderosa
Con esas gracias vuestras ordenaron
Crueldad así imposible, ó nunca oida.

Aquel frio desden, y la amorosa
Furia, de un golpe solo, me quitaron
Con dós contrarias muertes una vida.

CCXV

Ayudame, Señora, á hacer venganza
De tal selvatiquez, de tal rudeza,
Pues de mi poquedad, de mi bajeza
Osado á ti elevaba la esperanza.

Á esa tu perfeccion, que no se alcanza,
Á esas sublimes cumbres de belleza,
Donde una vez llegó naturaleza,
Mas de volver perdió la confianza.

Aquello que en ti miro contemplando,
(Que apenas contemplarlo me consiente)
Contemplándolo mas, menos lo espero.

Si gloria de mi pena en ti se siente,
Derrama em mí tus iras, desamando;
Que al ofenderme mas yo mas te quiero.

CCXVI

O claras águas deste blando rio,
Que en vos al natural estais pintando
El frondífero adorno con que alzando
Se vá á los cielos este bosque umbrio;

Así las lluvias, así el Austro frio
Jamás puedan veniros enturbiando,
Que os vais del seco estio preservando
Con socorreros deste llanto mio.

Y cuando en vos Marfisa se mirare,
Mi figura, cual veis desfallecida,
Ante sus claros ojos puesta sea.

Y si por mí de vos los apartare,
De verme alli mostrándose ofendida,
En pena de no verme no se vea.

CCXVII

Mil veces entre sueños tu figura,
O bella Ninfa, claramente veo;
Y cuando mas la miro, mas deseo
Gozar libre de sueños su hermosura.

En tanto que este dulce engaño dura,
Vivo en la vana gloria que poseo:
Mas cuando allí se eleva mi deseo,
Viene a caer despierto en sombra escura.

Duéleme el despertar por contemplarte;
Que si bien sé te huelgas de no verme,
Huélgome de ser ciego por mirarte.

Mas si quiero de engaños mantenerme,
Y tú quieres me pierda por amarte,
Sin gran ganancia no podré perderme.

CCXVIII

Mi gusto e tu beldad se desposaron,
Terceros por mi mal mis ojos fueron:
Su logro ha sido tal, que, alfin, hicieron
Un hijo hermoso á quien amor llamaron.

Tan fuera de compás le regalaron,
Que cuando mas alegres estuvieron,
Sin entender el mal que produjeron,
Perdidos por amores se miraron.

La beldad desposada deste duelo,
Vino á parir un monstro con dós alas;
La madre es la soberbia, el niño el zelo.

Oh madre que á tu hijo en todo igualas!
Quien mortal hace al inmortal abuelo,
Y al padre mortal da inmortales zalas;

CCXIX

Si el fuego que me enciende, consumido
De algun mas suelto Aquario ser pudiese;
Si el alto suspirar me convertiese
En aire por el aire desparcido;

Si un horrible rumor siendo sentido,
La alma á dejar el cuerpo redujese;
Ó por estos mis ojos al mar fuese
Este mi cuerpo en llanto convertido;

Nunca podria la fortuna airada,
Com todos sus horrores, sus espantos,
Derrocar la alma mia de su gloria.

Porque en vuestra beldad ya transformada,
Ni del Estigio lago eternos llantos
Os podrian quitar de mi memoria.

CCXX

Que me quereis perpétuas saudades?
Com qu'esperanças inda me enganais?
O tempo, que se vai, não torna mais,
E se torna, não tornão as idades.

Razão he ja, ó annos, que vos vades,
Porque estes tão ligeiros que passais,
Nem todos para hum gôsto sois iguais,
Nem sempre são conformes as vontades.

Aquillo a que ja quiz he tão mudado,
Que quasi he outra cousa; porque os dias
Tẽe o primeiro gôsto ja damnado.

Esperanças de novas alegrias,
Não m'as deixa a Fortuna e o tempo irado,
Que do contentamento são espias.

CCXXI

Oh rigorósa ausencia desejada
De mi sempre, mas nunca conhecida!
Saudade, n'outro tempo tão temida,
Como em meu damno agora exprimentada!

Ja rigorosamente começada
Tendes vossa esperança em minha vida;
Mas tanto, que ja temo que opprimida
Sejais com ella cedo, ou acabada.

Os dias mais alegres me entristecem;
As noites, com cuidados as desconto,
Em que sem vós sem conto me parecem.

Eu desejando espero, e os annos conto;
Mas com a vida, em fim, elles fallecem:
Nem basta á carne enfêrma esprito pronto.

CCXXII

Ay! quien dará á mis ojos una fuente
De lágrimas que manen noche y dia?
Respirara si quiera la alma mia,
Llorando lo pasado, y lo presente.

Quien me diera apartado de la gente,
De mi dolor siguiendo la porfía
Con la triste memoria y fantasía
Del bien por quien mal tanto así se siente!

Quien me dará palabras con que iguale
El duro agravio que el amor me ha hecho,
Donde tan poco el sufrimiento vale?

Quien me abrirá profundamente el pecho,
Dó está escrito el secreto que no sale,
Con tanto dolor mio, á mi despecho?

CCXXIII

Con razon os vais, aguas, fatigando
Por llegar dó sereis bien recebidas;
Y en aquel mar inmenso convertidas,
Que ya de tantos dias vais buscando.

Triste de aquel que siempre anda llorando
Las vanas esperanzas ya perdidas,
Y con dolor las lágrimas vertidas
Nunca al fin pretendido van llegando!

Vosotras sin traer derecha via,
Al término llegais tan deseado,
Por mas que os embarace el gran rodeo;

Mas yo siempre afligido noche y dia,
Por un camino, que no llevo errado,
Jamás puedo llegar donde deseo.

CCXXIV

Oh cese ya, Señor, tu dura mano!
 No llegues tanto al cabo con mi vida;
 Baste el estar por ti tan consumida,
 Que ya no se halla en ella lugar sano.

Ay estraña hermosura! ay deshumano
 Hado, á que nunca puedo hallar salida!
 Si tú de tu piedad no eres movida,
 Roto el hilo vital verás temprano.

Un blando desamor, un amor blando,
 Bien basta para un hombre tan perdido,
 Que de su mal ningun remedio espera.

Y si estimas en poco el ver cual ando,
 Aqui me tienes ante ti rendido:
 Viva tu gusto, mi esperanza muera.

CCXXV

Dulces engaños de mis ojos tristes,
 Cuan vivo despertais mi pensamiento!
 Aquello que pudiera dar contento,
 En sombra de pintura lo volvistes.

De blando sobresalto enternecistes
 Con vista arrebatada el sentimiento;
 Mas no le asegurastes un momento
 Aqueste vano bien que le ofrecistes.

Veo que la figura era fingida,
 Y no aquella que en sí mi alma esconde,
 Aunque en esto se llega al natural:

Así escucha mi llanto, así responde,
 Así se condolece de mi vida,
 Como si fuera el propio original.

CCXXVI

Cuanto tiempo ha que lloro un dia triste,
Como si alguno alegre yo esperara?
Como, o Tajo, al pasar esa tu clara
Agua, no la alteraste, y no me hundiste?

El paso me cerraste, el pecho abriste,
O mi ventura, de mi bien avara!
Á Dios, montañas de hermosura rara;
Á Dios, mi corazon, que no partiste.

Si adonde quedas en dichosa suerte
No bebieres las aguas del olvido,
En tanto bien no quieras olvidarme.

Cantando mi dolor llora mi muerte;
Porque hasta el hueco monte sin sentido
Suelta su ronca voz por consolarme.

CCXXVII

Levantai, minhas Tagides, a frente,
Deixando o Tejo ás sombras nemorosas;
Dourai o valle umbroso, as frescas rosas,
E o monte com as árvores frondente.

Fique de vós hum pouco o rio ausente,
Cessem agora as lyras numerosas,
Cesse vosso lavor, Nymphas formosas,
Cesse da fonte vossa a grã corrente.

Vinde a vêr a Theodosio grande e claro,
A quem 'stá offrecendo maior canto
Na cithara dourada o louro Apolo.

Minerva do saber dá-lhe o dom raro,
Pallas lhe dá o valor de mais espanto,
E a Fama o leva ja de pólo a pólo.

CCXXVIII

Vós, Nymphas da Gangetica espessura,
Cantai suavemente, em voz sonora,
Hum grande Capitão que a rôxa Aurora
Dos filhos defendeo da noite escura.

Ajuntou-se a caterva negra e dura,
Que na Aurea Chersoneso affouta mora,
Para lançar do charo ninho fóra
Aquelles que mais podem que a ventura.

Mas hum forte leão, com pouca gente,
A multidão tão fera como necia,
Destruindo castiga e torna fraca.

Ó Nymphas, cantai, pois; que claramente
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leoniz fez em Malaca.

CCXXIX

Alma gentil, que á firme eternidade
Subiste clara e valerosamente,
Cá durará de ti perpetuamente
A fama, a gloria, o nome e a saudade.

Não sei se he mór espanto em tal idade
Deixar de teu valor inveja á gente,
Se hum peito de diamante, ou de serpente,
Fazeres que se mova a piedade.

Invejosa da tua acho mil sortes,
E a minha mais que todas invejosa,
Pois ao teu mal o meu tanto igualaste.

Oh ditoso morrer! sorte ditosa!
Pois o que não se alcança com mil mortes,
Tu com huma só morte o alcançaste.

CCXXX

Debaixo desta pedra sepultada
Jaz do mundo a mais nobre formosura,
A quem a morte, só de inveja pura,
Sem tempo sua vida têe roubada,

Sem ter respeito áquella assi estremada
Gentileza de luz, que a noite escura
Tornava em claro dia; cuja alvura
Do sol a clara luz tinha eclipsada.

Do sol peitada foste, cruel morte,
Para o livrar de quem o escurecia;
E da lua, que ante ella luz não tinha.

Como de tal poder tiveste sorte?
E se a tiveste, como tão asinha
Tornaste a luz do mundo em terra fria?

CCXXXI

Imagens vãas me imprime a phantasia;
Discursos novos acha o pensamento;
Com que dão á minha alma grão tormento
Cuidados de cem annos n'hum só dia.

Se fim grande tivessem, bem sería
Responder a esperança ao fundamento:
Mas o fado não corre tão a tento,
Que reserve á razão sua valia.

Caso e Fortuna podem acertar;
Mas se por accidente dão victoria,
Sempre o favor da Fama he falsa historia.

Excede ao saber, determinar:
Á constancia se deve toda a gloria:
O ânimo livre he digno de memoria.

CCXXXII

Quanta incerta esperança, quanto engano!
Quanto viver de falsos pensamentos!
Pois todos vão fazer seus fundamentos
Só no mesmo em qu'está seu proprio dano.

Na incerta vida estribão de hum humano;
Dão credito a palavras que são ventos;
Chórão despois as horas e os momentos,
Que rírão com mais gôsto em todo o anno.

Não haja em apparencias confianças;
Entendei que o viver he de emprestado;
Que o de que vive o mundo são mudanças.

Mudai, pois, o sentido e o cuidado,
Sómente amando aquellas esperanças
Que durão para sempre com o amado.

CCXXXIII

Mal, que de tempo em tempo vás crescendo,
Quem te visse de hum bem acompanhado!
A vida passaria descansado,
Da morte não temêra o rosto horrendo.

Se os vãos cuidados fôra convertendo
Em suspiros que dão outro cuidado,
Oh quão prudente, oh quão affortunado
A capella do louro irá tecendo!

Tempo he ja de esquecer contentamentos
Passados, co'a esperança que passou,
E de que triumphem novos pensamentos.

A fé, que viva n'alma me ficou,
Dê ja fim aos caducos ardimentos
A que o passado bem se condemnou.

CCXXXIV

Oh quanto melhor he o supremo dia
Da mansa morte, que o do nascimento!
Oh quanto melhor he hum só momento,
Que livra de annos tantos de agonia!

De alcançar outro bem cesse a porfia;
Cesse todo applicado pensamento
De tudo quanto dá contentamento,
Pois só contenta ao corpo a terra fria.

O que do seu fez Deos seu despenseiro,
Tẽe mais estreita conta que lhe dar:
Então parece rico o ovelheiro.

Triste de quem no dia derradeiro
Tẽe o suor alheio por pagar,
Pois a alma ha de vender por o dinheiro!

CCXXXV

Como pódes (oh cego peccador!)
Estar em teus errores tão isento,
Sabendo que esta vida he hum momento,
Se comparada com a eterna for?

Não cuides tu que o justo Julgador
Deixará tuas culpas sem tormento,
Nem que passando vai o tempo lento
Do dia de horrendissimo pavor.

Não gastes horas, dias, mezes, annos,
Em seguir de teus damnos a amisade
De que despois resultão móres danos.

E pois de teus enganos a verdade
Conheces, deixa ja tantos enganos,
Pedindo a Deos perdão com humildade.

CCXXXVI

Verdade, Amor, Razão, Merecimento,
Qualquer alma farão segura e forte;
Porém Fortuna, Caso, Tempo, e Sorte,
Tẽe do confuso mundo o regimento.

Effeitos mil revolve o pensamento,
E não sabe a que causa se reporte:
Mas sabe que o que he mais que vida e morte
Não se alcança de humano entendimento.

Doctos varões darão razões subidas;
Mas são as exp'riencias mais provadas:
E por tanto he melhor ter muito visto.

Cousas ha hi que passão sem ser cridas:
E cousas cridas ha sem ser passadas.
Mas o melhor de tudo he crêr em Christo.

CCXXXVII

De Babel sôbre os rios nos sentámos,
De nossa doce patria desterrados,
As mãos na face, os olhos derribados,
Com saudades de ti, Sião, chorámos.

Os orgãos nos salgueiros pendurámos,
Em outro tempo bem de nós tocados;
Outro era elle, por certo, outros cuidados;
Mas por deixar saudades os deixámos.

Aquelles que captivos nos trazião
Por cantigas alegres perguntavão:
Cantai (nos dizem) hymnos de Sião.

Sôbre tal pena, pena tal nos dão,
Pois tyranicamente pretendião
Que cantassem aquelles que choravão

CCXXXVIII

Sôbre os rios do Reino escuro, quando
Tristes, quaes nossas culpas o ordenárão,
Lagrimas nossos olhos derramárão,
Por ti, Sião divina, suspirando:

Os que hião nossas almas infestando,
De contino em error, as captivárão;
E em vão por nossos Psalmos perguntárão;
Que tudo era silencio miserando.

Dizendo estamos: Como cantaremos
As acceitas canções a Deos benino,
Quando a contrarios seus obedecemos?

Mas ja, Senhor só Santo, determino,
Deixando viciosissimos extremos,
Os cantos proseguir de Amor Divino.

CCXXXIX

Em Babylonia sôbre os rios, quando
De ti, Sião sagrada, nos lembrámos,
Alli com grã saudade nos sentámos,
O bem perdido, miseros, chorando.

Os instrumentos musicos deixando,
Nos estranhos salgueiros pendurámos,
Quando aos cantares, que ja em ti cantámos,
Nos estavão imigos incitando.

Ás esquadras dizemos inimigas:
Como hemos de cantar em terra alhea
As cantigas de Deos, sacras cantigas?

Se a lembrança eu perder que me recrea
Cá nestas penosissimas fadigas,
Oblivioni detur dextra mea.

CCXL

Aponta a bella Aurora, luz primeira,
Que a grã nova nos deo do claro dia:
Vesti-vos, corações, ja de alegria,
E recebei da vida a Mensageira.

Da humana Redempção nasce a Terceira:
Alegra-te, Divina Monarchia;
Da terra terás cedo a companhia,
Do Ceo verás tambem a nossa feira.

De tal obra se espanta a naturéza,
Confuso fica de temor o inferno,
Vendo a que nasce isenta da defeza.

Lei geral era posta desde eterno;
Mas o Senhor da Lei toda limpeza
Para o Sacrario seu guardou Materno.

CCXLI

Porque a terra no Ceo agasalhasse,
O Ceo na terra Deos agasalhou:
Lá não cabendo, cá se accommodou,
Porque lá, de cá indo, se alargasse.

Porqu'o homem a ser Deos por Deos chegasse,
Por o homem a ser homem Deos chegou:
Seu divino poder tanto humanou,
Porque o humano em divino se tornasse.

Vêde bem o que deo e recebeo:
Não se perca hum bem tanto da memoria:
Deo-nos a vida, a morte padeceo.

Trocou por nossa pena a sua gloria;
Deo-nos o triumpho qu'elle mereceo;
Porque amor foi auctor desta victoria.

CCXLII

Qu'estilla a Arvore sacra? Hum licôr santo.
Para quem? Para o genero he humano.
Que faz delle? Hum remedio soberano.
Para que? Para a culpa e triste pranto.

E que obra? Reduzir Lusbel a espanto.
Porque? Porque co'hum pomo fez grão dano.
Que foi? A morte deo com hum engano.
Tanto pôde? Sem falta pôde tanto.

Quem sóbe a ella? Quem do Ceo desceo.
A que desce? A subir a creatura.
Que quiz da terra? Só levá-la ao Ceo.

He escada para ir lá? E á mais segura.
Quem o obrigou? De amor só se venceo.
Quem amava este Feitor? Sua feitura.

CCXLIII

Oh Arma unicamente só triumphante,
Propugnaculo só de nossas vidas,
Por quem forão ganhadas as perdidas
Com que o Tartaro horrendo andava ovante!

Sigua-se esta bandeira militante
Por quem são taes victorias conseguidas,
Por quantas almas, della divertidas,
No Ponente errão cá, lá no Levante.

Oh Arvore sublime, e marchetada
De branco e carmesi, de ouro embutida,
Dos rubis mais preciosos esmaltada,

E de trophéos mais claros guarnecida!
Á vida a morte vimos em ti dada,
Para qu'em ti se désse á morte a vida.

CCXLIV

Aos homens hum só homem pôz espanto,
E o pôz a toda a humana natureza;
Que de homem teve o ser, de Anjo a pureza,
Porqu'antes que nascesse era ja Santo.

Propheta foi na Mãe; em fim, foi tanto,
Qu'entre os nascidos houve a mór alteza;
Que da Luz, sem a vêr, vio a grandeza,
Tendo por trompa o Verbo Sacrosanto.

Aquella voz foi elle sonorosa,
No concavo dos Orbes resonante,
E que a Carne inculpavel baptizou;

Quem do mór Pae ouvio a voz amante;
Quem a subtil pergunta industriosa
Com sincera resposta socegou.

CCXLV

Vós só podeis, sagrado Evangelista,
Angelico abrazàdo Seraphim,
E na sciencia mais alto Cherubim,
Do que he mais sabio Amor ser Coronista.

Divina e real Aguia, cuja vista
Vio o qu'he sem princípio, o qu'he sem fim,
De Jacob mais querido Benjamim,
Quem mais campêa de Joseph na lista;

Apostolo, e Propheta, e Patriarca,
Ao Principe dos Ceos o mais acceitó,
Qu'em seu seio dormindo então mais via.

A quem o mesmo Deos por irmão marca;
Quem por filho da Mãe unica feito,
Em corpo e alma goza o claro dia.

CCXLVI

Como louvarei eu, Seraphim santo,
Tanta humildade, tanta penitencia,
Castidade, e pobreza, e paciencia,
Com este meu inculto e rudo canto?

Argumento que ás Musas põe espanto,
Que faz muda a grandiloqua eloquencia.
Oh imagem, qu'a Divina Providencia
De si viva em vós fez para bem tanto!

Fostes de Santos huma rara mina;
Almas de mil a mil ao Ceo mandastes
Do mundo, que perdido reformastes.

E não roubaveis só com a doutrina
As vontades mortaes, mas a Divina;
Pois os seus rubis cinco lhe roubastes.

CCXLVII

Ditosas almas, que ambas juntamente
Ao ceo de Venus e de Amor voastes,
Onde hum bem que tão breve cá lograstes,
Estais logrando agora eternamente;

Aquelle estado vosso tão contente,
Que só por durar pouco triste achastes,
Por outro mais contente ja o trocastes,
Onde sem sobresalto o bem se sente.

Triste de quem cá vive tão cercado,
Na amorosa fineza, de hum tormento
Que a gloria lhe perturba mais crescida!

Triste, pois me não val o soffrimento,
E Amor para mais damno me tẽe dado
Para tão duro mal tão larga vida!

CCXLVIII

Contente vivi ja, vendo-me isento
Deste mal de que a muitos queixar via:
Chamão-lhe amor; mas eu lhe chamaria
Discordia e semrazão, guerra e tormento.

Enganou-me co'o nome o pensamento:
(Quem com tal nome não se enganaria?)
Agora tal estou, que temo hum dia
Em que venha a faltar-me o soffrimento.

Com desesperação, e com desejo
Me paga o que por elle estou passando,
E inda está do meu mal mal satisfeito.

Pois sôbre tantos damnos inda vejo
Para dar-me outros mil hum olhar brando,
E para os não curar hum duro peito.

CCXLIX

Deixa Apollo o correr tão apressado,
Não sigas essa Nympha tão ufano:
Não te leva o amor, leva-te o engano
Com sombras de algum bem a mal dobrado.

E quando seja amor, será forçado;
E se forçado fôr, será teu dano.
Hum parecer não queiras mais que humano
Em hum sylvestre adôrno vêr tornado.

Não percas por hum vão contentamento
A vista que te faz viver contente;
Modera em teu favor o pensamento.

Porque menos mal he, tendo-a presente,
Soffrer sua crueza, e teu tormento,
Que sentir sua ausencia eternamente.

CCL

Nas cidades, nos bosques, nas florestas,
Nos valles, e nos montes, teus louvores
Sempre te cantem musicos pastores
Nas manhãas frias, nas ardentes sestas.

E neste Templo donde manifestas
E repartes agora teus favores,
Com psalmos, hymnos, e com varias flores
Sejão celebres sempre as tuas festas.

Estes te offreção pés, ess'outros mãos;
D'aquelles pendão sôbre os teus altares
Monstros do mar, de servidão prisões.

Que eu cuidados, enganos e affeições,
Muito maiores monstros, e milhares
Te deixo aqui de pensamentos vãos.

CCLI

Vi queixosos de Amor mil namorados,
E nenhuns inda vi com seus louvores;
E aquelle que mais chora o mal de amores,
Vejo menos fugir de seus cuidados.

Se das dôres de Amor sois mal tratados,
Porque tanto buscais de Amor as dôres?
E se tambem as tendes por favores,
Porque dellas fallais como aggravados?

Não queirais alegria achar algũa
No Amor, porque he composto de tristeza,
Na fortuna que acheis mais agradavel.

Nella e nelle achei sempre a mesma lũa,
Em quem nunca se vio outra firmeza,
Que não seja a de ser sempre mudavel.

CCLII

Se lagrimas choradas de verdade
O marmore abrandar podem mais duro,
Porque as minhas que nascem de amor puro
Hum coração não rendem a piedade?

Por vós perdi, Senhora, a liberdade,
E nem da propria vida estou seguro.
Rompei desse rigor o forte muro,
Não passe tanto avante a crueldade.

Ao prezar de desprêzos dae ja fim:
Não vos chamem cruel; nome devido
A quem se ri de quem suspira e ama.

Abrandai esse peito endurecido,
Por o que toca a vós, ja não por mim,
Que eu aventuro a vida, e vós a fama.

CCLIII

Ja me fundei em vãos contentamentos,
Quando delles vivi todo enganado
De hum phantastico bem, e de hum cuidado,
De que só cuidão cegos pensamentos.

Passava dias, horas e momentos,
Deste enleio de amores tão pagado,
Que tinha só por bem-aventurado
Quem só por elles mais bebia os ventos.

Mas agora que ja cahi na conta,
Desengana-me quanto me enganava;
Que tudo o tempo dá, tudo descobre.

O Amor mais caudaloso menos monta.
Qu'he de gostos mais rico eu ignorava,
Aquelle que de amores he mais pobre.

CCLIV

Em huma lapa toda tenebrosa,
Adonde bate o mar com furia brava,
Sôbre hũa mão o rosto, vi qu'estava
Huma Nympha gentil, mas cuidadosa.

Igualmente que linda, lastimosa,
Aljofar dos seus olhos distillava;
O mar os seus furores applacava
Com vêr cousa tão triste e tão formosa.

Alguma vez na horrivel penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.

Com angelica voz assi dizia:
Ah! que falte mais vezes a ventura
Onde sobeja mais a natureza!

CCLV

Se em mim, ó alma, vive mais lembrança
Que aquella só da gloria de querer-vos,
Eu perca todo o bem que lógro em ver-vos,
E de vêr-vos tambem toda a esperança.

Veja-se em mi tão rustica esquivança,
Que possa indigno ser de conhecer-vos;
E, quando em mór empenho de aprazer-vos,
Vos offenda, se em mi houver mudança.

Confirmado estou ja nesta certeza:
Examine-me vossa crueldade,
Exprimente-se em mi vossa dureza.

Conhecei ja de mi tanta verdade;
Pois em penhor e fé desta pureza
Tributo vos fiz ser o que he vontade.

CCLVI

Illustre Gracia, nombre de una moza,
Primera malhechora en este caso
Á Mondoñedo, á Palma, al cojo Traso,
Sugeto digno de inmortal coroza;

Si en medio de la Iglesia no reboza
El manto á vuestro rostro tan devaso,
Por vos dirán las gentes recio y paso:
Veis quien con el demonio se retoza.

Puedo mover los montes sin trabajo;
Con palabras el curso al água enfrena;
Por las ondas hará camino enjuto.

Averguenza su patria y rico Tajo,
Que por ella hombres lleva, mas que arena,
De que paga al infierno gran tributo.

CCLVII

Qual tẽe a borboleta por costume,
Qu'enlevada na luz da acesa vella,
Dando vai voltas mil, até que nella
Se queima agora, agora se consume:

Tal eu correndo vou ao vivo lume
D'esses olhos gentis, Aonia bella;
E abrazo-me, por mais que com cautella
Livrar-me a parte racional presume.

Conheço o muito a que se atreve a vista,
O quanto se levanta o pensamento,
O como vou morrendo claramente;

Porém não quer Amor que lhe resista,
Nem a minh'alma o quer; qu'em tal tormento,
Qual em gloria maior está contente.

CCLVIII

Lembranças de meu bem, doces lembranças
Que tão vivas estais nesta alma minha,
Não queirais mais de mi, se os bens que tinha
Em poder vêdes todos de mudanças.

Ai cego Amor! Ai mortas esperanças
De qu'eu em outro tempo me mantinha!
Agora deixareis quem vos sostinha;
Acabarão co'a vida as confianças.

Co'a vida acabarão, pois a ventura
Me roubou n'hum momento aquella gloria,
Que, quando tão grande he, tão pouco dura.

Oh se apoz o prazer fôra a memoria!
Ao menos estivera a alma segura
De ganhar-se com ella mais victoria.

CCLIX

Formosos olhos, que cuidado dais
Á mesma luz do sol mais clara e pura;
Que sua esclarecida formosura,
Com tanta gloria vossa, atraz deixais;

Se por serdes tão bellos desprezais
A fineza de amor que vos procura.
Pois tanto vêdes, vêde que não dura
O vosso resplandor quanto cuidais.

Colhei, colhei do tempo fugitivo
E de vossa belleza o doce fruto;
Qu'em vão fóra de tempo he desejado.

E a mi, que por vós morro, e por vós vivo,
Fazei pagar a Amor o seu tributo,
Contente de por vós lho haver pagado.

CCLX

Pues siempre sin cesar, mis ojos tristes,
En lágrimas tratais la noche el dia,
Mirad si es lágrima esta que os envia
Aquel sol por quien vos tantas vertistes.

Si vos me asegurais, pues ya la vistes,
Que és lágrima, será ventura mia;
Por empleadas bien desde hoy tendria
Las muchas que por ella sola distes.

Mas cualquier cosa mucho deseada,
Aunque viendo se esté, nunca es creida;
Y menos esta, nunca imaginada.

Pero della aseguro, si es fingida,
Que basta ser por lágrima enviada,
Para que sea por lágrima tenida.

CCLXI

Tẽe feito os olhos neste apartamento
Hum mar de saudosa tempestade,
Que póde dar saudade á saudade,
Sentimentos ao proprio sentimento.

Em dôr vai convertido o soffrimento,
Em pena convertida a piedade;
A razão tão vencida da vontade,
Qu'escravo faz do mal o entendimento.

A lingua não alcança o qu'a alma sente.
E assi, se alguem quizer em algum'hora
Saber que cousa he dôr não comprehendida,

Parta-se do seu bem, porque exprimente
Qu'antes de se partir, melhor lhe fôra
Partir-se do viver para ter vida.

CCLXII

A peregrinação d'hum pensamento,
Que dos males fez hábito e costume,
Tanto da triste vida me consume,
Quanto cresce na causa do tormento.

Leva a dôr de vencida ao soffrimento;
Mas a alma está, de entregue, tão sem lume,
Qu'enlevada no bem que haver presume,
Não faz caso do mal qu'está de assento.

De longe receei (se me valêra)
O perigo que tanto á porta vejo,
Quando não acho em mi cousa segura.

Mas ja conheço, (oh nunca o conhecêra!)
Qu'entendimentos presos do desejo
Não tẽe remedio mais que o da ventura.

CCLXIII

Acho-me da fortuna salteado;
O tempo vai fugindo presuroso,
Deixando-me da vida duvidoso,
E cada instante mais desesperado.

Trocou-se o meu descuido em tal cuidado,
Que donde a gloria he mais, he mais penoso.
Nem vivo de perder-me receoso,
Nem de poder ganhar-me confiado.

Qualquer ave nos montes mais agrestes,
Qualquer féra na cova repousando,
Tẽe horas de alegria: eu todas tristes.

Vós, saudosos olhos, que o quizestes,
(Pois com tormento Amor me está pagando)
Chorai, como que vêdes, o que vistes.

CCLXIV.

Se no que tenho dito vos offendo,
Não he a intenção minha de offender-vos;
Qu'inda que não pretenda merecer-vos,
Não vos desmerecer sempre pretendo.

Mas he meu fado tal, segundo entendo,
Que, por quanto ganhava em entender-vos,
Não me deixa até agora conhecer-vos,
Por a mi proprio m'ir desconhecendo.

Os dias ajudados da ventura
A cada qual de si dão desenganos,
E a outros soe da-lo a desventura.

Qual destas sirva a mi, dirão os danos
Ou gostos que eu tiver, em quanto dura
Esta vida, tão larga em poucos anos.

CCLXV

Doce contentamento ja passado,
Em que todo o meu bem só consistia,
Quem vos levou de minha companhia,
E me deixou de vós tão apartado?

Quem cuidou que se visse neste estado
Naquellas breves horas d'alegria,
Quando minha ventura consentia,
Que d'enganos vivesse meu cuidado?

Fortuna minha foi cruel e dura
Aquella que causou meu perdimento,
Com a qual ninguem póde ter cautella.

Nem se engane nenhuma creatura;
Que não póde nenhum impedimento
Fugir do que lh'ordena sua estrella.

CCLXVI

Sempre, cruel Senhora, receei,
Medindo vossa grã desconfiança,
Que désse em desamor vossa tardança,
E que me perdesse eu, pois vos amei.

Perca-se, em fim, ja tudo o qu'esperei,
Pois n'outro amor ja tendes esperança.
Tão patente será vossa mudança,
Quanto eu encobri sempre o que vos dei.

Dei-vos a alma, a vida e o sentido;
De tudo o que em mi ha vos fiz senhora.
Prometteis, e negais o mesmo Amor.

Agora tal estou, que de perdido,
Não sei por onde vou, mas algum'hora
Vos dará tal lembrança grande dor.

CCLXVII

Fortuna em mim guardando seu direito
Em verde derrubou minha alegria.
Oh quanto se acabou naquelle dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peito!

Quando contemplo tudo, bem suspeito
Que a tal bem, tal descanso se devia,
Por não dizer o mundo, que podia
Achar-se em seu engano bem perfeito.

Mas se a fortuna o fez por descontar-me
Tamanho gosto, em cujo sentimento
A memoria não faz senão matar-me:

Que culpa pode dar-me o sentimento,
Se a causa que elle tem de atormentar-me,
Eu tenho de soffrer o seu tormento?

CCLXVIII

Se a fortuna inquieta e mal olhada,
Que a justa lei do Ceo comsigo infama,
A vida quieta, qu'ella mais desama,
Me concedêra honesta e repousada;

Pudéra ser que a Musa, alevantada
Com luz de mais ardente e viva flama,
Fizera ao Tejo lá na patria cama
Adormecer co'o som da lyra amada.

Porém, pois o destino trabalhoso,
Que m'escurece a Musa fraca e lassa,
Louvor de tanto preço não sustenta;

A vossa, de louvar-me pouco escassa,
Outro sogeito busque valeroso,
Tal qual em vós ao mundo se apresenta.

CCLXIX

Este amor, que vos tenho limpo e puro,
De pensamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado,
Tê-lo dentro nesta alma só procuro.

D'haver nelle mudança estou seguro,
Sem temer nenhum caso, ou duro fado,
Nem o supremo bem, ou baixo estado,
Nem o tempo presente, nem futuro.

A bonina e a flôr asinha passa;
Tudo por terra o inverno e estio deita;
Só para meu amor he sempre Maio.

Mas vêr-vos para mim, Senhora, escassa,
E qu'essa ingratidão tudo me engeita,
Traz este meu amor sempre em desmaio.

CCLXX

Se grande gloria me vem só de olhar-te
He pena desigual deixar de ver-te,
Se presumo com obras merecer-te,
Grande paga do engano he desejar-te.

Se quero, por quem és, talvez louvar-te,
Sei certo, por quem sou, que he offender-te.
Se mal me quero a mi por bem querer-te;
Que premio quero eu mais que só o amar-te?

Extremos são de amor os que padeço,
Ó humano thesouro, ó doce gloria;
E se cuido que acabo então começo.

Assim te trago sempre na memoria;
Nem sei se vivo, ou morro, mas conheço,
Que ao fim da batalha he a victoria.

CCLXXI

A formosura desta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar destes ribeiros,
Donde toda a tristeza se desterra;

O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ar a branda guerra:

Em fim, tudo o que a rara natureza
Com tanta variedade nos offrece,
M'está (se não te vejo) magoando.

Sem ti tudo me enoja, e me aborrece;
Sem ti perpetuamente estou passando
Nas móres alegrias mór tristeza.

CCLXXII

Sospechas, que en mi triste fantesia
Puestas hazeis la guerra a mi sentido,
Bolviendo, y rebolviendo el afligido
Pecho con dura mano noche y dia:

Ya se acabó la resistencia mia,
Y la fuerça del alma, ya rendído
Vencer de vós me dexo arrepentido
De averos contrastado en tal porfia:

Llevadme a aquel lugar tan espantable,
Que por no ver mi muerte alli esculpida,
Cerrados hasta aqui tuve los ojos:

Las armas pongo ya, que concedida
No es tan larga defensa al miserable;
Colgad en vuestro carro mis despojos.

CCLXXIII

Sustenta meu viver hũa esperança
Derivada de hum bem tão desejado,
Que quando nella estou mais confiado,
Mór dúvida me põe qualquer mudança.

E quando ìnda este bem na mór pujança
De seus gostos me tẽe mais enlevado,
Me atormenta então vêr eu, que alcançado
Será por quem de vós não tẽe lembrança.

Assi que, nestas redes enlaçado,
A penas dou a vida, sustentando
Huma nova materia a meu cuidado.

Suspiros d'alma tristes arrancando,
Dos silvos d'huma pedra acompanhado,
Estou materias tristes lamentando.

CCLXXIV

Ja não sinto, Senhora, os desenganos,
Com que minha affeição sempre tratastes,
Nem vêr o galardão, que me negastes,
Merecido por fé ha tantos anos.

A mágoa chóro só, só chóro os danos
De vêr por quem, Senhora, me trocastes;
Mas em tal caso vós só me vingastes
De vossa ingratidão, vossos enganos.

Dobrada glória dá qualquer vingança,
Que o offendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa;

Mas eu de vossos males e esquivança,
De que agora me vejo bem vingado,
Não a quizera tanto á vossa custa.

CCLXXV

Que póde ja fazer minha ventura,
Que seja para meu contentamento?
Ou como fazer devo fundamento
De cousa que o não tẽe, nem he segura?

Que pena póde ser tão certa e dura,
Que possa ser maior que meu tormento?
Ou como receará meu pensamento
Os males, se com elles mais se apura?

Como quem se costuma de pequeno
Com peçonha criar por mão sciente,
Da qual o uso ja o tẽe seguro:

Assim de acostumado co'o veneno,
O uso de soffrer meu mal presente
Me faz não sentir ja nada o futuro.

CCLXXVI

Quando cuido no tempo, que contente
Vi as perolas, neve, rosa e ouro,
Como quem vê por sonhos hum thesouro,
Parece tenho tudo aqui presente:

Mas tanto que se passa este accidente,
E vejo o quão distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Porque de imaginar tambem me ausente:

Ja forão dias, em que por ventura
Vos vi, Senhora, se assi dizendo posso
Com o coração seguro estar sem medo:

Agora em tanto mal não mo assegura
A propria fantasia, e nojo vosso:
Eu não posso entender este segredo.

CCLXXVII

Quando, Senhora, quiz Amor qu'amasse
Essa grã perfeição e gentileza,
Logo deo por sentença, que a crueza
Em vosso peito amor accrescentasse.

Determinou, que nada me apartasse,
Nem desfavor cruel, nem aspereza;
Mas qu'em minha rarissima firmeza
Vossa isenção cruel se executasse.

E, pois tendes aqui offerecida
Est'alma vossa a vosso sacrificio,
Acabai de fartar vossa vontade.

Não lhe alargueis, Senhora, mais a vida;
Acabará morrendo em seu officio,
Sua fé defendendo e lealdade.

CCLXXVIII

Eu vivia de lagrimas isento,
N'hum engano tão doce e deleitoso,
Qu'em qu'outro amante fosse mais ditoso
Não valião mil glorias hum tormento.

Vendo-me possuir tal pensamento,
De nenhuma riqueza era invejoso;
Vivia bem, de nada receoso,
Com doce amor e doce sentimento.

Cobiçosa a Fortuna, me tirou
Deste meu tão contente e alegre estado;
E passou-se este bem, que nunca fôra:

Em trôco do qual bem só me deixou
Lembranças, que me mátão cada hora,
Trazendo-me á memoria o bem passado.

CCLXXIX

Indo o triste pastor todo embebido
Na sombra de seu doce pensamento,
Taes queixas espalhava ao leve vento,
Co'hum brando suspirar d'alma sahido:

A quem me queixarei, cego, perdido,
Pois nas pedras não acho sentimento?
Com quem fallo? A quem digo meu tormento?
Que onde mais chamo, sou menos ouvido.

Ó bella Nympha, porque não respondes?
Porque o olhar-me tanto m'encareces?
Porque queres que sempre me querelle?

Eu quanto mais te busco, mais te escondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Assim que co'o mal cresce a causa delle.

CCLXXX

De hum tão felice engenho, produzido
De outro, que o claro Sol não vio maior,
He trazer cousas altas no sentido,
Todas dignas de espanto e de louvor:

Museo foi antiquissimo Escriptor,
Philosopho e Poeta conhecido,
Discipulo do Musico amador,
Que co'o som teve o inferno suspendido:

Este póde abalar o monte mudo,
Cantando aquelle mal, que eu ja passei,
Do mancebo de Abydo mal sisudo:

Agora contão ja (segundo achei)
Tasso, e o nosso Boscão, que disse tudo
Dos segredos que move o cego Rei.

CCLXXXI

Dizei, Senhora, da belleza idêa,
Para fazerdes esse aureo crino,
Onde fostes buscar esse ouro fino?
De qu'escondida mina ou de que vêa?

Dos vossos olhos essa luz Phebéa,
Esse respeito, de hum Imperio dino?
Se o alcançastes com saber divino,
Se com encantamentos de Medéa?

De qu'escondidas conchas escolhestes
As perlas preciosas Orientaes;
Que fallando mostrais no doce riso?

Pois vos formastes tal, como quizestes,
Vigiai-vos de vós, não vos vejais,
Fugi das fontes, lembre-vos Narciso.

CCLXXXII

Na ribeira do Euphrates assentado,
Discorrendo me achei pela memoria
Aquelle breve bem, aquella gloria,
Que em ti, doce Sião, tinha passado.

Da causa de meus males perguntado
Me foi: Como não cantas a historia
De teu passado bem, e da victoria
Que sempre de teu mal has alcançado?

Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
O mal, indaque grave e rigoroso?
Canta pois, e não chores dessa sorte.

Respondi com suspiros: Quando crece
A muita saudade, o piedoso
Remedio he não cantar, senão a morte.

CCLXXXIII

El vaso relusiente e cristalino,
De Angeles agua clara y olorosa,
De blanca seda ornado y fresca rosa,
Ligado con cabellos de oro fino:

Bien claro parecia-el don divino
Labrado por la mano artificiosa
De aquella blanca Ninfa graciosa,
Mas que el rubio luzero matutino:

Nel vaso vuestro cuerpo se afigura,
Raxado de los blandos miembros bellos,
Y en el agua vuestra anima pura:

La seda es la blancura, y los cabellos
Son las prisiones, y la ligadura
Con que mi libertad.fue asida dellos.

CCLXXXIV

Chorai, Nymphas, os fados poderosos
Daquella soberana formosura.
Onde forão parar na sepultura
Aquelles Reaes olhos graciosos?

Oh bens do mundo falsos e enganosos!
Que mágoas para ouvir! Que tal figura
Jaza sem resplandor na terra dura
Com tal rosto e cabellos tão formosos!

Das outras que será! pois poder teve
A morte sôbre cousa tanto bella,
Que ella eclipsava a luz do claro dia.

Mas o mundo não era digno della,
Por isso mais na terra não esteve,
Ao Ceo subio, que ja se lhe devia.

CCLXXXV

Senhora ja desta alma, perdoai
De hum vencido de Amor os desatinos,
E sejão vossos olhos tão beninos
Com este puro amor, que d'alma sai.

A minha pura fé sómente olhai,
E vêde meus extremos se são finos;
E se de alguma pena forem dinos,
Em mim, Senhora minha, vos vingai.

Não seja a dôr que abraza o triste peito
Causa por onde pene o coração,
Que tanto em firme amor vos he sujeito.

Guardai-vos do que alguns, dama, dirão,
Que sendo raro em tudo vosso objeito,
Possa morar em vós ingratidão.

CCLXXXVI

Quem vos levou de mim, saudoso estado,
Que tanta semrasão comigo usastes?
Quem foi, por quem tão presto me negastes,
Esquecido de todo o bem passado?

Trocastes-me hum descanço em hum cuidado
Tão duro, tão cruel, qual me ordenastes,
A fé, que tinheis dado, me negastes,
Quando mais nella estava confiado.

Vivia sem receio deste mal,
Fortuna, que têe tudo á sua mercê,
Amor com desamor me resolveo:

Bem sei que neste caso nada val,
Que quem nasceo chorando justo he,
Que pague com chorar o que perdeo.

CCLXXXVII

Diversos casos, varios pensamentos
Me trazem tão confuso o entendimento,
Que em nada vejo ja contentamento,
Senão quando se vão contentamentos:

Em varios casos, varios sentimentos
Succedem, por mostrar ao fundamento,
Que he o que se deseja tudo vento,
Pois pinta haver descanço em vãos intentos:

Vê-se em grandes discursos o desejo,
Quando as occasiões os tempos mudão,
Não ha cousa impossivel a hum cuidado:

O injusto co'o justo he ja trocado,
Os duros montes seus assentos mudão,
Eu só não posso vêr meu mal mudado.

CCLXXXVIII

Doce sonho, suave e soberano,
Se por mais longo tempo me duráraǃ
Ah quem de sonho tal nunca acordára,
Pois havia de vêr tal desengano!

Ah deleitoso bem! ah doce engano!
Se por mais largo espaço me enganára!
Se então a vida misera acabára,
De alegria e prazer morrêra ufano.

Ditoso, não estando em mi, pois tive
Dormindo o que acordado ter quizera.
Olhae com que me paga meu destino!

Em fim, fóra de mi ditoso estive.
Em mentiras ter dita razão era,
Pois sempre nas verdades fui mofino.

CCLXXXIX

Diana prateada, esclarecida
Com a luz que do claro Phebo ardente,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho, reluzia,

Cem mil milhões de graças lhe influia,
Quando me appareceo o excellente
Raio de vosso aspecto, differente
Em graça e em amor do que sohia.

Eu vendo-me tão cheio de favores,
E tão propinquo a ser de todo vosso,
Louvei a hora clara, e a noite escura,

Pois nella déstes côr a meus amores:
Donde collijo claro que não posso
De dia para vós ja ter ventura.

CCXC

A lá en Monte Rey, en Bal de Laça,
A Biolante bi beira de hum rio,
Tam fermosa em berdá, que quedé frio
De ber alma inmortal en mortal maça:

De hum alto e lindo copo a seda laça
A Pastora sacaba fio a fio,
Quando lhe disse, morro, corta o fio,
Bolbeo, não cortarei, seguro passa:

E como passarei, se eu acá quedo,
Se passar, respondi, não bou seguro,
Que este corpo sem alma morra cedo:

Com a minha, que lebas, te asseguro
Que não morras Pastor; Pastora ei medo,
O quedar me parece mais seguro.

CCXCI

Porque me faz Amor inda acá torto,
O mal te faga Deos desbergonçado,
Rapaz bil, descortez, que me has guiado
A ber a Biolante, que me ha morto:

Bila, por mas non berme tomar porto
En repouso ningun desbenturado,
Mas para chorar sempre quede a bado
As aguas de meus olhos son conforto:

Bem vir ser tua madre Cypriana
Una mundana astrosa, deshonesta,
Cruel, falsa, sem lei, dura, e tirana:

Que a bós ella ser outra, e não ser esta,
Não tiberas bontá tão deshumana,
Nem fora contra mim tão cruda besta.

CCXCII

Em quanto Phebo os montes accendia
Do Ceo com luminosa claridade,
Por conservar illesa a castidade
Na caça o tempo Delia despendia.

Venus, qu'então de furto descendia
Por captivar de Anchises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Quasi zombando della, lhe dizia:

Tu vás com tuas redes na espessura
Os fugitivos cervos enredando;
Mas as minhas enredão o sentido.

Melhor he (respondia a deosa pura)
Nas redes leves cervos ir tomando,
Que tomar-te a ti nellas teu marido.

CCXCIII

Se de vosso formoso e lindo gesto
Nascêrão lindas flores para os olhos,
Que para o peito são duros abrolhos,
Em mim se vê mui claro e manifesto:

Pois vossa formosura, e vulto honesto
Em os vêr, de boninas vi mil mólhos,
Mas se meu coração tivera antolhos,
Não vira em vós seu damno o mal funesto:

Hum mal visto por bem, hum bem tristonho,
Que me traz elevado o pensamento
Em mil, porém diversas, fantasias:

Nas quaes eu sempre ando, e sempre sonho,
E vós não cuidaes mais que em meu tormento,
Em que fundaes as vossas alegrias.

CCXCIV

N'hum tão alto lugar, de tanto preço,
Este meu pensamento posto vejo,
Que desfallece nelle inda o desejo,
Vendo quanto por mi o desmereço.

Quando esta tal baixeza em mi conheço,
Acho que cuidar nelle he grão despejo,
E que morrer por elle me hé sobejo
E mór bem para mi, do que mereço.

O mais que natural merecimento
De quem me causa hum mal tão duro e forte,
O faz que vá crescendo de hora em hora.

Mas eu não deixarei meu pensamento,
Porque inda qu'este mal me causa a morte,
Un bel morir tutta la vita honora.

CCXCV

Quantas penas, Amor, quantos cuidados,
Quantas lagrimas tristes sem proveito,
De que mil vezes olhos, rosto e peito,
Por ti, cego, me viste ja banhados;

Quantos mortaes suspiros derramados
Do coração por tanto a ti sujeito,
Quantos males, em fim, tu me tens feito,
Todos forão em mi bem empregados.

A tudo satisfaz (confesso-te isto)
Huma só vista branda e amorosa
De quem me captivou minha ventura.

Oh sempre para mi hora ditosa!
Que posso temer ja, pois tenho visto,
Com tanto gôsto meu, tanta brandura?

CCXCVI

O tempo acaba, o anno, o mez, e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza,
O tempo acaba a fama, e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora:

O tempo busca, e acaba o onde mora
Qualquer ingratidão, qualquer dureza,
Mas não póde acabar minha tristeza,
Em quanto não quizerdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste.
O tempo a tempestade em grão bonança:

Mas de abrandar o tempo estou seguro
O peito de diamante, onde consiste
A pena, e o prazer desta esperança.

CCXCVII

Posto me tẽe fortuna em tal estado,
E tanto a seus pés me tẽe rendido!
Não tenho que perder, ja de perdido,
Nem tenho que mudar, ja de mudado.

Todo bem para mi he acabado:
D'aqui dou o viver ja por vivido;
Que aonde o mal he tão conhecido,
Tambem o viver mais será 'scusado.

Se me basta querer, a morte quero,
Que bem outra esperança não convem:
E curarei hum mal com outro mal.

E pois do bem tão pouco bem espero,
Ja que o mal este só remedio tem,
Não me culpem em qu'rer remedio tal.

CCXCVIII

Ja não fere o Amor com arco forte,
As settas tẽe lançadas ja por terra,
Como sohia ja não nos faz guerra,
Porque a que nos faz he de outra sorte:

Com olhos pelos olhos nos dá morte,
E para acertar o que não erra,
Os vossos escolheo, em quem se encerra
Mais bem do que ha do Sul ao Norte:

Concede-vos o Amor tão grão poder,
Que vós sejaes do seu livre e isenta:
Apagou-se a candea no meio da consoante.

Por isso Feliza se vos não contenta,
Não vades com o Soneto por diante,
Que he sonho o que a fantasia representa.

CCXCIX

Pues lágrimas tratais, mis ojos tristes,
Y en lágrimas pasais la noche y dia,
Mirad si es llanto este que os envia
Aquella por quien vos tantas vertistes:

Sentid, mis ojos, bien esta que vistes;
Y si ella lo es, oh gran ventura mia!
Por muy bien empleadas las habria
Mil cuentos que por esta sola distes.

Mas una cosa mucho deseada,
Aunque se vea cierta, no es creida,
Cuanto mas esta, que me es enviada.

Pero digo, que aunque sea fingida,
Que basta que por lágrima sea dada,
Porque sea por lágrima tenida.

CCC

Olhos formosos em quem quiz natura
Mostrar do seu poder altos signais,
Se quizerdes saber quanto possais,
Vede-me a mi, que sou vossa feitura.

Pintada em mi se ve vossa figura,
No que eu padeço retratada estais;
Que se eu passo tormentos desiguais,
Muito mais póde vossa formosura.

De mi não quero mais que o meu desejo:
Ser vosso, e só de ser vosso me arreio,
Por que o vosso penhor em mi se asselle.

Não me lembro de mi quando vos vejo;
Nem do mundo: e não erro, porque creio,
Que em lembrar-me de vós cumpro com elle.

CCCI

Quem presumir, Senhora, de louvar-vos,
Com humano saber, e não divino,
Ficará de tamanha culpa dino,
Quamanha ficais sendo em contemplar-vos.

Não pertenda ninguem de louvor dar-vos,
Por mais que raro seja, e peregrino;
Que vossa formosura eu imagino,
Que Deos a elle só quiz comparar-vos.

Ditosa esta alma vossa, que quizestes
Em posse pôr de prenda tão subida
Como, Senhora, foi a que me destes.

Melhor a guardarei, que a propria vida;
Que pois mercê tamanha me fizestes
De mi será jamais nunca esquecida.

CCCII[1]

Los que bivis subjectos a la estrela
De Venus, cujo hijo amor se llama,
No digo a los que, viendo qualquer dama
Dizis que padecis muerte por ella:

Si no a los que, de amor viva centelha
Por una solamente el pecho inflama;
Y destes lo que mas ardiente llama
Sufrir por bien amar la causa della:

Venid a ver mis versos, do pintado
Vereis varios efectos de la suerte
Que dentro en mis entrañas son formados.

Vereis al propio amor terrible e fuerte,
Vereis angustia, ancias e cuidados,
Suspiros, llanto, pena, fee e muerte.

CCCIII

Todas as almas, tristes, se mostravão
Pela piedade do Feitor Divino,
Onde ante o seu aspecto benigno
O devido tributo lhe pagavão:

Meus sentidos então, livres estavão,
Que ate hi foi constante o seu destino;
Quando huns olhos de que eu não era dino
A furto da razão me salteavão:

A nova vista me cegou de todo,
Naceo do descostume a estranheza
Da suave e angelica presença.

Para remediar-me não ha hi modo?
Oh porque fez a huma natureza
Entre os nascidos tanta differença!

[1] Começam os Sonetos ineditos.

CCCIV

Senhora minha, se de pura inveja
  Amor me tolhe a vista delicada,
  A cor de roza e neve semeada,
  E dos olhos a luz que o sol deseja.

Não me póde tolher, que vos não veja
  Nesta alma, que elle mesmo vos tem dada,
  Onde vos terei sempre debuxada,
  Por mais cruel imigo que me seja:

Nella vos vejo, e vejo que não nasce
  Em bello e fresco prado deleitoso,
  Senão flor que dá cheiro a toda a serra:

Os lirios tendes n'huma e n'outra face.
  Ditoso quem os vir, mas mais ditoso,
  Quem os tiver, se ha tanto bem na terra!

CCCV

Contas, que traz amor com meus cuidados,
  Me fazem contas dar de meu tormento,
  São contas com que anda o pensamento,
  Contando magoas tristes, duros fados:

Contas crueis serão, se mal contados
  Os meus serviços forem, cujo intento
  He sempre fazer conta em fundamento,
  Em contar-se por bem afortunados:

Se em sahindo cá fora vos vejo,
  Contas, do peito em lagrimas tornadas,
  A causa deste effeito hide sem pejo;

E la direis que sois gotas salgadas,
  Do infinito mar do meu desejo,
  Que accende o fogo em que sois forjadas.

CCCVI

Fermosa mão que o coração me aperta,
Se a vontade me tem em si sujeita,
Esta tão doce se mostra contrafeita,
Quando será que a veja cara e certa?

Meu repouso sonhado a dôr disperta,
Inteira a pena, a gloria he imperfeita,
Que vella em sonhos eu que aproveita,
Se quando acordado estou me he incuberta.

Manhosamente amor me favorece
Com mostras d'algum bem cheo de engano,
Hum bem que pouco dura, e mais empece:

Porque, tornando a vir o desengano,
Acordando-me o mal que m'adormece,
Faça fugir o bem e dobre o dano.

CCCVII

De tantas perfeiçoens a natureza
Formou, dama gentil, vossa figura,
Que sois divina no mundo em formosura,
E divina na graça e gentileza:

De modo que tal he vossa lindeza,
Tal a graça que em vós tanto se apura,
Que não ha dama em si tanto segura,
Que ante essa vossa cuide ter belleza:

A natureza humana se esmerou
Em vos formar tão linda e graciosa,
Quão graciosa e linda vos formou:

E para vos fazer mais gloriosa,
Depois de vos formar, logo jurou,
De não fazer mais cousa tão formosa.

CCCVIII

D'amores de huma inclita donzella
Ferido o mesmo Deus d'amor se vio,
E prezo emfim, por mais que resistio,
Que a tudo vence e rende a força della:

Jamais o mundo vio dama tão bella,
Com ella a natureza repartio
A graça, com que ao mesmo ferio,
Laços com quem não vale força ou cautella:

Oh rara e nunca vista formosura,
Formosura bastante a sojugar
O mesmo Deus d'Amor tão soberano.

Olhai se poderá d'hum fraco humano
A força; a força tal muito durar,
Quando a força de amor tão pouco dura.

CCCIX

Em hum batel que com doce meneio
O aurifero Tejo dividia,
Vi bellas damas, ou melhor diria,
Bellas estrellas e hum sol no meio.

As delicadas filhas de Nereo,
Com mil vozes de doce armonia,
Hião amarrando a bella companhia,
Que (se eu não erro) por honrala veio.

Ó formosas Nereidas, que cantando
Lograis aquella visão serena,
Que a vida em tantos males quer trazer-me.

Dizei-lhe, que olhe que se vai passando
O curto tempo, e a tão longa pena
O tempo he prompto, a carne enferma.

CCCX

Que fiz Amor, que tão mal me tratas,
Não sendo todo teu, que mal me queres,
Que se por teu me tens, porque me feres,
E a minha triste vida desbaratas?

Se com a fera nympha te contratas,
E de suas esperanças não differes,
A quem me queixarei do que fizeres,
Que vida me darás se tu me matas?

E tu despiadosa honra e fama,
Respondes com mortal esquecimento,
Não têes a tanta fé algum respeito!

Mas ja que tu não ves a quem te ama,
Não vindo, não terás conhecimento
De quem sempre contino por ti chama.

CCCXI

Se ao que te quero desses tanta fé,
Quanto dás tormento ao coração,
Meus suspiros não serião tanto em vão,
Nem eu te pediria em vão mercê.

Mas he tanta a tua dureza, que não crê
Os males que me faz tua condição,
Podendo comtigo mais a sem razão,
Do que he o terno amor que em mi se vê.

E pois, sempre á morte me chegaste
Com desamor que não merecia,
Eu morrerei, mas sabe que ganhaste.

Dizerem-te as gentes cada dia,
Ah! Senhora cruel porque mataste
A quem mais que a vida te queria?

CCCXII

O tempo está vingado á custa minha
Do tempo que no tempo não hei olhado;
Triste quem do tempo em tal estado
Que o tempo e todo o tempo não temia!

Bem me castigou o tempo e a porfia
De aver-me com só o tempo descuidado,
Pois tão sem tempo, o tempo me ha deixado,
Que ja não espero tempo de alegria.

Passaram oras, tempos e momentos,
Em que pudera do tempo aproveitar-me,
Para escusar com tempo meu tormento.

Mas pois quiz do tempo confiar-me,
Sendo o tempo de desvarios e movimento,
De mim, que não do tempo posso queixar-me.

CCCXIII

Quem busca no amor contentamento,
Achará nelle que he seu natural,
Mas a substancia que ha do bem ao mal,
He como folha que revolve o vento.

Quem foi sugeito deste movimento,
Não póde ter sua gloria por tal,
Que dure n'hum ser para sempre igual,
Pois he mudavel para seo tormento.

Assim que em amor se acham cada dia,
Estes dous contrarios ambos n'hum sugeito,
Os quaes por ventura são ordenados.

Ora em huma, ora em outra via,
Em perda dos que amão ou proveito,
Mas em nenhum momento são desesperados.

CCCXIV

Se a ninguem tratais com desamor,
Antes a todos tendes affeição,
E se a todos mostrais hum coração
Cheio de mansidão, cheio d'amor.

Desde hoje me tratai com desfavor,
Mostra-me hum odio esquivo, huma isenção,
Poderei acabar de crer então,
Que somente a mim me dais favor.

Que se tratais a todos brandamente,
Claro he que aquelle he só favorecido
A quem mostrais irado o continente.

Mal poderei eu ser de vós querido
Se tendes outro amor n'alma presente
Que amor he hum, não póde ser partido.

CCCXV

Gostos falsos de amor, gostos fingidos,
Gostos vãos sempre limitados,
Gostos grandes quando imaginados,
Gostos pequenos quando possuidos;

Inda não alcançados ja perdidos,
Inda não começados ja acabados,
Inconstantes, mudaveis, apressados,
Aparecidos e desaparecidos.

Ja vos perdi, e perdi a esperança
De vos cobrar, agora só queria
Comvosco se acabasse esta lembrança.

Que se me cança a vida e a fantezia,
Viver de vós tão longe, mais me cança
Lembrar-me o tempo que vos possuia.

CCCXVI

Com o tempo o prado seco reverdece,
Com o tempo cahe a folha ao bosque umbroso,
Com o tempo pára o rio caudeloso,
Com o tempo o campo pobre se enriquece,

Com o tempo hum louro morre, outro florece,
Com o tempo hum he sereno, outro invernoso,
Com o tempo foge o mal duro e penoso,
Com o tempo torna o bem ja quando esquece,

Com o tempo faz mudança a sorte avara,
Com o tempo se aniquila hum grande estado,
Com o tempo torna a ser mais eminente.

Com o tempo tudo anda, e tudo pára,
Mas só aquelle tempo que he passado
Com o tempo se não faz tempo presente.

CCCXVII

Aquelles claros olhos que chorando
Ficavão quando delles me partia,
Agora que farão? quem mo diria?
Se por ventura estarão em mi cuidando?

Se terão na memoria, como ou quando
Delles me vi tão longe de alegria?
Ou se estarão aquelle alegre dia
Que torne a vellos, n'alma figurando?

Se contarão as horas e os momentos?
Se acharão n'hum momento muitos annos?
Se fallarão com as aves e com os ventos?

Oh! bemaventurados fingimentos
Que nesta ausencia, tão doces enganos
Sabeis fazer aos tristes pensamentos!

CCCXVIII

Ausente dessa vista pura e bella
Que dantes viver ledo me fazia,
Vivo agora tão farto de agonia,
Quanto vendo-vos fui ja falto della.

Chamo dura e cruel a dura estrella
Que me aparta de vós minha alegria,
Mil vezes maldizendo a hora e dia
Que foi duro principio a tal querella:

E tanta pena passo nesta ausencia,
A que o cruel destino me condena,
Porque sofra huma dôr ao mundo rara,

Que ja vencer deixara a paciencia
Com minha vida, á força desta pena,
Se a vida para ver-vos não guardara.

CCCXIX

Saudades me atormentão tão cruelmente,
Saudades do meu bem ja passado;
Não sou a tantos males condenado
Sem razão, pois que posso ser ausente:

Por amor me vi hum tempo ja contente,
Por amor eu me quiz atormentado,
Bem he que veja meu erro tão pagado,
Como o he com minha dor e mal presente.

Que bem mereceo pois fez tal partida
Não vos vêr, ou não me vêrdes vós Senhora,
Porque assim pagasse eu com minha vida:

Mas pois minha alma seu erro chora,
Não queirais que chore a sorte perdida,
Vejão-vos meus olhos branda alguma hora.

CCCXX

O dia, hora ou o ultimo momento
Da vida em que meus fados me poserão,
Ja minhas esperanças se perderão,
Ja me não enganará meu pensamento.

Triste mudança, duro apartamento,
Que perder em tão breve me fizerão
Tudo o que meus serviços merecerão,
Ó quantas cousas muda o mudamento:

Não espero ja vêr cousa passada,
Porque vejo, que tão longa partida
Me não consente esperanças de tornada.

Minha fabula breve he ja conhecida,
Porque, bem sei que tenho averiguada
De longo apartamento curta vida.

CCCXXI

Se para mim tivera, que algum dia
Movida com paixão de meu tormento,
Tivereis hum pequeno sentimento
De quem com isto só descançaria.

A meus males por gloria julgaria
E por prazeres quantas penas sinto,
E em meio do pesar contentamento
Com tão doces lembranças sentiria.

Mas ai! triste de mim, que estou cuidando
Cousas que me darão mais cedo a morte,
Em pago de doudice tão notoria!

De que serve estar tanto desejando,
Pois vosso merecer e minha sorte
Me fazem duvidosa esta gloria?

CCCXXII

Oh! fortuna cruel! oh! dura sorte!
Trabalho que me poz em tal estado,
Que não quero ja ser desenganado,
Nem tem cura meu mal senão a morte.

Es cego dize amor? porque tão forte
Te mostras, contra quem tão mal tratado
Anda de te servir, e magoado
Tras o coração ferido de teu corte?

Mas ja que não quer mal senão tratar-me
Ah! cruel fortuna minha, ó amor
Deixa-me se quer poder queixar-me.

Porque em tanto trabalho e tanta dôr,
Mal poderei sem isto consolar-me,
Ja que de ti não quero outro favor.

CCCXXIII

Perder-me assi em vosso esquecimento
Não me consente o ser por vós perdido,
Que sê-lo eu, e ser de vós sabido,
Ou consentido, ja eu me contento.

Mas tratardes com hum descuido isento
Quem vos tem o contrario merecido,
Bem que me tenha a mim n'alma offendido,
Mais me offende em vós o merecimento.

Não póde soffrer-vos culpa a vontade,
Que comigo vos entreguei Senhora,
Nem cousa que em vós pareça tacha.

Ache em vosso rosto piedade,
Pois nelle em fim com graças mora,
E toda a perfeição em vós se acha.

CCCXXIV

Se alguma hora em vós a piedade
De tão longo tormento se sentira,
Não consentira amor, que se partira
De vossos olhos minha saudade.

Aparto de vós, mas a vontade
Que n'alma pelo natural vos tira,
Me faz crer que esta ausencia he mentira,
Mas inda mal porém que he verdade!

Ir-me-hei Senhora, e neste apartamento,
Tomarão tristes lagrimas vingança
Nos olhos de quem fostes mantimento.

Assim darei a vida a meu tormento,
Que em fim, ca me achará minha lembrança
Ja sepultado em vosso esquecimento.

CCCXXV

Ja tempo foi, que meus olhos fazião
Alegres novas ao pensamento,
Ja tempo foi, que o sentimento
Gostava do que elles lhe dizião.

Amor e saudade então fazião
No contente peito ajuntamento,
Esperança e firme fundamento
Os falsos argumentos desfazião.

Tornou-se a minha nimpha inhumana,
Ferio com o descuido de dous gumes,
Ó grão mal oh! cruá Feliciana!

Tem aparencia de ciumes,
E certo não o são, nem tal me dana
Mas são da minha fé justos queixumes.

CCCXXVI

Quão bem aventurado me achara,
Se o amor tanto me favorecêra,
E assim como menos mostrar quisera
Com vêr no mais me contentára.

Inteiro e perfeito o bem lograra,
Se meu desejo a mais se não atrevera,
Pois ja que pude vêr-vos, merecera
Ao menos alcançar o que desejava.

Este desejo meu, esta ousadia,
Naceu comigo depois que pude vêr-vos,
E com vos vêr, Senhora, se acrecenta.

Traballio de o tirar da fantezia,
Por quanto creio offender-vos,
Mas quanto mais resisto mais se augmenta.

CCCXXVII

Si el triste coraçon que siempre llora,
Sin ser obra de llanto meritoria,
Pudiesse ya gosar de la vitoria,
De la guerra del amor que s'empeora.

Si entre los verdes arboles, de agora
Estoi apacentando la memoria,
Pudiesse yo gosar por suma gloria
De ver un solo punto a mi pastora.

Ni el aire, que con el aire, que consiente
Amor el mi dolor se aumentaria,
Ni con la de mis ojos esta fuente.

Mas para despojar-me de alegria
Ordena una passion, que viva ausente
De quien ya mas lo estuvo el alma mia.

CCCXXVIII

Do estan los claros ojos que colgada
 Mi alma tras si llevar solian?
 Do estan dos mexillos que vencian
 La rosa quando está mas colorada?

Do está la roxa boca e adornada
 Con dientes que de nieve parecian?
 Los cabellos que el oro escurecian,
 Do está, y aquella mano delicada?

O toda linda! do estares agora
 Que no te puedo ver, y el gran deseo
 De verte me da muerte cada hora!

Mas no mirais mi grande devaneo,
 Que tengo yo en mi alma a mi Señora,
 E diga donde estas que no te veo!

CCCXXIX

Ventana venturosa, do amañece
 Qual resplendor d'Apollo el de mi dama,
 Abrazar-te veja yo con una llama
 De las con que mi alma resplandece.

Porque se ves el mal que se padece,
 Y sientes el dolor que el pecho inflama,
 No dexas a mis ojos ver la rama
 Que dientro en mi con lagrimas florece.

Si no te mueve ya la pena mia,
 Mueva-te ver lo poco que se gana
 De no dexar al alma su alegria.

Ya pues lo sabes, ya cruda ventana
 Antes que mi dolor discubra el dia,
 Dexa-me ver mi ninpha soberana.

CCCXXX

De piedra, de metal, de cosa dura,
El alma dura nynpha os ha vestido,
Pues el cabello es oro endurecido,
Y marmol es la fuente en su blancura.

Los ojos, esmeralda verde escura,
Granata las mexillas, no fingido
El labrio es un robi no posseydo,
Los blancos dentes son de perla pura.

La mano de marfil, y la garganta
De alabastro, pordonde con yedra
Las venas son de azul mui rutilante.

Mas lo que mas en toda vos me espanta,
Es ver que, por que todo fuesse piedra,
Teneis el coraçon como diamante.

CCCXXXI

Al pie de una verde e alta enzina
Coridon su samphona esta tangiendo,
A la sombra de la yedra, que trociendo
El passo por los arboles camiña.

Cantava los amores de la niña
Amarilis, que el amor le está influyendo,
Las aves por los ramos van corriendo,
Al pie cuerre una fuente cristalina.

A el se allego Titiro perdido
Guiando su rebanho macilento,
Fue este amigo suyo mui querido.

Cantava-le su dano e su tormento,
Ni platica agena gusto al desabrido,
Ni el dolor haze triste al que es contento.

CCCXXXII

Amor, amor, que fieres al coitado
Que por amor te serve ha tantos annos,
Sostiendo el tu servicio con enganos,
Pues alfin, fin le dexas no esperado.

Con solo su dolor, con su cuidado
Le pagas el servicio, e con enganos,
Passando por ti casos tan estraños,
Qual otro nunqua mas uvo passado.

Quien piensa que es Dios, quien esta loco,
Quien cre que eres justo yo no lo creo,
Pues al que mejor sirve das mas preo.

Piensa el, que cre en ti, que devaneo,
Yo julgo lo que veo e lo que toco,
Y aun jusgo lo que toco y no lo crêo.

CCCXXXIII

Fermoso Tejo meu quam differente
Te vejo e vi, me ves agora e viste
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu ja, tu a mim contente:

A ti foi-te trocando a grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste,
A mim trocou-me a vista em que consiste
Meu viver contente ou descontente.

Ja que somos no mal participantes
Sejamo-lo no bem, ah quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes.

Lá virá então a fresca primavera
Tu tornaras a ser quem eras dantes
Eu não sei se serei quem dantes era.

CCCXXXIV

Memorias offendidas que hum só dia
Me não deixais em paz o pensamento,
Não me daneis o gosto do tormento
Que quem vos offende vos deffendia.

Que me quereis, olhai que se injuria
Comvosco o delicado sentimento,
Que me ficou do eterno apartamento,
De quem tem ja desfeita a morte fria.

Deixarão-me com a magoa das offensas,
Levarão hum remedio que só tinha,
Quem ira vencer a pena que a alma sente.

Onde achará do dano as recompensas,
Que ainda de ser triste, a dita minha
Me não deixa hum momento ser contente.

CCCXXXV

Lembranças tristes, para que gastais tempo
Em cançar mais hum coração cançado!
Contentai-vos em me vêr em tal estado,
Não queirais de mim mor vencimento.

Temo tão pouco ja vosso tormento,
De andar a passar mal acostumado,
Que sinto de me vêr atormentado
De nada podêr ter ja contentamento.

Trabalho em vão, cuidando empecer
A quem a esperança tem perdida,
De tudo quanto teve e desejou.

De perder muito não tenho que perder,
Senão for esta ja cançada vida
Que por mór perda minha me ficou.

CCCXXXVI

Quando descançareis olhos cançados
Pois ja não vêdes quem vos dava vida,
Ou quando vereis fim á despedida
A tantas disventuras e cuidados.

Ou quando quererão meus duros fados
Erguer minha esperança tão caida;
Ou quando, se de todo he ja perdida,
Alcançar podereis meus bens passados.

Bem sei que hei de morrer nesta saudade
Em que meu esperar he todo vento,
Pois nada espero ao que desejo.

E pois tão clara vejo esta verdade,
Bem póde vir a mim todo o tormento,
Que me não hade espantar pois sempre o vejo.

CCCXXXVII

Memoria de meu bem cortado em flor
Por ordem de meus tristes e maos fados,
Deixai-me descançar com meos cuidados
Nesta inquietação de meus amores.

Basta-me o mal presente, e os temores
Dos successos que espero infortunados,
Sem que venhão de novo bens passados
Afrontar meu repouso com suas dôres.

Perdi n'huma hora quanto em termos
Tão vagarosos e largos alcancei,
Leixai-me pois, lembranças desta gloria.

Cumpre acabe a vida nestes ermos,
Porque, nelles com meu mal acabarei
Mil vidas, não huma só, dura memoria!

CCCXXXVIII

Do corpo estava ja quasi forçada,
Aquella alma gentil ao Ceo devida,
Rompendo a nobre tea de sua vida
Por tornar cedo a patria desejada.

Ainda em flor sem ter raiz lançada
Na terra della tanto aborrecida
S'arrancou boamente, e esta partida
Fez a morte suave sua jornada.

Alma pura, que ao mundo te mostraste
Solta de seus grilhoens q'outros enlação,
E agora gozas la dias melhores,

Dos teus, que cá sem ti tristes deixastes
Te mova alta piedade, em quanto passão
Estas horas que a dôr lhe faz maiores.

CCCXXXIX

O dia, hora em que naci moura e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo, e se tornar
Eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se escureça,
Mostre o mundo sinaes de se acabar,
Nação-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãi ao proprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas de ignorantes,
As lagrimas no rosto, a cor perdida,
Cuidem que o mundo ja se destruio.

Oh gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se vio!

CCCXL

Transumpto sou senhora neste engano,
E tratar delle comigo he escusado,
Que mal póde de vós ser enganado
Quem d'outras como vós tem desengano.

Ja sei que foi á custa de meu dano
Que só no doce dar tendes cuidado,
Mas para como eu sou de vós julgado
Mui vans são as esperanças deste anno.

Tratei grão tempo d'amor, e daqui veo
A conhecer o fingido facilmente,
Que tal he gentil dama o que mostrais.

De treslida cahiste neste enleo,
Querei de mim o que eu quizer boamente,
Que no al a costa arriba caminhais.

CCCXLI

Ondas que por el mundo camiñando
Contino vas llevadas por el viento,
Llevad embuelto en vos mi pensamiento,
Do está la que do esta lo está causando.

Dizilde que os estas acrescentando,
Dizilde que de vida no ai momento,
Dizilde que no muere mi tormento,
Dizilde que no vivo ya esperando.

Dizilde quan perdido me hallaste,
Dizilde quan ganado me perdiste,
Dizilde que sin vida me mataste.

Dizilde quan llagado me feriste,
Dizilde quan sin mi que me dexaste,
Dizilde quan con ella que me vistes.

CCCXLII

Sobre un olmo que al cielo parecia
Llegar de flor no oja, se mostrava
Una ave sola, e triste vi que estava,
Y ali, su soledad encarecia.

En una fuente clara que corria
Con dulce son lloroso se baxava,
Y en el sa metendo la enturbiava,
Y viendo la agua turbia la bevia.

La causa porque al dolor tanto se entregava
La sola tortorilla es verse ausente,
Mirad a quanto el mal d'auzencia llega.

Se tanto sentimiento el accidente
De una ave sin sentido amor la llega
Sentio, que sentira quien algo siente.

CCCXLIII

Cançada e rouca boz por que bolando
No vas do mi Florinda esta dormiendo,
Y ali, de todo quanto yo pretiendo,
O venturosa tu no estas gosando!

Ve passo, e al oydo, suspirando
Le di sin que te sinta, que sentiendo
Estoi tan grave mal que estoi moriendo,
Y avendo de morir estoi cantando.

E dile, que aunque tengo su transumpto,
A qua do estoi que venga dela espero,
Si no quiere hallarme ya defunto.

Mas ay no sei lo que digas, que mas muero
Do verme a su valor despues tan junto,
Sin que vea el bien que tanto quiero.

CCCXLIV

O capitão Romano esclarecido,
Sertorio nas armas sem segundo,
Tal exemplo de si deixou ao mundo,
Qual nunca jamais foi visto ou ouvido.

Porque, por hum soldado fementido
Fazer hum feito torpe e caso immundo,
Usou de hum castigo tão profundo,
Que foi dos seus por elle mui temido.

Porque decimou aquella legião?
Por não usar a honesta disciplina
Do cru, horrendo, duro e fero Marte.

Ó claro exemplo! oh fero nobre Capitão
Que não deixaste Roma sem doutrina
Da militar e invencivel arte.

CCCXLV

A Romana populaça proguntava
Hum certo curioso e não prudente,
Porque a alimaria commumente
Em tempo certo do anno se juntava?

A qual como discreta, e que cuidava
Em repostas ser summa e emminente,
Com huma só palavra claramente
Respondeo, e mostrou com que folgava.

Bestas dá a entender que o não entendem,
Quam grande suavidade se encerra
Na copula hymenea, e ajuntamento.

Mas móres bestas são os que pertendem
Buscar contentamento á carne e á terra,
Deixando a alma prestes ao tormento.

CCCXLVI

Com o generoso rostro alanceado,
Chea de pó e sangue a Real fronte,
Chegou á triste barca de Acheronte
O gram Sebastião sombra tornado.

Vendo o cruel barqueiro que forçado
Queria o Rei passar, poz-se defronte
Dizendo, pelas aguas desta fonte
Nunca passou ninguem disenterrado.

O valeroso Rei com ira comovido
Lhe responde: Ó falso velho por ventura
Não passou outrem ja com força d'ouro?

Pois a um Rei banhado em sangue Mouro
Ousas tu proguntar por sepultura?
Progunta-o a quem vier menos ferido.

CCCXLVII

Quando do raro esforço que mostravas
Largo fructo na guerra produzias,
Cortou-te a parca em flor, porque excedias
Com teus feitos os annos que contavas.

D'armas cobrindo o rosto afiguravas
Marte encoberto, amor se o descubrias,
Que se com a espada os esquadroens abrias,
Com geito os olhos apoz ti levavas.

Não póde não ferir-te imigo ferro,
Vulcano foi, que com sua fortaleza
O mais seguro arnez divide e parte.

Dá porém por disculpa de seo erro,
Que creo de teu esforço e gentileza
Que eras filho de Venus e de Marte.

CCCXLVIII

Quão cedo te roubou a morte dura
Animo illustre a grandes cousas dado!
Deixando o frio corpo assi lançado
Em estranha mas nobre sepultura!

Desta vida de cá que pouco dura
Todo de sangue imigo ja banhado,
Por mão de teu valor forte levado
Aos campos da immortal vida segura.

O espirito goza da ditosa idade,
E o corpo não cabendo cá na terra
Ás aves que o levassem s'entregou.

Deixaste a todos magoa e saudade;
Buscaste morte honrosa em dura guerra,
Deu-te o Tejo, e o Ganges te levou.

CCCXLIX

A ti Senhor a quem as Sacras Musas
Nutrem e cibão de porção divina,
Não as da fonte Delia Cabalina,
Que são Medeas, Circes e Medusas.

Mas aquellas em cujo peito infusas
As estão que as leis da graça ensinão,
Benignas no amor, e na doutrina,
E não soberbas, cegas e confusas;

Este pequeno parto, produsido
De meu saber e fraco entendimento,
Huma vontade grande te offerece.

Se for de ti notado de atrevido,
Daqui peço perdão do atrevimento,
O qual esta vontade te merece.

CCCL

Tu que, descanso buscas com cuidado,
Neste mar do mundo tempestuoso
Não esperes de achar nenhum repouso,
Senão em Christo Jesus Crucificado.

Se por riquezas vives disvelado,
Em Deus está o thesouro mais precioso,
Se estás de formosura desejoso,
Se olhas este Senhor ficas namorado.

Se tu buscas deleites ou prazeres,
Nelle está o dulçor dos dulçores,
Que a todos nos deleita com victoria.

Se por ventura gloria ou honra queres,
Que maior honra póde ser nem gloria,
Que servir ao Senhor Grande dos senhores.

CCCLI

Ó gloriosa Cruz, ó victorioso
Tropheo de despojos rodeado,
Ó signal escolhido e ordenado
Para remedio tão maravilhoso.

Ó fonte viva de licor sagrado,
Em ti nosso mal todo foi curado,
Em ti o Senhor que forte era chamado
Quiz merecer o nome de piedoso.

Em ti se acabou o tempo da vingança,
Em ti misericordia assim floreça
Como despois do inverno a primavera.

Todo o imigo ante ti desapareça,
Tu podeste fazer tanta mudança
Em quem nunca deixou de ser quem era.

CCCLII

Mil vezes se move meu pensamento
A louvar o branco rosto crystalino,
A trança dos cabellos d'ouro fino,
O claro e mais que humano entendimento.

Que com brando e suave movimento
Pudera romper hum peito diamantino,
A graça soberana o ar divino,
A honesta magestade o doce acento.

. . . .

As perolas escolhidas orientaes,
Que antre robís mostrais no doce rizo.

Que essa luz que dos olhos derramais
He o doce resplandor do paraizo,
Pois o demostrais, e dais com claro rizo.

CANÇÕES

CANÇÃO I

Formosa e gentil Dama, quando vejo
A testa d'ouro e neve, o lindo aspeito
A boca graciosa, o riso honesto,
O collo de crystal, o branco peito,
De meu não quero mais que meu desejo,
Nem mais de vós, que vêr tão lindo gesto.
Alli me manifesto
Por vosso a Deos e ao mundo; alli m'inflamo
Nas lagrimas que chóro;
E de mi que vos amo,
Em vêr que soube amar-vos me namóro;
E fico por mi só perdido de arte,
Qu'hei ciumes de mi por vossa parte.

Se por ventura vivo descontente
Por fraqueza d'esprito, padecendo

A doce pena qu'entender não sei,
Fujo de mi, e acolho-me correndo
Á vossa vista; e fico tão contente,
Que zombo dos tormentos que passei.
De quem me queixarei,
Se vós me dais a vida deste geito
Nos males que padeço,
Senão de meu sogeito,
Que não cabe com bem de tanto preço?
Mas inda isto de mi cuidar não posso,
D'estar muito soberbo com ser vosso.

Se por algum acêrto Amor vos erra
Por parte do desejo, commettendo
Algum nefando e torpe desatino;
E s'inda mais que vêr, emfim, pretendo;
Fraquezas são do corpo, qu'he de terra,
Mas não do pensamento, qu'he divino.
Se tão alto imagino
Que de vista me perco, ou pecco nisto,
Desculpa-me o que vejo.
Porém como resisto
Contra hum tão atrevido e vão desejo,
Faço-me forte em vossa vista pura,
Armando-me da vossa formosura.

Das delicadas sobrancelhas pretas
Os arcos com que fere Amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos:
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos raios desses olhos fez as settas
Com que fere quem alça os seus a vellos.
Olhos que são tão bellos

Dão armas de vantagem ao Amor,
Com que as almas destrue.
Porém se he grande a dor
Com a alteza do mal a restitue;
E as armas com que mata são de sorte,
Que ainda lhe ficais devendo a morte.

Lagrimas, e suspiros, pensamentos,
Quem delles se queixar, formosa Dama,
Mimoso está do mal que por vós sente.
Qual bem maior deseja quem vos ama,
Qu'estar desabafando seus tormentos,
Chorando, imaginando docemente?
Quem vive descontente
Não ha de dar allívio a seu desgôsto,
Porque se lhe agradeça;
Mas com alegre rôsto
Soffra seus males, para que os mereça:
Que quem do mal se queixa, que padece,
O faz porqu'esta gloria não conhece.

De modo que se cahe o pensamento
Em alguma fraqueza, de contente,
He porqu'este segredo não conheço,
Assi que com razões não tãosómente
Desculpo ao Amor de meu tormento,
Mas inda à culpa sua lh'agradeço.
Por esta fé mereço
A graça qu'esses olhos acompanha,
E o bem do doce rizo.
Mas ah! que não se ganha
Co'hum paraizo, outro paraizo.
E d'enleada assi minha esperança

Se satisfaz co'o bem que não alcança.
Se com razões escuso meu remedio,
Sabe, Canção, que só porque o não vejo,
Engano com palavras o desejo.

CANÇÃO II

A instabilidade da fortuna,
Os enganos suaves d'Amor cego,
(Suaves se durárão longamente)
Direi, por dar á vida algum socêgo;
Que pois a grave pena m'importuna,
Importune meu canto a toda gente.
E se o passado bem co'o mal presente
M'endurecer a voz no peito frio;
O grande desvario
Dará de minha pena sinal certo;
Que hum êrro em tantos erros he concêrto.
E pois nesta verdade me confio,
(Se verdade se achar no mal que digo)
Saiba o mundo d'Amor o desengano,
Que ja com a razão se fez amigo,
Só por não deixar culpa sem castigo.

Ja Amor fez leis, sem ter comigo alguma;
Ja se tornou de cego razoado,
Só por usar comigo semrazões.
E se em alguma cousa o tenho errado,
Com siso grande dôr não vi nenhuma:
Nem elle deo sem erros affeições.
Mas, por usar de suas isenções,
Buscou fingidas causas de matar-me:
Que para derribar-me

A este abysmo infernal de meu tormento,
Nunca soberbo foi meu pensamento,
Nem pretendeo mais alto levantar-me
D'aquillo qu'elle quiz; e s'elle ordena
Qu'eu pague seu ousado atrevimento,
Saibão que o mesmo Amor, que me condena,
Me fez cahir na culpa e mais na pena.

Os olhos, qu'eu adoro, aquelle dia
Que descêrão ao baixo pensamento,
N'alma os aposentei suavemente;
E pretendendo mais, como avarento,
O coração lhe dei por iguaria,
Que a meu mandado tinha obediente.
Mas, como lhes esteve alli presente,
E entendêrão o fim do meu desejo,
Ou por outro despejo,
Que a lingua descobrio por desvario,
Morto de sêde estou posto em hum rio,
Onde de meu servir o fructo vejo;
Mas logo se alça se a colhê-lo venho,
E foge-me a água s'em beber porfio.
Assi qu'em fome e sêde me mantenho:
Não tẽe Tantalo a pena qu'eu sostenho.

Despois que aquella, em quem minh'alma vive,
Quiz alcançar o baixo atrevimento,
Debaixo d'este engano a alcancei:
A nuvem do contino pensamento
Ma figurou nos braços, e assi tive
Sonhando, o que acordado desejei.
E porque a meu desejo me gabei
De conseguir hum bem de tanto preço;

Além do que padeço,
Atado em huma roda estou penando,
Qu'em mil mudanças me anda rodeando;
Onde, se a algum bem subo, logo deço.
E assi ganho, e assi perco a confiança;
E assi de mi fugindo traz mim ando;
E assi me tẽe atado huma vingança,
Como Ixião, tão firme na mudança.

Quando a vista suave e inhumana
Meu humano desejo, de atrevido,
Commetteo, sem saber o que fazia,
(Que da sua belleza foi nascido
O cego moço, que com setta insana
O peccado vingou desta ousadia)
Afora este penar, qu'eu merecia,
Me deo outra maneira de tormento:
Que nunca o pensamento,
Voando sempre d'huma a outra parte,
Destas entranhas tristes bem se farte,
Imaginando como o famulento,
Que come mais e a fome vai crescendo,
Porque de atormentar-me não se aparte.
Assi que para a pena estou vivendo:
Sou outro novo Ticio, e não m'entendo.

De vontades alheias, qu'eu roubava,
E que enganosamente recolhia
Em meu fingido peito, me mantinha.
O engano de maneira lhes fingia,
Que despois que a meu mando as sobjugava,
Com amor as matava, qu'eu não tinha.
Porém logo o castigo que convinha

O vingativo Amor me fez sentir,
Fazendo-me subir
Ao monte da aspereza qu'em vós vejo,
Co' o pezado penedo do desejo,
Que do cume do bem me vai cahir:
Tórno a subi-lo ao desejado assento;
Torna a cahir-me: em vão, emfim pelejo.
Sisypho, não t'espantes deste alento,
Que ás costas o subi do soffrimento.

Dest' arte o summo bem se m' offerece
Ao faminto desejo, porque sinta
A perda de perdê-lo mais penosa.
Bem como o avaro, a quem o sonho pinta
O achado d'hum thesouro, onde enriquece,
E farta a sua sêde cobiçosa;
E acordando, com furia pressurosa
Vai o sítio cavar com que sonhava;
Mas tudo o que buscava
Lhe converte em carvão a desventura;
Alli sua cobiça mais se apura,
Por lhe faltar aquillo qu' esperava:
O Amor assi me faz perder o siso.
Porque aquelles qu' estão na noite escura
Não sentirião tanto o triste abisso,
Se ignorassem o bem do Paraisso.

Canção, não mais; que ja não sei que diga:
Mas, porque a dôr me seja menos forte,
Diga o pregão a causa desta morte.

CANÇÃO III

Ja a rôxa manhãa clara
As portas do Oriente vinha abrindo;
Os montes descobrindo
A negra escuridão da luz avara.
O sol, que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso,
Traz ella pressuroso
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respirão nas hervas fresco orvalho,
S'estende claro, alegre e luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminho vão saltando;
E com suave e doce melodia
O claro dià estão manifestando.

A manhãa bella, amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angelica, serena.
Oh deleitosa pena!
Oh effeito d'Amor alto e potente!
Pois permitte e consente
Qu'ou donde quer qu'eu ande, ou dond'esteja,
O seraphico gesto sempre veja,
Por quem de viver triste sou contente.
Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças á ventura,
Pois as foi pôr em ti tão excellentes,
Que representes tanta formosura.

A luz suave e leda
A meus olhos me mostra por quem mouro,
Com os cabellos d'ouro,
Que nenhum ouro iguala, se os remeda.
Esta a luz he que arreda
A negra escuridão do sentimento
Ao doce pensamento;
Os orvalhos das flôres delicadas
São nos meus olhos lagrimas cansadas,
Qu'eu chóro co'o prazer de meu tormento;
Os passaros que cantão,
Meus espiritos são, que a voz levantão,
Manifestando o gesto peregrino
Com tão divino som, que o mundo espantão.

Assi como acontece
A quem a chara vida está perdendo,
Qu'em quanto vai morrendo,
Alguma visão santa lh'apparece;
A mim em quem fallece
A vida, que sois vós, minha Senhora,
A est'alma, qu'em vós mora
(Em quanto da prisão s'está apartando)
Vos estais justamente apresentando
Em fórma de formosa e rôxa Aurora.
Oh ditosa partida!
Oh gloria soberana, alta e subida!
Se me não impedir o meu desejo;
Porque o que vejo, emfim, me torna a vida.

Porém a natureza,
Que nesta pura vista se mantinha,
Me falta tão asinha.

Como o sol faltar soe á redondeza.
Se houverdes qu'he fraqueza
Morrer em tão penoso e triste estado,
Amor será culpado,
Ou vós, ond'elle vive tão isento,
Que causastes tão largo apartamento,
Porque perdesse a vida co'o cuidado.
Que se viver não posso,
Homem formado só de carne e osso,
Esta vida que perco, Amor ma deo;
Que não sou meu: se morro, o damno he vosso.

Canção de cysne, feita em hora extrema,
Na dura pedra fria
Da memoria te deixo em companhia
Do letreiro da minha sepultura;
Que a sombra escura ja m'impede o dia.

CANÇÃO IV

Vão as serenas ágoas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar não párão;
Por onde as minhas mágoas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começárão.
Alli se me mostrárão
Neste lugar ameno,
Em qu'inda agora mouro,
Testa de neve e d'ouro;
Rizo brando e suave; olhar sereno;
Hum gesto delicado,
Que sempre n'alma m'estará pintado.

Nesta florída terra,
Leda, fresca e serena,
Ledo e contente para mi vivia;
Em paz com minha guerra,
Glorioso co'a pena
Que de tão bellos olhos procedia.
D'hum dia em outro dia,
O esperar m'enganava:
Tempo longo passei;
Com a vida folguei,
Só porqu'em bem tamanho s'empregava.
Mas que me presta ja,
Que tão formosos olhos não os ha?

Oh quem me alli dissera
Que d'Amor tão profundo
O fim pudesse vêr eu algum'hora!
E quem cuidar pudera
Que houvesse ahi no mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Para que desde agora,
Ja perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais que a lembrança;
Que sempre estará firme
Até no derradeiro despedir-me.

Mas a mór alegria
Que daqui levar posso,
E com que defender-me triste espero.
He que nunca sentia
No tempo que fui vosso,

Quererdes-me vós quanto vos eu quero.
Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Não vos dará tal pena
Como a que me condena;
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que a minh'alma sente.
Morra eu, Senhora; e vós ficae contente.

Tu, Canção, estarás
Agora acompanhando
Por estes campos estas claras ágoas;
E por mi ficarás
Com chôro suspirando;
Porque, ao mundo dizendo tantas mágoas,
Como huma larga historia
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

CANÇÃO V

S'este meu pensamento,
Como he doce e suave,
D'alma pudesse vir gritando fóra;
Mostrando seu tormento
Cruel, áspero e grave,
Diante de vós só, minha Senhora;
Pudera ser que agora
O vosso peito duro
Tornára manso e brando.
E então eu, que sempre ando
Passaro solitario, humilde e escuro,
Tornado hum cysne puro,
Brando e sonoro, por o ar voando,

Com canto manifesto
Pintára a minha pena, e o vosso gesto.

Pintára os olhos bellos
Que trazem nas meninas
O menino que os seus nelles cegou;
Os dourados cabellos
Em tranças d'ouro finas,
A quem o sol os raios seus baixou;
A testa que ordenou
Natura tão formosa;
O bem proporcionado
Nariz, lindo, afilado,
Que cada parte tẽe da fresca rosa;
A boca graciosa,
Que o querê-la louvar he ja 'scusado.
Emfim, he hum thesouro;
Perolas dentes, e palavras ouro.

Víra-se claramente,
(Oh Dama delicada!)
Qu'em vós s'esmerou mais a natureza.
Mas eu, de gente em gente,
Trouxera trasladada
Em meu tormento vossa gentileza;
E sómente a aspereza
De vossa condição,
Senhora, não dissera,
Porque se não soubera
Qu'em vós podia haver algum senão.
E se alguem, com razão,
Porque morres? dissesse, respondêra:
Morro, porque he tão bella,

Qu'inda não sou para morrer por ella.

E quando, por ventura,
Dama, vos offendesse,
Escrevendo de vós o que não sento,
E vossa formosura
Tanto á terra descesse,
Que a alcançasse humano entendimento;
Sería o fundamento
De tudo o qu'eu cantasse,
Todo de puro amor;
Porque o vosso louvor
Em figura de mágoas se mostrasse.
E aonde se julgasse
A causa por o effeito, a minha dôr
Diria alli sem medo:
Quem me sentir verá de quem procedo.

Logo então mostraria
Os olhos saudosos,
E o suspirar que traz a alma comsigo;
A fingida alegria;
Os passos vagarosos;
O fallar e esquecer-me do que digo;
Hum pelejar comigo,
E logo desculpar-me;
Hum recear ousando;
Andar meu bem buscando,
E de o poder achar acovardar-me;
E, em fim, averiguar-me
Que o fim de tudo quanto estou fallando,
São lagrimas e amores;
São vossas isenções e minhas dôres.

Mas quem terá, Senhora,
Palavras com qu'iguale
Com vossa formosura a minha pena;
E em doce voz de fóra
Aquella gloria falle
Que dentro na minh'alma Amor ordena?
Não póde tão pequena
Fôrça d'engenho humano
Com carga tão pezada,
Se não fôr ajudada
D'hum piedoso olhar, d'hum doce engano,
Que fazendo-me o dano
Vão deleitoso e a dôr moderada,
Emfim se convertesse
No gôsto dos louvores qu'escrevesse.

Canção, não digas mais; e se teus versos
Á pena vem pequenos,
Não queirão de ti mais; que dirás menos.

CANÇÃO VI

Com força desusada
Aquenta o fogo eterno
Huma Ilha nas partes do Oriente,
D'estranhos habitada,
Aonde o duro inverno
Os campos reverdece alegremente.
A Lusitana gente
Por armas sanguinosas
Tẽe della o senhorio.
Cercada está d'hum rio
De maritimas águas saudosas.

Das hervas qu'aqui nascem,
Os gados juntamente e os olhos pascem.

Aqui minha ventura
Quiz que huma grande parte
Da vida, qu'eu não tinha, se passasse;
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue e de lembranças matizasse.
Se amor determinasse
Que a trôco desta vida,
De mi qualquer memoria
Ficasse como historia,
Que d'huns formosos olhos fosse lida;
A vida e a alegria
Por tão doce memoria trocaria.

Mas este fingimento,
Por minha dura sórte,
Com falsas esperanças me convida.
Não cuide o pensamento
Que póde achar na morte
O que não pôde achar tão longa vida.
Está ja tão perdida
A minha confiança,
Que de desesperado,
Em vêr meu triste estado,
Tambem da morte perco a esperança.
Mas oh! que s'algum dia
Desesperar pudesse, viveria.

De quanto tenho visto
Ja agora não m'espanto,

Que até desesperar se me defende.
Outrem foi causa disto,
Pois eu nunca fui tanto
Que causasse este fogo que m'encende.
Se cuidão que m'offende
Temor d'esquecimento,
Oxalá meu perigo
Me fôra tão amigo,
Que algum temor deixára ao pensamento!
Quem vio tamanho enleio,
Que houvesse ahi 'sperança sem receio?

Quem tẽe que perder possa,
Só póde recear.
Mas triste quem não póde ja perder!
Senhora, a culpa he vossa,
Que para me matar
Bastára hum'hora só de vos não vêr.
Puzestes-me em poder
De falsas esperanças:
E do que mais m'espanto,
Que nunca vali tanto,
Que visse tanto bem, como esquivanças.
Valia tão pequena
Não póde merecer tão doce pena.

Houve-se Amor comigo
Tão brando, ou pouco irado,
Quanto agora em meus males se conhece.
Que não ha mór castigo
Para quem tẽe errado,
Que negar-lhe o castigo que merece.
Da sórte que acontece

Ao misero doente,
Da cura despedido,
Que o Medico advertido
Tudo quanto deseja lhe consente;
O Amor me consentia
Esperanças, desejos e ousadia.

E agora venho a dar
Conta do bem passado
A esta triste vida e longa ausencia.
Quem póde imaginar
Qu'houvesse em mi peccado
Digno d'huma tão grave penitencia?
Olhae que he consciencia
Por tão pequeno êrro,
Senhora, tanta pena.
Não vêdes que he onzena?
Mas se tão longo e misero destêrro
Vos dá contentamento,
Nunca m'acabe nelle o meu tormento.

Rio formoso e claro,
E vós, ó arvoredos,
Que os justos vencedores coroais,
E ao cultor avaro,
Continuamente ledos,
D'hum tronco só diversos fructos dais;
Assi nunca sintais
Do tempo injúria algũa,
Qu'em vós achem abrigo
As mágoas que aqui digo,
Em quanto der o sol virtude á lũa;
Porque de gente em gente

Saibão que ja não mata a vida ausente.

Canção, neste destêrro viverás,
Voz nua e descoberta,
Até que o tempo em ecco te converta.

CANÇÃO VII

Manda-me Amor que cante docemente
O qu'elle ja em minh'alma tẽe impresso,
Com presupposto de desabafar-me;
E porque com meu mal seja contente,
Diz que o ser de tão lindos olhos preso,
Cantá-lo bastaria a contentar-me.
Este excellente modo d'enganar-me
Tomára eu só d'Amor por interêsse,
Se não s'arrependesse,
Com a pena o engenho escurecendo.
Porém a mais me atrevo,
Em virtude do gesto de qu'escrevo.
E s'he mais o que canto que o qu'entendo,
Invoco o lindo aspeito,
Que póde mais que Amor, em meu defeito.

Sem conhecer a Amor viver sohia,
Seu arco e seus enganos desprezando,
Quando vivendo delles me mantinha.
Hum Amor enganoso, que fingia,
Mil vontades alheias enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha.
No Touro entrava Phebo, e Progne vinha;
O corno de Acheloo Flora entornava;
Quando o Amor soltava

Os fios d'ouro, as tranças encrespadas,
Ao doce vento esquivas;
Os olhos rutilando chammas vivas;
E as rosas entre a neve semeadas;
Co'o riso tão galante,
Que hum peito desfizera de diamante.

Hum não sei que suave respirando,
Causava hum admiravel, novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentião.
Alli as garrulas aves, levantando
Vozes não ordinarias em seu canto,
Como eu no meu desejo s'encendião.
As fontes crystallinas não corrião,
D'inflammadas na vista linda e pura;
Florecia a verdura,
Que andando co'os divinos pés tocava;
Os ramos se baixavão,
Ou d'inveja das hervas que pizavão,
Ou porque tudo ant'ella se baixava.
Não houve cousa, emfim,
Que não pasmasse della, e eu de mim.

Porque, quando vi dar entendimento
Ás cousas que o não tinhão, o temor
Me fez cuidar qu'effeito em mi faria.
Conheci-me não ter conhecimento:
Porém só nisto o tive, porque Amor
Mo deixou para vêr o que podia.
Tanta vingança Amor de mi queria,
Que mudava a humana natureza
Nos montes, e a dureza
Delles em mi por trôco traspassava.

Oh que gentil partido,
Trocar o ser do monte sem sentido,
Por o qu'em hum juizo humano estava!
Olhae que doce engano!
Tirar commum proveito de meu dano.

Assi qu'indo perdendo o sentimento
A parte racional, m'entristecia
Vê-la a hum appetite submettida.
Mas dentro n'alma o fim do pensamento,
Por tão sublime causa, me dizia
Qu'era razão ser a razão vencida.
Assi que quando a via ser perdida,
A mesma perdição a restaurava:
E em mansa paz estava
Cada hum com seu contrário em hum sogeito.
Oh grão concêrto este!
Quem será que não julgue por celeste
A causa donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coração
Que venha o appetite a ser razão?

Aqui senti d'Amor a mór fineza,
Como foi vêr sentir o insensivel,
E o vêr a mi de mi proprio perder-me;
E, emfim, senti negar-se a natureza;
Por onde cri que tudo era possivel
Aos lindos olhos seus, senão querer-me.
Despois que ja senti desfallecer-me,
Em lugar do sentido que perdia,
Não sei quem m'escrevia
Dentro n'alma co'as letras da memoria
O mais deste processo,

Co'o claro gesto juntamente impresso,
Que foi a causa de tão longa historia.
Se bem a declarei,
Eu não a escrevo, d'alma a trasladei.

Canção, se quem te lêr
Não crêr dos olhos lindos o que dizes,
Por o que a si s'esconde;
Os sentidos humanos (lhe responde)
Não podem dos divinos ser juizes,
Senão hum pensamento
Que a falta suppra a fé do entendimento.

CANÇÃO VIII

Manda-me Amor que cante o qu'a alma sente,
Caso que nunca em verso foi cantado,
Nem d'antes entre a gente acontecido.
Assi me paga em parte o meu cuidado;
Pois que quer que me louve e represente
Quão bem soube no mundo ser perdido.
Sou parte, e não serei da gente crido:
Mas he tamanho o gosto de louvar-me,
E de manifestar-me
Por captivo de gesto tão formoso,
Que todo o impedimento
Rompe e desfaz a gloria do tormento
Peregrino, suave e deleitoso;
Que bem sei que o que canto
Ha d'achar menos credito qu'espanto.

Eu vivia do cego Amor isento,
Porém tão inclinado a viver preso,

Que me dava desgôsto a liberdade.
Hum natural desejo tinha acceso
D'algum ditoso e doce pensamento,
Que m'illustrasse a insana mocidade.
Tornava do anno ja a primeira idade;
A revestida terra s'alegrava,
Quando o Amor me mostrava
De fios d'ouro as tranças desatadas
Ao doce vento estivo;
Os olhos rutilando lume vivo,
As rosas entre a neve semeadas;
O gesto grave e ledo,
Que juntos move em mi desejo e medo.

Hum não sei que suave respirando,
Causava hum desusado e novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentião.
Porque as garrulas aves, entretanto
Vozes desordenadas levantando,
Como eu em meu desejo s'encendião,
As fontes crystallinas não corrião,
Inflammadas na vista clara e pura;
Florecia a verdura,
Que, andando, co'os ditosos pés tocava;
As ramas se baixavão,
Ou d'inveja das hervas que pizavão,
Ou porque tudo ant'elles se baixava:
O ar, o vento, o dia,
D'espiritos continuos influia.

E quando vi que dava entendimento
A cousas fóra delle, imaginei
Que milagres faria em mi que o tinha:

Vi que me desatou da minha lei,
Privando-me de todo sentimento,
E em outra transformando a vida minha.
Com tamanhos poderes d'Amor vinha,
Que o uso dos sentidos me tirava.
E não sei como o dava
Contra o poder e ordem da natura,
Ás arvores, aos montes,
Á rudeza das hervas e das fontes,
Que conhecêrão logo a vista pura.
Fiquei eu só tornado
Quasi em hum rudo tronco d'admirado.

Despois de ter perdido o sentimento,
D'humano hum só desejo me ficava,
Em que toda a razão se convertia.
Mas não sei quem no peito m'affirmava
Que por tão alto e doce pensamento,
Com razão, a razão se me perdia.
Assi que quando mais perdida a via,
Na sua mesma perda se ganhava.
Em doce paz estava
Com seu contrário proprio em hum sogeito.
Oh caso estranho e novo!
Por alta e grande certamente approvo
A causa, donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coração
Que hum desejo, sem ser, seja razão.

Despois d'entregue ja ao meu desejo,
Ou quasi nelle todo convertido,
Solitario, sylvestre e inhumano,
Tão contente fiquei de ser perdido,

Que me parece tudo quanto vejo
Escusado, senão meu proprio dano.
Bebendo este suave e doce engano,
A trôco dos sentidos que perdia,
Vi que Amor m'esculpia
Dentro n'alma a figura illustre e bella,
A gravidade, o siso,
A mansidão, a graça, o doce riso.
E porque não cabia dentro nella
De bens tamanhos tanto,
Sahe por a boca convertido em canto.

Canção, se te não crerem
Daquelle claro gesto quanto dizes,
Por o que se lhe esconde;
Os sentidos humanos (lhe responde)
Não podem dos divinos ser juizes,
Senão hum pensamento,
Que a falta suppra a fé do entendimento.

CANÇÃO IX

Tomei a triste pena
Ja de desesperado
De vos lembrar as muitas que padeço;
Vendo que me condena
A ficar eu culpado
O mal que me tratais, e o que mereço.
Confesso que conheço
Qu'em parte a causa dei
Ao mal em que me vejo,
Pois sempre o meu desejo
A tão largas promessas entreguei;

Mas não tive suspeita
Que seguisseis tenção tão imperfeita.

S'em vosso esquecimento
Tão condemnado estou,
Como os sinaes demostrão, que mostrais;
Neste vivo tormento,
Lembranças mais não dou
Que as que desta razão tomar queirais:
Olhae que me tratais
Assi de dia em dia
Com vossas esquivanças;
E as vossas esperanças,
De que vãamente ja m'enriquecia,
Renovão a memoria;
Pois com a ter de vós só tenho gloria.

E s'isto conhecesseis
Ser verdade mais pura
Do que d'Arabia o ouro reluzente;
Inda que não quizesseis,
Essa condição dura
Em branda se mudára facilmente.
Eu, vendo-me innocente,
Senhora neste caso,
Bem no arbitrio o puzera
De quem sentença dera,
Com que o que he justo se mostrasse raso;
Se, emfim, não receára
Que a vós por mi, e a mi por vós matára.

Em vós escrita vi
Vossa grande dureza,

E n'alma escrita está, que de vós vive:
Não que acabasse alli
Sua grande firmeza
O triste desengano qu'então tive;
Porque antes que me prive
A dôr de meus sentidos,
Ao penoso tormento
Acode o entendimento
Com dous fortes soldados guarnecidos
De rica pedraria,
Que ficão sendo minha luz e guia.

Destes acompanhado
Estou pôsto sem medo
A tudo o que o fatal destino ordene:
Póde ser que cansado,
Ou seja tarde, ou cedo,
Com pena de penar-me, me despene.
E quando me condene
(Qu'he o que mais espero)
Inda a penas maiores;
Perdidos os temores,
Por mais que venhão, não direi, não quero.
Estou, emfim, tão forte,
Que não póde mudar-me a propria morte.

Canção, se ja não queres
Crêr tanta crueldade,
Lá vae onde verás minha verdade.

CANÇÃO X

Junto d'hum sêcco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
He Feliz, por antiphrasi infelice;
O qual a natureza
Situou junto á parte,
Aonde hum braço d'alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada ja foi Berenice,
Ficando á parte, donde
O sol, que nella ferve, se lh'esconde;

O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe tẽe dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo e teve
Minha fera ventura.
Aqui nesta remota, áspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço;
Porque ficasse a vida

Por o mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando huns tristes dias,
Tristes, forçados, máos e solitarios,
De trabalho, de dôr, e d'ira cheios:
Não tendo tãosómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as águas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma ja passada e breve gloria,
Qu'eu ja no mundo vi, quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas d'alegria.

Aqui 'stive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida; os quaes tão alto
Me subião nas azas, que cahia
(Oh vêde se seria leve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos
Em desesperação de vêr hum dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros e em suspiros,
Que rompião os ares.
Aqui a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dôres rodeada e de pezares,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da soberba Fortuna;
Soberba, inexoravel e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Hum pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dôr lhe era e causa que padeça,
Mas que pereça não; porque passasse
O que quiz o destino nunca manso. .
Oh qu'este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreião:
Sómente o Ceo severo,
As estrellas e o fado sempre fero,
Com meu perpétuo damno se recreião;
Mostrando-se potentes e indignados
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum'hora
Lembrava a huns claros olhos que ja vi;
E s'esta triste voz, rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
Daquella em cuja vista ja vivi;
A qual, tornando hum pouco sôbre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos ja passados
De meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados,
E (pôsto que ja tarde) piedosa,
Hum pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse:

Isto só que soubesse me seria
Descanso para a vida que me fica;

Com isto affagaria o soffrimento.
Ah Senhora! Ah Senhora! E que tão rica
Estais, que cá tão longe d'alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me juntão esperanças
Com que, a fronte tornada mais serena,
Torno os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.

Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respirão
Da parte donde estais, por vós Senhora;
Ás aves qu'alli voão, se vos virão,
Que fazieis, qu'estaveis praticando;
Onde, como, com quem, que dia e que hora.
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna e trabalho,
Só por tornar a vêr-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreo, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.

Assi vivo; e s'alguem te perguntasse,
Canção, porque não mouro;
Podes-lhe responder; que porque mouro.

CANÇÃO XI

Vinde cá meu tão certo Secretario
Dos queixumes que sempre ando fazendo,
Papel, com quem a pena desaffógo.
As semrazões digamos, que vivendo
Me faz o inexoravel e contrário
Destino, surdo a lagrimas e a rôgo.
Lancemos água pouca em muito fogo,
Accenda-se com gritos hum tormento,
Que a todas as memorias seja estranho.
Digamos mal tamanho
A Deos, ao mundo, á gente e, emfim, ao vento,
A quem ja muitas vezes o contei,
Tanto debalde como o conto agora.
Mas ja que para errores fui nascido,
Vir este a ser hum delles não duvido.
E, pois ja d'acertar estou tão fóra,
Não me culpem tambem se nisto errei.
Se quer este refúgio só terei,
Fallar e errar, sem culpa, livremente.
Triste quem de tão pouco está contente!

Ja me desenganei que de queixar-me
Não s'alcança remedio; mas quem pena,
Forçado lh'he gritar, se a dôr he grande.
Gritarei; mas he debil e pequena
A voz para poder desabafar-me;
Porque nem com gritar a dôr se abrande.
Quem me dará se quer que fóra mande
Lagrimas e suspiros infinitos,
Iguaes ao mal que dentro na alma mora?

Mas quem póde algum'hora
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Direi, emfim, aquillo que m'ensinão
A ira, e mágoa, e dellas a lembrança,
Que outra dôr he por si mais dura e firme.
Chegae, desesperados, para ouvir-me;
E fujão os que vivem d'esperança,
Ou aquelles que nella se imaginão;
Porque Amor e Fortuna determinão
De lhes deixar poder para entenderem
Á medida dos males que tiverem.

Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizerão
Estrellas infelices obrigado:
Com ter livre alvedrio, mo não derão;
Qu'eu conheci mil vezes na ventura
O melhor, e o peor segui forçado.
E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse
Inda menino os olhos brandamente,
Mandão que diligente
Hum menino sem olhos me ferisse.
As lagrimas da infancia ja manavão
Com huma saudade namorada;
O som dos gritos, que no berço dava,
Ja como de suspiros me soava.

Co'a idade e fado estava concertado:
Porque quando por acaso m'embalavão,
Se d'Amor tristes versos me cantavão,
Logo m'adormecia a natureza;
Que tão conforme estava co'a tristeza!

Foi minh'ama huma fera; que o destino
Não quiz que mulher fosse a que tivesse
Tal nome para mi; nem a haveria.
Assim criado fui, porque bebesse
O veneno amoroso de menino,
Que na maior idade beberia,
E por costume não me mataria.
Logo então vi a image e semelhança
Daquella humana fera tão formosa,
Suave e venenosa,
Que me criou aos peitos da esperança;
De quem eu vi despois o original,
Que de todos os grandes desatinos
Faz a culpa soberba e soberana.
Parece-me que tinha fórma humana,
Mas scintilava espiritos divinos.
Hum meneio, e presença tinha tal,
Que se vangloriava todo o mal
Na vista della: a sombra co'a viveza
Excedia o poder da natureza.

Que genero tão novo de tormento
Teve Amor, sem que fosse não sómente
Provado em mi, mas todo executado?
Implacaveis durezas, que ao fervente
Desejo, que dá fôrça ao pensamento,
Tinhão de seu proposito abalado,
E corrido de vêr-se e injuriado:
Aqui sombras phantasticas, trazidas
D'algumas temerarias esperanças;
As bem-aventuranças
Tambem nellas pintadas e fingidas.
Mas a dôr do desprêzo recebido,

Que todo o phantasiar desatinava,
Estes enganos punha em desconcêrto.
Aqui o adivinhar, e o ter por certo
Qu'era verdade quanto adivinhava,
E logo o desdizer-me de corrido;
Dar ás cousas que via outro sentido;
E para tudo, emfim, buscar razões:
Mas erão muitas mais as semrazões.

Não sei como sabía estar roubando
Co'os raios as entranhas, que fugião
Par'ella por os olhos subtilmente!
Pouco a pouco invisiveis me sahião;
Bem como do véo humido exhalando
Está o subtil humor o sol ardente.
O gesto puro, emfim, e transparente,
Para quem fica baixo e sem valia
Este nome de bello e de formoso;
O doce e piedoso
Mover d'olhos, que as almas suspendia,
Forão as hervas magicas, que o Ceo
Me fez beber: as quaes por longos annos
N'outro ser me tiverão transformado,
E tão contente de me vêr trocado,
Que as mágoas enganava co'os enganos;
E diante dos olhos punha o véo,
Que m'encobrisse o mal que assi cresceo:
Como quem com affagos se criava
Daquella para quem crescido estava.

Pois quem póde pintar a vida ausente,
Com hum descontentar-me quanto via,
E aquell'estar tão longe donde estava;

O fallar sem saber o qué dizia;
Andar sem vêr por onde, e juntamente
Suspirar sem saber que suspirava?
Pois quando aquelle mal m'atormentava,
E aquella dôr, que das Tartareas ágoas
Sahio ao mundo, e mais que todas doe,
Que tantas vezes soe
Duras íras tornar em brandas mágoas?
Agora co'o furor da mágoa irado,
Querer, e não querer deixar de amar;
E mudar n'outra parte, por vingança,
O desejo privado d'esperança,
Que tão mal se podia ja mudar?
Agora a saudade do passado
Tormento, puro, doce e magoado,
Que converter fazia estes furores
Em magoadas lagrimas d'amores?

Que desculpas comigo só buscava,
Quando o suave Amor me não soffria
Culpa na cousa amada, e tão amada!
Erão, emfim, remedios que fingia
O medo do tormento, qu'ensinava
A vida a sustentar-se d'enganada.
Nisto huma parte della foi passada;
Na qual se tive algum contentamento
Breve, imperfeito, timido, indecente,
Não foi senão semente
D'hum cumprido, amarissimo tormento.
Este curso contino de tristeza,
Estes passos vãamente derramados,
Me forão apagando o ardente gôsto,
Que tão de siso n'alma tinha pôsto.

Daquelles pensamentos namorados
Com que criei a tenra natureza,
Que do longo costume da aspereza,
Contra quem fôrça humana não resiste,
Se converteo no gôsto de ser triste.

Dest'arte a vida em outra fui trocando;
Eu não, mas o destino fero, irado;
Qu'eu, inda assi, por outra a não trocára.
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes m'esteve a vida chara.
Agora exprimentando a furia rara
De Marte, que nos olhos quiz que logo
Visse, e tocasse o acerbo fructo seu.
E neste escudo meu
A pintura verão do infesto fogo.
Agora peregrino, vago, errante,
Vendo nações, linguagens e costumes,
Ceos varios, qualidades differentes,
Só por seguir com passos diligentes
A ti, Fortuna injusta, que consumes
As idades, levando-lhes diante
Huma esperança em vista de diamante:
Mas quando das mãos cahe se conhece
Que he fragil vidro aquillo que apparece.

A piedade humana me faltava,
A gente amiga ja contrária via,
No perigo primeiro; e no segundo,
Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me, emfim, o tempo e o mundo.

Que segredo tão arduo e tão profundo,
Nascer para viver e para a vida,
Faltar-me quanto o mundo tẽe para ella!
E não poder perdella,
Estando tantas vezes ja perdida!
Emfim, não houve trance de fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos,
Injustiças daquelles que o confuso
Regimento do mundo, antigo abuso,
Faz sôbre os outros homens poderosos,
Qu'eu não passasse, atado á fiel coluna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.

Não conto tantos males, como aquelle
Que despois da tormenta procellosa,
Os casos della conta em porto ledo;
Qu'inda agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar hum só passo tenho medo.
Ja de mal que me venha não m'arredo,
Nem bem que me falleça ja pretendo;
Que para mi não val astucia humana.
De fôrça soberana,
Da Providencia, emfim, Divina pendo.
Isto que cuido e vejo, ás vezes tomo
Para consolação de tantos danos.
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos no que corre, e não alcança
Se não memoria dos passados anos;
As ágoas qu'então bebo, e o pão que como,
Lagrimas tristes são, qu'eu nunca domo,

Senão com fabricar na phantasia
Phantasticas pinturas d'alegria.

Que se possivel fosse que tornasse
O tempo para traz, como a memoria,
Por os vestigios da primeira idade;
E de novo tecendo a antigua historia
De meus doces errores, me levasse
Por as flôres que vi da mocidade;
E a lembrança da longa saudade
Então fosse maior contentamento,
Vendo a conversação leda e suave,
Onde huma e outra chave
Esteve de meu novo pensamento,
Os campos, as passadas, os sinais,
A vista, a neve, a rosa, a formosura,
A graça, a mansidão, a cortezia,
A singela amizade, que desvia
Toda a baixa tenção, terrena, impura,
Como a qual outra alguma não vi mais....
Ah vãas memorias! onde me levais
O debil coração, qu'inda não posso
Domar bem este vão desejo vosso?

Não mais, Canção, não mais; qu'irei fallando,
Sem o sentir, mil annos; e se acaso
Te culparem de larga e de pezada;
Não póde ser (lhe dize) limitada
A ágoa do mar em tão pequeno vaso.
Nem eu delicadezas vou cantando
Co'o gôsto do louvor, mas explicando
Puras verdades ja por mi passadas.
Oxalá forão fábulas sonhadas!

CANÇÃO XII

Nem rôxa flôr de Abril,
Pintor do campo ameno e da verdura,
Colhida entre outras mil,
Foi nunca assi agradavel á donzella
Cortez, alegre e bella,
De sua mãe cuidado e glória pura,
Como a mi foi a inculta formosura
Natural, que pudera
A Saturno render na sua Esphera.

Natural fonte agreste,
Não lavrada d'Artifice excellente,
Mas por arte celeste
Derivada de rustico penedo,
Não fez ja mais tão ledo
Cansado caçador por sesta ardente,
Quanto o cuidado a mi me fez contente
Do vêr tão descuidado,
Que faz sereno a Jupiter irado.

Fructa, que sem concêrto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por acêrto;
A quem pintada a vê de sangue e leite,
Não lhe dará o deleite,
Qu'essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma formosura,
E o toucado sem arte,
Que tornára pastor ao bravo Marte.

A manhãa graciosa,
Que derramando sahe d'entre os cabellos
A flôr, o lirio, a rosa,
Sem ajuda d'ornato, ou d'artificio,
Não faz o beneficio,
Que faz a luz dos vossos olhos bellos
A quem os vê tão puros e singelos;
E esse innocente riso,
Por quem Apollo o Tejo torna Amphriso.

Outeiros coroados
Das árvores que fazem espessura
Com os ramos copados
Alegre, que mão destra os não cultiva,
Graça tão excessiva
Não tẽe na sua natural verdura,
Quanta na d'esses olhos, clara e pura,
Deposita a esperança,
Com que Amor gôsto, a mãe tormento alcança.

Dos simples passarinhos
A musica sem arte concertada,
D'entre os verdes raminhos,
Tão suave não he, tão deleitosa
A quem na selva umbrosa
Com mente ouvindo-a está toda enlevada,
Quanto a mi essa falla doce agrada,
E o natural aviso,
Que roubão a Mercurio sceptro e siso.

De frescos rios água,
Que clara entre arvoredos se deriva.
Cahindo d'alta fragoa.

Esmaltando de perolas no prado
O verde delicado,
Com brando som aos olhos fugitiva,
Não nos alegra quanto a graça esquiva
D'essa luz soberana,
Que faz cortez a rustica Diana.

A tal luz (ó Canção, que ousaste vella!)
Vendo estás ja prostrado
Saturno triste, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, e Diana, e toda estrella.

CANÇÃO XIII

Oh pomar venturoso,
Onde co'a natureza
A subtil arte tẽe demanda incerta;
Qu'em sítio tão formoso
A maior subtileza
D'engenho em ti nos mostras descoberta!
Nenhum juizo acerta,
De cego e d'enlevado,
Se tẽe em ti mais parte
A natureza, ou arte;
Se Terra ou Ceo de ti tẽe mais cuidado,
Pois em feliz terreno
Gozas d'hum ar mais puro e mais sereno.

De teu formoso pêzo
Se mòstra o monte ledo,
E o caudaloso Zezere t'estranha,
Porque ólhas com desprêzo

Seu crystal puro e quedo,
Que com Pera os teus pés rodeia e banha.
Em ti pintura estranha,
A quem Apelles cedêra,
Enigmas intrincados,
E myrtos animados
Vemos, que o proprio Escopas não fizera;
Em ti, co'a paz interna,
Tẽe o santo prazer morada eterna.

Os jardins da famosa
Babel, tão nomeados,
Por maravilha o mundo não levante,
Inda que com gloriosa
Voz, qu'estão pendurados
Do instavel ar, a fama antigua cante:
Nem haja quem s'espante
Dos famosos d'Alcino;
Nem as mais doutas pennas
Cantem os de Mecenas,
Cultor de todo engenho peregrino;
Mas onde quer que vôe,
De ti só falle a Fama, e te pregôe.

Que s'era antiguamente
De pomos d'ouro bellos
O jardim das Hesperidas ornado;
E, apezar da serpente
Que os guardou, só colhellos
Pôde o famoso Alcides, d'esforçado;
Tu, mais avantajado,
Mostras a hum'alma casta
Seguir o que deseja.

Fugir da torpe inveja
(Pomos d'ouro que o tempo não contrasta):
Emfim, co'a caridade
Vencer o Inferno, abrir a Eternidade.

Por tanto da ventura,
Para ti reservada,
Te deixe o Ceo gozar perpetuamente;
Porque sejas figura
Da gloria avantajada
Delle mesmo, e qu'em ti se representa;
Porqu'em quanto sustente
O ceo, o mar e a terra,
Seus feitos milagrosos,
Mysterios mais gloriosos,
Com que a morte das almas nos desterra,
Por onde em nossas almas
Com mais pompas triumpha e com mais palmas.

. . . .

Goza, pois, longamente
Teu venturoso fado,
Da mãe do teu autor bem possuido:
Qu'em ti, sempre contente
De seu sublime estado,
A alma dos seus alegra e o sentido.
Cada qual preferido
Nas grandes qualidades
Ao sabio Nestor seja,
Para que o mundo os veja
Exceder as longuissimas idades;
E com a longa vida
Seja sua memoria ennobrecida.

Canção, pois mais famosas
Por ti não podem ser
Deste monte as estancias deleitosas;
Bem póde succeder
Que aquelle que os teus numeros governa,
Por querê-las cantar te faça eterna.

CANÇÃO XIV

Quem com sólido intento
Os segredos buscar da natureza,
Quanto d'Athenas préza,
Entregue ao mar irado, ao leve vento:
Em forjar meu tormento,
Nova Philosophia,
D'experiencias feita, Amor m'ensina.
Das leis do antigo tempo bem declina;
Que Amor a natureza em mi varía;
Donde escola de Sabios nunca vio
Em natural sogeito
Quanto Amor em meu peito descobrio.

As aves no ar sereno,
O gado de Proteo nas águas pasce;
Vive o homem e nasce
Neste mundo, qual mundo mais pequeno:
Eu tudo desordeno,
Em todos dividido;
A boca no ar, na terra o entendimento:
Dá-me esse Amor, dá-me esta o pensamento;
O coração no fogo he consumido:
Mas a ágoa, que dos olhos sempre desce,
Tẽe effeito tão vário,

Qu'em hum humor contrário o fogo cresce.

Da vista Amor sohia
Abrir ao coração segura entrada:
Lei he ja profanada;
Que quando a luz d'huns olhos me fería,
Amando o que não via,
Qual d'escopeta o lume,
Primeiro o querer vi, que a causa visse.
Quem o desejo co'a esperança unisse,
Cego iria apoz cego e vil costume;
Qu'eu dest'alma, das leis do mundo isenta,
Morta a esperança vejo,
Onde sempre o desejo se sustenta.

Em vão se considera
Que hum semelhante a outro busca e ama,
E que foge e desama
Todo mortal a morte esquiva e fera:
Sigo huma linda fera,
Qu'esconde em vista humana
Coração de diamante e peito d'aço,
De meu sangue faminta; e satisfaço
Com cruel morte a sêde deshumana.
Assi que, sendo em tudo differente,
Corro apoz minha sorte,
E se m'entrego á morte, estou contente.

Cahe em maior defeito
Quem cuida ser sciencia clara e certa,
Que a causa descoberta
Sempre produz a si conforme o effeito.
Rendeo-me hum lindo objeito,

Que, sendo neve pura,
Vivo me abraza, e o fogo interno aviva;
Qu'esta formosa fera fugitiva,
Com ser neve, do fogo s'assegura:
Donde infiro por certo (e cesse a fama
Vãa, mentirosa e leve)
Que não desfaz a neve ardente chama.

Bem no effeito se sente
Cessar, cessando a causa donde pende;
Que o fogo mais se accende,
Estando á vista, donde mais ausente;
Mas n'alma vivamente
A trazem debuxada,
De noite Amor, de dia o pensamento:
E quando Apollo deixa o claro assento,
Por entre sombras vejô a Nympha amada.
Pois se sem luz Amor os olhos ceva,
Cego, se não concede
Qu'em nada a Amor impede a escura treva.

Erra quem atrevido
Pregôa ser maior que a parte o todo:
Amor me tẽe de modo,
Qu'éstou n'hum'alma minha convertido:
Desta gloria ha nascido
O temor de perdê-la:
E, postoque o receio a muitos finge
Lá na imaginação Chimera e Sfinge
De mal futuro, que urde imiga estrella,
Vejo em mi, por incognito segredo,
Quando estou mais contente,
Que só do bem presente nasce o medo.

Tẽe-se por manifesto
Parecer-se ao sogeito o accidente;
Mas inda em mi se sente
O pensamento, a côr, o riso, o gesto;
E, tendo todo o resto
Da vida ja perdido
Neste tormento meu tão duro e esquivo,
A gostos morto estou, apenas vivo.
E, sendo morto ja, vive o sentido,
Porque sinta que n'alma despedida
Póde em meu mal unir-se
O ficar e o partir-se, a morte e a vida.

Destas razões, Canção, infiro e creio,
Que ou se mudou em tudo a fórma usada
Da natural firmeza,
Ou tenho a natureza em mi mudada.

CANÇÃO XV

Qu'he isto? Sonho? Ou vejo a Nympha pura,
Que sempre na alma vejo?
Ou me pinta o desejo
O bem qu'em vão cad'hora m'assegura?
Mal póde a noite escura,
Amando a sombra fria,
Mandar-me em sonho a luz formosa e bella,
Que se não torne em dia,
De seus luzentes raios inflammada.
Oh vista desejada
De graciosa Nympha e viva estrella!
Que ha tanto que por este mar navego
(Sem vêr meu claro Polo) escuro e cego.

Nesses formosos olhos, d'enlevada,
Minh'alma se escondeo,
Quando ordenava o Ceo
Que vivesse comigo desterrada.
Vós a mais certa estrada
De vêr a summa alteza,
Do effeito a causa abris a est'alma minha.
Assi mortal belleza
Só della nasce, e nella se resume;
Assi celeste lume
Lá dos ceos se deriva, e lá caminha.
Pois, como a Deos unir-me a vista possa,
Porque a negais, meu sol, a est'alma vossa?

Se me quereis prender a parte a parte,
Cabello ondado e louro,
Tecei-me a rêde de ouro
Em que prendeo Vulcano a Cypria e Marte.
Des que com gentil arte
Vestis de flôres bellas
A terra em que tocais co'a bella planta,
Quantas vezes com vellas
Quiz n'huma d'essas flôres transformar-me?
Porque, vendo pizar-me
D'esse candido pé, que a neve espanta,
Póde ser que na flôr mudado fôra
Que deo a Juno irada a linda Flora.

Mas onde te acolheste (ó doce vida!)
Mais leve e pressurosa,
Do que na selva umbrosa
Cerva d'aguda setta vai ferida?
Se para tal partida.

Traz ella mais veloz a setta corre,
De que ferida logo cahe e morre.

Aqui Progne d'hum ramo em outro ramo,
Co'o peito ensanguentado anda voando,
Cibato para o ninho indo buscando;
A leda codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,
E pretende
Com engano
Fazer dano
Á coitada,
Qu'enganada
D'huns esparzidos grãos de louro trigo,
Nas mãos vai a cahir de seu imigo.

Aqui sôa a calhandra na parreira;
A rôla geme; palra o estorninho;
Sahe a candida pomba do seu ninho;
O tordo pousa em cima da oliveira:
Vão as doces abelhas susurrando,
E apanhando
O rocio
Fresco e frio
Por o prado
D'herva ornado,
Com que o aureo licôr fazem, que deo
Á humana gente a indústria d'Aristeo.

Aqui as uvas luzidas, penduradas
Das pampinosas vides, resplandecem;
As frondiferas árvores se offrecem
Com differentes fructos carregadas:

Os peixes n'ágoa clara andão saltando,
Levantando
As pedrinhas,
E as conchinhas
Rubicundas,
Que as jucundas
Ondas comsigo trazem, crepitando
Por a praia alva com ruido brando.

Aqui por entre as serras se levantão
Animaes Calidoneos, e os veados
Na fugida inda mal assegurados,
Porque do som dos proprios pés s'espantão.
Sahe o coelho, e lebre sahe manhosa
Da frondosa
Breve mata,
Donde a cata
Cão ligeiro.
Mas primeiro
Qu'ella ao contrário férvido s'entregue,
Ás vezes deixa em branco a quem a segue.

Luzem as brancas e purpúreas flôres,
Com que o brando Favonio a terra esmalta;
O formoso Jacintho alli não falta,
Lembrado dos antiguos seus amores,
Inda na flôr se mostrão esculpidos
Os gemidos:
Aqui Flora
Sempre mora;
E com rosas
Mais formosas,
Com lirios e boninas mil fragrantes,

Alegra os seus amores circumstantes.

Aqui Narciso em líquido crystal
Se namora de sua formosura:
Nelle as pendentes ramas da 'spessura
Debuxando-se estão ao natural.
Adonis, com que a linda Cytherêa
Se recrêa,
Bem florido,
Convertido
Na bonina,
Qu'Erycina
Por imagem deixou de qual sería
Aquelle por quem ella se perdia.

Lugar alegre, fresco, accommodado
Para se deleitar qualquer amante,
A quem com sua ponta penetrante
O cego Amor tivesse derribado;
E para memorar ao som das ágoas
Suas mágoas
Amorosas,
As cheirosas
Flôres vendo,
Escolhendo,
Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por grão penhor a Nymphas bellas.

Eu dellas, por penhor de meus amores,
Huma capella á minha deosa dava:
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem-mequeres entre tantas flôres:
Porém, como se fôra mal-mequeres,

Os poderes
Da crueldade
Na beldade
Bem mostrou;
Desprezou
A dadiva de flôres; não por minha,
Mas porque muitas mais ella em si tinha.

CANÇÃO XVII

A vida ja passei assaz contente,
Livre tinha a vontade e o pensamento,
Sem receios d'Amor, nem da Ventura:
Mas isto foi hum bem d'hum só momento;
E á minha custa vejo claramente,
Que a vida não dá algum de muita dura.
No tempo em qu'eu vivia mais segura
D'Amor e seu cuidado,
Por me vêr n'hum estado
Em qu'eu cuidei que Amor não tinha parte;
Não sinto por qual arte
Me vejo entregue a elle de tal sorte,
Qu'em quanto tarda a morte,
A esperança do bem tenho perdida.
Ai quão devagar passa a triste vida!

Quantas vezes eu triste aqui ouvia
O meu Felicio, e outros mil pastores,
Queixar-se em vão de minha crueldade!
E mais surda então eu a seus clamores,
Que aspide surda, ou surda penedia,
Julgava os seus amores por vaidade.
Agora em pago disto a liberdade,

A vontade e o desejo
De todo entregue vejo
A quem, inda que brade, não responde;
Pois vejo que s'esconde
Ja debaixo da terra este qu'eu chamo,
Que he aquelle a quem amo.
Aquelle a quem agora estou rendida.
Ai quão devagar passa a triste vida!

Que gloria, Amor cruel, com meu tormento,
Que louvor a teu nome accrescentaste?
Ou que te constrangeo a tal crueza,
Que com tal pressa esta alma sujeitaste
A hum mal, onde não basta o soffrimento?
Mas se, Amor, és cruel de natureza,
Bastava usar comigo da aspereza
Que usas com outra gente;
Mas tu como sómente
De vêr-me estar morrendo te contentas,
Quando mais me atormentas,
Então desejas mais d'atormentar-me;
E não queres matar-me
Porque este mal de mi se não despida.
Ai quão devagar passa a triste vida!

Onde cousa acharei que alegre veja?
A quem chamarei ja que me responda?
Quem me dará remedio á dôr presente?
Não ha bem, que de mi ja não s'esconda;
Nem algum verei ja, que a mi o seja,
Porqu'está quem o foi da vida ausente.
Eu alguma não vi tão descontente,
Que Amor tão mal tratasse,

Qu'inda não esperasse
A seus males remedio achar vivendo:
Eu só vivo soffrendo
Hum mal tão grave e tão desesperado,
Que tanto he mais pezado,
Quanto a vida com elle he mais comprida.
Ai quão devagar passa a triste vida!

Suaves ágoas, dura penedia,
Arvoredo sombrio, verde prado,
Donde eu ja tive livre o pensamento;
Frescas flôres; e vós, meu manso gado,
Que ja m'acompanhastes na alegria,
Não me deixeis agora no tormento.
Se do mal meu vos toca sentimento,
Dae-me par'elle ajuda,
Qu'eu tenho a lingua muda,
O alento me vai ja desamparando.
Mas quando (ai triste!) quando
D'hum dia hum'hora me virá contente,
Qu'eu te veja presente,
Pastor meu, e comtigo est'alma unida?
Ai quão devagar passa a triste vida!

Mas não sei se he sobrado atrevimento
Querer-se est'alma minha unir comtigo,
Pois della foste ja tão desprezado.
Amor me livrará deste perigo;
Que despois que lá vires meu tormento,
Creio que t'haverás por bem vingado.
E s'inda em ti durar o amor passado,
E aquella fé tão pura,
Eu estou bem segura

Que has lá de receber-me brandamente.
Aprenda em mi a gente
Quão cara huma isenção com Amor custa:.
A pena dá bem justa
A hum'alma que lhe he pouco agradecida.
Ai quão devagar passa a triste vida!

CANÇÃO XVIII

(INEDITA)

Manda-me amor que cante docemente
O que elle ja em minha alma tem impresso,
Com presuposto de desabafar-me,
E por que com meu mal seja contente,
Diz que ser de tão bellos olhos preso
Canta-lo bastaria contentar-me.
Bem diz; mas eu não ouso tanto alçar-me,
Porque vejo se a escrever o venho,
Ser tão baxo o engenho,
E tão alto o valor da vista bella,
Mais dino d'outro Orpheo;
Que se com o canto as arvores moveo,
Que poderei fazer cantando della?
Porém verei se posso,
Dai vós, Senhor,'ájuda a este vosso.

Era no tempo que a fresca verdura
Torna aos campos, quando suspirando
Zephyro vem com a primavera bella;
Manão as fontes agoa clara e pura,
Antre a flôr da semente anda chorando
Seu dano antigo Progne e Philomella;
Minha ventura, que então estava em vella,

Por me mostrar do bem a maior parte,
Soltava por linda arte
Os cabellos em que fui enredado
Ao doce vento esquivo;
Os olhos rutilando em lume vivo
O rostro airoso, e o gesto delicado
Que Deus só fez na terra,
Por dar paz aos nacidos, a mim guerra.

Do appetito suave e excellente
Huns espiritos divinos sahião,
Que o ar enchião de piedade;
Os passarinhos com a luz presente
Pasmados, huns aos outros se dizião:
Que luz he esta? que nova claridade?
As fontes, inflammadas de beldade,
Detinhão a sua agoa doce e pura;
Florecia a verdura
Que andando com os divinos pés pizava;
Todo o ramo abaxar-se
Senti no bosque, e mais verde tornar-se.
De seu lugar somente se abalava,
Amansavão-se os ventos
Ao som dos suaves seus accentos.

Quando ao insensivel sentimento
Vi que o dáva, cuidai o que em mim faria,
Homem feito de carnes e de sentidos;
Conheci-me não ter conhecimento,
E nisto só o tive, porque via
Meus espiritos serem de mi sahidos;
Tal força era dos seos esclarecidos
Que mudava a humana natureza

Nos montes, e a rudeza
Delles em mim por troca traspassava:
O que gentil partido,
Trocar por dura aspereza o sentido
Que em mim quietamente repousava:
Olhai que doce engano,
Tirai comum proveito de meu dano.

O ser humano, sendo ja perdido,
A parte racional tambem perdia,
Ao appetito dando o mais da vida;
Mas o mudado attonito sentido
Por tão divina causa me dizia,
Que era razão, ser a razão vencida;
A mesma perdição a restaurava:
Em branda paz estava
Cada hum com seo contrario em hum sugeito;
Ó grão concerto este!
Quem será que não julgue por celeste
A causa donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coração,
O proprio appetito ser razão.

Aqui senti d'amor a mór fineza,
Como foi vêr sentir o insensivel,
E ver a mim, de mim mesmo perder-me:
Emfim senti negar-se a natureza,
Por onde vi, que tudo era possivel
Aos bellos olhos seus, senão querer-me;
Depois, que ja senti desfalecer-me,
Em lugar do sentido que perdia,
Não sei quem me escrevia,
Dentro n'alma com letras de memoria

O mais deste processo,
Com o lindo gesto juntamente impresso,
Que foi a causa de tão longa historia,
Se bem a declarei,
Eu não escrevo, d'alma a trasladei.

Canção, se duvidarem poder tanto
Somente huma vista bella,
Dizei, que olhem a mim crerão a ella.

CANÇÃO XIX

(INEDITA)

Crecendo vai meu mal d'ora em ora,
Creo, que quer fortuna que pereça
Segundo contra mim sua roda guia,
Pois, se a vida faltar, a pena creça,
Que por muito que creça, cruel Senhora,
Por fim, fim hade ter sua porfia.
Que ganhas em perder-me?
Que perdes em valer-me
Se á custa de me olhares brandamente
Me podes ter contente?
E com me dares remedio, e bemfazeres
Não deixarás por isso ser quem ereis?

Se minha pena esquiva e meu tormento,
Te desse de alegria alguma parte,
Contente viviria assim penando,
Porque, como pertendo contentar-te,
Me estaria suavemente deleitando,
Mas, claramente estou de ti notando,
Nesses teus olhos bellos

Se acerto hum'hora vellos,
Quão pouca conta tens com que padeço.
Ai que mui bem conheço,
Senhora, que por meu destino e sorte
Tens essa condição tão dura e forte.

Hum tigre, qualquer fera irracional,
Com sua asperidade tem amor,
E por elle vive em paz silvestremente:
As aves, a maior e a menor,
Todos com hum instincto natural
Possuem amor, e o tem naturalmente:
E tu de perfeição tão excellente,
De tanta honestidade,
De tanta divindade,
De tanta galhardia e gentileza,
Somente tens crueza!
Creo que com razão a ti compete
O nome de cruel Anaxarete.

Se cuidas, que servir-te não mereço
Por minha indinidade e tua valia,
Engana-te, Senhora, o pensamento;
Que, se tens gentileza e galhardia,
Eu tenho fiel amor, de tanto preço,
Que me iguala com teu merecimento.
Mas, pouco presta ter tal fundamento
Quem tem contrario o fado;
Amar-te me he forçado;
Teu merecer altivo me faz força;
Mas, quanto mais m'esforça
A fé de meu amor e confiança,
Mais me desdenhas tu, com esquivança.

Que valle tua gentileza e alegre vista?
Que valle, que sejas tão formosa Dama,
Se tudo tens em ti tão submergido?
A fresca flôr, que cuberta a rama,
A quem o tempo gasta sem ser vista,
Nenhuma cousa presta haver nacido;
O ouro, nada valle se está escondido
Em sua propria mina,
E não se tira e affina;
Nem a perola, em sua concha fea
Escondida na area;
Porque, sem a humana companhia
Nenhuma cousa tem sua valia.

Assim, sua graça summa sobrehumana,
Angelica figura grave e honesta,
O preço perde estando em ti escondida;
Pois, teu cabello d'ouro e branca testa,
Rostro bello, florida idade ufana
Gastas sem companhia em deserta vida.
Ó ingrata, cruel desconhecida!
O campo que merece,
Ou que te agradece,
Gastares nelle idade tão sublime?
Das-lhe, o que não estima,
Das-lhe, com larga mão o que me negas,
Em fim, a luz lhe dás, a mim as trevas.

Olha, que com pressa o tempo voa,
E como, com corrida pressurosa
Calladamente a fim tudo caminha;
Procura de gosar de tua pessoa;
Porque depois de seca a fresca rosa,

Sem preço, e sem valia fica a espinha;
Confeço-te, que a graça que ella tinha,
Se o tempo quiz tirar-lha,
O mesmo torna a dar-lha;
E se perde a sazão que a ennobrece,
Ao outro anno reverdece;
Mas, tua sazão fresca se se perde,
Não cuides que jamais se torna verde.

Se te fez natureza tão preclara,
Se te dotou de graça e perfeição,
Com ella não assanhes a ventura;
Olha, que estás agora em tua sazão,
Não sejas para ti mesma avara;
Vê, que a fruta hade colher-se se he madura;
Se deixares murchar tua formosura,
Que agora mal despendes,
Depois, se te arrependes,
O tempo, como corre a redea solta,
Não torna mais a dar volta,
Nem nosso estado humano he tão felice,
Que se renove assim como a Fenice.

Como posso esperar de ti piedade,
Se tu, com teu intento deshumano,
Comtigo mesmo usando estás crueza;
Claro está, de meu mal o desengano:
Quem não tem para si liberdade
Mal poderá para outrem ter largueza.
Mas comtudo, essa roda de aspereza
Espero que desande,
E alguma ora abrande;
Porque, por tempo as feras das montanhas

Abrandão suas sanhas,
E o feroz cavallo altivo ufano,
Por tempo se sobmete ao uzo humano.

Se para atormentar-me estás contente,
Se para crueldade tens tal posse,
A esperança em mim vive segura;
Porque, por tempo a romãa se faz doce
E se quebra o forte diamante,
A agoa branda cava a pedra dura:
Quiçais permitirá minha ventura,
Que algum tempo veja
O bem que a alma deseja;
E no tempo brumal o ceo espelhado
Não está sempre offuscado;
E ás vezes o mar manso tem tormenta,
Mas escassa-se o vento, a furia assenta.

Se de qualquer trabalho, pouco ou muito,
Senhora, galardão igual se espera,
E dar-se a quem o merece se costuma,
De meu amor constante e fé sincera,
Bem posso com razão esperar fructo:
Se te offendo com isto em cousa alguma,
A vida pois se gaste e se consuma
Em tão gentil demanda,
Pois que amor o manda;
E se nella quizer fortuna ou fado,
Que seja de ti amado,
Não quero delle gloria mais comprida,
E quando não, morrer por ti he vida.

Canção, perdida vas, mas mais perdido

Está quem te offerece ao seco vento;
Pois, para sentir malles tem sentido,
E para mais lhe falta o sentimento:
Sei, que queixas ao doente he concedido,
Queixar-se de seu mal, de seu tormento,
Por tanto deixa-te hir, e donde fores,
Publica meu tormento e mal de amores.

CANÇÃO XX

(INEDITA)

Bem aventurado aquelle, que ausente
Do reboliço, trafego e tumulto,
Vê de longe as perdas e insultos,
Que faz o mundo vil da necia gente;
Aos cuidados tem posto frêo,
Mui alheo,
Do perigo
Que comsigo
Tras a vida,
Que embibida
No peçonhento gosto da cubiça,
O fogo com que arde assim atiça:

Não se mantem no gosto dos favores,
Enlevado em falsas esperanças,
Vís, lhe parecem e baxas as privanças
Dos Principes, dos Reis e dos Senhores;
Por abundancia tem e por riqueza
A pobreza,
Que imiga
Da fadiga
Não contente

Descontente
Por vêr o coração, que por viver
Sem cuidado e temor, quiz pobre ser.

Piza, com peito forte e animoso,
As ambiçoens que os olhos d'alma cegão,
Despreza, as vans promessas que enlevão
Ao vão pensamento cuidadoso;
Este por máo e por perverso sempre tive,
E assim vive,
Porque a vida
Consumida
Com cuidados
Escusados,
E sugeita a desconcertos da ventura,
Não he vida vital, mas morte pura.

Não tirão o doce sono as lembranças
Importunas do bem ou mal futuro;
Os varios successos vê segura.
Livre de medo, isento de mudanças;
E posto que a vida breve seja.
Não deseja
Estendella;
Goza della,
Que parece
Que enriquece:
Por que a vida occupada em buscar vida,
Acha-se mal gastada e não crescida.

Não anda entre amigos incubertos,
A perigos immensos avisado,
Mas com animo constante e socegado.

Gosa dos coraçoens leaes e certos:
Quando o bravo mar furioso
Belicoso
Fogo accende,
E pertende
Com estranha
Ira e sanha
Roubar a cara paz, cá na terra,
Com socego está-se rindo da guerra.

Não ouve, da trombeta temerosa
O rouco som que assombra o esforçado;
Não teme, do cruel e vão soldado
A espada de sangue cubiçosa;
Nem o pelouro da espingarda sahindo,
Retinindo,
Pelo ar voa
Ledo e soa,
Mas descendo
Não se vendo
Vai ferir entre muitos o coitado,
Que tal caso está bem descuidado.

E posto que o livre entendimento,
Captiva a vista, e regra a lei que segue,
E a outra vontade a sua entregue,
Refreando o errado pensamento;
Comtudo, tem mais certa liberdade
A vontade
Que aceita
Ser sugeita,
Porque os danos
E enganos

Que procedem do proprio parecer,
Senhor de si a hum não deixa ser.

Ora da baxa terra alevantada
O experto pensamento ao ceo formoso,
E da vida e de si mesmo queixoso,
Morre por possuir riqueza tanta;
Ora com doces ais o ceo rompendo,
E gemendo
Diz a morte:
Dura sorte!
Se vieras
E me deras
Hum golpe tão esquivo que morrera,
Por verdadeira vida te tivera.

CANÇÃO XXI

(INEDITA)

Porque vossa belleza a si se vença,
Taes estremos mostrastes,
Que mais bella ficaste
C'o passado rigor desta doença;
Assi depois, a discorada rosa
Se reverdece fica mais formosa;
Assim depois, do inverno e seos rigores,
Se mostra a primavera com mais flôres;
Assim depois, que eclipse o sol padece,
Com mais formosos raios resplandece.

Ja de vossa saude o sol se alegra,
E se negro vestia
Se veste de alegria,

E se mostra mais clara a noute negra,
Os campos secos floreceis, Senhora,
Sem flôres ja enferma a sua Flora;
Tambem os elementos se alegrárão,
Que vosso mal sentírão e chorárão;
Alegre canta o passaro mais rudo,
Tudo se alegra, ou vós alegrais tudo.

Alegrais, terra e ceo, com as luzes bellas
Desses olhos formosos,
Que são tão milagrosos,
Que dão flôres á terra, ao ceo estrellas:
Ao Tejo que ainda tem maior ventura
Dais o retrato dessa formosura,
Que he, de riquezas bem maior thesouro,
Que o levar as areas do fino ouro:
Pois tudo enriqueceis, Senhora, vemos
Que sois mais rica, e tendes mais extremos.

Festeja o mesmo amor vossa ventura,
E a saude, de soberba nella,
Se mostra ja mais bella,
E se enriquece em vossa formosura:
As graças, coroadas de mil flôres,
Vos coroão por Deusa dos Amores,
E vos dão, o que vosso abril lhes dera,
Que, tambem sois das Graças primavera:
Ja que alegrais a tudo com saude,
Tudo se alegre, e ella não se mude.

SEXTINAS

SEXTINA I

Foge-me pouco a pouco a curta vida,
Se por caso he verdade qu'inda vivo;
Vai-se-me o breve tempo d'ante os olhos;
Chóro por o passado; e em quanto fallo,
Se me passão os dias passo a passo,
Vai-se-me, emfim, a idade, e fica a pena.

Que maneira tão áspera de pena!
Pois nunca hum'hora vio tão longa vida
Em que do mal mover se visse hum passo.
Que mais me monta ser morto que vivo?
Para que chóro, emfim? para que fallo,
Se lograr-me não pude de meus olhos?

Oh formosos, gentís e claros olhos,
Cuja ausencia me move a tanta pena,
Quanta se não comprehende em quanto fallo!
Se no fim de tão longa e curta vida
De vós m'inflammasse inda o raio vivo,
Por bem teria todo o mal que passo.

Mas bem sei que primeiro o extremo passo
Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,
Que Amor me mostre aquelles por quem vivo.
Testimunhas serão a tinta e penna,
Qu'escrevêrão de tão molesta vida
O menos que passei, e o mais que fallo.

Oh que não sei qu'escrevo, nem que fallo!
Pois se d'hum pensamento em outro passo,
Vejo tão triste genero de vida,
Que se lhe não valerem tanto os olhos,
Não posso imaginar qual seja a penna
Qu'esta pena traslade com que vivo.

N'alma tenho contino um fogo vivo,
Que se não respirasse no que fallo,
Estaria ja feita cinza a penna;
Mas sôbre a maior dôr que soffro e passo,
O temperão com lagrimas os olhos:
Com que, se foge, não se acaba a vida.

Morrendo estou na vida, e em morte vivo;
Vejo sem olhos, e sem lingua fallo;
E juntamente passo gloria e pena.

SEXTINA II

A culpa de meu mal só tẽe meus olhos,
Pois que derão a Amor entrada n'alma,
Para que perdesse eu a liberdade.
Mas quem póde fugir a huma brandura,
Que despois de vos pôr em tantos males,
Dá por bens o perder por ella a vida?

Assaz de pouco faz quem perde a vida
Por condição tão dura e brandos olhos;
Pois de tal qualidade são meus males,
Que o mais pequeno delles toca n'alma.
Não s'engane com mostras de brandura
Quem quizer conservar a liberdade.

Roubadora he de toda liberdade
(E oxalá perdoasse á triste vida!)
Esta que o falso Amor chama brandura,
Ai meus antes imigos, que meus olhos!
Que mal vos tinha feito esta vossa alma,
Para vós lhe fazerdes tantos males?

Cresção de dia em dia embora os males;
Perca-se embora a antigua liberdade;
Transforme-se em Amor esta triste alma;
Padeça embora esta innocente vida;
Que bem me págão tudo estes meus olhos,
Quando de outros, se os vem, vem a brandura.

Mas como nelles póde haver brandura,
Se causadores são de tantos males?
Engano foi d'Amor, porque meus olhos

Dessem por bem perdida a liberdade.
Ja não tenho que dar senão a vida,
Se a vida ja não deo, quem ja deo a alma.

Que póde ja 'sperar quem a sua alma
Captiva eterna fez d'huma brandura,
Que quando vos dá morte, diz qu'he vida?
Forçado me he gritar nestes meus males,
Olhos meus: pois por vós a liberdade
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.

Chorae, meus olhos, sempre os damnos d'alma,
Pois dais a liberdade a tal brandura,
Que para dar mais males, dá mais vida.

SEXTINA III

Oh triste, oh tenebroso, oh cruel dia,
Amanhecido só para meu damno!
Pudeste-me apartar daquella vista
Por quem vivia com meu mal contente?
Ah se o supremo fôras desta vida,
Qu'em ti se começára a minha glória!

Mas como eu não nasci para ter glória,
Senão pena que cresça cada dia,
O Ceo m'está negando o fim da vida,
Porque não tenha fim com ella o damno:
Para que nunca possa ser contente,
Da vista me tirou aquella vista.

Suave, deleitosa, alegre vista,
Donde pendia toda a minha glória,

Por quem na mór tristeza fui contente;
Quando será que veja aquelle dia
Em que deixe de vêr tão grave damno,
E em que me deixe tão penosa vida?

Como desejarei humana vida,
Ausente d'hũa mais que humana vista,
Que tão glorioso me fazia o damno!
Vejo o meu damno sem a sua glória;
Á minha noite falta ja seu dia:
Triste tudo se vê, nada contente.

Pois sem ti ja não posso ser contente,
Mal posso desejar sem ti a vida;
Sem ti ja vêr não posso claro dia,
Não posso sem te vêr desejar vista;
Na tua vista só se via a glória,
Não vêr a glória tua he vêr meu damno.

Não via maior glória que meu damno,
Quando do damno meu eras contente:
Agora me he tormento a maior glória,
Que póde prometter-me Amor na vida.
Pois tornar-te não póde á minha vista,
Que só na tua achava a luz do dia.

E pois de dia em dia cresce o damno,
Nem posso sem tal vista ser contente,
Só com perder a vida acharei glória.

SEXTINA IV

Sempre me queixarei desta crueza
Que Amor usou comigo quando o tempo,
A pezar de meu duro e triste fado,
A meus males queria dar remedio,
Em apartar de mi aquella vista,
Por quem me contentava a triste vida.

Levára-me, oxalá, traz ella a vida,
Para que não sentíra esta crueza
De me vêr apartado de tal vista!
E praza a Deos não veja o proprio tempo
Em mi, sem esperança de remedio,
A desesperação d'hum triste fado!

Porém ja acabe o triste e duro fado!
Acabe o tempo ja tão triste vida,
Qu'em sua morte só tẽe seu remedio.
O deixar-me viver he mór crueza,
Pois desespéro ja d'em algum tempo
Tornar a vêr aquella doce vista.

Duro Amor! se pagava só tal vista
Todo o mal que por ti me fez meu fado,
Porque quizeste que a levasse o tempo?
E se o assi quizeste, porque a vida
Me deixas para vêr tanta crueza,
Quando em não vê-la só vejo o remedio?

Tu só de minha dôr eras remedio,
Suave, deleitosa e bella vista.

Sem ti, que posso eu vêr senão crueza?
Sem ti, qual bem me póde dar o fado,
Se não he consentir que acabe a vida?
Mas elle della me dilata o tempo.

Azas para voar vejo no tempo,
Que com voar a muitos foi remedio;
E só não vôa para a minha vida.
Para que a quero eu sem tua vista?
Para que quer tambem o triste fado
Que não acabe o tempo tal crueza?

Não poderão fazer crueza, ou tempo,
Fôrça de fado, ou falta de remedio,
Qu'essa vista m'esqueça em toda a vida.

SEXTINA V

(INEDITA)

Quanto tempo ter posso amor de vida
Sem vêr aquella luz alegre e bella
Daquelles graciosos lindos olhos.
Se hade ser muito venha a morte
E para sempre aparte deste corpo
A triste namorada infelice alma.

Quando fizeste os olhos seus desta alma
A luz, a guia, a gloria, a fama, a vida,
Ordenaste que não vivesse o corpo
Não vendo a vista amada linda e bella;
Pois como ja me tarda tanto a morte
Se tanto ha que não vejo os olhos bellos?

Claros raios do sol, formosos olhos
Que as chaves ambas tendes da minha alma,
Se não vos hei de ver leve-me a morte,
Que morte he sem vos vêr a propria vida:
E pois que não vos vendo a morte he bella,
Não tenha huma hora mais de vida o corpo.

Vai-se sostendo na esperança o corpo
De tornar inda a vêr-vos doces olhos,
Que se não fôra esta esperança bella
A alma ja o deixara, e elle a alma:
Pois se vós delle e della sois a vida
Que podem sem vós ter mais do que morte.

Varios modos soffrendo está de morte
Em tanto este mortal e triste corpo,
E se temo perder de todo a vida
He por temer perder-vos lindos olhos:
Isto faz com que ja de todo a alma
Não se parta a buscar vida mais bella.

Serena luz, formosa, clara e bella
Que me dás juntamente vida e morte,
E pintaste com teus raios nesta alma
As raras perfeiçoens do bello corpo,
Té que te torne a vêr meus tristes olhos
Não haverá em mim gosto da vida.

Morte sem vós he vida, e morte a vida,
Bella a tristeza nestes tristes olhos,
A alma carga pesada ao mortal.

ODES

ODE I

Detem hum pouco, Musa, o largo pranto
Que Amor te abre do peito;
E vestida de rico e ledo manto,
        Demos honra e respeito,
        Áquella, cujo objeito
        Todo o mundo allumia,
Trocando a noite escura em claro dia.

Ó Delia, que a pezar da nevoa grossa,
        Co'os teus raios de prata
A noite escura fazes que não possa
        Encontrar o que trata,
        E o que na alma retrata
        Amor por teu divino
Rosto, por qu'endoudeço e desatino:

Tu, que de formosissimas estrellas
        Corôas e rodeias

Tua candida fronte e faces bellas;
E os campos formoscias
Co'as rosas que semeias,
Co'as boninas que gera
O teu celeste humor na primavera:

Para ti guarda o sítio fresco d'Ilio
Suas sombras formosas;
Para ti o Erymantho e o lindo Pylio
As mais purpureas rosas;
E as drogas mais cheirosas
Desse nosso Oriente
Guarda a felice Arabia mais contente.

De qual panthera, ou tigre, ou leopardo
As ásperas entranhas
Não temêrão teu fero e agudo dardo,
Quando por as montanhas
Mais remotas e estranhas
Ligeira atravessavas,
Tão formosa que a Amor de amor matavas?

Pois, Delia, do teu Ceo vendo estás quantos
Furtos de puridades,
Suspiros, mágoas, ais, musicas, prantos,
As conformes vontades,
Humas por saudades,
Outras por crus indicios
Fazem das proprias vidas sacrificios:

Ja veio Endymião por estes montes
O Ceo, suspenso, olhando,
E teu nome, co'os olhos feitos fontes,

Em vão sempre chamando,
Pedindo (suspirando)
Mercês á tua beldade,
Sem que ache em ti hum'hora piedade.

Por ti feito pastor de branco gado
Nas selvas solitarias,
Só de seu pensamento acompanhado,
Conversa as alimarias,
De todo Amor contrárias,
Mas não como ti duras,
Onde lamenta e chora desventuras.

Das castas virgens sempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviste,
Renovando-lhe as fôrças e os espritos:
Mas os daquelle triste,
Ja nunca consentiste
Ouvi-los hum momento,
Para ser menos grave o seu tormento.

Não fujas, não de mi! Ah não t'escondas
D'hum tão fiel amante!
Olha como suspirão estas ondas,
E como o velho Atlante
O seu collo arrogante
Move piedosamente,
Ouvindo a minha voz fraca e doente.

Triste de mi! Qu'alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem ja ergueo a mão para matar-me,
Como a cruel imigo?

Mas eu meu fado sigo,
Que a isto me destina,
E qu'isto só pretende e só m'ensina.

Oh quanto ha ja que o Ceo me desengana!
Mas eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teima insana.
Tendo livre alvedrio,
Não fujo o desvario;
Porque este em que me vejo
Engana co'a esperança o meu desejo.

Oh quanto melhor fôra que dormissem
Hum somno perennal
Estes meus olhos tristes, e não vissem
A causa de seu mal
Fugir, a hum tempo tal,
Mais que d'antes proterva,
Mais cruel que ursa, mais fugaz que cerva!

Ai de mi, que me abrazo em fogo vivo,
Com mil mortes ao lado;
E quando morro mais, então mais vivo!
Porque tẽe ordenado
Meu infelice estado,
Que quando me convida
A morte, para a morte tenha vida.

Secreta noite amiga, a que obedeço,
Estas rosás (por quanto
Meus queixumes me ouviste) te offereço,
E este fresco amaranto,
Humido inda do pranto,

E lagrimas da esposa
Do cioso Titão, branca e formosa.

ODE II

Tão suave, tão fresca e tão formosa,
Nunca no Ceo sahio
A Aurora no princípio do verão,
Ás flôres dando a graça costumada,
Como a formosa mansa fera, quando
Hum pensamento vivo m'inspirou,
Por quem me desconheço.

Bonina pudibunda, ou fresca rosa,
Nunca no campo abrio,
Quando os raios do sol no Touro estão,
De côres differentes esmaltada,
Como esta flôr, que os olhos inclinando,
O soffrimento triste costumou
Á pena que padeço.

Ligeira, bella Nympha, linda, irosa,
Não creio que seguio
Satyro, cujo brando coração
D'amores commovesse fera irada,
Qu'assi fosse fugindo e desprezando
Este tormento, donde Amor mostrou
Tão próspero começo.

Nunca, emfim, cousa bella e rigorosa
Natura produzio,
Qu'iguale áquella fórma e condição,
Que as dôres em que vivo estima em nada.

Mas com tão doce gesto, irado e brando,
O sentimento, e a vida m'enlevou,
Que a pena lhe agradeço.

Bem cuidei d'exaltar em verso, ou prosa,
Aquillo que a alma vio
Entre a doce dureza e mansidão,
Primores de belleza desusada;
Mas quando quiz voar ao Ceo cantando,
Entendimento e engenho me cegou
Luz de tão alto preço.

Naquella alta pureza deleitosa
Que ao mundo s'encobrio;
E nos olhos Angelicos, que são
Senhores desta vida destinada;
E naquelles cabellos, que soltando
Ao manso vento; a vida me enredou,
M'alegro e m'entristeço.

Saudade e suspeita perigosa,
Que Amor constituio
Por castigo daquelles que se vão;
Temores, penas d'alma desprezada,
Fera esquivança, que me vai tirando
O mantimento que me sustentou,
A tudo me offereço.

Amor isento a huns olhos m'entregou,
Nos quaes a Deos conheço.

ODE III

Se de meu pensamento
Tanta razão tivera d'alegrar-me,
Quanto de meu tormento
A tenho de queixar-me,
Puderas, triste lyra, consolar-me.

E minha voz cansada,
Qu'em outro tempo foi alegre e pura,
Não fôra assi tornada,
Com tanta desventura,
Tão rouca, tão pezada, nem tão dura.

A ser como sohia,
Pudera levantar vossos louvores;
Vós, minha Hierarchia,
Ouvíreis meus amores,
Qu'exemplo são ao mundo ja de dôres.

Alegres meus cuidados,
Contentes dias, horas e momentos,
Oh quanto bem lembrados
Sois de meus pensamentos,
Reinando agora em mi duros tormentos!

Ai gostos fugitivos!
Ai gloria ja acabada e consumida!
Ai males tão esquivos!
Qual me deixais a vida!
Quão cheia de pezar! quão destruida!

Mas como não he morta
Ja esta vida? como tanto dura?
Como não abre a porta
A tanta desventura,
Qu'em vão com seu poder o tempo cura?

Mas para padecê-la
S'esforça o meu sogeito e convalece;
Que só para dizê-la,
A fôrça me fallece,
E de todo me cansa e m'enfraquece.

Oh bem affortunado
Tu, que alcançaste com lyra toante,
Orphêo, ser escutado
Do fero Rhadamante,
E co'os teus olhos vêr a doce amante!

As infernaes figuras
Moveste com teu canto docemente;
As tres Furias escuras,
Implacaveis á gente,
Applacadas se vírão de repente.

Ficou como pasmado
Todo o Estygio Reino co'o teu canto;
E quasi descansado
De seu eterno pranto,
Cessou de alçar Sisypho o grave canto.

A ordem se mudava
Das penas que regendo está Plutão;
Em descanso se achava

A roda de Ixião,
E em glória quantas penas alli são.

De todo ja admirada
A Rainha infernal e commovida,
Te deo a desejada
Esposa, que perdida
De tantos dias ja tivera a vida.

Pois minha desventura,
Como ja não abranda hum'alma humana,
Qu'he contra mi mais dura,
E inda mais deshumana,
Que o furor de Callirrhoë profana?

Oh crua, esquiva e fera,
Duro peito, cruel e empedernido,
D'alguma tigre fera
Lá na Hircania nascido,
Ou d'entre as duras rochas produzido!

Mas que digo, coitado!
E de quem fio em vão minhas querellas?
Só vós, ó do salgado,
Humido Reino bellas
E claras Nymphas, condoei-vos dellas.

E d'ouro guarnecidas
Vossas louras cabeças levantando
Sobre as ondas erguidas,
As tranças gottejando,
Sahindo todas, vinde a vêr qual ando.

Sahi em companhia,
E cantando e colhendo as lindas flôres;
Vereis minha agonia,
Ouvireis meus amores,
E sentireis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido
E mais infeliz corpo qu'ha gerado;
Qu'está ja convertido
Em chôro, e neste estado
Sómente vive nelle o seu cuidado.

ODE IV

Formosa fera humana,
Em cujo coração soberbo e rudo
A fôrça soberana
Do vingativo Amor, que vence tudo,
As pontas amoladas
De quantas settas tinha tẽe quebradas:

Amada Circe minha,
Postoque minha não, com tudo amada;
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E se mais tenho, mais entregarei;

Pois natureza irosa
Da razão te deo partes tão contrárias,
Que sendo tão formosa,
Folgues de te queimar em flammas várias,
Sem arder em nenhũa
Mais qu'em quanto allumia o mundo a lũa;

Pois triumphando vás
Com diversos despojos de perdidos,
Que tu privando estás
De razão, de juizo e de sentidos,
E quasi a todos dando
Aquelle bem que a todos vás negando;

Pois tanto te contenta
Vêr o nocturno moço, em ferro envolto,
Debaixo da tormenta
De Jupiter em ágoa e vento sôlto,
Á porta, que impedido
Lhe tẽe seu bem, de mágoa adormecido;

Porque não tens receio
Que tantas insolencias e esquivanças
A deosa, que põe freio
A soberbas e doudas esperanças,
Castigue com rigor,
E contra ti se accenda o fero Amor?

Olha a formosa Flora;
De despojos de mil suspiros rica,
Por o Capitão chora,
Que lá em Thessalia, emfim, vencido fica,
E foi sublime tanto,
Que altares lhe deo Roma e nome santo.

Olha em Lesbos aquella
No seu salteiro insigne conhecida;
Dos muitos que por ella
Se perdêrão, perdeo a chara vida
Na rocha que se infama
Com ser remedio extremo de quem ama.

Por o moço escolhido,
Onde mais se mostrárão as tres Graças;
Que Venus escondido
Para si teve hum tempo entre as alfaças,
Pagou co'a morte fria
A má vida que a muitos ja daria.

E, vendo-se deixada
Daquelle por quem tantos ja deixára,
Se foi, desesperada,
Precipitar da infame rocha chara:
Que o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida.

Tomae-me, bravos mares;
Vós me tomae, pois outrem me deixou.
Disse: e dos altos ares
Pendendo, com furor s'arremessou.
Acude tu, suave,
Acude, poderosa e divina ave.

Toma-a nas azas tuas,
Menino pio, illesa e sem perigo,
Antes que nestas cruas
Ágoas cahindo apague o fogo antigo.
He digno amor tamanho
De viver, e ser tido por estranho.

Não: qu'he razão que seja
Para as lobas isentas, que amor vendem,
Exemplo onde se veja
Que tambem ficão presas as que prendem.
Assi o deo por sentença
Nemesis, que Amor quiz que tudo vença.

ODE V

Nunca manhãa suave
Estendendo seus raios por o mundo,
Despois de noite grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo
Alegrou tanto náo, que ja no fundo
Se vio em mares grossos,
Como a luz clara a mi dos olhos vossos.

Aquella formosura,
Que só no virar delles resplandece;
E com que a sombra escura
Clara se faz, e o campo reverdece;
Quando o meu pensamento se entristece,
Ella e sua viveza
Me desfazem a nuvem da tristeza.

O meu peito, onde estais,
He para tanto bem pequeno vaso;
Quando acaso virais
Os olhos, que de mi não fazem caso,
Todo, gentil Senhora, então me abraso
Na luz que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tivera
Que a tão formosos olhos entregára,
Todas quantas pudera
Por as pestanas delles pendurára;
E, enlevadas na vista pura e clara,
(Postoque disso indinas)
Se andárão sempre vendo nas meninas.

E vós, que descuidada
Agora vivereis de taes querellas,
D'almas minhas cercada,
Não pudesseis tirar os olhos dellas;
Não póde ser que, vendo a vossa entr'ellas
A dôr que lhe mostrassem,
Tantas huma alma só não abrandassem.

Mas, pois o peito ardente
Huma só póde ter, formosa Dama,
Basta que esta sómente,
Como se fossem mil e mil; vos ama,
Para que a dôr de sua ardente flama
Comvosco tanto possa,
Que não queirais vêr cinza hum'alma vossa.

ODE VI

Póde hum desejo immenso
Arder no peito tanto,
Que á branda e á viva alma o fogo intenso
Lhe gaste as nodoas do terreno manto;
E purifique em tanta alteza o esprito
Com olhos immortàis,
Que faz que leia mais do que vê 'scrito.

Que a flamma, que se accende
Alto, tanto allumia,
Que se o nobre desejo ao bem s'estende
Que nunca vio, o sente claro dia;
E lá vê do que busca o natural,
A graça, a viva côr,
N'outra especie melhor que a corporal.

Pois vós, ó claro exemplo
De viva formosura,
Que de tão longe cá noto e contemplo
N'alma, que este desejo sobe e apura;
Não creais que não vejo aquella imagem
Que as gentes nunca vem,
Se de humanos não tem muita vantagem.

Que se os olhos ausentes
Não vem a compassada
Propórção, que das côres excellentes
De pureza e vergonha he variada;
Da qual a Poesia, que cantou
Atéqui só pinturas,
Com mortaes formosuras igualou;

Se não vem os cabellos
Que o vulgo chama de ouro;
E se não vem os claros olhos bellos,
De quem cantão que são de sol thesouro;
E se não vem do rosto as excellencias,
A quem dirão que deve
Rosa, e crystal, e neve as apparencias;

Vem logo a graça pura,
Á luz alta e severa,
Que he raio da divina formosura,
Que n'alma imprime e fóra reverbera;
Assi como crystal do sol ferido,
Que por fóra derrama
A recebida flamma esclarecido.

E vem a gravidade,
Com a viva alegria

Que misturada tẽe, de qualidade,
Que huma da outra nunca se desvia;
Nem deixa de ser huma receada
Por leda e por suave,
Nem outra, por ser grave, muito amada.

E vem do honesto siso
Os altos resplandorês
Temperados co'o doce e ledo riso,
A cujo abrir abrem no campo as flôres;
As palavras discretas e suaves,
Das quaes o movimento
Fará deter o vento e as altas aves:

Dos olhos o virar
Que torna tudo raso,
Do qual não sabe o engenho divisar
Se foi por artificio, ou feito acaso;
Da presença os meneios e a postura,
O andar e o mover-se,
Donde póde aprender-se formosura.

Aquelle não sei que,
Que aspira não sei como,
Qu'invisivel sahindo, a vista o vê,
Mas para o comprender não lhe acha tomo;
E que toda a Toscana Poesia,
Que mais Phebo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via:

Em vós a nossa idade,
Senhora, o póde ver,
S'engenho, se sciencia e habilidade.

Iguaes á vossa formosura der,
Qual a vi no meu longo apartamento,
Qual em ausencia a vejo.
Taes azas dá o desejo ao pensamento!

Pois se o desejo afina
Hum'alma accesa tanto,
Que por vós use as partes da divina;
Por vós levantarei não visto canto,
Que o Betis me ouça, e o Tibre me levante:
Que o nosso claro Tejo,
Envolto hum pouco o vejo e dissonante.

O campo não o esmaltão
Flôres, mas só abrolhos
O fazem feio; e cuido que lhe faltão
Ouvidos para mi, para vós olhos.
Mas faça o que quizer o vil costume,
Que o sol, qu'em vós está,
Na escuridão dará mais claro lume.

ODE VII

A quem darão de Pindo as moradoras,
Tão doctas como bellas,
Florecentes capellas
De triumphante louro, ou myrto verde;
Da gloriosa palma, que não perde
A presumpção sublime,
Nem por fôrça de pezo algum se opprime?

A quem trarão nas faldas delicadas,
Rosas a rôxa Cloris,

Conchas a branca Doris;
Estas, flôres do mar; da terra aquellas,
Argenteas, ruivas, brancas e amarellas,
Com danças e corêas
De formosas Nereidas e Napêas?

A quem farão os Hymnos, Odes, Cantos,
Em Thebas Amphion,
Em Lesbos Arion,
Senão a vós, por quem restituida
Se vê da Poesia ja perdida
A honra e gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal?

Imitando os espritos ja passados,
Gentis, altos, Reais,
Honra benigna dais
A meu tão baixo, quão zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro e tenho;
E sacro o nome vosso
Farei, se alguma cousa em verso posso.

O rudo canto meu, que resuscita
As honras sepultadas,
As palmas ja passadas
Dos bellicosos nossos Lusitanos
Para thesouro dos futuros anos,
Comvosco se defende
Da lei Lethêa, á qual tudo se rende.

Na vossa árvore ornada d'honra e glória
Achou tronco excellente
A hera florecente

Para a minha até aqui de baixa estima:
Nella, para trepar, s'encosta e' arrima;
E nella subireis
Tão alto, quanto os ramos estendeis.

Sempre forão engenhos peregrinos
Da Fortuna invejados;
Que quanto levantados
Por hum braço nas azas são da Fama,
Tanto por outro aquella, que os desama,
Co'o pezo e gravidade
Os opprime da vil necessidade.

Mas altos corações dignos d'Imperio,
Que vencem a Fortuna,
Forão sempre coluna
Da sciencia gentil: Octaviano,
Scipião, Alexandre e Graciano,
Que vêmos immortais;
E vós, que o nosso seculo dourais.

Pois, logo, em quanto a cithara sonora
Se estimar por o mundo,
Com som docto e jucundo;
E em quanto produzir o Tèjo e o Douro
Peitos de Marte e Phebo, crespo e louro,
Tereis glória immortal,
Senhor Dom Manoel de Portugal.

ODE VIII

Aquelle unico exémplo
De fortaleza heroica e ousadia,

Que mereceo no templo
Da Fama eterna ter perpétuo dia;
O grão filho de Thetis, que dez anos
Flagello foi dos miseros Troianos;

Não menos ensinado
Foi nas hervas e Medica policia,
Que destro e costumado
No soberbo exercicio da Milicia:
Assi que as mãos que a tantos morte derão,
Tambem a muitos vida dar puderão.

E não se desprezou
Aquelle fero e indomito mancebo,
Das Artes qu'ensinou
Para o languido corpo o intonso Phebo;
Que se o temido Heitor matar podia,
Tambem chagas mortaes curar sabia.

Taes Artes aprendeo
Do semiviro Mestre e docto velho,
Onde tanto cresceo
Em virtude, e em sciencia e em conselho,
Que Telepho, por elle vulnerado,
Só delle póde ser despois curado.

Pois vós, ó excellente
E illustrissimo Conde, do Ceo dado
Para fazer presente
D'altos Heroes o seculo passado;
E em quem bem trasladada está a memoria
De vossos ascendentes a honra e glória:

Postoque o pensamento
Occupado tenhais na guerra infesta,
Ou co'o sanguinolento
Taprobano, ou Achem, que o mar molesta,
Ou co'o Cambaico, occulto imigo nosso;
Que qualquer delles teme o nome vosso:

Favorecei a antiga
Sciencia que ja Achilles estimou;
Olhae que vos obriga
O vêr qu'em vosso tempo rebentou
O fructo daquell'Orta onde florecem
Plantas novas, que os doctos não conhecem.

Olhae qu'em vossos anos
Huma Orta produze várias hervas
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doctas e protervas,
Medêa e Circe, nunca conhecêrão,
Postoque a lei da Magica excedêrão.

E vêde carregado
D'annos e traz a vária experiencia
Hum velho, qu'ensinado
Das Gangeticas Musas na sciencia
Podaliria subtil, e arte sylvestre,
Vence ao velho Chiron, d'Achilles mestre.

O qual está pedindo
Vosso favor e amparo ao grão volume,
Qu'impresso á luz sahindo,
Dará da Medicina um vivo lume;
E descobrir-nos-ha segredos certos,
A todos os Antiguos encobertos.

Assi que não podeis
Negar a que vos pede benigna aura:
Que se muito valeis
Na sanguinosa guerra Turca e Maura,
Ajudae quem ajuda contra a morte;
E sereis semelhante ao Grego forte.

ODE IX

Fogem as neves frias
Dos altos montes quando reverdecem
As árvores sombrias;
As verdes hervas crecem,
E o prado ameno de mil côres tecem.

Zephyro brando espira;
Suas settas Amor afia agora;
Progne triste suspira,
E Philomela chora:
O Ceó da fresca terra se namora.

Ja a linda Cytherêa
Vem, do côro das Nymphas rodeada;
A branca Pasitêa
Despida e delicada,
Com as duas irmãas acompanhada.

Em quanto as officinas
Dos Cyclopas Vulcano está queimando,
Vão colhendo boninas
As Nymphas, e cantando,
A terra co'o ligeiro pé tocando.

Desce do áspero monte
Diana, ja cansada da espessura,
Buscando a clara fonte,
Onde por sorte dura
Perdeo Actêo a natural figura.

Assi se vai passando
A verde Primavera e o sêcco Estio;
O Outono vem entrando;
E logo o Inverno frio,
Que tambem passará por certo fio.

Ir-se-ha embranquecendo
Com a frigida neve o sêcco monte;
E Jupiter chovendo
Turbará a clara fonte:
Temerá o marinheiro a Orionte.

Porque, emfim, tudo passa;
Não sabe o Tempo ter firmeza em nada;
E a nossa vida escassa
Foge tão apressada,
Que quando se começa he acabada.

Que se fez dos Troianos
Heitor temido, Enêas piedoso?
Consumírão-te os anos,
Ó Cresso tão famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.

Todo o contentamento
Crias qu'estava em ter thesouro ufano!
Oh falso pensamento!

Que á custa de teu dano
Do sabio Solon creste o desengano.

O bem que aqui se alcança,
Não dura por possante, nem por forte:
Que a bem-aventurança
Duravel, de outra sorte
Se ha de alcançar na vida para a morte.

Porque, emfim, nada basta
Contra o terrivel fim da noite eterna;
Nem póde a deosa casta
Tornar á luz superna
Hippolyto da escura sombra averna.

Nem Theseo esforçado,
Ou com manha, ou com fôrça valerosa,
Livrar póde o ousado
Perithoo da espantosa
Prisão Lethêa escura e tenebrosa.

ODE X

Aquelle moço fero
Nas Pelethronias covas doctrinado
Do Centauro severo,
Cujo peito esforçado
Com tutanos de tigres foi criado:

N'ágoa fatal menino
O lava a mãe, presaga do futuro,
Para que ferro fino

Não passe o peito duro
Que de si mesmo a si se tẽe por muro.

A carne lh'endurece,
Porque não seja d'armas offendida.
Cega! pois não conhece
Que póde haver ferida
N'alma, e que menos doe perder a vida.

Que donde o braço irado
Dos Troianos passava arnez e escudo,
Alli se vio passado
Daquelle ferro agudo
Do menino qu'em todos póde tudo.

Alli se vio captivo
Da captiva gentil que serve e adora;
Alli se vio que vivo
Em vivo fogo mora,
Porque de seu senhor a vê senhora.

Ja toma a branda lyra
Na mão que a dura Pelias meneára;
Alli canta e suspira,
Não como lh'ensinára
O velho, mas o moço que o cegára.

Pois, logo, quem culpado
Será, se de pequeno offerecido
Foi todo a seu cuidado;
No berço instituido
A não poder deixar de ser ferido?

Quem logo fraco infante
D'outro mais poderoso foi sujeito,
E para cego amante
Desd'o princípio feito,
Com lagrimas banhando o tenro peito?

Se agora foi ferido
Da penetrante ponta e fôrça d'herva;
E se Amor he servido
Que sirva á linda serva,
Para quem minha estrella me reserva?

O gesto bem talhado;
O airoso meneio e a postura;
O rosto delicado,
Que na vista figura
Que s'ensina por arte a formosura.

Como póde deixar
De render a quem tenha entendimento?
Que quem não penetrar
Hum doce gesto attento,
Não lhe he nenhum louvor viver isento.

Aquelles, cujos peitos
Ornou d'altas sciencias o destino,
Se vírão mais sujeitos
Ao cego e vão menino,
Arrebatados do furor divino.

O Rei famoso Hebreio,
Que mais que todos soube, mais amou;
Tanto, que a deos alheio

Falso sacrificou.
Se muito soube e teve, muito errou.

E o grão Sabio qu'ensina,
Passeando, os segredos da Sophia,
Á baixa concubina
Do vil Eunuco Hermia
Aras ergueo, que aos deoses só devia.

Aras ergue a quem ama
O Philosopho insigne namorado;
Doe-se a perpétua fama,
E grita, que culpado
Da lesa divindade he accusado.

Ja foge donde habita,
Ja paga a culpa enorme com destêrro.
Mas, oh grande desdita!
Bem mostra tamanho êrro
Que doctos corações não são de ferro.

Antes na altiva mente,
No subtil sangue, e engenho mais perfeito,
Ha mais conveniente
E conforme sogeito,
Onde s'imprima o brando e doce affeito.

ODE XI

Naquelle tempo brando
Em que se vê do mundo a formosura,
Que Thetis descansando
De seu trabalho está, formosa e pura,

Cansava Amor o peitó
Do mancebo Peleo, d'hum duro affeito.

Com impeto forçoso
Lhe havia ja fugido a bella Nympha,
Quando no tempo aquoso
Noto irado revolve a clara lympha,
Serras no mar erguendo,
Que os cumes das da terra vão lambendo.

Esperava o mancebo,
Com a profunda dôr que n'alma sente,
Hum dia em que ja Phebo
Começava a mostrar-se ao mundo ardente,
Soltando as tranças d'ouro,
Em que Clicie d'amor faz seu thesouro.

Era no mez que Apollo
Entre os irmãos celestes passa o tempo:
O vento enfreia Eolo,
Para que o deleitoso passatempo
Seja quieto e mudo;
Que a tudo Amor obriga, e vence tudo.

O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava
Á cega idolatria,
Que ao peito mais contenta e mais aggrava;
Onde o cego menino
Faz que os humanos crêão que he divino:

Quando a formosa Nympha,
Com todo o ajuntamento venerando,

Na crystallina lympha
O corpo crystallino está lavando;
O qual nas ágoas vendo,
Nelle, alegre de o vêr, s'está revendo:

O peito diamantino,
Em cuja branca teta Amor se cria;
O gesto peregrino,
Cuja presença torna a noite em dia;
A graciosa boca
Que a Amor com seus amores mais provoca;

Os rubins graciosos;
As pérolas qu'escondem vivas rosas
Dos jardins deleitosos,
Que o Ceo plantou em faces tão formosas;
O transparente collo,
Que ciumes a Daphne faz d'Apollo;

O subtil mantimento
Dos olhos, cuja vista a Amor cegou;
A Amor que, com tormento
Glorioso, nunca delles se apartou,
Pois elles de contino
Nas meninas o trazem por menino;

Os fios derramados
Daquelle ouro que o peito mais cobiça,
Donde Amor enredados
Os corações humanos traz e atiça,
E donde com desejo
Mais ardente começa a ser sobejo.

O mancebo Peleo,
Que de Neptuno estava aconselhado,
Vendo na terra o Ceo
Em tão bella figura trasladado,
Mudo hum pouco ficou,
Porque Amor logo a falla lhe tirou.

Emfim, querendo vêr
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foi perder,
Porque de puro amor, Amor não via:
Vio-se assi cego e mudo
Por a fôrça d'Amor que póde tudo.

Agora s'apparelha
Para a batalha; agora remettendo;
Agora s'aconselha;
Agora vai; agora está tremendo;
Quando ja de Cupido
Com nova setta o peito vio ferido.

Remette o moço logo
Para ond'estava a chamma sem socêgo;
E co'o sobejo fogo
Quanto mais perto estava, então mais cego:
E cego, e co'hum suspiro,
Na formosa donzella emprega o tiro.

Vingado assi Peleo,
Nasceo deste amoroso ajuntamento
O forte Larisseo,
Destruição do Phrygio pensamento;
Que, por não ser ferido,
Foi nas ágoas Estygias submergido.

ODE XII

Ja a calma nos deixou
Sem flôres as ribeiras deleitosas;
Ja de todo seccou
Candidos lirios, rubicundas rosas:
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos.

Meneia os altos freixos
A branda viração de quando em quando;
E d'entre vários seixos
O líquido crystal sahe murmurando:
As gottas, que das alvas pedras saltão,
O prado, como pérolas, esmaltão.

Da caça ja cansada
Busca a casta Titanica a espessura,
Onde á sombra inclinada
Logre o doce repouso da verdura;
E sôbre o seu cabello ondado e louro
Deixe cahir o bosque o seu thesouro.

O Ceo desimpedido
Mostrava o lume eterno das estrellas;
E de flôres vestido
O campo, brancas, rôxas e amarellas,
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.

Porém como o menino,
Que a Jupiter por a aguia foi levado.

No cêrco crystallino
Fôr do amante de Clicie visitado;
O bosque chorará, chorará a fonte,
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.

O mar, que agora brando
He das Nereidas candidas cortado,
Logo se irá mostrando
Todo em crespas escumas empolado:
O soberbo furor do negro vento
Fará por toda parte movimento.

Lei he da natureza
Mudar-se destà sorte o tempo leve:
Succeder á belleza
Da Primavera o fructo; a elle a neve;
E tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera, Estio.

Tudo, emfim, faz mudança
Quanto o claro sol vê, quanto allumia;
Não se acha segurança
Em tudo quanto alegra o bello dia:
Mudão-se as condições, muda-se a idade,
À bonança, os estados e a vontade.

Sómente a minha imiga
A dura condição nunca mudou;
Para que o mundo diga
Que nella lei tão certa se quebrou:
Em não vêr-me ella só sempre está firme,
Ou por fugir d'Amor, ou por fugir-me.

Mas ja soffrivel fôra
Qu'em matar-me ella só mostre firmeza,
Se não achára agora
Tambem em mi mudada a natureza;
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre d'escuras nuvens rodeado.

Sempre exprimento os fios
Qu'em contino receio Amor me manda;
Sempre os dous caudaes rios,
Qu'em meus olhos abrio quem nos seus anda,
Correm, sem chegar nunca o Verão brando,
Que tamanha aspereza vá mudando.

O sol sereno e puro,
Que no formoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro
Do triste esquecimento, não parece;
Deixando em triste noite a triste vida,
Que nunca de luz nova he soccorrida.

Porém seja o que fôr,
Mude-se por meu damno a natureza;
Perca a inconstancia Amor;
A Fortuna inconstante ache firmeza;
Tudo mudavel seja contra mi,
Mas eu firme estarei no qu'emprendi.

ODE XIII

(INEDITA)

Fôra conveniente
Ser eu outro Petrarcha ou Garcilasso

Ou hir ousadamente
Buscar com largo passo
O sagrado Helicon ou o Parnazo,
Ou que em mim inspirára
Apollo sua graça peregrina,
Ou que até o Ceo buscára
A fonte Caballina
E bebêra a sua água tão divina.

Ou ao menos pudera,
Entre aquelles contar-me que alcançado
Na Lusitana esphera
Tem o louro sagrado
Daquelle de quem o sol he governado,
Pera que ousadamente
De minha Musa vos dera essa parte,
Á vossa que sómente
As nove Irmãas de Marte,
Concedêrão perfeita esta sua arte.

A vós por quem ja cresce
O nome Lusitano a tanta gloria,
Que a seo pezar esquece,
De Virgilio a memoria,
Mantua e de suas obras a alta Hesperia,
A vós que enrouquecestes
A cithara sonora do Treicio,
E que tomar pudestes
A Delphos o exercicio,
E tambem a Minerva o seu officio.

A vós a cuja gloria
No mais antigo tempo e presente

O louro de victoria
Concede facilmente
Qualquer que de Thalia as obras sente;
A vós cuja alta fama
Vi entre os Garamatas conhecida,
Á luz que o sol derrama
Na terra ennobrecida,
Por vós ja tão de todo escurecida.

Aquella primeira aurora
Virá depois do sol hum só momento,
Elle esqueça alguma hora
Ou possa o esquecimento
Tolher-lhe seu continuo crescimento.
Não he de confiado
Mostrar-vos minhas cousas, pois conheço
Que tendes alcançado
Nisto o mais alto preço,
E quanto em mostrallas desmereço.

Mas he de desejoso
De vos obedecer, porque estou vendo
Que a nome tão honroso
Mais ganho obedecendo
Que pecco em demonstrar quão pouco intendo.

ODE XIV

(INEDITA)

Tão crua nympha, nem tão fugitiva
Com lindo pé pizou
A verde herva, nem colheo brancas flôres,
Soltando seos cabellos d'ouro fino

Ao vento que em doces nós os olhos ata,
Nem tão linda, discreta e tão fermosa
Como esta minha inimiga.

Aquillo que em pessoa que hoje viva
No mundo, não se achou
Quiz nella a natureza seos primores
Mostrando que se achasse de contino,
Castidade e belleza; huma me mata,
A outra de suave e deleitosa
Me faz doce a fadiga.

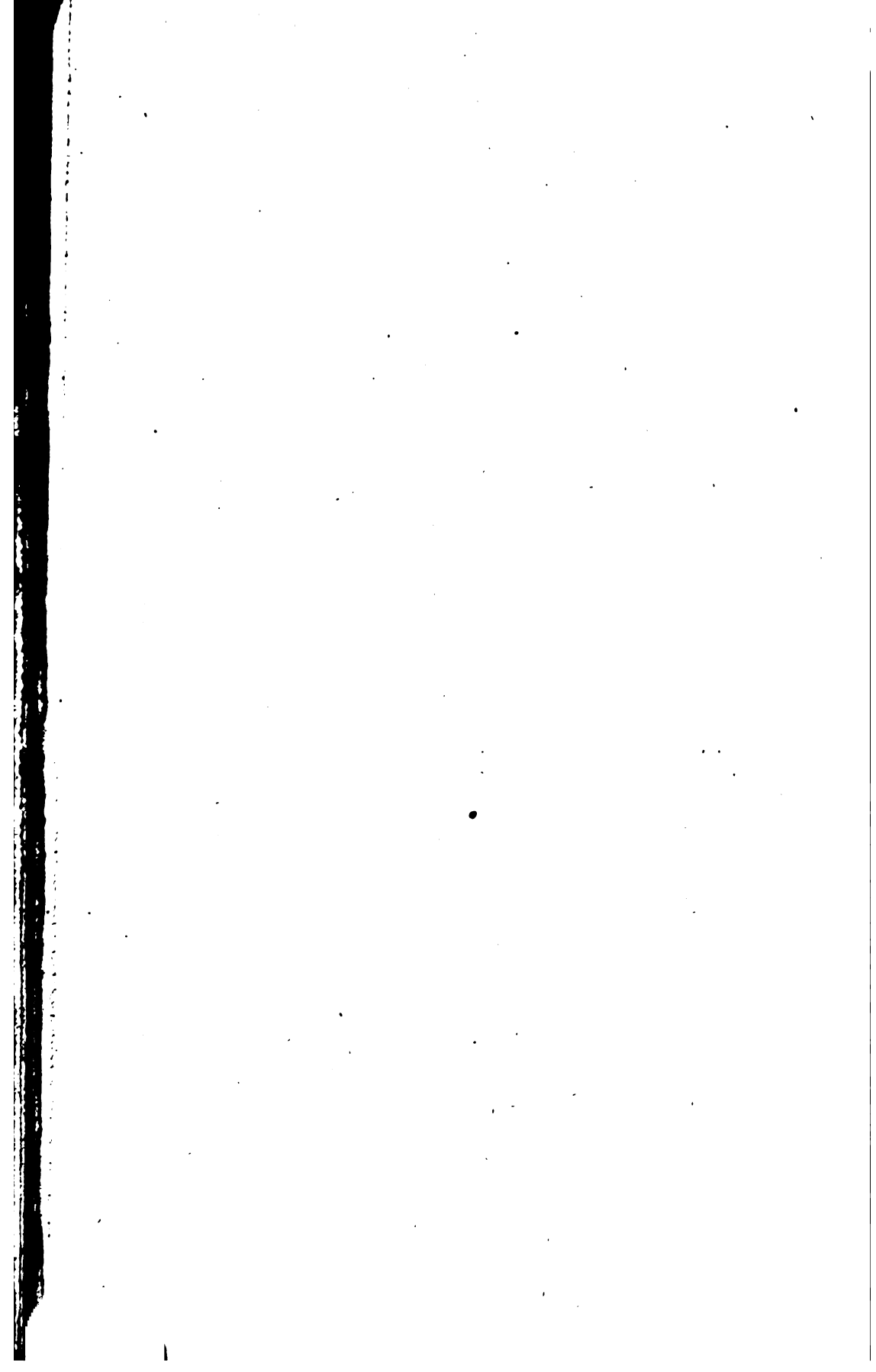
Mas esta bella fera, tão esquiva
Que o prazer me roubou,
Quiz-me pagar, seos unicos louvores
Cantando eu n'um estylo della indino;
Porque se de louvor tão alto trata,
Não sei eu tão baxo verso e prosa
Que escreva nem que diga.

Aquella luz que a do sol claro priva,
E a minha me cegou,
Aquelle mover d'olhos minhas dôres
Causando no olhar manso e divino,
O doce rir que esta alma disbarata,
Faz a sua pena desejosa
E de seu mal amiga.

Dos bellos olhos veo a flama viva,
Que n'alma se ateou
Com a lenha de vossos desfavores,
Queimando dentro o coração mofino,
Cujo fim por mór damno se dilata

Com a esperança falsa e duvidosa
Que forçado he que siga.

Minha ou vossa, vendo-se cativa
Que Deus livre creou,
Se aqueixa desses olhos roubadores
Culpando ao claro raio peregrino;
Mas logo a luz suave que a resgata
De vossa linda vista graciosa
A faz que se desdiga.

Nenhuma que no mundo humana viva,
Que o Creador formou
Por milagre maior entre os maiores,
Formando hum feito de tal feitor dino:
Deos não quer que sejais, Senhora, ingrata,
Mas que ajudeis huma alma desditosa
Que em vos servir periga:
A sofrer esta pena rigorosa
Vosso valor me obriga.

OITAVAS

I

Quem póde ser no mundo tão quieto,
Ou quem terá tão livre o pensamento,
Quem tão exprimentado, ou tão discreto,
Tão fóra, emfim, de humano entendimento,
Que ou com público effeito, ou com secreto,
Lhe não revolva e espante o sentimento,
Deixando-lhe o juizo quasi incerto,
Vêr e notar do mundo o desconcêrto?

Quem ha que veja aquelle que vivia
De latrocinios, mortes e adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpétua pena, immensos vituperios;
Se a Fortuna em contrário o leva e guia,
Mostrando, emfim, que tudo são mysterios,
Em alteza d'estados triumphante,
Que por livre que seja não s'espante?

Quem ha que veja aquelle, que tão clara
Teve a vida, qu'em tudo por perfeito
O proprio Momo ás gentes o julgára,
Inda quando lhe visse aberto o peito,
Se a má Fortuna, ao bem sómente avara,
O reprime, e lhe nega seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado,
Por mais e mais que seja exprimentado?

Democrito dos deoses proferia
Que erão sós dous; a Pena, e Beneficio.
Segredo algum será da phantasia,
De qu'eu achar não posso claro indicio.
Que se ambos vem por não cuidada via
A quem os não merece, he grande vicio
Em deoses sem-justiça e sem-razão.
Mas Democrito o disse, e Paulo não.

Dir-me-heis, que s'este estranho desconcêrto
Novamente no mundo se mostrasse,
Que por livre que fosse, e mui experto,
Não era d'espantar se m'espantasse.
Mas que se ja de Socrates foi certo,
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, ou de prudente, ou de constante,
Exemplo tome delle, e não m'espante.

Parece a razão boa; mas eu digo
Deste uso da Fortuna tão damnado
Que quanto he mais usado e mais antigo,
Tanto he mais estranhado e blasphemado.
Porque, se o Ceo, das gentes tão amigo,
Não dá á Fortuna tempo limitado,

Bem he para causar hum grande espanto,
Que mal tão mal olhado dure tanto.

Outro espanto maior aqui m'enleia,
Que com quanto Fortuna tão profana
Com estes desconcêrtos senhoreia,
A nenhuma pessoa desengana.
Não ha ninguem, que assente, nem que creia
Este discurso vão da vida humana,
Por mais que philosophe, nem qu'entenda,
Que algum pouco do mundo não pretenda.

Diogenes pisava de Platão
Com seus sordidos pés o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presumpção
Em desprezar o fausto tão prezado.
Diogenes, não vês que extremos são
Esses que segues de mais alto estado?
Pois se de desprezar te prezas muito,
Ja pretendes do Mundo fama e fruito.

Deixo agora Reis grandes, cujo estudo
He fartar esta sêde cubiçosa
De querer dominar e mandar tudo,
Com fama larga e pompa sumptuosa.
Deixo aquelles que tomão por escudo
De seus vicios e vida vergonhosa
A nobreza de seus antecessores,
E não cuidão de si que são peores.

Aquelle deixo, a quem do somno esperta
O grão favor do Rei que serve e adora,
E se mantêe dest'aura falsa e incerta,

Que de corações tantos he senhora.
Deixo aquelles qu'estão co'a boca aberta
Por s'encher de thesouros de hora em hora;
Doentes desta falsa hydropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãas do vulgo errado,
A quem não ha ninguem que contradiga,
Nem de outra cousa alguma he governado,
Que d'huma opinião e usança antiga.
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga,
Este das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencê-las, que alcançou?

Cesar dirá: Sou digno de memoria,
Vencendo povos varios e esforçados:
Fui Monarca do mundo; e larga historia
Ficará de meus feitos sublimados.
He verdade; mas esse mando e glória,
Lograste-o muito tempo? Os conjurados
Bruto e Cassio dirão que, se venceste,
Emfim, emfim, ás mãos dos teus morreste.

Dirá Platão: Por vêr o Etna e o Nilo
Fui a Sicilia, a Egypto e outras partes,
Só por vêr e escrever em alto estilo
Da natural sciencia e muitas artes.
O tempo he breve, e queres consumi-lo,
Platão, todo em trabalhos; e repartes
Tão mal de teu estudo as breves horas,
Que, emfim, do falso Phebo o filho adoras?

Pois quanto des que vive ja apartada
A alma desta prisão terreste e escura,
Está em tamanhas cousas occupada,
Que da fama, que fica, nada cura.
E se o corpo terreno sinta nada,
O Cynico dirá se por ventura
No campo, onde lançado morto estava,
De si os cães, ou as aves enxotava.

Quem tão baixa tivesse a phantasia,
Que nunca em móres cousas a mettesse,
Qu'em só levar seu gado á fonte fria,
E mungir-lhe do leite que bebesse!
Quão bem-aventurado que seria,
Que por mais que a Fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria maior pena,
Que pezar-lhe de a vida ser pequena.

Veria erguer do sol a rôxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a água donde nace,
Nem quem a luz occulta no horizonte.
Tangendo a frauta donde o gado pace,
Conheceria as hervas do alto monte:
Em Deos creria simples e quieto,
Sem mais especular algum secreto.

D'hum certo Trasilao se lê e escreve
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido grão tempo o siso teve
Por causa d'huma grave enfermidade;
E em quanto, de si fóra, doudo esteve,
Tinha por teima, e cria por verdade,

Qu'erão suas, das náos que navegavão,
Quantas no porto Píreo ancoravão.

Por hum Senhor mui grande se teria,
(Além da vida alegre que passava)
Pois nas que se perdião não perdia,
E das que vinhão salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo, quando hum dia
Huncrito, seu irmão, que ausente estava,
Á terra chega; e vendo o irmão perdido,
Do fraternal amor foi commovido.

Aos Medicos o entrega, e com aviso
O faz estar á cura refusada.
Triste, que por tornar-lhe o antigo siso
Lhe tira a doce vida descansada!
As hervas Apollineas d'improviso
O tornão á saude ja passada.
Sisudo Trasilao, ao charo irmão
Agradece a vontade, a obra não.

Porque despois de vêr-se no perigo
Do trabalho a que o siso o obrigava,
E despois de não vêr o estado antigo,
Que a louca presumpção lhe apresentava:
Oh inimigo irmão, com côr de amigo;
Para que me tiraste (suspirava)
Da mais quieta vida e livre em tudo,
Que nunca póde ter nenhum sisudo?

Por qual Senhor algum eu me trocára,
Ou por qual algum Rei de mais grandeza?
Que me dava que o Mundo se acabára,

Ou que a ordem mudasse a natureza?
Agora me he penosa a vida chara;
Sei que cousa he trabalho, e qu'he tristeza.
Torna-me a meu estado; qu'eu te aviso
Que na doudice só consiste o siso.

Vêdes aqui, Senhor, bem claramente
Como a Fortuna em todos tẽe poder,
Senão só no que menos sabe e sente,
Em quem nenhum desejo póde haver.
Este se póde rir da cega gente;
Neste não póde nada acontecer;
Nem estará suspenso na balança
Do temor máo, da perfida esperança.

Mas se o sereno Ceo me concedêra
Qualquer quieto, humilde e doce estado,
Onde com minhas Musas só vivêra,
Sem vêr-me em terra alheia degradado;
E alli outrem ninguem me conhecêra,
Nem eu conhecêra outro mais honrado,
Senão a vós, tambem como eu contente,
Que bem sei que o serieis facilmente:

E ao longo d'huma clara e pura fonte,
Qu'em borbulhas nascendo, convidasse
Ao doce passarinho, que nos conte
Quem da chara consorte o apartasse;
Despois, cobrindo a neve o verde monte,
Ao gasalhado o frio nos levasse,
Avivando o juizo ao doce estudo,
Mais certo manjar d'alma, emfim, que tudo.

Cantára-nos aquelle, que tão claro
O fez o fogo da árvore Phebêa,
A qual elle em estylo grande e raro
Louvando, o crystallino Sorga enfrêa;
Tangêra-nos na frauta Sanazaro,
Ora nos montes, ora por a arêa;
Passára celebrando o Tejo ufano
O brando e doce Lasso Castelhano.

E comnosco tambem se achára aquella,
Cuja lembrança, e cujo claro gesto
N'alma sómente vejo, porque nella
Está em essencia puro e manifesto;
Por alta influição de minha estrella
Mitigando o rigor do peito honesto,
Entretecendo rosas nos cabellos,
De que tomasse a luz o sol em vellos:

E em quanto por Verão flôres colhesse,
Ou por Inverno ao fogo accommodado,
O que de mi sentíra nos dissesse,
De puro amor o peito salteado;
Não pedíra então eu, que Amor me désse
Do insano Trasilao o doudo estado,
Mas que alli me dobrasse o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.

Mas por onde me leva a phantasia?
Porqu'imagino em bem-aventuranças,
Se tão longe a Fortuna me desvia,
Qu'inda me não consente as esperanças?
Se hum novo pensamento Amor me cria
Onde o lugar, o tempo, as esquivanças

Do bem me fazem tão desamparado,
Que não póde ser mais qu'imaginado?

Fortuna, emfim, co'o Amor se conjurou
Contra mi, porque mais me magoàsse:
Amor a hum vão desejo me obrigou,
Só para que a Fortuna mo negasse.
O tempo a tal estado me chegou;
E nelle quiz que a vida se acabasse;
Se ha em mi acabar-se, o qu'eu não creio;
Que até da muita vida me receio.

II

Como nos vossos hombros tão constantes
(Principe illustre e raro) sustenteis
Tantos negocios arduos e importantes,
Dignos do largo imperio, que regeis;
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar e a terra segureis
Do pirata insolente, e do tyrano
Jugo do potentissimo Othomano:

E como com virtude necessaria,
Mal entendida do juizo alheio,
Á desordem do vulgo temeraria
Na santa paz ponhais o duro freio;
Se com minha escriptura longa e vária
Vos occupasse o tempo, certo creio
Que com vagante e ociosa phantasia
Contra o commum proveito peccaria.

E não menos seria reputado
Por doce adulador, sagaz e agudo,

Que contra meu tão baixo e triste estado
Busco favor em vós que podeis tudo;
Se contra a opinião do vulgo errado
Vos celebrasse em verso humilde e rudo.
Dirão, que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padeço.

Porém, porque a verdade póde tanto
No livre arbitrio (como disse bem
Ao Rei Dario o moço sabio e santo,
Que foi reedificar Hierusalem)
Esta m'obriga a qu'em humilde canto,
Contra a tenção que a plebe ignara tem,
Vos faça claro a quem vos não alcança;
E não de premio algum vil esperança.

Romulo, Baccho e outros que alcançárão
Nomes de semideoses soberanos,
Em quanto por o mundo exercitárão
Altos feitos, e quasi mais que humanos,
Com justissima causa se queixárão
Que não lhes respondêrão os mundanos
Favores do rumor justos e iguaes
A seus merecimentos immortaes.

Aquelle, que nos braços poderosos
Tirou a vida ao Tingitano Anteo,
E a quem os seos trabalhos tão famosos
Fizerão Cidadão do claro Ceo;
Achou que a má tenção dos invejosos
Não se doma, senão despois que o véo
Se rompe corporal: porque na vida
Ninguem alcança a glória merecida.

Pois logo, se Barões tão excellentes
Forão do baixo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudas gentes,
He louvor dos Reaes, e sublimados.
Quem no lume dos vossos Ascendentes
Poderá pôr os olhos, que abalados
Lhes não fiquem da luz, vendo os maiores
Vossos passados, Reis e Imperadores?

Quem verá aquelle Pae da Patria sua,
Açoute do soberbo Castelhano,
Que o duro jugo só, co'a espada nua,
Removeo do pescoço Lusitano,
Que não diga: Ó grão Nuno, a eterna tua
Memoria causará, se não m'engano,
Que qualquer teu menor tanto s'estime,
Que nunca possa ser senão sublime?

Nisto não fallo mais, porque conheço
Que da materia se me baixa o engenho.
Mas, pois a dizer tudo m'offereço,
E dias ha que no desejo o tenho,
Sendo vós de tão alto e illustre preço,
A vida fostes pôr n'hum fraco lenho,
Por largo mar e undosa tempestade,
Só por servir á Regia Magestade.

E despois de tomar a redea dura
Na mão, do povo indomito qu'estava
Costumado a larguezas, e á soltura
Do pezado govêrno que acabava;
Quem não terá por santa e justa cura,
Qual do vosso conceito s'esperava,

A tão desenfreada enfermidade
Applicar-lhe contrária qualidade?

Não he muito, Senhor, se o moderado
Govêrno se blasphema e se desama;
Porque o povo á largueza costumado,
Á lei serena e justa, dura chama.
Pois o zêlo em virtude só fundado
De salvar almas da Tartarea flama
Com a água salutifera de Christo,
Poderá por ventura ser malquisto?

Quem quizesse negar tão grã verdade,
Qual he o seu effeito santo e pio;
Negue tambem ao sol a claridade,
E certifique mais que o fogo he frio.
Se o successo he contrário da vontade
Nas obras que são boas, e ha desvio;
Está nas mãos dos homens commettellas,
E nas de Deos está o successo dellas.

Sei eu, e sabem todos que os futuros
Verão por vós o Estado accrescentado,
Serão memoria vossa os fortes muros
Do Cambaico Damão bem sustentado:
Da ruina mortal serão seguros,
Tendo todo o alicerce seu fundado
Sôbre orfãas amparadas com maridos,
E pagos os serviços bem devidos.

Quãmanha infamia ao Principe he perder-se
Pouco do Estado seu, que inteiro herdou,
Tanto por glória grande deve ter-se

Se accrescentado e próspero o deixou.
Nunca consentio Roma ennobrecer-se
Com triumphos alguem, se não ganhou
Provincia com que o Imperio s'augmentasse,
Por maiores victorias qu'alcançasse.

Póde tomar o vosso nome dino
Damão, por honra sua clara e pura,
Como ja do primeiro Constantino
Tomou Byzancio aquelle qu'inda dura.
E tu, Rei, que no Reino Neptunino,
Lá no seio Gangetico a Natura
Te aposentou, de ser tão inimigo
Deste Estado não ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes aves
Cortar a espumosa água navegando;
Ouviste o som das tubas, não suaves,
Mas com temor horrifero soando;
Sentiste os golpes ásperos e graves
Do Lusitano braço nunca brando,
Não soffreste o grão brado penetrante,
Que os trovões imitava do Tonante.

Mas antes dando as costas e a victoria
Á Bragancez ventura não corrido,
Déste bem a entender quão grande glória
He de tal vencedor o ser vencido.
Quem faz obras tão dignas de memoria
Sempre será famoso e conhecido,
Onde os altos juizos o estimarem,
Qu'estes sós têe poder de fama darem.

Não vos temais, Senhor, do povo ignaro,
Tão ingrato a quem tanto faz por elle:
Mas sabei qu'he signal de serdes claro
O ser agora tão malquisto delle.
Themistocles, da patria sua amparo,
O forte e liberal Cimon, e aquelle
Que Leis ao povo deo d'Esparta antigo,
Testimunhas serão de quanto digo.

Pois ao justo Aristídes hum robusto,
Votando no ostracismo costumado,
Lhe disse claro assi: Porque era justo
Desejava que fosse desterrado.
Pachitas por fugir do povo injusto
Calumnioso, dando no Senado
Conta de Lesbos, qu'elle ja mandára,
Se tirou co'o seu ferro a vida chara.

Demosthenes, lançado das tormentas
Populares, Ó Pallas! foi dizendo,
Que de tres monstros grandes te contentas,
Do drago e moucho, e do vil povo horrendo!
Que glórias immortaes houve, qu'isentas
Do veneno vulgar fossem vivendo?
Pois mil exemplos deixo de Romanos,
E vós tambem sois hum dos Lusitanos.

III

Mui alto Rei, a quem os Ceos em sorte
Derão o nome augusto e sublimado
Daquelle Cavalleiro que na morte,
Por Christo, foi de settas mil passado;

Pois delle o fiel peito; casto e forte,
Co'o nome Imperial tendes tomado,
Tomae tambem a setta veneranda
Que a vós o Successor de Pedro manda.

Ja por ordem do Ceo, que o consentio,
Tendes o braço seu, reliquia chara,
Defensor contra o gladio que ferio
O povo que David contar mandára.
No qual, pois tudo em vós se permittio,
Presagio temos, e esperança clara,
Que sereis braço forte e soberano
Contra o soberbo gladio Mauritano.

E o que hum presagio tal agora encerra,
Nos faz ter por mais certo e verdadeiro
A setta, que vos dá quem he na terra
Dos celestes thesouros Dispenseiro:
Que as vossas settas são na justa guerra
Agudas, e entrarão por derradeiro,
(Cahindo a vossos pés povo sem lei)
Nos peitos que inimigos são do Rei.

Quando vossas bandeiras despregava
Albuquerque fortissimo com glória
Por as praias de Persia, e alcançava
De Nações tão remotas a victoria;
As settas embebidas, que tirava
O arco Armusiano (he larga historia)
Nos ares, Deos querendo, se viravão,
Pregando-se nos peitos que as tiravão.

O querido de Deos, por quem peleja,
O ar tambem, e o vento conjurado,

Ao atambor acode, porque veja
Que o que a Deos ama, he de Deos amado.
Os contrarios reveis á Madre Igreja
Atroarão co'o tom do Ceo irado.
Que assi deo ja favor maior que humano
A Josué Hebreo, Theodosio Hispano.

Pois se as settas tiradas da inimiga
Corda, contra si só nocivas são,
Que farão, Rei, as vossas que tẽe liga
Com a que ja tocou Sebastião?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A levantar a Deos o coração,
Crendo bem que as que vós despedireis,
No sangue Sarraceno as tingireis.

Ascanio (se trazer me he concedido
Entre santos exemplos hum profano)
Rei do Imperio, despois tão conhecido,
De Roma, e só reliquia do Troiano,
Vingou com setta e ânimo atrevido
As soberbas palavras de Numano;
E logo foi dalli remunerado
Com louvores de Apollo, e celebrado.

Assi vós, Rei, que fostes segurança
De nossa liberdade, e que nos dais
De grandes bens certissima esperança;
Nos costumes, e aspecto que mostrais,
Concebemos segura confiança
Que Deos, a quem servis e venerais,
Vos fará vingador dos seus reveis,
E os premios vos dará que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
São destes vossos Reinos com verdade,
Recebei com benigna e Real mão,
Pois he devida a Reis benignidade.
Tenhão (se não merecem galardão)
Favor sequer da Regia Magestade:
Assi tenhais de quem ja tendes tanto,
Com o nome e reliquia, favor santo.

IV

Despois que a clara Aurora a noite escura
Com novo resplandor foi desfazendo,
E Phebo por os montes e espessura
Os seus dourados raios estendendo;
Se buscava nos valles a verdura
O manso gado a luz serena vendo,
Quando a férvida sésta ja abrazava,
Todo o animal da calma repousava.

Ja por fugir do sol o fogo ardente,
As sombras os rebanhos vão buscando;
Os tenros cabritinhos juntamente
Apoz as mansas mães hião saltando;
Tangendo as suas frautas docemente
Os pastores, estavão enganando
A grã chamma solar qu'então ardia;
Só Liso o ardor della não sentia.

Tristes lembranças tanto o traspassavão,
Que a dura sésta nellas só passava;
O tempo qu'em prazer outros gastavão,
Em celebrar seu mal elle o gastava;

As festas que com jogos celebravão,
Elle com suspirar as celebrava:
Nada buscava mais, mais não queria
Que o repouso do fogo em qu'elle ardia.

Os repetidos jogos dos pastores,
As lutas entre a rama repetidas,
Em nada lhe divertem suas dores;
Mas antes n'alegria as vê crescidas.
Como o repouso roubão os amores
Ás almas que para elles são nascidas,
Elle, todo o repouso qu'esperava,
Consistia na Nympha que buscava.

Com o chôro, que ja corria em fio
Por o pallido rosto, augmenta as fontes,
Que levão água estranha ao claro rio
Que os valles vai regando entre altos montes.
Com suspiros a quem o ecco pio
Responde de apartados horizontes,
Os ventos parecia qu'enfreava,
Os montes parecia que abalava.

Que ás queixas de seus doces pensamentos
Se movessem os montes mais constantes,
Se parassem os mais veloces ventos,
Qu'estavão, que corrião circumstantes,
Bem se devia á dôr de seus tormentos,
E inda que fosse em peitos de diamantes;
Que hum peito de diamante abrandaria
O triste som das mágoas que dizia.

Porém elle as dizia a outro peito,
Mais, que diamante, inexpugnavel, duro:

A fé lh'encarecia, a que sogeito
O tinha em pena eterna o amor puro;
Mostrava-lhe este n'alma mais perfeito,
Quanto mais offendido, mais seguro:
A Nympha mais segura tudo ouvia,
Mas nada o duro peito commovia.

As lástimas aqui tanto crescêrão,
Que s'em montes de Hircania s'escuitárão,
Tigres nos seios seus mover pudérão,
E pedras nos seus cumes abrandárão.
Mas se no peito as tristes vozes dérão
Daquella fera humana que buscárão,
Elle d'as admittir se retirava;
Que na vontade de outro pôsto estava.

Desenganado ja da triste sorte,
De que mal fino amor se desengana,
Com a desperança só de sua morte
Aquellas penas últimas engana.
Deixando na espessura o claro Norte,
Para elle de outra luz mais soberana,
A hum valle aberto então sahir procura,
Cansado ja de andar por a espessura.

Deixando as suas cabras que pascessem
Naquelle verde prado as frescas flôres;
Porque os Satyros leves o soubessem,
E os sylvestres Faunos amadores;
Tambem porque os pastores o entendessem,
Todo o processo e fim de seus amores
Escreveo (sem em nada haver mudança)
No tronco d'huma faia por lembrança.

Por lembrança no tronco d'huma faia,
Que vai sahindo ao Ceo de puro altiva
Na verde, prateada e aurea praia,
Por onde o claro Tejo se deriva;
Porque tambem ao Ceo sua dôr saia
Sôbre aquella corrente fugitiva,
Escrita no papel da natureza;
Escreve estas palavras de tristeza:

Natercia, Nympha bella, por quem vivo
Em tal tormento, tempo algum me olhou;
Mas des qu'em mi sentio qu'era captivo
Daquelle brando olhar que m'enganou,
O amor tornava em desamor esquivo;
E d'hum tormento tal a outro passou.
Em cousas tão sujeitas a mudança
Nunca ponha ninguem sua esperança.

Para dar proveitosos desenganos
Dos enganos que são de Amor effeitos,
E dos dous sexos publicar, humanos,
A origem das mudanças de seus peitos;
Estas letras aqui por longos anos
Digão a corações a amar sujeitos
Em peito varonil, que de ventura,
Em peito feminil, que de natura...

Faltou-lhe aqui o alento, e ja cansado
Cahio ao pé da faia em qu'escrevia,
Não podendo seguir o começado,
Porque a alma ja do corpo lhe sahia.
Tres vezes, com accento mal formado,
Para exemplo futuro repetia:

Amantes, entendei que a mór belleza
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

V.

Cá nesta Babylonia adonde mana
Hypocrisia, engano e falsidade;
Cá donde ousada toda carne humana
A todo arbitrio vive da vontade;
Cá donde enrouqueceo da Lusitana
Musa o furor heroico e suavidade;
Cá donde se produz por cega via
Materia a quanto mal o mundo cria;

Cá donde o puro Amor não tẽe valia,
Porque Baccho o tẽe hoje desterrado;
Cá donde a frecha d'ouro não feria,
Senão cabello preto e alfenado;
Cá donde a loura trança não se via,
Nem o rosto de sangue matizado;
Cá donde nada val a glória humana,
Que a mãe, que manda mais, tudo profana;

Cá donde o mal se affina, o bem se dana,
Se algum a terra em si quer produzir;
Cá donde a falsa gente Mahometana
A glória toda funda em adquirir;
Cá donde multiplica a mão tyrana,
Professa em mais crescer, matar, mentir;
Cá donde o fazer bem he villania,
E póde mais que-a honra a tyrannia;

Cá donde a errada e cega Monarchia
De fabulosas leis está vivendo,

E á fôrça d'hum amor engrandecia
O nefando Alcorão em qu'está crendo;
Cá donde nada val a Poesia,
E s'está da lei della escarnecendo;
Cá donde a fidalguia Mahometana
Cuida qu'hum nome vão a Deos engana.

Cá nesta Babylonia, onde a Nobreza
Da Lusitana gente se perdeo;
E do grão Sebastião toda a grandeza
Irreparavelmente se abateo;
Cá donde algum mentir não he baixeza,
E os meritos esmola (assi cresceo
Da cobiça mortal a semrazão)
Co'o esfôrço e saber, pedindo vão.

Ás portas da cobiça e da vileza
Estes netos de Agar estão sentados
Em bancos de torpissima riqueza,
Todos de tyrannia marchetados.
He do feio Alcorão summa a largueza
Que tẽe para que sejão perdoados
De quantos erros commettendo estão
Cá neste escuro cáos de confusão.

Cumprindo o curso estou da natureza,
Illustre Dama, neste labyrintho;
Mas quem usa comigo mais crueza,
He tua condição, que n'alma sinto.
Acabe-se algum dia tal tristeza,
E este sentido mal qu'em versos pinto:
E pois n'alma he sentido e coração,
Vê se m'esquecerei de ti, Sião.

VI

Senhora, s'encobrir por algum'arte
Pudera esta occasião de meu tormento,
Não creias que chegára a declarar-te
Este meu perigoso pensamento.
Mas por mais que te offenda, não sou parte
No crime de tamanho atrevimento:
Elle he d'amor; e delle fui forçado
A que te declarasse o meu cuidado.

Se merece castigo a confiança
Com que descubro agora o que padeço,
Aqui prompto me tens; toma a vingança
Que por tão grave culpa te mereço.
Bem me pódes negar toda esperança,
Mas eu não desistir deste comêço;
Porque tempo e Fortuna não são parte
Para deixar hum'hora só de amar-te.

Ja que vêr-te os meus olhos alcançárão,
Descansem neste bem com alegria,
Pois ja com vêr os teus tanto ganhárão,
Quanto, estando sem vê-los, se perdia.
Que glória querem mais, se a vêr chegárão
Aquella pura luz que vence ao dia?
Qual mór bem ha no mundo que querer-te,
Se não ha mais que vêr despois de vêr-te?

Minhas dôres mortaes, bella Senhora,
Tirárão a virtude ao soffrimento;

E fazendo-se mais em qualquer hora,
Levando vão traz ti meu pensamento:
Porém soberbos vejo desde agora,
Por a causa gentil de seu tormento,
Minha alma, meu desejo, meu sentido,
Porque á tua belleza se hão rendido.

A par de tua rara formosura
Se desconhece o mór merecimento;
A tua claridade torna escura
Do sol a clara luz em hum momento.
Se Zeuxis ao formar bella figura,
A vista em ti pudera pôr attento,
Mais alto original houvera achado
Para admirar o mundo co'o traslado.

Aquelles qu'escrevêrão mil louvores
De formosura, graça e gentileza,
Todos forão, Senhora, huns borradores
De tua perfeitissima belleza.
Agora se vê claro em teus primores
Qu'em ti s'esmerou mais a natureza;
E qu'erão os seus cantos prophecias
Do que havias de ser em nossos dias.

Vê, pois, se vinha a ser culpavel falta
Em mi o não render-te amante a vida,
E se deixar d'amar glória tão alta
Era digno da pena mais crescida.
Emfim, eu te amarei; que Amor m'exalta
Co'o castigo de culpa assi atrevida:
E quando della caia, maior glória
Terá o Tejo, que o Pó, com sua historia.

VII

D'huma formosa virgem desposada,
Que d'outras onze mil, tambem formosas,
Entrou no claro Olympo acompanhada,
Com corôas de lyrios e de rosas;
De Christo Esposo seu tão namorada,
Que delle as quiz fazer todas esposas;
Amor, vida e martyrio cantar quero,
Fiado no favor que della espero.

Alcança, Ursula bella (que diante
De tão bello esquadrão foste por guia),
De teu suave Amor, que de ti cante
O seu amor que no teu peito ardia.
Meu verso para ti mais se levante,
Ó Christifera, ó heroica companhia;
Tanto se mostre aqui mais soberano,
Quanto o divino Amor excede o humano.

E vós, unica Mãe e Virgem pura,
Pois sois das que tal ordem escolhêrão,
Que fostes, sois, sereis guarda segura
Da pureza que a Deos offerecêrão;
Neste canto me dae melhor ventura
Do que atégora as Musas vãas me derão:
Vossas servas serão de mi servidas,
Cantadas suas mortes, suas vidas.

Serenissima Infante, produzida
Do grão Tronco Real, sublime Planta;
No titulo, nas obras e na vida,

Retrato natural de Ursula Santa,
Desta virgem, tambem de Reis nascida,
Ouvi com ledo rosto o que se canta;
Dae o sentido hum pouco a tal sogeito:
Não lhe tire seu preço o meu defeito.

No tempo que Ciriáco se sentava
Na Cadeira de Pedro pescador,
De que com sãa doutrina apascentava
As Ovelhas de Christo, Bom Pastor;
Teve Bretanha hum Rei, que professava
A Lei que deo no mundo o Redemptor,
Justo e temente ao Ceo, pio e devoto,
Chamado Mauro d'huns, e d'outros Noto.

De virtudes hum novo exemplo e raro,
Em idade e belleza florecia
Ursula, por quem Noto era mais claro,
Que por todo o poder que possuia;
Com quem em nada o Ceo quiz ser avaro,
Com quem todas as graças repartia;
Prudente, honesta e docta a maravilha,
De tão ditoso pae ditosa filha.

Aquella que por o ar com ligeireza
As pennas de mil azas abre e cerra,
E que com velocissima presteza
Com outros tantos pés corre por terra;
Aquella, que de sua natureza
Não cuida em quanto diz se acerta ou erra,
E d'huma em outra boca se derrama:
Aquella, emfim, a quem chamamos Fama;

Hia por todo o mundo divulgando
Extremos desta virgem soberana,
Aquella formosura celebrando
Com que Amor cego a tanta vista engana:
Mas hia d'alma sua publicando,
Porqu'era mais divina do que humana:
Ja d'huma, e d'outra ja dizia tanto,
Qu'em huns criava amor, n'outros espanto.

Ouvidos seus louvores, muitas vezes
Desejou desta virgem fazer nora
Hum Rei que o sceptro tinha dos Inglezes,
Idolatras então, cegos agora.
Ó povo cego e leve! as torpes fezes
Aparta do ouro puro e lança fóra,
Torna-te ao teu pastor, perdido gado!
Olha que vás sem elle mal guiado.

Hum filho deste Rei (de quem dizia
Que ser de Ursula sogro desejava)
Movido do rumor que della ouvia,
Ja dentro no seu peito a namorava.
Alli seu amor, delle, lhe offrecia;
Alli por o amor della suspirava.
Suspira elle por ella; ella suspira
Tambem por outro amor que nunca víra.

Mandou o Rei Inglez Embaixadores
Com pompa Regia e lustre sumptuoso,
(Do grande Reino seu grandes Senhores)
A Noto, Rei não tanto poderoso.
Pedio-lhe a bella filha (qu'em amores
Ardia toda do celeste Esposo)

Para esposa do filho, que sabia
Que ja d'amores della todo ardia.

O Rei Bretão se achava descontente
Com a nova embaixada de Inglaterra:
Receia que se nella não consente,
O gentio lhe mova cruel guerra:
Porque sendo mais rico e mais potente,
Assi no largo mar, como na terra,
Quando desprezos visse de seu rôgo,
Podia pôr Bretanha a ferro e fogo.

Sôbre este não errado pensamento
Do medo de perder seu senhorio,
Novo discurso tinha e novo intento,
Com que se achava mais medroso e frio.
Estranhava o fazer ajuntamento
Da catholica filha co'hum gentio;
Pois nem a Lei de Christo o permittia,
Nem Ursula fiel o admittiria.

Estando o pae em tal angústia pôsto,
Divinamente a filha ja inspirada,
Lhe assegurava com sereno rosto
Que consentir podia na embaixada;
Dizendo que se o Inglez levava gôsto
D'ella com seu herdeiro ser casada,
Primeiro lhe mandasse dez donzellas,
Do Reino as mais illustres, as mais bellas.

Que mil daria a cada virgem destas,
E que a ella outras mil tambem daria,
Todas de claro sangue, e em vista honestas.

(Dest'arte a conta de onze mil fazia)
Que por tres annos dilação nas festas,
Além do ja pedido, lhe pedia;
E náos e mantimentos, porque todas
Fossem com ella a Roma antes das bôdas.

Alli sua pureza e virgindade
Queria com solemne e sacro voto
Consagrar á divina Potestade,
Que o Ceo e a terra fez de proprio moto,
E que deixasse a vãa gentilidade
Seu filho, para genro ser de Noto,
Para que neste espaço doutrinado
Fosse na Fé de Christo, e baptizado.

Com estas condições Ursula disse
Ao charo pae, que, a ser dellas contente,
Podia responder; e despedisse
A proposta daquelle Rei potente:
Ou porque ouvindo-as elle desistisse,
Podendo-se acceitar difficilmente;
Ou porque, quando as virgens concedesse,
Comsigo a seu Senhor onze mil désse.

Oh Divino saber, quão soberano
Conselho he sempre o teu! quão remontado!
Oh quanto o mór saber te cede humano,
Por mais que de razões vá mais ornado!
Ja dos idolos deixa o cego engano
O Principe, da virgem namorado;
Ja terno pede ao pae quanto ella pede;
Ja o pae quanto lhe roga lhe concede.

Ja para ti, ó virgem bella e branda,
Com huma singular velocidade,
Juntar se via d'huma e d'outra banda
De feminil nobreza tenra idade.
As náos apparelhar o Rei ja manda;
Ja nellas se recolhe a virgindade;
Ja dão para Bretanha ao vento vellas,
O coração do noivo vai com ellas.

Ja vem a tomar porto onde esperava
Ursula alvoroçada em grã maneira;
Que para as receber alli se achava,
Como senhora não, mas companheira.
Quão falsa era a Lei dellas lhes mostrava,
A de Christo quão pura e verdadeira.
Ja se baptiza huma e outra Dama;
Damas Ursula ja do Ceo lhes chama.

A Fama, que não sabe repousar,
Voou de Reino em Reino, d'ilha em ilha;
A gente que concorre não tẽe par,
Por vêr a nunca vista maravilha.
Outros vem por servir e acompanhar
A Virgem de Rei nora, de Rei filha.
Movem-se muitos Bispos de Bretanha;
Pantalo em vida e morte os acompanha.

Por ti, deixando o Reino, co'a familia
E quatro filhas suas, s'embarcou,
Juliana, Victoria, Aurea, Babilia;
(Hum filho tinha mais que mais levou)
Gerasina, Rainha de Sicilia,
E com devido amor te acompanhou;

Qu'he justo que comtigo vão Rainhas,
Quando tu para o Rei dos Reis caminhas.

Ja se partem as bellas peregrinas,
As mãos ao claro Empyreo levantadas;
Ja rompem, ja, por ondas crystallinas
As náos de formosura carregadas.
Quando, dizei, ó águas Neptuninas,
Fostes de tal belleza navegadas?
Nunca, despois que a terra descobristes,
A tal frota por vós caminho abristes.

Com vento sempre igual, com mar bonança,
Sem perigos alguns, sem algum pejo,
Ceyla forão tomar, porto de França,
Onde pouca demora fazer vejo.
O coração da virgem não descança,
Saudosa do fim de seu desejo;
Manda que levem ferro, soltem linho
Que leve por o mar o negro pinho.

O vento nova posse vai tomando
Das virgens que lhe são encommendadas:
Com tal prosperidade vão voando,
Que ja deixão atraz ondas salgadas:
Ja nas doces do Rheno estão entrando,
Onde têe suas vidas limitadas:
Huma cidade vem á lingua da ágoa,
Que de vê-las morrer não teve mágoa.

Ah Colonia cruel, que não t'encobres
A tão formosos olhos, que seguros
As altas tôrres vião que descobres.

Lustrosos edificios, fortes muros!
Permitte o largo Ceo que fama cobres
De ser tão dura mãe de peitos duros?
Duros peitos, que a tantos, limpos de erro
Vírão abrir sem dôr com impio ferro!

Estando neste pórto a bella Armada
Tomando o necessario mantimento,
Para poder seguir sua jornada,
E dar terceira vez o treu ao vento;
Sendo parte da noite ja passada,
A virgem lá no seu retrahimento,
Quando estava dormindo toda a frota,
A Christo orou assi, branda e devota:

Amor, divino Amor, Amor suave,
Amor, que amando vou toda rendida;
Com quem não ha na vida pena grave,
Sem quem glória real não ha na vida;
Amor, que do meu peito tens a chave,
Amor, de cujo amor ando ferida,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que d'amor cheio e de brandura,
D'amor enches est'alma saudosa;
Amor, sem cujo amor e formosura,
Não póde nunca haver cousa formosa;
Amor, com cujo amor anda segura
Huma vida tão fraca e duvidosa,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que por amor te dispuzeste
A restaurar o mundo errado e triste;
Amor, que por amor do Ceo desceste;
Amor, que por amor á Cruz-subiste;
Amor, que por amor a vida déste;
Amor, que por amor a glória abriste,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que mais e mais sempre te augmentas
No coração que lá comtigo trazes;
Amor, que d'amor puro te sustentas
No fogo em que tu mesmo arder me fazes;
Amor, que sem amor não te contentas,
De tudo com amor te satisfazes,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que com amor me captivaste;
(Se livre póde ser quem não captivas)
Amor, qu'em taes prisões m'asseguraste
As esperanças d'antes fugitivas:
Amor, que suspirando m'ensinaste
A derramar por ti lagrimas vivas,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Quando verei hum dia em que offereça
Por ti ao cruel ferro o peito forte,
E cercada de virgens appareça
Na tua soberana e eterna Corte;
Onde lá cada huma te mereça,
Cá passando comigo a propria morte;

E todas dando o sangue juntas, todas
Celebremos comtigo eternas bodas?

Faze-me ja, Senhor, esta vontade
Que tenho de te vêr, que sempre tive,
Des que me deo lugar a tenra idade,
E lume de razão nesta alma vive.
Não queiras, meu Amor, que a saudade
Sem tal bem a mi só da vida prive;
Que se muito se alarga este desterro,
Por ella irei a ti, não por o ferro.

Desata o meu espirito saudoso,
Do nó mortal em que se vai detendo,
Primeiro que tres vezes pressuroso
O sol os doze Signos vá correndo.
Espaço he que tomei, meu doce Esposo,
Para outro esposo meu ir entretendo:
Mas a meu amor crendo, de ti creio
Que acabes com a vida o meu receio.

Inda neste fervente e justo rôgo
Ursula suspirando procedia,
Quando d'hum resplandor como de fogo
Divina voz ouvio, que assi dizia:
Ó virgem, que soubèste fazer jôgo
Do que no mundo tẽe maior valia,
Entende que da volta que fizeres,
Aqui quero que seja o que tu queres.

Tanto que tal resposta do Céo teve,
Não quiz do que esperava perder hora:
Ja lhe parece larga a noite breve.

E que ja tarda muito a bella aurora.
Em descobrindo Apollo o carro leve,
Do porto de Colonia sahio fóra.
Ja Basilêa em breve tempo toma:
E a pé d'alli partírão para Roma.

O Pastor summo, Ciriáco santo,
As sahe a receber, e as acompanha
Com gôzo espiritual, com grande espanto
De vêr em tal idade fé tamanha.
Dizer se póde mal, mal cuidar quanto
Se goza o Real sangue de Bretanha,
Os veneraveis templos visitando
Daquelles que tambem foi imitando.

Na propria noite deste proprio dia
Que Roma vêr as virgens mereceo,
A quem de Pedro a Barca então regía
Revelou o que rege a terra e Ceo
Que martyrio tambem receberia
Onde Ursula co'as mais o recebeo:
Deixa contente o grão Pontificado,
Desejoso de ser martyrizado.

Por mais que todo o Clero soffre mal
Mover-se por aquellas Estrangeiras,
Movido da vontade divinal
O bom Pastor se vai com as Cordeiras.
Hum Arcebispo leva, hum Cardeal:
Tres Bispos deixão vagas tres Cadeiras,
De Luca, Ravicana e de Ravenna:
Mauricio me ficava ja na penna.

Despois de n'água entrar, donde sahírão,
Com tão formoso sol tantas estrellas,
Ja as ancoras debaixo acima tirão,
E de cima ja abaixo soltão vellas.
Estas náos lá adiante outras náos vírão,
Que fazendo-se vem na volta dellas;
Conhecêrão-se logo as duas frotas:
Ambas d'hum Reino são, ambas devotas.

Alli, ja Rei erguido d'Inglaterra,
Vinha de Ursula bella o bello esposo,
Que reinar não queria ja na terra,
Do Ceo ja namorado e saudoso.
Do seu primeiro amor venceo a guerra
A fôrça d'outro amor mais poderoso:
Amando ja em seu Deos a esposa bella,
Para o poder achar, buscava a ella.

A mãe, ja convertida, traz comsigo;
O pae, ja Christão feito, fallecêra,
Com que soube evitar o grão castigo
Que, morrendo Gentio, não soubera.
Amor celeste, como aqui não digo
O teu sublime obrar? (Ah quem pudera!)
Por meio d'huma virgem foste meio
Com que gente copiosa a Christo veio.

Vinha mais nesta nova companhia
Florencia, irmãa do Rei, da mãe cuidado;
Florencia, qu'em belleza florecia,
Como flôr em jardim bem cultivado.
Tambem a frota Bispos dous trazia,
Hum Marcello, Clemente outro chamado:

O primeiro ja em Grecia bago teve;
Do segundo o Bispado não s'escreve.

Outra virgem viuva alli mais vinha,
Que desposada sendo em tenra idade,
Antes das bodas enviuvado tinha,
E promettida a Christo a castidade.
Esta do mesmo Rei era sobrinha,
Filha da Imperatriz da grã cidade,
Onde por culpa nossa, ou pouca dita,
Seu throno agora tẽe o fero Scita.

Estes, que adverte repetida historia
Deixárão só por Deos altos Estados,
Com outros, de que he menos a memoria,
Forão divinamente amoestados
Que todos, para entrar juntos na glória,
Ao côro virginal fossem juntados,
Com quem na terra Martyres serião,
E no Ceo para sempre reinarião.

Sería estranho o gôzo que sentírão
Aquellas bem nascidas almas santas,
Quando juntas alli todas se vírão
De partes tão remotas, e de tantas.
Sem estorvos, que d'antes o impedírão,
As duas, mais que todas, bellas plantas
Alli abraços se dão sem algum pejo,
Ambas conformes ja n'hum só desejo.

Alli faria o Rei acatamento
A quem deixou da Barca o grão govêrno;
E elle, conforme a seu merecimento,

Responderia com amor paterno.
Não faltaria em tal recebimento
Prazer exterior, prazer interno;
Inda que nos estados differentes,
Todos serião huns em ser contentes.

O vento as brancas velas não enchia.
Corria o frio Rheno então mais quedo;
Antes para Colonia não corria,
Porque as virgens não fossem lá tão cedo.
Parece que ja claro conhecia
(Oh côro virginal, sereno e ledo!)
Que lá vos esperava a impia morte.
Agora, ó Musa, conta de que sorte.

Aquelle que na fórma de serpente
Deixou aos dous primeiros enganados,
Invejoso de vêr que tanta gente
Se convertia á Lei dos Baptizados;
No coração entrou manhosamente
De dous gentios Principes damnados,
Da soberba Romãa Cavaleria,
Por encurtar a Fé que s'estendia.

A Fama os assegura com certeza
Que a virgem a Colonia ja voltava,
Com toda a casta juvenil belleza
Que por amor do Ceo peregrinava.
Fizerão avisar com grã presteza
A hum parente, que Julio se chamava,
Soberbo Capitão dos Hunnos feros;
Que todos para todas forão Neros.

Eis logo o cego Principe gentio,
Com gente innumeravel de seu mando,
A praia a tomar vem do mesmo rio
Por onde as virgens vinhão navegando.
Ja descobrem aquelle, este navio
Os qu'estão do mais alto atalaiando:
Ás armas veloz corre o bruto povo,
Por de novo as tingir no sangue novo.

Vindo a frota a surgir junto do muro,
Onde lhe parecia estar segura,
(Oh virgens que buscais? lugar seguro
Adonde vos espera a sepultura!)
Entra com mão armada o povo duro
Por esta peregrina formosura:
Ja começa a provar os aços fortes;
Eis tudo sangue ja, eis tudo mortes.

Ja nu todas as virgens offrecião
O delicado collo, o tenro peito:
Era para caber quantas cahião,
Todo largo lugar lugar estreito.
Do puro sangue os rios que corrião,
Outro vermelho mar ja tinhão feito.
Tu só, Córdula, á morte t'escondeste;
Mas despois a buscaste e recebeste.

Ciriáco o primeiro, bem constante,
A vida ao ferro offrece sem espanto:
O moço Rei Inglez cahio diante
Daquelles castos olhos que amou tanto.
Espera, brando esposo, hum breve instante;
Espera a tua doce esposa, em tanto

Que outro Amor outro golpe lhe prepara;
E juntos entrareis na Patria chara.

Em qual terra, ó crueis, em qual cidade,
Entre quaes gentes mais a furor dadas,
Se não usou d'amor e de piedade
Com formosas donzellas desarmadas?
Como belleza tanta e tal idade
Vos deixou arrancar vossas espadas?
Ah lobos carniceiros, tigres bravos,
Filhos da crueldade, d'ira escravos!

De quantos animaes sustenta a terra
Nunca tanta crueza foi usada;
Inda que tenhão huns com outros guerra,
Nunca do macho a femea he lastimada:
Anda a cerva co'o cervo por a serra,
A novilha do touro acompanhada,
Á leoneza o leão defender preza:
Vós sós quebrais as leis da natureza?

Puderão outros olhos por ventura
De lagrimas divinas escusar-se,
Vendo, cuberta ja de névoa escura,
A luz de tantos bellos apagar-se?
Vendo a purpurea rosa, a cecem pura
Em tão formosas faces descorar-se?
As tranças d'ouro vendo, espedaçadas,
Por debaixo dos pés andar pizadas?

Na fôrça desta furia accesa e brava
O Tyranno cruel a vista ergueo
Á virgem, qu'invencivel animava

As almas que juntára para o Ceo.
Assi ja envolta em sangue como andava,
Da sua formosura se venceo;
E com doces razões, que Amor ensina,
A vencê-la d'amor se determina.

Fingindo se arrepende do passado,
(E de fingi-lo se arrepende azinha)
Sua vida lhe offrece e seu Estado,
Sem vêr qu'Estado e vida a perder vinha.
O seu amor lhe pede confiado;
O seu amor que dado a seu Deos tinha:
Pede-lhe o seu amor; antes não seu,
Porque ja dado o havia a quem lho deu.

Usa de mil lisonjas, mil enganos,
Por conseguir o seu desejo bruto.
A flôr logra (dizia) de teus anos,
Colhe d'essa belleza o doce fruto:
Não dês materia nova a novos danos,
Não pagues verde á morte o seu tributo:
Olha que tens em mi (não são cautellas)
Outro Reino, outro esposo, outras donzellas.

Não faças mentirosa a natureza
Que dá d'amor em ti grande esperança.
Que se póde alcançar dessa belleza,
Se ja piedade della não s'alcança?
Aos tigres, aos leões deixa a braveza,
E deixa aos meus soldados a vingança.
Se por vêr-me cruel queres ser crua,
Ja te vingas de mi em cousa tua.

Volve esses olhos ja com mais brandura;
Esses olhos, d'Amor doce morada:
Delles não faça em mi a formosura,
O qu'em tantos ja fez a minha espada.
Se queres derribar minha ventura,
Que delles estar vejo pendurada,
Acabarei de vêr quão pouca tenho,
Pois donde a matar vim a morrer venho.

Como do rôgo meu não te aproveitas,
Quando o teu risco a me rogar te obriga?
Ou não conheces bem a quem engeitas,
Ou m'engeitas por mais que seja e diga.
Em que cuidas, Senhora? ou que suspeitas?
Mais proprio era chamar-te dura imiga.
Mas não consente Amor nome tão duro
Em parecer tão brando e tão seguro.

Os raios desses olhos ja serenos
Enxuguem desse rosto as puras rosas;
O triste suspirar ja sôe menos
Nestas concavidades saudosas.
Não fação grande mal males pequenos;
Que não soffre esperanças vagarosas
Quem anda costumado em seus amores
A medir por seu gôsto seus favores.

Que gôsto pódes ter de maltratar-me,
Vendo-me do passado arrependido?
Attenta que mais ganhas em ganhar-me,
Do que neste destrôço tens perdido.
Se queres insistir em desprezar-me,
Vêr-me-has, sobre amoroso, enfurecido.

Não me declaro mais, porque não quero
Que o medo faça o que d'amor espero.

Ah perfido amador! deixa o teu êrro.
Não vês quanto enganado e cego andas?
Aquella a quem não vence o duro ferro,
Como a podem vencer palavras brandas?
Manda a sua alma ja deste destêrro,
Com essas que a seu doce Esposo mandas.
Não a detenhas mais em teus amores,
Se dobrar-lhe não queres suas dores.

Vendo o cruel, emfim, que o que dizia,
Tomava a bella virgem por affronta,
E que quanto d'amor mais se accendia,
Ella delle fazia menos conta;
No ćoncavo arco que na mão trazia,
Huma setta embebeo d'aguda ponta,
E o peito lhe passou de banda a banda.
Assi rendeo o esprito a virgem branda.

Vae-te, Esprito gentil, desta baixeza;
As ázas abre ja, ja a luz derrama;
Vôa com desusada ligeireza
Onde o teu bem t'espera, onde te chama.
Verás baixa do mundo a mór alteza;
Verás qu'engana mais a quem mais ama;
E la do teu Amor, cá suspirado,
O fructo colherás tão desejado.

Em paz te vae, ó alma pura e bella,
Mais bella inda no sangue que verteste;
Vae-te alegre a gozar, vae, ja daquella

Formosa Região, alta e celeste.
Coroada de glória immortal, nella
Com Christo lograrás, a quem te déste
Com tantas e tão bem nascidas almas,
(Formosura do Ceo) onze mil palmas.

VIII

Sprito valeroso, cujo estado
O alto Deos prospere e accrescente,
Regendo o fiel Reino descansado,
Com vida felicissima, e contente:
A vós, em quem o humil necessitado,
Acha sempre favor, e amor ardente,
Peço queirais ouvir, que na verdade,
Zelo, e amor de Deos me persuade.

Não vos seja pesado o atrever-me
A querer emprender sujeito alheio,
Porque fizerão lagrimas mover-me
Vir ante vós ousado, e sem receio.
E se por tal quizerdes conhecer-me,
Servindo-vos de mim, por algum meio,
O nome, o braço, a Musa, e quanto posso,
Ha ja muito, Senhor, que tudo he vosso.

Quem vos isto offerece dirá quanto
Desejo muito ha ja ser-vos acceito,
Porque com vosso zelo, o favor santo,
Faça meu rude verso algum proveito:
Que cobrindo-me vós com vosso manto,
A eu ser nobre tendo algum respeito,
Sei que posso ganhar, o que não tenho,
Pois me não faltão forças, nem engenho.

Porém isto, Senhor, deixando á parte,
Que razão he devida, a que me guia,
A vós venho com força, engenho e arte,
Por influxo do Ceo, que a vós me envia:
A vós, a quem tẽe dado Apollo e Marte
De seus thesouros parte e melhoria,
Venho cantar com voz rouca e chorosa,
Por hũa encarcerada desditosa.

A vós venho, Senhor, na confiança
Do vosso nome pondo meu sentido,
Que quem em vós confia, tudo alcança,
Sendo cousa, de que Deos he servido;
E pois elle vos deo justa balança,
Para pesar justiça, e dar ouvido,
Ouvi a petição da miseravel,
Com quem fortuna foi tão pouco affavel.

Ouvi da pobre Dona Catharina
O grande desamparo inopinado,
A quem nenhum remedio determina,
Ou permitte seu duro e cruel fado;
Que se na tenra idade foi mofina,
Sua vida entregando ao vão cuidado,
Haja nisso castigo com brandura,
Porque o medo a fará viver segura.

Haja, Senhor, cuidar, que he moça pobre,
Que pobreza não tẽe nenhum respeito,
E mais não tendo idade, que lhe sobre,
Para saber fugir do que he mal feito:
Haja tambem cuidar, que he sangue nobre,
E ao jugo da Igreja inda sugeito,

E que póde nascer de tal processo
Hum grande e cruelissimo successo.

Certo que com razão urgente e clara
Tẽe algũa razão a infelice,
Que se ninguem recolhe, nem ampara
A triste orfãa na flôr da meninice.
A Fortuna cruel, em tudo avara,
Para lhe acarretar triste velhice,
Lhe entrega a honra, e pura castidade
Nas mãos de hũa vital necessidade.

Bem sei, que de ter culpa não carece,
Só por não ser do sangue seu lembrada,
Mas dê-se-lhe o castigo que merece,
E não para tão longe desterrada:
Que se para lá fôr, bem se conhece,
Quão vilmente será vituperada,
Dando motivo ao rude marinheiro,
Que seja incontinente carniceiro.

Vêde, Senhor, o risco, a que se obriga
A desditosa e fragil mocidade,
Se honra não vai buscar, ou parte amiga,
Que lhe defenda sua honestidade.
Não queirais não, Senhor, que o mundo diga,
Ah, que grande rigor e crueldade!
Como ja vai dizendo e murmurando,
Sua grande ignorancia desculpando.

Eu certo não duvido, que o Piloto,
O Mestre, o Marinheiro, o Capitão,
Usem do costumado vicio roto

Com todas, as que em seus poderes vão:
Dai-me vós, Senhor, hum, que estê remoto
De tal delicia, nesta occasião;
E eu direi ser falso o que vos digo,
Tomando sobre mim todo o castigo.

Ja não ha hi João posto em deserto,
Que seja ao Ceo, por casto, tão acceito,
Nem ha quem não commetta desconcerto,
Nessa torpeza bruta, e vil sujeito:
Ja não ha hi Hieronymo tão certo,
Que, com pedra na mão, ferindo o peito,
Da carne 'stimulado, assi lhe diga:
Não te chegues a mim, carne inimiga.

A culpa he dos parentes descuidados,
Que, vendo-a sem amparo e sem abrigo.
Em tempo, que os mais ricos e esforçados,
Temendo a Deos, fugião seu castigo:
Huns para seus jardins determinados,
Outros por onde o Ceo lhes fosse amigo,
A deixárão tão só nesta Cidade,
Batalhando co'a vil necessidade.

Pois, quem houvera ahi, que não cahira,
Vendo-se em tal estremo, em tal miseria,
Qual Arthemisa aqui não consentira,
Qual Romana Sofronia, ou qual Valeria?
E qual Lucrecia fôra que isto vira,
Que não rendêra o jugo á vil materia?
Qual Thebana Thimochia, ou linda Sara,
Ou qual mulher de Ulisses se negara?

Qual fôra, a que se vira em tão infesta
Batalha, turbulenta e espantosa,
Exercitando a morte rija e mesta,
Seu duro officio, brava e rigorosa.
Que Nympha houvera ahi, que Deosa Vesta,
Em virginal estado poderosa,
Que não rendêra a tudo o casto nome,
Por não morrer nas mãos da dura fome?

Ah, valeroso 'sprito, caso he isto
Para se dar perdão á fraca ovelha,
Não seja o perdão seu, seja de Christo,
Pois elle a perdoar nos aconselha:
Assi nos altos Ceos sejais bemquisto,
E vos incline Deos attenta orelha,
Que vos lembre, Senhor, seu desamparo,
Pois sois dos pobres pae e amigo claro.

Por isso olhai, Senhor, o quanto importa
Cortar occasiões com fio agudo,
Porque não se cortando, abre-se porta
Do lascivo desejo ao Nauta rudo:
E se, como vos digo, esta se corta,
Olhando bem as leis do claro estudo,
Será grandeza vossa mui subida,
Dessa real prosapia produzida.

Olhai que tẽe, Senhor, hũa menina
Do ausente consorte, e filha sua,
Muito desamparada, e pequenina,
Fóra do natural, despida e nua.
Sêde vós, Senhor, água da Piscina,
A vosso zêlo tudo se attribua,

Que, movendo-vos elle, não duvido
Que tudo a ella seja concedido.

IX

(INEDITA)

Duro fado, duro amor nunqua cuidado
Castigo de tal culpa mais que dino
Narciso que na terra em flor mudado
De ainda o Ceo quasi era indino,
Amor de nympha a meu queixar egualado,
Senhora aqui cantar vos determino,
Se vós quereis em casos tão diversos
Bénignamente ouvir meus rudos versos.

Diversos casos são que claramente
Nos descobrem de amor toda a verdade,
Quanto castiga estranha e duramente
Quem julga o mal alhêo a vaidade,
E quem nenhum desprezo em si consente
Nem em parecer brando crueldade,
Como cousa contraria á natureza
Onde ha brandura haver tambem dureza.

Mil linguas e mil mãos estancaria
Se com exemplos fosse isto aprovado;
Anaxarete em dura pedra fria
Converteo o amor de Ephys desprezado.
Aquelle Deos que traz a nós o dia,
Por quem o claro sol he governado
Testemunha será disto que digo
Porque não foi soberbo sem castigo.

Senhora minha, em quem a natureza
De sua perfeição mostrou o lume,
Pois amor faz sentir tanta aspereza
A quem desprezar seu poder presume,
Não vos faça a vós mal vossa dureza,
Não vos accenda o vosso proprio lume,
Nem minha desventura e triste sorte
Cause a vós dano e a mim por isso a morte.

Pois para mim nasceo a desventura
Deixai-a ficar toda comigo,
Mostrai-vos alguma hora menos dura
Sequer por vos livrar deste perigo,
E livre convertei essa brandura
N'hum perpetuo cruel duro castigo,
De quem vos faz trocar essa vontade
Para usardes comvosco piedade.

Que não me podeis vós dar tal tormento,
Que muito em dobro mais não me atormente
O temor de vos ver hum só momento
Em hum estado tão triste e descontente,
Senhora, consenti que o pensamento
Este tamanho mal vos apresente,
Despois executai a vossa ira
Em quem por vos servir arde e suspira.

Mas se quizerdes ver o fim que teve
A beldade a que foi o mundo entregue,
Sómente aqui de vós quero huma breve
Tenção nesta historia que se segue;
E se a tal desamor, tal mal se deve,
Fazei com que outro tal nunqua vos chegue:

Não queirais por ser meu este conselho
Que vingue o mal alheo o vosso espelho.

Nunqua jamais formou tal formosura
A natureza nem graça tão rara,
Quanto em Narciso poz que tão escura
Faz toda a fama quãnto a sua hé clara;
Esmerara-se aqui nesta figura
Os Carathys, nem foi a Deosa avara
Que move o Ceo terceiro, rege o mundo,
Em faze-lo na terra sem segundo.

Crecendo este mortal pubrico dano
De valerosas donas e donzellas,
Aquellas que com força nem engano,
Amor póde jamais assi trazellas;
Olhando aquelle rosto mais que humano,
Que refreava as ondas e as estrellas
Mudar-se pouquo a pouquo se sentião,
Até que em fogo amoroso ardião.

Mas elle tão cruel como formoso,
A todas desprezou, nenhuma ouvia,
Nem foge mais ligeiro o temeroso
Cervo como de amor elle fazia,
Dizendo ás nymphas, ah! despiadoso
Tigre dos mais crueis qu'Hircania cria
Porque não temos nós tua formosura,
Ou tu não sentes nossa desventura.

Mil suspiros em vão, vão espalhando,
Mil vezes outras mil lagrimas vivas
Vão-se por tristes bosques, vão chamando

Suas sortes crueis, duras esquivas,
Dizendo mal ao dia em que hum tão brando
Olhar de sua força as fez captivas,
E o Ceo por que em huma tal beldade
Quiz ao mundo esconder tal claridade.

Ah duro, falso amor e descuidado
(Dizia cada huma descontente)
Onde está agora o teu arco dourado
Que vinga o mal alheo justamente;
Porque não vês quão baxo e desprezado
Traz este, teu poder, teu fogo ardente,
Pois que em vez de seguir-nos vai fugindo
As que em vez de fugirmos o himos seguindo.

Como soffres cruel, como consentes
Que deste bosque tão santo e sagrado
Leve humas presas taes tão excellentes,
O ingrato caçador duro e malvado;
E que de corações pouquo prudentes
Leve este, seu despojo carregado,
E soberbo de nós se vá apartando,
As obras amorosas desprezando.

Emprega tua ira em teu imigo,
Se a hum rogo honesto ella se rende
Qual outro poderá valer comtigo,
Se este não valle que a tua honra pertende;
Que o que com lume que só trás comsigo,
N'outros mil corações teu fogo accende
Ao menos em amor de si se accenda,
Porque o alheo mal em si entenda.

E póde aquelle animo esforçado
Que Jupiter venceo, Apollo e Marte,
Deixar-nos n'hum lugar tão apartado,
Os seus olhos virando a outra parte?
Se não te move o nosso triste estado,
Que a dor quasi nos tolhe isto contar-te,
Sequer mova-te o amor despiadoso,
A honra do teu reino poderoso.

Ir-se-ha este moço sem ser punido
Deste amoroso fogo escarnecendo;
Quem temerá o teu reino esclarecido,
Se livre de temor estais vendo
O teu arco que foi ja tão temido:
Vêde tua honra que vai desfalecendo,
Elle te mostrará quanta deshonra alcança
Quem deixa sua injuria sem vingança.

Por montes e espessura isto dizião
Ao surdo vento e ao Ceo seu mal contando,
Em fontes os seus olhos convertião,
Ja quasi a triste vida desprezando,
De lagrimas então o rostro enchião
Qual sôe encher a flôr rocio brando,
Em vão buscando aquelle que somente
Lhes causa todo o mal que tem presente.

Mais de huma foi então a que queria
Segui-lo, mas acha-lo receava;
De longe em fogo huma accesa via,
E de perto temor a atormentava;
Novo tormento assim sempre sentia
Ou onde o corpo ou onde a alma estava.

Com tal prova afirmando ja comsigo
Que amor de todo o bem era inimigo.

Mais de huma foi a quem deu esperança,
A desesperação que em si sentia,
E pondo nisto sua confiança,
Fallando cada huma assi dizia:
Despois que este amor fez tal mudança,
Em suspirar se passa a noute e dia,
Mas de mi vendo o mal que ando soffrendo
Ou eu a causa delle não entendo.

Elle que culpa tem, se este cuidado
Eu não sei apartar do pensamento,
Não vê que está por elle transformado
Meu bem neste tão aspero tormento;
O sprito de chorar ja está cançado,
Eu aos bosques e ao surdo vento
Todo este mal e semrasões descubro,
E a quem póde cura-los os encubro.

Ora dizendo isto, ora chorando,
Vai trás o fugitivo seu amante;
Os rogos e as palavras vai cuidando
Por abrandar aquelle diamante,
Tudo vai dentro em si representando;
Isto direi, depois isto, diante
Ora de huma ora de outra razão pega,
Mas ambas n'hum instante firma e nega.

Mas todas estas cousas esquecia
Quando o moço cruel via presente;
E comsigo somente, Amor, dizia,
Que tudo mandas poderosamente,

Porque este mal que eu sinto noute e dia,
Este cruel em si tambem não sente?
Ou se tens estes males por sobejos
Por não sentir alguns de meus desejos.

Se isto me quer negar tua dureza,
Porque negas á lingua atrevimento
Para dizer meu mal, sua crueza,
E lhe mova a piedade o pensamento?
Criou-vos por ventura a natureza
Aquelles olhos só para tormento
De quantas nymphas ha nesta espessura
Para seu mal vem sua formosura?

E aquillo que dizer a outra queria,
Assim mesmo dize-lo não ousava,
Que tal temor e espanto em si sentia
Que quasi transformada nelle estava;
Outra cousa ja a triste não sabia
Se não soffrer o mal que a atormentava,
Nem sabe mais que estar de todo muda
Esperando em vão d'outrem ajuda.

Era entre esta formosa Companhia
Echo, que a todas vence em formosura,
Senão que usar de falla não podia
Com que ao mal remedio se procura;
Assi em vão a fallar a boca abria;
Tal foi seu mal, tal sua sorte dura
Que o dom que a natureza lhe outorgára
A sobeja ira d'outrem lh'o roubára.

Porque hum dia Juno que era esposa,
Irmãa do que tem no Ceo seo mando,

Sendo de seu marido então ciosa
Mais que nunqua fôra, hindo-o buscando
Por cerrada espessura e tenebrosa,
Echo então achou, que perguntando
Por seu nome, quem era, e por onde hia,
Lhe impedio o caminho que seguia.

Tanto a deteve então que facilmente
Jupiter lhe fugio que perto estava,
E cobrindo comsigo juntamente
A quem naquelle furto o accompanhava;
Mas Juno por mil provas ja prudente,
Vendo o que seu marido costumava,
Vio, que fallando, Echo algum engano
Cobria por ficar com ella o dano.

E porque no mundo aprenda, lhe dizia,
A não ser o divino desprezado,
Castigo te será desta ousadia
Perderes do fallar o uso amado;
E porque, alguem fallando em algum dia
Caminhos impedir não seja ousado,
Te tiro a falla, e fallarás somente
As ultimas palavras da outra gente.

Deixava estas palavras acabando,
E toma outro caminho ardendo em ira;
Ficou a misera Echo ali chorando
Despois que contra si tão dura a víra,
Muitas vezes os santos pés beijando
Para pedir perdão a boca abríra,
E querendo fallar dizia sómente
As ultimas palavras da outra gente.

Ah quanta dôr sentio despois que via
Que á vontade as forças lhe faltavão,
Tarde ja de seu mal se arrependia,
E a vergonha, temor a atormentavão;
A memoria da antigua voz sentia,
A quem os duros penedos se abrandavão;
Nem sábe como vá, lá onde estava
A companhia que ella tanto amava.

Assim avorrecendo os povoados,
As solitarias partes vai buscando
Por duros tristes bosques e apartados,
Vai pouquo e pouquo os dias acabando;
Os membros e os spritos cançados
Vão por remedio a morte desejando.
Callando passa a vida despiadosa
Dos que nunca nacerão invejosa.

Aconteceo que sua sorte hum dia
A trouxesse ao logar tão apartado
Que nada ao derredor delle se via,
Pastor que a perturbasse, nem seu gado,
Mas temor de odiosa companhia
Lhe deo de hum corno o tom longe tocado.
E por fugir delle se ergueo ligeira
Do tom a voz dobrando derradeira.

Querendo-lhe fugir ver-se chegando,
De sua parte o cruel Narciso a via,
Tanto que o vio ficar-se-lhe abrazando
Em amoroso fogo a alma sentia,
Deixa então de fugir, fica cuidando
Será aquillo verdade ou fantezia,

Por diante lhe poem huma beldade
Que lhe roubára a sua liberdade.

Outras vezes o vio, mas differente
Da beldade que agora lhe enxergava,
O curto passo move brandamente
Como que de partir-se lhe pezava;
Amor que nella accende hum fogo ardente,
E antre os seus subjeitos a contava,
Faz que deixe o caminho que seguia
E a seu pezar partir-se lhe impedia.

Assim calada em seu mal cuidando
O rostro de Narciso vai seguindo,
Quantas vezes a fala desejando,
O bem perdido ao Ceo está pedindo:
Procura seu tormento ali mostrando
A piedade espreitar quem está dormindo,
Mas antes sepultado em pedra dura,
Que nem do Ceo nem d'outra cousa cura.

O que as suas palavras não podião
Mostrar, mostrava o rostro claramente,
Desejava as que delle então sahião
Ouvir por repeti-las juntamente.
Ah! quanto ellas suaves lhe serião
Se dissessem no fim o que ella sente,
Que dizer no principio não podia
E comsigo quem sou, quem fui dizia.

Apartado dos seus longe trouxera
De huma cerva o correr Narciso hum dia,
Echo que em tal perigo o não quizera.

Sempre escondidamente após elle hia
Por vêr se alguma bruta cruel fera
Em deredor do seu tezouro via,
Que de Adonis lhe deo a morte dura
Temor de semelhante desventura.

Perdida ja de vista a corredora
Cerva o moço deixou afadigado,
O qual vendo-se ja junto aquella ora
Que o sol nos quer deixar medroso e irado,
Que daquella espeçura o tire fóra,
A gente que deixoú chama apressado,
E quando lhe dizia vem depressa
Echo lhe responde tambem de preça.

Isto a seus companheiros vai dizendo
A quem sempre assim Echo respondia,
Elle donde este tom vem, não sabendo,
Inda que algum temor em si sentia;
Nas sombras os claros olhos firmes tendo
Porque não estou comtigo lhe dizia,
E ja que isto só quer do seu imigo,
Torna Echo porque não estou comtigo.

E menos com isto ja desesperando,
Solta o frêo o seu desejo ardente,
E ja nesta espeçura confiando
Se vai chegar a elle ousadamente;
Com suspiros tambem vai trabalhando
Mostrando-lhe sua dôr inteiramente,
E chega a tocar, inda que medrosa,
De seu amante a face deleitosa.

Elle inda mais cruel endurecido
Qu'Hircana Tigre ou dura penedia,
Com mais furor que cervo inda ferido,
Da namorada nympha se desvia;
Primeiro em pó seja convertido
Que esteja nos teus braços, lhe dizia,
Ella que o mar em lagrimas dobrava,
Que esteja nos teus braços lhe tornava.

E de vergonha eterna combatida,
Qual sóe a corrida fera emboscada,
E de si mesma ja aborrecida,
Buscava a escuridade e a luz deixava,
Onde de ninguem seja conhecida.
Dar fim á triste vida desejava,
Pera onde olhava, ou onde s'escondia
Ouvia reprender sua ousadia.

Emfim, mettida em huma cova escura,
Começou de fallar assim comsigo:
Tu que nos reges lá da mór altura,
Se triste rogo tem força comtigo,
Este cruel de tanta fermosura,
Que de toda a brandura he inimigo
Porque antre nós, que todas aborrece,
Ame ao menos a si, pois o merece.

E a mim que naci pera hum mal eterno,
Traze Senhor ao fim determinado,
Não seja meu tormento sempiterno.
Se o Ceo das almas tristes tem cuidado,
Tira este coração de hum doce inferno
De males sem remedio rodeado,

O morrer ante tempo he doce sorte,
A quem vida sostem peor que morte.

Dizendo assim o mal que tem presente,
O Ceo mostrou sinais de piedade,
Deixa o nutritivo humor que sente
A quem antes foi extremo de beldade;
A natural quentura juntamente,
Sente converter-se em frialdade,
Mudar-se pouco e pouco se sentia,
E vio-se convertida em pedra fria.

Deixou-lhe ainda o Ceo a voz antiga
Por onde oje o seu nome se conhece,
Nenhum desejo ja lhe dá fadiga,
Nada a alegra ja nem entristece;
Mas amor qu'inda que tarde castiga,
Sem pena não deixa hir quem a merece;
Tempo, logar espera conveniente
Para tomar vingança cruelmente.

Ja no lião estava descansado
O sol chegando ja ao meio dia,
No bosque de mais sombras rodeado,
Com seu gado o pastor a par dormia;
O rustico vilão descarregado
Da passada obra ja tambem jazia,
Nem feras se ouvem ja, nem ave vôa,
Sómente da cigarra o canto sôa.

Narciso ja da caça, e justamente
Do caminho cansado e da quentura,
Lugar a repousar conveniente

Por huma e outra parte achar procura;
De viva penedia mansamente
Huma agoa emfim vê vir qual por ventura
Nunca virão celestes moradores
Quanto mais mortais, nymphas ou pastores.

Por estar perto delle se lançava
A clara fonte de viva penedia,
Que a feras, gado e aves se negava,
E tambem aos pastores se escondia;
Tudo em torno d'ervinhas verdejava,
E dos raios do sol a defendia
A lapa em que naceo, e assi a defende,
Que ramo nem folha a turba nem offende.

Do verde alamo de Alcides consagrado,
Da faia, e do loureiro victorioso
Estava todo o valle acompanhado,
E por elles suave e gracioso
De mil flôres o chão era esmaltado,
Agradavel por ellas e cheiroso;
As águas que por elle vão correndo,
Mortal o verão lhe estão fazendo.

O cruel caçador vendo a frescura
Que o logar deleitoso lhe apresenta,
Movido do trabalho e da quentura,
Junto da fonte a repousar s'assenta;
Agradecendo tal bem á ventura
Do trabalho passado se contenta,
Que qualquer bem depois de hum grão tormento
Cobre o passado mal de esquecimento.

Quanto fôra melhor aconselhado,
Se elle ao ardente sol andára á caça;
Mas em vão quer fugir o duro fado
A quem o Ceo com males ameaça.
Elle, qual sôe fazer homem cansado,
Para que a calma ardente em si desfaça,
Sobre a borda da clara fonte oposto
Encosta o branco peito, abaixa o rosto.

Tanto que na clara onda olhar se vêo
A si mesmo não visto ainda via,
Da força e do conselho fica alheo,
Nem ser aquella suá imagem cria;
Aquella alta beldade que no mêo
D'alma se lhe assentou, crer lhe fazia,
Que seja vinda a nós cousa divina,
Sauda-o, e diante se lhe inclina.

Com honra igual vio quando o saudava,
Soltar o outro a lingoa e o som não sente,
Vio com igual ardor quando fallava
Qu'elle hum mesmo querer mostra e consente;
Detem a voz, e se pronunciava
Palavra alguma escuita attentamente,
Mas vê, calando-se elle, que se cala
O outro, e que falando tambem fala.

Amor ja na sua alma quasi morta,
Hum desejo cruel vai imprimindo,
Ora olha, ora roga, ora conforta,
Ora a seu mal remedio está pedindo;
Ora a prantos e a suspiros abre a porta,
Huma amorosa lima em si sentindo

Ora diz, que tão grande mal me veo,
Que tanto ja da morte me arreceo.

Então, chorando, á suave água amada
Suas queixas e rostro endereçando:
Que tens lá dentro ó onda consagrada
Que me vai a mi mesmo assi roubando,
Água pera meo mal aqui criada,
Pois que remedio em ti houve buscando
Pera abrandar a sêde e ardor da calma,
Me poz est'outro amor e sêde d'alma.

Mas tu, ou sejas Deos ou homem vivo,
Nympha gentil ou Deusa antes creria,
Não te mostres ao teu amante esquivo,
Se tens qual a beldade cortezia;
Não te esqueças de mim que fugitivo
Sempre fui ao amor que eu accendia,
Que minha crueldade e meu engano
Em dobro pago agora com meu dano.

De quantas vezes me tenho escarnecido,
Do verdadeiro amor de mil donzellas,
De quantas vezes ja não tenho crido
O tormento de muitas nymphas bellas;
Sou de meu fado agora constrangido,
Chorar comtigo aqui meo mal e o dellas,
Se tu a meus rogos duro fores,
Tambem acharás outrem com quem chores.

Porque viver não posso na água pura,
Que lá dentro me hirei morar comtigo;
Mas pois isto não quer minha ventura

Porque não vens tu cá fallar comigo?
Venus e Adonis búscão a verdura,
Jupiter das cavernas foi amigo,
Tu não tenhas por mal sahir cá fóra,
Entre estas flôres repousar humà hora.

Isto dizendo em torno os olhos vira
Ao fresco valle, e vê o que diria,
Torna á fonte, depois chama e suspira,
E no mesmo logar dantes o via;
Mas depois que claramente conhecia
Qué juntamente o outro respondia,
Acabou d'entender que se enganava,
E que era a sua sombra o que chamava.

Ó de quantos suspiros vai enchendo
O Ceo depois de visto seu engano,
Ó com quantas cousas reprendendo
Seu fado causador de tanto dano,
Nunca em seus servos o vi, está dizendo,
Este cruel amor e deshumano,
Igual desejo ao meu nem igual sorte
Que me trará ante tempo a cruel morte.

Ó monte, ó valle, ó bosque, ó surdo vento,
O que ainda não vistes vede agora,
Fortuna conjurada em meu tormento,
Bem da ordem commum me trazes fóra:
Ó vão e enganoso pensamento
Dize-me em que lugar o meu bem mora
A mim mesmo desejo, a mim só amo.
Eu mesmo em vão respondo e em vão chamo.

Sempre do que amo ando acompanhado,
E de me acompanhar ando morrendo,
Quanto me este mal fôr a mim brando
Mais longe a esperança de mim tendo;
Ditoso tu que andas suspirando
Por cousa que estás em outra parte vendo,
Teu fado poderá perto mostrar-ta,
Porém ninguem de si a si se aparta.

Em mim o natural curso he mudado,
Pois que pobre me fez minha riqueza,
A maior paz, mór guerra me tem dado,
Feito servo me tem minha belleza,
De contentar-me a mim ando penado;
Ditoso o que a beldade assi despreza,
Que por ventura muito outras prezão,
Mas de meu prezar muito me desprezão.

Sobre aquella herva verde isto dizia,
E o valle de suspiros retumbava,
Mas nem com quanto diz ponto perdia
Do desejo cruel que n'alma estava;
Quanto mais se aqueixava mais crecia,
E por onde não quer sempre o guiava;
Torna á fonte e falla, olha e chama,
Chorando suspira, e chorando ama.

Tristes lagrimas sahem do seu rosto,
E porque a fonte clara turva se fazia,
Cuida que lhe he roubado ja seu gosto
Porque a sombra a seus olhos escondia.
Agora que em mil laços me tens posto
Porque deixas cruel esta água fria;

Desce, e a mão e o braço n'água estende,
Para impedir o que o seu fogo accende.

E quanto a água mais está movendo,
Mais se esconde a imagem desejada,
E cego e mudo está-se desfazendo
Com huma dor nunca vista e desusada;
A Jupiter ja pede que morrendo
Sequer seja sua dôr remedeada,
Nem repousa, nem de viver procura,
Tendo em si viva a mesma formosura.

Sente-se pouco e pouco hir desfazendo,
E lembrando-lhe a sombra assi lh'esquece
O seu fogo apagar cuida morrendo,
Mas o morrer, a sombra, o entristece;
Consolado despois está dizendo:
N'outra parte onde o bem sem males cresce,
Nos veremos antre águas mais amigas
Que estas que de meu bem são inimigas.

Assim fica-te em paz, disse chorando,
A cabeça nas flôres escondia,
A triste Echo do monte suspirando,
Fica-te em paz tambem lhe respondia;
A sua alma o mortal corpo deixando,
Lhe deixou antre as flôres e água fria,
Qual murcha pranta a sua gran beldade
Que detivera o Ceo de piedade

As nymphas e os pastores naquella hora
Que a nova lhe chegou de tal tristeza,
Cada hum pelo formoso moço chora,

Chama á morte cruel, á natureza,
Que apenas lhe deixou sómente huma hora
Em paz ao menos ver tanta belleza,
A qual despois que a fez com tanto tento,
Lha deu e lha tomou n'hum só momento.

Todos depois ao valle se vierão
Para dar sepultura ao delicado
Corpo; porém acha-lo não podérão,
Por mais que em muitas partes foi buscado,
Com huma flôr antre outras flôres derão
A qual não houve ali alguem lembrado,
D'outra semelhante em algum dia,
E crerão que Narciso esta seria.

Todo de brancas flôres he cingido,
E de amarella côr a branca fronte,
E do seu amor ainda constrangido
Se está olhando na quieta fonte;
Cada hum de piedade commovido,
De suspiros enchia o valle e monte,
E estando com lagrimas banhando.
Echo tambem responde suspirando.

NOTAS ÁS RIMAS

SONETO I

Serve de introducção aos sonetos ou antes ás rimas que vemos que o Poeta teve tenção de dar a publico. Emquanto a fortuna quiz que tivesse esperança nos seus amores, fez que escrevesse os seus effeitos; porém temendo amor que escrevesse os seus enganos escureceu-lhe o engenho com o tormento. Aponta Faria e Sousa os logares em que Camões falla em geral da fortuna, e em particular da fortuna e amor nos sonetos IV, XLVI, LXXIII, XCIII e CXIV; canção II, estancia I; canção X, estancia II; oitava I, estancia XXIX; glosa IX, estancia I. N'estas poesias se refere o Poeta á conjuração do amor e da fortuna combinados em seu damno. Cita tambem Faria e Sousa, commentando este soneto, os logares em que o Poeta falla dos enganos de amor.

N'hum breve livro casos tão diversos.

Este verso parece dar a entender. ou que este soneto servia de prologo ás poesias que especialmente diziam respeito aos seus amores, ou que havia feito selecção das que intentava publicar.

Entendei que segundo o amor tiverdes.

E sabei que segundo o amor tiverdes.

Edição de 1595.

Faria e Sousa, commentando este verso, nos revela que no seu tempo se tinham vedado alguns Cancioneiros do XV seculo e alguns anteriores, por conterem heresias olhadas á luz de quem não amava, isto é, por applicar attributos celestes a objectos mundanos, como chamar angelica, divina, deusa a damas, termos hyperbolicos puramente innocentes. Defende este uso dos poetas com o exemplo dos santos padres, e o Cantico dos Canticos, cheio de expressões e termos, que a quem os não olhar *divinamente enamorado* parecerão lascivos e reprehensiveis: assim estas poesias, lidas por amadores e poetas, embora contenham estas expressões de encarecimento, em cousa alguma offendem a verdade da religião.

SONETO II

Este soneto é a preposição de parte das poesias, isto é, d'aquellas que, a meu ver, comprehendem a epocha dos seus amores até o primeiro ou segundo degre-

do. Cantará de amor tão docemente que fará abrazar o peito gelado da sua amante. Pintará as

Brandas iras, suspiros magoados
Temerosa ousadia e pena ausente.

Porém para exaltar a sua formosura falta-lhe engenho e arte.
É uma imitação do soneto CII de Petrarcha que começa:

Yo cantaré d'amor si soavemente.

Sobre as palavras: suspiros magoados, senhora, vista, geito, vejam-se os differentes logares onde o Poeta as usou, apontados por Faria e Sousa.
Este soneto no MS. de Luiz Franco é differente do primeiro quarteto em diante

. . . .

Farei o amor a todos evidente
Pintando mil desejos delicados,
Lagrimas doces, suspiros cansados,
Temor, saudades juntamente.

Tambem de vossas duras asperezas,
Desprezos seus favores enganosos,
Contentar-m'-hei dizendo a menor parte.

Porém para dizer vossas bellezas,
Airoso gesto e olhos graciosos,
Ai falta o saber, engenho e arte.

SONETO III

É de difficultosa intelligencia; eis-aqui como Faria e Sousa o interpreta. Chora por haver cantado, e depois por haver chorado torna a chorar, pensa nos progressos das suas esperanças, e da rigorosa fortuna com que foram correspondidas, e desespera de todo o allivio. Logo torna a crer ou imaginar que lhe está guardado algum, e ultimamente se corre por pensar em ter contentamento. Maravilhosa imagem do mais profundo da desventura! Pensa Faria e Sousa que este soneto foi escripto nos ultimos dias do Poeta; porém eu julgo que foi na India, e antes da morte da amante, porque aliás não exporia a idéa de arrependimento por ter chorado a morte da sua amada, o que é inteiramente contrario com as sentidas poesias que a esse assumpto escreveu. O pensamento ali expressado se póde tomar como um despeito amoroso, que o seu coração sentia na tumultuosa fluctuação de sentimentos que o agitava. Veja-se o soneto CLXXVII. Parece que o Poeta imitou o soneto CXLIV e CXLV de Petrarcha e outro de Pedro Bembo.
Sobre chorar por haver cantado, vejam-se os logares apontados por Faria e Sousa.

SONETO IV

Depois de ter experimentado das mãos do amor e da fortuna toda a qualidade de tormentos, se contenta com declarar em verso os seus desvarios, e apresentar-se como exemplo. Este soneto foi escripto pela mesma occasião da canção X, e acaba do mesmo modo que o final da mesma canção. Foi composto na India depois dos seus trabalhos, naufragios, prisão, e provavelmente da morte da amante.

Na pena a que elle só me reduzio.

No tormento que o Ceo me permittio.
Um MS e a edição de 1598

Para mim consentio que se inventasse.

Para mim só mandou que s'inventasse.
Um MS. e a edição de 1598.

Na estancia LXXXI do canto VII dos *Lusiadas* se expressa do mesmo modo

Trabalhos nunca usados me inventárão
Com que em tão duro estado me deitárão;

e na canção X descreve estes, que foram os degredos, prisões, naufragio, ingratidões de amigos, pobreza e outros contratempos da sua vida amargurada.

Triste quem seu descanso tanto estreita.

Com este mesmo epiphonema acaba esta canção

Triste quem de tão pouco está contente.

SONETO V

A expressão que usa Camões no primeiro quarteto d'este soneto de *prisões baixas* fez julgar a Faria e Sousa que alludia aqui á morte da escrava, porém eu estou persuadido que se refere á morte da amante, e que estas *prisões baixas* são contrapostas como impedimentos terrestres que o privavam da bemaventurança celeste; o ultimo terceto o manifesta, bem como indica que este soneto, que podemos enumerar entre os de contricção do Poeta, foi feito ao saír de grave enfermidade.

Vi magoas, vi miserias, vi desterros.

Refere-se aos seus desterros que Faria e Sousa pretende terem sido quatro. O primeiro no Ribatejo, o segundo em Ceuta, o terceiro voluntario para a India, e o quarto da India para a China; porém, como já advertimos na biographia do Poeta, podemos eliminar este ultimo. D'estes desterros faz menção em differentes logares das suas poesias. Canção VI, estancia VII; elegia I, estancia III; elegia III, estancia II e IV; elegia XI, estancia XXXVII; redondilha I e XIX; redondilha XIV e VI.

Só por ver que cousa era viver ledo.

Ledo, expressão muito usada de Camões; Faria e Sousa nos commentarios faz menção das differentes poesias em que foi por elle usada.

Este soneto em um MS. que possuo vem juntamente com tres que começam:

O tempo está vingado á custa minha.

Coitado que em um tempo choro e rio.

Tristezas com passar tristes gemidos.

Reunidos os quartetos e tercetos como formando um só poema com este titulo: «Trovas que fez um preso dizendo o mal que fizera, e lamentando fortuna e tempo». Seria talvez escripto estando preso na India.

SONETO VI

Este soneto que Faria e Sousa diz ser escripto a um cavalleiro da familia dos Menezes, foi dirigido a D. Fernando de Menezes, filho do Vice-Rei D. Affonso de Noronha, quando foi com uma armada ao estreito do mar Roxo. Veja-se em Diogo

do Couto a narração da victoria que alcançou contra a armada dos turcos commandada por Alecheluby, e mais circumstanciadamente em uma carta do Vice-Rei seu pae para El-Rei D. João III, em que relata este acontecimento. Esta carta existe no Archivo Nacional da Torre do Tombo.

Aos quaes o providente e largo Ceo.

Aos quaes o prudente e largo Ceo.
Um MS.

Aos quaes com larga mão o largo Ceo.
Edição de 1616.

Ide para onde o fado vos moveo.

Ide, por onde a sorte vos moveo.
Edição de 1616.

Dai nova causa á côr do Arabo Estreito.

Day nova causa á côr do Arabio Estreito.
Edição de 1616.

SONETO VII

Descreve a inconstancia com que na sua primeira mocidade illudia as damas e

Em varias flammas variamente ardia.

Não queria o céu que ardesse logo em uma só chamma para que conhecesse que o variar de causa o seu pensamento, não evitaria que experimentasse exclusivamente os tormentos amorosos da sua dama, e que este descansar era para com mais alento os tomar. Sobre esta inconstancia veja-se canção II, estancia VI; canção VII, estancia II; egloga II, estancia XXXVI.

SONETO VIII

Descripção da belleza da sua amada e effeitos d'ella vendo-a chorosa; como a mente lhe endoudece vendo que é verdade o que presenceia, e o pensamento que estes geram no seu coração. Sobre o gesto ou belleza da sua amada estar pintado, debuxado, retratado, etc. no seu coração, vejam-se os logares apontados por Faria e Sousa, assim como as vezes que usa da palavra doudice. *Vivas faiscas* usou tambem Petrarcha no soneto CCXXI:

Vive favilla uscian de duo bei lume.

SONETO IX

Descreve os differentes affectos e sentimentos oppostos que experimenta; se alguem lhe perguntar por que é, responde só que não sabe, mas suspeita que é só porque viu a sua senhora. Imitou o soneto CV de Petrarcha:

Ardo nel ghiaccio, e aghiaccio in meso el foco.

No primeiro verso parece que teve em vista a Jacome Marmita em um soneto:

E tal hor vivo del mio stato incerto.

Este poeta italiano esteve em Lisboa no tempo de Camões.

Sobre tremer de frio em vivo ardor, vejam-se os logares apontados por Manuel de Faria e Sousa, em os quaes differentes auctores usam do mesmo modo de exprimir.

Chorar e *rir*, vejam-se os logares apontados pelo mesmo Commentador em que o Poeta usa d'esta expressão:

O mundo todo abarco e nada aperto.

O mundo todo abraço e nada aperto.

Um MS.

E nulla stringo e tutto 'lmondo abbracio.

Petrarcha.

Sair da alma fogo e lagrimas dos olhos, os logares apontados por Faria e Sousa.

Agora espero, agora desconfio.

Caygo y levanto; espero e desconfio.

Boscan.

Morrer vivendo, os logares apontados pelo mesmo Faria e Sousa. Pretende este provar no commentario que faz a este soneto, que os amores de Camões eram puramente platonicos.

He tudo quanto sinto hum desconcerto.

He tudo quanto sinto desconcerto.

MS. de Luiz Franco.

SONETO X

Com o imaginar na sua amante transforma-se o amador na cousa amada, e ella está no seu pensamento como idéa; assim o corpo não póde desejar alcançar mais, e o puro amor que o inflamma como materia simples busca a fórma. Parece que este soneto foi feito vendo-se o Poeta assaltado de algum desejo lascivo, que intentou apagar com estas considerações. Para explicar esta philosophia do amor, traz Faria e Sousa um trecho das sentenças do Dr. Villa-lobos, e a resposta a Fr. Christovão da Fonseca no cap. VII do Amor.

Transforma-se o amador na cousa amada.

L'amante nel amato si transforma.

Petrarcha, Triumpho d'Amor.

O amante se transforma no amado.

Assim traduziu Camões este verso na traducção (inedita) dos *Triumphos*.

Pois com elle tal alma está liada.

Pois comsigo tal alma está liada.

Edições de 1595 e 1598.

Pois comigo tal alma está liada.

MS. de Luiz Franco.

Que como o accidente em seu sugeito.

Que como hum accidente em seu sugeito.
Edição de 1598 e MS. de Luiz Franco.

Na edição de 1595 como está impresso na presente edição:

Está no pensamento como idéa;
E o vivo e puro amor de que sou feito.

Está no pensamento como idéa
O vivo e puro amor de que sou feito.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

SONETO XI

Encarece o Poeta a resignação e contentamento com que soffre os tormentos que lhe dá o amor, o qual lhe vae temperando a triaga com o veneno, e vendo-o tão contente se faz avaro da pena, porque entende que quanto mais lhe paga mais lhe deve.

De sentimento grande nem pequeno.

Un sentimiento grande ni pequeno.
Garcilasso, canção I.

Temprando a triaga com o veneno.

Assim começa Boscan uma canção:

Gran tiempo Amor me tuvo de su mano
El bien con el dolor en mi templando.

Que quanto mais me paga mais me deve.

Do mesmo modo acaba Camões o verso ultimo do soneto XVI:

Que quanto mais vos pago mais vos devo.

SONETO XII

A morte de D. Antonio de Noronha, filho de D. Francisco de Noronha, conde de Linhares, e sobrinho de D. Pedro de Menezes, capitão de Ceuta. Morreu em companhia de seu tio ás mãos dos mouros em uma cilada que estes lhe armaram nos campos de Ceuta. Camões refere-se a este soneto na primeira carta escripta da India, e á egloga I escripta á mesma morte; quando tratarmos d'esta poesia fallaremos mais largamente d'este joven e infeliz fidalgo.

Em flôr vos arrancou, de então crecida.

Á mesma morte na egloga I:

Que como flor que a terra
Lhe nega o mantimento.

A expressão *arrancou* é muito bem apropriada para expressar a violencia da morte de um mancebo na flor da idade, quando esta é acompanhada do vigor da esperança, e com ella vegetam os gosos da vida; em circumstancia analoga disse

o nosso inimitavel Fr. Luiz de Sousa, *estalou como vidro,* imagem não menos bella e expressiva.

Huma só rasão tenho conhecida.

Un sol conforto de la morte havemo.

Petrarcha, soneto VIII.

Se meus humildes versos podem tanto.

E se meus rudos versos podem tanto.

Soneto XXIII.

Se morrestes nas mãos do fero Marte.

Dá o Poeta mui frequentes vezes o epitheto de *fero;* podem ver-se os logares apontados no commentario d'este soneto por Faria e Sousa.

Na memoria das gentes vivereis:

Viviò nelle memorie de'mortali.

B. Tasso, soneto I.

No commentario a este soneto refere Faria e Sousa os nomes das pessoas a quem Camões dirige poesias suas; não damos aqui este catalogo, porque nos logares competentes tencionâmos dar noticias d'ellas.

SONETO XIII

Venus e Diana entrando em um jardim onde se viam lyrios, rosas e violas escolheram a primeira um lyrio, a segunda uma rosa, e perguntando a Amor qual das flores que ali estavam escolheria, lhe responde que preferia *Viola antes* que lyrio nem que rosa.

Foi este soneto escripto a uma senhora chamada Violante, e consiste o artificio do mesmo em que as duas dicções juntas formam o nome da dama. Aponta Faria e Sousa varios poetas que usaram d'este artificio: o Ariosto, Petrarcha, Bartholomeu de Torres Naharro, e Diogo Ramires Pagan, poeta laureado em Alcalá, natural de Murcia, que pela primeira vez dá agora a conhecer aos seus naturaes, o qual nos seus *Tropheus de Amor,* referindo-se a D. Violante de Villa-nueva, diz:

Mas viola antes el sol, y se tornava
Triste de ver que en que la nombro agora,
Mayor fuerza de Amor, y lumbre mora.

Nas *Flores do Lima* de Bernardes vem um soneto (LXXXVIII) que Faria e Sousa julga ser este, feito por Camões nos seus primeiros annos e depois melhorado. O soneto é ao mesmo assumpto, com a differença que as deusas são Diana, Pallas e Venus, sendo esta ultima a que decide qual das flores é a mais bella.

Que esmaltavão por cima varias flores.

A que esmaltão por cima varias flores.

Edição de 1595.

SONETO XIV

No mais intenso ardor da calma, Liso abalando os montes com suas magoas por ver que sua dama o desprezava por outro, escreve em uma faia um letreiro que publique a inconstancia do peito feminil.

Este soneto parece feito á sua D. Catharina de Athaide, porque o LXX é feito á dita, á mesma hora e com a mesma queixa. Em um MS., em vez de Soliso, encontrou Faria e Sousa o nome de Ilario, e n'outro este titulo: *de Ilario e Camila*. Pretende o mesmo commentador que em um soldado do mesmo nome que morreu na batalha de Aljubarrota se tinha Camões representado nas estancias desprezadas dos *Lusiadas*, como depois no de Leonardo imitando a Homero que se representou na pessoa do musico Demodoco que cantou no convite de Alcinoo a Ulysses (Liv. VIII da *Odyssea)*, e a Virgilio representado na de Yopas na ceia de Dido (canto II da *Eneida)*. Sobre o ter sido trocado por outro pela sua dama, veja-se o soneto IV, LXX e CV; egloga IV, estancia X e XXIV; redondilha III.

Só Liso o ardor della não sentia.

Hilario o ardor della não sentia.
MS. de Luiz Franco.

Que o repouso do fogo em que elle ardia.

Que o repouso do fogo em que ardia.
Edição de 1595.

O triste som das magoas que dizia.

O doce som das magoas que dizia.
MS. de Luiz Franco.

Que na vontade de outro posto estava.

Que na vontade d'outrem posto estava.
Edição de 1595.

Cansado ja de andar por a espessura.

Cansado ja de andar pela espessura.
Edição de 1595.

SONETO XV

Busque amor novos modos de lhe tirar a vida, mas saiba que não póde tirar-lhe as esperanças, porque já não as tem; mas com quanto não possa haver desgosto onde falta a esperança, comtudo amor lá lhe esconde um mal invisivel que nasce não sabe onde, vem não sabe como, e dóe não sabe por que.

Contra esta falta de esperança aponta Faria e Sousa logares oppostos nas Rimas e são os seguintes: Sonetos XXV, XLVIII, XLIX, L, LI, LXXI, LXXV, LXXXIX, XCVIII, CXX e CXXXIV; canção VIII, estancia II; canção IX, estancia V; canção X, estancia IX: ode I, estancia XII; elegia IX, estancia I; oitava I, estancia XXVIII; egloga II, estancia XXIV; egloga VII, estancia LVI; egloga IX, estancia II; voltas II. No mesmo logar aponta outros em que chama falsa, incerta, vã e temeraria á sua esperança. Indica mais o commentador varios logares em que não só Camões, mas outros poetas usaram da expressão *um não sei que*.

Pois mal me tirará o que eu não tenho.

Que mal me tirarão o que eu não tenho.
MS. de Luiz Franco, e edição de 1595.

Olhai de que esperanças me mantenho.

Olhai de que asperezas me mantenho.
MS. de Luiz Franco.

Pois não temo contrastes nem mudanças.

Que não temo contrastes nem mudanças.
MS. de Luiz Franco, e edição de 1595.

Que não tema contrastes nem mudanças.
Um MS.

Andando em bravo mar perdido o lenho.

Andando em bravo mar perdido lenho.
MS. de Luiz Franco.

Quazi senza governo & senza antenne
Legno in mar pien di pensier gravi, e schivi.
Petrarcha, Soneto CXLV.

Este verso aclara o sentido do soneto, parecendo colher-se d'elle que havia abandono da amante. Veja-se o antecedente.

Hum não sei que, que nasce não sei onde.

Hum não sei que nasce não sei donde.
MS. de Luiz Franco, e outro.

SONETO XVI

Se não perder a vista só com ver os olhos da sua dama, não paga o que deve a tanta formosura, mas para mais os merecer dá-lhe a vida, alma e esperança; mas é só d'elle o interesse, pois quanto mais lhe paga mais lhe deve.

Se não perder a vista só com vellos.

Se não perder a vista só por vellos.
MS. de Luiz Franco.

Se não perder a vista só em vellos
Edição de 1595.

Este me parecia preço honesto.

Isto me parecia preço honesto.
MS. de Luiz Franco.

Donde ja me não fica mais de resto.

E ja me não ficava mais de resto.
MS. de Luiz Franco.

Assi que alma, que vida, que esperança.

Assim que a vida, e alma e a esperança.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Vês aqui alma e vida e esperança.
Soneto L.

E que quanto fôr meu, he tudo vosso.

E tudo quanto tenho tudo he vosso.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Mas de tudo o interesse eu só o levo.

E o proveito disso eu só o levo.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Que quanto mais vos pago mais vos devo.

Que quanto mais me paga mais me deve.
Soneto II

Este soneto é parecido com um de Garcilasso que termina:

Por vos naci, por vos tengo la vida.
Por vos hede morrir, y por vos muero.

SONETO XVII

O Poeta enlevado na doce vista da sua amante julga ver na terra o paraizo. perde o sizo e não póde louvar sua belleza, porque não póde perfeitamente conhece-la; só diz que não admira que quem a fizesse, fizesse céu e estrellas.

Quando da bella vista e doce riso.

Cita Faria e Sousa varios auctores que usaram da mesma expressão.

Que me faz vér na terra hum paraizo.
Tanto do bem humano estou deviso.

Tanto da vida humana estou deviso
MS. de Luiz Franco.

Cita igualmente outros que usaram d'este modo de expressar, principalmente ao Petrarcha e ao Ariosto.

Gli ochi, etc.
Che m'avean si da mé stesso deviso
Che solean far in terra un paradizo.
Petrarcha, Soneto CCLII.

N'outro logar:

Per cui solo del mondo io son deviso.

Assi que em termo tal segundo sento.

Assi que em caso tal segundo sento.
Edição de 1595 e um MS.

Certo que em passo tal segundo sento.
MS. de Luiz Franco.

Pouco vem a fazer quem perde o siso.

Assás de pouco faz quem perde o siso.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franço e outro

Em lourar-vos Senhora não me fundo.

Em vos louvar Senhora não me fundo.
Edição de 1595.

Porque quem vossas graças claro sente.

Porque quem vossas cousas claro sente.
Edição de 1595 e um MS.

Sentirá que não pode conhecellos.

Sentirá que não pode merecellos.
MS. de Luiz Franco.

Pois de tanta estranheza sois ao mundo.

Que de tanta estranheza sois ao mundo.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Este soneto vem repetido no MS. de Luiz Franco; um segue a lição da primeira edição de 1595, e o outro é inteiramente differente nos tercetos:

Quiz a natureza da gente ser louvada,
E poz em vós tudo que nella mora,
Para serdes exemplo entre as bellas.

Em vós nos he sua industria declarada,
Em vós se vê, que quem vos vê, Senhora,
Pouco he vêr o sol e as estrellas.
MS. de Luiz Franco.

SONETO XVIII

Queixa-se que lhe venham á memoria as lembranças dos seus amores e do esquecimento em que o tem a sua amante:

Deixai-me descançar em paz hum'hora.

Deixai-me repousar em paz hum'hora.
MS. de Luiz Franco.

Que comigo ganhais pouca victoria.

Pois comigo ganhais pouca victoria.
Um MS.

Parece-me preferivel para evitar o cacophaton de: *Que comigo.*

Impressa tenho na alma larga historia.

Impressa tenho n'alma larga historia.
Edição de 1595.

Empressa n'alma tenho larga historia.
MS. de Luiz Franco.

Yo trago aqui la historia de mis males.
Boscan, Soneto II.

Em mim não pode haver mais que a memoria.

Não pode haver de mim mais que a memoria.

De historia com os epithetos de *larga, longa, breve, doce, triste* e outras usa nos sonetos XXIII, LXVII, LXXIV, LXXXII, LXXXVI, XLVI e CCCI; canção IV, estan-

cia VI; canção V, estancia II; canção VI, estancia II; canção VII, estancia VI; canção X, estancia XII; elegia I, estancia I; elegia IV, estancia I; elegia VI, estancia VII; elegia X, estancia VI; oitava I, estancia XII; oitava III, estancia IV; oitava V, estancia VII; oitava VI, estancia XLVI; egloga I, estancia XIII; egloga III, estancia VI e X; egloga V, estancia XXXVIII; egloga VII, estancia XXVII, XLV e LV; egloga IX, estancia VI; egloga XI, estancia XVIII; egloga XV, estancia XXIII; redondilhas II, estancia I.

Vivo em lembranças, morro de esquecido.

Vivo de lembranças, mouro d'esquecido.
Edição de 1595.

Vivo em memorias, mouro d'esquecido.
MS. de Luiz Franco.

Soubera-me lograr do bem passado.

Soubera-me eu lograr do bem passado.
MS. de Luiz Franco.

Podera-se lograr do bem passado.

Se conhecer soubera o mal presente.

Se entender soubera o mal presente.
Um MS.

SONETO XIX

Uma das mais lindas ou talvez a mais linda poesia de Camões feita á morte de D. Catharina de Athaide.

Alma minha gentil que te partiste.

Cita Faria e Sousa alguns poetas estrangeiros que usaram d'este modo de dizer *alma gentil*. É aqui occasião de notar quanto Camões sabe melhorar, quando se aproveita do alheio; os outros disseram *alma gentil, candida, pura,* etc., o pronome acrescentado porém aqui por Camões dá uma expressão de affectuosa ternura á phrase que é inimitavel; podemos dizer que o proprio soneto chora.

D. Juliana de Lara, Condessa de Odemira, notando a repetição de algumas palavras que usaram muito frequentes vezes alguns poetas, dizia que o Camões era todo *gentil*. As vezes que usa d'este vocabulo são estas: sonetos XXXIX, XLV, LXV, CVII, CXL, CXLIII, CLXX, CLXXII e CCXXIX; canção I, estancia I; canção VII, estancia IV; canção XIV, estancia III; ode V, estancia III; ode VII, estancia III e VIII; ode X, estancia V; sextina I, estancia III; elegia IV, estancia V; elegia X, estancia IV; oitava V, estancia IV; egloga I, estancias XXV, XXVII, XXVIII, XXXIII, XLIII e XLV; egloga II, estancia XLVI; egloga III, estancia XVII; egloga VI, estancia IV; egloga VII, estancia XX; egloga X, estancia VIII; egloga XIV e XV, estancia XXIX.

Tão cedo desta vida descontente.

Tão cedo deste corpo descontente.
MS. de Luiz Franco.

Seguindo-se a lição do MS., foi o soneto recitado ou composto visitando a sepultura da amante, pois se dirige ao corpo:

Repousa la no Ceo eternamente.

Repousa tu no Ceo eternamente.
MS. de Luiz Franco.

Memoria desta vida se consente.

Memoria deste mundo se consente.

MS. de Luiz Franco.

Roga a Deos que teus annos encurtou.

Pede a Deos que teus annos encurtou.

MS. de Luiz Franco.

Aponta Faria e Sousa varios poetas que usaram do mesmo modo de se exprimir em circumstancias identicas, e entre estes a Petrarcha, fallando da sua Laura, já defunta, no soneto CCCV:

Ch'ella qui vede tutti y miei pensieri
M'impetri gratia ch'io possa esser seco.

SONETO XX

Sibella em um bosque habitado das Nymphas, subida em uma arvore colhia flores amarellas, e furta as armas de Cupido que ali costumava vir dormir a sesta, e foge com ellas. Aconselha aos pastores que fujam, que traz as settas nos olhos e todos mata menos a elle Poeta, que de mata-lo vive.

Sibella, Nympha linda, andava hum dia.

Silvia ninfa linda andava hum dia.

Edição de 1595.

Sibella linda ninfa andava hum dia.

MS. de Luiz Franco.

E subida em huma arvore sombria.

Subida n'huma arvore sombria.

Edição de 1595.

Em hum ramo arco e settas que trazia.

N'hum ramo o arco e setas que trazia.

Edição de 1595.

SONETO XXI

Foi escripto ao Duque de Bragança D. Theodosio, filho do Duque D. Jaime; a este mesmo Duque escreveu o soneto CCXXVII.

Foi esta poesia talvez das primeiras cousas que escreveu, como advertimos na sua biographia.

SONETO XXII

A uma despedida. Encarece á amante a pena que experimenta; affirma-lhe que aindaque o mate o seu tormento, passará segura a lembrança d'elle pelas aguas do Lethes, certificando a gloria que sente em soffrer tal pena. A este assumpto vejam-se os sonetos XXIV, LIII, LIV, CVIII, CXI, CXVI, CXXV, CXXVIII, CXXXIII, CXXXV, CXXXIX, CXL, CXLIII, CXLVI, CLVIII, CLXVIII, CCXXI e CCXXVI; canções IV, VI, VIII, IX e X; ode VI; elegias I, II e III; egloga XIV; glosas IX e X; voltas X, XXV, XXIX, XXX, XXXVIII, LVII, LXXIX e LXXXI.

Falla o Poeta do rio Lethes no mesmo sentido d'este soneto, ode VII, estancia V; elegia I, estancia IV; elegia III, estancia V; egloga I, estancia XLVII.

Veja-se em Faria e Sousa no commentario a este soneto os logares apontados em que Camões affirma que eram gloriosos os tormentos padecidos pela sua amante.

Por as aguas do eterno esquecimento.

Pollas aguas do eterno esquecimento.

Edição de 1595.

Que com cousa outra alguma se contentam.

Que com qualquer cousa outra se contentam.

Edição de 1595 e um MS.

Supponho que este soneto foi escripto quando partiu para Africa.

SONETO XXIII

Á morte de uma senhora com quem contrahiu relações amorosas durante os ultimos tempos que residiu na India, a qual celebra nos seus versos debaixo do anagramma de Dinamene, e morreu afogada, como se manifesta do terceiro verso do primeiro quarteto:

Faltou-te a ti na terra sepultura.

Veja-se o soneto LIII.

SONETO XXIV

Bello soneto: a uma despedida que eu julgo ser indo para Africa, porque o ultimo verso

E dar descanço ás almas condemnadas,

tem analogia no pensamento com a estancia XI da elegiá II escripta em Ceuta:

Em Salmonéo as penas faltárão.

Sahia, dando á terra claridade.

Sahia dando ao mundo claridade.

Edição de 1595.

Juntando-se, formárão largo rio.

S'acrescentarão em grande e largo rio.

Edição de 1595.

Se acrescentárão em longo e largo rio.

Um MS.

Veja-se no commentario de Faria e Sousa a este soneto os logares que aponta em que Camões falla em saudades.

SONETO XXV

Tendo perdido de todo a esperança e querendo sepultar no esquecimento as memorias do tempo que foi feliz, o amor para o atormentar lhe representa a lembrança do bem já passado.

Este soneto se vê que foi escripto reputando-se abandonado pela amante; foi feito talvez na Africa ou já na India.

É o soneto CXLII das *Rimas* de Diogo Bernardes, mas com alguma differença; tem os mesmos consoantes, mas nem sempre as mesmas palavras. Foi impresso este soneto na edição de 1595 das *Rimas* de Camões, um anno anteriormente á primeira edição das poesias de Bernardes; é notavel como imprimindo-se estas em sua vida não fez reclamação alguma.

Parece que o Camões teve em vista estes versos de Bernardim Ribeiro, egloga I.

Se dize que he vaidade
Ter lembrança do perdido,
Quem viste tu esquecido
Daquillo que dá saudade.

De cousas de que apenas hum sinal
Havia, porque as dei ao esquecimento,
Me vejo com memorias perseguido.

De cousas de que não havia sinal
Por as ter postas ja em esquecimento,
Destas me vejo agora perseguido.

Edição de 1595 e dois MSS.

Ter lembranças do bem que he ja passado.

Ter lembrança do bem que he ja perdido.

Edição de 1595 e MS.

Está errado, devendo ler-se como vem na edição de 1595 e nos MSS.; porque de outro modo vem a ficar a rima errada.

SONETO XXVI

Lethea, orgulhosa da sua formosura, deu em desprezar as deusas que a converteram em pedra: Oleno seu amante, querendo tambem tomar o castigo pela amante, foi do mesmo modo convertido em pedra juntamente com ella.

Esta fabula relata Ovidio n'estes tres versos de passagem no liv. x, v. 70:

Olenus esse nocens; tuque, o confisa figuræ,
Infælix Lethæa, tuæ; junctissima quondam
Corporea, nunc lapides, quos humida sustinet Ide.

Duro castigo em tanta formosura.

Castigo duro, tanta formosura.

Edição de 1595 e um MS.

Quiz a pena tomar da culpa alhea.

Quiz padecer em si a culpa alhea.

Edição de 1595 e um MS.

Sobre o amante pagar as culpas da amante, vejam-se os sonetos XLV, XCIV e CLXXXIV; canção II, estancia I; elegia III, estancia XIX; egloga VII, estancia XXX; redondilha III, estancias I, VIII e IX; volta XXVI, estancia II.

Este soneto provavelmente tem alguma referencia, mas eu não a entendo. O Poeta na egloga VII, estancia XXX toca novamente este caso.

SONETO XXVII

Se os seus males se conspiram, porque intentam derrubar o seu pensamento, não o conseguem, porque é mais poderosa a causa que o sustenta; termina pedindo-lhe que acabem com tão duro soffrimento, porque assim ambos ficarão bem, elles como vencedores e elle como vencido.

Baste-vos quanto ja me atormentaste.

Dexad en paz o duros pensamientos.
Baste os al dano e la verguença hecha.

Boscan.

Derribar o meu alto pensamento.

Derrubar meu tão alto pensamento.

Edição de 1595 e um MS.

Dai já fim a tormento tão comprido.

Dai ja fim a hum tormento tão comprido.

Edição de 1595.

Assi de ambos contente será a sorte:

Porque de ambos contente seja a sorte.

Um MS.

Em mim porque acabei de vós vencido.

E eu porque acabei de vós vencido.

Um MS.

Este soneto foi feito quando o Poeta experimentava contratempos nos amores; pela expressão de *tormento tão comprido* talvez se possa conjecturar que foi escripto na India, e já no ultimo tempo da sua residencia n'aquella possessão.

SONETO XXVIII

Faz um primoroso retrato da belleza da sua dama extrahido das flores da primavera, e termina dizendo que se elle que a ama não colhe o fructo, que importa que o amor semeie n'ella amores se a sua condição produz abrolhos.

Aponta Faria e Sousa os logares em que o Poeta descreve na generalidade a belleza da sua amante, e tambem na especialidade as differentes partes d'esta: faces, bôca, testa, cabellos, sobrancelhas, pestanas, nariz, dentes, barba, orelhas, collo, hombros, peito, peitos, mãos, pés, estatura, andar, etc. Vejam-se os logares citados por Faria e Sousa.

Em vossa vista deleitosa e honesta.

Na vossa vista deleitosa e honesta.

MS. de Luiz Franco

Nas bellas faces e na boca e testa
Cecens, rosas, e cravos, debuxando.

Nas lindas faces, olhos, boca e testa
Boninas, lirios, rosas debuxando.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outros

Que o monte, o campo, o rio e a floresta.

Que o monte, o campo, rio e que a floresta.

Um MS.

Se estão de vós Senhora namorando.

Se estão de vosso gesto namorando.

MS. de Luiz Franco.

Possa colher o fructo dessas flôres.

Possa colher a fruta dessas flôres.

MS. de Luiz Franco.

Perderão toda a graça os vossos olhos.

Perderão toda a graça vossos olhos.

Edição de 1595.

Que semeasse o Amor em vós amores.

Que semeasse Amor em vós amores.

Edição de 1595.

SONETO XXIX

Soneto escripto aos amores de Jacob e Rachel; foi um dos que teve mais voga em Hespanha, postoque Faria e Sousa o julga um dos medianos. O Principe de Esquilache D. Francisco de Borja, no seu poema de Jacob e Rachel, introduziu alguns versos d'este poemeto. Aleixo Collotes de Jantillet fez duas traducções litteraes d'elle, na lingua latina, que vem nas suas *Horæ subscessivæ*, impressas em Lisboa no anno de 1679 na officina de João da Costa, livro pouco conhecido e que o devêra ser mais, pois comprehende uma collecção de cartas e poesias latinas dirigidas aos homens mais notaveis da nossa terra no fim do seculo XVII; entre estas se encontra uma carta ao celebre e distincto Theatino o padre D. Rafael Bluteau, na qual descreve a quinta de Bemfica do sr. Marquez da Fronteira. A fl. 374 debaixo do titulo: «Interpretatio Tetradecastichi, quod in operibus Ludovici Camonii Poetæ Lusitani undetrigessimum est, versus pro versu reditus», vem estas duas já citadas traducções por Thomás de Aquino, por esta fórma:

Deserviebat annos per septem Jacob
   Pastor, Labano bellæ Rachelis patri;
   Non patri serviebat tamen, at filiæ,
   Solam petebat quam laboris præmium.

In spem diei agebat unius dies,
   Dulci contentus aspectu illius frui
   Sed usus arte fallaci vafer parens,
   Ipsi Rachelis in locum dabat Liam.

Aspiciens tristis Pastor, cum dolo suam
   Sibi puellam denegatam, non secus
   Ac si nequaquam promeritus illam foret:

Alios per annos septem servire occipit,
   Dicens, diutius ipse servirem, nisi
   Esset, tam longum ad amorem, vita tam brevis.

ALITER

Septem annos Pastor curabat ovile Labani
Cujus erat Rachel filia pulchra, Jacob.
Non famulabatur patri tamen ille, sed illi,
Quam sibi poscebat prœmia sola dari.

Cernere dilectam contentus, speque diei
Ducebat placidos unius ipse dies.
At pro formosa genitor Rachele, sororem
Subdebat tacitâ callidus arte Liam.

Mœstus ut advertit pastor, sibi fraude negata
Tanquam non merito, virginis ora suæ.
Deservire iterum septenis incipit annis,

Taliaque ex imo pectore verba refert:
Servirem longo mage tempore tam breve vitæ
Si non pro tanto tempus amore foret.

Que a ella só por premio pretendia.

E a ella só por premio pretendia.

Edição de 1595.

Em logar de Raquel lhe deo a Lia.

Em lugar de Rachel lhe dava Lia.

Edição de 1595 e um MS.

Começou a servir outros sete annos.

Começa de servir outros set'annos.

Edição de 1595 e um MS.

Para tão longo amor tão curta a vida.

Para tão grande amor tão curta a vida.

Um MS.

SONETO XXX

À maneira do passarinho que está alegre cantando e saltando no rustico raminho, e é derrubado traiçoeiramente pelo caçador que o espreita; do mesmo modo elle quando andava mais livre foi ferido do deus frecheiro.

Está o lascivo e doce passarinho.

Lascivo, que salta, que brinca, travesso; n'esta accepção é tomado no canto III. estancia CXXXIV dos *Lusiadas:*

Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na Capella.

Despedindo no rustico raminho.

Espedindo no rustico raminho.

Edição de 1595.

Com prompta vista a setta endireitando.

Na pronta vista a setta endireitando.
Edição de 1595.

Na propria vista a setta endireitando.
Um MS.

Lhe dá no Estygio Lago eterno ninho.

Em morte lhe converte o charo ninho.
Um MS.

Desta arte o coração, que livre andára.

Dest'arte o coração, que livre andava.
Edição de 1595.

SONETO XXXI

Manifesta á sua amante o desejo de a lograr, desculpando-se ao mesmo tempo de pedir esta baixeza, pela parte terrestre e humana que tomou d'elle o pensamento. D'esta baixeza a que se inclinou o pensamento se desculpa com galanteria na canção I, estancia III, escripta ao mesmo assumpto a que é tambem escripto o soneto X.

Faria e Sousa aponta um logar da canção de Boscan que começa: *Gran tiempo ha*, etc., em que parece que o poeta castelhano lutava com o mesmo desejo, e n'este sentido transcreve tambem um quarteto do soneto XII de Garcilasso:

He este amor tão fino e tão delgado.

He este amor tão alto e tão delgado.
MS. de Luiz Franco.

Não ha cousa, a qual natural seja.

Mas ha hi cousa, a qual natural seja.
MS. de Luiz Franco.

Não ha hi cousa, a que natural seja.
Um MS.

Que não queira perpetuo o seu estado.

Que não queira perpetuo seu estado.
Edição de 1595.

Só porque nunca falte onde sobeja.

Porque não falte nunca onde sobeja.
Edição de 1595.

Assi meu pensamento por a parte.

Assim o pensamento pola parte.
Edição de 1595.

Foi, Senhora, pedir esta baixeza.

Vai pedir tão heretica baixeza.
MS de Luiz Franco.

SONETO XXXII

Fallando com a sua amante lhe diz, que se o despreza pelo seu pouco merecimento, que ainda está por vir ao mundo quem dignamente a mereça, e que terá de se amar a si mesma; mas entre todos os amadores ninguem é mais capaz de soffrer tantos desfavores:

Porque quereis, Senhora, que offereça
A vida a tanto mal como padeço?

Para que quereis, Senhora, que padeça
Tanta pena sem cabo nem começo?

MS. de Luiz Franco.

Entendei que por muito que vos peça.

Sabei que emfim por muito que vos peça.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Poderei merecer quanto vos peço.

Que posso merecer quanto vos peço.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Pois não consente Amor que em baixo preço.

Que não consente Amor que em baixo preço.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

E se o valor de vossos amadores.

E se o valor de vossos servidores.

Edição de 1595.

Que se o valor de vossos servidores.

MS. de Luiz Franco.

Este soneto parece escripto no decurso dos amores e antes da partida para a India.

SONETO XXXIII

Pede á sua amante que exercite n'elle toda a qualidade de crueza, protestando-lhe não se defender dos seus rigores, e soffre-los com firmeza.

Este soneto é do mesmo assumpto do antecedente; veja-se tambem o XXVII.

Que móres soffrimentos e firmezas.

Que a móres soffrimentos e firmezas.

MS. de Luiz Franco.

Sustentarei na guerra desta vida.

Sustentarão a guerra desta vida.

MS. de Luiz Franco.

He preciso que tudo se lhe renda.

Forçado he que tudo se lhe renda.

Edição de 1595, e MS. de Luiz Franco.

Forçado parece-me versão mais poetica e expressão mais usada de Camões e por isso preferivel.

Com metter-me nas lanças me defenda.

Com me entregar á morte me defenda.

MS. de Luiz Franco.

Com me metter nas lanças me defenda.

Um MS.

SONETO XXXIV

O Poeta passeando ao longo de uma praia, imagina estar vendo os logares onde viu a sua amada de differentes modos, e exprimindo differentes affectos.

Camões teve talvez em vista a Boscan na canção:

Claros y frescos rios.

Vieneme a la memoria donde la vi primero
Y aquel lugar do comencé de amalla
. . . .
Pienso estalla mirando, despues en mi tornado
Pezame que dure poco el engano.

Monte Mayor, *Diana*, lib. I, canção IV.

Ojos que ya no veys.

Aqui me declaro su pensamiento.

Debaxo daquella haya verde estaba.

É mais clara porém a imitação do soneto XC de Petrarcha ao mesmo argumento:

Qui canto dolcemente, e qui s'assise;
Qui se revolse, e qui rattenne il passo;
Qui co legli occhi metrafisse il core,
Qui disse una parola, e qui sorrise;
Qui cargio 'l viso. In questo pensier, lasso,
Notte e di tiemmi il signior nostro Amore.

Julgo que este soneto foi escripto em Ceuta quando militou n'esta praça.

A luz quieta e duvidosa.

Por este verso se vê ser escripto no crepusculo da tarde. Nos *Lusiadas*, canto VIII, estancia XLIV, usa da mesma expressão para descrever esta epocha do dia:

Mas ja a luz se mostrava duvidosa.

Ao longo de uma praia deleitosa.

Ao longo de uma praia saudosa.

MS. de Luiz Franco.

Este mesmo verso repete na elegia II, estancia III, escripta no mesmo sitio e ao mesmo assumpto:

A longo de uma praia saudosa.

Praia deleitosa é expressão de Garcilasso, elegia II:

La deleytosa playa estás mirando.
Oyendo el son del mar, que en ella hiere.

Aqui fallando alegre, alli cuidosa.

Alli estando leda, e alli cuidosa.

MS. de Luiz Franco.

Commovida aqui hum pouco, alli segura.

Aqui movida hum pouco, alli segura.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

E, em fim, nestes cansados pensamentos.

Emfim, nestes cansados pensamentos.

Edição de 1595.

Passo esta vida vãa, que sempre dura.

Passo esta vida vãa, que tanto dura.

MS. de Luiz Franco.

SONETO XXXV

Faz a descripção ou retrato das virtudes pessoaes e ar senhoril da sua amante, e termina dizendo que esta foi a celeste formosura que póde transformar o seu pensamento. Veja-se a ode VI desde a estancia VI, e o soneto LXXVIII ao mesmo assumpto.

Hum repouso gravissimo e modesto.

Hum repouso gravissimo e honesto.

Um MS.

De uma descripção no mesmo sentido usou Boscan:

Tengo en alma puesto su gesto tan hermozo
Y aquel saber estar adonde quiera
El recoger honesto; el alegre reposo.

Da minha Circe, e o magico veneno.

Di questo magi transformato fui.

Petrarcha, soneto CLXXIX.

Circe chama o Poeta tambem á sua amante na ode IV, estancia II. Este soneto se vê bem que foi feito no progresso dos amores.

SONETO XXXVI

Apesar de armado da rasão, deixou-se vencer da celeste formosura da sua amante; porém ella não tira grande gloria de o vencer, antes elle a leva maior de ser vencido.

Adonde tinha as armas mais á mão.

A tempo que eu tinha as armas mais á mão.

MS. de Luiz Franco.

Bem salvar-me cuidei, mas foi em vão.

Cuidei de me salvar, mas foi em vão.

Edição de 1595.

Que contra o Ceo não val defensa humana.

Che contra il ciel no val difesa umana.

Petrarcha, Canção XII.

Em outro logar disse Camões:

Que contra o Ceo não val da gente manha.

Verso parecido com o de Ercilla na sua *Araucana:*

Mas como no aya maña contra el cielo.

Com tudo, se vos tinha promettido.

Mas, porém se vos tinha promettido.

Edição de 1595 e um MS.

Porém, se vos ja tinha promettido.

MS. de Luiz Franco.

Ser-vos ella bem pouca está entendido.

Ser-vos tudo bem pouco está sabido.

Edição de 1595 e um MS.

E ser-vos tudo pouco he conhecido.

MS. de Luiz Franco.

Pois, aindaque eu me achasse apercebido.

Que, posto que estivesse apercebido.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Eu a levo maior de ser vencido.

Maior a levo eu de ser vencido.

Edição de 1595 e um MS.

Maior a levo eu em ser vencido.

Um MS.

SONETO XXXVII

Este soneto não declara a quem é dirigido, porém o dizer que este varão não duvidou derramar o seu sangue por seguir a bandeira de um capitão de Christo, me faz suspeitar que foi feito a algum companheiro de Santo Ignacio de Loyola; talvez fosse escripto ao seu amigo D. Gonçalo da Silveira, morto pelos infieis na Africa.

Pregoando direi tão alta sorte.

Apregoando direi tão alta sorte.

Edição de 1595 e um MS.

Que sempre deu na vida claro indicio.

Que sempre deu sua vida claro indicio.

Edição de 1595 e um MS.

SONETO XXXVIII

Aos olhos da sua amante. Se querem conhecer o valor que tem, vejam como em um espelho, no seu coração, os effeitos amorosos que produzem; mas tal é o gosto que ella leva com a sua pena, que por não o ver se não quer ver a si mesma n'elle retratada.

E se ver-vos nesta alma, emfim, quizerdes.

E se dentro nest'alma, ver quizerdes.

Edição de 1595.

Tambem a vossa angelica e serena.

Veja-se em Faria e Sousa os logares em que o Camões usa d'esta voz *angelica*.

Mas eu cuido que, só por me não verdes.

Mas eu cuido que, só por não me verdes.

Edição de 1595.

Este soneto é feito no decurso dos amores, quando fluctuava entre a sorte prospera e a adversa.

SONETO XXXIX

A D. Guiomar de Blaesfet, dama da rainha D. Catharina, irmã da condessa de Redondo, ambas filhas de Francisco de Gusmão, mordomo mór da infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel e de D. Joanna de Blaesfet, de origem allemã. Presume Faria e Sousa que esta D. Joanna passaria a Portugal com a rainha D. Catharina, irmã de Carlos V, no anno de 1524, e assim se D. Francisco de Gusmão casou com ella em Portugal, o soneto poderia ser escripto pelos annos de 1540. Eu supponho porém que esta senhora era filha do conde de Redondo.

Por alcançar a luz que vence o dia.

Como a abraçar a luz que vence o dia.

Um MS.

Como de dous ardores se encendia.

E como de dous ardores se acendia.

Um MS.

Vos foi beijar na parte onde se via.

Vos foi beijar na parte em que se via.

Um MS.

Na vista a quem o sol temores deve.

Na vista de que o mundo tremer deve.

Edição de 1595 e varios MSS.

SONETO XL

Visitando um logar onde outr'ora foi feliz, vem-lhe á lembrança o bem que perdeu que chora saudoso. Este soneto pela descripção principalmente de montes, de desconcerto desigual, e outras circumstancias descriptivas, me parece querer ser o retrato de Cintra visitada por Camões depois do seu regresso da India, e da morte de D. Catharina de Athaide.

Claras e frescas águas de crystal.

Claras e frias águas de crystal.

Assim começa Petrarcha a canção XXVII:

Chiare fresche & dolc'aque.

Compostos de concerto desigual.

Compostas em concerto desigual.

Edição de 1595.

Não me alegrem verduras deleitosas.

Nem me alegrem verduras deleitosas.

MS. de Luiz Franco.

Nem águas que correndo alegres veem.

Nem as águas claras que das fontes vem.

MS. de Luiz Franco.

Regar-vos-hei com lagrimas saudosas.

Regando-vos com lagrimas saudosas.

MS. de Luiz Franco e outros.

SONETO XLI

Daliana que amava a Silvio, de quem não era amada, distrahida na contemplação do seu cuidado amoroso, deixava cair de quando em quando o fuso no chão. Esta distracção preoccupava a Silvio, que a amava sem ser amado, e o faz romper n'esta exclamação:

Como póde a desordem da natura
Fazer tão differentes na vontade
Aos que fez tão conformes na ventura?

Quantas vezes do fuso se esquecia.

. . . . .Pavet illa, metuque
Et colus et fusus digitis cecidere remissis.

Ovidio, Metam. IV.

Christovão Falcão no seu *Crisfal:*

Em huma roca fiando,
Porém cahia-lhe o fuso
Dos dedos de quando em quando.

Outras tantas de hum áspero receio.

Quantas vezes de hum áspero receio.

MS. de Luiz Franco.

Tantas vezes de hum áspero receio.

Edição de 1593 e um MS.

Ora como curára o mal alheo
Quem o seu mal tão mal curar podia?

Ó como curaria o damno alheo
Quem o seu mal tão mal sabia?

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outros.

Parece-me melhor lição.

Inclinavão, de mágoa, a piedade.

Commovião de mágoa e piedade.

Edição de 1593 e MS. de Luiz Franco.

Aos que fez tão conformes na ventura.

A quem fez tão conformes na ventura.

MS. de Luiz Franco e outro.

SONETO XLII

A huma fita ou trança que apertou os cabellos da sua amante dada por esta como gracejo, havendo-lhe pedido os seus cabellos. O Poeta extasia-se e julga endoudecer vendo-se possuidor d'esta prenda; toma-a em satisfação das suas dores, e dirá ao seu desejo se não for contente que pelo todo tambem se toma a parte. Escreveu sem duvida este soneto á imitação do de Garcilasso:

O dulces prendas, etc.

Que fóra co'os cabellos que apertaste.

Que farei com os cabellos que apertaste.

MS. de Luiz Franco.

Aquellas tranças de ouro que ligaste.

Descreve os cabellos de oiro da sua amante, sonetos LXXI, LXXXIV, CIV, CXXXI e CCVIII; canção III, estancia III; canção V, estancia II; canção VII, estancia II; canção XIV, estancia III; ode III, estancia XVI; ode VI, estancia V; ode XII, estancia III; elegia VII, estancia I; egloga II, estancias XXII e XXXIV; egloga IV, estancia VIII; egloga VII, estancias IV e IX; egloga IX, estancia II; egloga X, estancia XXII; egloga XII, estancia XX; egloga XIII, estancia XVI.

Ou para me matar as desataste.

Se para me atar as desataste.

Edição de 1595.

Se para atar de novo as desataste.

MS. de Luiz Franco.

Se para matar só as desataste.

Um MS.

Dir-lhe-hei que nesta regra dos amores
Por o todo tambem se toma a parte.

Dir-lh'ei que nesta regra dos amores
Pello todo tambem se toma a parte.

Edição de 1595.

SONETO XLIII

Compara-se ao cisne, o qual estando proximo a morrer canta com mais harmonia; assim vendo o fim que tinham os seus amores, posto já no extremo fio, canta os desfavores da amante, a sua falsa fé e o amor que lhe consagra:

O Cysne quando sente ser chegada.

Veja-se Sylvestre na sua *Residencia de Amor:*

Como el cisne ya sentiendo.

e Garcilasso, egloga xi.

Entonces quando el cisne siente.

Harmonia maior, com voz sentida.

Musica, com voz alta e mui sentida.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outros.

Levanta por a praia inhabitada.

Levanta pela praia inhabitada.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Deseja lograr vida prolongada.

Deseja ter a vida prolongada.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

E della está chorando a despedida.

Chorando do viver a despedida.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Com grande saudade da partida.

E com grande saudade da partida.

MS. de Luiz Franco.

Celebra o triste fim desta jornada.

Celebra o fim de tão triste jornada.

MS. de Luiz Franco.

Assi, Senhora, minha, quando eu via.

Assi, Senhora minha, quando via.

Edição de 1595 e um MS

Assi, eu, Senhora minha, quando via.

MS. de Luiz Franco.

Estando posto ja no extremo fio.

Estando postos ja no extremo fio.

MS. de Luiz Franco.

Com mais suave accento de harmonia.

Com mais suave canto e harmonia.

MS. de Luiz Franco.

Descantei por os vossos disfavores.

Descantei pelos vossos disfavores.

Edição de 1595.

Acaba este soneto com um verso de Boscan. Herrera em uma nota a Garcilasso critica o uso de introduzir versos em lingua estranha, o que pelo contrario defende Faria e Sousa, citando muitos exemplos de differentes auctores que usaram d'isto. Julgo que este soneto foi feito por occasião de saír de perigosa doença, originada talvez por causa d'estes amores.

SONETO XLIV

Em elogio de quatro damas que iguala no louvor. As perfeições de Pallas, Venus, Diana e Juno se acham reunidas em cada uma. Imagina Faria e Sousa que a estas mesmas damas escreveu ás redondilhas XIX, e diz que ali dirá o que lhe parecer rastejando ao menos os nomes de duas:

Por os raros extremos que mostrou.

Pelos extremos raros que mostrou.

Edição de 1595 e um MS.

Em sábia Pallas, Venus em formosa.

Em saber Pallas, Venus em formosa.

Edição de 1595 e um MS.

De sós quatro elementos fabricou.

De só quatro elementos fabricou.

Edição de 1595 e um MS.

Mas fez maior milagre a natureza.

Mas mor milagre fez a natureza.

Um MS.

SONETO XLV

Daliana desprezada por Silvio, por um pique amoroso casa-se, e com esta resolução torna-se desditosa, não podendo apagar a lembrança do antigo amor e o prejurio do amante. A esta mesma dama, por ver-se em poder de quem a não merecia, julga Faria e Sousa que escreveu as voltas IX. Veja-se tambem o soneto XLI em que figura a mesma Daliana.

Casar com Gil vaqueiro; e em si vingava.

Casar com hum vil vaqueiro; e em si vingava.

MS. de Luiz Franco.

Das rosas que o seu rosto debuxava.

As rosas que seu gesto debuxava.

MS. de Luiz Franco.

As rosas que seu rosto debuxava.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Gentil planta disposta em sécca terra.

Che gentil planta en arido terreno.

Petrarcha, Soneto XLIX

O descontentamento lhas mudava.

O descontentamento lhas seccava.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Tornárão verde prado em serra dura.

Tornárão verde prado em dura serra.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Assim se deve ler e emendar por causa da rima.

SONETO XLVI

Queixa-se dos males que o amor e a fortuna lhe têem feito experimentar, mantendo o amor com imagens impossiveis, e termina pedindo á sua amante que viva na sua alma onde a fortuna não têm poder. Este soneto parece ser feito pelo fim dos seus amores e talvez na India, porque falla na experiencia da vida passada e em tormentos originados pelo amor e pela fortuna.

Grão tempo ha ja que soube da ventura.

Grande tempo ha que eu soube da ventura.

MS. de Luiz Franco.

Vingai-vos desta vida que inda dura.

Vingai-vos desta vida qu'inda dura.

Edição de 1595.

Que não tem a fortuna poder nella.

Que não tenha fortuna poder nella.

MS de Luiz Franco.

SONETO XLVII

Se alguma hora a sua amante d'elle se apiedasse, mal consentiria amor esta partida: apartou-se d'ella, mas como a tem retratada na alma, julga que esta ausencia é mentira; mas inda mal que é verdade. Ir-se-ha, porém com suas lagrimas

dará vida a seu tormento, e cá o achará a sua lembrança sepultado no esquecimento da sua amante. Este soneto é dirigido a ella em uma ausencia; foi escripto depois da despedida, porquanto depois de haver dito *apartei-me de vós*, diz *ir-me-hei:* sem duvida nas ultimas horas da partida, ou talvez já no mar. Devia ser composto quando se ausentou para a India, porque n'elle falla no seu longo e afadigado tormento.

Se sómente hora alguma em vós piedade.

Se alguma hora em vós a piedade

Edição de 1595 e um MS.

Amor soffrera mal que eu me partira.

Não consentiria amor que me partira.

Edição de 1595 e um MS.

Que por o natural na alma vos tira.

Que pelo natural n'alma vos tira.

Edição de 1595 e um MS.

Porém venho a provar que he verdade.

Mas inda mal porém que he verdade.

Edição de 1595 e um MS.

Lagrimas tristes tomarão vingança.

Tomarão tristes lagrimas vingança.

Edição de 1595 e um MS.

Parece-me este verso mais correcto, e por isso preferivel.

Desta arte darei vida a mêu tormento.

E assi darei vida a meu tormento.

Edição de 1595 e um MS.

Que em fim cá me achará minha lembrança.

Qu'em fim cá me achará minha lembrança.

Edição de 1595.

Qu'emfim me achará minha lembrança.

UM MS.

SONETO XLVIII

Á proporção que se alonga a sua cansada, saudosa e atormentada peregrinação, vae-se-lhe encurtando a vida e crescendo o damno. Perdeu-se um remedio que ainda tinha, e se ainda corre após um bem que não alcança, elle foge e perde-se-lhe de vista e da esperança.

Mingoando a idade, vai crescendo o damno.

Vai-se gastando a idade e cresce o damno.

Edição de 1595, MS. do Luiz Franco e outros.

Perdeu-se-me hum remedio, que inda tinha.

Perde-se-me hum remedio que inda tinha.

Edição de 1595.

Se os olhos ergo a ver se inda apparece.

Se olhos ergo a ver se inda apparece.

Edição de 1595.

Este soneto foi feito na maior força da desventura, e quando andava na India; este remedio não sei se é allusivo á morte da amante, se á falta da esperança.

SONETO XLIX

Como amor não se rege pela rasão, não póde perder a esperança, a vida sim, porque uma tão aspera mudança não deixa viver tanto um coração; mas como não póde alcançar a morte é forçoso esperar e viver; porém se ha de assim viver forçadamente, para que quer a gloria de uma esperança que o atormenta.

Ja he tempo ja que minha confiança.

Tempo he ja que minha confiança.

Edição de 1595.

Rasão é ja que minha confiança.

MS. de Luiz Franco.

Se deça de huma falsa opinião.

Se deça de sua falsa opinião.

MS. de Luiz Franco.

Mas amor não se rege por razão.

Mas se amor se não rege por razão.

Um MS.

E eu só na morte tenho a salvação.

E eu na morte tenho salvação.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Perder toda a esperança á salvação.

Egloga III, estancia III.

Forçado he logo que eu espere e viva.

Forçado he logo assim que espere e viva.

MS. de Luiz Franco.

Ah dura lei de Amor que não consente.

Oh! dura lei de Amor que não consente.

MS. de Luiz Franco.

Em differentes logares das suas poesias expressa o Poeta o desejo que a morte acabe com seus males. Canção X, estancia X; elegia II, estancia IV; elegia V, estan-

cia II; elegia VI, estancia VI; elegia VIII, estancia III; egloga II, estancia V; egloga XV, estancia XV.

Este soneto foi feito por occasião da mudança que tiveram os amores; supponho-o escripto antes da sua partida para a India.

SONETO L

Visita o templo do Amor e n'elle deposita a alma, vida e esperança como despojos do bem passado emquanto o quiz aquella que adora; protesta que não entrará mais na lide amorosa, e diz-lhe que ali está rendido, e se se quer vingar n'elle se contente com as lagrimas que chora. É escripto imitando a ode V de Horacio, liv. I, dirigida a Pyrra.

......Me Tabula sacer
Votiva paries indicat uvida
Suspendisse potenti
Vestimenta maris Deo.

Parece que teve tambem presente o soneto de Garcilasso:

Tu templo, e sus paredes he vestido
De mis mojadas ropas e adornado.

Teu soberano templo visitei.

O teu sagrado templo visitei.
MS. de Luiz Franco.

Que mais queres de mi, pois destruida.

Que mais queres de mi que destruida.
Edição de 1595.

Que queres mais de mi que destruida.
MS. de Luiz Franco.

Não cuides de forçar-me que destruida.
Um MS.

Não cuides de render-me que não sei.

Não cures de forçar-me que não sei.
MS. de Luiz Franco.

Vês aqui a vida e a alma e a esperança.

Assi que vida, que alma, que esperança.
Camões, Soneto XVI.

Doces despojos de meu bem passado.

Despojos doces de meu bem passado.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Doces despojos da passada gloria.
Soneto XCVI.

Em quanto o quiz aquella que eu adoro.

Em quanto quiz aquella que eu adoro.

Edição de 1595.

Em quanto quiz aquella em que eu moro.

Um MS.

Esta emenda parece foi feita por algum escrupuloso, e a mesma se fez nos sonetos LIII e LX.

Nellas podes tomar de mim vingança.

Nella podes tomar de mim vingança.

Edição de 1595 e um MS.

Nelles podes tomar de mim vingança.

MS. de Luiz Franco.

E se te queres inda mais vingado.

E s'inda não estás de mim vingado.

Edição de 1595.

Na opinião de Faria e Sousa este soneto foi composto por occasião do antecedente.

SONETO LI

Quando influido por Apollo e pelas Musas começava a celebrar o dia e hora em que foi ferido pelos olhos da sua amante, amor virou a roda á esperança, convertendo a sua gloria em pena; e se alguma esperança lhe deixou foi a de maior mal, se é possivel.

Com a dourada lyra me influião.

E a dourada lua me influião

MS. de Luiz Franco.

Ditoso seja o dia e hora quando.

Ó bem aventurado seja o dia
Em que tomei tão doce pensamento.

Elegia V, estancia I.

Yo benedico il loco e 'l tempo, e l'hora
Che si alto miraron gli ochi miei.

Petrarcha, Soneto XII.

Beneditto sia il giorno, e'l mese, 'el'anno,
E la stagione, e'l tempo, e l'hora, e'l punto
E'l paese, e'l loco, ov'io fui giunto
De duo begli occhi che cegato m'hanno.

Petrarcha, Soneto XLVII.

O quarteto do poeta portuguez parece preferivel.

Ditosos os sentidos que sentião.

Ditosos os sentidos que soffrião.

MS. de Luiz Franco.

Estar-se em seu desejo traspassando.

Estar-se em seu objecto traspassando.

MS. de Luiz Franco.

Tão ligeira que quasi era invisibil.

Tão ligeira que quasi era invisivel.

Edição de 1595 e um MS.

Tão ligeira que quasi era invencivel.

MS. de Luiz Franco.

Converteu-se a noite em claro dia.

Trocando a noute escura em claro dia.

Ode I, estancia I.

Farás a noite escura claro dia.

Egloga V, estancia XXII.

Trocou-se o claro dia em noute escura.

Egloga XV, verso XLIII.

Será de maior mal se for possibil.

Será de maior mal se for possivel.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

Foi composto este soneto em uma phase infeliz dos amores, antes da ida para a India.

SONETO LII

Se as lembranças saudosas dos seus amores julgam acabar-lhe a vida, enganam-se, porque já tem concertado com a fortuna de soffrer os tormentos que lhe der a sorte, resoluto a supporta-los com resignação.

Veja-se o soneto IV e XLVI. Diz que o amor depois de o ter perseguido o entregou á fortuna; agora diz que tem concertado com ella de soffrer os males de amor.

Que não espere delle muito mais.

Que ainda não espere delle mais.

MS. de Luiz Franco.

De longo tempo ja me costumais.

De muito longe ja me acostumais.

MS. de Luiz Franco e outro.

De soffrer os tormentos que me dais.

De soffrer os trabalhos que me dais,

Um MS.

Cuide quanto quizer o pensamento.

Cuide em quanto quizer o pensamento.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outros.

Que pois não posso ter mais resistencia.

Que pois não ha ahi outra resistencia.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outros.

Para tão dura queda de subida.

Para tão certa queda de subida.
Um MS.

Aparar-lhe-hei debaixo o soffrimento.

Aparar-lh'-ei debaixo o soffrimento.
Edição de 1595.

SONETO LIII

Montano ao apartar-se de Nise em uma praia do Indico Oceano vê partir Nise, e percorrendo com os olhos o mar, toma os céus por testemunha da sua saudade, e pede ás ondas que levem as suas lagrimas á causa d'ellas. Veja-se o soneto XCIX ao mesmo assumpto. Esta Nise julga Faria e Sousa que fosse a mesma que morreu affogada, e cuja morte o Poeta deplora nos sonetos XXIII, CLXX e CLXXIII. Commentando este soneto aponta Faria e Sousa os nomes das differentes senhoras que o Poeta celebrou nas suas poesias; a saber: Nise, sonetos XCIX, CXVIII e CLXII. Sibella, sonetos XX e CXL. Daliana, sonetos XLI e XLV, egloga VII, estancia X. Natercia, sonetos LXX, CIII, CXLVII, CLXI e CLXIII; oitava IV, estancia XII; eglogas XV e XVI. Dinamene, sonetos LXXII e CLXX; egloga VI, estancia XXIII; egloga VII, estancia X. Amanta, egloga VII, estancia X. Eliza, egloga VII, estancia X. Beliza, elegia VIII, eglogas III, IV e VII, estancia X; egloga XVI. Aonia, elegia I. Silvana, egloga IV. Lemnoria, egloga VI. Galatéa, eglogas VIII, IX e XIII. Lilia, egloga X. Ulina e Fulgencia, egloga XI. Learda, Mafida e Marilia, egloga XII, Filis, egloga XIII. Alcida, egloga XIV.

É escusado dizer que este soneto foi feito na India, porque o mesmo soneto o diz.

Em cuja alma partindo-se ficava.

Em sua alma partindo-se ficava.
MS. de Luiz Franco.

Por huma praia do Indico Oceano.

Pollas praias do Indico Oceano.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outro.

E os olhos por as aguas alongava.

E os olhos pelas aguas alongava.
Edição de 1595 e um MS.

(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro.

De mim se foi (dizia) quem adoro.
MS. de Luiz Franco.

(Dizia) quiz deixar-me a em que eu móro.
Um MS.

Mas se em vós ondas mora piedade.

Mas se a vós ondas peço piedade.
MS. de Luiz Franco.

SONETO LIV

Despedindo-se da amante. Quando vê que o destino ordena que se aparte d'ella, o rigor com que o trata diminue-lhe a pena da ausencia. Mas como é possivel que esteja tão fóra do amor da sua amante e que não perca a vida? Porá de parte a sua esquivança, porque sentirá mais não sentir partir, sem sentir a pena da partida. Este soneto é feito provavelmente á mesma despedida do soneto XLVII; provavelmente para a India.

Quando por a memoria se reparte.

Quando pela memoria se reparte.

Edição de 1595 e um MS.

Mas como póde ser que na mudança.

Pois como póde ser que na mudança.

Edição de 1595.

Os tercetos d'este soneto no MS. de Luiz Franco são inteiramente differentes.

Pois como póde ser que na partida
Do que mais quero a pena de partir-me,
Por algum modo possa resisti-la.

O refrear a crueza que tão firme
Sempre tivestes que esta despedida
Mais sentireis, Senhora, não senti-la.

MS. de Luiz Franco.

SONETO LV

Falla com os seus desejos. Como depois de tantos dias mal gastados, lagrimas vertidas e suspiros não estão desenganados que querem curar males irremediaveis. Se não tivessem a experiencia das semrazões de amor, seria fraqueza a resistencia. Mas depois que viram os males, que nem o tempo, nem a longa ausencia o curaram, que bem póde esperar d'elle?

Se não tivereis ja longa exp'riencia.

Se não tivereis ja experiencia.

Edição de 1595 e um MS.

Que o tempo não curou nem larga ausencia.

Que tempo não cura nem longa ausencia.

Edição de 1595 e um MS.

Este soneto é o LXXVIII de Bernardes, e na verdade sou da opinião de Faria e Sousa que é usurpado; porque não só é relativo ao soneto XLIX (veja-se o terceiro verso do primeiro quarteto), mas tambem a queixa do tempo e fado é commum nas differentes poesias de Camões; acresce ainda, que a longa ausencia é mais applicavel a Camões do que a Bernardes. Sendo, como eu supponho, este soneto de Camões, devê ter sido feito nos ultimos annos da estada na India ou depois de regressar.

SONETO LVI

Convida as Nayades que presidem aos rios, e ás Driades que andam pelos bosques monteando as feras fugitivas a que larguem, aquellas as aguas frias onde habitam, e estas as selvas, e venham ver como de uns olhos que vencem os d'ellas nascem maguas.

Driades que com settas sempre andais.

Driades vós que as settas atirais.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e outros.

Os fugitivos cervos derribando.

Os fugitivos cervos derrubando.

Edição de 1595.

Os subjectivos cervos derrubando.

MS. de Luiz Franco.

Derribão corações que valem mais.

Derrubão corações que valem mais.

Edição de 1595.

Deixai logo as aljavas e aguas frias.

Deixai as aljavas logo e as agoas frias.

Edição de 1595.

Deixai a aljava logo e as agoas frias.

MS. de Luiz Franco.

E vinde Ninfas bellas se quereis.

E vinde Nymphas minhas se quereis.

Edição de 1595.

Vinde ninfas minhas se quereis.

MS. de Luiz Franco.

A ver como de huns olhos nacem magoas.

Saber como só d'olhos nascem agoas.

Edição de 1595.

Notareis como em vão passão os dias.

Vereis como se passão em vão os dias.

Edição de 1595 e um MS.

E mais como passo em vão os dias.

Um MS.

Mas em vão não vereis, porque vereis.

Mas não vireis em vão que me achareis.

Edição de 1595.

Mas não vireis em vão que cá achareis.

MS. de Luiz Franco e outro.

Veja-se a egloga II de Garcilasso:

Ó Nayades de aquesta mi ribera
Corriente moradores! ó Napeas
Guarda del verde bosque verdadera.

Lembra Faria e Sousa que este soneto talvez fosse escripto em Coimbra, porque a mesma expressão de *saudosos campos*, que emprega no segundo verso, applica aos de Coimbra nos *Lusiadas*.

Nos saudosos campos do Mondego.

O soneto parece escripto em terra onde havia montes e rios, pela invocação ás Nayades e Driades, que a uns e outros presidem.

SONETO LVII

Tudo muda na terra, as vontades, a confiança; ficam as magoas do mal na lembrança, e do bem, se algum houve, as saudades. Converteu o tempo o seu canto em choro, e afóra estas mudanças fez outra de maior espanto que é não se mudàr como costumava.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

Veja-se as redondilhas I, estancia IX.

Porque mudando-se a vida
Se mudão os gostos della.

Do mal ficão as magoas na lembrança.

Do mal ficão as magoas da lembrança.

Um MS.

Em mi converte em choro o doce canto.

E emfim converte em choro o doce canto.

Edição de 1595.

A frauta que soia
Mover as altas arvores tangendo
Se me vai de tristeza enrouquecendo.

Egloga I, estancia XXI.

Outra mudança faz de mor espanto:

O tempo que he desigual
De secos, verdes vos tem,
Porque em vosso natural
Se muda o mal para o bem,
Mas meu mal para mor mal.

Glosa I, estancia IV.

Este soneto no MS. de Luiz Franco é mui differente, principalmente nos tercetos que apresentam rythma e pensamento diverso.

Mudão-se os tempos, mudão-se as vontades,
Muda-se o ser, mudão-se as confianças;
Todo o mundo he composto de mudanças
Tomando sempre novas calidades.

Continuamente vemos novidades,
Differentes de nossas esperanças,
Nem ficam daqui mais que as lembranças
Do bem passado ou das adversidades.

Mas as do bem tão más são de sofrer,
Que he muito melhor poder passar
Qualquer trabalho, pena e desprazer.

Porque tudo emfim se hade perder,
Muito mais vale a pena do pezar
Do que contenta a gloria do prazer.

MS. de Luiz Franco.

Parece escripto este soneto depois do infortunio amoroso, talvez na India.

SONETO LVIII

Se as penas de amor que tão mal o trata permittirem que elle ainda veja desbaratada pelos annos a formosura da sua amante, então verá mudado, mas já tarde e sem remedio, o pensamento d'ella; vê-la-ha suspirar pelo passado, em tempo em que se possa executar a sua vingança.

Aponta Faria e Sousa logares communs de differentes poetas, Theocrito, Ovidio, Horacio e poetas italianos, ao mesmo assumpto, que fizeram a mesma ameaça ás suas damas. Este soneto bem se vê que foi escripto no progresso dos amores e quando estes corriam felizes, difficultando-se a dama ás suas exigencias amorosas, do que ha mais exemplos n'estas rimas.

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Permittirem que eu tanto viva dellas.

Se as penas que por vós Donzella ingrata
Passo, vivesse tanto em soffrellas.

MS. de Luiz Franco.

Se as penas com que amor tão mal me trata
Quizer que tanto tempo viva dellas.

Edição de 1595.

Que veja escuro o lume das estrellas.

Que visse escuro o lume das estrellas.

MS. de Luiz Franco.

Em cuja vista o meu se acende e mata.

Em cuja vista o meu s'encende e mata.

MS. de Luiz Franco.

Deixando a linda cor das tranças bellas.

Mostrando a linda cor das tranças bellas.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Mudada de ouro fino em fina prata.

Mudada de ouro fino em bella prata.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Mudada de ouro fino em branca prata.
Um MS.

Tambem, Senhora, então vereis mudado.

Vereis, Senhora, então tambem mudado.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

O pensamento da aspereza vossa.

O pensamento e aspereza vossa.
Edição de 1595.

Quando não sirva ja sua mudança.

Quando não preste ja sua mudança.
MS. de Luiz Franco.

Ver-vos-hei suspirar por o passado.

Suspirareis então pelo passado.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Em tempo quando executar se possa.

Em tempo quando executar-se possa.
MS. de Luiz Franco.

No vosso arrepender minha vingança.

Em vosso arrepender minha vingança.
Edição de 1595.

SONETO LIX

Faria e Sousa julgou que este soneto foi escripto á morte de El-Rei D. João III, e em consequencia estando Camões na India, porque a morte teve logar no anno de 1557. O soneto porém foi recitado sobre a sepultura do dito rei por occasião da trasladação do seu corpo para o mosteiro de Belem, que teve logar no anno de 1572 depois do Poeta ter regressado da India. Tanto na edição de 1595, como no MS. de Luiz Franco, vem errado o titulo d'este soneto attribuido á morte de D. João II, e no MS. traz este titulo: «*Á sepultura de D. João II.*» Alem do sentido do soneto o ultimo verso accusa o erro do titulo:

Foi rei? Fez tudo quanto a rei se deve.

Que fez me disse? a lingua não se atreve.
MS. de Luiz Franco.

Poz na guerra e na paz devido estudo.

He Rei que poz na pax devido estudo.
MS de Luiz Franco.

Mas quão pesado foi ao Mouro rudo.

Quão pesado elle foi ao Mouro rudo.

MS. de Luiz Franco.

Mais que o adquirir, o sustentar estima.

Que sustentar mais que acquirir estima.

MS. de Luiz Franco.

Que sustentar mais que adquirir se estima.

Edição de 1595 e um MS.

SONETO LX

Quem póde com juizo socegado ver os olhos da sua amante onde manda amor e reina, se a sua belleza traspassa as almas como o sol traspassa um crystal.

A estancia CXLII do canto III dos *Lusiadas* tem similhança no pensamento com este soneto.

Vendo-vos com juizo socegado.

Veja-se o soneto XVII, canto VIII e XXXVI, verso VI.

Alli manda, alli reina, alli namora.

Alli reina, alli mora, alli namora.

MS. de Luiz Franco.

Alli vive das gentes venerado.

Alli vive das gentes namorado.

MS. de Luiz Franco.

Imagens são adonde Amor se adora.

Imagens são nas quaes amor s'adora.

MS. de Luiz Franco.

Imagens são nas quaes o amor se adora.

Edição de 1595.

Imagens são de Amor em toda a hora.

Um MS.

Que crespos fios de ouro vão cercando.

Que fios crespos de ouro vão cercando.

MS. de Luiz Franco, e outro.

A pintura que Camões aqui faz da sua dama é com cabellos soltos; poderia pois ser feito este soneto por a mesma occasião do soneto XLII, em que a via estar penteando-se: no commentario a este soneto descreve Faria e Sousa os differentes logares em que o Camões falla nos cabellos aureos da sua amante.

Raios de ouro verá que as duvidosas.

Raios de ouro verá que as desejosas.

MS de Luiz Franco.

Assim como um cristal o sol transpassa.

Pretende Faria e Sousa que imitou a Sanazaro no seu *Poema,* liv. II. Mais saliente parece a imitação de Petrarcha:

Poi che vostro vedere in me resplende
Comme raggio di sol traluce in vetro.

Petrarcha, Soneto LXXV.

De l'alma que traluce com'in vetro.

Soneto XVI.

SONETO LXI

Á morte de Porcia, filha de Catão o maior e mulher de M. Bruto, a qual chegando-lhe a noticia da morte do marido nos campos Philipicos, tendo-se-lhe tirado os instrumentos com que se podia matar, se deu á morte engolindo carvões accesos. Veja-se Plutarcho, Valerio Maximo, liv. III, cap. II, n.º 15; liv. IV, cap. VI, e o epigramma XLIII do livro I de Marcial:

Conjugis audisset fatum cum Portia Bruti,
Et subtracta sibi quæreret arma dolor:
Non dum scitis, ait, mortem non posse negari?
Credideram, satis vos docuisse patrem.
Dixit, et ardentes avido bibit ore favillas:
I nunc, et ferrum turba molesta nega.

He que Amor fazer só quiz experiencia.

Mas foi fazer amor experiencia.

Edição de 1595 e um MS.

Se podia eu soffrer tirar-me a vida.

Se podia soffrer tirar-me a vida.

Edição de 1595 e um MS.

A que não faças á morte resistencia.

A não pores á vida resistencia.

Edição de 1595 e um MS.

He que costume faço da paciencia
Porque o temor morrer me não impida.

Ando-me costumando á paciencia,
Porque temor a morte não impida.

Edição de 1595 e um MS.

Pois porque estás comendo fogo ardente.

Pois porque comes logo fogo ardente.

Edição de 1595 e um MS.

Se a ferro te costumas? He que ordena.

Se a ferro te costumas? Porque ordena.

Edição de 1595 e um MS.

E não quero eu a morte sem a pena.

E eu não quero a morte sem a pena.

Edição de 1595.

Este soneto diz Faria e Sousa que vem alguma cousa differente; porém pô-lo como o encontrou em um MS. que lhe agradou mais.

SONETO LXII

Em resposta ao soneto dirigido ao Poeta em seu louvor, que começa:

Quem he este que na harpa Lusitana.

Este soneto suppõe Faria e Sousa que fosse feito ao seu amigo João Lopes Leitão, e para corroborar esta opinião traz um verso do soneto XXXV parecido com o IV do segundo quarteto d'este:

Vós que sois inveja a toda a gente.

mas em um MS. o achou em nome de Francisco Gomes de Azevedo. É escripto nos mesmos consoantes do outro, que era a moda ou a fórma obrigada de responder a estes elogios em verso.

O soneto em elogio suspeito que foi feito na India, ou já no seu regresso, porque ali vem já elogiado como poeta Epico e emparelhado com Homero e Virgilio; porém a maior parte do elogio se refere a elle como poeta comico. Sendo, como eu supponho, as duas peças dos *Amphitriões* e de *Seleuco* escriptas antes da partida para a India, poderia este soneto ser escripto por occasião das festas que se fizeram na India para celebrar a investidura do governo de Francisco Barreto, para as quaes concorreu Camões escrevendo o auto ou tragi-comedia de *Filodemo,* que foi representado n'esta occasião. O soneto evidentemente se vê que foi escripto por occasião de alguma representação dramatica, e talvez que fosse recitado sobre o mesmo theatro.

De tão divino accento em voz humana.

De tão divino accento e voz humana.

Um MS.

De elegancias que são tão peregrinas.

De tão doces palavras peregrinas.

Um MS.

Sei bem que minhas obras não são dinas.

Bem sei que minhas obras não são dinas.

Edição de 1595 e um MS.

Porém de vossa pena illustre mana.

Mas de vossos escriptos corre e mana.

Edição de 1595 e um MS.

Ambas se podem nelle chamar raras.

Ambas posso chamar ao mundo raras.

Edição de 1595 e um MS.

A vossa de alta, a minha de invejosa.

A vossa d'alta, a minha d'invejosa.
Um MS.

SONETO LXIII

A D. Fernando de Castro, como declara no mesmo soneto: presume Faria e Sousa que este fidalgo era filho bastardo de D. Diogo de Sousa, senhor de Lanhoso e que morreu na India em companhia de D. Alvaro da Silveira. Este soneto porém foi composto junto á sepultura do morto, e provavelmente recitado sobre as suas cinzas; e o desastre de D. Alvaro não dava logar a que o seu corpo e o de seus companheiros tivessem uma sepultura honrosa. O ultimo terceto é um verdadeiro enigma; Faria e Sousa esforça-se em lhe dar uma explicação, porém elle proprio confessa não a poder dar satisfactoria, e que fôra para elle a cousa mais difficil de comprehender dos commentarios.

Este da propria inveja tão cantado.

E da inveja da fama tão cantado.
Edição de 1595 e um MS.

Este emfim raio de Mavorte irado
Aqui está agora em terra convertido.

Este pois só agora sepultado
Está aqui ja em terra convertido.
Edição de 1595 e um MS.

Esta variante dá a entender que o corpo fôra trasladado. Parece que Camões teve em vista, quando falla de Carthago e Roma, o logar de Petrarcha no cap. II dos *Triumphos de amor.*

Pon disse 'l cor, o Sofonisba in pace.
Che Carthagine tua per le man nostre
Tre volte cadde, e a la terza giace.

E ella; altro voglio io che tu me mostre:
S'Africa pianse, Italia non ne rise
Domandate-le pur l'historie vostre.

Descansa lhe disse; Sophonisba em paz
Que a tua gram Cartago per mão nossa
Tres vezes cahio, e da terceira jaz.

E ella; essa victoria foi custosa
Se Aphrica chora, Italia não se rio.
Pergunta-o tu á propria historia vossa.
Traducção de Petrarcha por Camões.

Por est'outro Viriato que criaste.

Por este Viriato que criaste.
Edição de 1595 e um MS.

E chora a perda sua eternamente.

E chora o perdido eternamente.
Edição de 1595 e um MS.

SONETO LXIV

Ao immortal vice-rei da India D. Luiz de Athaide, conde de Atouguia, por occasião de defender aquelle estado contra a coallisão dos reis da Asia; este soneto foi sem duvida feito pelas festas e distincções com que foi recebido por El-Rei D. Sebastião na sua volta da India no anno de 1572. Em um MS. vinha em nome de Simão da Veiga, porém é de Camões, como se vê do estylo, e um dos que vem na primeira edição das suas rimas. O vice-rei respondeu a este soneto com outro que já publicámos na biographia, e começa:

A qual perigo o rosto sem escudo.

Vimos o testamento d'este homem illustre, repassado d'aquelle poetico patriotismo que tanto lustre reflecte em todos os nossos homens celebres; n'elle deixa em legado a seu descendente a sua tenda de campanha, com a clausula de a não desdobrar senão em occasião de guerra. Os cabellos de D. João de Castro escaparam, porém onde está este objecto pertencente ao museu tradicional das nossas glorias? Mas onde está o representante d'esta familia? vimos ainda na nossa infancia o ultimo filho do ultimo senhor d'esta casa, que succumbiu sob o peso de uma catastrophe politica que a esmagou. A clemencia do soberano devia amaciar o rigor da lei para com o criminoso que representava um nome tão altamente historico, isto é, se o fosse, pois temos a consciencia ou antes a certeza da sua innocencia; mas se o fosse, os raios de gloria do ascendente eram sufficientes para fazer desapparecer qualquer escuridão passageira da estirpe.

Que escureçais a fama que hão ganhado
Aquelles que a ganharão de infieis.

Que escureçais a fama que ganhado
Tinhão os que a ganharão a infieis.

Edição de 1595 e um MS.

Que vencidas tenhais da morte as leis.

Que do tempo tenhais vencido as leis.

Edição de 1595 e um MS.

E que vencesseis tudo em fim armado.

Que tudo emfim vençais com tempo armado.

Edição de 1595 e um MS.

Sobre vencerdes, pois, tanto inimigo.

E assi sobre vencerdes tanto imigo.

Um MS.

E assi com vencerdes tanto imigo.

Edição de 1595.

No mundo o vosso nome ouvido seja.

Vosso nome no mundo ouvido seja.

Edição de 1595 e um MS.

O que vos dá mais fama inda no mundo.

O que vos dá mais nome inda no mundo.

Edição de 1595 e um MS.

SONETO LXV

Aos olhos da sua amante. Ao vê-los os seus se enchem de tal suavidade que se derretem em lagrimas, e os seus sentidos prostrados se submettem a tanta magestade. Possuido do maior respeito queixa-se do rigor da amante.

Com o sol em belleza e claridade.

Co' o sol em formosura e claridade.
Edição de 1595 e um MS.

Meus sentidos prostrados se submettem.

Meus sentidos vencidos se somettem.
Edição de 1595 e um MS.

Assi cegos a tanta magestade.

Assi cegos a tanta divindade.
Edição de 1595.

Porém se então me vedes por acerto.

Mas se nisto me vedes por acerto.
Edição de 1595 e um MS.

Esse aspero desprezo com que olhaes
Me torna a animar a alma enfraquecida.

O aspero desprezo com que olhais
Torna a espertar a alma enfraquecida.
Edição de 1595 e um MS.

Oh gentil cura! oh estranho desconcerto.

Oh gentil cura e estranho desconcerto.
Um MS.

Que dareis co' hum favor que vós não dais
Quando com hum desprezo me dais vida.

Que fará o favor que vós não dais
Quando o vosso desprezo torna a vida.
Edição de 1595 e um MS.

SONETO LXVI

Qual será a lingua por atrevida que ouse louvar a formosura da sua amante descida dos céus? Só ao contemplar a melhor parte falta-lhe o engenho e o espirito mingôa; mas o que mais o impede de a louvar é que, quando a vê, perde a lingua, e quando a não vê perde o sizo.

Em um MS. achou Faria e Sousa este soneto com este titulo: « *A D. Guiomar Henriques quando entrou no Palacio da Infanta D. Maria, no anno de* 1566»: e ali se diz tambem ser feito por Francisco de Andrade. Rejeita porém Faria e Sousa esta versão, não só porque o conteúdo não diz com o titulo, e é claramente dirigido a uma amante sem as reservas necessarias attendendo ao logar, mas porque o soneto não podia ser feito por Camões, sendo áquelle assumpto, por ausente, e de quem é o soneto com toda a certeza. É dos que vem na primeira edição das *Rimas*.

Que nenhum coração deixas isento.

Que nenhum coração deixais isento.

Edição de 1595.

Sem que sejas de algum bem entendida.

Sem seres de nenhum bem entendida.

Edição de 1595 e um MS.

Qual lingoa póde haver tão atrevida.

Que lingoa póde haver tão atrevida.

Um MS.

Que lingoa averá tão atrevida.

Edição de 1595.

Parece-me a lição do MS. preferivel porque evita a união dos dois *l, l.*

Se em teu valor contemplo a melhor parte.

Se teu valor contemplo, a melhor parte.

Edição de 1595 e um MS.

Logo o engenho mé falta, o espirito mingoa.

O engenho me falta, o espirito mingoa.

Edição de 1595 e um MS.

Mas o que mais me impede inda louvar-te.

Mas o que mais me tolhe inda louvar-te.

Edição de 1595 e um MS.

SONETO LXVII

Pois os seus olhos não cansam de chorar as tristezas motivadas pela sua amante, que nunca póde abrandar, não cesse tambem o amor de o guiar d'onde nunca possa tornar, nem deixe o mundo de o escutar, emquanto não lhe faltar o alento. Os montes, valles, aves e feras ouçam a longa historia dos seus males, e curem com a sua dor as suas.

A longa historia de meus males.

La lunga historia dele pene mia.

Petrarcha, Soneto CCC.

Escripto no progresso das calamidades amorosas.

Tristezas não cansadas de cansar-me.

Tristezas que não cansão de cansar-me.

Edição de 1595 e um MS.

Donde nunca de lá possa tornar-me.

A parte donde não saiba tornar.

Edição de 1595 e um MS.

Em quanto a fraca voz me não durar.

Em quanto me a fraca voz me deixar.
Um MS.

Em quanto me a voz fraca não deixar.
Edição de 1595.

E se em montes, se em prados, se em valles.

E s'em montes, se em prados, se em valles.
Edição de 1595.

E se nos montes, rios, em valles.
Um MS.

Piedade mora alguma: algum amor
Em feras mora, em aves, pedras, agoas.

Piedade mora, ou dentro mora amor
Em feras, aves, prantos, pedras, agoas.
Edição de 1595 e dois MSS.

SONETO LXVIII

Pede á sua amante que lhe dê uma lei para lhe obedecer que lhe prohiba tudo, menos o vê-la e contempla-la n'alma. E se a sua condição não permitte dar-lhe uma lei de vida, lh'a dê de morte; mas se nem esta lhe quer dar cumpre que viva tristemente sem saber como, mas contente com a sua sorte.
No progresso dos seus amores; parece que a amante lhe prohibia a vista.

Porque a guarde sob pena de enojar-vos.

Que a guarde sob pena de enojar-vos.
Edição de 1595 e um MS.

Pois a fé que me obriga a tanto amar-vos.

Que a fé que me obriga a tanto amar-vos.
Edição de 1595 e um MS.

E dentro na minha alma contemplar-vos.

E dentro na minh'alma contemplar-vos.
Edição de 1595 e um MS

Ao menos nunca chegue a aborrecer-vos.

Ao menos que não chegue aborrecer-vos.
Edição de 1595 e um MS.

Mas contente estarei com a minha sorte.

Mas contente porém de minha sorte.
Edição de 1595 e um MS.

SONETO LXIX

Telepho, filho de Hercules e da nympha Augia, rei dos misios, vendo-se ferido por Achilles, consultou o oraculo de Apollo que lhe respondeu, que só seria resti-

tuido á saude por quem já o ferira. Assim elle ferido com a vista da sua amante, só com a mesma se cura; mas é tão doce a sua formosura que fica sempre como o hydropico doente, que quanto mais bebe mais se abraza em sede.

Esta paridade tirada do caso de Telepho, parece foi suscitada ao Poeta por Ovidio:

> Namque ea vel nemo vel qui mihi vulnera fecit
> Solus Achilleo tollere more potest.

Suppõe-se que tendo-lhe a sua amante prohibido a vista, como parece do soneto antecedente, por consideração talvez da sua fama, e tendo-lha depois concedido, o Poeta manifesta o seu contentamento.

E a quem ferro nenhum cortar podia.

A quem ferro nenhum cortar podia.

Edição de 1598 e um MS.

Quando a Apollineo oraculo pedia.

Ao Apollineo oraculo pedia.

Edição de 1598 e um MS.

Ao Phebeo oraculo pedia.

MS. de Luiz Franco.

Respondeo-lhe tornasse a ser ferido.

Respondeo que tornasse a ser ferido.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Por quem o ja ferira e sararia.

De quem o ja ferira e sararia.

MS. de Luiz Franco.

Com tornar-vos a ver Amor me cura.

Com vos tornar a ver Amor me cura.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Que fico como o hydropico doente.

Que fico como hydropico doente.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro

Que bebendo lhe cresce mor seccura.

Que com beber lhe crece mor seccura.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

SONETO LXX

O Pastor Liso (que é o Poeta debaixo d'este anagramma) na mais intensa calma, á hora do meio dia, divaga em um campo verde em busca da sua amante que não encontra, e o deixa por outro, o que faz romper o Poeta n'esta queixa: Porque te vás de quem por ti se perde, para quem pouco te ama, e o echo lhe responde pouco te ama.

É escripto ao mesmo assumpto do soneto XIV, isto é, ao parecer abandona-lo

a amante por outro; e aqui declara a hora em que divagava. Parece que o Poeta imitou a Virgilio na egloga II, fallando de Coridon que divagava pelo seu Alexis á mesma hora.

É a primeira vez que se encontra nas rimas de Camões o anagramma de Natercia; no commentario a este soneto nos descreve Faria e Sousa quem fosse esta dama, extractando o logar das linhagens de D. Antonio de Lima, onde d'ella faz menção; reputa-a morta pelos annos de 1545, postoque ao mesmo tempo vacilla sobre a prematura epocha em que a dá fallecida, á vista de algumas poesias escriptas a ausencias, e da India referindo-se aos seus amores. Quem fosse esta senhora e a epocha do seu fallecimento julgâmos que fica sufficientemente examinado na biographia que escrevemos do Poeta. D'este soneto parece deprehender-se que havia abandono por outrem, embora forçado da parte d'esta senhora: talvez algum casamento para a desviar dos amores, obrigada talvez pelos paes ou pela rainha de quem era dama.

Commentando este soneto, traz Faria e Sousa uma longa relação das senhoras que foram amadas por homens celebres.

O verde pasto as cabras e buscarão.

O verde prado as cabras e buscavão.

Um MS.

A frescura suave da agua fria.

A frescura suave d'agoa fria.

Edição de 1598.

Com a folha das arvores sombria.

Com a folha da arvore sombria.

Edição de 1598.

Do raio ardente as aves se amparavão.

Do raio ardente as aves s'emparavão.

Edição de 1598.

Do raio ardente as aves se paravão.

MS. de Luiz Franco.

O modulo cantar de que cessavão
Só nas roucas cigarras se sentia.

O mudo silencio quebrantavão
Das roucas cicades e harmonia.

MS. de Luiz Franco.

Natercia crua nympha só buscava.

Natercia cruel nympha só buscava.

MS. de Luiz Franco.

SONETO LXXI

Em uma deliciosa madrugada os dois pastores Silvio e Laurente levam o seu gado ao prado, e ambos ausentes, e ao que parece amorosos da mesma dama, prorompem em exclamações em que expressam a pena que sentem ausentes d'ella. Não comprehendo muito bem este soneto; Daliana de quem parece que é o assumpto do soneto XLI, e que ama mais do que a si a Silvio, excita ciumes em Laurenio

ao vê-la embebida nos amores de Silvio, e no soneto XLV para se vingar de Silvio casa-se com um rustico, e é victima d'esta desesperada resolução. Não sei pois como os dois rivaes se acham aqui tão unidos e conformes.

Ja a roxa e branca aurora destoucava.

Ja a saudosa aurora destoucava.
Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

E das flores os campos esmaltados.

E as flores nos campos esmaltados.
Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Com cristalino orvalho borrifava.

Do cristalino orvalho borrifava.
Edição de 1598 e um MS.

De saudoso orvalho borrifava.
MS. de Luiz Franco.

De Sylvio e de Laurente por os prados.

De Sylvio e de Laurente pelos prados.
Edição de 1598.

De quem o mesmo amor não se apartava.

De quem se o coração não apartava.
MS. de Luiz Franco.

De quem o coração nunca se apartava.
Um MS.

Porque não morre ja quem vive ausente.

Porque não morrera quem vive ausente.
MS. de Luiz Franco.

SONETO LXXII

Lindo soneto. Cansado de imaginar nas suas magoas adormece, e apparece-lhe em sonhos a sua amada *lá n'uma soidade* onde a vista desfallece ao longe: corre após ella e parece que mais se alonga. Brada que lhe não fuja, e ella torna a fugir; elle a bradar-lhe *Dina,* e antes que acabe em *mene* acorda e vê que nem um breve sonho póde ter. Escreveu este soneto imitando a Petrarcha na canção XLVII, escripta ao haver sonhado que lhe apparecia a sua Laura. Esta Dinamene é a mesma que morreu afogada. Vejam-se os sonetos XXIII e LIII.

Sobre sonhos vejam-se os sonetos CCIX e CCXVII; canção II, estancias IV e VII; canção XIV (toda); egloga II, estancia XXII.

A vista por o campo desfalece.

A vista pelo campo desfalece.
Edição de 1598 e um MS.

Corro apoz ella; e ella então parece.

Corro par' ella; e ella então parece.
Edição de 1598 e um MS.

Torna a fugir-me; torno a bradar: Dina.

Torna a fugir e eu gritando: *Dina.*

Edição de 1598 e um MS.

E antes que acabe em mene *acordo e vejo.*

Antes que diga *Mene* acordo e vejo.

Edição de 1598 e um MS.

SONETO LXXIII

O Poeta morrendo não leva os seus suspiros, porque tem medo de os perder ao passar do Lethes; mas deixa seus escriptos para exemplo de males e aviso dos outros. Digam elles a quem vir com esperanças de amor e da fortuna, que os serviu muitos annos, e que na fortuna tudo são mudanças e que no amor não ha senão enganos. Este soneto bem se vê que foi feito depois de soffrimentos fortes nos seus amores; provavelmente já no tempo que estava na India.

Onde vos mostrarão com o dedo.

Faria e Sousa, commentando este verso, diz que pessoa que conhecia Camões lhe dissera que quando apparecia nas ruas de Lisboa, paravam e o mostravam com o dedo. Encarece o mesmo commentador a belleza d'este soneto.

Eu mouro e não vos levo porque hei medo.

Eu mouro e não vos levo porqu'ey medo.

Edição de 1598.

Que ao passar do Letheio vos percais.

Que ao passar do Lethe vos percais.

Edição de 1598.

Escriptos para sempre ja ficais.

Escriptos para sempre ca ficais.

Um MS.

Como exemplo de males que eu concedo.

Como exemplo de males qu'eu concedo.

Edição de 1598 e o MS. de Luiz Franco.

Em quem pois virdes largas esperanças.

Em quem pois virdes falsas esperanças.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

SONETO LXXIV

Encarece a belleza da amante; embora se vanglorie com a victoria de o captivar, e faça d'ella no mundo larga historia: pois por mais que intente atormenta-lo, não lhe póde tirar a gloria que recebe em o matar.

É um dos muitos sonetos de encarecimento em que se vangloria com o seu soffrimento. Na canção X, estancia IV e canção XIII, falla da sua amante com o mesmo epitheto de *fera humana.*

A sua presunçosa tyrannia.

Sua presuntuosa tyrania.

Edição de 1598 e um MS.

Fazei della ao mundo larga historia.

Fazei disto no mundo larga historia.

Edição de 1598 e um MS.

Pois por mais que vos veja atormentar-me.

Que por mais que me veja maltratar-me.

Edição de 1598 e um MS.

SONETO LXXV

Ditoso quem soffre todos os tormentos de amor: enganos, desprezos, isenções, etc., e os da ausencia; mas triste de quem se sente magoado de erros em que não póde haver perdão sem ficar-lhe na alma a magua do peccado. Estas maguas julga Faria e Sousa que eram as suspeitas da sua amante, referindo-se á canção x, estancia VII.

Aquella dor que das tartareas agoas
Sahio ao mundo e mais que todas doe.

e quer que a redondilha III seja escripta ao mesmo assumpto. Eu julgo que o commentador não entendeu bem este soneto, dando-lhe uma interpretação forçada, pois penso que a magua de que falla tem referencia a algum erro da vida do Poeta de que lhe remordia a consciencia.

De poder n'algum tempo ser contente.

De poder algum tempo ser contente.

Um MS.

Trazem hum coração atormentado.

Trazem o coração atormentado.

Edição de 1598 e um MS.

De erros em que não pode haver perdão.

D'erros em que não pode aver perdão.

Edição de 1598.

SONETO LXXVI

Este soneto é um dos mais bellos, feito depois da morte da sua D. Catharina de Athaide, estando em uma prisão: devia ser quando regressou para Goa depois do emprego da provedoria da China. O Poeta deseja acompanhar uma avesinha que perdeu um bem que tinha, e com ella consolar-se mutuamente. Ditosa ave a quem a natureza dá o ser triste á sua vontade, mas triste quem quiz ventura que para respirar lhe falte o vento, e para tudo lhe falte o mundo. Veja-se a canção x.

A gente amiga ja contraria via
No perigo primeiro; e no segundo.
Terra em que por os pés lhe falecia,
Ar para respirar se me negava.
E faltava-me em fim o tempo e o mundo.

Este soneto é imitado do soneto CCCXVIII de Petrarcha.

Vago angelléto che cantando vai.

Diz Faria e Sousa que este soneto *está manando lastimas.*

E quem fosse apartando-se da gente.

Quem fosse apartando-se da gente.
Edição de 1598.

Quem fosse assi apartando-se da gente.
MS. de Luiz Franco.

E eu a ella tambem a que ella sente.

Eu a ella o pezar que tanto sente.
Edição de 1598 e um MS.

E eu a ella o pezar que tanto sente.
MS. de Luiz Franco.

SONETO LXXVII

Descreve o logar e dia que foi sexta feira de Paixão, e na igreja em que despercebido foi ferido do amor da sua amante, e expressa o pezar do tempo em que esteve livre sem a amar. Na canção VII, estancia II descreve a estação do anno em que começou esta relação amorosa:

No Touro entrava Phebo, e Progne vinha;
O corno de Acheloo Flora entornava;
Quando o Amor soltava
Os fios de ouro, as tranças encrespadas.

Foi pois no mez de abril, que é o mez em que o sol entra no signo de Tauro, e conforme o computo que faz Faria e Sousa a 12 de abril, que n'esse anno dois dias depois da entrada do sol n'aquelle signo, caíu a sexta feira santa. Imitou o soneto III de Petrarcha:

Era il giorno ch'l sol si scolorato.
Per la pietá del suo fattor irei.

e a Pedro Bembo no soneto II. Veja-se o commentario de Faria e Sousa á canção VII.

O julgarem que o Poeta se tinha limitado a traduzir Petrarcha, fez com que alguns pensassem que o applicava a acontecimento da sua vida o soneto CCCIII, porém *inedito*

Todas as almas tristes se mostravão.

o declara positiva e explicitamente.

No Templo donde toda criatura.

No tempo donde toda criatura.
Um MS.

No Templo aonde toda a criatura.
MS. de Luiz Franco.

Parece melhor a lição do MS. de Luiz Franco.

Amor alli, que o tempo me aguardava.

Alli amor que o tempo me aguardava.
Edição de 1598 e um MS.

Ali amor que tam a tempo me aguardava.
MS. de Luiz Franco.

Onde a vontade tinha mais segura.

Onde eu tinha a vontade mais segura.
MS. de Luiz Franco.

Com huma rara e angelica figura.

N'huma celeste e angelica figura.
Edição de 1598 e um MS.

Com humana e angelica figura.
MS. de Luiz Franco.

De seu livre costume não sabendo.

E seu livre costume não sabendo.
Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Deixei-me captivar; mas hoje vendo.

Deixei-me captivar; mas ja que entendo.
Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

SONETO LXXVIII

Descreve a belleza da sua amante e as qualidades moraes da mesma, vangloriando-se de se achar rendido.

Que representa em terra um paraizo.

Que me faz ver na terra o Paraizo.
Soneto XVII.

Entre rubis e perlas doce riso.

Le bianche perle fra coralli ardenti,
Se sparse in fresche nevi accese rose.
B. Capelo, fl. 9.

La testa oro fino, e calda neve il volto,
Perle e rose vermiglie ove l'accolto
Dolor formava ardente voce & belle.
Petrarcha, soneto CXXV.

Onde ensinando estão despejo e siso.

Hum despejo quieto e vergonhoso.
Soneto XXXV.

Repouso na alegria comedido.

Repouso nella alegre e comedido.
Um MS.

Hum repouso gravissimo e modesto.

Soneto XXXV.

Estas as armas são com que me rende.

Esta foi a celeste formosura.

Soneto XXXV.

O soneto XXXV foi escripto ao mesmo assumpto. Vejam-se sobre o ultimo verso com que remata este soneto os sonetos XXVII, XXXVI e LXXIV.

Falla de que ou ja vida, ou morte pende.

Falla de quem a morte e vida pende.

Edição de 1598 e um MS.

SONETO LXXIX

Falla com o Amor; diz-lhe que se deixa por elle enganar aindaque conhece o engano, mesmo consente n'elle e lh'o agradece, e termina com esta exclamação reprehendendo-se a si mesmo: «O poderoso mal a que me entrego, que no meio do desengano me possa cegar um moço cego».

E mo juras nesse teu arco de ouro.

Pur mi consola che languir per lei
Meglio è che gioir d'altra; e tu mel giuri,
Per l'aurato tuo strale & io te' credo,

Petrarcha, soneto CXLII.

Sobre o viver de enganos de amor, vejam-se os sonetos I e LIII das *Rimas* do Poeta, onde se refere a estes enganos.

Nesse teu arco de ouro e eu te creo.

No teu dourado arco e eu te creo.

Edição de 1598 e um MS.

A mão tenho metida no meu seio.

A mão tenho metida no teu seio.

Edição de 1598 e o MS. de Luiz Franco.

Porém porfias tanto e m'asseguras.

E tu comtudo tanto m'asseguras.

Edição de 1598 e o MS. de Luiz Franco.

Não somente consinto neste engano.

Não consinto somente neste engano.

MS. de Luiz Franco.

Tudo o que vejo e sinto de meu dano.

Tudo o sinto e vejo de meu damno.

MS de Luiz Franco.

SONETO LXXX

Assim como o marinheiro que tendo escapado do naufragio jura nunca mais tornar a embarcar, mas esquecido do perigo passado se torna ao mar, assim foge da tormenta da vista da sua amante, jurando não tornar a vê-la para se salvar; mas por cubiça de ganhar torna aonde esteve tão perto de perder-se.

Este soneto, como o transcreve Faria e Sousa, estava em dois manuscriptos melhorado; nas edições parece se seguiu o primeiro borrador, por isso está menos limado.

Parece que Camões teve em vista n'este soneto o VII de Garcilasso:

Como acontece a quien haya escapado
Libre de la tormenta en que se vido.

e a Bernardo Capelo, poeta italiano:

Comme nochier che se perduto, e vinto
Crede, mentre dal vento, & da l'infesta
Onda............................

Os tres poetas podiam tirar o pensamento de Horacio, livro I, ode I:

Luctantem Icarii fluctibus Africum.

Este soneto em um MS. e na edição de 1598 vem muito differente nos quartetos e no ultimo terceto por esta fórma:

Como quando do mar tempestuoso
O marinheiro lasso e trabalhado,
De hum naufragio cruel ja salvo a nado,
Só ouvir fallar nelle o faz medróso.

E jura que em que veja bonançoso
O violento mar e socegado,
Não entre nelle mais, mas vai forçado
Pelo muito interesse cubiçoso.

....

Minha alma que de vós nunca se ausenta,
Dáme por preço ver-vos, faz tornar-me
Donde fugi tão perto de perder-me.

SONETO LXXXI

Differentes definições do amor e das suas contrariedades. Este soneto encontrou Faria e Sousa melhorado em um MS. com algumas differenças que mostram, na opinião do commentador, o cuidado com que Camões escrevia, e consistiam as principaes em alternar o *he* e *he um* com regularidade, o que não se encontra nas primeiras edições, e na ultima palavra do verso XIII, que nas edições vem *amizade* e no MS. vinha *conformidade*, mais propria como contraposta ás contrariedades que descreve.

He solitario andar por entre a gente.

He hum andar solitario entre a gente.
Edição de 1598 e um MS.

He hum não contentar-se de contente.

He nunca contentar-se de contente.
Edição de 1598 e um MS.

He hum estar-se preso por vontade.

He querer estar preso por vontade.
Edição de 1598 e um MS.

He hum ter com quem nos mata lealdade.

He ter com quem nos mata lealdade.
Edição de 1598 e um MS.

Nos mortaes corações conformidade.

Nos corações humanos amizade.
Edição de 1598 e um MS.

Sendo assi tão contrario o mesmo amor?

Se tão contrario asi he o mesmo amor?
Edição de 1598 e um MS.

Como vem n'este MS. vem tambem nas primeiras edições e na de João Franco Barreto de 1666.

SONETO LXXXII

Protestos de amor á sua amante e de resignação no soffrimento; se quer matar a quem a ama, que mate o mundo, mas comece n'elle, pois tudo a ama; elle a adora quanto deve e quanto póde.

Quem della estará livre? Quem isento?

Quem della estará livre ou quem isento?
Edição de 1598 e um MS.

No instante em que vos vê não obdece?

Em ver-vos se não rende e obdece?
Edição de 1598 e um MS.

Qual mor gloria na vida ja se offerece
Que a de occupar-se em vós o pensamento?
Não só todo rigor, todo tormento,
Com ver-vos não magoa, mas se esquece.

Que mor gloria na vida se offerece
Que ocupar em vós o pensamento,
Toda a pena cruel, todo o tormento
Em ver-vos se não sente, mas esquece.
Edição de 1598 e um MS.

Porem se heis de matar a quem amando
Ser vosso de amor tanto só pertende.

Mas se merece pena quem amando
Contino vos está, se vos offende.
Edição de 1598 e um MS.

Pois bem claro se mostra, e bem se entende
Amar-vos quanto devo e quanto posso.

Que claro se conhece e bem se entende
Em amar-vos quanto devo e quanto posso.

Um MS.

Julga Faria e Sousa que no ultimo verso se trocou por *ou* a conjuncção *e*.

SONETO LXXXIII

Este soneto diz Faria e Sousa que foi feito á morte da infanta D. Maria, filha d'El-Rei D. Manuel, fallecida no anno de 1578, e assim seria das ultimas producções de Camões. Esta princeza falleceu de idade de cincoenta e sete annos, e assim não a colheria a morte amanhecendo, mas antes anoitecendo. Poderia o soneto ter sido escripto á morte da infanta D. Maria (acontecida no anno de 1545) filha d'El-Rei D. João III e mulher de Filippe de Hespanha, que morreu de dezoito annos na aurora da vida. Em um MS. encontrou Faria e Sousa este soneto com este titulo: «*A D. Maria de Tavora, filha de Luiz Alvares de Tavora*»; em outro o encontrei debaixo do nome da mesma senhora.

O primeiro verso do segundo terceto

Na côrte que ficou? saudade brava,

me inclina a pensar que foi feito a uma dama do paço, talvez companheira ou amiga da sua D. Catharina de Athaide, e provavelmente foi escripto depois da morte d'ella, porque aliás não diria que não ficava mais nada para ver na côrte.

Que levas, cruel morte? Hum claro dia.

Que levas ó crua morte? Hum claro dia.

MS. de Luiz Franco.

E entendes o que levas? Não o entendo.

Entendes o que levas? Não o entendo.

Em varios MSS.

Seu corpo quem o gosa? A terra fria.

Tal corpo onde ficou? Na terra fria.

MS. de Luiz Franco.

Como ficou sua luz? Anoitecendo.

Como fica sua luz? Anoitecendo.

MS. de Luiz Franco e outro.

Que diz? Não mereci a grão Maria.

Emfim não mereci Dona Maria.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outros.

Mataste a quem a vio? Ja morto estava.

Mataste ho quem a vio? Ja morto estava.

Um MS.

Que discorre o amor? Fallar não ousa.

Que diz o cru amor? Fallar não ousa.

Edição de 1598, MS. do Luiz Franco e outro.

Qũe diz o cruel amor? Fallar não ousa.

Outro MS.

Que gloria lhe faltou? Esta beldade.

Mas fica que chorar sua beldade.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outros.

E fica que chorar? Sua beldade.

Outro MS.

Em differentes MSS. este soneto traz este titulo: *«Á morte de D. Maria»*.

SONETO LXXXIV

Longe da amante se está enlevando com a contemplação da belleza d'ella; pinta na sua imaginação o seu doce olhar, os cabellos desparzidos e o honesto riso. Se tanta gloria lhe vem em empregar o seu pensamento n'ella estando ausente, o que seria se a podesse ver.

Agora sobre as rosas esparzidos.

Agora sobre as rosas estendidos.

Edição de 1598 e um MS.

Fazeis que a sua graça se acrescente.

Fazeis que sua belleza se acrescente.

Edição de 1598 e um MS.

Em mil divinos raios incendidos.

Em mil divinos raios escondidos.

Um MS.

Se de cá me levais a alma e sentidos.

Se de cá me levais alma e sentidos.

Edição de 1598.

Que fôra se eu de vós não fôra ausente.

Que fôra se de vós não fôra ausente.

Edição de 1598 e um MS.

De perlas e coraes nasce e apparece.

De perlas e coraes nasce e parece.

Edição de 1598 e um MS.

Oh quem seus doces echos ja lhe ouvisse.

Se n'alma em doces echos não o ouvisse.

Edição de 1598 e um MS.

De si com nova gloria alma se esquece.

De si em nova gloria alma se esquece.

Edição de 1598 e um MS.

SONETO LXXXV

Outr'ora feliz com os seus amores, agora vive magoado pela mudança que experimenta:

Em quanto me enganou huma esperança.

Em quanto m'enganava huma esperança.

Edição de 1598 e um MS.

Quem ja se vio com gostos prosperado.

Quem ja se vio contente e prosperadó.

Edição de 1598 e um MS.

Vendo-se brevemente em pena tanta.

Vendo-se em breve tempo em pena tanta.

Edição de 1598 e um MS.

Mas quem ja tem o mundo experimentado.

Porém quem tem o mundo experimentado.

Edição de 1598 e um MS.

Petrarcha começa o soneto CCCI do mesmo modo:

Fu forse un tempo dolce cosa Amore.

Como o soneto de Petrarcha foi escripto depois da morte de Laura, julga Faria e Sousa que fosse escripto talvez tambem este soneto depois da morte de D. Catharina de Athaide.

SONETO LXXXVI

Este soneto, como no mesmo se declara, é feito a D. João Coutinho, segundo conde de Redondo, capitão de Arzilla, filho de D. Vasco Coutinho, conde de Borba e capitão da mesma praça. Floreceu no tempo de D. João III, e foi muito valeroso e estremado cavalleiro, mui discreto cortezão e de ditos mui graciosos; eu vi uma collecção d'estes.

Dos antiguos illustres que deixarão.

Dos illustres antigos que deixarão.

Edição de 1598 e um MS.

Hum nome digno de immortal gloria.

Tal nome qu'igualou fama á memoria.

Edição de 1598 e um MS.

Se com suas acções se cotejarão.

Se se com cousas destes cotejarão.

Edição de 1598 e um MS.

Estatuas mereceo no heroico Templo.

Estatuas levantando no seu Templo.

Um MS.

Clarissimo D. João com melhor nome.

Illustre D. João com melhor nome.

Edição de 1598 e um MS.

Dos feitos em que mais se aventajarão.

Dos feitos em que mais se assignalarão.

Edição de 1598 e um MS.

Seguindo cada qual varios caminhos.

Seguindo cada hum varios caminhos.

Um MS.

Na edição de 1598, do mesmo modo que n'este MS.

SONETO LXXXVII

Descreve como em resultado da conversação familiar de uma dama se gerou entre ambos amor, e depois experimentou os desfavores da mesma senhora que ama. Julga Faria e Sousa que este soneto fosse feito a uma parente ou á escrava, porém não lhe acho rasão; devia ter sido feito á mesma D. Catharina de Athaide. A esta conversação domestica se refere Camões em alguns logares das suas poesias:

Conversação foi fonte deste engano,
Que por meu dano entrou com falsa cor.

Egloga III.

Conversação domestica e danosa
Na livre formosura e tenra idade,
Em ambos acendeo chama amorosa.

Egloga XI.

Veja-se tambem a canção X, estancia XII; egloga V, estancia XXVII.

Ora em forma de limpa e sãa vontade.

Ora em forma de boa e sãa vontade.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Sem olhar qualidade de pessoa.

Sem buscar qualidade de pessoa.

MS. de Luiz Franco.

Presume Faria e Sousa que a este assumpto foram tambem escriptos os sonetos XCI e CCXI.

SONETO LXXXVIII

Pretende Faria e Sousa que foi escripto este soneto a D. Henrique de Menezes o Roxo, setimo governador da India, filho natural de D. Fernando de Menezes, e com alguma rasão; e para provar isto traz as duas estancias LIV e LV do canto X

dos *Lusiadas*, nas quaes o celebra attribuindo-lhe os mesmos predicados. No MS. de Luiz Franco vem com este titulo: «*A morte de D. Henrique de Menezes, governador da India*»: se foi escripto á morte do governador, não podia ser por Camões, porque esta succedeu em janeiro de 1526, tendo o Poeta pouco mais de um anno, salvo se elle em poesia tinha o mesmo privilegio de Hercules nas armas, de fazer versos no berço. Devia ser escripto sobre a sepultura, como o é tambem o soneto a D. João III, e o de D. Fernando de Castro.

Jazem debaxo desta sepultura.

D. Henrique de Menezes foi mui esforçado e prudente cavalleiro; por isso El-Rei D. João III lhe confiou o governo da India na idade de vinte e sete annos. Camões nos *Lusiadas* lhe faz o maior elogio que se póde fazer a um homem, o vencer os sete peccados mortaes.

Outro Menezes logo, cuja idade
He maior na prudencia que nos annos,
Governará: e fará o ditoso Henrique
Que perpetua memoria delle fique.

Não vencerá sómente os Malabares
Destruindo Panane com Coulete.
....
Mas com virtudes, certo, singulares
Vence os imigos da alma todos sete:
Da cubiça triumfa e incontinencia;
Que em tal idade he suma de excellencia.

Lusiadas, canto x, estancias LIV e LV.

E não em peito timido encerrados.

E não em peito tumido encerrados.

MS. do Luiz Franco.

Visivelmente se deve emendar para *tumidos* como está no MS.

Gentileza de membros corporaes.

Commentando este verso, cita Faria e Sousa uma anecdota engraçada do governador. Um cavalleiro da India, um tanto disforme de corpo e presumido de seus merecimentos, queixoso de que D. Henrique lhe demorava o despacho ás suas pretensões, julgando vingar-se aproveitou a occasião de estar presente D. Henrique, e começou dizendo que elle era mais do que elle e mais apto para os logares que elle exercia. D. Henrique com semblante mui socegado lhe tornou: «Confesso, senhor, que sois mais nobre que eu; que sois mais cavalleiro; que sois mais soldado; que haveis servido melhor; que mereceis melhor este cargo que El-Rei me confiou; mas pois vos concedo tantas cousas, ao menos haveis de me conceder uma só, que não sois tão galante homem como eu». Os assistentes desataram em riso, e o fidalgo ficou corrido.

Obra por certo da celeste altura.

Obra por certo rara da natura.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Estas virtudes raras e outras mais.

Estas virtudes todas e outras mais.

MS. do Luiz Franco.

SONETO LXXXIX

Nunca o destino permittiu que se mudasse a sua sorte adversa; mudou de terra, peregrinou, passou o mar para procurar ventura, mas n'esta sua cansada vida o céu lhe mostrou que não nasceu para elle a ventura. A esta sua peregrinação allude na canção x.

Agora peregrino, vago, errante,
Vendo nações, lingoages, e costumes.
Ceos varios, qualidades differentes,
Só por fugir com passos diligentes
A ti Fortuna injusta................

Ao mesmo assumpto são escriptos os dois sonetos XLVI e XLVIII.

SONETO XC

Descreve a formosura da sua amante, e os effeitos póde vê-los traduzidos nas penas que lhe faz experimentar. Este soneto em o ultimo MS. das poesias de Camões que Faria e Sousa encontrou, vinha em nome de D. Manuel de Portugal, mas na opinião do mesmo commentador era engano manifesto.

Donde Amor a ninguem quiz ter respeito.

De que amor a ninguem quiz ter respeito.
Edição de 1598 e um MS.

Por muito que de Amor vos isentais.

Por mais que de Amor vos isentais.
Edição de 1598 e um MS.

SONETO XCI

Ferido de ciumes da amante, declara que o mesmo defeito no objecto amado não póde diminuir o amor, que pelo contrario se acrescenta, porquanto elle vive d'estas contrariedades. Parece a este mesmo assumpto ser escripto o soneto LXXXVII.

Se de Amor os domesticos venenos.

S'inda d'amor domesticos venenos.
Edição de 1598 e o MS. de Luiz Franco.

E não presuma alguem que algum defeito.

E não cuide ninguem que algum defeito.
Edição de 1598 e um MS.

E não cuide alguem que algum defeito.
MS. de Luiz Franco.

Pouco a pouco desculpa o brando peito.

Pouco e pouco o desculpa o brando peito.
MS. de Luiz Franco.

SONETO XCII

Que poderá já querer do mundo se n'elle não encontrou senão desgosto e desfavor, e para cumulo de desventura perdeu o objecto que lhe fazia arrostar e perder o medo a tantos infortunios, isto é, a sua amante.

Pois no mesmo em que puz tamanho amor.

Pois naquillo em que puz tamanho amor.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Não vi senão desgosto e desfavor.

Não vi senão desgosto e desamor.

MS. de Luiz Franco.

Não vi senão desgosto e pouco amor.

Um MS.

E morte emfim que mais não pode ser.

E morte em fim que mais não póde ver.

MS. de Luiz Franco.

Pois me não farta a vida de viver.

Pois vida me não farta de viver.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Se ouver cousa que magoa dê maior.

Se cousa ha hi que magoa dê maior.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Eu a verei, que tudo posso ver.

Eu averei por bem que póde ser.

MS. de Luiz Franco.

O que a perder o medo me ensinou.

Do mesmo modo se expressa na canção VI, estancia V.

Quem tem que perder possa,
Se pode recear;
Mas triste quem não pode ja perder.

Na morte a grande dor que me ficou.

Este verso é muito parecido com este do soneto XIX, feito tambem á morte de D. Catharina de Athaide:

Alguma cousa a dor que me ficou.

SONETO XCIII

No meio das suas tristezas falla com os seus pensamentos; diz-lhes se o trazem enleado apresentando-lhe um futuro mais contente o não enganem, porque se andam para lh'o negar e levantadas contra elle, elle mesmo as ajudará a mata-lo; parece este soneto ser escripto sendo assaltado do pensamento de novos amores, depois da perda da amante.

De ter a quem vos têe tão descontente.

De terdes quem vos têm tão descontente.

MS. de Luiz Franco.

Cad'hora ante os meus olhos me mostrais.

Cada dia ante os olhos me mostrais.

MS. de Luiz Franco.

Com huns sonhos tão vãos inda tentais.

Com sombras e com sonhos atentais.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Não me negueis se andais para negar-me.

Não me negueis se andais para enganar-me.

MS. de Luiz Franco.

Porque se contra mim estais levantados.

Que se andais contra mim levantados.

MS. de Luiz Franco.

Que se contra mim estais alevantados.

Um MS.

Eu vos ajudarei mesmo a matar-me.

Eu mesmo vos ajudarei a tormentar-me.

MS. de Luiz Franco.

SONETO XCIV

Desculpa-se perante a sua dama de um erro em que caíu o pensamento, resignando-se a soffrer toda a pena que o amor lhe imponha.

Se tomo a minha pena em penitencia.

Se tomar a minha pena em penitencia.

Edição de 1598 e um MS.

Do error em que cahio o pensamento.

Do peccado em que cahio o pensamento.

MS. de Luiz Franco.

Não abrando, mas dobro meu tormento.

Não abranda, mas dobra meu tormento.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Que a tanto e mais obriga a paciencia.

A isso e mais se obriga a paciencia.

MS. de Luiz Franco.

A isto e mais obriga a paciencia.

Edição de 1598.

Mas se dé qualquer aspera mudança.

E se de qualquer àspera esquivança.

MS. de Luiz Franco.

E se de qualquer aspera mudança.

Um MS.

Como eu vejo no mal quê me condena.

Como eu vi bem no mal que me condena.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Será forçado (pois amor m'obriga).

Será forçado, pois a morte m'obriga.

Um MS.

Que eu só da culpa vossa pague a pena.

Que eu só de vossa culpa pague a pena.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

SONETO XCV

Ao celebre e conhecido acontecimento da morte de Lucrecia; provavelmente deu assumpto a este soneto algum quadro que representava este tragico successo. Faria e Sousa, commentando este soneto, faz um longo discurso discutindo se Lucrecia devia ou não matar-se.

Oh! ousadia estranha! estranho feito!

Ó estranha ousadia! estranho feito.

Um MS.

Estrânha ousadia, estranho feito.

Edição de 1598.

Que dando breve morte ao corpo humano.

Que dando morte ao corpo humano.

Um MS.

SONETO XCVI

Ao conhecido assumpto da morte de Dido narrâdo no canto IV da *Eneida* por Virgilio. Faria e Sousa, commentando este soneto, refuta, e com algum espirito, a Virgilio, e mesmo o nosso Poeta, por o seguir n'esta fabula.

Que Eneas lhe deixára por memoria.

Que lhe Eneas deixára por memoria.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Diz, e com alguma rasão, Faria e Sousa que Eneas não lhe deixava os vestidos por memoria, mas para dissimular a sua infame fuga.

Doces despojos da passada gloria.

Camões traduziu *dulces exuviæ* de Virgilio; porém com rasão continua Faria e Sousa, dizendo que não sabe como podiam ser doces taes despojos deixados por tal motivo e olhados por tal memoria, por mais que o diga a grandeza de Virgi-

lio, e o treslade e siga a do seu Poeta. E não satisfaz a interpretação do seguinte verso

Doces em quanto o seu fado o consentia,

porque a significação litteral do vocábulo *despojos* é aquillo que nos fica do que foi e já não é, e assim estes despojos não podiam ser doces á rainha Dido, de sorte que melhor usou Camões no soneto XVIII

Doces lembranças da passada gloria.

porque eram memorias, das quaes costumavam gloriar-se os seus amores.

Que instrumento em fim foi da triste historia

Que o instrumento foi da triste historia.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Falando só com ella, assi dizia.

Com ella assi fallando lhe dizia.

Um MS.

Fallando assi com ella lhe dizia.

MS. de Luiz Franco.

Fermosa e nova espada, se ficaste.

Fermosa e crua espada, se ficaste.

MS. de Luiz Franco.

Nota Faria e Sousa que o nosso Poeta, introduzindo Dido a fallar com a espada com que se queria matar, em um transe tão horrivel attenda se era rica e preciosa; e por esta occasião refere um caso de um portuguez que saia a padecer pena ultima, ao qual dando-lhe, como é costume n'essas occasiões, doces e vinho para o restaurar, este ao pôr á bôca o vinho assoprou a espuma, e perguntado por que o fazia, respondeu: porque a espuma era nociva á saude.

Só porque executasses os enganos.

Pera em mim executar os asperos enganos.

MS. de Luiz Franco.

Só pera executares os enganos.

Edição de 1598 e um MS.

Termina Faria e Sousa o commentario a este soneto criticando Camões (agora entramos en riña yo y mi Poeta) por se accommodar em seguir a maldade de Virgilio, que infamou a memoria de uma das mais castas mulheres que celebra a fama; erro tão grave que só por elle, como diz Santo Agostinho, podera Virgilio arder no inferno. Apresenta o bem conhecido anachronismo d'este episodio da *Eneida*, e mostra quanto em desharmonia está este feito atroz, impio, injusto e traiçoeiro com o caracter pio que ao heroe da *Eneida* dá o poeta romano. Não é aqui o logar de debater este ponto, porém apesar d'estas considerações, em parte justas, sempre leremos com particular prazer este bello episodio do poeta de Mantua. Adverte por fim Faria e Sousa a circumstancia, aliás sabida de todos, de ter Ovidio, sendo contemporaneo de Virgilio, escripto a sua epistola de Dido para Eneas, aproveitando-se da mesma fabula. Não sabe porém o commentador decidir qual dos dois poetas foi o primeiro em escrever aquella infamia contra a

honra d'aquella heroina. A decisão é facil, porquanto Ovidio tinha vinte e cinco annos quando falleceu Virgilio; e as suas obras foram publicadas depois da morte do auctor da *Eneida*. Fallando dos auctores que escreveram sobre este assumpto não podemos deixar de fazer menção do celebre auctor moderno o nosso Garção, que escreveu a sua tão celebrada cantata á morte de Dido.

SONETO XCVII

Quão caro lhe custa entender o amor; julgava que tinha sufficiente experiencia para o conhecer, mas agora vê que o senhoreava de maneira que o obriga a amar a quem lhe dá tão pouca occasião para a amar.

Donde em ti odio e ira se converte.

Onde em ti odio e vida se converte.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Mas na alma vejo agora acrescentar-te.

Se agora vejo n'alma accrescentar-te.

MS. de Luiz Franco.

SONETO XCVIII

Se depois de esperança tão perdida amor lhe consentisse alguma hora de alegria, vinha tarde, porque com o contentamento lhe tirou o gosto de alguma hora ser contente e feliz como n'outro tempo.

Se depois de esperança tão perdida.

Do mesmo modo começa o soneto XXV:

Se quando vos perdi minha esperança.

Amor por causa alguma consentisse.

Amor pola ventura consentisse.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Quando a sorte mais alto me subisse.

Por mais alto que a sorte me subisse.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

Nem tão sómente o amor me não mostrou.

Não tão sómente amor me não mostrou.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco e outro.

SONETO XCIX

Em uma manhã deliciosa Nise, que se aparta do amante, pondo os olhos no céu banhada em lagrimas, apostropha o sol e a aurora que nasce serena, dizendo-lhes: que poderão alegrar qualquer descontente menos a ella, que na vida não póde jamais ter contentamento. Diz Faria e Sousa que se estes sonetos se houvessem pôr por ordem, deveria este estar junto ao LIII. No MS. de Luiz Franco traz este titulo: «*De Nise que se partia de Montano*».

O raio cristalino se estendia.

O raio de ouro fino se estendia.
MS. de Luiz Franco.

Dos olhos com que o sol escurecia.

Dos olhos com que as almas acendia.
MS. de Luiz Franco.

Levando a luz em lagrimas banhada.

Partindo toda em lagrimas banhada.
MS. de Luiz Franco.

Levando a vista em lagrimas banhada.
Edição de 1598.

De si, do Fado e tempo magoada.

Do ceo, de si e do tempo magoada.
MS. de Luiz Franco.

Nasce sereno sol, puro e luzente.

Nasce sereno sol, alegre e ardente.
MS. de Luiz Franco.

Resplandece purpurea e branca aurora.

Esclarece fermosa e roxa aurora.
MS. de Luiz Franco.

Resplandece fermosa e roxa aurora.
Edição de 1598 e um MS.

SONETO C

Este soneto, mal interpretado ou antes mal lido, porque não carece de interpretação, deu logar a julgarem que Camões o attribuia a si fazendo em vida o seu epitaphio; como se Camões que morreu na cama podesse dizer de si que morrêra afogado na costa da Arabia, e de vinte e cinco annos de idade. Faria e Sousa, que critica os que tão mal o entenderam, nos diz que poderia ser feito ao soldado Ruy Dias, natural de Alemquer, que Affonso de Albuquerque mandou enforcar pelo encontrar com a escrava. O seu amigo João Lopes Leitão morreu no mar, porém me parece que era natural de Pedrogão, d'onde é esta familia, e postoque deveria ser moço, porque era pagem da lança do principe D. João, pae de el-rei D. Sebastião, talvez não seja elle o assumpto d'este soneto.

.... mas ar corruto,
Que neste meu terreno vaso tinha.

Mas inficion de ayre en solo un dia
Me quito al mundo, e me ha en ti sepultado
Parthenope; tan lexos de mi tierra.
Garcilasso, Soneto XVI.

Me fez manjar de peixes em ti bruto,
Mar, que bates a Abasia fera e avara.

Onde sejas de peixes mantimento.
Lusiadas, Canto IV, estancia XC.

Et non æquoreis piscibus esse cibum.
Ovidio, Trist., liv. I, elegia II.

Lasciando il corpo e sangue in cibo al pesce.
Torquato Tasso, G. Conq , liv. XVIII, estancia XC.

Mas aquillo que, em fim, não dá ventura.

Mas aquillo qu'emfim não quer ventura.
Edição de 1598 e um MS.

Não o dão os trabalhos arriscados.

Não o alcanção trabalhos arriscados.
Edição de 1598 e um MS.

Que neste meu terreno vaso tinha.

Que neste meu terreno peito tinha.
Um MS

SONETO CI

Traducção do primeiro soneto de Petrarcha

Voi ch'ascoltate in rime sparse il suono,

e diz Faria e Sousa que é preposição da segunda centuria.

Os que n'estas rimas escutarem o som dos suspiros que o alentavam na juvenil idade, saibam todos que busca piedade e não perdão, e sirva o seu tormento a todos de exemplo, que tudo quanto é gosto n'esta vida é breve sonho. Juntarei aqui o soneto de Petrarcha para que se veja como Camões luta de igual para igual com o poeta italiano, direi antes, o melhora na traducção.

Voi ch'ascoltate in rime sparse il suono
Di quei sospiri ond'io nudriva il core
In sul mio primo giovenil errore,
Quond'era in parte altr'huom da quel ch'i sono;

Del vario stile in ch'io piango e ragiono,
Fra le vane sperance, e'l van dolore,
Ove'sia chi per prova intenda amore,
Spero trovar pietà non che perdono.

Ma ben vegg'hor, si come al popol tutto
Favola fui gran tempo, onde sovente
Di me medesmo meco mi vergogno:

E del mio vaneggiar vergogna e'l fruto
E'l pentir-se, e'l conoscer chiaramente
Che quanto piace al mondo é breve sogno.

No original, como advertem os annotadores de Petrarcha, nos primeiros oito versos a oração está imperfeita pela falta do verbo que o nosso Poeta addicionou na sua traducção. Alem d'isto acho muito mais valentia no ultimo terceto da traducção.

SONETO CII

De amor trata, de amor vive; mas de tanto amor só pena alcança. Este soneto encontrou Faria e Sousa em um manuscripto em nome de Luiz Alvares Pereira,

auctor da *Elegiada*, o qual Faria e Sousa trata de poeta pouco feliz e ousado, por se atrever a escrever o seu poema na presença de Luiz de Camões, e o mesmo lisonjeiro comprimento faz a Jeronymo Côrte Real. Pelo ultimo verso parece ser escripto ausente da amante, talvez na India.

SONETO CIII

Se Petrarcha celebrou em seus versos a sua Laura tornando-a immortal, a sua Natercia, que nasceu no céu e baixou á terra para emendar os vicios do mundo, só póde ser dignamente celebrada por uma penna angelica. Vejam-se as estancias x e xi da ode vi:

E que toda a Toscana poesia,
Que mais Phebo restaura
Em Beatriz, nem Laura nunca via.

SONETO CIV

Roga á sua dama, cuja belleza encarece, use para com elle de compaixão, e abandone o rigor tão improprio de uma tão divina formosura.

Aponta o commentador varios logares das poesias do Poeta, em que lhe faz igual rogativa e são estes o soneto xxvi; canção v, estancia iii; elegia vi, estancia x; elegia viii, estancia i; oitava vii, estancia lxii; egloga ii, estancia vii; egloga iv, estancia ix; egloga vii, estancia xviii; voltas lxvi.

Que o ser ao aureo sol estão tirando.

Que o ser ao claro sol estão tirando.
Edição de 1668

Esse ar immenso, adonde naufragando.

Esse ar tão peregrino em que cuidando.
Edição de 1668.

Essa divina graça, que em fallando.

Essa fermosa graça, que em fallando.
Edição de 1668.

A divindade em terra, tão subida.

Essa beldade em terra, tão subida.
Edição de 1668

Mostrem ja piedade, e não crueza.

Amostre piedade e não crueza.
Edição de 1668.

Sendo em mi soffrimento, em vós dureza.

Em mim soffrimento, em vós dureza.
Edição de 1668.

SONETO CV

Como podia julgar que tanto amor fosse recompensado com indifferença ou inconstancia e chegasse a ser aborrecido, abandonando-o por outro; mas esse mesmo pouco amor que lhe mostra, fará que mais lhe queira.

D'esta preferencia que a dama parecia dar a outro, se queixa nos sonetos XIV e LXX do canto I, egloga IV, estancias VIII, X, XII, XVI, XX e XXIV.

Que huma tal fé pudesse assi perder-vos.

Que com tal fée podia assi perder-vos.
Edição de 1668.

Se por amar-vos chego a aborrecer-vos
Deixar não posso o amar-vos algum'hora.

E vir eu por amor a aborrecer-vos
Que heide fazer sem vós sómente hum'hora.
Edição de 1668.

Deixais a quem vos ama, ou vos adora,
Por vêr a quem quiçá não sabe vêr-vos?
Mas eu sou quem não soube merecer-vos,
E esta minha ignorancia entendo agora.

Deixastes quem vos ama, e vos adora,
Tomastes quem quiçá não sabe ver-vos,
Eu fui o que não soube merecer-vos.
E tudo entendo, e choro triste agora.
Edição de 1668.

Esta, em quanto eu viver, vereis inteira:
E se em vão meu querer vos persuade,
Mais vosso não querer faz que vos queira.

Em mim vivirá ella sempre inteira,
E se para perder ja a vida he tarde,
A morte não fará que vos não queira.
Edição de 1668.

SONETO CVI

Ninguem póde dignamente louvar a sua dama, porque ella só com o céu se póde comparar.

Nos tercetos encarece a estimação de uma prenda que lhe deu a sua amante: o soneto XLII é feito a uma fita que apertou os cabellos da dita dama. Os quartetos não ligam bem com os tercetos.

Este soneto é quasi o mesmo que o CCCI. A lição d'este é a da edição de 1685, e a do outro, da de 1668.

SONETO CVII

É uma imitação ou quási traducção do soneto XI de Garcilasso:

Hermosas ninfas, que en el rio metidas.

Pede ás Tagides que saiam a escutar as suas queixas compadecendo-se d'ellas.

Pela invocação ás nymphas do Tejo, e pelo ultimo verso se vê que foi feito em uma das suas viagens.

Que com penas de amor me vai seguindo.

Das télas de ouro puro matizadas.

As télas de ouro fino e que o cantassem.
Lusiadas, Canto V, estancia XCIX.

Agora esteis de amores inflammadas.

Agora estaes de amores inflamadas.
Edição de 1668.

SONETO CVIII

Estando de partida para a India: é o soneto XXVII nas *Flores do Lima*, de Diogo Bernardes, onde vem quasi o mesmo; o primeiro verso do primeiro terceto faz differença:

Ordenou o meu fado desejoso.

É este um dos que se dizem usurpados, e a rasão que dá Faria e Sousa me convence de alguma maneira.

Despede-se da sua patria que não sabe quando tornará a ver, e d'onde se arranca maguado para ir saudoso encher outros ares com seus suspiros, e turvar outras aguas com o seu pranto.

Diz Faria e Sousa ser feito em Lisboa na sua partida para a India, porém eu me persuado que fosse antes escripto estando o Poeta em parte mais alta do Tejo, pela descripção do primeiro quarteto, e por consequencia em vesperas de ir para Ceuta, pois julgo que veiu d'ali para Africa. Na verdade este soneto dá toda a desconfiança de ter sido usurpado por Bernardes. N'elle se suspira pelas aguas do Tejo, e nas poesias escriptas por este no captiveiro de Africa, é pelo Lima, sua patria, que suspira, nem é natural que dirigindo-se á sua amante e compatricia, a sua Sylvia, que dissesse suspirasse por outro sitio que ella não habitasse; certamente não seria uma delicadeza para com a dama que galanteava. Duas viagens sómente nos consta que fizesse Diogo Bernardes; a primeira acompanhando Pedro de Alcaçova Carneiro a Madrid na sua embaixada, e a segunda á infeliz batalha de Alcacer-Quibir; ora o final do soneto dá a entender que o seu auctor se retirava e ia viver mui distante de Lisboa e por largo espaço em outro clima e sem esperança da volta, o que certamente se não póde attribuir áquellas duas jornadas, a primeira que devia concluir-se em dias, preenchido o fim da missão, e a segunda com a victoria ou a derrota. Acresce ainda uma rasão mui forte. Bernardes, poeta cortezão, pisando as esteiras do paço, com officio na côrte junto ao joven soberano, não se atreveria a mostrar-se pezaroso da partida

Partida que me vai custando tanto,

e deveria fazer coro com os que lisonjeavam o soberano; e postoque se não reputasse apto para emprezas militares, não teria remedio senão, como diz o ditado ordinario, *fazer das tripas coração.*

SONETO CIX

Queixa-se o Poeta dos enganos de amor; tantos ais e lagrimas perdidas è sufficiente para desengano. Para tornar a acreditar n'estes enganos era necessario outro coração e uns olhos menos aggravados.

É este tambem um dos sonetos de Bernardes; porém diz Faria e Sousa que é de Camões por constar de bons originaes. Ao mesmo assumpto escreveu os sonetos XCIII e XCVIII.

Para tornar a crêr o que eu vos cria.

Para tornar a crer o que eu não cria.
Edição de 1668.

O que se diz dos bem acutilados.

De bien acuchilado a ser maestro.
Garcilasso, Egloga II.

SONETO CX

É nas rimas de Bernardes o soneto LXXIII. Onde quer que vá o acompanha sempre a causa do seu tormento, e apesar do desengano, de dia em dia, de anno em anno corre após um nada que nunca vê. Na verdade, não só pelo tom geral do soneto, mas por especialidades me parece pertencer a Camões:

> *A qual parte me irei co'o pensamento*
> *Que para descansar parte me seja.*

Tem similhança com estes versos da canção IX do mesmo Camões:

> Não tinha parte donde se deitasse,
> Nem esperança alguma onde a cabeça
> Hum pouco reclinasse por descanso.

> *E vou de dia em dia, de anno em anno.*

> Oh como se me alonga de anno em anno.
>
> Soneto XLVIII.

Este soneto é differente no segundo quarteto e nos tercetos na edição de 1668. Nos tercetos a rima está trocada.

> Engana-se quem busca ou quem deseja
> Em vão a mor firmeza no contento,
> Que todo o seu prazer he nevoa ao vento,
> Onde sempre o bem falta, e o mal sobeja.
>
> Anda minha alma cega, anda enganada,
> A luz não busco nem me desengano,
> Nem curo de rasão, busco o desejo:
>
> Apoz hum não sei que, apoz hum nada,
> Onde he certo o perigo, e certo o dano
> Que quanto mais me chego, menos vejo.
>
> Edição de 1668.

A lição d'esta edição é a mesma da de 1685.

SONETO CXI

É o soneto XXIX nas rimas de Bernardes: ausentando-se da sua dama e ao chegar a Coimbra, falla em uma jornada que não sei combinar qual fosse. Parece que o Poeta ao avistar as aguas do Mondego se lhe redobram as saudades pela amante que deixou em Lisboa, e por estes sitios que lhe trazem á memoria os prazeres ali antigamente gosados. Esta jornada poderia ser a de Africa, e o motivo da vinda a Coimbra o despedir-se de parentes seus que viviam n'esta cidade.

SONETO CXII

Entre os sonetos de Bernardes é este o LXXIX; em um manuscripto o encontrou Faria e Sousa, em nome do conde de Vimioso, e n'outro sem nome de auctor. Admira-se o commentador de que Diogo Bernardes o colleccionasse entre os seus, não tendo elle cabedal, não só para escreve-lo como ainda para entende-lo.

Entre tantas contrariedades de amor, por que rasão nascendo livre se deixa captivar? Alenta-se com a esperança, e quer a vida para soffrer os seus damnos.

E se vivo, que acuso mortaes danos?
Pois me não farta a vida de viver,
Pois ja sei que não mata grande dor.

Soneto XCII.

E pois o quero ser, porque o não quero.

E pois o quero ser, como não quero.

Edição de 1668.

Como me engano mais com desenganos.

Porque me engano mais com desenganos.

Edição de 1668.

E se inda espero mais, porque não vivo?
E se vivo, que accuso mortaes danos?

E se ainda espero mais como não vivo.
Esperando algum bem de outros danos.

Edição de 1668.

SONETO CXIII

É o soneto XX entre os de Bernardes. Descreve a crueldade da sua amante que em vão busca desculpar, e remata declarando que todos culpam, a ella porque mata a quem lhe quer tanto; e a elle por querer tanto a quem o mata.

Se alguma Hyrcana fera vos deo leite.

D'esta comparação despeitosa da amante com uma fera hyrcana usou o Poeta muitas vezes. Ode III, estancia XIV; oitava IV, estancia VIII; egloga IV, estancia XII; egloga V, estancia VII; egloga VII, estancia XXVI; egloga IX, estancia XIII.

SONETO CXIV

É o soneto LXI nas *Flores do Lima* de Diogo Bernardes. O assumpto d'este soneto é como vive contra a ordem natural, tendo por contrarios, alem do amor e da fortuna, os elementos.

Fogo, Fortuna, Amor, Ar, Terra e Agoa.

Amor, Fortuna, Ar, Fogo e Agoa.

Edição de 1668.

SONETO CXV

Citando exemplos de cousas as mais contrapostas e impossiveis, termina dizendo que ainda é mais impossivel encontrar amor na crueldade de sua dama.

SONETO CXVI

Na ausencia rigorosa a que é condemnado, vae nas azas do amor o espirito busca-la, e prostrado perante a sua imagem a reconhece por senhora, pedindo-lhe ponha os olhos n'elle, e dar-lhe-ha com isso mais do que merece. Devia ser escripto na India e ao mesmo assumpto da ode VI.

Diz Faria e Sousa que encontrára este soneto em um manuscripto; estava em nome de Fernando Rodrigues Lobo Surrupita.

SONETO CXVII

Falta-lhe o engenho e arte para louvar a sua dama, que é divina, por isso não póde dignamente ser por elle exaltada, e assim não é culpa sua, mas dos seus celestes resplandores.

Este encarecimento de lhe faltar o talento para descrever condignamente as perfeições da amante, as tintas para retratar a sua belleza, repete o Poeta muitas vezes n'estas rimas. Os dois tercetos do soneto XVII são escriptos ao mesmo assumpto: o primeiro quarteto d'este tem igualmente analogia com o segundo do soneto CIII, e o primeiro do CVI.

SONETO CXVIII

Este soneto é traducção de outro castelhano que encontrei em um manuscripto sem nome de auctor, ou o castelhano é traducção d'este; ambos têem os mesmos consoantes. O castelhano começa:

No lleves Juana al rio tu ganado.

Adverte a Nise não vá ao monte, porque amor jurou atravessar-lhe o peito por lhe ter roubado os melhores farpões da sua aljava; mas debalde lhe faz esta advertencia, porque em a vendo se renderá o furioso. Este soneto devia ser feito depois do vigesimo, pois n'este se conta do roubo que uma dama, com o anagramma de Nise, fez a Cupido das suas frechas. Aqui a dama muda de nome, e é Sibella; esta mudança de nomes em poesias feitas á mesma pessoa se nota nos poetas, e podia dar logar a isto a necessidade de certos disfarces.

SONETO CXIX

É dirigido a uma dama chamada Violante; a mesma de que é assumpto o soneto CXIII.

A violeta mais bella lhe obedece, porque n'ella apparece o seu nome; pede á sua dama, que chama flor luminosa, que não permitta que amor lhe seja avaro, e deseja n'aquelle valle ser Enéas d'aquella Dido. Faria e Sousa, que no soneto XCVI se declarou o cavalleiro andante da rainha Dido, e por este motivo veiu ás mãos com o seu mestre, trava aqui nova peleja: «Esto viene a ser lo porque dixo al principio que aviamos de reñir yo y mi P.» Não póde o commentador levar á paciencia o falso testemunho levantado por Virgilio, e sustentado pelos poetas que se seguiram, contra a castidade da honestissima rainha de Carthago; por este motivo denuncia tambem o seu amigo Lope da Vega.

SONETO CXX

Despoje-se a sua dama de todos os ornamentos de belleza e virtude que roubou ás rosas, ás açucenas, ao Sol, ás Sereias, ás Graças, a Venus, Minerva e Diana, e ficará só comsigo, que é só ser deshumana.

Em um manuscripto sem nome de auctor encontrou Faria e Sousa um soneto castelhano que é traducção d'este, ou este d'aquelle; começa:

La blancura bolved a la azuzena.

SONETO CXXI

A umas suspeitas; ao mesmo assumpto escreveu as redondilhas III.

De mil suspeitas vãs se lhe levantam trabalhos e desgostos, que os bens de amor são como sereias que encantam docemente com o seu canto e fazem naufragar os marinheiros. Mas a culpa d'esta tormenta em que anda é sua, porque conhecendo os riscos de um amante ainda se fia nas ondas de amor.

SONETO CXXII

Não busca nem com a ausencia, nem com outro remedio mitigar a sua dor. O ultimo verso

Assim quereis que seja? seja assi,

nota Faria e Sousa que é imitação do seu Enio, Bernardim Ribeiro:

Mas pois assi he, seja assi.

Os consoantes d'este soneto são todos agudos.

SONETO CXXIII

Em um manuscripto tinha este titulo: *«A huma Freira das Chagas»*. Julga Faria e Sousa que este soneto não foi feito a tal assumpto, e lhe foi posto o titulo de sua casa por quem o copiou. Queixa-se da dureza de uma senhora, que se não dóe da dor da chaga incuravel com que o feriu, que a doer-se d'ella, não seria dor.

E vós estais fingindo o não causastes.

Essa divina graça, que em fallando
Finge os meus pensamentos não ser cridos.

Soneto CIV.

SONETO CXXIV

O assumpto d'este soneto é a constancia do Poeta em amar a sua amante, por mais que esta o atormente e lhe mostre desamor. Este soneto não guarda a ordem commummente usada dos consoantes: rima o primeiro verso com o terceiro, e o segundo com o quarto.

SONETO CXXV

A uma ausencia: é traducção do soneto IX de Garcilasso que começa:

Señora mia, si yo de vos ausente.

Coteja Faria e Sousa os dois sonetos, e mostra quanto o Poeta o melhorou na traducção. Calcula o commentador que o Poeta fez este soneto pelos ultimos annos da sua vida quando já se não occupava em amores, e só por entretenimento. O Poeta devia ter conhecimento das obras de Garcilasso, ainda manuscriptas, como o teve Sá de Miranda.

SONETO CXXVI

Ao poeta (Soliso), postoque o firam os violentos passadores do amor, o fere mais a formosura da mãe.

Em um manuscripto tinha este titulo: *«A uma pintura de Venus com Cupido dormindo-lhe no seio»*. Julga Faria e Sousa que este soneto é simplesmente parto da sua phantasia. Póde bem ser que fosse feito ao ver alguma senhora tendo o filho no collo, ou retrato seu.

Commentando o mesmo Faria e Sousa este soneto, traz a enumeração dos differentes logares em que o Camões se elogiou a si mesmo, e d'aquelles em os quaes outros poetas, os mais celebres, se fizeram iguaes elogios.

SONETO CXXVII

Assim como apesar das nuvens se condensarem com vapores, o sol as rompe e só póde estar por horas eclipsado, do mesmo modo, apesar dos rigores e ingratidão do sol da belleza da sua amante, elle será obedecido.

SONETO CXXVIII

Assim como uma herva que tem a propriedade de seguir o sol logoque nasce e perder a sua belleza quando se põe e emmurchece, do mesmo modo tambem quando vem o sol da sua belleza, o seu contentamento cria flores, e murcha e se entristece com a sua ausencia.

Diz Faria e Sousa que é uma herva que cresce na India, e não o heliotropo, e que na Italia vira esta herva.

Mas quando ao Oceano o carro dece.

Mas quando o Oceano ao carro desce.

Edição de 1668.

Mostrando-lhe esse rosto que dá vida.

Mostrando-lhe esse rostro que dá vida.

Edição de 1668.

SONETO CXXIX

Diz ao seu desejo que cresça, poisque a fortuna o tem já levantado nos seus braços; anima o coração a proseguir na nobre empreza dos seus amores, poisque o seu intento foi ousado, agora é venturoso por atrevido.

SONETO CXXX

É este um dos sonetos do nosso Camões, de uma metaphysica amorosa alambicada e pouco intelligivel.

Começa o Poeta dizendo que o amor é mais perfeito quando pára no desejo, por isso que tem parte do infinito; porém termina dizendo á sua amante:

Sereis mais desejada, possuida.

Os primeiros seis versos são do mesmo assumpto do soneto XXXI, em o qual o Poeta manifesta á sua dama pensamentos lascivos.

SONETO CXXXI

Retrato da sua amante em que entram por materias o oiro, rosas, rubis, neve e o sol, com que os poetas muitas vezes descrevem bellezas, que apesar d'isso em algumas occasiões sáem o monstro de Horacio.

Nota Faria e Sousa como vicio de lingua usar de *mouro* por *morro;* adverte tambem que *acesa* não rima com *natureza, belleza* e *pureza;* porém diz elle como os portuguezes foram sempre mui barbaros na orthographia da sua lingua, não falta quem escreva *bellesa* por *belleza,* e *accesa* por *aceza:* «y mi Maestro no se libró de incurrir en esto algunas vezes».

SONETO CXXXII

O assumpto d'este soneto é o *Audaces fortuna juvat* applicado aos amantes.

Atrever-se he valor, e não loucura.
Perderá por covarde o venturoso.

É dirigido á sua dama. Faria e Sousa encontrou este soneto em castelhano em um manuscripto, porém com alguma differença; eu o encontrei tambem em uma collecção de poesias varias.

Abrir-se devem passos á ventura.

Abrir se déve passos á ventura.

Edição de 1668.

SONETO CXXXIII

Ausentando-se de Coimbra onde ficava o objecto dos seus amores: do primeiro terceto se vê que o Poeta vinha com a idéa de militar fóra da sua patria, provavelmente na Africa:

> Bem poderá a Fortuna este instrumento
> Da alma levar por terra nova e estranha
> Offerecida ao mar remoto, ao vento.

Estes protestos que faz á sua dama, de que nem a distancia, nem a ausencia, nem os maiores perigos do mar ou da guerra façam com que a esqueça, e que morrerá com o seu nome na bôca, se encontram em varias partes dos seus poemas. Veja-se o soneto CCXII, elegia I, estancias VI e XI, etc.

A Faria e Sousa faz confusão esta estada da dama em Coimbra, e na verdade com alguma rasão; devia ser acompanhando a rainha.

Doces e claras águas do Mondego.

Delgadas agoas claras do Mondego.

Edição de 1616.

Claras e doces agoas do Mondego.

MS. de Luiz Franco.

Onde a comprida e perfida esperança.

Onde a comprida e lubrica esperança.

Edição de 1616.

Adonde a falsa e perfida esperança.

MS. de Luiz Franco

De vós me aparto, si; porém não nego.

De vós me aparto, e porém não nego.

Edição de 1616.

De vós me aparto. mas porém não nego.

Um MS.

Me não deixa de vós fazer mudança.

Me não deixa daqui fazer mudança.

MS. de Luiz Franco.

Mas quanto mais me alongo mais me achego.

Mas quanto mais me alongo não me achego.

Edição de 1616.

No manuscripto de Luiz Franco este soneto muda muito: os tercetos são inteiramente differentes no pensamento e consoantes pela maneira seguinte:

Não quero de meus males outra gloria
Senão que lhe mostreis em vossas aguas
As dos olhos com que os seus se banhem.

Ja póde ser que com minha memoria,
Vendo meus males, vendo minhas magoas,
As suas com as minhas acompanhem.

SONETO CXXXIV

Encarece ao seu amigo João Lopes Leitão a ventura que experimentou em ver-se elogiado pela amante d'elle. Como desejaria ver trocada a sua sorte pela sua, que póde ver-lhe o rosto suave, e ouvir-lhe a doce voz.

D'este cavalheiro camarada de Camões, que militou com elle na India, daremos adiante noticia mais circumstanciada.

SONETO CXXXV

A morte que desata os nós da vida, quiz tambem cortar os nós do amor com a ausencia e com o tempo, e não contente ainda juntou a rasão e a fortuna tão contrarias entre si. Una porém amor duas almas n'um corpo e triumphará da morte apesar da ausencia

Do Tempo, da Rasão e da Fortuna.

A morte, que da vida o nó desata.

Amor que da vida o nó desata.

Edição de 1616.

Está visivelmente errada a edição de 1616, porque é a morte e não amor que desata o nó da vida; do mesmo modo está errado o segundo verso, onde se addicionou um *s* a *quisera*.

Co'a ausencia que he sobre elle espada fera.

N'ausencia que he contr'elle espada fera.

Edição de 1616.

Huma, Razão contra a Fortuna austera.

Huma he rezão contra a fortuna austera.

Edição de 1616.

O Amor n'hum corpo duas almas una.

Duas n'um corpo o amor ajunte e una.

Edição de 1616.

Para que assi triumphante leve a palma.

Porque assi leve triumphante a palma.

Edição de 1616.

Da Morte Amor a grão pesar da ausencia.

Amor da morte. apezar d'ausencia.

Edição de 1616.

SONETO CXXXVI

A uma arvore cujo fructo é côr de *leite* e *sangue*, que o acolheu á sua sombra em companhia da sua amante. Nunca sinta esta arvore as injurias do vento, pois prestou abrigo ao seu contentamento, e se não podér celebra-la como merece, lhe fará doce a memoria nos casos tristes.

Faria e Sousa ignora que arvore seja esta na Europa, e cita algumas arvores da Asia que o possam ser. Aponta comtudo um escriptor que parece descrever a mesma arvore, e é este Curcio Gonzaga, nos tercetos que começam:

Ah non comporti...................

O qual é quel d'un pomo delicato,
Che sia di latte, e di sinabro asperso,
Via piu ch'al gusto, al veder dolce e grato.

A descripção que faz da arvore se póde applicar a mais de uma, tanto da Europa como da Asia; assim não é facil distinguir qual seja.

SONETO CXXXVII

Se Apollo, que feriu e matou com suas frechas a serpente Phytonica, foi ferido de amor e andou após Daphne nas praias da Thessalia, sem ella fazer caso dos seus amores, sendo elle um deus, e ella tão pouco a seu respeito, que póde elle esperar da sua amante cujo ser é divino.

Observa Faria e Sousa que Petrarcha no seu *Triumpho da Castidade* entra de uma maneira muito parecida:

Quando ad un giogo, & in tempo quivi
Domita l'alterezza degli Dei,
E degli huomini vidi al mondo divi...

Che s'io veggio d'un arco, e d'uno strale
Febo percosso & Giunone e Dido...

Non mi debbo doler s'altri mi vinse
Giovene incauto, disarmato, e solo
E si la mia nemica Amor non strinse.

Matar póde a Phytonica serpente
Que mortes mil havia produzido.

O horrido Phiton brava serpente
Matou, sendo das gentes tão temido.

Edição de 1616.

Por a Nympha Penea andou perdido.

Polla Nympha Penea andou perdido.

Edição de 1616.

Não lhe póde valer contra seu dano.

Não lhe póde valer para seu dano.

Edição de 1616.

Saber, nem diligencias, nem respeito
De quanto era celeste e soberano.

Sciencia, diligencias, nem respeito
De ser alto, celeste e soberano.

Edição de 1616.

Pois se um deos nunca vio nem hum engano.

Se este nunca alcançou nem um engano.

Edição de 1616.

Nota Faria e Sousa a repetição da palavra *respeito* fazendo consoante, o que aindaque era admissivel por ser tomada a dita palavra em differente sentido, desejava comtudo que em um soneto tão limpo como este nem este defeito venial apparecesse. Póde bem ser que a rima fosse outra, e que seja erro de copia.

SONETO CXXXVIII

As perfeições physicas e moraes da dama que celebra n'este soneto são as prisões de um coração que vae cantando ao som dos ferros como faz a sereia na tormenta.

Este soneto não foi feito a D. Catharina de Athaide, porquanto a dama a quem é dirigido tinha olhos pretos, e aquella os tinha verdes; talvez fosse a senhora a quem se dirige com o anagramma de Dinamene. Sobre olhos verdes vejam-se estes logares do Poeta, canção II, estancia V; elegia VI, estancia XVI; egloga VI, estancia XXIX; voltas XXXIII, L, LV, LXX, LXXV e LXXX.

Diz Faria e Sousa que um capitão, Manuel Fernandes Villa-Real, escrevêra um estremado discurso em apologia dos olhos verdes.

Em crystal puro o negro marchetado.

Em christal branco o preto marchetado.

Edição de 1616.

SONETO CXXXIX

Interessante soneto escripto no mar indo para Goa; descreve os combates do coração que venceu com animo obstinado: não receia a morte debaixo de qualquer fórma que se lhe apresente, pois está a seus pés prostrado.

Que a relação amorosa era reciproca se vê de todo o soneto, especialmente do primeiro quarteto:

Irei aonde os Fados o ordenárão.

Irey por onde as sortes ordenárão.

Edição de 1616.

Pois por cima de quantas derramárão.

Pois por cima de quantas me chorárão.

Edição de 1616.

Com que a morte forçada gloriosa.

Com que a morte forçada e gloriosa.

Edição de 1616.

SONETO CXL

Escreveu o Poeta este soneto a uma dama debaixo da anagramma de Sibella (Isabel), a mesma do soneto CXX.

A natureza tira lustre da belleza d'esta dama; quem póde pois resistir-lhe? E receiando os seus rigores, ousou sujeitar a rasão ao pensamento; assim, se n'isso a offende, tome n'elle vingança no resto da vida que lhe deixou.

Tal mostra de si dá vossa figura.

Tal mostra dá de si vossa figura.

Edição de 1616.

Quem confiança ha visto tão segura.

Quem vio huma confiança tão segura.

Edição de 1616.

Que não padeça mal de mais graveza,
Se resistir a seu amor procura.

Que não padeça mais, se ter defeza
Contra vossa gentil vista procura.

Edição de 1616.

Eu, pois, por escusar tal esquivança.

Eu pois por escusar essa esquivança.

Edição de 1616.

A quem logo os sentidos se entregárão.

Que rendida os sentidos lhe entregárão.

Edição de 1616.

Nas reliquias da vida, que ficárão.

Nas reliquias da vida que escapárão.

Edição de 1616.

SONETO CXLI

Já repousava na sua desesperação quando lhe appareceu uma sombra vã em tão formosa imagem que ficou trasladada na alma que elevava. Quer-se enganar, pois aindaque o damno seja grande fica-lhe a gloria do que imagina.

Na desesperação ja repousava.

Devia o Poeta, na opinião de Faria e Sousa, alcançar esta desesperação depois de escripta a canção VI, porque na estancia III d'ella diz que não podia conseguir ser desesperado, e que fôra para elle vida o consegui-lo.

Tambem da morte perco a esperança.
Mas oh! que s'algum dia
Desesperar podesse, viveria.

E na egloga II, estancia VI, aindaque parece que havia conseguido alguma desesperação, não estava farto d'ella, pois diz:

Consinta meu cuidado
Que me farte de ser desesperado.

Quando huma sombra vãa me assegurava.

O conteúdo d'este soneto parece-se com o que diz nos sonetos III, XLIX, LV, LXXII, LXXIX, XCIII, CIX, CXII e CCXX.

Ah! deixem-me enganar; que eu sou contente.

Ó deixem-me enganar: que eu sou contente.
Edição de 1616.

Pois, postoque maior meu damno seja.

Que posto que maior meu dano seja.
Edição de 1616.

SONETO CXLII

O céu que reparte diversos dôns quiz que cada alma possuisse um só, por isso deu á Lua, a Pallas, a Venus e a Juno differentes attributos; mas á sua dama cedem todas estas deusas os differentes dons com que as ornou o céu. Este soneto é do mesmo argumento do XLIV e parte do CXX.

E quer que cada huma alma hum só possua.

E quer que cada hũa hum só possua.
Edição de 1616.

Por isso ornou de casto peito a Lua.

Assi ornou de casto peito a lua.
Edição de 1616.

Que o primeiro orbe illustra crystallino.

Ornamento do assento cristalino.
Edição de 1616.

Pallas de sciencia não maior que a tua.

Pallas de discrição que imite a tua.
Edição de 1616.

Tẽe Juno da nobreza o imperio dino.

Do vallor Juno, so de imperio digno.
Edição de 1616.

Mas junto agora o largo Ceo derrama.

Mas junto agora o mesmo ceo derrama.
Edição de 1616.

Seu peito a Lua, sua graça Venus,
Sua sciencia Pallas, Juno sua nobreza.

Diana honestidade, e graça Venos,
Pallas o aviso seu, Juno a nobreza.
Edição de 1616.

Para rimar com *menos* mudou Camões o *u* em Venus, dizendo *Venos*. Faria e Sousa, commentando o soneto XVII, aponta os logares em que Camões usou d'esta licença, que só por um tão grande poeta e com parcimonia deve ser usada. Os logares apontados são, alem do soneto XVII em que usou de *sento* por *sinto*, a canção V, estancia IV; egloga XV, estancia XVIII; esparça I; redondilha XVII, estancia I; voltas XXXIX, estancia II em que usa da mesma palavra *sento*. Soneto XXXII, *deresma* por *deveis-ma*. Ode XII, estancia II, *sexos* por *seixos*. Egloga II, estancia XVII. *quexo* por *queixo*. Redondilha VIII, estancia V, *amarello* por *amarelo*. Redondilha XIII, estancia IV, *ouvirés* por *ouvireys*. Estas são as vezes que o Poeta usou d'estas licenças nas suas obras, conforme o assevera Faria e Sousa, e no que teve por companheiros os mais eminentes homens. Alem dos latinos a Petrarcha, ao Dante que é frequentissimo n'estas liberdades, João de Mena, etc. Hoje, continua Faria e Sousa, apedrejariam a quem usasse d'isto; mas o que eu vejo é que nenhum d'elles ha de gosar da immortalidade dos que o usaram.

SONETO CXLIII

À uma despedida: faz protestos á sua dama da mais decidida dedicação. Leva-a na alma, e com a sua memoria arrostará todos os perigos e trabalhos do mar e da guerra; só com o seu nome fará fugir os ventos e os inimigos.

Faria e Sousa pretende provar que este soneto foi escripto partindo para Ceuta, mostrando pelo sentido d'elle que a partida era violenta; comtudo se é allusivo á mesma ausencia descripta no soneto XXXV, seria para a India, porquanto aquelle soneto tem toda a analogia com os embaraços que lhe impediam a partida e que descreve na carta I.

SONETO CXLIV

Á profissão de uma freira: julgo ser feito á que assistiu a familia real no convento da Madre de Deus no anno de 1572, e em que prégou o bispo D. Antonio Pinheiro.

Que modo tão subtil da natureza.

Que modo tão sotil da natureza.

Edição de 1616.

Debaixo de hum burel tanta belleza.

Este verso dá bem a conhecer que era da religião franciscana. Devia este soneto ser feito por occasião em que o nosso Poeta acompanhava a côrte, que assistiu a esta profissão.

Mas não póde esconder-se aquella alteza.

Mas esconder-se não póde aquella alteza.

Edição de 1616.

Vendo-a ja, ja trazendo-a na memoria.

Vendo-a ou trazendo-a na memoria.

Edição de 1616.

SONETO CXLV

Encarece á sua dama a sua constancia em ama-la, e que apesar de todos os impossiveis jámais deixará de a adorar.

Parece que alguem intentava roubar-lhe a vista da sua amante, porquanto o Poeta lhe diz:

Ninguem mudar-me queira de querer-vos.

Este soneto faz differença na edição de 1668.

Quando se vir com a agoa o fogo arder
E misturar co' dia a noite escura,
E a terra se vir naquella altura
Em que se vem os ceos prevalecer.

O Amor por rezão mandado ser,
E a todos ser igoal nossa ventura,
Com tal mudança vossa fermosura
Então a poderei deixar de ver.

Porém não sendo vista esta mudança
No mundo (como claro está não ver-se)
Não se espere de mim deixar de ver-vos:

Que basta estar em vós minha esperança
O ganho de minha alma, e o perder-se,
Para não deixar nunca de querer-vos.

Edição de 1668.

E em todos fôr igual huma ventura.

É curiosa a nota de Faria e Sousa commentando este verso. Diz que não faltaram philosophos que quizessem em algumas republicas tornar possivel a igualdade da fortuna em todos, pelo menos no que toca á fazenda, o que não era impossivel n'esta parte conseguir-se; mas nem por isso ficariam todos iguaes em outras cousas de mais importancia. O certo é que não poderia o mundo sustentar-se se houvesse igualdade em todos, ao menos se todos quizessem ser grandes; porque se quizessem todos ser pequenos era mais possivel.

SONETO CXLVI

A ausencia da sua amante produzia n'elle tal desejo de a ver, que muitas vezes desejava olvidar-se d'ella; porém por fim vinha a entender que o esquecimento seria para elle peior tormento: assim queria antes ver-se atormentado com a memoria d'ella, que figurando-a presente servia de linitivo á sua dor e saudade.

SONETO CXLVII

Na margem de um ribeiro o Poeta, debaixo do nome do pastor Liso, lança em rosto á sua Natercia a sua pouca constancia, e ter posto os olhos n'outro contra os juramentos que lhe havia feito.

Que foi de aquella fé que tu me déste.

Veja-se egloga IV, estancias VI, X, XII e XVI.

Quando esses olhos teus n'outro puzeste.

Este soneto prosegue o argumento dos sonetos XIV, LXX e CV.

SONETO CXLVIII

Dá-se por bem pago de todo o soffrimento que experimenta com o seu amor, simplesmente com olhar a sua amante; porque motivo se não torna mais branda com quem a terá sempre na memoria? Este soneto diz Faria e Sousa que se imprimiu mui errado na segunda parte das *Rimas* (1616), e até com os consoantes dos tercetos errados; que o encontrou melhorado em dois manuscriptos, e que saiu limpo.

Se me vem tanta gloria só de olhar-te.

Se grão gloria me vem de olhar-te.
Edição de 1616.

Grão paga de hum engano he desejar-te.

Grão pago de engano he desejar-te.
Edição de 1616.

Se aspiro por quem és a celebrar-te.

Se quero por quem és louvar-te.
Edição de 1616.

Sei certo por quem sou que hei de offender-te.

Sei certo por quem sou offender-te.
Edição de 1616.

Porque hum tão raro amor não me soccorre.

Porque amor tão raro sempre fere.
Edição de 1616.

Oh humano thesouro! oh doce gloria.

Ó humano tisouro, doce gloria.
Edição de 1616.

Ditoso quem á morte por ti corre.

Que quer mais a alma que te serve.
Edição de 1616.

Sempre escrita estarás nesta memoria.

Scrita estarás em minha memoria.
Edição de 1616.

E esta alma viverá, pois por ti morre.

E a alma viverá que por ti morre.
Edição de 1616.

Porque ao fim da batalha he a victoria.

Que ao fim da batalha he a victoria.
Edição de 1616.

Com effeito Faria e Sousa tinha rasão, porquanto principalmente os tercetos estão errados.

SONETO CXLIX

Sempre a rasão foi vencida do amor, mas agora é o amor vencido pela rasão: porém não é a rasão que vence a luta, é a inclinação que tem entre si.

Sempre a Razão vencida foi de Amor.

Que era rasão ser a rasão vencida.
Canção VII, estancia V.

Sobre esta luta da rasão com o amor vejam-se os sonetos XXXVI, XLVI e XLIX; e a egloga II, estancia XXVII.

Pois, em fim, seu vigor perde a affeição.

Que perde suas forças a affeição.
Edição de 1616.

Que perca suas forças a affeição.
MS. de Luiz Franco.

Porque não perca a pena o seu vigor.

Porque não perca a pena a cada hum.
Um MS.

Esta variante visivelmente está errada, porquanto *hum* não rima com *dor*.

Porque não perca a pena o seu rigor.
MS. de Luiz Franco.

Fraqueza, nunca a houve no querer.

Pois nunca houve fraqueza no querér.
Edição de 1616 e MS. de Luiz Franco.

Mas a rázão que a luta vence, em fim.

Mas a rasão que altiva vence em fim.
MS. de Luiz Franco.

Não creio que he razão; mas deve ser.

Não creo que he rezão, mas hade ser.
Edição de 1616.

SONETO CL

Descreve os extremos e contrariedades de amor em que vivia. Faria e Sousa diz que melhorou e emendou este soneto, que no impresso vem muito errado, á vista dos manuscriptos. Como vem na edição de 1616, onde pela primeira vez apparece, é por esta fórma:

Coytado que em algum tempo choro, e rio
Espero, temo, e quero, e aborreço,
Juntamente me alegro, e entristeço,
De huma cousa confio, e desconfio.

Avôo sem azas, estou cego e guio,
E no que valho mais, menos mereço,
Calando dou vozes, calo, e emmudeço,
Nada me contradiz e eu aporfio.

Queria se ser podesse o impossivel,
Queria poder mudar-me, e estar quedo,
Usar de liberdade, e ser captivo.

Queria que visto fosse, e invisivel,
Queria desenredar-me, e mais me enredo.
Taes são os extremos em que triste vivo.

SONETO CLI

Julgam-no todos por perdido, vendo-o apartado das gentes e esquecido do commercio humano; busquem outros embora as honras e riquezas, que elle se contenta com trazer esculpido no seu coração o gesto da sua amante.

E de humanos commercios esquecido.

E dos tratos humanos esquecido.

Edição de 1616.

Tenho por baixo, rustico, e enganado.

Tenho por baixo rustico e enganado.

Edição de 1616.

Vá revolvendo a terra, o mar, e vento,
Honras busque e riquezas a outra gente.

Vão revolvendo a terra, o mar e o vento,
Busquão riquezas, e honras, a outra gente.

Edição de 1616.

Que eu por amor sómente me contento.

Que eu só em humilde estado me contento.

Edição de 1616.

SONETO CLII

Aos olhos da sua amante; se quèrem conhecer o poder que têem, que se vejam no seu coração onde se verá melhor que no crystal mais puro. Satisfeito sómente do seu desejo, com elle triumphará do mundo que despreza e abandona. Ao mesmo assumpto é escripto o soneto XXXVIII, e com os mesmos pensamentos.

SONETO CLIII

A belleza da sua amante eclipsa a das mais bellas damas do universo que foram cantadas nos mais altos plectros. Quem tivera partes de divino para a merecer; mas se a pureza de amor tem algum valor, elle é digno d'ella.

SONETO CLIV

Soneto em dialogo; perdida a esperança vive de lembranças, e a isto deu causa uma mudança. D'esta mudança se queixa em varios logares: sonetos XLV. XLIV e XCIV; elegia I, estancia IX; egloga II, estancia XLI; egloga III, estancia XX.

SONETO CLV

Pede á sua dama que dê fim á vida que se prostra a seus pés, e acabe com a sua tristeza fartando ella a sua crueza.

Fôra a minha fortuna mais altiva.

Vida póde esperar esta cativa.

Edição de 1668.

Fóra a sua altiveza mais sujeita.

Vida que a vossos pés morta se deita.

Edição de 1668.

Mas quando a vida a vossos pés se deita,
Porque não a acceitais, não quer que eu viva:
Ella propria de si ja a mi me priva;
Quē, porque me engeitais, tambem me engeita.

Mas quanto de vós vê quanto sospeita
Estorvos são para que mais não viva,
E para maior mal a sorte esquiva
Vendo que me engeitais tambem me engeita.

Edição de 1668.

A minha profundissima tristeza.

A vida tão cercada de tristeza.

Edição de 1668.

Pois ella não mo dá, porque piedade
Tenha deste meu mal, mas porque em mim
Possais assi fartar vossa crueza.

Pois ella não o faz por piedade
Que tenha do meu mal, mas porque em mim
Vivendo farteis vós crueldade.

Edição de 1668.

SONETO CLVI

Do olhar brando ou rigoroso da sua dama pende a sua vida ou morte, assim ditoso se lhe quizer dar a vida para lh'a offerecer, ou a morte para ter morte querida.

SONETO CLVII

Acostumado a chorar a dureza da sua dama, consome a vida n'este doce martyrio, ao passo que elle é insensivel aos seus males. Este soneto é acrescentado com um estribilho em versificação differente. Na edição de 1668, onde vem pela primeira vez, não traz o estribilho.

SONETO CLVIII

Despedindo-se das damas de Lisboa, e significando-lhe a sua saudade. Este soneto diz Faria e Sousa que se imprimiu pela primeira vez na primeira edição de 1595, e se omittira na seguinte por descuido, e assim nas successivas que se seguiram a estas; comtudo encontro-o na de 1668.

Vontade que razão leva vencida.

Vontade que a rasão leva vencida.

Edição de 1595.

Presto verão o fim á triste vida.

Azinha darão fim á triste vida.

Edição de 1595.

Verão partir de mi vossa lembrança.

Verá de mim partir vossa lembrança.

Edição de 1595

Por mais que no tornar haja tardança
Me farão sempre triste companhia.

Por mais que na tornada haja tardança
Sempre me farão triste companhia.

Edição de 1595.

SONETO CLIX

Soneto acrostico a estas palavras: *Vosso como cativo mui alta Senhora.* Faria e Sousa, commentando este soneto, faz uma larga dissertação para mostrar que desde David se usaram d'estas invenções. Na edição de 1668 não vem cortado nos logares onde marca as iniciaes que formam o acrostico.

Mil vezes desejando, Assi ferida.

Mil vezes desejando a tal ferida.

Edição de 1668.

Outras mil renovar Seu perdimento.

Outra vez renovar seu perdimento.

Edição de 1668

Tão sobrenatural, Honrosa e alta.

Tão estranha, tão doce, honrosa e alta.

Edição de 1668.

Jurando não querer Outra ventura.

Jurando não seguir outra ventura.

Edição de 1668.

Ou ser no vosso amor Achado em falta.

Sem ser no vosso amor achado em falta.

Edição de 1668.

SONETO CLX

Vota á immortalidade os seus versos e offerece a sua alma á sua dama. Emquanto a mim este soneto é feito por haverem estes merecido a approvação d'ella: de lh'os pedir, e do Poeta lh'os remetter, consta de outra poesia.

SONETO CLXI

Vendo pentear-se a sua Natercia; a scena passa-se na margem do Tejo, onde estava situado o antigo paço dos reis de Portugal. Faz aqui Faria e Sousa a enumeração das poesias castelhanas escriptas por Camões, que se reduzem a este soneto e os cinco que se seguem, ao CXIV; uma elegia, e oito ou nove glosas e tudo mais na lingua portugueza; a estas poesias temos a acrescentar as que damos agora pela primeira vez publicadas. Desculpa-se o commentador de ter escripto

em lingua castelhana, e não na sua amada lingua, impellido pela necessidade de o fazer, mas ainda assim mui voluntariamente enchêra os seus escriptos de puros lusitanismos. Faz por esta occasião a enumeração dos portuguezes que escreveram n'aquella lingua, dizendo que a maior parte o fizeram mal, entrando n'este numero Sá de Miranda; e até Monte Maior, postoque creado em Castella, não é isento de erros; exceptua porém ao nosso Camões, admirando-se da perfeição com que escrevia em uma lingua estranha, não tendo mais trato com castelhanos, a não ser os poucos que acompanharam a rainha D. Catharina, e os que vinham na comitiva dos embaixadores. Esta apreciação que Faria e Sousa faz da perfeição com que escrevia Camões na lingua castelhana, eu a vi fazer a um hespanhol, emittindo a mesma opinião sobre a imperfeição com que o fazia Sá de Miranda. Este soneto vem na edição de 1668, e o encontrou Faria e Sousa tambem em um manuscripto, dizendo ser de D. Diogo de Mendoza.

SONETO CLXII

Faria e Sousa, commentando este soneto, diz que não necessita de explicação; Thomás José de Aquino repete o mesmo; mas eu pela minha parte acho-o difficil de entender. O seu artificio consiste em repetir no principio de cada verso a ultima palavra do antecedente.

SONETO CLXIII

Fugia de ser amante para evitar o sentir as penas amorosas que muito receiava supportar; porém vendo a Natercia tão formosa, acha nas suas prisões a maior gloria, e em ser livre acharia tormento. Este soneto é escripto ao mesmo assumpto do soneto LXXVII, do seguinte modo:

Y en perderlas por libre hallo tormento.

Do tempo que fui livre me arrependo.

SONETO CLXIV

Os rochedos e o mar escutam e respondem ás suas penas, só a sua amante não corresponde ao seu amor. É um bonito soneto, e um d'aquelles que Bernardes publicou como seu nas suas *Flores do Lima.*

Confuso son el viento derramaba.

Confuso son el viento derramava.

Edição de 1668.

Este soneto foi talvez escripto em Ceuta.

SONETO CLXV

Endymião apaixonado dirige-se ao sol, rogando-lhe que torne a occultar-se para dar logar ao apparecimento da lua que idolatra. Em um MS. achou Faria e Sousa este soneto em nome de D. Fernando de Acuña, e em outro intitulado: *Varias poesias de poetas portuguezes,* em nome de D. Diogo de Mendoza. N'este ultimo a maior parte das poesias eram de Camões; como de Camões o publicou pela primeira vez Antonio Alvares da Cunha, na terceira parte das *Rimas* de 1668.

SONETO CLXVI

Ao successo de Orpheu, que com o seu canto póde commover os deuses infernaes a restituir-lhe a sua amante.

SONETO CLXVII

Possuido de um certo scepticismo amoroso chora o tempo que cantou não contentamentos, mas confianças; não se queixará nem porá culpa ás esperanças, poisque a fortuna injusta é maior que os erros. Este soneto é escripto ao mesmo assumpto do CXCIII; pretende Faria e Sousa que o escreveu para proemio dos tristes. Teve em vista o soneto CXCIV de Petrarcha:

Cantai, hor piango, e non men di dolcezza
Del pianger prendo que del canto presi.

De quem me queixarei, se tudo mente.

De quem me queixarei que tudo mente.

Edição de 1616.

Porém que culpas ponho ás esperanças.

Mas eu que culpa ponho ás esperanças.

Edição de 1616.

SONETO CLXVIII

A uma senhora que ia emprehender uma longa navegação; pinta-lhe os perigos a que se expõe, deseja-lhe uma prospera viagem, e expressa-lhe a saudade que lhe deixa. Faria e Sousa não sabe dizer se partia esta senhora de Lisboa ou da India; se era a mesma do soneto LIII, partia da India, e era natural d'aquelle estado, conforme a variante da edição de 1668 que differe da de Faria e Sousa, pois diz *paterno* ninho.

Ai! quem do amado ninho vos desterra.

Quem do paterno ninho vos desterra.

Edição de 1668.

Vér brenhas de ondas? feito o mar em serra.

Ver brenhas de agoa e o mar feito em serra.

Edição de 1668.

Que se avantaje aquella qu'esperardes.

Que seja mor que aquella que esperardes.

Edição de 1668.

E só desta verdade ide segura,
Que fazeis mais saudades com vos irdes
Do que levais desejos por chegardes.

E só nesta verdade ide segura,
Que ficão mais saudades com partirdes
Do que breves desejos de chegardes.

Edição de 1668.

SONETO CLXIX

Este soneto foi escripto por occasião, provavelmente, de acompanhar algum amigo a uma casa de campo; visitando um sitio ameno descreve-lhe os encantos

e deseja sepultar n'elle as maguas da sua vida. O desejo de acabar os seus dias em um retiro, manifesta-o em alguns logares das suas poesias. Vejam-se as oitavas a D. Antonio de Noronha, canções XII e XV.

SONETO CLXX

Este soneto, conforme diz Faria e Sousa, trazia em um manuscripto este titulo em latim: «*Ad Dinamenem aquis extinctam*». Chora a morte de uma senhora que amou, e morreu afogada indo de viagem. Vejam-se os sonetos XXIII, LIII e LXXII da centuria I e o LXVIII da centuria II.

Quem nunca deixar póde de querer-te.

Quem não deixará nunca de querer-te.
Edição de 1668.

Hum que não deixou nunca de querer.
MS. de Luiz Franco.

Que ja, Nympha gentil, não posso ver-te!
Que tão veloz a vida desprezaste.

Ah Ninfa minha, ja não posso ver-te,
Tão azinha esta vida despresaste.
Edição de 1668 e MS. de Luiz Franço

Como por tempo eterno te apartaste.

Como ja para sempre te apartaste.
Edição de 1668 e MS. de Luiz Franco.

Poderão essas agoas defender-te.

Podérão estas ondas defender-te.
Edição de 1668 e o MS. de Luiz Franco.

Nem sómente fallar-te a dura morte.

Nem falar-te sómente a dura morte.
Edição de 1668 e MS. de Luiz Franco.

Me deixou, qu'apressada o negro manto
Lançar sôbre os teus olhos consentiste.

Me deixou, que tão cedo o negro manto
Em teus olhos deitado consentiste.
Edição de 1668.

Consentio, que tão cedo o negro manto
Em teus olhos deitado consentiste.
MS. de Luiz Franco.

Qual vida perderei que valha tanto,
Se inda tenho por pouco o viver triste.

Que pena sentirei, que valha tanto,
Que inda tenho por pouco viver triste.
Edição de 1668.

SONETO CLXXI

Queixa-se o Poeta da sorte que em tão verde cortou a sua alegria. Tanto bem não podia deixar de ter um tal desconto. Poz este soneto Faria e Sousa em seguimento do soneto CLXX, por lhe parecer que o sentimento n'elle expressado se refere á morte da dama descripta no outro.

Oh quanto feneceo naquelle dia.

Oh quanto se acabo en solo un dia.

Garcilasso, Soneto XXVI.

Adverte Faria e Sousa que Garcilasso caíu em um descuido n'este soneto, que foi o repetir nos tercetos o mesmo consoante que tinha usado nos tercetos; descuido em que tambem incorreu o nosso Poeta nos *Lusiadas*, canto VII, estancia LVIII, em que os versos I, III, V, VII e VIII são do mesmo consoante.

SONETO CLXXII

Silvio prophetisa a Liso que quando o fado o quizer o virão a opprimir em um só dia dois lobos, um lhe degolará todo o gado vaccum, e o outro lhe roubará a cordeira gentil que tanto ama.

Este soneto nos manuscriptos e nas primeiras edições, vem com o titulo *das suas perdições*. É allusivo ao seu naufragio e á morte da sua D. Catharina de que devia ter conhecimento, pouco mais ou menos, pelo mesmo tempo.

Quando passava Sylvio, e me dizia.

Quando passando Silvio me dizia.

Edição de 1616.

Liso, quando quizer o fado escuro.

Meris quando quizer o fado escuro.

Edição de 1616.

Liso estava em um manuscripto que pertencia a Faria e Sousa.

E por mais damno o outro me matou.

E outro por meu dano me matou.

Edição de 1616.

SONETO CLXXIII

Pede ás ondas do mar que lhe restituam a sua amante que morreu n'elle afogada. N'este soneto é o pescador Aonio o interlocutor, no soneto LIII é Moutano.

Lindo soneto, uma das mais bellas poesias do nosso Camões. Como é repassada da mais terna melancholia, ternura e affectos verdadeiros; que propriedade no estylo para descrever os sentimentos que rompem de um coração extremamente maguado, em resultado da catastrophe que deu logar a esta composição! Como é lugubre e tristemente cadenceado o metro para traduzir a dolorosa situação de uma alma saudosa que deplora uma perda irremediavel! O soneto é igualmente escripto; o primeiro quarteto é da maior belleza, e o ultimo terceto inimitavel.

SONETO CLXXIV

Queixa-se da fortuna e do seu mau fado que lhe fez provar gostos passados, trocando-lh'os em males dobrados. Quanto melhor lhe fôra não ter visto os doces

bens de amor! Deixe pois a alma de queixar-se, pois amou tanto em vão, em vão se queixe. Não sei distinguir se este amar de que se queixa se deve attribuir á morte da amante, se a contratempos de amor. Faria e Sousa pretende que prosegue o assumpto do antecedente, e que é escripto depois da morte da amante. Na edição de 1668, onde apparecé pela primeira vez, vem inteiramente differente, por esta fórma:

Ah Fortuna cruel, ah duros Fados,
Quão azinha em meu dano vos mudastes,
Passou o tempo que me descançastes,
Agora descançaes com meus cuidados:

Deixaste-me sentir os bens passados,
Para mor dor da dor, que me ordenastes,
Então nhũa hora juntos mas levastes
Deixando em seu lugar males dobrados:

Ah quanto melhor fôra não vos ver
Gostos, que assi passais tam de corrida,
Que fico duvidoso se vos vi:

Sem vós ja me não fica que perder,
Senão se for esta cançada vida,
Que por mor perda minha não perdi.

SONETO CLXXV

Ausente da sua amante, consola-se no seu pranto com a esperança. Diz aos seus olhos que não chorem, mostrando-se na ausencia tão saudosos, se sabem quanto póde uma esperança; que não chorem para não aggravar os olhos da sua amante.

Foi provavelmente feito na India, e prova que os seus amores eram correspondidos na ausencia.

Que lagrimas tenhais por mantimento.

Cita Faria e Sousa logares de differentes poetas, analogos a este verso; porei aqui os principaes:

Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes die ac nocte.

David, Psalmo XLI.

Cibabis nos pane lacrymarum: et potum dabis nobis in lacrymis in mensura?

David, Psalmo LXXIX.

Quasi litteralmente traduziu o nosso Camões:

As lagrimas que então bebo e o pão que como,
Lagrimas tristes são que nunca domo.

Canção X, estancia XI.

Chio me pasco di lagrimi, etc.

Soneto LXXIII.

Cuidados são meu manjar,
Bebida lagrimas são.

Bernardim Ribeiro, Egloga V.

Se sabeis quanto póde huma esperança.

Jam mala finisem letho; sed credula vitam
Spes fovet; et melius cras fore semper ait.

Tibullo, Elegia II, liv. VII.

SONETO CLXXVI

Pede á memoria, que continuamente lhe está representando o bem passado. o acabe de matar, pois é melhor do que estar sempre morrendo com a representação da esperança perdida, que fazia antes suave o seu tormento.

É escripto provavelmente na India depois da morte da sua D. Catharina de Athaide. Vejam-se os sonetos XV e XVIII.

Do quarto verso do primeiro quarteto em diante, faz differença este soneto na edição de 1668, por esta fórma:

. . . .
Não me deixeis morrer em tal estado.

Mas se tambem de tudo está ordenado
Viver (como se vê) tão descontente.
Venha (se vier) o bem por accidente,
E dê a morte fim a meu cuidado:

Que muito melhor he perder a vida.
Perdendo-se as lembranças da memoria.
Pois tanto dano fazem ao pensamento.

Assi que nada perde quem perdida
A esperança tras de sua gloria.
Se esta vida hade ser sempre em tormento.

SONETO CLXXVII

Arrepende-se da vida passada, quanto tempo perdeu, e como foi enganosa: os castellos que erguia o pensamento os via derrubados em um momento no chão.

Os castellos que erguia o pensamento.

Veja-se sobre este soneto o LXXX e a elegia á morte de D. Alvaro da Silveira. Parece-me feito depois da morte de D. Catharina de Athaide:

Pois tudo pára em morte, tudo em vento.

Imitou o soneto I de Garcilasso, mesmo nos consoantes:

Quando me paro a contemplar mi estado
Y aver los passos por do me ha traido.

Em um manuscripto achou Faria e Sousa este soneto em nome do conde de Vimioso, porém em castelhano; é possivel que o traduzisse.

SONETO CLXXVIII

Já cantou, já chorou a guerra sustentada por amor largos annos, porém elle lhe vedou de a revelar para não desenganar os que o seguem. Pede ás musas o inspirem para cantar em seus versos estes desenganos; se lhe concedem um tal favor posto em triste estado dará contente a sua lyra ao seu templo.

Ja cantei, ja chorei a dura guerra.

O mesmo pensamento de cantar, e depois vir a chorar expressa nos sonetos III, CLXVII, CLXXXII e CCCI, e n'outras poesias.

Vezes mil me vedou dizer seus danos.

Veja-se o soneto I. Parece ser feito este soneto para proemio dos sonetos em que o Poeta cantava os desenganos de amor.

Ja cantei, ja chorei a dura guerra.

Com grandes esperanças ja cantei.
Soneto III.

Eu cantei ja, e agora vou chorando.
Soneto CLXVII.

Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto.
Soneto LXXXII.

Vezes mil me vedou dizer seus danos.

Do mesmo modo se expressou o nosso Poeta no soneto I:

Porém temendo amor que aviso désse
Minha escriptura a algum juizo isento,
Escureceo-me o engenho co'o tormento.
Para que seus enganos não dissesse.

Vós que fazeis á morte mil enganos.

Sobre o uso que o Camões faz do vocabulo *engano* e as differentes accepções em que é por elle tomado, vejam-se os logares apontados por Faria e Sousa no commentario ao soneto LIII. Muitos poetas usaram d'esta expressão de *enganar a morte* por *immortalizar-se;* o Bembo, Guidiceron Marteli, o Paterno, Mario de Leo, Bernardo Tasso e o Garcilasso; este ultimo:

Hara tantos enganos a la muerte.
Egloga II.

De quanto em glorias prometidas mente.

De querer servir de exemplo aos outros de quanto engana e mente o amor com as suas promessas, vejam-se os tercetos do soneto LXXIII.

Que inda que em triste estado me contemplo.

Quando me paro a contemplar mi estado.
Garcilasso, soneto I.

SONETO CLXXIX

Cheio de vergonha e arrependido, revolve na memoria os erros da mocidade fugitiva, passados em desejos vãos, vãos choros e vãos cuidados, que o tempo dissipou. Já o não podem contentar pretensões, falsas phantasias, poisque o tempo reduziu a cinzas a chamma ardente do seu peito.

Bem se vê que é feito depois da morte de D. Catharina de Athaide, vem nas rimas ao bom Jesus de Diogo Bernardes, como seu. Na verdade o assumpto não parece ser applicavel á vida de Bernardes.

Apoz das fugitivas alegrias.

Nota Faria e Sousa o artificio d'este verso composto de só quatro palavras para representar a ephemera rapidez dos gosos da vida. O terceiro verso do quarteto não é menos bello:

Movem-se os tristes mais pesadamente.

Em onze syllabas de que se compõe o hendecasyllabo, tem cinco pausas, para expressar a lentidão com que passam os dias amargurados; nem é menos imitativo o terceiro verso; todo o quarteto é mui pathetico e habilmente conduzido. Por esta occasião transcreve Faria e Sousa alguns outros versos do Poeta, de uma igual imitação, e interessantes pelo seu estylo de escrever:

Nellas revolvo agora erros passados.

Nellas envolvo agora erros passados.

Bernardes.

A lição de Camões parece mais natural; é proprio das cinzas o serem revolvidas. No soneto de Bernardes, no verso XII, se repete o mesmo verbo *envolvo* em logar de *revolvo*.

A quem vergonha e dor minha alma deve.

Imita Petrarcha no soneto I:

In sul mio primo giovenil errore...

Favola fui gran tempo; onde sovente
Di me medesmo meco mi vergogno,
E del mio vaneggiar vergogna e'l fruto.

SONETO CLXXX

Este soneto é o LXXV nas *Flores do Lima* de Diogo Bernardes; no poeta do Lima os quartetos têem alguma differença, e os tercetos muita: em um manuscripto diz Faria e Sousa o encontrára tambem em nome de Francisco de Sá de Miranda.

Esforça-se o commentador em provar com a analogia da vida do Poeta como o enunciado no soneto pertence a Camões, pois é relativo aos seus amores infelizes com D. Catharina de Athaide, e não aos de Diogo Bernardes que veiu a casar com a sua Silvia, que d'elle ficou viuva. Allega mais como prova que Fernão Alvares do Oriente, auctor contemporaneo e muito apaixonado do Poeta, e que só d'elle glosou versos, glosára este soneto na sua *Lusitania transformada;* Balthazar Estaço que escreveu as suas poesias quasi pelo mesmo tempo do Poeta, glosou em oitavas este soneto.

Acrescenta mais Faria e Sousa, que em um manuscripto onde vinham uns vinte e dois sonetos do Poeta, todos dos melhores e impressos, postoque não tinham o nome do auctor, vinha este só com os quartetos. Os sonetos que ali vinham eram os principaes das centurias I, X, XIV, XV, XX, XXXIV, LXIX, LXX, LXXIII e XCVIII.

Sobre a pouca analógia da vida de Francisco de Sá de Miranda, com o texto do soneto para se lhe apropriar, adverte que Francisco de Sá de Miranda casou por contrato com uma senhora de idade.

Tanto Fernão Alvares como Balthazar Estaço seguem ambos a lição como vem em nome do Poeta, com pequena differença, e com a mesma o traductor castelhano que traduziu este soneto que vem na collecção intitulada: *Flores de Poetas illustres Españoles*, segundo assevera Faria e Sousa. Esta composição foi

uma das que teve mais voga, e alem dos dois poetas contemporaneos, já citados, foi tambem glosada pelo Bacellar.

Em tão compridos annos de tormento.

Em huns tão longos dias de tormento.
Edição de 1668.

Em tão compridos dias de tormento.
Bernardes e o meu MS.

Em vagarosos annos de tormento.
Fernão Alvares do Oriente.

As altas torres que fundei no vento.

Aquellas torres que fundei no vento.
Bernardes e Fernão Alvares do Oriente.

Os meus castellos que eu fundei no vento.
O meu MS.

As minhas torres que fundei no vento.
Outro MS.

Levou, em fim, o vento que as sostinha.

O vento as levou que as sostinha.
Edição de 1668.

O vento as levou ja que as sostinha
Bernardes.

O vento as levou pois que as sostinha.
O meu MS.

O vento mas levou que m'as sostinha.
Outro MS.

Amor com brandas mostras apparece.

Amor com falsas mostras apparece.
Edição de 1668.

Mas logo no melhor desapparece.

E logo no melhor desapparece.
Edição de 1668.

Estranho mal! estranha desventura.

Ó grande engano e grande desventura.
Fernão Alvares do Oriente.

Ó grande mal, estranha desventura.
Um MS.

O cegueira tamanha e desventura.
O meu MS.

Por hum pequeno bem que desfallece.

Por hum breve gosto que logo falece.
O meu MS.

Hum bem aventurar, que sempre dura.

Aventurar hum bem que sempre dura.

Fernão Alvares do Oriente, o meu MS. e outro.

Na edição de 1668 o ultimo terceto é inteiramente differente, por esta fórma:

Eu o quiz, pois o quiz minha ventura,
Que gemendo e chorando conhece
Quão fugitivo elle he, quão pouco dura.

Edição de 1668.

Em Diogo Bernardes os dois tercetos são igualmente differentes, por este modo:

Amor com rosto ledo e vista branda,
Promete quanto delle se deseja,
Tudo possivel faz, tudo segura.

Mas des que dentro n'alma reina e manda
Como na minha fez, quer que se veja
Quão fugitivo he, quão pouco dura.

O meu manuscripto tem á margem esta mesma variante, com a differença sómente nos dois ultimos versos, que vem por esta fórma:

Como comigo fez, faz que se veja
Quão falso he, cruel, e quão pouco dura.

SONETO CLXXXI

Deseja o Poeta um retiro apartado, algum medonho bosque solitario, onde nas entranhas horridas dos penedos possa desafogar nas suas queixas e comprazer-se com a sua profunda tristeza.

Talvez fosse escripto na Africa; a elegia XI, apresenta a mesma descripção local e certa analogia com este soneto.

Algum bosque medonho e carregado.

Ao pé dos carregados arvoredos.

Elegia XI.

Porque alli nas entranhas dos penedos.

E por esses horridos penedos.

Elegia XI.

SONETO CLXXXII

Diz Faria e Sousa que o Poeta escreveu este soneto para introducção dos sonetos de desenganos de amor, o que se devia seguir ao soneto LXXVIII.

Expõe a breve historia de seus damnos, para aviso dos amadores; escreveu. não por gloria, mas para mostrar á sua amante os seus triumphos e seus rigores. Se deu a voz ao canto, deu a alma ao pranto escrevendo esta parte das suas penas.

Esqueceu a Faria e Sousa mais este roubo, se o foi, de Bernardes; é o soneto II das *Flores do Lima,* postoque ali vem com muita differença.

SONETO CLXXXIII

É o assumpto d'este soneto a fabula de Cefalo, que para experimentar a fidelidade de sua mulher Procris, mudando o trage a tentou com dadivas, e ella cedeu.

Veja-se Ovidio, metamorphose VII, onde é narrado este conto. Diz Faria e Sousa que Cefalo fôra um bucefalo ou um asno em fazer uma tal experiencia tão loucamente armada para seu damno.

Elle; que a bella Procris tanto amava.

Elle que a bella Pochris tanto amava.

Edição de 1616.

Mudado o trage, tece hum duro engano.

Mudado o trage, tece o duro engano.

Edição de 1616.

Oh subtil invenção para seu dano.

O engenho sotil para seu dano.

Edição de 1616.

SONETO CLXXXIV

É continuação da mesma fabula da antecedente; Procris, envergonhada do seu erro foge para os montes, e Cefalo vae após ella perdido de amor, e lhe pede perdão da culpa contra ella commettida. Diz Faria e Sousa que se o Camões se empenhava em fazer dois sonetos aos dois successos referidos, devêra fazer um ao terceiro e ultimo, á morte da mesma Procris, morta por o mesmo Cefalo, examinando-a como ciosa: talvez o Poeta o escrevesse, e se perdesse com outras obras suas que tiveram a mesma sorte. O mesmo commentador traduziu estes dois sonetos na lingua castelhana.

Sentindo-se alcançada a bella esposa.

Sentindo-se tomada a bella esposa.

Edição de 1616.

Da cegueira obrigado de Cupido.

D'amor cego, e forçoso compelido.

Edição de 1616.

SONETO CLXXXV

O assumpto d'este soneto é a fabula de Leandro e Hero: aponta Faria e Sousa os differentes auctores que trataram d'este assumpto, começando pelo poeta grego Muséo. Na edição de 1616, onde apparece pela primeira vez este poemeto, faz alguma differença e me parece melhor.

Quebravão-lhe ondas o animoso alento,
Por mais e mais que Amor lho renovara.

As forças lhe faltavão ja e o alento,
Amor lhas refazia e renovava.

Edição de 1616.

Com sentir ja que quasi lhe faltava,
Sem nada esmorecer, no pensamento
(Não podendo fallar) de seu intento
O fim ao surdo mar encommendava.

Depois que vio que a alma lhe faltava,
Não esmoresse, mas no pensamento
(Que a lingoa ja não pode) seu intento,
Ao mar que lho comprisse encomendava.

Edição de 1616.

Que a d'Hero me salvasses: não me veja.

Que a de Ero me salves, não me veja.

Edição de 1616.

Este defunto corpo lá o desvia.

Este meu corpo morto la o desvia.

Edição de 1616.

SONETO CLXXXVI

A uma dama que morreu de tenra idade; deve ter sido feito á sua D. Catharina de Athaide. Parece que o foi em occasião que visitou o local da sua sepultura, pois é em fórma de epitafio.

Tudo aqui se reduz a terra fria.

A analogia em pensamentos com alguns logares da egloga XV, escripta ao mesmo assumpto, e a sensibilidade tão parecida com a do soneto XIX tão conhecido, feito á mesma morte, confirma esta opinião.

Perfeita formosura em tenra idade.

Faria e Sousa, commentando este verso, faz uma grande embrulhada em que pretende demonstrar que D. Catharina nascêra pelos annos de 1538, que aos dez annos da sua idade a namorára o nosso Poeta, e que estes amores só duraram dois a tres, fallecendo ella logo; e, terminando, conclue o commentador: «Quien fuere más agudo nos diga más, que yo no puedo passar daqui». Na verdade, admira como um escriptor, aliás de merito, como Faria e Sousa, fosse n'esta occasião tão pouco atilado, representando-nos Camões a cortejar uma creança, e quizesse metter em um tão curto tempo tão variadas phases de um amor infeliz, emprestando á dama, que só cuidava nas suas bonecas, sentimentos mais proprios de uma idade mais adulta, com que o seu amante a faz entrar em scena mais de uma vez nas suas poesias. Sobre estes amores remettemos o leitor á nossa biographia de Camões, onde plenamente demonstrámos, e á vista de documento, que esta senhora fallecêra dez annos depois que o commentador a faz fallecida.

Qual flor, que antecipada foi colhida.

Assim como a bonina, que cortada
Antes de tempo foi, candida e bella,
O cheiro traz perdido a côr murchada

Lusiadas, Canto III, estancia CXXXIV.

SONETO CLXXXVII

A Manuel Barata, quando publicou um tratado calligraphico em Lisboa no anno de 1572. Barbosa Machado o faz natural de Lisboa, porém Faria e Sousa, de Pampilhosa; foi mestre do Principe D. João, pae de El-Rei D. Sebastião. Alem de calligrapho accumulou Manuel Barata as duas prendas de gravador em madeira e de poeta.

Tornou a publicar-se este *Tratado* ou Arte de escrever com este titulo: «*Exemplares de diversas sortes de letras tiradas da Palygraphia de Manuel Barata Escriptor Portuguez acrescentadas pelo mesmo auctor para comum proveito de todos. Dirigido ao Excelentissimo D. Theotonio Duque de Bragança e de Barcellos, Condestavel dos reinos de Portugal. Lisboa por Manuel Alvares* 1590, 4.º *comprido.*

Ibi, por Alexandre de Sequeira

Francisco Dias Gomes, na Memoria impressa no tomo IV das Memorias de Litteratura da Academia Real das Sciencias a pagina CCLXX, analysando este soneto, diz que fôra a mais insigne mão de penna que se conheceu na Europa até ao seu tempo.

Faria e Sousa, commentando o soneto, faz menção de differentes calligraphos illustres, que floreceram na Italia, em Hespanha e Portugal no XVI seculo e no seu tempo.

Deixando os estrangeiros, nomearei aqui alguns dos portuguezes de que faz menção. Os dois irmãos Thomás e Filippe Zavalla, portuguezes que residiam em Madrid no anno de 1546; um mestre da cidade do Porto; Manuel Pinto, conego na mesma cidade; N. Caldera em Lisboa, e na mesma cidade teve escola Nicolau Ferreira que depois foi religioso de S. Domingos. Os motivos sobre os quaes Faria e Sousa se fundamenta para conjecturar que fosse mestre do principe D. João, é ter visto cartas d'este para a princeza D. Joanna, quando estavam noivos, que se pareciam na letra com a de Manuel Barata.

SONETO CLXXXVIII

A eleição de um bispo, de cuja dignidade parece ter sido provido em idade provecta.

Tardou, mas veio; que a quem mais merece
Vir o premio mais tarde he sempre certo.

É o XIX na primeira edição das *Rimas* (1595) e tirou-se depois das que se seguiram por uma advertencia de Fernando Rodrigues Lobo Surrupita. Nas rimas varias de Vasco Mousinho de Quevedo, encontrou Faria e Sousa este soneto:

Só por seu limitado nascimento.

Só por seu acanhado nascimento.

Edição de 1595.

Vir o premio mais tarde he sempre certo,
Inda que vez alguma venha cedo.

Muito mais tarde vir o premio he sempre certo,
E sempre tarda inda que venha cedo.

Edição de 1595.

Mais de vagar se movem. Quem conhece
Sobre aquelle segredo, este segredo.

Mais de vagar se movem, quem soubesse
Tras daquelle segredo este segredo.

Edição de 1595.

SONETO CLXXXIX

É escripto celebrando um fidalgo do appellido de Castro: diz Faria e Sousa que se póde assegurar ser escripto a D. João de Castro. Não concordo com o commen-

tador; conjecturo que este soneto foi escripto a seu filho D. Alvaro de Castro, que foi valido de El-Rei D. Sebastião, e embaixador em Roma; porquanto os dois primeiros versos do primeiro terceto d'este soneto não podem de maneira alguma ter applicação ao Vice-Rei, mas sim a um mancebo como era seu filho.

Ornou sublime esforço ao grande Atlante.

Ornou muy raro esforço ao grande Atlante.
Edição de 1616.

Honrou a Homero o engenho, com que intenta.

Honrou seu alto engenho esse, que intenta.
Edição de 1616.

Coroou claro Amor de amor constante
A Orpheo, na paz firme e na tormenta;
Inspirou a Fortuna, em tudo isenta.

Coroou ja o amor o firme amante
Orpheo, firme na paz, e na tormenta
Aspirou a ventura em tudo isenta.
Edição de 1616.

Exaltaste tu, Fama, a gloria alta
De Alcides lá no monte em que resides.

Tu exaltaste ó fama, a gloria alta
De Ercoles, sobre o monte em que resides.
Edição de 1616.

Esfôrço, Engenho, Amor, Fortuna e Fama.

Esforço, Engenho, Amor, Ventura e Fama.
Edição de 1616.

SONETO CXC

Julga Faria e Sousa que este soneto foi dirigido ao bispo do Pôrto D. Rodrigo Pinheiro: diz que um noticioso das cousas de Portugal se lhe oppozera, dizendo que poderia ser escripto a D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda, mas que não é d'essa opinião, porque pensa que o Poeta o não alcançou. N'isto se engana, porque o bispo não só o alcançou, mas lhe sobreviveu, pois foi este prelado um dos que tão deslealmente serviram as intrigas castelhanas no tempo do Cardeal Rei, que prepararam a entrega de Portugal ao ambicioso Filippe II.

Convertido, chorava o grave dano.

Convertido chorou seu grave dano.
Edição de 1616.

E, á sua dôr fazendo illustre engano.

E fazendo á sua dor illustre engano.
Edição de 1616.

É mais provavel que fosse feito ao bispo de Vizeu D. Gonçalo Pinheiro, do

Conselho de El-Rei D. João III e seu desembargador do Paço e Petições, que mandou passar o alvará de perdão e soltura para o Poeta no anno de 1553. N'este mesmo anno foi tomar posse do seu bispado; no de 1567 falleceu no mez de novembro.

SONETO CXCI

Ao Vice-Rei D. Luiz de Athaide quando foi pela segunda vez governar a India, no fim do anno de 1577. Morreu o Vice-Rei no mesmo anno em que falleceu o Poeta (1580).

D. Luiz de Athaide, filho de Affonso de Athaide e D. Maria de Magalhães, foi terceiro conde da Castanheira e duas vezes governou a India. As suas proezas são bem conhecidas, para que seja necessario expo-las aqui. Veja-se o soneto LXIV feito ao mesmo.

SONETO CXCII

A Estacio de Faria, avô de Manuel de Faria e Sousa, segundo affirma o dito commentador. Diz que na sua casa existiam documentos dos generaes das armadas que testemunhavam o valor do seu avô nas emprezas mais arriscadas, e que era bom poeta, como se póde ver de poesias suas que se conservavam.

Na comedia ou Auto de El-Rei Seleuco figura um Estacio da Fonseca como dono da casa onde se fazia a representação.

SONETO CXCIII

Os seus erros, a sua má fortuna e o amor se conjuraram para a sua perdição; errou em todo o decurso da sua vida, e deu causa a que a fortuna castigasse as suas mal fundadas esperanças, e termina dizendo que se farte de todo esse duro genio de vinganças.

Que ja as frequencias suas me ensinarão
A desejos deixar de ser contente.

Que as magoadas iras me ensinárão
A não querer ja nunca ser contente.

Edição de 1616.

SONETO CXCIV

Debaixo da allegoria de Babylonia descreve a Cidade de Goa, seus vicios e torpezas, onde está cumprindo o curso da natureza, saudoso da sua patria que não pódé esquecer.

Vê se me esquecerei de ti, Sião.

Vejam-se as primeiras redondilhas e as oitavas quintas:

Cuida que hum nome vão a Deos engana.

Cuida que um nome vão a desengana.

Edição de 1616 e 1685.

SONETO CXCV

As aguas do Tejo se turvaram, seccaram-se os seus campos, fez-se intratavel o valle e frio.

É uma allegoria do estado de abatimento e de desordem em que parece que achou a sua patria.

Em differentes logares dos seus poemas falla o Poeta de se terem turvado as

aguas do Tejo e seccado os campos; entre estes ode VI e XII, egloga I e IV, ode VI e XIII, elegia II e VI. Veja-se tambem o soneto inedito que começa:

Formoso Tejo meu quão diferente.

Que as rapidas enchentes enturbárão.

Que as do Ceo, e as do monte as enturbarão.

Edição de 1616.

Os florecidos campos se seccárão.

Os campos florecidos se seccárão.

Edição de 1616.

Passou, como o verão, o ardente estio.

Passou o verão, passou o ardente estio.

Edição de 1616.

Ja o tempo a ordem sua tẽe sabida.

Tem o tempo sua ordem ja sabida.

Edição de 1616.

SONETO CXCVI

Ao engano com que os homens vivem e dão credito ás cousas do mundo, procurando achar repouso n'ellas, parecendo-lhe injusto o que é a Deus justo e evidente. Escripto ao mesmo assumpto do soneto CCCL (inedito).

O regimento seu fica encoberto.

O regimento seu está encuberto.

Edição de 1616.

SONETO CXCVII

É dedicado á Conceição de Nossa Senhora: este soneto ou antes uma imitação d'elle vem entre os versos que se publicaram na trasladação das reliquias de S. Roque, no anno de 1588 a fl. 299, em nome de André Falcão.

É quasi o mesmo e com os mesmos consoantes, porém faz differença; começa:

Oh! quanto aprouve ó quanto contentou.

Este André Falcão que Faria não sabe quem fosse, era André Falcão de Rezende, sobrinho do celebre antiquario André de Rezende e amigo de Camões. O soneto saíu pela primeira vez como de Camões, na II parte das *Rimas*.

Edição de 1616.

Te fez Deos, Sacra Phenix, Virgem pura.

Te fez Deos, Santa Phenix, Virgem pura.

MS. de Luiz Franco.

No seu alto conceito te formou.

No seu santo conceito te gerou.

MS. de Luiz Franco.

No seu santo conceito te formou.

Edição de 1616.

Não sei se digo em tudo quanto baste.

Não sei se direi nisto quanto baste.

Edição de 1616.

Não sei se direi muito quanto baste.

MS. de Luiz Franco.

Para exprimir as raras qualidades.

Para exprimir as santas qualidades.

MS. de Luiz Franco e edição de 1616.

És Filha, Mãe e Esposa: e se alcançaste.

És madre, filha, esposa, e se alcançastes.

SONETO CXCVIII

A Encarnação do Verbo Eterno; vem com alteração no manuscripto de Luiz Franco:

Desce dos altos ceos Deos uno e trino
A encarnar na Virgem Soberana,
Porque dece divino em carne humana
Para subir humano a ser divino.

Pois como vem tão pobre, tão benino,
Antre gente cruissima e tirana
A padecer crua morte e dor profana?
Por restaurar de Adam o desatino.

Pois como Adam e Eva o fruto comem
Que pelo proprio Deos lhe foi vedado?
Para que o proprio ser de Deoses tomem.

E por essa rasão foi encarnado
Na Virgem pura? sy, porque é forçado
Que se humano quis ser Deos, Deos seja homem.

MS. de Luiz Franco.

Porque desce o divino a cousa humana?

Porque desce divino em cousa humana?

Edição de 1616.

He possivel que os dous o fructo comem
Que de quem lhes deo tanto foi vedado?

Pois como? Adão, e Eva o fruto comem
Que por seu proprio Deos lhe foi vedado?

Edição de 1616.

SONETO CXCIX

Ao nascimento de Christo: parece ser recitado diante de algum presepio:

Pobreza este Presepio representa, etc.

Une-se a nossa carne, e a faz nobre.

Une-se a carne nossa e fala nobre.

Edição de 1616.

Hoje subida fica á mór riqueza.

Hoje subida fica a mor alteza.

Edição de 1616

SONETO CC

A Paixão de Christo: ao mesmo sagrado assumpto escreveu o Poeta a elegia XI e XII e uma elegia (inedita).

Mas soffre-a aquella immensa Fortaleza.

Soffre-a aquella immensa Fortaleza.

Edição de 1616.

Por amor puro; que a mortal fraqueza.

Por puro amor que a humanal fraqueza.

MS. de Luiz Franco e edição de 1616.

SONETO CCI

Canta o Poeta ser vencido por uma belleza e chora as memorias de um longo padecer; quer que se dilatem em larguissimas historias os seus gloriosos rendimentos, e offerece a amor o triste fôro do seu pranto.

Pretende Faria e Sousa que este soneto fosse de introducção aos tristes de materia amorosa, e é seu parecer que o Poeta tinha tenção de dividir estes sonetos em centurias, pondo na primeira os amorosos; a segunda devia constar tambem dos amorosos e a terceira dos tristes. A estes deviam seguir-se os varios, e por fim os moraes e sacros.

Não guarda o Poeta a mesma ordem commum nos consoantes dos quartetos que é *a, b, b, a* e *a, b, b, a,* e a altera por esta fórma *a, b, a, b* e *b, a, b, a.* Vejam-se os sonetos XXXI e XLVI nos tercetos:

Mova-se em todo o mundo unico espanto.

Mova-se no mundo espanto.

Redondilha I, estancia XXVIII.

Este soneto me parece frouxo e mal acabado.

SONETO CCII

Ao mesmo assumpto do antecedente, à causa de seus tormentos os faz gloriosos; termina protestando á sua dama que não deixará de a amar com o receio de perder a vida, antes por ella mil vezes a perderá.

Sobre o ficar honrado com o vencimento, etc. Soneto XXVII da centuria I no fim e o soneto XXXVI.

SONETO CCIII

A uma fonte e sitio habitado por umas senhoras. Estas formosas nymphas esquecidas de outro valle e de outro monte, viviam n'este sitio vencendo com seu poder a Cupido, o qual querendo-se oppor, se viu vencido e vivia entre ellas desarmado.

Diz Faria e Sousa que é feito a umas senhoras que habitavam alguma quinta ou casa de campo, e julga que seriam as damas do Paço, e que seria escripto em Almeirim ou Cintra, e que ao mesmo assumpto são escriptas as voltas LXIX e LXX.

Andão contra Cupido levantadas.

Na egloga I, estancia III, onde o Poeta parece alludir ás damas da côrte, repete o mesmo pensamento:

> Em fim vi as pastoras tão formosas
> Que o amor de si mesmo se temia.

SONETO CCIV

O Poeta vendo a nympha que adora adormecendo nos braços de um Silvano, prorompe n'uma invectiva contra Venus que consentiu em dar a maior formosura do seu côro a um monstro tão disforme, d'onde fica acreditando que não ha amor senão ventura.

Parece escripto a algum casamento que se projectava á sua dama, e ao mesmo assumpto da egloga IV. Vejam-se as estancias VIII, X e XVI da dita egloga, e os sonetos XIV e LXX da centuria I, e ás voltas IX.

SONETO CCV

Camões faz a apologia do amor, dizendo que em ninguem melhor do que n'elle se podem ver os seus effeitos, mas que as suas iras são amorosas, e que os seus males são bens que elle não trocaria por outro qualquer bem.

SONETO CCVI

Aos olhos de uma dama chamada Beatriz: diz-lhe que o cegou com a luz de seus olhos, e pede-lhe que o torne a ver para o curar d'esta ferida. Veja-se o soneto LXIX da centuria I e a redondilha XIX, estancia I.

> Assi Senhora quer minha ventura,
> Que ferido de ver-vos claramente,
> Com vos tornar a ver amor me cura.

Julga Faria e Sousa que esta dama era de esphera humilde, por não ser nomeada pelo Poeta debaixo de nome supposto.

SONETO CCVII

A uma dama chamada Ignez: dirige-se aos campos que pizava esta dama, os quaes serão suaves emquanto forem vistos dos seus olhos, e regados com suas lagrimas por não verem estrellas tão divinas.

Pede á flor malmequer que se esta dama quizer fazer experiencia na ultima folha da sua fé lhe mostre o bem que lhe quer, e então não sentirá que mal lhe queira. Allude a uma experiencia amorosa que se fazia, e consistia em desfolhar um malmequer dizendo alternadamente *bem me quer, mal me quer*, sendo a ultima que ficava que expressavá o affecto que se sentia; eram oraculos dos amantes que mais de uma vez têem sido consultados.

Usa o Poeta do anagramma de Ignez nos sonetos LIII e XCIX da centuria I, e XVIII e LXXII da centuria II; egloga VII, estancia X.

SONETO CCVIII

Este soneto no manuscripto onde Faria e Sousa o encontrou, trazia a palavra *Paz* com *P* maiusculo, d'onde infere este commentador ser feito a uma dama do appellido de Paz. Consiste o artificio d'este soneto no jogo das duas palavras *Guerra* e *Paz;* da guerra em que o traz a formosura d'esta dama, e da paz a que vive obrigado.

SONETO CCIX

Tributario de amor e tendo-o sempre servido, vê o seu merecimento despedaçado ás mãos da ingratidão; mas na sua pena um só descanso tem que a gloria que lhe resulta do seu amor não póde ser diminuida com os males que experimenta e soffre o seu coração.

Amor, que amor não he, mas inimigo.

Veja-se egloga III, estancia XVI.

Se com amor o fazes eu to digo,
Que amor que tanto mal me faz em tudo
Não póde ser amor, mas inimigo.

N'outro manuscripto achou depois Faria e Sousa este soneto em nome de Surrupita.

SONETO CCX

Nenhum horror de conflictos militares receia depois que viu os olhos da sua amante, e que não ha inimigo de que não possa defender-se senão do amor, inimigo mais poderoso e temivel que todas as guerras e perigos do mundo.

Pensa Faria e Sousa que este soneto foi escripto em Ceuta, depois que se achou em uma batalha naval em que perdeu um olho, como consta da canção X, estancia IX, porque na elegia II (que julga tambem escripta depois do mesmo successo) falla do mesmo modo, dizendo que nem com o continuado exercicio das armas póde livrar-se de amorosos pensamentos.

E nem com isto emfim que estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas
De amorosas lembranças me defendo.

O mesmo disse depois descrevendo uma tormenta que experimentou no proceloso cabo da Boa Esperança, elegia I, estancia X; e na India descrevendo o cruzeiro do estreito, canção IX, estancia III.

SONETO CCXI

Este soneto acha Faria e Sousa difficil de entender, e eu não pouco tambem; dá-lhe duas interpretações. Na primeira julga que foi feito por occasião de se enamorar de parenta mui proxima em grau prohibido.

Fiou-se o coração que nunca poderia tomar tão illicito amor, mas os olhos lhe pintaram tão excessiva formosura que a rasão fugiu deixando o campo ao pensamento. Amor vingou n'elle o casto peito de Hypolito de tal modo que já se arrepende do que tem feito. Do termo illicito *amor* usa o Poeta na egloga II, estancias XXVII e XXVIII.

Mas isto tem amor que não se atreve
Senão donde he illicito e custoso...

Mas depois que deixou entrar comsigo
Illicito desejo e pensamento...

A segunda interpretação é, que a contrariedade dos amores de Antioco, que se enamorou de sua madrasta, com a castidade de Hypolito, rejeitando o incestuoso e deshonesto amor de Fedra, foi o assumpto d'este soneto.

É muito possivel que desse motivo a este soneto a tragicomedia de Seleuco feita pelo Poeta, e que fosse escripto por esta occasião.

SONETO CCXII

Quem quizer ver de amor uma excellencia attenda ás experiencias por que o faz passar a sua amante, o mar temeroso e a guerra dura. Protesta que quanto maior for o risco mais segura será a saudade, e que em todos os estados prosperos ou os mais infelizes da vida, lhe encontrarão na lingua o nome e na alma a vista da amante. Este soneto bem se vê que foi escripto por occasião de partida; julgo que para a India.

Porque de minha fé faça exp'riencia.

Por ter de minha fé experiencia.

Edição de 1598, MS. de Luiz Franco.

Onde lembranças mata a larga ausencia.

Onde lembranças matão a longa ausencia.

Edição de 1598 e MS. de Luiz Franco.

A saudade alli 'stá segura.

Ali a saudade está segura.

Edição de 1598 e MS. do Luiz Franco.

Quando risco maior corre a paciencia.

Quando mor risco corre a paciencia.

Edição de 1598 e MS. de Luiz Franco.

Em morte, ou nojo, ou damno, ou perdição.

Em nojo, morte, dano e perdição.

Edição de 1598 e MS. de Luiz Franco.

SONETO CCXIII

Em castelhano. Pede á sua dama o deixe gosar da doce vista dos seus olhos, e que os detenha ao menos um só momento; e quam ditoso será aquelle em que possa cobrar repouso e vida ou acaba-la ali logo.

Si detener pudiera solo un dia,
Pudiera bien librarla de tormento.

Si detener viesse solo un dia
Mi pecho librarian de tormiento.

Edição de 1668.

Deste tan amoroso sentimiento.

Pues de tan amoroso sentimiento.

Edição de 1668.

Ó tambien su accidente creceria
Para acabar la vida en un momento.

O assi el accidente creceria
Que la vida acabas e en un momento.

Edição de 1668.

Oh! si ya tu esquivez me permitiese
Que al ver, o Ninfa, tu semblante hermoso,
A manos de tus ojos yo muriese!

O si tu esquivez lo permetiese
Que en presencia de tu semblante hermoso
A manos de tus ojos me muriese.

Edição de 1668.

Oh si los detuvieras! cuan dichoso.

O si los destruyse quan dichoso.

Edição de 1668.

Vida en ellos cobrar, cobrar reposo.

Cobrar ellos la vida y el reposo.

Edição de 1668.

SONETO CCXIV

Em castelhano. A crueldade e desdem da sua dama, e a sua amorosa chamma, de um só golpe lhe tiraram a vida com duas mortes contrarias; uma procedida do amor que lhe tinha, e outra do rigor com que era tratado pela sua dama.

Por términos la vida me quitase.

Garcilasso, Soneto x.

Pues en un'hora junto me llevastes
Todo el bien que por términos me distes.

Mas que la muerte asi se apresurase
Con un deshumanisimo accidente.

Sinò que desamor se apresurase
Con un tan deshumano accidente.

Edição de 1668.

No pretendió mi alma, aunque lo siente,
Que el riguroso curso se atajase,
Porque nunca morir se exprimentase
Desamado el que amó tan dulcemente.

Mi alma no resiste ni consiente
Que el amoroso curso se atajasse
Porque nunca jamàs se exprimentasse
Que nuera a desamor quien amor siente.

Edição de 1668.

Con esas gracias vuestras ordenaron
Crueldad asi imposible, ó nunca oida.

Como vuestra hermosura me ordenaron
Imposible crueldad jamas oida.

Edição de 1668.

Aquel frio desden, y la amorosa.

Aquel fiero desden y la amorosa.

Edição de 1668.

Con dós contrarias muertes una vida.

Con dós muertes contrarias una vida.

Edição de 1668.

SONETO CCXV

Em castelhano. Pede á sua dama que se vingue n'elle por ousar elevar a esperança a tão alto cume de perfeição. Embora derrame n'elle as suas iras se sente gloria com a sua pena e o desame, que quanto mais o offende, mais lhe quer.

Ayudame, Señora, á hacer venganza.

Ayudame, Señora, a ter venganza.

Edição de 1685.

Donde una vez llegó naturaleza,
Mas de volver perdió la confianza.

Natura il fece e poi ruppe la stampa.

Ariosto, Canto x.

Una obra solo quiso la natura
Hazer como esta, e rompio luego a prissa
Lá estampa do fue hecha tal figura.

Garcilasso, Egloga II.

SONETO CCXVI

Em castelhano. Dirige-se a um rio que engrossa no secco estio com as suas lagrimas. Pede-lhe que mostre nas suas aguas a sua figura desfallecida á sua amada, porém se ella apartar os olhos vendo-se offendida de ali o ver, que em pena de o não querer ver não se veja a si mesma.

O claras águas deste blando rio..

É parecido com o mesmo principio do soneto XL, centuria I.

Alegres campos, verdes arvorédos
Claras e frescas aguas de crystal
Que em vós os retratais ao natural.

Con socorreros deste llanto mio.

O mesmo pensamento na egloga XIV, estancia XXII.

Pastores que buscais na sombra amada
A fonte por fugir o ardor do estio,
Vinde a mim porque de agua destilada
Por meus olhos se solta hum largo rio.

Y si por mi de vos los apartare.

Corresponde ao mesmo final do soneto XXXVIII da centuria I.

Mas eu cuido que só por me não verdes
Ver-vos em mim, Senhora, não quereis,
Tanto gosto levais de minha pena.

O nome da dama, assumpto d'este soneto, é Morfisa, e por este nome julga Faria e Sousa que podia parecer este soneto de Diogo Ramires Pagan, por que assim chama a dama que celebra nas suas rimas. Em um MS. o achou o mesmo commentador em nome de D. Manuel de Portugal, assim como o antecedente feito a D. Francisca de Aragão; porém diz que no MS. havia muito engano a este respeito. Vide o soneto xxv.

SONETO CCXVII

Em castelhano. O Poeta gosa, em sonhos, da formosura da sua amante; mas quando se eleva o seu desejo vem a cair em sombra escura. Folga assim de ser cego para a vêr, mas se quer que se mantenha de enganos e que se perca pela amar sem ganho, não póde haver perda.

Em um MS. vem em nome de Francisco de Sá de Miranda, porém não quer Faria e Sousa que seja seu, porque jamais alcançou escrever versos maiores tão limpos como estes.

SONETO CCXVIII

Em castelhano. O gosto e a belleza se desposaram servindo de terceiros os olhos, e d'elles nasceu um filho formoso, o Amor, monstro com azas, etc. Monstruoso me parece tambem a mim o soneto, e duvido muito que seja do nosso Poeta. Em um MS. o encontrou Faria e Sousa em nome do Dr. Ayres de Pinel, com alguma differença nos quartetos e muita nos tercetos.

La beldad desposada deste duelo.

La beldad desposada deste suelo.
Edição de 1685.

La madre es la soberbia, el niño el zelo.

La madre es la soberbia, el nido el zelo.
Edição de 1685.

Y al padre mortal da inmortales zalas.

Y al padre mortal da inmortales zalas.
Edição de 1685.

SONETO CCXIX

Encarece a sua firmeza: se o fogo que o abraza fosse consumido por um diluvio, os seus suspiros fossem desparzidos pelo ar, o seu corpo fosse convertido em pranto, nunca a fortuna, com todos os seus horrores, poderia derruba-lo da sua gloria, porque nem mesmo no Stygio lago poderia tirar-lhe da memoria a belleza da sua amante.

Ni del Estigio lago eternos llantos.

Similhantes encarecimentos se vêem na egloga v, estancias xxxvi e xxxvii.

SONETO CCXX

Falla o Poeta com as saudades, e diz-lhe com que esperanças ainda o querem enganar? É tempo de se desenganar, porque o tempo que vae não torna, e se torna, não tornam as idades, nem são sempre conformes as vontades. Esperanças de novas alegrias não lh'as deixa a fortuna nem o tempo irado.

O tempo, que se vai, não torna mais.

Qu'o tempo, que se vay, não torna mais.
Edição de 1598.

Nem todos para hum gosto sois iguais.

Veja-se a redondilha I, estancias IX e X.

Porque mudando-se a vida
Se mudão os gostos della...

Não m'as deixa a Fortuna e o tempo irado.

Não m'as deixa a Fortuna e o tempo errado.

Edição de 1598.

SONETO CCXXI

O Poeta descreve o amargo da ausencia postoque desejada, a saudade que o opprime, a tribulação da sua alma, e a tristeza que o vae consumindo. Espera e conta os annos que dêem fim a tão longa ausencia; mas còm a vida elles fallecem e não póde a alma supportar um tão cruel soffrimento.

Nem basta á carne enférma esprito pronto.

O espirito e a carne he pronta.

Lusiadas, canto IV, estancias LXXX.

Lo spirito e pronto, ma la carne é stanca.

Petrarcha, soneto CLXIV.

Este verso é tirado de S. Matheus Evangelista, capitulo XVI: *Spiritus promptus est, caro vero infirma.*

Oh rigorosa ausencia desejada.

Ó rigorosa ausencia receada.

Edição de 1668.

Tendes vossa esperança em minha vida.

Tendes vossa aspereza em minha vida.

Edição de 1668.

Mas tanto, que ja temo que opprimida.

Tanto que, temo ja que oprimida.

Edição de 1668.

Sejais com ella cedo, ou acabada.

Sejais com ella mui cedo acabada.

Edição de 1668.

As noites, com cuidados as desconto.

As noites, em cuidados as desconto.

Edição de 1668.

Eu desejando espero, e os annos conto.

Em desejo e esperança, as horas conto.

Edição de 1668.

Nem basta á carne enférma esprito pronto.

Não me posso valer de assistir prompto.

Edição de 1668.

SONETO CCXXII

Castelhano. Deseja o Poeta que dos seus olhos mane uma fonte com que possa chorar o passado e o presente; palavras com que iguale o aggravo que amor lhe faz; e que lhe abre profundamente o peito onde está escripto o segredo que com tanta dor sua não sáe a seu despeito.

Ay! quien dará á mis ojos una fuente.

Jeremias, capitulo IX: «Quis dabit capiti meo aquam, et oculis meis fontem lacrymarum? et plorabo die ac nocte, etc.»

Quien me diera apartado de la gente.

E quem fôra apartando-se da gente.

Soneto LXXVI, centuria I.

Onde acharei logar tão apartado.

Soneto LXXXVI, centuria I.

«Quis dabit me in solitudine diversorum viatorum, et derelinquam populum meum et recedam ab eis.» Jeremias, no logar citado.

SONETO CCXXIII

Castelhano. Falla com um rio, provavelmente o Tejo. Elle, apesar de mil rodeios, chega ao fim desejado, e as lagrimas que chora noite e dia nunca chegam ao fim pretendido.

Este soneto, se é do Poeta, devia ser feito no degredo do Ribatejo, em um MS. que achou depois Manuel de Faria e Sousa o encontrou em nome do marquez de Astorga.

SONETO CCXXIV

Castelhano. Pede á sua dama tenha d'elle compaixão, se não quer ver roto o fio da vida; mas se estima em pouco ver qual anda ali o tem rendido, viva o seu gosto e morra a esperança d'elle.

Viva tu gusto, mi esperanza muera.

Na canção IV, estancia IV diz do mesmo modo:

Morra eu, Senhora, e vós ficai contente.

SONETO CCXXV

Em castelhano. A um retrato: tornou em sombra de pintura o que lhe podia dar contentamento, isto é, a vista da sua amante. O Poeta se lhe dirige como se fôra o original, e julga que escuta o seu pranto, que lhe responde e se condoe da sua vida.

Este soneto em um MS. tinha por titulo que era de D. Manuel de Portugal, a uma partida de D. Francisca de Aragão; porém diz Faria e Sousa, postoque o titulo diga que é de D. Manuel de Portugal, se deve ter por erro do copiador, porque este soneto e os XV, XVI e XIX estão ali sem divisão uns dos outros como

se fossem tercetos continuados, e tambem sem divisão se segue a elles uma elegia; e sobre elles e ella este titulo: «*A ausencia de D. Francisca*», com que parece que o copiador poz o titulo fóra do seu logar, devendo-o pôr sobre a elegia; e os sonetos estão mostrando que não têem relação com o titulo, pois os seus argumentos são mui differentes como se póde ver sobre os sonetos XIX, XXV e XXVI. A elegia porém corresponde ao seu titulo, e começa:

Aquella fuerça grande que recibe.

SONETO CCXXVI

Em castelhano: a uma ausencia. Vem tambem em nome de D. Manuel de Portugal.

SONETO CCXXVII

Ao duque de Bragança D. Theodosio; louva-o pelo seu saber e valor. Ao mesmo duque escreveu o soneto XXI

SONETO CCXXVIII

Ao famoso heroe D. Leoniz Pereira, filho illegitimo de D. Manuel Pereira, conde da Feira, que defendeu Malaca do poder do Achem no anno de 1568.

Ó Nymphas, cantai, pois; que claramente.

Pois ó Nymphas cantai que claramente.

Edição de 1598.

SONETO CCXXIX

A um mancebo morto no campo de batalha: vê-se que era um cavalheiro apaixonado, e como o Camões, infeliz nos seus amores. Inveja-lhe a sorte, pois o que não se alcança com mil mortes, póde elle alcançar com uma só. Talvez fosse escripto a D. Antonio de Noronha, seu amigo, e a quem os parentes, para desviar de certos amores, mandaram militar na Africa.

SONETO CCXXX

Á morte de uma senhora, fallecida na flor dos annos; Faria e Sousa apresenta varios logares tirados da egloga XV para comprovar que este soneto foi feito a D. Catharina de Athaide. É escripto em fórma de epitaphio, e foi talvez recitado sobre a sepultura.

E da lua, que ante ella luz não tinha.

E da luna que ante ella luz não tinha.

Edição de 1685.

SONETO CCXXXI

A phantasia imprime na sua alma imagens vãs com que a atormenta; bom seria que tivessem fim os seus cuidados: porém nem sempre o fado é conforme com a rasão. Este soneto em um MS. o encontrou Faria e Sousa em nome do infante D. Luiz; elle vem no MS. de Luiz Franco, e com differença, por esta fórma:

Imagens novas imprime a fantesia,
Discursos grandes cria o entendimento,
Extremos diversos correm o pensamento
Cuidados de cem annos e um só dia.

Se tivessem fim grande bem seria
Responder a esperança ao fundamento;
Mas os fados não correm tão a tento,
Que guarde a rasão sua valia.

O caso e a fortuna podem errar
Sem ordem por accidente da victoria,
E o louvor da fama vãa he falsa historia.

Excede ao vencer o determinar,
Á constancia da ventura se deve gloria;
O animo livre he dino de memoria.

SONETO CCXXXII

Todas as esperanças humanas são caducas, só a que se põe em Deus é certa e verdadeira. Applicando a si Faria e Sousa as verdades catholicas d'este soneto, nos revela como as esperanças que poz nos homens foram vãs, embalado com as quaes consumiu uns trinta annos, sendo os ultimos dez infernaes.

SONETO CCXXXIII

É tempo de depor os pensamentos mundanos, e, abraçado com a fé que lhe ficou, dar fim a caducos ardimentos. Este soneto encontrou Faria e Sousa tambem no MS. em nome do infante D. Luiz.

SONETO CCXXXIV

Quanto melhor é o dia da mansa morte do que o do nascimento, porquanto este é para os trabalhos e tormentas da vida, e o d'aquella para descanso infinito. Nos tercetos d'este soneto parece o Poeta affligir-se com o pensamento de não poder satisfazer aos seus credores durante a vida.

SONETO CCXXXV

Dirige-se ao peccador aconselhando-o que não gaste tempo seguindo seus erros, lembrando-se que a vida é um momento comparada com os supplicios eternos, e peça a Deus perdão dos peccados.

SONETO CCXXXVI

Parece que a verdade, amor, rasão e merecimento dariam confiança a qualquer; porém a fortuna, o acaso, o tempo e a sorte é que governam o mundo: assim o melhor é crer em Christo, unica verdade segura e infallivel.

E não sabe a que causa se reporte.

E não sabe a que causas se reporte.
MS. de Luiz Franco.

Não se alcança de humano entendimento.

Que não no alcança humano entendimento.
MS. de Luiz Franco e outro.

Doctos varões darão razões subidas.

Doctos varões derão razoens subidas.
MS. de Luiz Franco.

Mas são as exp'riencias mais provadas.

Mas são as experiencias mais prezadas.

MS. de Luiz Franco

E por tanto he melhor ter muito visto.

E por isso he melhor ter muito visto.

MS. de Luiz Franco e outro.

SONETO CCXXXVII

Sobre o psalmo CXXXVI. Descreve o pezar do povo israelita no captiveiro de Babylonia e a saudade de Sião. Póde ser allusivo á sua estada na India. Veja-se o soneto que começa:

Cá nesta Babylonia adonde mana.

Vejam-se tambem as redondilhas I, estancias I, XII, XIII, XV, XVI, XVIII, XX, XXIV, XXVI e XXVII.

Este soneto vem n'um manuscripto em nome do infante D. Luiz.

SONETO CCXXXVIII

Sobre o psalmo CXXXVI como o soneto antecedente, e o que se segue, que são do mesmo argumento das redondilhas em que paraphraseou este psalmo. No ultimo terceto faz a mesma promessa que faz nas redondilhas, de abandonar a poesia prophana pela divina.

SONETO CCXXXIX

Ao mesmo assumpto do psalmo CXXXVI dos dois sonetos antecedentes; acaba com o versiculo VI do mesmo psalmo:

Oblivioni detur dextra mea.

SONETO CCXL

Á immaculada conceição da Virgem Nossa Senhora; ao mesmo sagrado assumpto escreveu tambem o soneto CCXCIX.

SONETO CCXLI

Ao nascimento de Jesus Christo e redempção dos homens. Vide o soneto CCXCIX.

SONETO CCXLII

A Jesus Christo crucificado. É dialogistico como o são os sonetos XXXVII, LIX, LXI, LXXXIII, CCLIV, CCXCVIII, CCXCIX e CCC.

SONETO CCXLIII

Á cruz, insignia da redempção. Este soneto parece ser escripto a alguma bandeira onde estivesse estampada a sagrada insignia; talvez por occasião da benção do estandarte que levou o infeliz rei D. Sebastião. O oitavo verso me confirma n'esta opinião, por elle se vê que foi feito em Lisboa, e que allude a soldados que militavam cá e na Africa, talvez proximos a partirem na expedição.

No Ponente errão cá, lá no Levante.

SONETO CCXLIV

A S. João Baptista, o precursor.

SONETO CCXLV

A S. João Evangelista, o discipulo amado.

SONETO CCXLVI

A S. Francisco

SONETO CCXLVII

A dois esposos, fallecidos juntamente, e que muito se amavam. Inveja-lhes a sorte que trocaram por um estado, embora feliz mas ephemero, por outro onde o bem se sente sem sobresalto. Triste quem como elle experimenta todos os tormentos do amor, o qual para maior damno lhe tem dado, para tão duro mal, tão longa vida. Nas obras de Pedro de Andrade Caminha vem um epitaphio feito á morte de seus paes, ambos fallecidos no mesmo dia; porém eu não me persuado que este soneto seja a esse assumpto, não só porque parece que não havia intimidade entre os dois poetas, mas porque o soneto parece indicar que estes esposos eram jovens.

SONETO CCXLVIII

Viveu contente, isento de amor, e agora receia que lhe venha a faltar o soffrimento; a crueldade da sua amante lhe paga com desesperação e com desejo o seu extremado amor.

SONETO CCXLIX

Aos celebrados amores de Apollo e Daphne.

SONETO CCL

Em um manuscripto encontrou Faria e Sousa que este soneto é feito a Nossa Senhora dos Martyres: a igreja parochial de Punhete, hoje Constancia, é d'esta invocação. Offereçam no seu altar mãos e pés, pendam monstros do mar, que ali deixa enganos, affeições, cuidados e pensamentos vãos, ainda maiores monstros. Não assegura Faria e Sousa que este soneto seja de Camões, mas o põe por lhe parecer muito do seu estylo.

SONETO CCLI

Aconselha os amantes que fujam do amor, que elle só para com elle foi constante em ser mudavel.

SONETO CCLII

Se as suas lagrimas podem abrandar o marmore, porque não hão de abrandar o peito endurecido da sua amante? pede-lhe pois que mitigue o rigor, porquanto elle aventura a vida, e ella a fama.

O marmore abrandar podem mais duro.

Abrandar podem hum coração duro.

MS. do Luiz Franco.

Porque as minhas que nascem de amor puro.

Porque as minhas que nascem de hum amor puro.

MS. de Luiz Franco.

Hum coração não rendem a piedade.

Vos não movem, Senhora, a piedade.

MS. de Luiz Franco.

O resto do soneto, isto é, o segundo quarteto e os tercetos fazem differença no MS. de Luiz Franco, por esta fórma:

. . . .

Pois por vós perdi a liberdade,
E da vida não estou ainda seguro,
Rompei de desamor o forte muro,
Não useis de vossa crueldade.

A males nunca vistos dai ja fim,
E não queirais ser, sendo formosa,
Havida por cruel e homicida.

Para vós, vos queria eu piedosa,
E de nunca serdes para mim,
A esperança tenho ja perdida.

SONETO CCLIII

Viveu já em vãos contentamentos de amor, mas agora que caiu em si, está de todo desilludido e sabe já o que ignorava, que é mais rico de amores aquelle que d'elles é mais pobre.

SONETO CCLIV

Representa uma dama gentil em uma lapa tenebrosa onde bate o mar, que, inspirada pelo espectaculo que a natureza desenrola a seus olhos, cheia de ternura e amor, inveja o logar para ali se juntarem dois amantes. É um bonito soneto.

SONETO CCLV

Certifica á sua amante que não tem outro interesse nos seus amores, do que cevar a lembrança na gloria de lhe querer; e em penhor da sua fé e pureza dos seus amores, lhe faz tributo da vontade.

SONETO CCLVI

Soneto de chasco feito a uma mulher galanteadora, por nome Gracia, que representa como feiticeira, arrastando os homens ao inferno. É escripto em castelhano, mas que pelo *lusitanismo* do vocabulo *devasso* se conhece ser escripto por portuguez; parece ser uma parodia de um de Garcilasso.

SONETO CCLVII

Qual a borboleta que volteia em torno da véla, elle se abraza nos olhos da sua amante; conhece que vae morrendo, porém não quer amor a sua alma, porquanto não póde ter morte nem mais doce, nem mais gloriosa.

SONETO CCLVIII

Morta a esperança, pede ás lembranças do seu bem o deixem, poisque a ventura em um momento lhe roubou a sua gloria, que foi para elle tão ephemera. Este soneto encontrou Faria e Sousa em um MS., em nome de Martim de Castro.

SONETO CCLIX

Aconselha a dama a quem é dirigido que colha o doce fructo do amor, lembrando-lhe que o tempo é fugitivo, e nem sempre é desejado, e que lh'o deixe gosar a elle que morre de amor pela sua formosura. Este conselho dá em varios outros logâres das suas poesias.

Que por vós morro, e por vós vivo.

Por vos he de morrir y por vos muero.

Garcilasso, Soneto v.

SONETO CCLX

Em um MS. encontrou Faria e Sousa este soneto com este titulo: «*De Luiz de Camões a uma dama que lhe enviou uma lagrima entre dois pratos*». Commentando Faria e Sousa este soneto, nos diz que o Poeta podéra dizer mais sobre o assumpto.

SONETO CCLXI

Protestos de amor em uma despedida. Em um manuscripto encontrou Faria e Sousa este soneto em nome de Pedro da Cunha, que o commentador ignora quem fosse.

SONETO CCLXII

Acostumado a soffrer o seu mal cresce com a causa do seu tormento, e preso pelo seu desejo, só a ventura lhe póde dar remedio. Este soneto encontrou Faria e Sousa em um manuscripto em nome de Martim de Castro.

SONETO CCLXIII

Este soneto parece feito estando ausente. Vive salteado de varios affectos amorosos, mas sempre triste e pezaroso. Tambem vem em o manuscripto que viu Faria e Sousa em nome de Martim de Castro.

SONETO CCLXIV

Este soneto parece ser escripto em seguimento a alguma declaração ou dito á dama a quem é dirigido. Se no que disse a offende, não era essa a sua tenção, pois comquanto não pretenda merece-la, não pretende desmerece-la. A ventura ou desventura o desenganarão conforme forem os gostos ou damnos recebidos. Este soneto encontrou Faria e Sousa em um MS. em nome do Dr. Alvaro Vaz; ignora porém quem fosse este doutor, e qual fosse a sua sufficiencia na poesia. Commentando o mesmo Faria e Sousa este soneto, que é o ultimo na sua collecção, nos declara que nos manuscriptos por elle vistos encontrou, em nome de Camões, mais sonetos, elegias, oitavas, canções e redondilhas, porém tão viciadas que era impossivel restitui-las á sua pureza, por não encontrar originaes á vista dos quaes podesse tirar alguma luz, sem a qual não seria justo que mettesse as mãos em tal lavor.

SONETO CCLXV

A fortuna extinguiu o seu contentamento já passado; não se engane pois nenhuma creatura, que ninguem póde fugir ao que lhe ordena a sua estrella.

Em que todo o meu bem só consistia.

Em que todo o meu bem ja consistia.

Edição de 1668.

SONETO CCLXVI

Queixa-se de mudança na sua dama, arguindo-a de lhe prometter e negar o amor. Descreve o seu estado amoroso e ameaça-a com o arrependimento, que mais tarde, lhe ha de vir.

SONETO CCLXVII

A fortuna derrubou em verde a sua alegria, porém elle não cessa de amar, e resigna-se com o soffrimento.

Que culpa póde dar-me o sentimento.

Que culpa póde dar-me o soffrimento.
Edição de 1668.

SONETO CCLXVIII

Em resposta a outro de louvor. Se a fortuna lhe concedêra uma vida quieta, podera adormecer ao som da sua lyra o patrio Tejo; porém pois o destino trabalhoso lhe escurece a musa, e não póde louva-lo, busque elle outro sujeito tão digno como elle de ser exaltado.

SONETO CCLXIX

Procura guardar dentro d'alma o amor que desde tenra idade consagra á sua amante, protesta-lhe fidelidade e queixa-se da ingratidão com que o trata.

SONETO CCLXX

Contente com a sua pena, expõe á sua amante os extremos que padece, esperançado com a victoria que costuma sempre vir no fim da batalha. Este soneto é uma variante do CXLVIII, com differença nos tercetos.

SONETO CCLXXI

Lindo soneto descriptivo: em uma fresca serra adornada de todos os attractivos e encantos da natureza, tudo o arroja longe da sua amante. Devia ser talvez Cintra, ou antes Ceuta pela expressão do primeiro verso do segundo quarteto: *a estranha terra.*

SONETO CCLXXII

A umas suspeitas; declara-se vencido, e depõe as armas arrependido da resistencia que offereceu. Em castelhano.

SONETO CCLXXIII

Sustenta-se da esperança, mas quando está enlevado no seu gosto o vem atormentar o receio de ser preferido por algum rival.

SONETO CCLXXIV

Não sente os desenganos com que a sua amante tratou o seu amor de tantos annos, chora sómente a magua de ver por quem o trocou, e acha-se bem vingado. Não posso conhecer se esta vingança consistia em a ver abandonada por este novo amante, ou por a ver querer voltar aos antigos amores, e elle se tornar esquivo.

SONETO CCLXXV

Que póde esperar já da ventura que lhe dê contentamento? Assim acostumado a soffrer o mal presente, lhe faz não sentir nada o futuro.

SONETO CCLXXVI

Ausente da sua amante, traz á memoria e representa os dias em que, junto a ella passou dias ledos.

SONETO CCLXXVII

Quando o amor quiz que amasse a sua amante, a revestiu de crueza, e ordenou que nenhum rigor seu o apartasse de a adorar; assim ahi tem a alma offerecida ao sacrificio: não lhe alargue pois a vida que acabará defendendo a sua fé e lealdade.

SONETO CCLXXVIII

Vivia contente no doce engano dos seus amores, não tendo inveja a cousa alguma, quando a fortuna o tirou de um estado tão satisfactorio, deixando-lhe as lembranças saudosas do bem passado.

SONETO CCLXXIX

Um certo pastor seguindo uma nympha, queixa-se de não dar ouvidos e não attender ás suas queixas. Não sei se este soneto terá referencia a algum caso da fabula.

SONETO CCLXXX

Este soneto traz por titulo: «*A D. Simão da Silveira em resposta de outro seu, pelos mesmos consoantes, mandando-lhe perguntar quem fôra o primeiro poeta que fizera sonetos*». O soneto não parece resposta á pergunta, porquanto certamente Muséo não fez sonetos. Este Tasso de que se faz menção, provavelmente não é o auctor da *Jerusalem libertada,* mas antes o pae, Bernardo Tasso, que o Camões algumas vezes imitou nas suas poesias.

SONETO CCLXXXI

Pergunta á sua amante onde foi buscar o thesouro d'onde formou a sua formosura, e vistoque se formou tão bella, a aconselha que se guarde das fontes, não lhe aconteça como a Narciso, namorar-se de si mesma.

SONETO CCLXXXII

Lindo soneto e mui interessante, porque nos revela uma das expedições militares de Camões na India. Sentado junto á ribeira do Euphrates, se recorda do bem que tinha passado na sua doce Sião, isto é, Lisboa; e interrogado da causa de seus males, e porque não canta para os minorar, responde que quando cresce a muita saudade, o remedio é não cantar senão a morte. Este soneto visivelmente é feito nas armadas, visitando algum porto do mar da Persia, talvez Baçorá; a armada em que foi ao estreito da Arabia com Manuel de Vasconcellos, veiu depois a Ormuz. No anno de 1560 mandou o Vice-Rei, D. Constantino de Bragança, uma armada em que ía por capitão Bastião de Sá, em soccorro do rei que lh'a mandou pedir por embaixadores, offerecendo-se a entregar a El-Rei de Portugal a fortaleza que está sobre o mar e metade do rendimento da alfandega. Esta cidade está assentada na bôca do Euphrates; se o Poeta estava já solto, podia mui bem ir n'esta armada.

SONETO CCLXXXIII

Este soneto para quem não tem a chave da cifra, é um verdadeiro enigma, o monstro de Horacio; parece ser feito a um artefacto lavrado pelas mãos de uma dama. Um vaso de anjos com agua cheirosa, ornado de seda branca e côr de rosa, ligado com cabellos, e em que se desenham os membros rosados da dama, tal é este extraordinario composto. Duvido muito que este soneto seja de Camões.

SONETO CCLXXXIV

Á morte de uma senhora de extremada belleza.

CCLXXXV

Pede á sua amante lhe perdôe os desatinos de amor, attendendo ao grande amor que lhe consagra, e não queira que todos a taxem de ingrata.

SONETO CCLXXXVI

Queixa-se da sua amante o abandonar, e de lhe pagar amor com desamor; mas não estranha, que quem nasceu chorando, é justo que pague com o chorar o que perdeu.

SONETO CCLXXXVII

Descreve os vaivens em que o traz o seu amor, o pouco fundamento na sua persistencia, como quando se apresenta a occasião o tempo muda, e só elle não póde ver mudado o seu mal. Este soneto é dos menos limados do Poeta; duas vezes emprega na rima a palavra *contentamento*, e tres o verbo *mudar*.

SONETO CCLXXXVIII

Sonhando com a sua amada; era justo que fosse feliz em sonhos que mentem, pois sempre foi mofino nas verdades.

SONETO CCLXXXIX

A uma noite de luar em que teve a dita de estar com a amante; louva a noite em que foi tão ditoso.

SONETO CCXC

Na lingua gallega, a uma dama chamada Violante que viu em Monte Rey em val de Laça, fiando seda fina. Este soneto não me parece de Camões; é natural que seja de algum Camões ou Camaño da Galliza, d'onde Camões descende, e que sendo encontrado com este appellido, o juntassem ás poesias do nosso Poeta; o mesmo digo do que se segue.

SONETO CCXCI

Increpa o amor de o ter levado a ver Violante, tirando-lhe desde então todo o repouso; se não fôra filho de uma mãe tão cruel, não usára elle de uma tal crueldade. Á mesma dama do antecedente e na mesma lingua.

SONETO CCXCII

Venus chasqueia Diana por empregar o seu tempo monteando os cervos nos bosques, ao que esta responde que é melhor tomar nas redes os cervos, do que ser tomada n'ellas pelo marido.

SONETO CCXCIII

Se adivinhára os tormentos que haviam de proceder de ter visto a sua amante, evitára a sua vista, pois desde esse tempo traz elevado o pensamento em mil phantasias que o atormentam, e ella funda a sua alegria em lh'os acrescentar.

Se de vosso formoso e lindo gesto.

Senhora, se de vosso lindo gesto.

MS de Luiz Franco

Pois vossa formosura, e vulto honesto.

Que vossa formosura e vulto honesto.
MS. de Luiz Franco.

Não vira em vós seu damno o mal funesto.

Não vira em vós seu damno e mal funesto.
MS. de Luiz Franco.

Que me traz elevado o pensamento.

Que me tras enlevado o pensamento.
MS. de Luiz Franco.

Em mil, porém diversas, fantasias.

Em mil venci diversas fantasias.
MS. de Luiz Franco.

Nas quaes eu sempre ando, e sempre sonho.

Nas quaes eu sempre cuido que sempre sonho.
MS. de Luiz Franco.

Em que fundaes as vossas alegrias.

Em o qual fundais vossas alegrias.
MS. de Luiz Franco.

SONETO CCXCIV

Extasia-se de ver o seu pensamento collocado em um logar tão alto, e protesta nunca o abandonar antes que lhe cause a morte. Termina com o verso italiano de Petrarcha:

Un bel morir tutta la vita honora.

que parece El-Rei D. Sebastião repetia frequentes vezes.

SONETO CCXCV

Todas as penas que o amor lhe tem dado, as dá por bem empregadas, por uma vista branda e amorosa que viu da amante. Bemdiz a hora ditosa em que a viu, e não tem já que temer pois viu tanta brandura.

SONETO CCXCVI

O tempo acaba tudo, mas não póde acabar com a sua tristeza, nem abrandar o peito de diamante da sua amante.

SONETO CCXCVII

A fortuna tem-no posto em tal estado tão prostrado e rendido, que tendo perdido tudo o que tinha a perder, dá a vida por vivida, e só quer a morte; assim não no culpem de desejar a mal tão grande um tal remedio. Este soneto bem se vê ser feito nos ultimos tempos da vida, e depois da morte da amante.

SONETO CCXCVIII

Soneto epigrammatico a uma senhora por nome Feliza. Começa com encarecimento, dizendo-lhe que o amor já não fere com as settas, mas com os seus olhos;

porém depois diz-lhe que se apagou a candeia no meio do consoante, e assim não vá com o soneto por diante, que é sonho o que a phantasia representa.

SONETO CCXCIX

Ao mesmo assumpto do soneto CCLX, do qual este é uma variante.

SONETO CCC

Aos olhos da sua amante, os quaes se querem conhecer o poder que têem, que se vejam n'elle, onde verá retratada a sua figura. Emquanto a si não quer mais que o seu desejo, e quando a vê não se lembra de si, nem do mundo.

SONETO CCCI

Este soneto está repetido, é o CVI. É uma variante com muito pequena differença.

SONETO CCCII

Soneto de introducção, provavelmente á quarta centuria de sonetos, que devia comprehender os derradeiros acontecimentos da sua inclinação amorosa, os quaes remataram com a morte da amante.

Vereis angustia, ancias e cuidados,
Suspiros, llanto, pena, fee e muerte.

MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCIII

O Poeta descreve o começo dos seus amores, que tiveram principio na igreja em uma sexta feira de Paixão. Alguem houve que se persuadiu, que, no soneto que comèça:

O culto Divinal se celebrava,

escripto ao mesmo assumpto, o Poeta se limitára a imitar ou traduzir o soneto de Petrarcha. Este soneto porém tira toda a duvida sobre a intenção do Poeta, que foi descrever n'elle a epocha e o modo cómo teve principio a paixão amorosa. Vem no MS. de Luíz Franco.

SONETO CCCIV

Se amor lhe tolhe a vista da sua dama, não póde tolher-lhe que a veja n'alma retratada. Mas quão ditoso fôra se visse a sua face; mas mais ditoso quem a possuira, se ha tanto bem na terra! Inedito, vem no MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCV

O Poeta faz contas com os seus cuidados, e as envia em lagrimas desfeitas á causa d'elles, como uma pequena amostra do seu amor. Estando ausente:

Contas, que traz amor com meus cuidados.

E agora venho dar
Conta do bem passado
A esta triste vida e longa ausencia.

Canção VI, estancia VII.

Em o manuscripto de D. Cecilia de Portugal (inedito).

SONETO CCCVI

Junto á sua amante, que lhe aperta o coração com a mão, não acredita tão grande ventura, e queixa-se que o amor o favoreça manhosamente, para depois, fazendo-lhe fugir o bem, lhe dobrar a pena com o desengano. Inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCVII

Descreve as raras perfeições com que a natureza formou a sua dama, a qual depois de a formar, jurou logo de não tornar a fazer cousa tão formosa. Ao mesmo assumpto dos sonetos XVII e CXXXI, que começa quasi do mesmo modo:

De quantas graças tinha a natureza.

Os dois quartetôs do soneto CLIII são uma repetição ou antes uma paraphrase do segundo quarteto d'este soneto:

A natureza humana se esmerou.

Que em vós se esmerou mais a natureza.

Canção V, estancia III.

Inedito, em o manuscripto de D. Cecilia de Portugal.

SONETO CCCVIII

Se o proprio Deus de amor se viu ferido de amores por uma donzella, que fará elle poeta, fraco, e vendo a rara formosura da sua amante! Ao mesmo assumpto e igual ao soneto CXXXVII, com a differença que ali se refere a Apollo, e aqui a Cupido; o pensamento é identico, e até em ambos se acha a rima de *humano* com *soberano* nos tercetos:

O mesmo Deus d'Amor tão soberano.

De quanto era celeste e soberano.

Soneto CXXXVII.

Inedito, em o manuscripto de D. Cecilia de Portugal.

SONETO CCCIX

Descreve um passeio no Tejo que fazem umas formosas damas, em cuja companhia vae a sua amante, e lhes pede, pois logram a sua suave vista, que lhe exponham o seu amor e a longa pena que lhe faz experimentar. Ás mesmas senhoras, talvez as damas do paço em alguma ida para Almeirim, escreveu talvez tambem o soneto CCII e umas redondilhas, em que lhes pede que sejam intercessoras para com a sua amante. Inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCX

Queixa-se do amor, que, de combinação com a sua amante, o trata com o mais duro rigor. Inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXI

Queixa-se do excessivo rigor da sua amante, que o levou á morte: diz-lhe que embora morra por ella, será increpada por toda a gente por ter morto a quem lhe queria mais que a vida. Inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXII

Este soneto inedito vem no meu MS. depois do soneto V, impresso, de Camões, ao qual se segue tambem o CL, e em seguida a este outro, tudo junto como formando um só poema, com este titulo: «*Trovas que fez um prezo, dizendo o mal que fizera e lamentando fortuna e tempo*». Queixa-se da maneira como empregou o tempo, não tendo que se queixar d'elle, mas sim, que sendo elle de desvarios e movimento, se confiou n'elle.

SONETO CCCXIII

Os amantes vivem na vacillação do contentamento e volubilidade, mas embora estes dois contrarios effeitos existam no mesmo sujeito, apesar de tudo nunca desesperam. Inedito no MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXIV

A uma dama voluvel e inconstante: pede-lhe use para com elle de desfavor, vistoque dispensa o seu amor e agrado a todos.

Se a ninguem tratais com desamor.

Pois natureza irosa
Da rasão te deo partes,
Que sendo tão formosa
Folgues de te queimar em varias flamas
Sem arder em nenhuma.

Ode IV, estancia III.

E quasi a todos dando
Aquelle bem que a todos vaes negando.

Ode IV, estancia IV.

Provavelmente o soneto seria feito á mesma que foi o objecto da ode IV. Inedito em o MS. de D. Cecilia de Portugal.

SONETO CCCXV

O Poeta ausente da sua amante desespera de tornar a possuir o gosto de a ver, e lembrando-se do tempo alegre e feliz que o possuia, se lhe cansa a vida e phantasia. Pela expressão de *tão longe,* se vê que este soneto foi feito na India. Inedito, em um manuscripto do seculo passado.

SONETO CCCXVI

Póde o tempo fazer toda a qualidade de alferação, porém não póde fazer com que o tempo passado seja tempo presente. Encontrei este soneto em outro MS. em castelhano, desenvolvendo o mesmo pensamento.

Con tiempo passa el año, mez y hora,
Con tiempo passa el mundo e su riqueza,
Con tiempo passa fama y fortaleza,
Con tiempo el que es alegre gime y llora.

Con tiempo cubre noche clara aurora,
Con tiempo el arbore pierde su corteza,
Con tiempo quita el bien naturalesa,
Con tiempo el que es servido a otro honora.

Con tiempo no da luz la blanca aurora,
Con tiempo el duro yelo es agua clara,
Con tiempo el cielo de calor se esmalta.

Con tiempo pierde el sol, su curso para,
Con tiempo en mar tranquillo ay grande fortuna,
Y en mi nunqua el amor con tiempo falta.

Inedito, em um manuscripto do seculo XVII.

SONETO CCCXVII

Ausente da amante, embala os pensamentos com a idéa, se aquelles olhos que ficavam chorando quando d'elles se partia, estarão pensando n'elle e no momento de o tornar a ver. Este soneto me pareceu escripto na India. Inedito, em o mesmo MS. do soneto XV.

SONETO CCCXVIII

Camões, na ausencia da sua amante, vive tão triste quanto já foi alegre quando a via; maldiz a hora e o dia que foi principio a tal querella. E passa n'esta ausencia tão dura pena que já deixára perder a vida, se a não conservasse para a ver. Escripto na India. Inedito, em o MS. de D. Cecilia de Portugal.

SONETO CCCXIX

É justo que seja atormentado pela saudade, poisque fez tal partida; pede á sua dama se lhe mostre uma hora piedosa. Parece escripto na India. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXX

O Poeta maldiz o dia e hora da sua partida, que lhe fez perder tão breve o que os seus serviços mereceram. Depois de um tão longo apartamento perde as esperanças da volta.

Minha fabula breve he ja conhecida.

Este soneto é visivelmente escripto da India. Inedito, em o mesmo MS. do seculo XVII.

SONETO CCCXXI

Se movida da paixão do seu tormento tivera algum sentimento dos seus males a sua amante, ser-lhe-ía isto consolação; mas de que serve estar desejando tanto bem, se o merecer da sua dama e a sua sorte lhe fazem duvidosa esta gloria. Veja-se a canção:

Em pago de doudice tão notoria.

Este soneto é escripto da India. Inedito, em o mesmo MS. do seculo XVII.

SONETO CCCXXII

Possuido da maior amargura, no meio dos trabalhos que o apoquentam, só espera allivio aos seus males com a morte. Diz ao amor que, vistoque tão mal o trata, a elle que é tão grande seu servidor, lhe permitta ao menos desaffogar. Inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXIII

Queixa-se da amante se esquecer d'elle; postoque isto o magoe n'alma, não póde pôr mancha ao seu merecimento, e termina pedindo-lhe, vistoque n'ella mora toda a graça e perfeição, que se compadeça d'elle. Inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXIV

Despedindo-se da amante para a India. Custa-lhe a acreditar que esta ausencia é verdadeira; ir-se-ha dando a vida ao seu tormento, emquanto talvez fique em esquecimento, de quem é a causa d'elle. Lindo soneto inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXV

Outr'ora feliz, queixa-se de ciumes que lhe faz experimentar uma senhora por nome Feliciana; persuado-me que este soneto não é de Camões. Inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXVI

Pede algum favor á amante, e diz-lhe que este desejo, esta ousadia nasceu desde que a viu, e que receiando offende-la, trabalha por o tirar da phantasia; mas quanto mais resiste mais se augmenta o seu desejo. Inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXVII

Em castelhano. Debaixo de um espesso arvoredo e junto a uma fonte está apascentando a memoria no tempo que gosava da vista da amante, a quem expressa a saudade que experimenta ausente d'ella. Este soneto me parece escripto por occasião do degredo junto ao Tejo. Inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXVIII

Em castelhano. Longe da amante pergunta aonde estão os olhos lindos, as faces, a bóca, os dentes e os cabellos, extasiado na contemplação dos attributos da sua belleza, e depois, como acordando, admira-se de não ver a sua senhora tendo-a dentro d'alma. Bonito soneto. Inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXIX

Em castelhano. A uma janella que deseja ver abrazada com as chammas que ardem no seu coração. Pede-lhe que tenha compaixão do seu soffrimento, e, antes que a aurora descubra o dia, lhe deixe ver a amante. Inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXX

A alma da sua amante é feita de pedras preciosas, mas o que mais o espanta é que sendo ella formada toda de pedra tem o coração de diamante. Escripto em castelhano: inedito, MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXXI

Corydon ao pé de uma arvore frondosa e uma fonte crystallina cantava ao som da sua samphona os amores de Amarilis, quando o pastor Titiro, seu amigo, se chegou para o consolar, ao qual responde: que nem pratica alheia dá gosto ao desabrido, nem a dor faz triste a quem com ella está contente. Bonito soneto na parte descriptiva, ou antes pequeno idilio. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXXII

Em castelhano. Declara-se atheu no amor, não acredita que seja Deus, pois é injusto, e paga a quem melhor o serve, e passou por elle casos tão estranhos como ninguem passou, com enganos e cuidados. Se estes sonetos, principalmente os tres primeiros, são de Camões, me parece que não envergonhariam a Garcilasso. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXXIII

Este soneto vem em um MS. com este titulo: «*Soneto de Luiz de Camões a hum velho fallando com o Tejo*». N'outro MS. mais moderno em nome de Francisco Rodrigues Lobo, em outro em nome de um Henrique Nunes, de Santarem, e no ultimo, em nome de Estevão Rodrigues; porém não vem nas poesias d'este auctor, que imprimiu o mestre de rhetorica, Lourenço Caminha.

Se este soneto é de Camões, foi feito, como se deprehende, a uma cheia do Tejo; o aspecto d'esta scena fez nascer no Poeta idéas analogas á situação da sua alma. Por a mesma occasião fez provavelmente o soneto LXXXV, em que tambem falla com o Tejo, e começa:

Correm turbas as aguas deste rio.

Fermoso Tejo meu quam differente.

Famoso Tejo meu quam differente.

Um MS.

Que o nosso claro Tejo
Envolto um pouco o vejo e dissonante.

Ode VI, estancia IV.

Este soneto teve muita voga, e se fizeram glosas d'elle.

SONETO CCCXXXIV

Á morte da amante; quer-se cevar nas memorias que lhe ficaram do eterno apartamento causado pela morte d'aquella que era o unico remedio para os seus males, e queixa-se de o não deixarem ser contente com a sua tristeza. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXXV

Pela morte da amante, sem esperanças, já não receia os tormentos; a perda foi de tal ordem, que já não tem que perder senão a sua cansada vida, que por mór perda lhe ficou. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXXVI

Quando descansarão os seus olhos de chorar, pois já não vêem aquella que lhe dava vida, ou quando quererão os duros fados erguer a sua esperança tão caída. Bem sabe que ha de morrer n'aquella saudade, desespera de melhorar de sorte e offerece-se para todo o tormento. É feito na India. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXXVII

Á morte da amante. Perdeu em uma hora quanto em termos tão vagarosos obteve; pede á memoria lhe não apresente a gloria passada, e termina dizendo que cumpre que acabe a vida por aquelles ermos. Escripto na India. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXXXVIII

Lindissimo soneto feito á morte da amante, no mesmo genero do inimitavel soneto feito ao mesmo assumpto, que começa:

Alma minha gentil que te partiste.

Descreve a morte d'ella no mesmo estylo com que Petrarcha descreve a da sua Laura no *Triumpho da Morte*.

Em um manuscripto; vem tambem na collecção de Estevão Rodrigues. Esta collecção de poesias comprehende, misturadas com as do auctor, outras de Bernardim Ribeiro, Francisco de Sá de Miranda, Fernão Rodrigues Lobo, etc.

SONETO CCCXXXIX

Dirige imprecações ao dia em que nasceu, que deitou ao mundo a vida mais desgraçada que jamais se viu. Este extremado e pathetico soneto bem se vê que foi escripto nos ultimos dias da vida. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXL

A uma senhora que media o amor pelo valor das dadivas, e que parece o disfructava e esperava boa consoada por principio de anno. O Poeta chasquei-a por este motivo, e dá-lhe a entender que se não deixa embaçar. Ao mesmo assumpto escreveu umas redondilhas (ineditas). Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXLI

Em castelhano. Dirige-se ás ondas e pede-lhe que levem o seu pensamento á sua amante, e que lhe digam o estado apaixonado em que fica. Deve este soneto ter sido escripto na Africa. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXLII

Em castelhano. Uma avesinha solitaria, ora pousada em um alamo elevado, ora em uma fonte abaixando-se turvava as aguas onde se banhava. A causa da sua dor era a ausencia da companheira. O Poeta, contemplando este espectaculo, tira d'aqui a conclusão: se a uma ave sem sentido o amor obriga a tanto, o que fará a elle que sente tão apaixonadamente. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXLIII

Em castelhano. A uma dama, dormindo, chamada Florinda: diz á sua cansada voz que vá voando e lhe diga ao ouvido suspirando, como morre por ella, e que venha prestes se o não quer achar defunto; desconfio que este soneto não é de Camões. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXLIV

Aponta o caso do capitão romano Sertorio, que decimou uma legião para manter a disciplina militar. Não sei se este soneto será de Camões, ou contra elle para rebater a censura que faz ao grande Affonso de Albuquerque, pelo rigor executado com o soldado Ruy Dias. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXLV

Apologia do matrimonio apoiada com uma resposta do povo romano a um que perguntou por que rasão os animaes se juntavam em tempo certo do anno. Este soneto me parece uma critica a Camões, aos versos dos *Lusiadas*.

> Ditosa condiçam, ditosa gente,
> Que nam sam de ciumes offendidas.

Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCXLVI

Á morte d'El-Rei D. Sebastião; encontrei-o em dois manuscriptos, em um sem nome do auctor, e em outro em nome de Camões. Devia ser das ultimas cousas

que escreveu; é escripto com a mesma indignação com que é escripta a elegia á morte de D. Miguel de Menezes, e a inedita á morte do seu amigo D. Alvaro da Silveira. Em um MS. do seculo XVII encontrámos este soneto em nome de Camões.

SONETO CCCXLVII

A um joven mancebo fallecido em combate, porém ignorâmos quem este fosse.

D'armas cobrindo o rosto afiguravas.

É notavel que o P.e José Agostinho de Macedo conheceu este soneto, e imitou os primeiros versos do segundo quarteto n'estes dois versos da estancia III do canto II do seu *Oriente:*

Menezes que no rosto amor descobre
E he Marte irado, se de ferro o cobre.

É um bello soneto, perfeitamente conduzido desde o principio ao fim, e o fecho felicissimo. Em um MS. do seculo XVII.

SONETO CCCXLVIII

Este soneto parece-me ser escripto á morte de D. Alvaro da Silveira, morto no desastroso conflicto do Baharem.

Deu-te o Tejo, e o Ganges te levou.

Postoque as principaes acções militares de D. Alvaro foram na costa do Malabar, e para cá do Ganges, e a sua morte no golpho Persico, o Poeta toma aqui este rio genericamente pela India, do mesmo modo que no seguinte da elegia que fez á sua morte:

Que cousa ha ja ahi no Ganges para ver!

O seu corpo foi abandonado ás aves carniceiras, como aqui diz, porquanto os seus camaradas o não poderam recolher. Quando annotarmos a elegia feita á sua morte daremos noticia d'este fidalgo, intimo amigo do nosso Poeta. Inedito, em um MS. do seculo XVII. Este soneto vem tambem entre as poesias de Estevão Rodrigues de Castro.

SONETO CCCXLIX

Soneto dedicatorio que acompanha a elegia (inedita) a sexta feira maior, que começa:

Divino Delio, Delio pastor.

Conjecturo que foi dirigido a seu tio D. Bento de Camões, irmão de seu pae, e prior dos conegos regrantes em Santa Cruz de Coimbra. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCL

Ninguem espere achar repouso n'este mundo, senão em Jesus Christo crucificado; elle é o thesouro dos thesouros, a essencia de todos os prazeres; a elle pois só devemos ter por gloria o servir. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCLI

Á gloriosa insignia da nossa redempção; pelo primeiro verso do segundo terceto:

Todo o imigo ante ti desappareça,

desconfio que foi talvez feito por occasião de se benzer a bandeira real que levou para Africa o malfadado rei D. Sebastião. Inedito, em o MS. de Luiz Franco.

SONETO CCCLII

Descreve a belleza da sua amante, que é o reflexo do paraizo, o qual dá com o doce riso. Inedito, em o meu MS.

CANÇÃO I

Quando vê as raras perfeições da sua dama, não quer mais que o seu desejo, e enleva-se todo na sua formosura. No tormento do seu amor acolhe-se á sua vista soberbo de o supportar. Mas se este seu desejo acaso erra commettendo algum torpe desatino

Fraquezas são do corpo, qu'he da terra,
Mas não do pensamento, qu'he divino.

e se arma contra elle com a vista da sua formosura. Torna a descrever a belleza da sua amante, e ufano do mal que por ella sente, tem por maior gloria as penas que o amor lhe faz experimentar.

Esta canção é feita no tempo em que prosperavam os amores do Poeta.

O collo de crystal, o branco peito.

O marmoreo collo, o branco peito.
Edição de 1595.

E o marmoreo collo, o brando peito.
MS. de Luiz Franco.

E fico por mi só perdido de arte.

E fico perdido só por mi de arte.
MS. de Luiz Franco.

Mas inda isto de mi cuidar não posso.

Mas inda isso de mi cuidar não posso.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Por parte do desejo, commettendo.

Por parte dos desejos commettendo.
MS. de Luiz Franco.

Algum nefando e torpe desatino.

Algum hereje e torpe desatino.
MS. de Luiz Franco.

Que de vista me perco, ou pecco nisto.

Que de vista me perco: pecco nisto?
MS. de Luiz Franco.

Porém como resisto.

Que se emfim resisto.
Edição de 1595.

Porque se emfim resisto.
MS. de Luiz Franco.

Contra hum tão atrevido e vão desejo.

Contra tão atrevido e vão desejo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Armando-me da vossa formosura.

E arma-se de vossa formosura.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco

Qual bem maior deseja quem vos ama.

Que maior bem deseja quem vos ama.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco

O faz porqu'esta gloria não conhece.

Fa-lo porque esta gloria não conhece.
Edição de 1595.

Fa-lo porque essa gloria não merece.
MS. de Luiz Franco.

Em alguma fraqueza, de contente.

Em algumas fraquezas de contente.
MS. de Luiz Franco.

E o bem do doce rizo.

O bem do doce rizo.
Edição de 1595.

Mas ah! que não se ganha.

Mas porém não se ganha.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco

Co'hum paraizo outro paraizo.

C'hum paraizo outro paraizo.
Edição de 1595.

E d'enleada assi minha esperança.

E assi de enleada a esperança.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Sabe, Canção, que só porque o não vejo.

Sabe canção que porque não vejo.
Edição de 1595.

CANÇÃO II

Feita á instabilidade da fortuna, e aos enganos do amor, que se fez amigo da rasão para não deixar a culpa sem castigo. Descreve o tormento infernal que o devora em castigo do seu atrevimento, comparando-o com o de Tantalo, Ixion, Ticio e Sisypho, imitando a canção de Sanazaro, da segunda parte das rimas, que começa: *Qual pena lasso,* etc., a qual acaba cada estancia com uma d'estas fabulas.

Pela analogia da culpa do Poeta com a de Ixion e Ticio, que pretenderam gosar, um de Juno e outro de Latona, se deprehende que foi a do Poeta, o intentar lograr lascivamente a sua amante, que o arrojou no abysmo do maior tormento; provavelmente o soneto

Pede o desejo, Dama, que vos veja,

foi o corpo de delicto para a sentença n'elle executada. Na estancia III se accusa tambem da indiscrição de divulgar algum mysterio de seus amores, culpa de que é arguido pela amante na egloga III, estancia XX.

Mas teu sobejo e livre atrevimento,
E teu pouco segredo descuidando,
Foi causa d'este longo apartamento.

Mas qual fosse o segredo divulgado (como adverte Faria e Sousa), nunca o manifestou, a exemplo de Ovidio.

Perdiderint cum me duo crimina, carmen et error
Alterius facti culpa silenda mihi est.

Veja-se sobre estas culpas do Poeta a egloga III: tanto d'ella como d'esta canção se vê com certeza que inadvertidamente divulgou alguma cousa do que se passou entre elle e a sua amante de maior segredo.

M'endurecer a voz no peito frio.

Me endurece a voz no peito frio.
Edição de 1595.

Me emudecer a voz no peito frio.
MS. de Luiz Franco e o meu.

Dará de minha pena sinal certo.

Dará da minha pena sinal certo.
MS. de Luiz Franco.

Que hum erro em tantos erros he concerto.

Que he erro em tantos erros o concerto.
MS. de Luiz Franco.

Saiba o mundo d'Amor o desengano.

Saiba o mundo de Amor o desconcerto.
Edição de 1595.

Saiba o mundo d'Amor hum desconcerto.
MS. de Luiz Franco e o meu.

Deve emendar-se *desconcerto* por causa da rima ficar certa.

Ja se tornou de cego rasoado.

Ja se tornou de cego arresoado.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu

E se em alguma cousa o tenho errado.

E se-eu em alguma cousa tenho errado.
O meu MS.

Com siso grande dor não vi nenhuma.

Confesso grande dor não vi nenhũa.
O meu MS.

Buscou fingidas causas de matar.

Buscou fingidas causas por matar-me.
Edição de 1595 e o MS. de Luiz Franco.

Busca fingidas causas por matar-me.
O meu MS.

A este abysmo infernal de meu tormento.

No abysmo infernal do meu tormento.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Nunca soberbo foi meu pensamento,
Nem pertendeo mais alto levantar-me.

Não foi soberbo nunca o pensamento,
Nem pertendi mais alto levantar-me.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Mas logo se alça se a colhê-lho venho.

Mas alça-se-me se a colhe-lo venho.
MS. de Lúiz Franco.

Mas alevanta-se, se a colher o venho.
O meu MS.

E foge-me a água s'em beber porfio.

E foge-me a agua se beber porfio.
Edição de 1595.

E foge-me a agua se a beber porfio.
MS. de Luiz Franco e o meu.

Debaixo d'este engano a alcancei.

Debaixo deste engano que alcancei.
O meu MS.

E porque a meu desejo me gabei
De conseguir um bem de tanto preço.

Porque a meu desejo me gabei,
De alcançar hum bem de tanto preço.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

E assi ganho, e assi perco a confiança.

E assi ganho e perco a esperança.
MS. de Luiz Franco e o meu.

Afora este penar, qu'eu merecia.

E afóra este mal que eu merecia.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que eu pague seu ousado atrevimento.

Que eu pague por seu doudo atrevimento.
MS. de Luiz Franco e o meu.

Que a meu mandado tinha obediente.

Que eu a meu mando tinha obediente.
MS. de Luiz Franco e o meu.

Mas como lhes esteve alli presente.

Porém como ante si lhe foi presente.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Porém como ante elles foi presente.
O meu MS.

E entendêrão o fim do meu desejo.

Que entenderão o fim de meu desejo.
Edição de 1595 e o meu MS.

Morto de séde estou posto em hum rio.

De sede morto estou posto n'hum rio.
Edição de 1595.

De avida sede morto estou no rio.
MS. de Luiz Franco e o meu.

Onde de meu servir o fruto vejo.

Onde de meu serviço o fruto vejo.
MS. de Luiz Franco e o meu.

Que despois que a meu mando as sobjugava.

Que depois que a meu mando as sojugava.
MS. de Luiz Franco e o meu.

Tórno a subi-lo ao desejado assento.

Torno a subir ao desejado assento.
Meu MS.

Torna a cahir-me: em vão emfim pelejo.

Torna a cayr-me, embalde emfim pelejo.
Edição de 1595 e o MS. de Luiz Franco.

Torno a cahir: embalde emfim pelejo.
Meu MS.

Sisypho não t'espantes deste alento.

Não te espantes Sisypho deste alento.
Edição de 1595 e o meu MS.

Bem como o avaro, a quem o sonho pinta.

Como o avaro a quem o sonho pinta.
Edição de 1595 e o meu MS.

O achado d'hum thesouro, onde enriquece.

Achar thesouro grande onde enriquece.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

E farta a sua séde cobiçosa.

E farta ja sua sede cubiçosa.
Meu MS

E acordando, com furia pressurosa.

Acordado com furia pressurosa.
Meu MS

Que nunca o pensamento.

Que porque o pensamento.
Meu MS.

Voando sempre d'huma a outra parte.

Que sempre voa de huma em outra parte.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Destas entranhas tristes bem se farte.

Destas entranhas tristes não se farte.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Imaginando como o famulento.

Imaginando sobre o famulento.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Que come mais e a fome vai crescendo.

Quanto mais come mais está crecendo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Quanto mais come mais lhe está crecendo.
Meu MS.

De vontades alheias qu'eu roubava.

De vontades alheas que roubava.
Edição de 1595 e o meu MS

O engano de maneira lhes fingia.

De maneira o engano lhes fingia.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

De maneira o engenho lhe fingia.
Meu MS.

Vai o sitio cavar com que sonhava.

Vai cavar no logar onde sonhava.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

O amor assi me faz perder o siso.

D'est'arte amor me faz perder o siso.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Não sentirião tanto o triste abisso.

Nunca sentirão tanto o triste abizo.
Edição de 1595.

Não tanto sentirão o triste abizo.
Meu MS.

Se ignorassem o bem do Paraisso.

Se ignorarem o bem do Paraizo.
Edição de 1595 e o meu MS.

Canção, não mais; que ja não sei que diga.

Canção no mais que ja não sei que digo.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

CANÇÃO III

O Poeta, descrevendo uma formosa manhã da primavera, se lhe representa ver retratada em todas as bellezas d'ella a singular formosura da sua querida. Assim como quem está a apartar-se da vida, emquanto está morrendo lhe apparece uma visão santa, assim ao Poeta lhe apparece a aurora como imagem celeste da sua amante. Porém a natureza que n'este gosto se mantinha, lhe falta como o sol ao mundo, privando-o d'esta mesma representação da sua amante que está ausente. Se morrer pois em tão triste estado

Amor será culpado
Ou vós, onde elle vive tão isento,
Que causaste tão largo apartamento.

De apartamento, com differente adjectivo, usa o Poeta em varias partes das suas rimas. Ode VI, estancia II; elegia VII, estancia VIII; egloga III, estancia XX; egloga XIV, estancia VIII; egloga XV, estancia IV; voltas XXIX e LXXXI. Julga Faria e Sousa que esta canção foi feita pela mesma occasião da ode VI, que chama uma das mais preciosas joias que se guardam no Parnazo; porém esta me parece anterior, e mais no principio dos amores.

Figura-se o Poeta, como temos visto, morrendo de amores pela sua amante, e dirige-se, no remate á canção, dizendo-lhe que fica como epitaphio na sua sepultura. Veja-se tambem o epitaphio que na egloga III quer que se ponha na mesma sepultura

Esta canção, pela analogia do remate e do seu contexto com o soneto XLIII, se vê que foi escripta pela mesma occasião.

As portas do Oriente vinha abrindo.

Do Oriente as portas vem abrindo.
Edição de 1595.

Da sua alegre vista saudoso.

De sua alegre vista saudoso.
Edição de 1595.

De raminho em raminho vão saltando
E com suave e doce melodia.

De raminho em raminho modulando
Com huma suave e doce melodia.
Edição de 1595.

Clara, suave, angelica, serena.

Branda, suave, angelica, serena.
Edição de 1595.

Oh effeito d'Amor alto e potente.

Oh effeito d'Amor tão preeminente.
Edição de 1595.

Pois permitte e consente.

Que permitte e consente.
Edição de 1595.

Qu'ou donde quer qu'eu ande ou dond'esteja.

Que onde quer que me ache e onde esteja.
Edição de 1595.

Pois as foi pôr em ti tão excellentes.

Pois as foi pôr em ti tão differentes.
Edição de 1595.

Com os cabellos d'ouro.

E os cabellos d'ouro.
Edição de 1595.

Que nenhum ouro iguala se os 'remeda.

Não igual aos que vi mas arremeda.
Edição de 1595.

Meus espiritos são, que a voz levantão.

Os meus espiritos são que a voz levantão.
Edição de 1595.

Como o sol faltar soe á redondeza.

Quão azinha o sol falta á redondeza.
Edição de 1595.

Que causastes tão largo apartamento.

Que causastes tão longo apartamento.
Edição de 1595.

Homem formado só de carne e osso.

Hum homem sou só de carne e osso.
Edição de 1595.

Que não sou meu: se morro, o damno he vosso.

Que não sou meu: se mouro o damno he vosso.
Edição de 1595.

Canção de cysne, feita em hora extrema.

Canção de cisne feita n'hora extrema.
Edição de 1595.

Que a sombra escura ja m'impede o dia.

Que a sombra escura ja me impedia.
Edição de 1595.

CANÇÃO IV

Esta canção é feita ausentando-se o Poeta de Coimbra onde ficava a sua amante, e n'ella imita a Boscan na canção que começa:

Claros e frescos rios.
Que mansamente vays
Siguiendo vuestro natural camino;

e a terceira de Garcilasso. Declara que foi n'esta cidade que viu a sua amante e começaram os seus amores, e ahi residiu longo tempo (de 1538 a 1542?) glorioso com a pena que procedia de tão bellos olhos. Na estancia III se revela que a dama o despedia dos seus amores, ou que havia d'estes arrufos tão conhecidos que o obrigavam a esta ausencia. Que o Poeta se retirava, é claro do contexto de toda a canção.

E quem cuidar pudera
Que houvesse ahi no mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!

Mas a mór alegria
Que daqui levar posso.

Pelo remate da canção se vê que foi feita no momento da retirada, e talvez já fóra de Coimbra avistando o Mondego.

Tu, Canção, estarás
Agora acompanhando
Por estes campos estas claras aguas;
E por mi ficarás.

Duas cousas desagradam a Faria e Sousa n'esta canção, uma é ser muito curta, porque é de parecer que nunca devem ter menos de cinco estancias, e esta tem só quatro; e a segunda cousa é o remate ser longo, porquanto na sua opinião o remate deve ser sempre menor que metade de cada estancia.

E mansamente até o mar não párão.

Mansamente que até o mar não parão.
Edição de 1595.

Por onde as minhas mágoas.

Por onde minhas maguas.

Edição de 1595.

Alli se me mostrárão.

Ali se ajuntarão.

Edição de 1595.

Testa de neve e d'ouro.

Testa de neve e ouro.

Edição de 1595.

Glorioso co'a pena.

Contente com a pena.

Edição de 1595.

D'hum dia em outro dia.

Hum dia n'outro dia.

Edição de 1595.

Tempo longo passei.

Longo tempo passei.

Edição de 1595.

Só porqu'em bem tamanho s'empregava.

Só porqu'em bem tamanho m'empregava.

Edição de 1595.

O fim pudesse vêr eu algum'hora.

O fim podesse ver ind'algũa hora.

Edição de 1595.

Ja perdida a esperança.

Perdesse a esperança.

Edição de 1595.

Até no derradeiro despedir-me.

Até o derradeiro despedir-me.

Edição de 1595.

E com que defender-me triste espero.

Com a qual defender-me triste espero.

Edição de 1595.

Tu canção estarás
Agora acompanhando
Por estes campos, estas claras ágoas.

Canção tu estarás
Aqui acompanhando
Estes campos e estas claras aguas.

Edição de 1595.

Com chôro suspirando,
Porque, ao mundo dizendo tantas mágoas
Como huma larga historia
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

Chorando e sospirando
E ao mundo mostrando tantas magoas.
Que de tão larga historia
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

Edição de 1595.

CANÇÃO V

Imita a canção de Pedro Bembo, que começa:

Se'l pensier' che' m' ingombra
Com'e dolce & soave
Nel cor, cosi venisse in queste rime;

a qual vem nos seus *Assolanos*, livro II. Se este seu pensamento, como é doce e suave, podesse saír da alma gritando fóra, e ir perante a sua dama, podéra ser que a abrandára, e então o Poeta que anda sempre

Passaro solitario, humilde e escuro,

tornado em branco cysne, voando pelo ar manifestára em seu canto a sua pena e o gesto da sua querida; no verso supra parece que o Poeta imitou o logar do psalmo CI de David: « *Vigilavi et factus sum sicut passer solitarius in tecto* ». Na estancia II faz a descripção d'esta formosura, as tranças de oiro, a bôca graciosa

O bem proporcionado
Nariz, lindo, afilado

trasladára em seu tormento a gentileza da sua dama, para que se julgasse a causa pelo effeito.

Tendo dito que nos seus tormentos faria o retrato da sua amante, agora na estancia V descreve primorosamente estes tormentos e seu estado apaixonado; este mesmo descreve especialmente e com as mesmas cores na canção X, estancia VII; egloga I, estancia XXII; egloga III, estancias II e XIV; egloga VI, estancia VII. Mas não tem palavras com que iguale a descripção de sua pena com o retrato da sua dama, por isso lhe pede o alente com um piedoso olhar que converta a dor no gosto dos louvores que escrever.

D'alma pudesse vir gritando fóra.

N'alma podesse vir gritando fóra.

MS. de Luiz Franco e o meu.

Cruel, aspero e grave,
Diante de vós só minha Senhora.

Não trabalhoso e grave
Mas doce e leve a vós minha Senhora.

Meu MS.

E então eu que sempre ando.

E eu que sempre ando.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco

E que no mundo ando.

Meu MS.

Passaro solitario, humilde e escuro.

Passaro solitario, humilde, escuro.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Brando e sonoro, por o ar voando.

Brando e sonoro pelo ar voando.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Branco e sonoro pelo ar voando.

Meu MS.

Pintára a minha pena, e o vosso gesto.

Pintara meu tormento e vosso gesto.

Edição de 1595.

Pintara meu tormento em vosso gesto.

MS. de Luiz Franco.

Pintara meu tormento o vosso gesto.

Meu MS.

Pintára os olhos bellos.

Este ramo é inteiramente differente no meu MS. e mui interessante, porque mais circumstanciadamente faz o retrato da sua amante.

Pintara os olhos bellos
Verdes e graciosos
Debaixo de arcos negros e delgados,
Os ondados cabellos
Louros, longos, fermosos.
Aguora ao vento soltos, ora atados,
Os dentes que cercados
Estão de sangue e rizo
As perlas imitando,
A testa onde cequando
A vista está; o carão delgado e lizo,
A cor, a graça, o sizo,
O seguro repouso honesto e brando
Que Deus na terra deu
Para sinal de pax ao mundo seu.

Não traz o ramo que se segue, e continúa com o immediato.

Os dourados cabellos.

E os dourados cabellos.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

A quem o sol os raios seus baixou.

A quem o sol seus raios abaixou.

Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Que cada parte têe da fresca rosa.

Que a cada parte tem a fresca rosa.
Edição de 1595.

Que a cada parte tem huma fresca rosa.
MS. de Luiz Franco.

Que o queré-la louvar he ja 'scusado.

Que quere-la louvar he escusado.
Edição de 1595.

Emfim, he hum thesouro.

Que em fim he hum thesouro.
MS. de Luiz Franco.

Perolas dentes, e palavras ouro.

Os dentes perlas, as palavras ouro.
Edição de 1595.

Os dentes perlas e as palavras d'ouro.
MS. de Luiz Franco.

Qu'em vós s'esmerou mais a natureza.

Que em vós s'esmerou a natureza.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Mas eu, de gente em gente.

E eu de gente em gente.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

E sómente a aspereza.

Sómente a aspereza.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Qu'em vós podia haver algum senão.

Que em vós podera aver senão.
MS. de Luiz Franco.

E quando, por ventura.

E se pola ventura.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Tanto a terra descesse.

Tão baixo não decesse.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Que a alcançasse humano entendimento.

Que alcançasse hum baixo entendimento.
Edição de 1595.

Qu'alçasse meu baixo entendimento.
MS. de Luiz Franco.

Que a alcançasse o meu fraco entendimento.
O meu MS

De tudo o qu'eu cantasse.

Daquillo que cantasse.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Daquillo que alcançasse.
Meu MS.

A causa por o effeito, á minha dór.

A causa pello effeito minha dor.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Logo então mostraria.

Então mostraria.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Então eu trataria.
Meu MS.

E o suspirar que traz a alma comsigo.

O suspirar que a alma traz comsigo.
Edição de 1595 e MS. de Luiz Franco.

Os espiritos que arrancão alma consiguo.
Meu MS.

No MS. de Luiz Franco falta o resto da canção, e termina com o remate.

Hum pelejar comigo.

O pelejar comigo.
Meu MS.

E de o poder achar acovardar-me.

E de poder acha-lo acovardar-me.
Edição de 1595 e o meu MS.

E, em fim, averiguar-me.

Em fim determinar-me.
Meu MS.

São lagrimas e amores;
São vossas isenções e minhas dóres.

E que este meu tormento,
Não darei por nenhum contentamento.
Meu MS.

Palavras com qu'iguale.

Palavras que iguale.
Meu MS.

E em doce voz de fóra.

Que em doce voz de fóra.

Edição de 1595 e o meu MS.

Que fazendo-me o dano.

Que vá fazendo o dano.

Meu MS.

Vão deleitoso e a dór moderada.

Tão deleitoso e a dor moderada.

No meu MS. está *amor* em logar de *dor*, mas visivelmente é erro, porque *amor* não póde ser *moderada* no feminino. N'este mesmo MS. o fecho ou remate da canção é differente, por esta fórma:

Bem me peza, Canção, que de ornamento
Tão pobre vás e nua,
Por seres minha, não, porque és sua.

CANÇÃO VI

Escripta em Goa: aqui quiz a sua ventura que passasse uma grande parte da vida para a matizar com o sangue e lembranças, a qual trocaria de boa vontade, se d'elle ficasse a mais pequena memoria que fosse lida pelos olhos formosos da amante. Queixa-se do rigor d'ella, que por tão pequeno peccado lhe impoz pena tão severa, a da ausencia; mas se tão longo e misero desterro lhe dá prazer, nunca se acabe n'elle o seu tormento. Termina com uma apostrophe ao rio e arvoredos, que coroam os justos vencedores, e lhes pede que dêem abrigo ás suas maguas.

Huma ilha nas partes do Oriente.

Huma ilha lá nas partes do Oriente.

Edição de 1595.

Os campos reverdece alegremente.

Os campos inverdece alegremente.

Meu MS.

Por armas sanguinosas.

Por armas bellicosas.

MS. de Luiz Franco e o meu.

Quiz que huma grande parte.

Quiz que huma gram parte.

Edição de 1595.

Da vida, qu'eu não tinha, se passasse.

Da vida que eu não tenho se passasse.

Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Que d'huns formosos olhos fosse lida.

Que dos formosos olhos fosse lida.

MS. de Luiz Franco.

O que não póde achar tão longa vida.

O que não póde ver tão triste vida.
MS. de Luiz Franco e o meu.

Pois eu nunca fui tanto.

Que eu nunca pude tanto.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Só póde recear.

Se póde recear.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Tão brando, ou pouco irado.

Tão brando e pouco irado.
Edição de 1595.

Quanto agora em meus males se conhece.

Quanto agora em males se conhece.
Meu MS.

Da sórte que acontece.

E bem como acontece.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Ao misero doente.

Que assi como a doente.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Que o Medico advertido.

O medico sabido.
Edição de 1595, MS. de Luiz Francoe o meu.

O Amor me consentia.
Esperanças, desejos e ousadia.

Assim me consentia
A esperança, desejo e ousadia.
Edição de 1595 e o meu MS.

Quem póde imaginar.

Quem hade imaginar.
MS. de Luiz Franco e o meu.

Qu'houvesse em mi peccado
Digno d'huma tão grave penitencia.

Que póde aver peccado
Que mereça tão grave penitencia.
Edição de 1595, MS. de Luiz Franco e o meu.

Nunca m'acabe nelle o meu tormento.

Nunca nelle me acabe meu tormento.
MS. de Luiz Franco.

Nunca me acabe meu tormento.
Meu MS.

CANÇÃO VII

Manda-lhe amor que cante os effeitos da belleza da amante. Escreveu esta canção imitando uma de Pedro Bembo. Acha porém Faria e Sousa que a composição do nosso Poeta é mais feliz do que a do poeta italiano.

Tomára eu só d'Amor por interêsse.

Tomára eu d'amor por interesse.
Edição de 1595.

Hum amor enganoso, que fingia.

O amor enganoso que fingia.
Edição de 1595.

Causava hum admiravel, novo espanto.

Causava hum admirado, novo espanto.
Edição de 1595.

Alli as garrulas aves, levantando
Vozes não ordinarias em seu canto,
Como eu no meu desejo s'encendião.

E as garrulas aves levantando
Vozes desordenadas em seu canto,
Como em meu desejo s'encendião.
Edição de 1595.

D'inflammadas na vista linda e pura.

Inflamadas na linda vista pura.
Edição de 1595.

Os ramos se baixavão.

Os ramos se abaixavão.
Edição de 1595.

Ou d'inveja das hervas que pizavão,
Ou porque tudo ant'ella se baixava.

Tendo inveja das hervas que pizavão
Ou porque tudo ante ella se abaixava.
Edição de 1595.

Porém só nisto o tive, porque Amor
M'o deixou para vêr o que podia.

E nisto só o teve porque Amor
M'o deixou porque visse o que podia.
Edição de 1595.

Delles em mim por tróco traspassava.

Delles em mim por troca traspassava.
Edição de 1595.

Por o qu'em hum juizo humano estava.

Pello que n'hum juizo humano estava.
Edição de 1595.

Cada hum com seu contrário em hum sugeito.

Cada hum com seu contrário n'hum sugeito.
Edição de 1595.

E o vêr a mi de mi proprio perder-me.

E o ver a mim de mim mesmo perder-me.
Edição de 1595.

E, emfim, senti negar-se a natureza.

Emfim sinto negar-se a natureza.
Edição de 1595.

Por o que a si s'esconde;
Os sentidos humanos (lhe responde).

Pello que em si escondem
Os sentidos humanos lhe respondem.
Edição de 1595.

Não podem dos divinos ser juizes.

Bem podem dos divinos ser juizes.
Edição de 1595.

Na edição de 1595 faltam os dois ultimos versos do remate.

CANÇÃO VIII

Variante ao mesmo assumpto da antecedente; pretende Manuel de Faria e Sousa que foi a primeira que Camões escreveu.

CANÇÃO IX

Em fórma de epistola; confiado nas promessas da amante, o seu desejo ousou pedir mais do que era conveniente ao decoro da mesma. Isto deu logar a uma ruptura e a um desengano; o poeta confessa-se culpado e implora o perdão protestando que se acha satisfeito sómente com a gloria de a amar.

Vendo que me condena.

Por ver que me condemna.
Edição de 1595.

Qu'em parte a causa dei.

Que em parte eu causei.
Edição de 1595.

Ao mal em que me vejo.

O mal em que me vejo.

Edição de 1595.

A tão largas promessas entreguei.

Tão comprido em vos cumprir entreguei.

Edição de 1595.

Tão condemnado estou.

Tão envolto estou.

Edição de 1595.

Que as que desta razão tomar queirais.

Que as que de razão tomar queirais.

Edição de 1595.

De que vãamente ja m'enriquecia.

De que vãamente eu m'enriquecia.

Edição de 1595.

Pois com a ter de vós só tenho gloria.

Pois com te-la de vós só tenho gloria.

Edição de 1595.

Ser verdade mais pura.

Que he verdade pura.

Edição de 1595.

Do que d'Arabia o ouro reluzente.

Como ouro de Arabia reluzente.

Edição de 1595.

Essa condição dura
Em branda se mudará facilmente.

A condição dura
Mudareis n'outra muito differente.

Edição de 1595.

Eu, vendo-me innocente,
Senhora neste caso,
Bem no arbitrio o puzera.

E eu, como innocente,
Que estou neste caso,
Isto em mãos pusera.

Edição de 1595.

Com que o que he justo se mostrasse raso.

Que ficasse o direito justo e raso.

Edição de 1595.

Se, emfim, não receára.

Se não arreceára.

Edição de 1595.

Porque antes que me prive
A dôr de meus sentidos
Ao penoso tormento.

Porque antes a dor prive
De todo meus sentidos
Ao grande tormento.

Edição de 1595

(Qu'he o que mais espero)
Inda a penas maiores.

(Que isso he o que espero)
Inda a maiores dores.

Edição de 1595.

Por mais que venhão, não direi, não quero.

Por mais que venha não direi não quero.

Edição de 1595.

Que não póde mudar-me a propria morte.

Que nem me mudará a mesma morte.

Edição de 1595

Crêr tanta crueldade,
Lá vae onde verás minha verdade.

Ver tanta crueldade
Lá vas onde verás minha verdade.

Edição de 1595.

CANÇÃO X

Maravilhosa composição! Como é bella a pintura do cabo de Guardafu, a qual occupa os tres primeiros ramos com que abre esta inimitavel composição! Como, permitta-se-me o anachronismo, photographisa o Poeta a aridez d'esta inhospita região, com esses ares grossos e fervidos que varrem os mares e açoutam os cumes elevados das montanhas! Que gemidos não sáem d'aquella alma chagada e em carne viva que amansam o mar irado, e que sómente não podem applacar o céu e o seu fado! Que ternura de affectos expressados no estylo o mais plangente e mavioso! Que verdade de sentimento! Será difficil encontrar em qualquer poeta uma poesia que se opponha a esta.

Nem corre claro rio, ou ferve fonte.

Nem rio claro corre ou ferve fonte.

Edição de 1595.

He Feliz, por antiphrasi infelice.

Por antiphrasi he Felix, infelice.

Edição de 1595.

Em que fundada ja foi Berenice.

Onde fundada ja foi Berenice.

Edição de 1595.

O sol, que nella ferve, se lh'esconde.

O sol, que nelle ferve, se lh'esconde.

Edição de 1595.

O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo.

Nelle aparece o cabo, com que a costa
Africana, que vem do Austro correndo.
Edição de 1595.

A roda, a ruda lingua mal composta.

Os ceos, a ruda lingua mal composta.
Edição de 1595.

Entrar por a garganta deste braço.

Entrar pela garganta deste braço.
Edição de 1595.

Por o mundo em pedaços repartida.

Pello mundo em pedaços repartida.
Edição de 1595.

De trabalho, de dór, e d'ira cheios.

Trabalhosos, de dor, e d'ira cheios.
Edição de 1595.

A vida, o sol ardente, as ágoas frias.

A vida, o sol ardente, e agoas frias.
Edição de 1595.

Aqui 'stive eu com estes pensamentos.

Aqui estiv'eu com estes pensamentos.
Edição de 1595.

(Oh véde se seria leve o salto.)

(E vede se seria leve o salto.)
Edição de 1595.

O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros e em suspiros.

Aqui o imaginar aqui se convertia
N'hum subito chorar e n'huns suspiros.
Edição de 1595.

Tudo dor lhe era e causa que padeça.

Todo lhe he dor e causa que padeça.
Edição de 1595.

Oh qu'este irado mar gemendo amanso.

O que este irado mar gritando amanso.
Edição de 1595.

Daquella em cuja vista ja vivi.

Daquella em cujo riso ja vivi.
Edição de 1595.

A qual, tornando hum pouco sôbre si.

A qual tornada hum pouco sobre si.
Edição de 1595.

E (pósto que ja tarde) piedosa.

Tornada, inda que tarde, piadosa.
Edição de 1595.

E lá entre si por dura se julgasse.

E comsigo por dura se julgasse.
Edição de 1595.

Ah Senhora! Ah Senhora! E que tão rica.

Ah Senhora, Senhora, que tão rica.
Edição de 1595.

Me sustentais com doce fingimento.

Me sustentais c'um doce fingimento.
Edição de 1595.

Logo que vos figura o pensamento.

Em vos affigurando o pensamento.
Edição de 1595.

E logo se me juntão esperanças.

E logo se me ajuntão esperanças.
Edição de 1595.

Aqui com ellas fico perguntando.

Aqui com elles fico preguntando.
Edição de 1595.

Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença.

Alli a vida cansada que melhore
Toma novos espiritos com que vença.
Edição de 1595.

Canção, porque não mouro

Canção como não mouro.
Edição de 1595.

CANÇÃO XI

Faria abre o principio do commentario a esta poesia por esta fórma: «Entramos al mayor Poema deste genero que hasta oy se conserva en los archivos del Parnaso». E tem rasão o commentador, porquanto é uma das bellas poesias que podem ser lidas; nunca a dor prestou accentos mais ternos, mais maviosos, nunca a alma gemeu de uma maneira mais pathetica do que n'esta canção, na qual o Poeta nos apresenta o sudario das suas infelicidades. O amor contrariado, as prisões, os degredos, o naufragio, perseguições, toda a especie de calamidades por que está passando são descriptas com tanta verdade e sentimento, que enternece o leitor; e apesar de parecer que havia tocado a meta de todas as desditas ainda

a fortuna fluctuosa o traz a braços com a desdita. É tocante e pathetico depois da descripção de tão acerbos infortunios o retrospecto que faz dos dias de ventura que passou junto da amante, dias de ventura que não póde apagar da memoria.

Lancemos ágoa pouca em muito fogo.

Deitemos agua pouca em muito fogo.
Edição de 1595 e o meu MS.

E, pois ja d'acertar estou tão fóra.

Que pois ja de acertar estou tão fora.
Edição de 1595 e o meu MS.

Forçado lh' he gritar, se a dór he grande.

Forçado he gritar se a dor he grande.
Edição de 1595.

Quem me dará se quer que fóra mande.

Quem me dará que fora a mande.
Edição de 1595 e o meu MS.

Direi, emfim, aquillo que m'ensinão.

Em fim direi aquillo que m'ensinão.
Edição de 1595 e o meu MS.

Que outra dór he por si mais dura e firme.

Que he outra dor por si mais dura e firme.
Edição de 1595 e o meu MS.

Ou aquelles que nella se imaginão.

Ou aquelles que nella imaginão.
Edição de 1595 e o meu MS.

De lhes deixar poder para entenderem.

De lhe darem poder para entenderem.
Edição de 1595 e o meu MS.

Na primeira edição de 1595 falta o ramo que começa

Quando vim da materna sepultura,

até o fim que termina

Que tão conforme estava com a tristeza.

Vem comtudo no meu MS.

Estrellas infelices obrigado.

Estrellas infelices destinado.
Meu MS.

Com ter livre alvedrio, mo não derão.

Nem trouxe livre arbitrio nem mo derão.
Meu MS.

O melhor, e o peor segui forçado.

Milhor, mas o peor segui forçado.

Meu MS.

O som dos gritos, que no berço dava.

Ao som dos gritos que no berço dava.

Meu MS.

Co'a idade e fado estava concertado:
Porque quando por acaso m'embalavão
Se d'Amor tristes versos me cantavão.

C'o fado estava a idade concertada,
Por que quando por acaso me emballavão
Se versos de amor tristes me cantarão.

Meu MS.

Foi minh'ama huma fera; que o destino
Não quiz que mulher fosse a que tivesse
Tal nome para mi; nem a haveria.

Por ama tive huma fera que o destino
Não quiz que melhor fosse a que tivesse
Para o que elle de mi fazer queria.

Meu MS.

Que se vangloriava todo o mal.

Que muito se gloriava todo mal.

Meu MS.

No meu MS. o ramo que começa

Não sei como sabia estar roubando,

precede o que começa

Que genero tão novo de tormento,

e parece-me uma ordem mais natural; na edição de 1595 falta de todo o supracitado ramo.

Teve Amor, sem que fosse não sómente.

Teve Amor, que não fosse não somente.

Edição de 1595 e o meu MS.

Implacaveis durezas, que ao fervente.

Implacaveis durezas que o fervente.

Edição de 1595 e o meu MS.

E corrido de vêr-se injuriado.

E de se ver corrido e injuriado.

Edição de 1595 e o meu MS.

Tambem nellas pintadas e fingidas.

Nellas tambem pintadas e fingidas.

Edição de 1595.

Nellas tambem fundadas e fingidas.

Meu MS.

Que todo o phantasiar desatinava.

Que a phantasia desatinava.

Edição de 1595 e o meu MS.

Estes enganos punha em desconcérto.

Estes enganos tinha em desconcerto.

Meu NS.

Par' ella por os olhos subtilmente.

Pellos olhos para ella sotilmente.

Meu MS.

Pouco a pouco invisiveis me sahião.

Pouco e pouco invisiveis me sahião.

Meu MS.

O gesto puro, emfim, e transparente.

Em fim o gesto puro e transparente.

Meu MS.

Que as mágoas enganava co' os enganos.

Que enganava as mágoas c'os enganos.

Meu MS.

Daquella para quem crescido estava.

Daquelle para quem crescido estava.

Meu MS.

Suspirar sem saber que suspirava.

Suspirar sem saber se suspirava.

Meu MS.

E aquella dór, que das Tartareas ágoas.

Aquella dor que das Tartareas agoas.

Meu MS.

Que tão mal se podia ja mudar.

Que bem mal se podia ja mudar.

Meu MS.

Que converter fazia estes furores.

Fazia converter estes furores.

Edição de 1595 e o meu MS.

Que desculpas comigo só buscava.

Que desculpas comigo que buscava.

Edição de 1595 e o meu MS.

Erão, emfim, remedios que fingia.

Emfim erão remedios que fingia.

Edição de 1595 e o meu MS.

D'hum cumprido, amarissimo tormento.

De longo e amarissimo tormento.

Edição de 1595 e o meu MS.

Estes passos vãamente derramados.

Estes passos tão vãamente espalhados.

Edição de 1595 e o meu MS.

Que tão de siso n'alma tinha pósto.

Que então de sizo n'alma tinha posto.

Meu MS.

Com que criei a tenra natureza.

Em que eu criei a terna natureza.

Meu MS.

Esta canção acaba n'este ramo no meu MS.

Dest'arte a vida em outra fui trocando.

Dest'arte a vida n'outra foi trocando.

Edição de 1595.

De Marte, que nos olhos quiz que logo.

De Marte, que c'os olhos quiz que logo.

Edição de 1595.

E faltava-me, emfim, o tempo e o mundo.

E faltavam'em fim o tempo e o mundo.

Edição de 1595.

Qu'eu não passasse, atado á fiel coluna.

Qu'eu não passase atado á grãa coluna.

Edição de 1595.

Por as flóres que vi da mocidade.

Pellas flores que vi da mocidade.

Edição de 1595.

A vista, a neve, a rosa, a formosura.

A formosura, os olhos, a brandura.

Edição de 1595.

A singela amizade, que desvia.

A sincera amizade, que desvia.

Edição de 1595.

O debil coração, qu'inda não posso.

O fraco coração, que inda não posso.

Edição de 1595.

CANÇÃO XII

Esta canção tem por argumento a formosura natural da amante; em cada ramo ou estancia descreve uma parte sua, e diz que com ella poderia render um planeta.

Nem róxa flor de Abril.

Nem rôxa frol de Abril.

Edição de 1616.

Não fez ja mais tão ledo.

Não fez nunca tão ledo.

Edição de 1616.

Do vêr tão descuidado.

Do ver desconcertado.

Edição de 1616.

Que faz sereno a Jupiter irado.

Que fará brando a Jupiter irado.

Edição de 1616.

Naturalmente em ramos se pendura.

Natureza entre os ramos dependura.

Edição de 1616.

Não lhe dará o deleite.

Não lhe dá o deleite.

Edição de 1616.

Por quem Apollo o Tejo torna Amphriso.

Porque o Sol dexa pelo Tejo Amphriso.

Edição de 1616.

A quem na selva umbrosa
Com mente ouvindo-a está toda enlevada
Quanto a mi essa falla doce agrada.

Tão suave não he, tão deleitosa
A quem no campo a gosa
Quanto a mim essa falla alegre agrada.

Edição de 1616.

De frescos rios ágoa.

Dos rios frescas ágoas.

Edição de 1616.

Na edição de 1616 não traz o remate da canção.

CANÇÃO XIII

Descreve um pomar junto ao Zezere: deseja aos seus habitadores uma vida tão longa como a de Nestor. Conjecturo que esta poesia foi feita visitando o convento que os dominicanos tinham no Pedrogão, já porque pela descripção se vê que era ahi venerada uma imagem da Virgem, e porque toda a canção é isenta de pen-

samentos amorosos que estes sitios amenos costumavam despertar á imaginação do Poeta. Esta canção, bem como a XIV, vem nas *Miscelaneas* de Miguel Leitão de Andrade; Faria as encontrou em um MS. de poesias de Camões, mas sem o seu nome; D. Antonio Alvares da Cunha, na terceira parte das *Rimas* que imprimiu no anno de 1616, as publicou com esta declaração: «As tres canções seguintes andam com muitos erros impressas nas *Miscelaneas* de Miguel Leytão; he certo serem de Luiz de Camões como se colhe de alguns manuscriptos a quem seguimos e com quem emendámos».

Delle mesmo, e qu'em ti se representa.

Delle mesmo, e que em ti se represente.

Edição de 1616.

Assim se deve emendar por causa da rima.

CANÇÃO XIV

Vem nas *Miscelaneas* de Miguel Leitão de Andrade; n'ella mostra Camões, isto é, se é sua, que não produzem as cousas seus communs effeitos n'elle, mas outros contrarios, e que morre do que os outros vivem. Faria e Sousa, com o seu habitual estudo dos poetas italianos, mostra que esta canção é uma imitação de umas *Lyras* de Luiz Grato; a necessidade que temos de encurtar estas notas nos tolhe de as copiarmos aqui, bem como os versos que aponta similhantes a outros de que Camões se serviu n'outras poesias. Se é de Camões, é das menos poeticas e mais frouxas das suas composições.

CANÇÃO XV

Vem nas *Miscelaneas* de Miguel Leitão de Andrade. Sonhando com a sua amante representa que a está vendo, depois acordando deseja dormir eternamente, porquanto não ha mal mais longo que um breve bem. No ultimo ramo se dirige a Endymião, a quem inveja a sorte, pois teve em seus braços a Diana; e por ultimo a Aurora a quem diz que nasceu em vão, pois para o acordar ha de nascer outro sol, outra aurora, outro oriente. A este mesmo assumpto de sonhos se póde ver a canção II e a egloga II. É inteiramente do estylo de Camões; Faria e Sousa commentando-a traz os logares similhantes por elle usados n'outras composições.

CANÇÃO XVI

Linda canção! descreve um sitio encantador e ali colheu um ramo de flores que offereceu á sua amante; ella porém despreza-o, não por seu, mas porque tinha em si muitas mais. O sitio que se descreve é a ribeira de Buyna; não sei aonde fique, e sómente que no Algarve junto a Villa Nova de Portimão existe um sitio com este nome. Se um pintor passasse á téla a descripção d'esta canção, teriamos o mais gracioso painel campestre.

CANÇÃO XVII

Esta canção encontrou Faria e Sousa em um MS. com este titulo: «*Á morte de D. Antonio de Noronha*», e finge-se que a escreveu uma senhora. Diz Faria e Sousa que está escripta com muita limpeza, porém que o estylo não lhe parece de Camões; mas se foi escripta por elle, que disfarçou o estylo para parecer que a havia escripto D. Margarida.

CANÇÃO XVIII

Ao mesmo assumpto da setima e oitava. Tres vezes tratou Camões esta canção. A variante inedita que apresentámos encontra-se no meu MS.

CANÇÃO XIX

A uma dama ausente no campo. Queixa-se da sua insensibilidade, diz-lhe que é digno de a amar, porque tem amor igual ao seu merecimento, aconselha-a a que abandone o campo onde vive escondida a sua belleza, que se lembre que o tempo fará o seu officio, e que nem sempre será bella; porém como poderá esperar piedade, se ella é inhumana comsigo mesmo? Comtudo espera que o tempo, que tudo amacia, a ha de abrandar, e elle colher o fructo que merece pelo muito que a ama; porém se acontecer o contrario terá por grande gloria o morrer por ella. Inedita, MS. de Luiz Franco.

CANÇÃO XX

É escripta no mesmo gosto e metro da canção XV, e a expressão dos mesmos sentimentos da oitava I que começa

Quem póde ser no mundo tão quieto,

que o Poeta desenvolveu n'esta bella composição. Como é fertil a imaginação e arte descriptiva do nosso Poeta: se na canção XV com pincel mimoso nos descreveu as bellezas campestres da natureza, se vos illudiu julgando que ouvieis em seus versos melodiosos o modulo gorgeio do rouxinol, agora varia de pincel e de sons. Vede os canhões vomitando fogo n'esse mar furioso, a espada que lampeja cubiçosa de sangue, o pelouro que retine pelo ar e vae ferir o soldado que está de tal caso descuidado, ouvi-lhe os gemidos, essa sangria do coração que soffre, com que implora á morte que descarregue o golpe mortal, fim de tão duro soffrimento. Fernão Alvares do Oriente, que tanto imitou Camões em todas as suas poesias, o faz na canção ou ode que vem na edição de 1607, a pag. 241, e começa:

Que sorte tão ditosa,

que traz versos inteiros de Camões e alguns logares d'esta canção, da qual teve conhecimento.

Bemaventurado aquelle que ausente.

Imitação do *Epodo* II de Horacio:

Beatus ille, qui procul negotiis
(Ut prisca gens mortalium)
Paterna rura bobus exercet suis,
Solutus omni fœnore.

Não se mantem no gosto dos favores.

Fernão Alvares do Oriente imitou d'este modo:

Passando a vida alegre não procura
Ver os soberbos paços
Em que busque os favores,
Que grangeão somente aduladores
Á custa d'alma e de seus braços.

Despreza as vans promessas que enlevão
Ao vão pensamento.

Do triste ou lêdo rosto
Daquelle que em vão, vão preço espera
Não trará seu descanço pendurado.
Fernão Alvares do Oriente.

Não tirão o doce sono as lembranças.

E sem que do temor o assalto sinta
Ao sono socegado
O convida a corrente.

Fernão Alvares do Oriente.

Não anda entre amigos encuberto
A perigos immensos avisado.

Aqui se queixa o Poeta dos amigos fingidos. Em uma das suas cartas nos diz como foi victima da maledicencia. Estes na India o intrigaram com o governador Francisco Barreto, o que deu origem aos trabalhos que soffreu.

Quando o bravo mar furioso.

Não experimenta do bravo mar irado
Dos ventos procelosos
A furia nunca mansa.

Fernão Alvares do Oriente.

Camões imita aqui o principio do livro II de Lucrecio

Suave, mari magno turbantibus æquora ventis,
Et terra magnum alterius spectare laborem,

com a differença porém que em Camões a idéa é mais amplificada; em Lucrecio se representam sómente os perigos do mar, em Camões os do mar e os da guerra; *cara paz* é uma expressão mui feliz e que contrasta perfeitamente com as idéas antecedentes.

Não ouve da trombeta temerosa.

Deu signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso.

Lusiadas, canto IV, estancia XXVIII.

A espada de sangue cubiçosa.

Parece-me Tionio que te vejo
Por tingires a lança cubiçoso.

Egloga I.

E sugeita a desconcertos da ventura.

Pois não podestes vencer
Desconcertos da ventura.

Redondilha I.

Nem o pelouro da espingarda sahindo.

Na canção XV o Poeta descreve com tanta propriedade a perdiz que tendo presentido o caçador vae fugindo á morte, porém não obstante atravessada da setta cáe e morre, que parece que se está vendo. Aqui a descripção do pelouro que

Retinindo
Pelo ar vôa
Lêdo e sôa,

é igualmente primorosa, e feita por quem tinha ouvido e estava acostumado ao som das balas.

Vai ferir entre muitos o coitado.

Para o pelouro ardente que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Lusiadas, Canto VI.

Nem temor, nem desgosto
Lhe causará na guerra ardente e féra,
Cahir o companheiro ao proprio lado.
Fernão Alvares do Oriente.

Parece-me que tanto no ramo antecedente como n'este o Poeta está descrevendo scenas de que realmente foi testemunha. Na primeira um combate naval a que assistiu, talvez aquelle onde dizem que perdeu um olho; e n'este, algum combate em que realmente lhe tivesse caido ao lado o companheiro de armas.

Refreando o errado pensamento.

Sobre este não errado pensamento.
Oitavas a Santa Ursula, estancia XIII.

O esperto pensamento ao céo formoso.

Nem quem sempre com pouco esperto peito.
Lusiadas, Canto VII, estancia XXXVI.

Mais em particular o experto sabe.
Lusiadas, Canto X, estancia CII.

Quando o bravo mar furioso
Bellicoso
Fogo accende.

Vereis o mar fervendo acceso
Com incendios dos vossos pelejando.
Lusiadas, Canto II, estancia XIV.

Citei a Fernão Alvares do Oriente, porque n'este ponto é interessante, pois como não só imitou mas até introduziu versos de Camões, seu companheiro de armas, nos dá a chave para conhecermos quaes são as poesias genuinas do nosso Poeta. Encontrei esta canção em um MS. do seculo XVII.

CANÇÃO XXI

Em um MS. encontrei esta graciosa canção ao restabelecimento da saude da sua amante; ao mesmo assumpto escreveu umas redondilhas.

SEXTINA I

Parece ser escripta na India sendo ainda viva a sua amante, e por consequencia antes do anno de 1556. Chora pelo tempo passado, e no emtanto foge a vida curta, e só fica a pena que mitiga desafogando n'estes seus versos e com as lagrimas que chora. Pelo mesmo motivo suspira na canção IX desde a estancia VI, e assim é possivel que fosse escripta pela mesma occasião em que andava no cruzeiro no cabo de Guardafú. Na segunda edição das rimas é differente o remate; vem por esta fórma:

Canção, ja tive vida; ja meus olhos
Me derão algum gôsto, mas os dias
Com seu ligeiro curso, mágoa e pena.

Pelo verso II da estancia III, se demonstra ser escripta estando ausente. Quer Faria e Sousa que fosse pouco antes de voltar á patria, o que não póde ser, porque a amante falleceu nos primeiros annos da sua residencia na India. Não só o remate, mas toda a sextina é differente na segunda parte das rimas (1616) onde traz esta declaração: «Esta está impressa tão errada, que não parece do auctor, e foi emendada por elle por esta fórma». As palavras finaes são tambem differentes: *vida, olhos, gosto, dias, curso* e *pena.* Comtudo Faria e Sousa julga que esta é mais errada, e seguiu a lição da edição primeira de 1595. Como vem na segunda parte (1616) é por esta fórma:

Foge-me pouco e pouco a curta vida,
Vay-se o breve tempo d'ante os olhos,
E do viver me vai levando o gosto:
Choro pelo passado, mas os dias
Não se detem por isso de seu curso,
Passa-se emfim a idade e fica a pena.

Que maneira tão aspera de pena,
Que nunca hum passo deu tão longa vida,
'Fóra de trabalhoso, e triste curso,
Se no processo meu estendo os olhos
Tão cheios de trabalho os vejo os dias
Que ja não gósto nem do mesmo gosto.

Os prazeres, o canto, o riso e o gosto,
A continuação da grave pena
Me levou, que não ponho culpa aos dias,
A culpa he do destino, porque a vida
Sempre celebrará os bellos olhos
Por mais que do viver se alonge o curso.

Sigão os Céos o seu natural curso
A toda a gente dêem tristeza ou gosto:
Fação em fim mudanças que meus olhos
Nunca verão no mundo senão pena
. . . .
Para poder em paz passar os dias.

Vão soccedendo hũs dias a outros dias,
Não perde o tempo nada do seu curso,
Perde sómente a curta, e breve vida.
Foge-lhe como sombra a idade, e o gosto,
Vay-se-lh'acrecentando mágoa, e pena
De que são testemunhas os meus olhos.

Mas nunca da minh'alma, os claros olhos
Vos poderão tirar os longos dias,
Cresça quanto quizer trabalho e pena,
Que pois para de traz não torna o curso
Dos annos: isto só terei por gosto,
Para poder passar o mais da vida.

Canção, ja tive vida, ja meus olhos
Me derão algum gosto, mas os dias
Com seu ligeiro curso, mágoa e pena.

O verso que falta na quarta estancia vem restituido na edição de 1669, por esta fórma:

Nem descanso terei ja nesta vida.

SEXTINA II

A culpa do seu mal só tem os seus olhos, que deram entrada ao amor no seu peito; cresçam embora os males e as penas, que se dá por bem pago quando vê a brandura da vista da sua amante. Esta sextina e a terceira e quarta foram encontradas por Faria e Sousa em um manuscripto, mas pelo estylo e assumpto as copia como de Camões. Se é do Poeta, devia ser escripta em Lisboa durante o tempo em que andava na côrte empregado nos seus amores. Vem tambem na edição de 1666, com a unica differença d'esta variante:

A culpa de meu mal só tẽe meus olhos.

A culpa de meu mal só vem meus olhos.

SEXTINA III

Á morte de D. Catharina de Athaide; muitos termos e expressões d'esta sextina se encontram na elegia xv. Diz Faria e Sousa que não ha lance n'esta composição que não assegure ser do Poeta, e eu concordo perfeitamente com o commentador. Vem tambem na edição de 1666.

SEXTINA IV

Ao mesmo assumpto da morte de D. Catharina de Athaide. Na estancia I dá o Poeta a entender, como em outras composições, que esta morte aconteceu quando se achava animado de esperanças, e o tempo, apesar do seu mau fado, queria dar remedio a seus males. Vem tambem na edição de 1666.

SEXTINA V

Em um MS. encontrámos esta sextina (inedita) ao mesmo assumpto da primeira, isto é, á saudade que experimentava da amante, estando ausente d'ella. Na primeira as palavras finaes das estancias são: *vida, vivo, olhos, fallo, passo, pena*; n'esta emprega duas d'aquellas mesmas, *vida* e *olhos*, sendo o primeiro verso do remate quasi o mesmo:

Morte sem vós he Vida, e Morte a Vida.

Morrendo estou na Vida, e em morte vivo.
Sextina I.

ODE I

Esta ode é uma imitação ou quasi traducção da terceira de Bernardo Tasso até á estrophe ou estancia IX, e a ultima com que termina é imitada da canção III do mesmo Bernardo Tasso. Na primeira edição das *Rimas* (1595) e nas outras traz por titulo: «*Ode primeira á Lua*». Pretende Faria e Sousa que Camões escrevêra esta ode em Cintra, monte dedicado á lua, onde outr'ora o paganismo lhe ergueu aras, e que foi por occasião de se achar ali a sua amante em companhia da rainha D. Catharina, que vinha folgar nos paços que os reis de Portugal têem n'este ameno e delicioso sitio. Apesar de Faria e Sousa na annotação a esta ode se declarar o *Endymião do luminar da poesia* do nosso Camões, pois sempre está sonhando com os seus resplandores, e o asseverar, eu sou de uma opinião contraria e reputo esta poesia escripta na Africa, em Ceuta, pela referencia que faz na estrophe IX ao monte Atlas, acompanhada de certa tintura local que parece indicar que escrevia em sitio maritimo.

Olha como suspirão estas ondas,
E como o velho Atlante
O seu collo arrogante
Move piedosamente.

Se Camões seguiu passo a passo a composição d'onde imitou, as estrophes d'esta ode estão alteradas no impresso e deveriam ler-se por esta fórma: depois da terceira a sexta, setima, oitava, quarta, quinta e nona. A necessidade de encurtarmos este trabalho, nos tolhe o mostrar, em face do original de Bernardo Tasso, quanto o Poeta portuguez é superior ao italiano. Presume Faria e Sousa que ha defeito nas copias, e que entre a estrophe IV e V havia outra.

Trocando a noite escura em claro dia.

E quando escura está he mais que o dia.
Edição de 1595.

A noite escura fazes que não possa.

A escura noute fazes que não possa.
Edição de 1595.

Tua candida fronte e faces bellas.

Teus cabellos d'argento, e faces bellas.
Edição de 1595.

O teu celeste humor na primavera.

O teu celeste amor na primavera.
Edição de 1595.

Para ti guarda o sitio fresco d'Ilio.

Por ti guarda o sitio fresco d'Ilio.
Edição de 1595.

Para ti o Erymantho e o lindo Pylio.

Para ti Erymantho e o lindo Epylio.
Edição de 1595.

E as drogas mais cheirosas.

E as drogas cheirosas.
Edição de 1595.

Guarda a felice Arabia mais contente.

Tambem Arabia Felix emminente.
Edição de 1595.

De qual panthera, ou tigre, ou leopardo.

De que Panthera, Tigre ou Leopardo.
Edição de 1595.

Não temêrão teu fero e agudo dardo,
Quando por as montanhas.

Não temêrão o agudo e fero dardo
Quando pelas montanhas.
Edição de 1595.

Pois, Delia, do teu Céo vendo estás quantos.

Pois, Delia, dos teus céos vendo estás quantos.

Edição de 1595.

Furtos de puridades.

Puridade vale o mesmo que segredo o mais intimo. Escrivão da puridade era o secretario intimo do rei, e possuia os mais reservados segredos do estado. Andava este cargo antigo nas personagens mais elevadas; tinha os séllos reaes e com elles assistia nos actos solemnes e juramentos de principes. Este pensamento parece imitado do epigramma VII de Catullo, por esta fórma:

Aut quam sidera multa, quum tacet nox,
Furtivos hominum vident amores:

As conformes vontades.

As amantes vontades.

Edição de 1595.

Ja veio Endymião por estes montes.

Veio teu Endymião por estes montes.

Edição de 1595.

O Céo, suspenso, olhando.

Suspenso o Céo olhando.

Edição de 1595.

Em vão sempre chamando.

Embalde e em vão chamando.

Edição de 1595.

Por ti feito pastor de branco gado
Nas selvas solitarias,
Só de seu pensamento acompanhado.

Por ti feito pastor de branco armento
As selvas solitarias
Acompanhado só do pensamento.

Edição de 1595.

Para ser menos grave o seu tormento.

Para ser menos grave seu tormento.

Edição de 1595.

Não fujas, não de mi! Ah não t'escondas.

Não fujas de mim assim, nem assi te escondas.

Edição de 1595.

Triste de mi! Qu'alcanço por queixar-me.

Triste de mim que o pior he queixar-me.

Edição de 1595.

A quem ja ergueo a mão para matar-me.

A quem ja ergue a mão para matar-me.
Edição de 1595.

E qu'isto só pretende e só m'ensina.

E isto só pertende e só m'ensina.
Edição de 1595.

Oh quanto ha ja que o Céo me desengana!
Mas eu sempre porfio.

Quantos dias ha que o céo me desengana
E eu sempre porfio.
Edição de 1595.

Porque este em que me vejo
Engana co'a esperança o meu desejo.

E este que em mim vejo
Para esperança minha e meu desejo.
Edição de 1595.

Fugir, a hum tempo tal,
Mais que d'antes proterva,
Mais cruel que ursa, mais fugaz que cerva.

Fugir a tempo tal,
Mais que d'antes por thema,
Mais cruel que ursa fera, mais que ema.
Edição de 1595.

Porque tée ordenado.

Porque assi me ha ordenado.
Edição de 1595.

Secreta noite amiga, a que obedeço.

Minha secreta amiga, mansa noute.
Edição de 1595.

Meus queixumes me ouviste, te offereço,
E este fresco amaranto.

Ouviste meus queixumes, ora doute
Este fresco Adrianto.
Edição de 1595.

ODE II

Exalta as raras perfeições da sua amante, para explicar as quaes não acha termo de comparação, confessando que lhe falta o engenho e entendimento para dignamente louvar tão superior belleza, objecto da sua alegria e tristeza. Na primeira estancia imita o Poeta a Pedro Bembo nos seus *Assolanos*, livro II, estancia I. Pelo final d'esta ode se vê que foi feita a uma despedida, que eu supponho para Africa, pela analogia com a elegia II.

Mas na alma minha triste, e saudosa,
A saudade escreve e eu traslado.

A estancia vii vem abruptamente e sem connexão com a antecedente, e por isso presume Faria e Sousa que está truncada, que ou o Poeta a não acabou, ou a estragaram os copistas.

Este tormento, donde Amor mostrou.

Este tormento, onde amor mostrou.,

Edição de 1595.

Entre a doce dureza e mansidão.

Antre a doce dureza e mansidão.

Edição do 1595.

Na edição de 1595 faltam os dois ultimos versos.

ODE III

Lamenta o Poeta um sinistro acontecimento dos seus amores, que começavam a declinar em desgraça:

Ouvireis meus amores
Qu'exemplo são ao mundo ja de dóres.

Apostropha Orpheu, que foi tão feliz que pôde obter com seu canto arrancar do inferno a sua Euridice. Parece fazer uma allusão á rainha D. Catharina, que mais cruel que Proserpina, lhe rouba a vista da sua amante. Invoca as nymphas do mar para ouvirem os seus prantos e clamores, e serem testemunha do seu estado amoroso. Esta ode é feita, ou no mar indo para Ceuta, ou n'aquella praça.

Mas que digo, coitado!
E de quem fio em vão minhas querellas?
Só vós, ó do salgado
Humido Reino, bellas
E claras Nymphas condoei-vos dellas.

Na elegia i, escripta por occasião da partida para a India, e parte d'ella provavelmente no mar, o Poeta desafoga com as nymphas as suas penas.

Tanta razão tivera d'alegrar-me.

Tanta rasão tivera de agravar-me.

Edição de 1595.

Quanto de meu tormento.

Quanta de meu tormento.

Edição de 1595.

Qu'em outro tempo foi alegre e pura.

Que n'outro tempo foi alegre e pura.

Edição de 1595.

Falta o seguinte verso na edição de 1595.

Com tanta desventura.

Oh quanto bem lembrados.

Qh quam bem alembrados.

Edição de 1595.

Ai males tão esquivos.

Crueis males esquivos.
Edição de 1595

Ja esta vida? como tanto dura.

A triste vida ja que tanto dura.
Edição de 1595.

S'esforça o meu sogeito e convalece.

Se esforça meu sugeito e convalesce.
Edição de 1595.

Aplacadas se virão de repente.

Quietas se tornárão de repente.
Edição de 1595.

Das penas que regendo está Plutão.

Das penas que ordenava ali Plutão
Edição de 1595.

Em descanso se achava.

Em descanso tornava.
Edição de 1595

De todo ja admirada.

Pelo qual admirada.
Edição de 1595

Esposa, que perdida.

Esposa ja perdida.
Edição de 1595.

E inda mais deshumana.

E mui mais deshumana.
Edição de 1595.

Duro peito, cruel e empedernido.

Duro peito cruel, impedernido.
Edição de 1595.

Lá na Hircania nascido,
Ou d'entre as duras rochas produzido.

Da Hircania nascido
Ou d'antre as duras rochas produzido.
Edição de 1595.

Sobre as ondas erguidas.

Sobol'ágoa erguidas.
Edição de 1595.

Sahindo todas, vinde a vêr qual ando.

Sahi alegres todas, vêr qual ando.
Edição de 1595.

E cantando e colhendo as lindas flôres.

Cantando, e colhendo as lindas flôres.
Edição de 1595.

E sentireis meus prantos, meus clamores.

Assentareis meus prantos, meus clamores.
Edição de 1595.

E mais infeliz corpo qu'ha gerado.

E mais mofino corpo que he gerado.
Edição de 1595.

ODE IV

A uma dama que repartia os seus agrados, porém que desdenhava os seus amores; aponta-lhe varios exemplos com que o amor castiga taes esquivanças, terminando pelo de Sapho. Supponho que esta ode não é escripta a D. Catharina de Athaide.

E se mais tenho, mais entregarei.

E se mais tenho, inda entregarei.
Edição de 1595.

Folgues de te queimar em flammas várias.

Foges de te queimar em flamas varias.
Meu MS.

Que tantas insolencias e esquivanças.

Que tantas innocencias e esquivanças.
Edição de 1595.

De despojos de mil suspiros rica.

Que de despojos mil soberba e rica.
Meu MS.

Por o Capitão chora.

Pello Capitão chora.
Edição de 1595 e o meu MS.

Olha em Lesbos aquella.

Olha em Lesbo aquella.
Edição de 1595

Por o moço escolhido.

Pello moço escolhido.
Edição de 1595 e o meu MS.

Onde mais se mostrárão as tres Graças.

Onde mais se mostravão as tres Graças.
Edição de 1595.

Vós me tomae, pois outrem me deixou.

Tomae-me vós, pois outrem me deixou.
Edição de 1595.

Disse, e dos altos ares.

E assi dos altos ares.

Edição de 1595.

Menino pío, illeza sem perigo.

Menino pio Elysa sem perigo.

Edição de 1595.

Agoas cahindo apague o fogo antigo.

Agoas quando apague o fogo antigo.

Edição de 1595.

Estes dois versos estão visivelmente errados na edição de 1595.

ODE V

Não é a manhã serena tão suave ao navegante, depois de procella tempestuosa, como a luz dos olhos da sua amante; a sua formosura lhe desfaz a nuvem da tristeza quando o seu pensamento se entristece, e se acaso lhe lança os olhos que não fazem caso d'elle, não póde conter no peito tanta ventura, e como borboleta se abraza na luz dos seus olhos.

Se mil almas tivera, as pendurára das pestanas dos seus olhos, e não é possivel que vendo-se continuamente adorada de tantas almas, e com tantas penas, se não commovêsse á compaixão uma só vez. Porém como ao corpo humano não é dado ter mais do que uma só alma, esta lhe offerece pedindo-lhe não a queira reduzir a cinzas. Parece-me que é escripta em ausencia, e talvez no tempo em que esteve no Ribatejo, aindaque a estancia I se abre pela descripção de uma tormenta do mar, com tanta verdade de expressão, que parece que já tinha experimentado alguma; sendo assim, será talvez escripta de Ceuta. A estancia V parece indicar ser escripta em ausencia:

E vós, que descuidada,
Agora vivereis de tays querellas.

Da estancia IV por diante me parece de frouxa composição, porém as tres primeiras agradam-me.

Estendendo seus raios por o mundo.

Estendendo seus raios pelo mundo.

Edição de 1595.

E com que a sombra escura.

Com que a sombra escura.

Edição de 1595.

Todas quantas pudéra.

Todas quantas tivera.

Meu MS.

Por as pestanas delles pendurára.

Pelas pestanas delles pendurára.

Edição de 1595.

Posto que disso indinas.

Posto que disso indignas.

Edição de 1595.

Não póde ser que vendo a vossa entre ellas.

Não póde ser que vendo a vossa antre ellas.
Edição de 1595.

Como se fossem mil e mil, vos ama.

Como se fossem duas mil, vos ama.
Edição de 1595.

ODE VI

Ausente da amante, e escripta, com toda a probabilidade, na India.

Que de tão longe cá noto e contemplo
N'alma, que este desejo sobe e apura.
Estancia III.

Qual a vi no meu longo apartamento,
Qual em ausencia a vejo.
Estancia II.

Não podendo ver com os olhos corporaes as raras perfeições da sua amante, a imaginação amorosa lh'as representa, em imagens sublimes que a contemplação enlevada e enthusiastica lhe apresenta como divinas, e que nunca o Dante ou Petrarcha poderam encontrar ou descrever na sua Beatriz ou Laura.

E que toda a Toscana Poesia,
Que mais Phebo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via.

Julga Faria e Sousa que o Poeta teve em vista os dois seguintes versos de Jacome Marmita, poeta que florecia no mesmo tempo de Camões:

Poco apprezzar ciò ch'altri al mondo canta,
In Delia, Cinthia, Laura & Beatrice.

Esteve este poeta em Lisboa, como consta dos dois sonetos citados pelo mesmo Faria e Sousa, que vêem a pag. 26 e 28 das obras do dito Marmita.

Io me vo la dove il Tago opposta
Al suo gran Re le riche arene d'oro.

Qui dove il ad Olisippo il pied
Bagnando in seno il ricco Tago accoglie.

Se o desejo podér inflammar a sua alma á altura do seu sujeito, levantará um não visto canto que o Betis o ouça e o Tibre o levante; que os seus compatriotas os acha frouxos e pouco dispostos para escutarem e darem o valor merecido ao seu canto.

.... lhe faltão
Ouvidos para mim, para vós olhos.

Conjectura Faria e Sousa que o verso

Que o Betys me ouça, o Tibre me levante,

se devem attribuir aos dois sevilhanos: Luiz Gomes de Tapia, que traduzia os seus *Lusiadas* no mesmo anno da sua morte, e Fernando Herrera que o louvava nas notas de Garcilasso; e ao celebre soneto do Tasso. Emquanto aos dois poetas hes-

panhoes a traducção do primeiro é feita no ultimo anno de vida do poeta; e postoque Fernando Herrera, segundo julgo, se communicava com Camões, e lhe dirigiu a sua primeira elegia, estas relações deviam ter tido logar depois da sua volta da Asia; quando o Poeta para ali foi, tinha o Tasso apenas onze annos de idade. Ora esta composição é feita na India, e antes do anno de 1556; em consequencia outros deviam ser os panegyristas do nosso Poeta.

Por vós levantarei não visto canto.

Faz allusão ao seu poema heroico: inspirado pela sua dama poderá cantar os altos feitos dos portuguezes. No mesmo pensamento abunda na egloga IV, estancias II e III, tambem dedicada á sua amante.

Póde hum desejo immenso.

Póde hum desejo intenso.

Meu MS.

Que á branda e á vira alma o fogo intenso.

Que a branda e a viva alma, o fogo immenso.

Meu MS.

Com olhos immortais.

Que c'os olhos mortais.

Meu MS.

Que de tão longe cá noto e contemplo.

Que eu de tão longe ja noto e contemplo.

Meu MS.

Se de humanos não tem muita vantagem.

Se de humanas não tem muita ventagem.

Meu MS.

Que misturada tẽe, de qualidade.

Que misturadas são de calidade.

Meu MS.

Nem deixa de ser huma receada.

Nem deixa huma de receada.

Edição de 1558 e o meu MS.

Temperadas co'o doce e ledo rizo.

Temperados com o doce e alegre rizo.

Meu MS.

Iguaes á vossa formosura der.

Igual á fermosura vossa der.

Edição de 1598.

Igual á fermosura vossa ouver.

Meu MS.

Qual a vi no meu longo apartamento,
Qual em ausencia a vejo.

Eu a vi no meu longo apartamento,
Qual em presença a vejo.

Meu MS.

Hum'alma accesa tanto.

Huma accesa alma tanto.

Meu MS.

Que o nosso claro Tejo.

Que o dourado Tejo.

Meu MS.

Esta ode no meu MS. vem com este titulo: «*Ode a D. Francisca de Aragão, do Camões*».

ODE VII

É dirigida a D. Manuel de Portugal, filho terceiro do primeiro conde de Vimioso, D. Francisco, e de sua mulher D. Joanna de Vilhena. Foi commendador de Vimioso e de Santa Maria na ordem de Christo, e no tempo de El-Rei D. Sebastião foi embaixador a Castella. Seguiu o partido do prior do Crato, e supposto que depois se sujeitou á obediencia de Filippe II, nunca lhe foi grato o seu serviço. Foi bom poeta, e compoz varias obras das quaes algumas se imprimiram, e outras se conservam manuscriptas; quasi todas em castelhano.

Imita o Poeta no principio a ode XII do livro I de Horacio, dirigida a Augusto

Quem virum, aut heroa, lyra, vel acri.

Louva D. Manuel de Portugal, por restaurar a poesia portugueza, celebra-o como seu Mecenas, e põe debaixo do seu amparo o seu poema heroico, contra a fortuna invejosa que opprime sempre com o peso da pobreza aquelles que a fama mais eleva nas suas azas. Porém corações generosos, como o de D. Manuel de Portugal, são sempre o sustentaculo da sciencia, por isso seu nome, emquanto o Tejo e o Douro produzir espiritos poeticos e bellicosos, será sempre immortal.

Francisco de Sá de Miranda, dedicando-lhe a sua egloga IV, estancia I, usa d'este mesmo ultimo verso de Camões, e do mesmo consoante.

Senhor D. Manuel de Portugal,
Lume do Paço, das Musas mimoso,
Que certo vos darão fama immortal.

D'esta ode se vê que o Poeta recebeu protecção d'este fidalgo, quando imprimiu os seus *Lusiadas*, ou para obter a tenue tença dos 15$000 réis, ou por outra qualquer fórma.

Nella para trepar s'encosta e arrima.

Na qual pera trepar s'encosta e arrima.

Edição de 1598.

ODE VIII

Ao conde de Redondo D. Francisco, vice-rei da India, pedindo a protecção para o privilegio que pretendia o medico Garcia d'Orta, para o livro que imprimiu intitulado: «*Colloquios dos simplices e droguas e cousas medicinaes da India e assi de algumas frutas achadas nella onde se tratão algumas cousas tocantes á medicina pratica, e outras cousas boas para saber, compostos pelo Doutor Garcia*

d'Orta, Fysico d'El-Rei nosso Senhor, etc. Com prevelegio do Conde Viso-Rey. Impresso em Goa per Johanes de Endem, a x dias de abril de 1563 annos».

Alem d'esta ode que vem n'aquelle livro com este titulo: « *Ao Conde de Redondo, Viso Rei da India, Luis de Camões* », ha mais o seguinte soneto « *do author falando com o seu libro e manda-o ao Senhor Martim afonso de Sousa* » com quem tinha ido para a India.

Seguro livro meu d'aqui te parte,
Que com huma causa justa me consolo
De vêr-te oferecer o inculto colo
Ao cutello mordaz, em toda a parte.

Esta he que daqui mando examinar-te
Por hum senhor, que de hum a outro polo,
Só nelle tem mostrado o douto Apollo
Ter competencia igoal co duro Marte.

Ali acharás defensa verdadeira
Com força de razoens ou de ouzadia,
Que huma virtude a outra não derrogua.

Mas na sua fronte a palma e a oliveira
Te dirão que elle só de igual valia
Fez co sanguineo arnez a branca togua.

Em virtude e em sciencia e em conselho.

Em virtude, sciencia e conselho.

Edição de 1598.

De vossos ascendentes a honra e gloria.

De vossos ascendentes honra e gloria.

Edição de 1598.

D'annos o traz a varia experiencia.

D'annos, letras e varia experiencia.

Meu MS.

Vosso favor e amparo ao grão volume
Qu'impresso á luz sahindo,
Dará da medicina um vivo lume,
E descobrir-nos-ha segredos certos.

Vosso favor e ajuda ao grão volume
O qual á luz sahindo
Dará na medicina hum novo lume,
E descobrindo irá segredos certos.

Meu MS.

ODE IX

Imitação da ode VII do livro IV de Horacio, que o Poeta imita com aquella liberdade e primor que sempre usa. Descreve o curso das estações que se succedem rapidamente umas ás outras, e d'aqui tira a moralidade da pouca brevidade da vida, não podendo nem o valor, nem o saber, nem a belleza e a virtude, nem a riqueza suspender o golpe inexoravel da morte. Assim sendo tudo caduco n'este mundo, devemos preparar-nos na vida para alcançar a bemaventurança eterna, unica solida, verdadeira e duradoira.

Ja a linda Cytheréa
Vem, do côro das Nymphas rodeada:
A branca Pasitéa.

Vay Venus Cytarêa
Com os córos das Nymphas rodeada
A linda Panopêa.

Edição de 1598.

Vay a alva Citerêa
Pelo campo de Nymphas rodeada
A linda Pasitêa.

Meu MS.

Com as duas irmãas acompanhada.

Das formosas irmãas acompanhada.

Meu MS.

Desce do áspero monte.

Desce do duro monte.

Edição de 1598 e o meu MS.

Buscando a clara fonte.

Buscando a fresca fonte.

Meu MS.

O Outono vem entrando
E logo o Inverno frio.

Tras elle vem chegando
Depois o inverno frio.

Edição de 1598.

Temerá o marinheiro a Orionte.

Temerá o marinheiro o Orisonte.

Edição de 1598.

Que se fez dos Troianos.

Que forão dos Troyanos.

Edição de 1598.

Ó Cresso tão famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.

Ó Crasso poderoso
Não te valeo thesouro precioso.

Meu MS.

Não dura por possante, nem por forte.

Não dura nem por muito nem por forte.

Meu MS.

Contra o terrivel fim da noite eterna.

Contra o terribil fim da mort'eterna.

Edição de 1598 e o meu MS.

Hyppolito da escura sombra Averna.

Hyppolito da escura noite Averna.

Edição de 1598 e o meu MS.

Ou com manha, ou com fôrça valerosa.

Com manha, nem com força rigurosa.

No meu MS. faltam os ramos ou estrophes IV, VI e X.

ODE X

Imita a ode IV de Horacio do livro II, do mesmo argumento, dirigida a Xantias Focco, que estava enamorado de uma sua escrava:

Ne sit ancillæ tibi amor pudori,
Xanthia Phoceu: prius insolentem
Serva Briseis niveo colore
Movit Achillem.

Se os mais endurecidos guerreiros como Achilles, creado pelo centauro com tutanos de tigre, se os homens mais doutos, como Salomão e Aristoteles, caíram no mesmo erro, que muito é que elle embalado pelo amor desde o berço lhe não podesse resistir? O exemplo de Achilles não é identico, porquanto a escrava Briseis era branca, e pela sua alvura encantou Achilles «*niveo colore movit Achillem*». Faria e Sousa esforça-se por desculpar esta fraqueza do Poeta, e entre outras cousas cita o «*negra sum sed formosa*» da Escriptura e um verso do Tasso.

Ressi gia l'Etiopia & la Regia moglie,
Che bruna e si, ma il bruno il bel non toglie.

Comtudo não pôde deixar de exclamar: Negra estrella que o reservou para amar uma negra formosura! Nem nós absolvemos o Poeta d'este desvario em que teve mais culpa o corpo, que é da terra, do que o pensamento, que é divino; alliviaremos porém a culpa fazendo persuadir ó leitor que não pertenceria a escrava á raça pura ethiopica, mas seria uma d'estas pardas indianas que ás vezes apresentam feições mui regulares, e que o Poeta vivia em terra onde, conforme elle diz em uma de suas cartas, todas as senhoras portuguezas do reino caiam de maduras.

Se a ode é mal empregada, não se póde negar que é bem escripta, e é engenhosa a maneira com que descreve esta belleza de rebelde carapinha. Parece ser feita em resposta a invectivas com que o Poeta era atacado por estes *negregados* amores, e talvez desse logar a esta composição uma elegia, de auctor incerto, em que é mettido a ridiculo por esta inclinação. Começa:

Ao som de hum birimbáo Luis cantava.

Nas redondilhas que começam

Aquella cativa
Que me tem cativo,

descreve mais largamente o Poeta as perfeições d'esta belleza côr da noite.

Nas Pelethronias covas doctrinado.

Na Peletronia cova doutrinado.
Edição de 1598 e o meu MS.

Porque não seja d'armas offendida.

Que ser não possa d'arma offendida.
Edição de 1598.

Cega! pois não conhece.

Céga, que não conhece.
Edição de 1598.

Que donde o braço irado.

Que aonde o braço irado.
Edição de 1598.

E para cégo amante,
Desd'o principio feito,
Com lagrimas banhando o tenro peito.

Que para cégo amante
Foi de principio feito,
Com lagrimas banhando o brando peito.
Edição de 1598.

Com lagrimas banhando o duro peito.
Meu MS.

De render a quem tenha entendimento.

De cativar quem tenha entendimento.
Edição de 1598.

Aquelles, cujos peitos.

Qu'aquelles cujos peitos.
Edição de 1598.

Se virão mais sujeitos.

Esses forão sugeitos.
Edição de 1598.

No subtil sangue, e engenho mais perfeito.

No sotil sangue e engenho mais perfeito.
Edição de 1598.

ODE XI

O assumpto d'esta ode é os amores de Peléo com Thetis, de que nasceu o forte Achilles, de que tratou tambem Ovidio, o notario de todos estes acontecimentos, como diz Faria e Sousa. O Poeta representa Thetis vindo banhar-se em companhia das Nereydas, e descreve a formosura do corpo dentro de agua; bem se vê que a pintura não era como a de Diana no banho, na egloga dos Faunos, pois a censura permittiu a publicação.

Que os cumes das da terra vão lambendo.

Que as altas vão da terra desfazendo.
Edição de 1616.

Hum dia em que ja Phebo
Começava a mostrar-se ao mundo ardente.

Hum dos dias que Phebo
O mundo todo abraza em fogo ardente.
Edição de 1616.

Á cega idolatria
Que ao peito mais contenta, e mais agrava.

Na céga idolatria
Que o peito mais contenta e mais agrava.
Edição de 1616.

Faz que os humanos créão que he divino.

Se faz crer dos humanos que he contino.
Edição de 1616.

Na crystallina lympha.

Na pura e clara lympha.
Edição de 1616.

As pérolas qu'escondem vivas rosas
Dos jardins deleitosos.

E perolas que escondem entre as rosas
Os jardins deleitosos.
Edição de 1616.

O subtil mantimento
Dos olhos cuja vista a Amor cegou;
A Amor que, com tormento
Glorioso, nunca delles se apartou,
Pois elles de contino.

O sutil movimento
Dos olhos, cuja vista o Amor cegou,
O qual com seu tormento
Nunca mais de taes olhos se apartou,
Mas antes de contino.
Edição de 1616.

Os fios derramados
Daquelle ouro que o peito mais cobiça,
Donde Amor enredados.

Os fios espalhados
D'Amor, que aos mais dos peitos faz cubiça,
Onde Amor enredados.
Edição de 1616.

E donde com desejo
Mais ardente começa a ser sobejo.

Com fervido desejo
Por onde elle começa a ser sobejo.
Edição de 1616.

Vio-se assi cégo e mudo
Por a fôrça d'Amor que póde tudo.

Ficando cégo e mudo
Contra as forças do Amor que póde tudo.
Edição de 1616.

E cégo, e co'hum suspiro.

Se via, e c'hum suspiro.
Edição de 1616.

ODE XII

Esta ode até á estancia VIII é do mesmo assumpto da IX. Mudam-se as estações, muda-se tudo na natureza, sómente não muda o rigor da sua senhora; mas seja embora tudo mudavel, elle será firme no quê emprehendeu.

Sem flôres as ribeiras deleitosas.

Sem flôres as ribeiras graciosas.
Edição de 1616.

Candidos lyrios, rubicundas rosas.

Os cravos, lyrios, e as purpureas rosas.
Edição de 1616.

Fogem do grave ardor os passarinhos.

Fogem da calma grave os passarinhos.
Edição de 1616.

Busca a casta Titanica a espessura.

Busca a casta Titonia a espessura.
Edição de 1616.

Onde á sombra inclinada.

Onde á sombra deitada.
Edição de 1616.

E sôbre o seu cabello ondado e louro.

E sobre o seu cabello crespo e louro.
Edição de 1616.

Mostrava o lume eterno das estrellas.

Mostrava o eterno lume das estrellas.
Edição de 1616.

O campo, brancas, róxas, e amarellas,
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.

Humas vermelhas e outras amarellas,
Se mostra alegre o bosque, alegre o monte,
O rio, o arvoredo, o prado, a fonte.
Edição de 1616.

Porém como o menino
Que a Jupiter por a aguia foi levado.

Porque como o menino
Que a Jupiter pola aguia foi levado.
Edição de 1616.

Fór do amante de Clicie visitado.

Foy do amador de Clicie visitado.
Edição de 1616.

He das Nereidas candidas cortado,
Logo se irá mostrando.

He das lindas Nereidas cortado,
Se ira alevantando.
Edição de 1616.

Succeder á belleza
Da primavera o fructo; a elle a neve.

Socede á belleza
Da primavera o fruto, á calma a neve.
Edição de 1616.

Não se acha segurança.

Nem se acha segurança.
Edição de 1616.

Sómente a minha imiga.

Só a minha inimiga.
Edição de 1616.

Em não vêr-me ella só sempre está firme.

Só ella em me não vêr, sempre está firme.
Edição de 1616.

Qu'em matar-me ella só mostre firmeza.

Só ella em me matar mostra firmeza.
Edição de 1616.

Que nunca de luz nova he soccorrida.

Que nunca he de luz nova socorrida.
Edição de 1616.

Perca a inconstancia Amor.

Perca a constancia Amor.
Edição de 1616.

Tudo mudavel seja contra mi.

E tudo se conjure contra mim.
Edição de 1616.

ODE XIII

Julgo que esta ode foi dirigida a D. Antão de Noronha, sobrinho de D. Affonso de Noronha, e que militou em Ceuta com o Poeta, e governou a India nos ultimos tempos que ali residiu.

Fóra conveniente
Ser eu outro Petrarcha ou Garcilasso.

De todos os poetas, aquelles que parece tiveram mais aceitação a Camões, e que elle mais imita nas suas poesias lyricas, foram sem duvida estes dois. A imaginação sensivel de Petrarcha não podia deixar de ser apreciada por um poeta como Camões, que a não tinha menos. Não só o imitou nas suas poesias, principalmente nos sonetos, vertendo mesmo alguns d'elles, mas sempre que d'elle falla é com um certo enthusiasmo:

E que toda a Toscana poesia
Que mais Febo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via.

Ode VI.

E na oitava I, estancia XXV

Cantára-nos aquelle que tão claro
O fez o fogo da arvore Febea,
A qual elle em estilo grande e raro
Louvando o cristalino Sorga, enfrea.

Se da celebre Laura a formosura
Hum numeroso cisne ufano escreve.

Soneto CIII.

Na comedia de *Filodemo,* «Virá logo o vosso Petrarcha e o vosso Pedro Bembo» etc., e na carta I, fallando das senhoras da India: «Fazei-me mercê que lhe falleis alguns amores de Petrarcha ou de Boscão», etc. A suavidade de Garcilasso não foi menos prezada de Camões, ao qual não só faz differentes elogios, mas imitou, principalmente nas eglogas.

O brando e doce Lasso Castelhano.

Oitava I, estancia XXV.

E na citada comedia de *Filodemo,* comparando uma dama, diz: «Mais formosa que uma manhã de estio, mais mansa que o rio Tejo, mais branda que um soneto de Garcilasso», etc.

Ou que até ó ceo buscárão
A fonte Caballina.

No cume do Parnazo, duro monte
De sylvestre arvoredo rodeado,
Nasce uma cristallina e clara fonte.

Egloga VII, estancia V.

Camões, apesar da immensa superioridade do seu genio, foi generoso com os seus contemporaneos, aos quaes elogia em varios logares das suas poesias.

A vós por quem ja cresce
O nome Lusitano a tanta gloria.

Podeis fazer que creça d'hora em hora.
O nome Lusitano, e faça inveja.

Egloga IV, estancia III.

Qualquer que de Thalia as obras sente.

Em vós tenho Caliope e Thalia.

Egloga IV, estancia II.

Vi entre os Garamatas conhecida.

Por este verso se vê que foi esta poesia dirigida a um camarada de Africa. D. Antão de Noronha, devia orçar pouco mais ou menos pela idade de Camões, quando serviu em Ceuta com seu tio D. Affonso de Noronha, capitão d'aquella fortaleza. Era homem mui affeiçoado aos soldados de Africa, aos quaes deixou legados, como tive occasião de ver em o seu testamento, e como dissemos na biographia de Camões; parece intentou tira-lo da miseria em que o foi encontrar na India.

Que a nome tão honroso
Mais ganho obedecendo.

Se meu engenho he rudo e imperfeito,
Bem sabe onde se salva.

Egloga VII, estancia II.

Inedita, MS. de Luiz Franco.

ODE XIV

No MS. esta ode trazia este titulo: «*Sextina differente*»; julguei porém colloca-la n'este logar por ser uma ode com a mesma metrificação e artificio da ode II, impressa: consiste este em que os differentes ramos repetem successivamente os mesmos consoantes do primeiro. Inedita, no MS. de Luiz Franco.

OITAVA I

Em todas as edições trazem estas oitavas este titulo: «*A D. Antonio de Noronha, sobre o desconcerto do mundo*». Não é de certo este D. Antonio de Noronha o mesmo a cuja morte escreveu o soneto XII, e chora na egloga I, porquanto era mancebo de mui tenra idade para reflexões tão philosophicas, como as que encerra esta poesia; podia bem ser aquelle D. Antonio de Noronha, que depois governou a India. Pelo verso IV da oitava XXIII,

Sem vêr-me em terra alheia degradado,

parece escripta quando militava em Ceuta, e seria este o mesmo amigo a quem dirigiu a elegia II, escripta n'aquella praça de Africa. Bella poesia! Começa meditando sobre a injustiça da fortuna, que reparte o premio n'este mundo ao que pratica toda a qualidade de maleficios e opprime o justo. Diz que todos pretendem um pouco do mundo; os reis, os conquistadores, os aulicos, os philosophos e até o proprio Diogenes, que parece despreza-lo, pretende d'elle fama; mas esta mesma fortuna os desengana como a Cesar, a quem mataram os conjurados, e a Platão, que apesar das suas viagens e muita sciencia viveu no erro. Depois de nos haver representado o desconcerto com que o mundo é governado, nos apresenta o verdadeiro quadro da felicidade, que faz consistir em ter baixa a phantasia, em não a metter em especular os altos mysterios da natureza contentando-se com o simples auxilio da religião, limitar-se na ambição, vivendo retirado no campo. Se a fortuna lhe permittisse, em um aprazivel retiro em companhia do seu amigo e da amante, passar docemente a vida em tão agradavel communicação, entregue ás doçuras do amor e da amizade, e cultura dos seus estudos, lendo entre si os bons poetas, como o Sanazaro e Garcilasso, julgar-se-ía pelo homem o mais feliz. Mas o Amor e a Fortuna se conjuraram contra elle, entregando-o a um vão desejo, e é tão infeliz que até da muita vida se receia. N'esta poesia narra Camões a anedocta conhecida do doido do porto de Piréo, mencionada por Atheneu no livro II: persuadia-se elle que todas as naus que ancoravam n'aquelle porto eram suas, e quando foi curado pelo irmão, foi então que se julgou infeliz. Horacio, no livro II, epistola II, nos conta um caso analogo de um doido de Argos, que se lhe representava estar continuamente ouvindo declamar tragedias sublimes, e sentado só na platéa batia as palmas e applaudia freneticamente; curado este pelos amigos se voltou contra elles, por lhe terem tirado do espirito um erro tão doce que o tornava tão feliz com a illusão em que vivia.

Commentando Faria e Sousa a oitava XXIII, adverte que não só n'esta, mas nas duas immediatas, não termina a clausula, d'onde infere que não estão perfeitas, o que attribue á falta de alguma oitava que saltassem os copiadores, ou fosse cortada pela censura. Fernão Alvares do Oriente glosou a oitava XXV.

Quem tão exp'rimentado, ou tão discreto.

Quem tão experimentado e tão discreto.
Edição de 1595.

Quem tão experimentado tão discreto.
Meu MS.

Tão fóra, emfim, de humano entendimento.

Tão falto em fim de humano entendimento.
MS. de D. Cecilia.

O proprio Momo ás gentes o julgára.

O proprio Momo, a gente o julgára.
Meu MS.

Inda quando lhe visse aberto o peito.

Inda quando lhe vira aberto o peito.
Edição de 1595.

Inda que lhe não vira aberto o peito.
MS. de D. Cecilia.

Que se ambos vem por não cuidada via.

Que se ambos vem por desusada via.
Meu MS.

Dir-me-heis que s'este estranho desconcérto.

Dir-m'eis que se este estranho desconcerto.
Edição de 1595.

Exemplo tome delle e não m'espante.

Que tome exemplo delle e não m'espante.
Edição de 1595.

Deste uso da fortuna tão damnado.

Que este uso da fortuna tão danado.
Edição de 1595 e o meu MS.

Que quanto he mais usado e mais antigo.

Que quanto mais usado e mais antigo.
Edição de 1595 e o meu MS.

Porque, se o Céo, das gentes tão amigo.

Porque se o Céo das gentes inimigo.
MS. de D. Cecilia.

Porque se o Céo dos homens inimigo.
Meu MS.

Bem he para causar hum grande espanto.

Não he para causar mui grande espanto.
Edição de 1595, MS. de D. Cecilia e o meu.

Que mal tão mal olhado, dure tanto.

Que hum mal tanto sem ordem dure tanto.
Meu MS.

Pois se de desprezar te prezas muito.

Que se de desprezar te presas muito.
Edição de 1595.

Se de desprezar te prezas muito.
MS. de D. Cecilia e o meu.

Aquelle deixo, a quem do somno esperta
O grão favor do Rei que serve e adora.

Deixo aquelle a quem o sono esperta
Do grão favor do Rei que serve e adora.
Edição de 1595.

E deixo aquelle a quem do sono experta
Hum vão favor do Rei que serve e adora.
MS. de D. Cecilia e o meu.

E se mantee dest'aura falsa e incerta.

Que se mantem desta aura falsa e incerta.
Edição de 1595.

Que de corações tantos he Senhora.

Que dos corações tanto he senhora.
Edição de 1595.

Deixo aquelles qu'estão co'a boca aberta.

Deixo aquelle que está co'a boca aberta.
Meu MS.

Doentes desta falsa hydropesia.

Doente de inexausta hydropesia.
Meu MS.

Nem de outra cousa alguma he governado.

Nem d'outra cousa alguma he sojugado.
Edição de 1595.

Nem he d'outra cousa sojugado.
MS. de D. Cecilia e o meu.

Ora a Platão divino que me diga.

Ora a Salomão divino que me diga.
Meu MS.

Este, das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencê-las, que alcançou.

Hum de vencer o mundo que mandou,
E outro de saber tanto que alcançou.
Meu MS.

Vencendo povos varios e esforçados.

Vencendo varios povos esforçados.
Edição de 1595.

Vencendo povos varios sublimados.

Meu MS.

Ficará de meus feitos sublimados.

Se lerá de meus feitos celebrados.

Meu MS.

Lograste-o muito tempo? Os conjurados.

Lograste a muito tempo? os conjurados.

Meu MS.

Fui a Sicilia, a Egypto e outras partes.

Fui á Cicilia, ao Egypto, e outras partes.

Edição de 1595.

Da natural sciencia e muitas artes.

Da natural sciencia em muitas artes.

MS. de D. Cecilia.

No meu MS. não vem esta ultima oitava, que começa:

Dirá Plutão: por vêr o Etna e o Nilo;

seguem-se porém as duas seguintes, das quaes a primeira que começa

Que monta mais mandar que ser mandado.

vem em alguns manuscriptos, e entre estes no de D. Cecilia de Portugal, e a segunda que começa

O filho de David dirá, fui Rei.

sómente a encontrei no meu MS.

O filho de David dirá, fui Rei,
Que quanto estudo baixo do alto ceo
Com juizo sotil envestiguei,
Mas emfim, tudo vão me pareceo.
Mais do que tu confessas te direi,
Que o seu grande saber de hum cégo ocio
Cobriste com que o grande Deos negaste,
De quem tantas sciencias alcançaste.

Que monta mais mandar que ser mandado,
Que monta mais ser simples que sabido,
Que tudo emfim tem termino forçado,
Se tudo está a trabalhos sometido
Do mundo o temor vem, que experimentado
Foi claro de Democles, e entendido
Do saber, como avisa Salomão,
Os trabalhos e a muita inclinação.

Pois quanto des que vive ja apartada.

Pois quando do mundo está apartada.

Edição de 1595.

Pois depois que do mundo está apartada.

MS. de D. Cecilia e o meu.

Que da fama, que fica, nada cura.

Que da fama que fica, pouco cura.
Meu MS.

E se o corpo terreno sinta nada.

Pois se o corpo terreno sinta nada.
Edição de 1595.

Pois se o corpo terreno sente nada.
MS. de D. Cecilia e o meu.

No campo, onde lançado morto estava.

No campo onde deitado morto estava.
Edição de 1595, MS. de D. Cecilia e o meu.

De si os cães, ou as aves enxotava.

Os cães com pedras ou aves enxoutava.
Meu MS.

E mungir-lhe do leite que bebesse.

E mugir-lhe do leite que comesse.
MS. de D. Cecilia e o meu.

Nem quem a luz occulta no horisonte.

Nem quem a luz esconde no horisonte.
Edição de 1595 e o meu MS.

Sem mais especular algum secreto.

Sem mais especular nenhum secreto.
Edição de 1595 e o meu MS.

D'hum certo Trasilao se lê e escreve
Entre as cousas da velha antiguidade.

De hum certo Trasiláo grego se escreve
Nas memorias da sábia antiguidade.
Meu MS.

Por causa d'huma grave enfermidade.

Por causa de huma grande enfermidade.
Edição de 1595 e o meu MS.

E em quanto, de si fóra, doudo esteve.

E em quanto de si fóra insano esteve.
Meu MS.

Qu'erão suas, das náos que navegavão.

Que erão suas as naos que navegavam.
Meu MS.

Por hum Senhor mui grande se teria.

Por muito gran Senhor assi teria.
Meu MS.

Não tardou muito tempo, quando hum dia.

Não passou muito tempo, quando hum dia.
Meu MS.

Huncrito, seu irmão, que ausente estava.

Hum Crito seu irmão, que ausente estava.
Meu MS.

A terra chega; e vendo o irmão perdido.

A terra veio, e vendo o irmão perdido.
Meu MS.

Triste, que por tornar-lhe o antigo siso.

Triste, que por tornar o caro siso.
Edição de 1595 e o meu MS.

O tornão á saude já passada.

O tornão á saude atras passada.
Edição de 1595.

O tornão á saude desejada.
Meu MS.

Do trabalho a que o siso o obrigava.

Dos trabalhos que o siso lhe obrigava.
Edição de 1595 e o MS. de D. Cecilia.

Que a louca presumpção lhe apresentava.

Que a vãa opinião lhe apresentava.
Edição de 1595, MS. de D. Cecilia e o meu.

Oh inimigo irmão, com cór de amigo.

O imigo irmão com cór d'amigo.
Edição de 1595.

Por qual Senhor algum eu me trocára,
Ou por qual algum Rei de mais grandeza?

Porque Rei, por que Duque me trocára,
Por que Senhor de grande fortaleza.
Edição de 1595, MS. de D. Cecilia e o meu.

Ou que a ordem mudasse a natureza.

Nem que a ordem mudasse a natureza.
MS. de D. Cecilia e o meu.

Vedes aqui, Senhor, bem claramente.

Vêdes aqui Senhor mui claramente.
Edição de 1595.

Como a Fortuna em todos tẽe podêr.

Como fortuna em todos tem poder.
Edição de 1595.

Qualquer quieto, humilde e doce estado.

Qualquer humilde, honesto e doce estado.

Meu MS.

Sem vêr-me em terra alheia degradado.

Sem ver-me em alheias terras apartado.

MS. de D. Cecilia e o meu.

Senão a vós, tambem como eu contente.

Senão a vós assi como eu contente.

MS. de D. Cecilia e o meu.

Que bem sei que o serieis facilmente.

Que bem sei eu que o foreis facilmente.

MS. de D. Cecilia e o meu.

E ao longo d'huma clara e pura fonte.

Ao longo d'huma clara e pura fonte.

Edição de 1595.

E ao longo de huma alta e pura fonte.

MS. de D. Cecilia.

E ao longo de huma fresca e pura fonte.

Meu MS.

Ao doce passarinho, que nos conte.

A doce passarinho a que nos cante

MS. de D. Cecilia.

Ao doce passarinho porque nos cante.

Meu MS.

Quem da chara consorte o apartasse.

Que da chara consorte o ausentasse.

Meu MS.

Louvando, o crystallino Sorga enfrêa.

Louvando o crystalino rio enfrea.

Edição de 1595 e o MS. de D. Cecilia.

Ora nos montes, ora por a arêa.

Hora nos montes, ora pela aldea.

Edição de 1595.

Ora nos montes, ora pela arêa.

MS. de D. Cecilia e o meu.

Passára celebrando o Tejo ufano
O brando e doce Lasso Castelhano.

Passára de celebrado o Tejo ufano,
Pelo suave Lasso Castelhano.

Meu MS.

E comnosco tambem se achára aquella,
Cuja lembrança, e cujo claro gesto.

E comnosco se achasse aquella
(O lembrança ociosa!) cujo gesto.
Meu MS.

Mitigando o rigor do peito honesto.

Mitigando o firme peito honesto.
Edição de 1595.

Mitigando o formoso peito honesto.
Meu MS.

E em quanto por Verão flóres colhesse.

E alli em quanto as flôres acolhesse.
Edição de 1595 e o MS. de D. Cecilia.

Alli em quanto as flores acolhesse.
Meu MS.

Ou por Inverno ao fogo accommodado.

Ou pelo inverno ao fogo accommodado.
Edição de 1595.

O que de mi sentira nos dissesse.

Quanto de mim sentira nos dissesse.
Edição de 1595 e o MS. de D. Cecilia.

Quanto por mim sentíra nos dissesse.
Meu MS.

Do insano Trasilao o doudo estado.

De Trasiláo o insano e doudo estado.
Edição de 1595 e o MS. de D. Cecilia.

De Trasiláo o insano e bruto estado.
Meu MS.

Mas que alli me dobrasse o entendimento.

Mas que então me dobrasse o entendimento.
Edição de 1595 e o meu MS.

Mas por onde me leva a phantasia.

Mas para onde me leva a fantesia.
Edição de 1595 e o meu MS.

Se hum novo pensamento Amor me cria.

Se hum desejo impossivel, alma cria.
Meu MS.

Onde o lugar, o tempo, as esquivanças.

Onde o logar, o tempo e as esperanças.
MS. de D. Cecilia.

O tempo á tal estado me chegou.

A este estado o tempo me chegou.
Edição de 1595.

A tal estado o tempo me chegou.
Meu MS.

E nelle quiz que a vida se acabasse.

E muito quiz que a vida se acabasse.
MS. de D. Cecilia.

Elle quiz que a vida se acabasse.
Meu MS.

Se ha em mi acabar-se, o qu'eu não creio.

Se em mi ha acabar-se o que eu não creo.
Edição de 1595.

Que até da muita vida me receio.

Que até da minha vida me arreceo.
MS. de D. Cecilia e o meu.

OITAVA II

Estas oitavas são feitas a D. Constantino de Bragança, vice-rei da India, imitando n'ellas a epistola I do livro II de Horacio, dirigida ao imperador Augusto sobre o mal acertado juizo que em Roma se fazia ácerca dos poetas. Foi feita para consolar o vice-rei pela censura injusta que o povo fazia ao seu governo, aliás, na opinião do Poeta e de Diogo do Couto, justo e prudente. O que dava mais calor a estas censuras, era a nau que mandou fazer na India para regressar ao reino; mas depois lhe fizeram justiça, e quando D. Sebastião mandou pela primeira vez o vice-rei D. Luiz de Athaide, lhe recommendou que governasse tão bem como D. Constantino. Foi D. Constantino quarto filho de D. Jayme, quarto duque de Bragança, e de sua segunda mulher D. Joanna de Mendonça. Foi, diz Diogo de Couto, homem de meã estatura, grosso, espadaudo, barbaçudo, gentil-homem, brando, affavel, mui favorecedor das cousas da religião, muito amigo da justiça, verdadeiro e casto. No anno de 1571 o mandou el-rei D. Sebastião chamar a Almeirim, e lhe commetteu voltar á India para ali residir, levando sua mulher, e emquanto vivesse; não aceitou porém, e tendo-lhe dado a capitania de Cabo Verde, que arrendou por 600$000 réis cada anno, e tendo por ultimo pedido a el-rei lhe commutasse aquelles 600$000 réis na villa de Extremoz, ali se aposentou com sua mulher D. Maria, filha de D. Rodrigo de Mello, marquez de Ferreira; e porque não teve filhos, fez seu herdeiro D. Constantino, seu sobrinho, filho do marquez de Ferreira.

Que com vagante e ociosa phantasia.

Que com ridiculosa fantasia.
Edição de 1595.

Porém, porque a verdade póde tanto.

Porém, porque a virtude póde tanto.
Edição de 1595.

Ao Rei Dario o moço sabio e santo.

A Dario Rei o moço sabio e santo.
Edição de 1595.

Vos faça claro a quem vos não alcança.

Vos faço claro o que vos não alcança.
Edição de 1595.

Fizerão Cidadão do claro Ceo.

Fizerão cidadão do alto Ceo.
Edição de 1595.

Pois logo, se Barões tão excellentes.

Pois logo, se Varoens tão excellentes.
Edição de 1595.

O vituperio vil das rudas gentes.

O vituperio vil das rudas gentes.
Edição de 1595.

Que nunca possa ser senão sublime.

Que nunqua possas ser senão sublime.
Edição de 1595.

Mas, pois a dizer tudo m'offereço.

Mais, pois que o dizer tudo me offereço.
Edição de 1595.

E dias ha que no desejo o tenho.

Que dias ha que no desejo o tenho.
Edição de 1595.

Se o successo he contrário da vontade.

Que o sucesso he contrário da vontade.
Edição de 1595.

Sei eu, e sabem todos que os futuros.

Sei eu, e sabem todos os futuros.
Edição de 1595.

Quãmanha infamia ao Principe he perder-se
Pouco do Estado seu, que inteiro herdou,
Tanto por glória grande deve ter-se.

Camanha infamia a Principe he perder-se
Ponto do Estado seu, que inteiro, herdou,
Por tão celebre gloria deve ter-se.
Edição de 1595.

Com triumphos alguem, se não ganhou
Provincia com que o Imperio s'augmentasse.

Com triumpho ninguem, e não ganhou
Provincia que o imperio acrescentasse.
Edição de 1595.

Te aposentou, de ser tão inimigo.

Te aposentou, de seres inimigo.
Edição de 1595.

Que os trovões imitava do Tonante.

Que os trovoens imita do Tonante.
Edição de 1595.

Déste bem a entender quão grande glória.

Déste bem a entender camanha gloria.
Edição de 1595.

He de tál vencedor o ser vencido.

He de tal vencedor seres vencido.
Edição do 1595.

Onde os altos juizos o estimarem.

Onde os juizes altos s'estimarem.
Edição de 1595.

Tão ingrato a quem tanto faz por elle.

E ingrato a quem tanto fez por elle.
Edição de 1595.

Mas sabei qu'he signal de serdes claro
O ser agora tão malquisto delle.
Themistocles, da patria sua amparo,
O forte e liberal Cimon, e aquelle.

Sabei que he sinal de serdes claro
Serdes agora tão malquisto delle.
Themistocles da patria sua emparo,
O forte liberal Cimon, e aquelle.
Edição de 1595.

Testimunhas serão de quanto digo.

Testemunhas serão disto que digo.
Edição de 1595.

Se tirou co'o seu ferro a vida chara.

Se tirou com sua espada a vida chara.
Edição de 1595.

Demosthenes, lançado das tormentas.

Demosthenes, deitado das tormentas.
Edição de 1595.

Que de tres monstros grandes te contentas.

De que tres monstros grandes te contentas.
Edição de 1595.

Do veneno vulgar fossem vivendo.

Do veneno vulgar fossem ? e vendo.
Edição de 1595.

OITAVA III

Estas oitavas na primeira edição trazem este titulo: «*Sobre a setta que o Santo Padre mandou a El-Rei D. Sebastiam, no anno de 1575*». Devia ser este o papa Gregorio XIII. Já anteriormente havia outro papa enviado a el-rei D. João III a reliquia do braço do santo, ao que se refere Francisco de Sá de Miranda na elegia á morte do principe D. João. Em uma chronica, inedita, de el-rei D. Sebastião, escripta no anno de 1580, encontrou Manuel de Faria e Sousa esta noticia: «*O braço do Martyr S. Sebastiam trazido a este reyno do Saco de Roma, em tempo de Clemente VII*».

N'estas oitavas faz Camões aquelle falso vaticinio que faz tambem nos *Lusiadas*, e em que tinha por companheiros todos os poetas, oradores e aduladores, de que o joven principe derrubaria o poder ottomano. E tomando paridade dos poucos annos do principe e os de Ascanio, filho de Enéas, diz-lhe: que assim como o principe, em tão tenra idade, derrubou com uma flecha o capitão dos rutulos, Numano Remulo, que com suas bravatas affrontava os troyanos, elle com aquella flecha sagrada derrubará a arrogancia ottomana que blasfema contra o nome catholico. Desconfia Faria e Sousa, pela ultima oitava, que estes versos foram acompanhados novamente com a entrega de um exemplar dos *Lusiadas*.

Já por ordem do Céo, que o consentio.

Já por sorte do Céo, que o consentio.
Edição de 1595.

E o que hum presagio tal agora encerra.

E o que este presagio agora encerra.
Edição de 1595.

Dos celestes thesouros Dispenseiro:

Das reliquias celestes despenseiro.
Edição de 1595.

Nos peitos que inimigos são do Rei.

Nos peitos que imigos são do rei.
Edição de 1595.

Por as praias de Persia, e alcançava.

Pelas praias da Persia, e alcançava.
Edição de 1595.

Nos ares, Deos querendo, se viravão.

Que no ar, Deos querendo, se viravão.
Edição de 1595.

Crendo bem que as que vós despedireis.

Crendo que as que vós atirareis.
Edição de 1595.

Rei do Imperio, despois tão conhecido.

Rei do largo imperio, conhecido.
Edição de 1595.

De Roma, e só reliquia do Troiano.

Romano, e só reliquia do Troyano.
Edição de 1595.

Recebei com benigna e Real mão.

Recebei com benigna e lêda mão.
Edição de 1595.

OITAVA IV

É a glosa do soneto XIV. Esta oitava e as duas que se seguem encontrou-as Manuel de Faria e Sousa em dois manuscriptos; pelo estylo e assumpto irrecusavelmente é de Camões, e dirigida á sua D. Catharina de Athaide, como se deprehende d'este verso:

Natercia, Nympha bella, por quem vivo.

Commentando Faria e Sousa esta glosa, nos declara que a achou mui viciada de erros, de sorte que lhe foi necessario emenda-la, o que fez tambem em outras partes das rimas; porém não sem colhe-lo ou inferi-lo da variedade de copias, porque o que em uma está errado e confuso, apparece n'outra com mais luz. Esta poesia é uma especie de idilio, e julgo que foi escripta durante a estada no Ribatejo, por occasião do primeiro degredo.

OITAVA V

Glosa do soneto CXCIV. Eis-aqui o que nos diz Faria e Sousa a respeito d'esta poesia: «Hallela en un manuscrito de los que vinieron á mi mano. En el estilo no dexa de parecer del P. En otras cosas no: si fuere suia, sea-lo: sino, servirá de ver que fue estimado aquel soneto, pues le glosavan. Los curiosos que jusguen». É uma satyra sobre o desgoverno da India, e dirigida a uma senhora, á qual manifesta a saudade que experimenta por ella no meio d'aquelle estado desagradavel. Esta senhora não podia ser D. Catharina de Athaide, porquanto esta oitava foi escripta, como consta da mesma, no reinado de el-rei D. Sebastião, ou já depois da sua morte, epocha em que era tambem já fallecida a amante do Poeta. Não me parece de Camões, e inclino-me a acreditar que foi escripta já no tempo dos Filippes, pelos seguintes versos:

Cá nesta Babylonia onde a Nobreza
Da Lusitana gente se perdeu;
E do Grão Sebastiam toda a Grandeza
Irreparavelmente se perdeo.

Aquelle *irreparavelmente* parece-me indicar a desesperação do remedio da salvação publica por parte do vencido.

OITAVA VI

Estas oitavas são uma declaração de amores a uma senhora; parecem-me frouxas, e se são do Poeta, certamente não as dictou o coração.

OITAVA VII

Oitavas a Santa Ursula: dedicadas á infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel. Antes de Diogo Bernardes publicar estas oitavas no anno de 1596, corriam ellás em nome de Camões. Em um soneto que as acompanha, dirigido á infanta, applicando-lhe Diogo Bernardes o «*Hos ego versiculos feci*» de Virgilio, se queixa

o poeta do Lima de lhe ter roubado um vil engano a honra d'esta composição, e estando dedicada á dita infanta:

> Caio para se ver peor tratada
> Nas mãos, livre ja d'hum, d'outro tyrano.

E que, se sendo roubada foi tão aceita, apesar de lhe não ter lançado a ultima lima, agora corrigida e mais formosa vae ante a perfeição de sua alteza.

É muito interessante este soneto de Bernardes, para estabelecer a certeza de que a opinião do plagiato do mesmo de algumas obras de Camões, era contemporanea. O soneto e a composição devia ser feito antes do anno de 1577, em que falleceu aquella infanta, e quando ainda vivia Camões; mas estas duas composições só apparecem no anno de 1596, de sorte que nos deixa na mesma duvida. Se Bernardes tivesse publicado este poema em vida da infanta, seria levar a audacia ao maior auge, querendo acobertar um roubo debaixo do nome de uma tão augusta personagem, que alem d'isto podia ser juiza, pois devia saber quem era a pessoa que lhe dedicava a composição; mas como o soneto apparece posterior, podia tambem ser fabricado para fazer passar com mais força a opinião de que a composição era sua.

A dedicatoria que vem no corpo da obra na estancia IV, principalmente os ultimos quatro versos, me parecem muito no estylo de Camões «*lêdo rosto*» «*dai o sentido hum pouco*», etc., e com alguma analogia com o dos *Lusiadas*. As duas dedicatorias se acham em alguma contradicção; no soneto o Poeta se ufana da sua composição, que apesar de imperfeita e roubada, teve grande voga no publico, e que vae mais segura e formosa agora, não soffrendo cousa *imperfeita* ser dirigida a sua alteza; a outra dedicatoria porém é em estylo humilde.

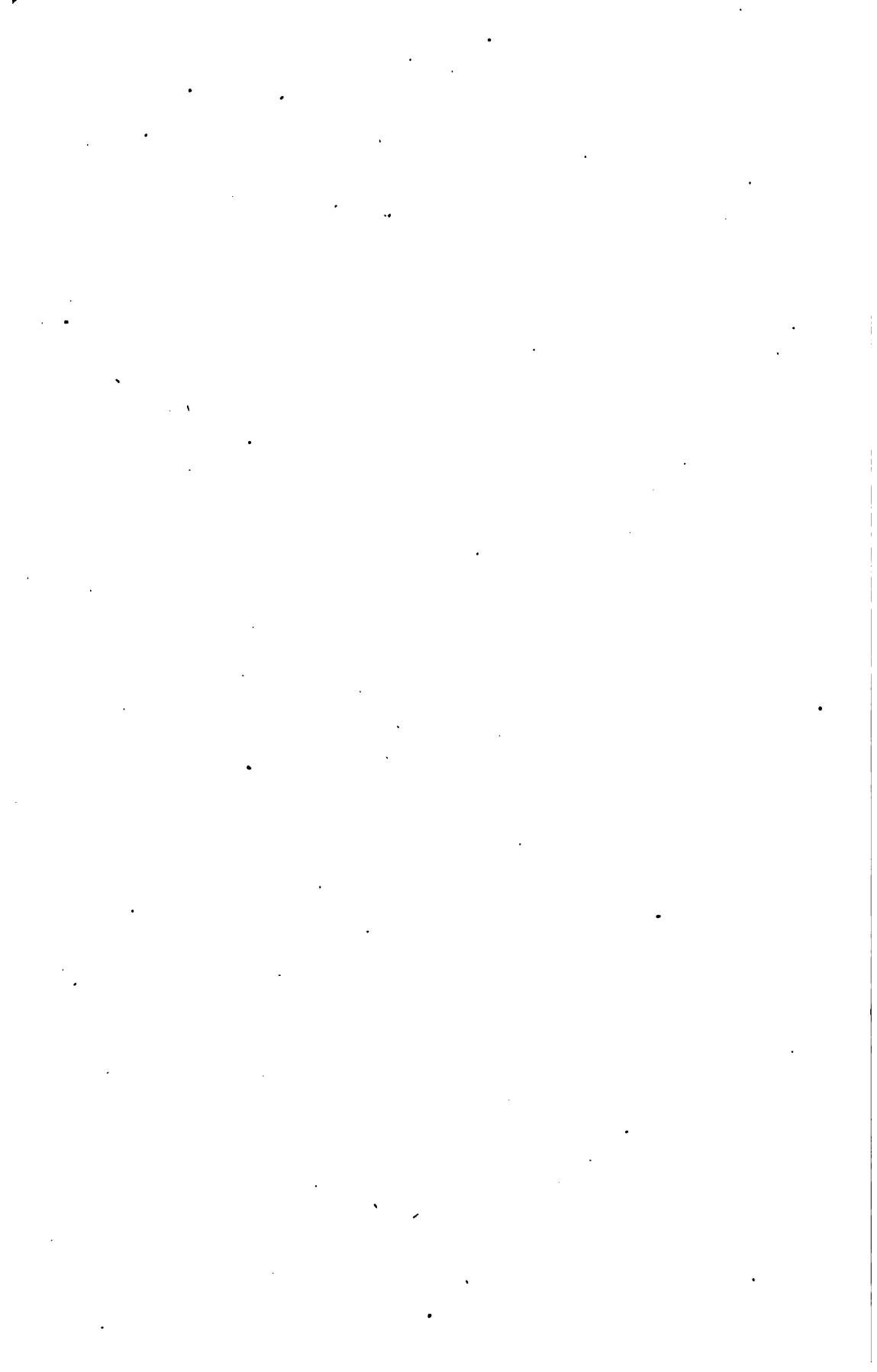
> Não tire o preço delle o meu defeito.

Comtudo eu não me atrevo a decidir. Faria e Sousa pretende decididamente que seja de Camões. Nas obras do Poeta vem melhoradas. Foram pela primeira vez publicadas como de Camões, por Faria e Sousa.

OITAVA VIII

Estas oitavas vem na edição de 1616 com este titulo: «*Petição feita ao Regedor de hua nobre moça presa no Limoeiro da Cidade de Lisboa, por se dizer que fizera adulterio a seu marido, que era na India, feita por Luiz de Camões*». Faria e Sousa nega redondamente que estas oitavas fossem de Camões, e diz que devêra o regedor desterrar quem assim o pensasse; não obstante, não somos da opinião do commentador, e nos persuadimos que as oitavas são do nosso Poeta, não só porque nos parece a acção digna, e d'elle o estylo, postoque mais frouxo, mas tambem porque, alem d'isto, elle tinha relações intimas com a familia do regedor.

OITAVA IX

O assumpto d'estas oitavas (ineditas) são a fabula de Echo e Narciso; vem no MS. de Luiz Franco. São endereçadas a uma senhora; porém como não sei o auctor italiano d'onde foram traduzidas, ignoro se este endereço ou dedicatoria é do original ou do Poeta. D'esta traducção faz menção Manuel Severim de Faria na vida de Camões, bem como de outra que ainda se não descobriu, a *Fabula de Byblis*.

INDICE

DAS POESIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

SONETOS

Pag.

A chaga que, Senhora, me fizestes ... 62
Acho-me da fortuna salteado ... 132
A formosura desta fresca serra ... 136
Agora toma a èspada, agora a pena ... 97
Ah Fortuna cruel! Ah duros Fados ... 88
Ah minha Dinamene! assi deixaste ... 86
Ai amiga cruel! que apartamento ... 85
A lá en Monte Rey, en Bal de Laça ... 146
Á la margen del Tajo, en claro dia ... 81
Alegres campos, verdes arvoredos ... 21
Alegres campos, verdes, deleitosos ... 104
Alma gentil, que á firme eternidade ... 115
Alma minha gentil, que te partiste ... 10
Al pie de una verde e alta enzina ... 166
Amor, amor, que ficres al coitado ... 167
Amor, com a esperança ja perdida ... 26
Amor he hum fogo que arde sem se ver ... 41
Amor, que em sonhos vãos do pensamento ... 105
Amor, que o gesto humano na alma escreve ... 5
A morte, que da vida o nó desata ... 68
Aos homens hum só homem poz espanto ... 123
Apartava-se Nise de Montano ... 27
A peregrinação d'hum pensamento ... 132
A perfeição, a graça, o doce geito ... 46
Apollo e as nove Musas, descantando ... 26
Aponta a bella Aurora, luz primeira ... 121
Aquella que, de pura castidade ... 48
Aquella fera humana que enriquece ... 38
Aquella triste e leda madrugada ... 13
Aquelles claros olhos que chorando ... 159
Aqui de longos damnos breve historia ... 92
A Romana populaça proguntava ... 173
Ar, que de meus suspiros vejo cheio ... 58
Arvore, cujo pomo bello e brando ... 69
A ti Senhor, a quem as Sacras Musas ... 175

Ausente dessa vista pura e bella.................................. 160
A violeta mais bella que amanhece.................................. 60
Ay! quien dará á mis ojos una fuente.................................. 112
Ayudame, Señora, á hacer venganza.................................. 108
Bem sei, Amor, que he certo o que receio.................................. 40
Brandas águas do Tejo que, passando.................................. 55
Busque Amor novas artes, novo engenho.................................. 8
Campo! nas syrtes deste mar da vida.................................. 85
Cançada e rouca boz porque bolando.................................. 172
Cá nesta Babylonia donde mana.................................. 98
Cantando estava hum dia bem seguro.................................. 87
Chara minha inimiga, em cuja mão.................................. 12
Chorai, Nymphas, os fados poderosos.................................. 143
Coitado! que em um tempo chóro e rio.................................. 76
Com o generoso rostro alanceado.................................. 174
Com grandes esperanças ja cantei.................................. 2
Com o tempo o prado secco reverdece.................................. 159
Como fizeste, ó Porcia, tal ferida?.................................. 31
Como louvarei eu, Serafim santo.................................. 124
Como pódes (oh cégo peccador!).................................. 118
Como quando do mar tempestuoso.................................. 41
Con razon os vais, aguas, fatigando.................................. 112
Contas, que traz amor com meus cuidados.................................. 153
Contente vivi ja, vendo-me isento.................................. 125
Conversação doméstica affeiçóa.................................. 44
Correm turbas as águas deste rio.................................. 98
Crescei, desejo meu, pois que a Ventura.................................. 65
Criou a natureza Damas bellas.................................. 77
Cuanto tiempo ha que lloro un dia triste.................................. 111
Dai-me hũa lei, Senhora, de querer-vos.................................. 35
D'amores de huma inclita donzella.................................. 155
De amor escrevo, de amor trato e vivo.................................. 52
De Babel sobre os rios nos sentámos.................................. 119
Debaixo desta pedra está metido.................................. 32
Debaixo desta pedra sepultada.................................. 116
De cá, donde sómente o imaginar-vos.................................. 59
Deixa Apollo o correr tão apressado.................................. 125
De frescas belvederes rodeada.................................. 102
De hum tão felice engenho, produzido.................................. 141
De mil suspeitas vãas se me levantão.................................. 61
Despois de haver chorado os meus tormentos.................................. 101
Despois que quiz Amor que eu só passasse.................................. 3
Despois de tantos dias mal gastados.................................. 28
Despois que vio Cibele o corpo humano.................................. 96
De piedra, de metal, de cosa dura.................................. 166
De quantas graças tinha a natureza.................................. 66
Desce do Ceo immenso Deos benino.................................. 100
De tantas perfeições a natureza.................................. 154
De tão divino accento em voz humana.................................. 32
De vós me parto, ó vida, e em tal mudança.................................. 12
Diana prateada, esclarecida.................................. 145
Diversos casos, varios pensamentos.................................. 144
Diversos dões reparte o Ceo benino.................................. 72
Divina companhia, que nos prados.................................. 81
Dizei, Senhora, da belleza idéa.................................. 141
Ditosa penna, como a mão que a guia.................................. 94
Ditosas almas, que ambas juntamente.................................. 124
Ditoso seja aquelle que sómente.................................. 38

Doce contentamento ja passado.. 133
Doce sonho, suave e soberano.. 145
Doces e claras águas do Mondego.. 67
Doces lembranças da passada gloria.. 10
Do corpo estava ja quasi forçada.. 170
Do estan los claros ojos que colgada.. 165
Dos antigos Illustres, que deixárão.. 44
Dos ceos á terra desce a mór Belleza.. 100
Dulces engaños de mis ojos tristes.. 113
El vaso relusiente e cristalino.. 142
Em Babylonia sôbre os rios, quando.. 120
Em flôr vos arrancou, de então crescida.. 7
Em formosa Lethea se confia.. 14
Em prisões baixa, fui hum tempo atado.. 3
Em quanto Phebo os montes accendia.. 147
Em quanto quiz fortuna que tivesse.. 1
Em hum batel que com doce meneio.. 155
Em huma lapa toda tenebrosa.. 128
En una selva al dispuntar del dia.. 83
Erros meus, má Fortuna, Amor ardente.. 97
Esforço grande, igual ao pensamento.. 45
Espanta crescer tanto o crocodilo.. 95
Esses cabellos louros e escolhidos.. 53
Está-se a Primavera trasladando.. 15
Está o lascivo e doce passarinho.. 16
Este amor, que vos tenho limpo e puro.. 135
Este terreste caos com seus vapores.. 64
Eu cantarei de amor tão docemente.. 2
Eu cantei ja, e agora vou chorando.. 84
Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo.. 80
Eu vivia de lagrimas isento.. 140
Ferido sem ter cura perecia.. 35
Fiou-se o coração, de muito isento.. 106
Foi ja n'hum tempo doce cousa amar.. 43
Fermosa mão que o coração me aperta.. 154
Fermoso Tejo meu, quam differente.. 167
Formosa Beatriz, tendes taes geitos.. 104
Formosos olhos, que cuidado dais.. 130
Formosos olhos, que na idade nossa.. 20
Formosura do Ceo a nós descida.. 34
Fortuna em mim guardando seu direito.. 134
Gentil Senhora, se a Fortuna imiga.. 72
Gostos falsos de amor, gostos fingidos.. 158
Grão tempo ha ja que soube da Ventura.. 24
Guardando em mi a Sorte o seu direito.. 86
He o gozado bem em água escrito.. 66
Horas breves de meu contentamento.. 91
Hum firme coração posto em ventura.. 57
Hum mover de olhos, brando e piedoso.. 18
Huma admiravel herva se conhece.. 65
Illustre e digno ramo dos Menezes.. 4
Illustre Gracia, nombre de una moza.. 129
Imagens vãas me imprime a phantasia.. 116
Indo o triste pastor todo embebido.. 140
Ja a rôxa e branca aurora destoucava.. 36
Ja cantei, ja chorei a dúra guerra.. 90
Ja claro vejo bem, ja bem conheço.. 58
Ja do Mondego as águas apparecem.. 56

Ja he tempo, ja, que minha confiança........................ 25
Ja me fundei em vãos contentamentos........................ 127
Ja não fere o Amor com arco forte........................ 150
Ja não sinto, Senhora, os desenganos........................ 138
Ja tempo foi, que meus olhos fazião........................ 163
Julga-me a gente toda por perdido........................ 76
Las peñas retumbaban al gemido........................ 83
Leda serenidade deleitosa........................ 40
Lembranças de meu bem, doces lembranças........................ 130
Lembranças, que lembrais o bem passado........................ 89
Lembranças saudosas, se cuidais........................ 27
Lembranças tristes, para que gastais tempo........................ 168
Levantai, minhas Tagides, a frente........................ 114
Lindo e subtil trançado, que ficaste........................ 22
Los ojos que con blando movimiento........................ 107
Los que bivis subjectos a la estrela........................ 152
Mal, que de tempo em tempo vás crescendo........................ 117
Males, que contra mim vos conjurastes........................ 14
Memoria de meu bem cortado em flor........................ 169
Memorias offendidas, que hum só dia........................ 168
Mi gusto e tu beldad se desposaron........................ 110
Mil vezes determino não vos ver........................ 62
Mil veces entre sueños tu figura........................ 109
Mil vezes se move meu pensamento........................ 177
Moradoras gentis e delicadas........................ 54
Mudão-se os tempos, mudão-se as vontades........................ 29
Na desesperação ja repousava........................ 71
Naiades, vós que os rios habitais........................ 29
Na margem de hum ribeiro, que fendia........................ 74
Na metade do Ceo subido ardia........................ 36
Não ha louvor que arribe á menor parte........................ 59
Não passes, caminhante. Quem me chama?........................ 19
Não vás ao monte, Nise, com teu gado........................ 60
Na ribeira do Euphrates assentado........................ 142
Nas cidades, nos bosques, nas florestas........................ 126
Nem o tremendo estrépito da guerra........................ 106
No bastaba que amor puro y ardiente........................ 108
No mundo poucos annos e cansados........................ 51
No mundo quiz o Tempo que se achasse........................ 45
No regaço da mãe Amor estava........................ 64
Nos braços de hum Sylvano adormecendo........................ 103
No tempo que de amor viver sohia........................ 4
Novos casos de Amor, novos enganos........................ 55
Nunca em amor damnou o atrevimento........................ 67
N'hum tão alto lugar, de tanto preço........................ 148
N'hum bosque, que das Nymphas se habitava........................ 11
N'hum jardim adornado de verdura........................ 7
O capitão Romano esclarecido........................ 173
O ceo, a terra, o vento socegado........................ 87
O cese ya, Señor, tu dura mano!........................ 113
Ó claras águas deste blando rio........................ 109
O culto divinal se celebrava........................ 39
O cysne quando sente ser chegada........................ 22
O dia, hora em que naci moura e pereça........................ 170
O dia, hora ou o ultimo momento........................ 161
O filho de Latona esclarecido........................ 69
O fogo que na branda cera ardia........................ 20
Ó gloriosa Cruz, ó victorioso........................ 176

Oh Arma unicamente só triumphante 122
Oh! como se me alonga de anno em anno 25
Oh! fortuna cruel! oh! dura sorte 162
Oh quanto melhor he o supremo dia 118
Oh quão caro me custa o entender-te 49
Oh! rigorosa ausencia desejada 111
Olhos formosos em quem quiz natura 151
Olhos, aonde o Ceo com luz mais pura 77
Ondados fios de ouro, onde enlaçado 105
Ondados fios de ouro reluzente 43
Ondas que por el mundo camiñando 171
Onde acharei lugar tão apartado 91
Onde mereci eu tal pensamento 102
Onde porei meus olhos que não veja 56
O raio crystallino se estendia 50
Orfeo enamorado que tañia 84
Orpou sublime esfôrço ao grande Atlante 95
Os meus alegres, venturosos dias 90
Os olhos onde o casto Amor ardia 94
Os Reinos e os Imperios poderosos 11
Os vestidos Elisa revolvia 49
O tempo acaba, o anno, o mez, e a hora 149
O tempo está vingado á custa minha 157
Para se namorar do que criou 99
Passo por meus trabalhos tão isento 6
Pede o desejo, Dama, que vos veja 16
Pensamentos, que agora novamente 47
Perder-me assi em vosso esquecimento 162
Pois meus olhos não cansão de chorar 34
Pois torna por seu Rei e juntamente 96
Por cima destas águas forte e firme 70
Por gloria tuve un tiempo el ser perdido 82
Por os raros extremos que mostrou 23
Porque a tamanhas penas se offerece 101
Porque a terra no Ceo agasalhasse 121
Porque me faz Amor inda acá torto 146
Porque quereis, Senhora, que offereça 17
Por sua Nympha Céphalo deixava 92
Posto me têe fortuna em tal estado 149
Pues lágrimas tratais, mis ojos tristes 150
Pues siempre sin cesar, mis tristes ojos 131
Presença bella, angelica figura 70
Qual têe a borboleta por costume 129
Quando a suprema dôr muito me aperta 74
Quando cuido no tempo, que contente 139
Quando da bella vista e doce riso 9
Quando de minhas mágoas a comprida 37
Quando descançareis olhos cançados 169
Quando do raro esforço que mostravas 174
Quando o sol encoberto vai mostrando 18
Quando os olhos emprégo no passado 89
Quando, Senhora, quiz Amor qu'amasse 139
Quando se vir com água o fogo arder 73
Quando vejo que meu destino ordena 28
Quanta incerta esperança, quanto engano 117
Quão bem aventurado me achára 164
Quão cedo te roubou a morte dura 175
Quantas penas, Amor, quantos cuidados 148

Quantas vezes do fuso se esquecia.......... 21
Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento.......... 88
Quanto tiempo ha que lloro un dia triste.......... 114
Que doudo pensamento he o que sigo?.......... 57
Que esperais, esperança? Desespéro.......... 78
Qu'estilla a Arvore sacra? Hum licôr Santo.......... 122
Que fiz Amor, que tão mal me tratas.......... 156
Que levas, cruel Morte? Hum claro dia.......... 42
Que me quereis perpétuas saudades?.......... 111
Que modo tão subtil da natureza.......... 73
Que póde ja fazer minha ventura.......... 138
Que poderei do mundo ja querer.......... 47
Que vençais no Oriente tantos Reis.......... 33
Quem busca no amor contentamento.......... 157
Quem diz que Amor he falso, ou enganoso.......... 103
Quem fosse acompanhando juntamente.......... 39
Quem jaz no grão sepulchro, que descreve.......... 30
Quem póde livre ser, gentil Senhora.......... 31
Quem presumir, Senhora, de louvar-vos.......... 151
Quem pudéra julgar de vós, Senhora.......... 53
Quem quizer ver d'amor huma excellencia.......... 107
Quem, Senhora, presume de louvar-vos.......... 54
Quem vê, Senhora, claro e manifesto.......... 9
Quem vos levou de mim, saudoso estado.......... 144
Revuelvo en la incesable fantasía.......... 82
Saudades me atormentão tão cruelmente.......... 160
Se a fortuna inquieta e mal olhada.......... 135
Se algum'hora essa vista mais suave.......... 79
Se alguma hora em vós a piedade.......... 163
Se a ninguem tratais com desamor.......... 158
Se ao que te quero desses tanta fé.......... 156
Se as penas com que Amor tão mal me trata.......... 30
Se com desprezos, Nympha, te parece.......... 63
Se como em tudo o mais fostes perfeita.......... 78
Se da célebre Laura a formosura.......... 52
Se depois de esperança tão perdida.......... 50
Se de vosso formoso e lindo gesto.......... 147
Se em mim, ó alma, vive mais lembrança.......... 128
Seguia aquelle fogo, que o guiava.......... 93
Se grande gloria me vem só de olhar-te.......... 136
Se lagrimas choradas de verdade.......... 127
Se me vem tanta gloria só de olhar-te.......... 75
Senhor João Lopes, o meu baixo estado.......... 68
Sempre a Razão vencida foi de Amor.......... 75
Sempre, cruel Senhora, receei.......... 134
Senhora ja desta alma, perdoai.......... 143
Senhora minha, se de pura inveja.......... 153
Senhora minha, se eu de vós ausente.......... 63
Se no que tenho dito vos offendo.......... 133
Se para mim tivera, que algum dia.......... 161
Se pena por amar-vos se merece.......... 42
Se quando vos perdi, minha esperança.......... 13
Sentindo-se alcançada a bella esposa.......... 93
Se sómente hora alguma em vós piedade.......... 24
Se tanta pena tenho merecida.......... 17
Sete annos de pastor Jacob servia.......... 15
Se tomo a minha pena em penitencia.......... 48
Si el triste coraçon que siempre llora.......... 164

Si el fuego que me enciende, consumido........ 110
Sôbre os rios do Reino escuro, quando........ 120
Sobre un olmo que al cielo parecia........ 172
Sospechas, que en mi triste fantesia........ 137
Suspiros inflammados que cantais........ 37
Sustenta meu viver hũa esperança........ 137
Tal mostra de si dá vossa figura........ 71
Tanto de meu estado me acho incerto........ 5
Tẽe feito os olhos neste apartamento........ 131
Todas as almas, tristes, se mostravão........ 152
Todo animal da calma repousava........ 8
Tomava Daliana por vingança........ 23
Tomou-me vossa vista soberana........ 19
Tanto se forão, Nympha, costumando........ 79
Tornai essa brancura á alva assucena........ 61
Transforma-se o amador na cousa amada........ 6
Transumpto sou, Senhora, neste engano........ 171
Tu que, descanso buscas com cuidado........ 176
Ventana venturosa, do amañece........ 165
Vencido está de Amor meu pensamento........ 80
Verdade, Amor, Razão, Merecimento........ 119
Vi queixosos de Amor mil namorados........ 126
Vós, Nymphas da Gangetica espessura........ 115
Vós outros, que buscais repouso certo........ 99
Vós, que de olhos suaves e serenos........ 46
Vós, que escutais em Rimas derramado........ 61
Vossos olhos, Senhora, que competem........ 33
Vós só podeis, sagrado Evangelista........ 123

CANÇÕES

A instabilidade da fortuna........ 182
A vida ja passei assaz contente........ 233
Bem aventurado aquelle que ausente........ 244
Com força desusada........ 193
Crecendo vai meu mal d'ora em ora........ 239
Formosa e gentil Dama, quando vejo........ 179
Ja a roxa manhãa clara........ 186
Junto d'hum secco, duro, esteril monte........ 206
Manda-me Amor que cante o qu'alma sente........ 200
Manda-me Amor que cante docemente........ 197
Manda-me Amor que cante docemente........ 236
Nem rôxa flôr de Abril........ 218
Oh pomar venturoso........ 220
Por meio d'humas serras mui fragosas........ 228
Porque vossa belleza a si se vença........ 247
Qu'he isto? Sonho? Ou vejo a Nympha pura........ 226
Quem com sólido intento........ 223
S'este meu pensamento........ 190
Tomei a triste pena........ 203
Vão as serenas ágoas........ 188
Vinde cá meu tão certo Secretario........ 210

SEXTINAS

A culpa de meu mal só tẽe meus olhos........ 251
Foge-me pouco a pouco a curta vida........ 249
Oh triste, oh tenebroso, oh cruel dia........ 252

Quanto tempo ter posso amor de vida 255
Sempre me queixarei desta crueza 254

ODES

Aquelle moço fero 280
Aquelle unico exemplo 275
A quem darão de Pindo as moradoras 273
Detem hum pouco, Musa, o largo pranto 257
Fogem as neves frias 278
Fóra conveniente 289
Formosa fera humana 266
Ja a calma nos deixou 287
Naquelle tempo brando 283
Nunca manhãa suave 269
Póde hum desejo immenso 270
Se de meu pensamento 263
Tão crua nympha, nem tão fugitiva 291
Tão suave, tão fresca e tão formosa 261

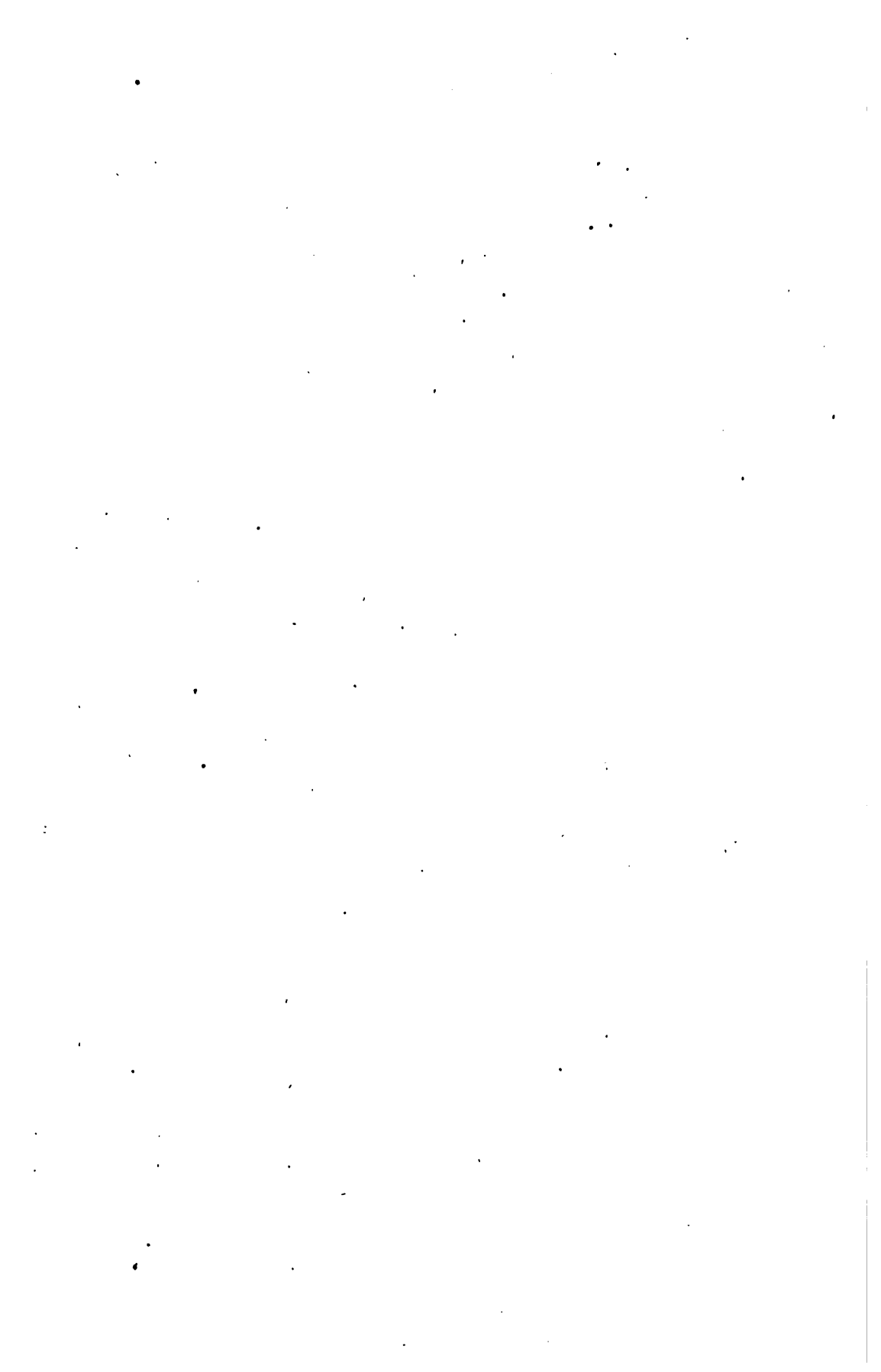
OITAVAS

Cá nesta Babylonia adonde mana 315
Como nos vossos hombros tão constantes 303
Despois que a clara Aurora a noite escura 341
D'huma formosa virgem desposada 319
Duro fado, duro amor nunqua cuidado 343
Mui alto Rei, a quem os Ceos em sorte 308
Quem póde ser no mundo tão quieto 295
Senhora, s'encobrir por algum'arte 317
Sprito valeroso, cujo estado 338

ERRATAS

PERTENCENTES AO PRIMEIRO VOLUME

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
VI	26.ª	repetir com *o* nosso Poeta	repetir com *um* nosso poeta.
XXI	Nota 9.ª	E *vereis* qual é mais excellente	E *julgareis* qual é mais excellente.
37	1.ª	Vós me *tiraste* de meu peito isento	Vós me *tirastes* de meu peito isento
39	24.ª	Em nosso amor, de inveja pura	Em nosso *firme* amor, de inveja pura.
42	15.ª	A parte *onde* tinha o pensamento	A parte *d'onde* tinha o pensamento.
49	36.ª	Sahindo vinde a ver qual ando	Sahindo *todas* vinde a ver qual ando.
50	5.ª	Tu, que alcançaste com lyra *soante*	Tu, que alcançaste com lyra *toante*.
50	28.ª	Que o furor de *Galiroe* profana	Que o furor de *Callirrhoe* profana.
52	25.ª	Soneto CLXXX	Soneto XC.
56	15.ª	Póde ja fazer medo *á* morte irosa	Póde ja fazer medo *a* morte irosa.
58	17.ª	*Nelles* em verso erotico e elegante	*Nellas* em verso erotico e elegante.
60	14.ª	Huma cousa, Senhor, por *certo* asselle	Huma cousa, Senhor, por *certa* asselle.
65	36.ª	Não tendo não sómente por contrarios	Não tendo, não, sómente por contrarios.
69	19.ª	De sangue, e lembranças matizasse	De sangue e *de* lembranças matizasse.
75	1.ª	Que pois minha pena é sem medida	Que pois *a* minha pena é sem medida.
82	10.ª	Costumado á larguꝫza e soltura	Costumado á largueza e *á* soltura.
83	32.ª	Que não tema *as cutiladas*	Que não tema *a cutilada*.
91	11.ª	Canção X	Canção XI.
97	7.ª	Que não se arme, e *indigne* o Ceo sereno	Que não se arme e *se indigne* o Ceo sereno.
99	7.ª	Acabe-se esta luz *aqui* comigo	Acabe-se esta luz *alli* comigo.
104	16.ª	Por um braço nas azas são da fama (segue-se)	Tanto por outro aquella que os desama
271	29.ª	Waze	Ware.
277	6.ª	Esays	Essays.
277	7.ª	*Poem*	*Poetry*.
278	37.ª	Mr. Strickland	Miss Strieckland.
279	21.ª	Sub-Scherife	Sub-Sheriff.
283	13.ª	1822	1852.
295	28.ª	Fornarina	Thomasina.

N. B. Os manuscriptos d'onde transcrevemos estão pela maior parte errados, não nos atrevemos porem a emendar; n'este escolho já naufragaram aquelles que nos precederam. Quaesquer correcções, rectificações e additamentos que possam occorrer os reservâmos para o fim d'esta edição.

Esta edição das obras de Camões constará de cinco a sete volumes conforme der o texto. Preço 1$440 réis o volume, por assignatura, pagos á entrega, e 1$600 réis avulso.

Assigna-se em Lisboa nas lojas dos srs. João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8, Livraria Central de José Melchiades & Companhia, rua do Oiro n.º 155.—Coimbra, José de Mesquita.—Porto, Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho.—L. J. de Oliveira.—París, Rey et Belhate, Quai des Augustins n.º 45, N. Moré, 2 bis, rue d'Arcole.

Vende-se nas lojas acima mencionadas, nas dos commissarios da Imprensa Nacional, na dos srs. Bertrands aos Martyres n.º 73, e nas mais do costume.

Está no prelo o 3.º volume.

OBRA DO MESMO AUCTOR

Cintra Pinturesca ou Memoria Descriptiva da Villa de Cintra, Collares e seus arredores

Vende-se nas mesmas lojas.